

Debora Galvani

Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e
estratégias na construção de redes sociais e identidades

Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Ciências

Área de Concentração: Movimento, Postura
e Ação Humana
Orientadora: Profa. Dra. Denise Dias Barros

São Paulo

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Galvani, Debora

Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo : itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades / Débora Galvani. -- São Paulo, 2008.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia, e Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Movimento, Postura e Ação Humana.

Orientadora: Denise Dias Barros.

Descritores: 1.Redes comunitárias 2.Sem-teto 3.Isolamento Social 4.Terapia Ocupacional

USP/FM/SBD-198/08

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando a desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (Paulo Freire, *Pedagogia da esperança*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 99).

Ao Vinícius e ao Alex

Agradecimentos

Chegou o difícil momento de tentar nomear todos e todas que contribuíram nesse processo, até chegar à conclusão desta dissertação. Então, vamos lá; espero que a memória funcione como nunca!

Ao João, ao Anderson, ao Luis, ao Edson e ao Israel, pela enorme colaboração e disponibilidade em compartilhar suas vidas comigo.

À Denise, minha orientadora, sempre presente, por quem tenho profunda admiração — pela forma de pensar, ensinar, viver... — e com quem tive (e tenho) o enorme prazer de trabalhar e conviver!

À banca do exame de qualificação — composta pelo Prof. Rubens Adorno, pela Profa. Maria Isabel Garcez Guirardi e pela Profa. Eliane Dias de Castro —, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições.

Ao Alex, sempre companheiro, que compartilhou comigo muitas angústias e me agüentou nas crises, com muito carinho e compreensão! Seus ensinamentos em informática também foram fundamentais!

Ao Vinícius, que ficou tranqüilinho na minha barriga e me deu mais coragem ainda de continuar! Meu pequeno nasceu, ainda mais lindo do que eu poderia imaginar, e continuou colaborando e me trazendo muita alegria!

A meus pais, pelo apoio afetivo, por todo o cuidado e o carinho e por todas as oportunidades que me deram sempre.

À família (irmão, cunhados, sogro, sobrinhos, etc.), todos queridos e sempre dando muita força!

Aos amigos do Ponto de Encontro e Cultura, da Terça-Feira Cultural, da OCAS, da Rede Rua, da OAF, da Associação Minha Rua Minha Casa, da Casa Acolhe a Rua, do Fórum de Debates, espaços de muita troca, nos quais tenho encontrado muita gente interessante e que vem marcando a minha vida de forma muito positiva.

À Talita, companheira de Metuia, sempre disponível e parceira para toda hora!

A minha amiga Carol, por todos os momentos de diversão, de apoio e de troca, que tornam a vida muito mais interessante!

A todas as companheiras do Metuia, grupo do qual tenho muito orgulho de fazer parte!

Às companheiras do Curso de TO da USP, por todo apoio de sempre.

À Cleisa, pela amizade e incrível disponibilidade.

Aos estudantes e bolsistas que sempre me estimulam a produzir mais e cujas intensidades, curiosidades e críticas ajudam a crescer sempre.

Sumário

Lista de quadros e tabelas	
Lista de siglas	
Resumo	
Summary	
PARTE 1 SOBRE A REALIZAÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA.....	1
1.1 Construção do problema e objetivos.....	1
1.2 O universo da pesquisa: considerações sobre adultos em situação de rua.....	10
1.3 Material e métodos.....	17
1.4 Tratamento dos dados, análise e categorias.....	22
1.5 Procedimentos éticos.....	25
PARTE 2 SINGULARIDADES NA CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO, CIRCUITOS E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA..	27
2.1 Anderson: movimento social e constituição familiar.....	27
2.2. João da Viola: música e reconstituição familiar.....	45
2.3 Pedro: religiosidade, trabalho e retorno à convivência familiar.....	61
2.4. Armand: educação e trabalho.....	77
2.5 Francisco: participação política, religiosidade e família.....	89
PARTE 3 REPENSANDO CONEXÕES, PROPOSTAS ASSISTENCIAIS E OUTRAS REDES DE PROXIMIDADE.....	105
3.1 Participação política, movimento social e redes: experiência atual da população em situação de rua.....	105
3.2 Recurso à rede assistencial.....	115
3.3 Educação: diversas formas de saber.....	129
PARTE 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
ANEXO A: ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	145
ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO....	146
ANEXO C: ENTREVISTAS COM PEDRO.....	150
ANEXO D: ENTREVISTAS COM JOÃO DA VIOLA.....	162
ANEXO E: ENTREVISTAS COM ANDERSON.....	183
ANEXO F: ENTREVISTAS COM ARMAND.....	209
ANEXO G: ENTREVISTAS COM FRANCISCO.....	230
ANEXO H: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DISPONIBILIZADO PELO FÓRUM DE DEBATES SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	244
REFERÊNCIAS.....	255

Lista de quadros, gráficos e tabelas

Quadro 1: Classificação da população em situação de rua segundo moradia, trabalho e grupo de referência proposta por Vieira et al.	3
Quadro 2: Tipos de moradia utilizados por Anderson entre 2004 e 2006..	34
Quadro 3: Tipos de moradia utilizados por João entre 2003 e 2007.....	54
Gráfico 1: Crescimento do número de pessoas em situação de rua no Município de São Paulo no período entre 1991 e 2003.....	13
Tabela 1: Distribuição da população economicamente ativa, segundo nível de instrução no município de São Paulo – 2006.....	88
Tabela 2: Distribuição de adultos em situação de rua com 3º grau completo.....	136
Tabela 3: Distribuição do nível de escolaridade de adultos em situação de rua (em porcentagem).....	137

Lista de siglas

Cape	Central de Atendimento Permanente
CAPPesq	Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CMI	Centro de Mídia Independente
Febem	Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor
Fipe	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
GTI	Grupo de Trabalho Interministerial
Iasd	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MNRP	Movimento Nacional de Luta e Defesa dos direitos das Pessoas em Situação de Rua
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
NEHO	Núcleo de Estudos em História Oral
ONG	Organização não-governamental
Plas	Plano da Assistência Social
SAS	Secretaria de Assistência Social
Smads	Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social
SPTrans	São Paulo Transporte S. A.
Suas	Sistema Único de Assistência Social
TO	Terapia Ocupacional
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
Unasp	Centro Universitário Adventista de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

Resumo

Galvani D. Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2008. 261p.

Compreende-se que a população em situação de rua, enquanto grupo social, transita entre zonas de vulnerabilidade e desfiliação conforme definidas por Robert Castel, pois está freqüentemente submetida à ausência de emprego ou a trabalhos temporários e a uma trajetória marcada por rupturas. Em muitos casos, a rede de assistência é o elemento fundamental na sua organização cotidiana. A heterogeneidade deste grupo social constitui uma premissa neste estudo. No interior de tal diversidade, foram identificados grupos e pessoas que pareciam proporcionar referência para a discussão de formas endógenas/internas (e de auto-organização) de superação dessa condição. Assim, meu interesse neste estudo esteve voltado para a compreensão dos processos contrários ao movimento de dissociação social, além de abranger o desenvolvimento de estratégias como a criação de redes sociais e o fortalecimento de identidades. Trata-se de pesquisa etnográfica, envolvendo convívio prolongado com o grupo social estudado e aproximação com seus modos de vida. A coleta de dados foi realizada por doze meses em 2006, com observação de campo, entrevistas e coleta de documentos. Foram realizadas entrevistas com cinco colaboradores e visitas aos seus circuitos e "pedaços" pela cidade. Os critérios para inclusão dos colaboradores da pesquisa foram: estar inserido em programa de moradia; participar de organização política (movimentos sociais específicos); integrar redes de relações de caráter religioso; integrar circuitos ligados a arte e cultura; utilizar serviços da rede assistencial como recurso complementar para organização de seu cotidiano; possuir formas de geração de renda. Além destas dimensões, que sugerem diferentes formas de participação social, foi critério de seleção o colaborador estar ou ter vivido em situação de rua por mais de dois anos. A análise foi realizada em duas perspectivas. Uma refere-se à reconstituição da história de vida de cada colaborador, com o objetivo central de mostrar suas redes de interdependência, as quais transcendem os circuitos assistenciais, e de discutir sua singularidade no processo de construção de identidades capazes de ressignificar e dar historicidade à experiência da situação de rua. Outra perspectiva de análise foi partir da percepção de eixos e temáticas comuns que contribuem para repensar possíveis conexões, propostas assistenciais e outras redes de proximidade, as quais foram trabalhadas nos itens relativos a recurso à assistência social, participação política e educação. Observou-se a construção de movimentos opostos à desfiliação cujos processos significam a construção de identidades diferenciadas que tornam relativo e contextualizado o lugar atribuído à pessoa em situação de rua, geralmente associado a fracassos e à dependência dos serviços. Há, porém, necessidade de se produzir situações preventivas e alternativas coletivas. O estudo das redes sociais dentro do campo da terapia ocupacional social pode contribuir para a construção de ferramentas de leitura e análise socioculturais, assim como para o desenvolvimento de

procedimento metodológico no âmbito da ação da terapia ocupacional social, ou seja, intervenção social em que universo cultural e a participação dos usuários sejam eixos-guias na formulação de projetos pessoais e coletivos.

Descritores: 1 – Redes comunitárias; 2 – Pessoas em situação de rua; 3 – Isolamento social; 4 – Terapia ocupacional.

Summary

Galvani D. Homeless people in the city of São Paulo: routes and strategies in the construction of social nets and identities [dissertation]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2008. 261p.

Homeless population, as social group, transits between vulnerability and disaffiliation zones (as defined by Robert Castel), for it is frequently submitted to unemployment or temporary jobs and a trajectory marked by ruptures. In many cases, the assistance net is the fundamental element in its daily organization. That social group heterogeneity constitutes a premise of this study. Inside such diversity, groups and people were identified as a possibility of reference for the discussion of endogenous/interior (and auto-organizing) ways of overcoming that condition. Therefore, this study focus on comprehending the process opposed to the movement of social dissociation, besides covering the development of such strategies as the creation of social nets and the identity strengthening. This ethnographic research involved extended close acquainting with the study group and their ways of life. Data collection took 12 months in 2006, with field observation, interviews and document collecting. Five collaborators were interviewed, and their city circuits and points were visited. Criteria for including collaborators included to be engaged in a lodging program, to participate in a political organization (specific social movements), to integrate relationship nets of religious character, to integrate circuits linked to art and culture, to use services of the assistance net as complementary resource for the daily organization, and to have ways of income generating. Besides these dimensions, that suggest different social participation forms, another criterion for selecting collaborators was to be or to have been homeless for more than two years. Analysis was conducted under two perspectives. First, with reference to each collaborator life story reconstitution, with the main objective of showing their interdependence nets, which transcend assistance circuits, and discussing its singularity in the constructing process of identities able to re-signify and give historicity to the homeless condition. The other analysis perspective was to start from the perception of common axes and themes the contribute to the rethinking possible connections, assistance propositions and other proximity nets, dealt in items referring social assistance, political participation and education. It was observed the construction of disaffiliation-opposed movements, a process that signify the construction of diversified identities that make relative and contextualize the place attributed to homeless people, normally associated to unsuccessfulness and dependence on official services. Notwithstanding, it is urgent to produce preventive situations and collective way-outs. The study of social nets in occupational therapy field may contribute to the construction of socio-cultural reading and analyzing tools, as well as to the development of methodological procedure in social occupational therapy, that is, social intervention in which cultural universe and user's participation are guidelines for personal and collective projects formulation

Descriptors: 1 - Community networks; 2 - Homeless persons; 3 - Social isolation; 4 - Occupational therapy.

PARTE 1 SOBRE A REALIZAÇÃO E CONTEXTO DA PESQUISA

1.1 Construção do problema e objetivos

Meus primeiros contatos com a população em situação de rua e as questões envolvidas nesta problemática ocorreram em virtude de atividades de extensão universitária desenvolvidas pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo. A partir de parceria estabelecida por esse curso, atuei como terapeuta ocupacional na Associação Minha Rua Minha Casa (AMRMC), centro de convivência para adultos em situação de rua na cidade de São Paulo. Desde então, questões ligadas à situação de rua passaram a constituir uma de minhas preocupações teóricas e práticas, associadas ao contexto de trabalho do Projeto Metuia*, grupo do qual faço parte desde 1999.

As opções teóricas para pensar a população em situação de rua passam pela compreensão de que se trata de um grupo social que, por estar freqüentemente sujeito ao desemprego ou a relações de trabalho precárias e à fragilidade de redes relacionais, transita entre zonas de vulnerabilidade e desfiliação, tais como definidas por Castel^{1,2}. Porém, como disse o poeta Sebastião Nicomedes, "A rua tem fases / A rua tem

* Núcleo interinstitucional de estudos, formação e ações pela cidadania de crianças, jovens e adultos em processo de ruptura das redes sociais de suporte, atualmente com dois núcleos, na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O núcleo da USP está vinculado ao Curso de Terapia Ocupacional desta universidade, o qual articula ações de ensino, pesquisa e extensão em terapia ocupacional social.

faces" (cf. Oliveira³) — ou seja, esta população não deve ser vista como uma massa homogênea, apesar de estar submetida a condições sociais semelhantes vinculadas à precariedade de moradia e trabalho que lhe possibilitam existir enquanto fenômeno.

A diversidade de experiências e de modos de viver na rua figurou-se como um norte de curiosidade. Alguns estudos específicos buscaram mostrar esta pluralidade sob enfoques distintos. Snow e Anderson⁴ trabalharam com o conceito sociológico de "carreiras" de rua, definidas a partir do tempo e da forma de relação que a pessoa estabelece com a rua, buscando mostrar que a condição de desabrigo não é estática. Por meio de um estudo etnográfico, Brognoli⁵ descreveu modos específicos da vida dos trecheiros e pardais* e sua experiência nômade, "[...] sempre atentos às oportunidades que possam surgir, elemento operativo na construção de seu espaço social". Ao definir a população de rua em seu estudo, Varanda⁷ arrolou termos que remetem à prática de grupos específicos:

É bastante comum o termo maloqueiro entre aqueles que dormem nas ruas e se refere a quem usa a maloca, ou mocó — que é um lugar definido de permanência de pequenos grupos durante o dia ou usado para o pernoite, que normalmente tem colchões velhos, algum canto reservado para os pertences pessoais (roupas e documentos) e às vezes utensílios de cozinha. Quem usa albergues são identificados simplesmente como usuário de albergue ou albergado.

No debate sobre a heterogeneidade desse grupo social, Vieira et al.⁸ identificaram diferentes situações em relação à permanência nas ruas —

* As expressões "trecheiros" e "pardais", referentes a pessoas que adotam o nomadismo como forma de vida, podem ser mais bem compreendidas na pesquisa de Brognoli⁶, que analisou seus significados e diferentes formas de representação.

ficar na rua, estar na rua e ser na rua —, tendo como parâmetros os tipos de moradia, trabalho e grupos de referência. As informações são apresentadas de forma esquemática no Quadro 1.

Quadro 1: Classificação da população em situação de rua segundo moradia, trabalho e grupo de referência proposta por Vieira et al.⁸

Parâmetros	Situações		
	Ficar na rua	Estar na rua	Ser na rua
Moradia	Pensões, albergues, alojamentos (eventualmente rua)	Rua, albergues, pensões (alternadamente)	Rua, mocós (eventualmente albergues, pensões)
Trabalho	Construção civil, empresas de conservação e vigilância	Bicos na construção civil, ajudante geral, encartador de jornal, catador de papel	Bicos, especialmente de catador de papel, guardador de carros, encartador de jornal
Grupo de referência	Companheiros de trabalho, parentes	Companheiros de rua e de trabalho	Grupos de rua

Ao considerar esta classificação, Rosa⁹ avaliou a heterogeneidade da população e a necessidade de ulteriores estudos:

Há, ainda, a necessidade de compreensão mais aprofundada do universo da rua, sobretudo quanto aos que não se identificam com essa condição. Quanto a estes, que ficam ou estão de forma circunstancial e /ou provisória nas ruas, entendidas como limite de um modo de vida, seria desejável evitar diagnósticos apressados, homogeneizadores de conceitos, uma vez que a heterogeneidade constitutiva dessa população impõe diferenças que precisam ser conhecidas e explicitadas.

Francisco, um dos colaboradores desta pesquisa, descreveu alguns grupos a partir de observações em seu cotidiano na rua e em albergues. Ele propôs uma classificação com base na interpretação de subjetividades e nas

relações que a pessoa em situação de rua estabelece principalmente com o trabalho e a moradia (ver item 2.5): entregou-se; não se acostuma com o albergue; trabalha e está no albergue; está de porta de saída; prefere a rua; não tem mais jeito; esqueceu que é ser humano; sai de casa para vencer.

Sem pretender esgotar a descrição ou relacionar os diferentes grupos que habitam o cenário da rua, é importante deixar evidente a noção da diversidade quanto às formas de lidar com o espaço e o tempo, quanto ao sexo e à faixa etária, e mesmo quanto às formas de dissociação social (cf. Castel¹). Há, por exemplo, pessoas que, mesmo morando em albergues ou na rua, mantêm laços familiares ou são arrimo de família.

Particpei como pesquisadora do estudo do perfil de associados da AMRMC realizado pelo Projeto Metuia entre 2002 e 2003. Segundo Galvani et al.¹⁰, esta pesquisa procurou compreender o perfil dos freqüentadores da instituição quanto às suas trajetórias cotidianas, assim como as características de sua circulação na cidade de São Paulo e as redes de serviços e apoios que utilizavam. Foi possível verificar, naquele momento, a importância do equipamento social ao possibilitar algum espaço de pertencimento — insuficiente, porém, para responder às necessidades de seus usuários — e, por parte destes, a busca ativa por diferentes recursos, como espaços religiosos, de lazer e de formação, e a busca por alimentação gratuita, entre outros. Ao concluir, Galvani et al.¹¹ destacam:

[...] a AMRMC, além de ser um centro de referência que permite a satisfação de necessidades de sobrevivência do grupo atendido, busca configurar-se como espaço facilitador e promotor de criação de redes de suporte. O trabalho dos terapeutas ocupacionais do Projeto Metuia na AMRMC constrói-se no diálogo com a instituição,

associados e usuários, tendo em conta a importância de conhecimento aprofundado de cada pessoa, suas histórias, desejos, dificuldades e dinâmicas relacionais e afetivas. Isso, sem esquecer sua dimensão mais coletiva e grupal. Acreditamos que ainda é fundamental realizar ulteriores estudos sobre situações singulares e sobre formas de constituição de possibilidades novas que as pessoas vão desenvolvendo em cotidiano tão adverso.

O recurso à rede assistencial pode, em certas situações, significar a possibilidade de algum pertencimento social, como Galvani et al.¹¹ observam no estudo do perfil dos associados da AMRMC:

Alguns objetivos se repetem como parte de necessidades comuns à população em situação de rua, mas outros são particulares e requerem criatividade e disponibilidade maior por parte dos técnicos. Essa qualidade da atenção é base para atender às necessidades reais e para dialogar com o presente de cada pessoa. A busca de projetos individuais a partir desta rede de relações conduz para a ampliação de redes de apoio, reforçando o que Castel (1994, p. 21) denomina de rede de proteção aproximada.

Castel¹ propõe a noção de proteção aproximada, constituída, na sua perspectiva, por ao menos dois registros, família e cultura, em que são tecidas redes de solidariedade e de sociabilidade nas quais se formam espaços e relações de proteção pessoal, social e econômica. A dimensão da cultura, enquanto constituição do sentimento de pertencimento, maneira de habitar um espaço e de partilhar dos valores, representa elemento decisivo na constituição da proteção aproximada.

A população em situação de rua tem sido alvo da assistência, assunto que retomarei com mais detalhes adiante. Em muitos casos, a rede de assistência constitui o elemento fundamental na sua organização cotidiana. Entretanto, movimentos opostos à desfiliação podem ser observados no seu

cotidiano. Pessoas deste grupo social desenvolvem formas de geração de renda, inserem-se em programas de moradia, participam da organização política para a reivindicação de direitos e oportunidades e de movimentos de luta por moradia, integram redes de relações de caráter religioso e circuitos ligados à arte, à cultura e à educação. Enfim, utilizam a rede assistencial como um recurso complementar para a organização do cotidiano e apoio para construção de redes sociais e de identidades. Estes processos de participação social podem estar na base da construção de identidades que tornam relativa e contextualizam aquela identidade vinculada à situação de rua, comumente marcada pela idéia de fracasso e dependência interpessoal e de serviços de assistência.

Assim, meu interesse neste estudo esteve voltado para a compreensão dos processos contrários ao movimento de dissociação (cf. Castel^{1,2}) e desqualificação social (cf. Paugam¹²), além de abranger o desenvolvimento de estratégias como a criação de redes sociais e o fortalecimento de identidades.

Redes sociais e identidades

Redes sociais e identidades passaram a ser conceitos fundamentais.

Martins¹³ trabalhou o conceito de redes sociais em uma perspectiva sócio-histórica e identificou sua construção como parte de um esforço de elaboração sobre a realidade social complexa. Para este autor, a idéia de rede social é uma expressão prática das relações de trocas entre indivíduos e grupos.

Em seus estudos sobre diferentes movimentos sociais, Castells¹⁴, ao analisar situações na atual sociedade em rede*, encontrou evidências de formas organizadas de lutas identitárias contrárias à atomização e à homogeneização dos processos de globalização:

Juntamente com a revolução tecnológica, a transformação do capitalismo e a derrocada do estatismo, vivenciamos no último quarto do século o avanço de expressões poderosas de identidade coletiva que desafiam a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e do controle das pessoas sobre suas próprias vidas e ambientes.

Para este pesquisador, o processo de construção de identidades, ocorrendo em contextos marcados por relações de poder, tem diferentes formas e origens: legitimadora, de resistência e de projeto. Resumidamente, a identidade legitimadora estaria ligada às instituições dominantes da sociedade; a de resistência seria aquela criada por atores que se encontram em posições desvalorizadas pela lógica da dominação; quanto à de projeto, os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade.

É importante frisar, como sugere este autor, que há um processo dinâmico de construção de identidades e que essas formas que propõe devem ser sempre analisadas dentro de contextos históricos. Na sociedade em rede, para este pesquisador, a construção de identidade gira em torno do

* Para Castells¹⁵, esta sociedade seria caracterizada "pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em rede; flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão-de-obra. Pela cultura de virtualidade real construída a partir do sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida — o tempo e o espaço".

princípio de identidade de resistência. Nessas condições, fundamentalismo religioso, nacionalismo cultural, comunas territoriais (os exemplos com os quais trabalha) são reações defensivas; mas é a partir das identidades de resistência que podem surgir novas identidades de projeto e, desta maneira, podem ser criados símbolos para a transformação social.

Se concentrarmos a observação em situações singulares, podemos perceber que algumas pessoas em situação de rua (mesmo que seja em momentos de sua história) constroem redes de suporte (social, afetivo e/ou econômico), fato que me conduziu aos seguintes questionamentos: onde e como pessoas em situação de rua constroem suas redes de suporte? Quais são suas características? Que estratégias são utilizadas para a construção destas redes? As redes sociais construídas podem significar diminuição de sua vulnerabilidade?

Nesse sentido, recorreremos aos estudos de Magnani^{16,17,18} sobre as cidades e as redes de pertencimento de grupos sociais urbanos. Ao articular a reflexão sobre a cidade e a etnografia, Magnani¹⁹ propõe, em contraposição ao que chamou de "olhar de fora e de longe", o "olhar de perto e de dentro":

Para introduzir essa questão, convém retomar um ponto comum às abordagens até aqui apresentadas: a maioria dos estudos que classifico como olhar de fora e de longe dá pouca relevância àqueles atores sociais responsáveis pela trama que sustenta a dinâmica urbana; quando aparecem, são vistos através do prisma da fragmentação, individualizados e atomizados no cenário impessoal da metrópole. Entretanto, contrariamente às visões que privilegiam, na análise da cidade, as forças econômicas, a lógica do mercado, as decisões dos investidores e planejadores, proponho partir daqueles atores sociais não como elementos

isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio do uso vernacular da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua dinâmica cotidiana.

Assim, para compreender dinâmicas próprias às sociedades urbanas, este pesquisador criou o conceito de "pedaço", a fim de explicar um tipo particular de relações sociais estabelecidas em um espaço que se transforma em ponto de referência para determinados grupos pertencentes a uma rede de relações, independente dos limites territoriais.

Neste estudo, foi possível reconhecer os "pedaços" de pertencimento nas redes sociais da população estudada e, a partir destes, os trajetos (fluxos pela cidade) e os circuitos (rede de espaços e equipamentos referentes a determinada prática ou oferta de serviço). Na terapia ocupacional social, deparamo-nos com a necessidade da compreensão da realidade sociocultural e das dinâmicas próprias da população atendida. Como observa Barros²⁰, por sua vez:

O terapeuta ocupacional social trabalha com base na interpretação da demanda que é simultaneamente individual e coletiva. A interpretação é seguida de sua problematização, do estudo do contexto e da elaboração de projeto que envolve negociação constante. É nesse sentido que as noções de cidadania e de produção de identidades são guias da interpretação e da formulação de projetos de intervenção.

Trata-se de superar a cisão entre indivíduo e sociedade. Elias²¹ mostrou que as idéias de indivíduo e de sociedade estão estreitamente articuladas por um processo interativo amplo. Há, para este autor, uma

relação de interdependência entre os indivíduos, como na imagem de uma rede de tecidos:

Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede, nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira.

Elias²¹ convida-nos a imaginar esta rede em constante movimento: "[...] é um tecer e destecer ininterrupto de ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar". É nessa interface, entre indivíduo e sociedade, que este estudo está situado.

1.2 O universo da pesquisa: considerações sobre adultos em situação de rua

Desde as primeiras publicações na década de 70 até hoje, os termos utilizados por pesquisadores, pelo poder público e pelas organizações não-governamentais (ONGs), em teses, livros, propostas de políticas sociais, leis e documentos referentes a essa população, mostraram variações que expressam diferentes conceitos.

Rosa²² fez um levantamento cuidadoso, em jornais e revistas, nos arquivos de algumas organizações não-governamentais e na bibliografia

existente, das diferentes expressões utilizadas, nas décadas de 70, 80 e 90, para nomear pessoas que utilizam espaços públicos para morar e sobreviver. Compreendidas como construções históricas, tais expressões carregam diferentes conceitos e preconceitos, como concluiu a pesquisadora. Suas transformações parecem demonstrar esforços de diferentes atores sociais, inclusive da própria população, em buscar termos menos aviltantes que os de "vadio", "vagabundo" e "mendigo".

A década de 90 foi marcada pela retomada da expressão "população de rua", o que, para Rosa²², significou a tentativa de abranger a heterogeneidade e a multiplicidade de situações que podem ser encontradas nas ruas. Em São Paulo, atualmente, o termo "população em situação de rua" tem sido utilizado por pesquisadores (Varanda²³, por exemplo), pelo poder público (SAS e Fipe^{24,25}, entre outros), por ONGs e movimentos sociais.

O uso do termo é ambíguo e não é um consenso, sendo principalmente questionado pelas pessoas assim designadas. Embora algumas lideranças do movimento social tenham assumido os termos "população em situação de rua" como opção política — reforçando tal atribuição como parte da identidade do grupo —, também existem aquelas que expressam seu desacordo, chegando a se dizerem ofendidas por esta forma de denominação, como é o caso de João (ver item 2.2).

Para fins deste estudo, defini a população em situação de rua como grupo social (cf. Oliven²⁶) composto por pessoas que utilizam os logradouros públicos como locais de habitação e para atividades cotidianas (dormir, alimentar-se e trabalhar), que pernoitam em albergues por não dispor de

moradia autônoma (SAS e Fipe²⁴) e que fazem uso dos serviços da rede de assistência a esta população, como projetos de moradia provisória e centros de serviços (Varanda²³).

Por não possuir residência fixa, a população em situação de rua não é considerada pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Desde 1991, porém, foram realizadas pesquisas para quantificá-la na cidade de São Paulo*.

Vieira et al.²⁷ relataram a falta de confiabilidade dos dados e alertaram quanto aos números utilizados para dimensionar esse contingente de pessoas, nas estimativas existentes até início dos anos 90. Os números variavam entre 5 mil e 100 mil, e pouco se conhecia sobre este segmento social. Para suprir a falta de dados, o município de São Paulo, por meio da Secretaria do Bem-Estar Social**, entre 1991 e 1998, e em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), em 2000 e 2003, produziu levantamentos específicos (ver Gráfico 1, na página a seguir).

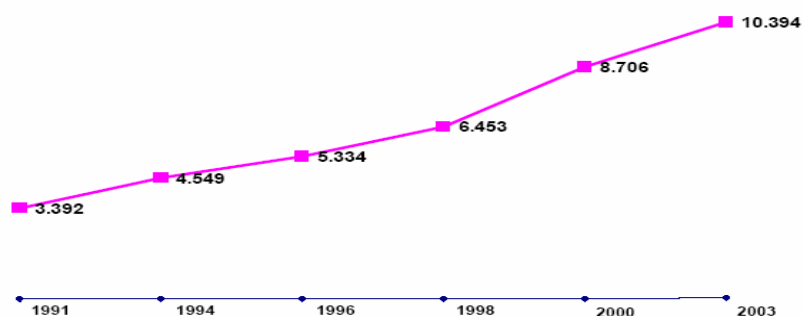
A primeira pesquisa realizada em 1991 foi publicada posteriormente com o título *População de rua: quem é, como vive, como é vista* (Vieira et al.²⁸). Esta obra marcou passagem importante no que se refere à compreensão deste universo de questões. Circunscrito às regiões centrais da cidade de São Paulo, o estudo mapeou pontos de pernoite em lugares

* Outras cidades brasileiras, como Belo Horizonte e Porto Alegre, realizaram estudos com o objetivo de quantificar suas respectivas populações em situação de rua. Só dados referentes a São Paulo serão apresentados aqui.

** Esta Secretaria, ao longo das gestões da Prefeitura de São Paulo, teve seu nome alterado: Secretaria Municipal da Família e Bem-Estar Social (pesquisas de 1994 a 1998) e Secretaria da Assistência Social (pesquisas 2000 e 2003). A partir da mudança de gestão em 2005, recebeu o nome de Secretaria Municipal do Desenvolvimento e Assistência Social (Smads).

públicos e serviços de referência para a população (albergues, abrigos noturnos e casas de convivência).

Gráfico 1: Crescimento do número de pessoas em situação de rua no Município de São Paulo no período entre 1991 e 2003



Fonte: SAS e Fipe²⁴.

Observa-se o crescimento contínuo do número de pessoas em situação de rua na capital paulista. O último censo realizado em 2003 pela SAS em conjunto com a Fipe encontrou 10.394 pessoas em situação de rua, na grande maioria homens em idade produtiva (maior porcentagem entre 26 e 55 anos), concentrados na região central e no centro expandido da cidade. Configura-se, assim, como um grupo que exige definições das políticas públicas de assistência social.

A população adulta em situação de rua também tem sido alvo de pesquisas nas universidades brasileiras, sendo possível observar o crescimento do número de estudos de mestrado e doutorado a partir da década de 90. O conjunto das teses e dissertações revela uma produção diversificada do ponto de vista metodológico, teórico e dos grupos abordados. Algumas pesquisas focam seus estudos sobre os catadores de

materiais recicláveis e discutem seus modos de vida, questões ambientais, as cooperativas de trabalho e a pobreza, entre outros aspectos*. Apesar de compreender que não há uma cisão entre experiências de moradores de rua e catadores — pois muitos destes moram nas ruas e têm como fonte de renda o trabalho de coleta de materiais recicláveis —, proponho o foco em estudos que não se referem a este grupo especificamente.

É possível encontrar também pesquisas que se referem a grupos específicos, como trecheiros e pardais, mulheres, idosos ou "loucos de rua". Há abordagens que tratam a questão da rua do ponto de vista da saúde, quanto às políticas públicas ou a questões mais específicas, como saúde mental e tuberculose. Desigualdade, exclusão, pobreza, trabalho são temas que perpassam uma série destes estudos. Destaco a produção recente de Silva²⁹, que cotejou dados de oito levantamentos censitários em capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Recife), buscando identificar o perfil da população em situação de rua. Sua pesquisa apontou o desemprego como propulsor do aumento desta população naquelas cidades, além de mostrar que as políticas sociais são frágeis para enfrentar a dimensão do fenômeno.

Alguns estudos preocuparam-se com o campo da assistência, na avaliação de serviços e políticas públicas. Redes de assistência e formação de laços solidários foram questões abordadas por Martins³⁰, onde se

* O levantamento bibliográfico foi realizado tendo como base a organização de produção bibliográfica produzida pelo Fórum de Debates Sobre a População em Situação de Rua. A partir deste material, realizei algumas atualizações e distingui a produção de pesquisas acadêmicas. O Anexo H contém o documento disponibilizado pelo Fórum de Debates.

discute, a partir de dados e registros obtidos junto a instituições de assistência a migrantes e moradores de rua em Belo Horizonte, além das redes da assistência institucional, a rede social formada pelos migrantes que se encontravam em situação de rua:

A análise das redes sociais entre os moradores de rua não se explica, apenas e tão somente com base nas relações de ordem familiar, portanto dos laços familiares, exatamente porque, para uma grande parte deles, suas histórias são marcadas por rupturas dos relacionamentos familiares. Contudo, isso não significa que sejam desimportantes. O que quero dizer, no entanto, é que as redes sociais não podem ser confundidas com o que institucionalmente existe, como as instituições públicas e filantrópicas, como albergues e casas de convivência. As redes são tecidas pelas relações que se estabelecem na rua entre os moradores de rua. No entanto, deve-se ressaltar que suas tramas são frágeis, pois ao mesmo tempo em que são tecidas são facilmente quebradas.

Estudos mais recentes preocuparam-se em debater possibilidades de superação da situação de rua. Uma experiência importante aconteceu a partir da cidade de São Paulo, junto ao Centro de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Rosa³¹ resgatou o histórico deste processo, que começou em 1994, segundo a pesquisadora, em um esforço que rumava no sentido de "encontrar alternativas para pessoas que moravam nas ruas e em albergues, reunindo-se com elas para discutir, como uma das saídas, a reconstrução da vida, pelo retorno à terra". Baseada em dados extraídos do jornal *O Trecheiro*, esta pesquisadora informou que o Centro de Formação chegou a reunir cerca de 2.000 pessoas, das quais aproximadamente 220 estavam assentadas ou acampadas em 1999.

Rosa³² avaliou o processo na sua perspectiva:

Pude participar dos congressos realizados e observar, de perto, a transformação das pessoas que se arrumavam com a melhor roupa, sorriam e viam nessa saída coletiva a recuperação da vontade de viver. Os depoimentos foram feitos sob forte silêncio de uma platéia que os ouvia atentamente. Ao final dos encontros, confraternizações e aplausos com a convicção de que valia a pena tentar. É evidente que há dificuldades nesse tipo de experiência, e na reconstrução da cidadania e da vida de trabalhadores. É fundamental apontar que algo de novo vem ocorrendo na perspectiva de trabalho com a população de rua, uma possibilidade efetiva de saída das ruas — com representações positivas na representação que fazem de si mesmos, adquirindo identidade positiva — no âmbito de um movimento social organizado que articula integralmente a construção de um projeto pessoal e, ao mesmo tempo, político e coletivo.

Gomes³³ também avaliou este processo, focando seu estudo em um grupo específico de pessoas que viveram em situação de rua na cidade de São Paulo e foram para um assentamento de terra localizado próximo a Franco da Rocha (SP). O pesquisador buscou compreender a construção de sentidos nessa passagem e avaliou que os "itinerários da rua para um assentamento" apontam para a construção de alternativas e possibilidades de transformação social.

Mattos³⁴ observou que é muito recente a preocupação de pesquisadores com o que chamou de processo de saída das ruas, e buscou refletir sobre este tema na perspectiva daqueles que vivenciaram a situação de rua. Para este pesquisador, a saída das ruas pode representar a criação de novas formas de vida na atualidade.

A heterogeneidade da população em situação de rua constitui uma premissa neste estudo. No interior de tal diversidade, identifiquei grupos e

peessoas que pareciam constituir referência para a discussão de formas endógenas/internas (e de auto-organização) de superação dessa condição.

Embora a temática das redes sociais não seja recente nas ciências sociais, observa-se a ausência de estudos que analisem sua formação no contexto de populações em situação de rua. As pesquisas centradas nas formas de sobrevivência mapeiam as estratégias individuais, mas não contemplam as estratégias de indivíduos na busca de coletivos. É preciso, ainda, compreender como as pessoas buscam e criam oportunidades que potencializam situações de grupos e favorecem a solidariedade.

O estudo das redes sociais que se formam no interior das relações deste grupo social a partir do trabalho, da cultura, do lazer, da religiosidade e da participação política em movimentos sociais específicos, pode contribuir para nortear o desenvolvimento de práticas de atenção que proporcionem saídas coletivas para os problemas enfrentados.

1.3 Material e métodos

A pesquisa etnográfica — envolvendo convívio prolongado com o grupo social estudado — e a história de vida compuseram as estratégias de coleta de dados (cf. Haguette³⁵; Queiroz³⁶; Víctora et al.³⁷).

Trata-se de pensar a etnografia em meio urbano e, desta forma, como sugeriram Magnani^{16,17} e Oliven²⁶, de aceitar o desafio do pesquisador de interpretar sua própria cultura. Existe, segundo Magnani¹⁶, a necessidade neste tipo de trabalho de buscar uma superação do sentimento de proximidade,

criando certo distanciamento para transformar o familiar em necessário estranhamento. Magnani³⁸ destacou que devem ser evitadas abordagens que isolem grupos sociais, reforçando a necessidade de levar em consideração "[...] a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente".

No trabalho etnográfico, o pesquisador depara-se com a necessidade de produzir interpretações sobre grupos sociais ou sobre trajetórias pessoais. Mas tais grupos e pessoas produzem igualmente interpretações sobre quem são e o que necessitam. Há, portanto, uma pluralidade de interpretações que precisam ser consideradas, tanto durante a coleta de dados, como no processo de análise. Cabe lembrar que o confronto das interpretações é dificultado pelas distâncias que separam pesquisador e pesquisado: diferenças de classe, gênero, idade, cultura e valores, entre outras. Como enfatizou Clifford³⁹, os textos etnográficos são orquestrações de trocas polifônicas em situações politicamente carregadas. As subjetividades produzidas nessas trocas, freqüentemente desiguais, fazem parte de um campo de construções de verdades. Assim, o termo "etnografia" pode ser traduzido por "escrita da cultura", como sugere Atkinson⁴⁰.

Partimos da compreensão do reconhecimento do sujeito da pesquisa como um interlocutor, pois, segundo Oliveira⁴¹, o trabalho etnográfico envolve o encontro com o "outro". Este "outro" é compreendido como um interlocutor com quem se estabelece uma relação de cooperação, criando-se, desta maneira, a possibilidade de uma relação dialógica. Pelas razões expostas, adotei nesse estudo o termo "colaborador", como utilizado por

Meihy⁴², para enfatizar a necessidade de construir uma relação de colaboração entre entrevistador e entrevistado.

A inserção em programas de assistência da Organização de Auxílio Fraternal (Associação Minha Rua Minha Casa e A Casa Acolhe a Rua), assim como no Fórum de Debates Sobre a População em Situação de Rua, configurou minha presença no campo de estudo. Esta inserção ocorre desde 2001, ano em que o Projeto Metuia estabeleceu parceria com aquela Organização, a fim de promover ações no âmbito destes serviços de referência para pessoas em situação de rua e possibilitar a formação em campo de estagiários dos Cursos de Terapia Ocupacional da USP e da UFSCar em diferentes momentos de sua formação.

A coleta de dados foi realizada por 12 meses em 2006, a partir da observação de campo, de entrevistas (ver roteiro no Anexo A) e da coleta de documentos (artigos de jornais e revistas, poesias e textos dos colaboradores), além de prontuários, relatórios institucionais e publicações (artigos e anais de congresso) do banco de dados do Projeto Metuia.

Para eleger os colaboradores da pesquisa, foram construídos alguns critérios de seleção. Ao longo da convivência com pessoas em situação de rua, foi possível identificar situações que rumavam em sentido oposto à desfiliação. A observação destas situações desdobrou-se em alguns eixos, considerados aqui requisitos para seleção dos colaboradores. Assim, cada colaborador deveria preencher ao menos dois dos seguintes requisitos:

- estar inserido em programa de moradia;
- participar de organização política (movimentos sociais específicos);

- integrar redes de relações de caráter religioso;
- integrar circuitos ligados a arte e cultura;
- utilizar serviço da rede assistencial como recurso complementar para organização de seu cotidiano;
- possuir formas de geração de renda.

Além destas dimensões, que sugerem diferentes formas de participação social, foi critério de seleção o fato de o colaborador estar ou ter vivido em situação de rua havia mais de dois anos*.

Os aspectos abordados no levantamento de dados com os colaboradores foram focalizados em três eixos: sua trajetória até o presente, situação atual e projeções para o futuro. O universo de pesquisa foi limitado inicialmente a cinco histórias de vida que mostrassem uma diversidade de experiências quanto aos eixos propostos.

O convite aos colaboradores para participar da pesquisa foi realizado no início de 2006 e seguiu-se a partir dos espaços de inserção em campo citados. O convívio anterior e relações de confiança já estabelecidas facilitaram o aceite ao convite, e, desde o início, os colaboradores mostraram-se dispostos a compartilhar histórias, opiniões, espaços e sonhos. Além da disponibilidade pessoal, o convívio possibilitou identificar que as biografias poderiam contribuir para a discussão proposta.

* Alguns pesquisadores, como Rosa²² e Snow e Anderson⁴, trabalharam com a noção do tempo para descrever e analisar situações na rua. A preocupação aqui foi entrar em contato com pessoas que tiveram a rua ou a permanência em instituições relacionadas com a situação de rua como modo de vida que não fosse de forma passageira.

Ao longo do percurso em campo, foi se configurando a definição de quem seriam os colaboradores, definição esta que contou com minha avaliação e também com a deles. Três dos colaboradores ficaram mais atentos ao projeto de pesquisa e seus objetivos e argumentaram que suas histórias de vida e suas reflexões poderiam contribuir com o tema. Dois colaboradores acreditavam que suas histórias, independentemente do tema e da pesquisa, constituem exemplos de vida e ensinamentos que deveriam ser transmitidos. Preocupei-me em limitar estes convites, pois havia a compreensão da necessidade da disponibilidade de tempo para acompanhar as narrativas de cada colaborador e seus circuitos pela cidade.

Duas mulheres foram convidadas a participar da pesquisa e, apesar de aceitarem o convite, não foi possível realizar o trabalho. Isto ocorreu devido a problemas de saúde, em um dos casos; no outro caso, a impossibilidade esteve ligada a sua mobilidade pela cidade. Estas duas situações tornaram o contato prolongado impraticável. Embora as estatísticas mostrem que a grande maioria das pessoas em situação de rua é do sexo masculino, como se verá a seguir, não se deixou de considerar a importância do estudo da situação de mulheres, o que pode ser sugerido como necessidade de pesquisas futuras*.

Os próprios colaboradores sugeriram o local das entrevistas, que aconteceram em diversos espaços da cidade, como a Praça da Sé (região central), o Centro Cultural São Paulo, na casa de colaboradores, em bares, outras praças e parques. Desta maneira, privilegiei as escolhas dos

* O cotidiano de mulheres em situação de rua foi analisado por Tiene⁴³, na cidade de Campinas (SP).

colaboradores e os locais em que se sentiam mais confortáveis para a realização das entrevistas, lidando com as dificuldades que se impuseram em algumas situações, como as interrupções e os ruídos que prejudicaram a qualidade da gravação em áudio. Por outro lado, determinados locais eram muito significativos e pareciam capazes de potencializar as narrativas sobre as experiências e vivências que neles se produziram, pois, naquele momento, já era possível observar que representavam "seus pedaços". Foram realizadas visitas dentro dos seus circuitos na cidade, atendendo às sugestões e aos convites dos colaboradores. Esse momento do estudo proporcionou informações da gestão do cotidiano e aproximação com coletivos diversos: igrejas, festas, passeatas e locais de trabalho, entre outros.

As atividades do trabalho de campo foram registradas no caderno de campo, e alguns eventos também tiveram registro audiovisual. Todas as entrevistas foram registradas em áudio e algumas foram filmadas. O tipo de registro dependeu da disponibilidade do colaborador e do local onde foram realizadas. Durante o trabalho de campo, as entrevistas e as anotações do caderno de campo foram constantemente revistas, a fim de guiar os passos seguintes da coleta, identificando assuntos que ainda não tinham sido abordados e possíveis desdobramentos para novas atividades de campo.

1.4 Tratamento dos dados, análise e categorias

O trabalho com os registros orais das entrevistas seguiu orientações do que vem sendo desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em História Oral

(NEHO) da USP. Desta maneira, as entrevistas foram transcritas e após a transcrição foram textualizadas (cf. Meihy⁴²). Este processo de passagem do oral ao escrito é permeado pela intervenção do pesquisador; tendo isto em mente, procurei manter a máxima fidelidade ao estilo de cada colaborador. As maneiras de falar revelam um pertencimento grupal, a uma região, a uma faixa etária, entre outros aspectos; assim, os "erros" gramaticais foram mantidos em alguns casos. Foram inseridas algumas notas explicativas, quando necessárias, para auxiliar a compreensão de expressões, nomes, siglas e referências a projetos mencionados nas entrevistas. O texto final de cada entrevista — que pode ser lido na íntegra nos Anexos C a G — foi aprovado pelos colaboradores.

A análise foi realizada em duas perspectivas. Uma refere-se à reconstituição da história de vida de cada colaborador, com o objetivo central de mostrar suas redes de interdependência, as quais transcendem os circuitos assistenciais, e de discutir sua singularidade no processo de construção de identidades capazes de ressignificar e dar historicidade à experiência da situação de rua. A reconstituição das histórias de vida em forma textual — produzida no diálogo entre pesquisador e colaborador — é um recorte guiado pelos objetivos de compreensão e explicitação deste estudo. Optei por inserir trechos ainda que longos das narrativas, com o intuito de garantir a integridade da linha de raciocínio dos colaboradores.

Víctora et al.³⁷ consideram que as discontinuidades e mesmo as contradições aparentes são admissíveis quando se trabalha com histórias de vida na pesquisa científica. O trabalho de reconstituição das histórias não

busca verdades absolutas, mas procura capturar fragmentos significativos das diferentes experiências.

Outra perspectiva de análise foi partir da percepção de eixos e temáticas comuns que contribuem para repensar possíveis conexões, propostas assistenciais e outras redes de proximidade, as quais serão trabalhadas nos itens relativos a recurso à assistência social, participação política, movimento social da população em situação de rua e redes, educação e diferentes formas de saber.

A análise apoiou-se no conceito de interdependência entre os indivíduos proposta por Elias⁴⁴, em uma perspectiva teórica que busca romper a cisão indivíduo/sociedade historicamente construída. A interdependência pode ser expressa nas diferentes formas de pertencimento, como os circuitos religiosos e artísticos, os movimentos sociais e as recomposições familiares. Nesse sentido, a noção de construção de identidades proposta por Castells⁴⁵ contribui para a análise do que pode ser a expressão prática da noção de interdependência.

Contribuem ainda para a análise as reflexões de Magnani^{17,18} sobre a cidade e as diferentes formas de apropriação do espaço urbano, nas noções de pedaço e circuito, categorias que são, para o autor, chaves de leitura de dinâmicas de sociabilidade que se estabelecem independentemente de limites geográficos. O circuito está referido à rede de espaços e equipamentos relativos a determinada prática; estes não são contíguos na paisagem da cidade, sendo reconhecidos como totalidade apenas pelos seus usuários (cf. Magnani⁴⁶). O circuito permite apreender algumas formas

e sentidos de utilização dos espaços e de circulação pela cidade. A noção de "pedaço" reforça a dimensão relacional, o manejo de símbolos e os códigos comuns de um grupo; como enfatizou o próprio Magnani⁴⁷, o "pedaço" interessa a seus *habitués*. São igualmente importantes as discussões de Castel^{1,2} sobre o processo de desregulamentação das relações de trabalho e a noção de proteção aproximada.

Além disso, busco relações com as políticas sociais específicas para a população em situação de rua, expressas no Sistema Único da Assistência Social (Suas), no Plano Plurianual da Assistência Social da cidade de São Paulo, na Lei nº 12.316/97 e no Decreto nº 40.232/01.

1.5 Procedimentos éticos

As pessoas convidadas a participar desta investigação foram esclarecidas em relação ao projeto de pesquisa, seguindo as orientações da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa (CAPPesq) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O termo de consentimento livre e esclarecido (ver Anexo B) foi apresentado, explicado e discutido individualmente, ressaltando-se a liberdade de escolha em participar ou não da pesquisa, sem que isso acarretasse prejuízo no acompanhamento recebido pelo colaborador.

Foi discutida a permissão para a utilização de registro audiovisual em algumas situações de coleta de dados, e todas as informações e/ou imagens coletadas foram postas à disposição do colaborador.

As imagens fotográficas e filmicas foram objeto de análise para obtenção de informações complementares e apoio da observação. Não serão publicadas e só serão utilizadas para fins didáticos e em reuniões científicas, mediante consentimento explícito do colaborador.

A fim de preservar a identidade dos colaboradores, como proposto pela Comissão de Ética, sugeri que cada um escolhesse um nome a ser utilizado no texto. Três colaboradores preferiram manter seus nomes, o que foi respeitado durante a redação deste trabalho.

PARTE 2 SINGULARIDADES NA CONSTRUÇÃO DE PERTENCIMENTO, CIRCUITOS E REDES DE INTERDEPENDÊNCIA

2.1 Anderson: movimento social e constituição familiar

Companheiro de Janaína e pai de Beatriz, Anderson é também uma das lideranças da comissão São Paulo do Movimento Nacional de Luta e Defesa dos Direitos das Pessoas em Situação de Rua (MNPR/SP). Sua história, em muitos momentos, confunde-se com a própria história da organização e da luta por direitos do grupo social a que pertence: "povo de rua", "morador de rua", "população de rua" foram as expressões que utilizou para definir o grupo.

O intuito central na reconstituição de sua história é argumentar a favor da tese de que a participação política e a constituição familiar podem ser elementos fundamentais para se tecer e renovar redes de suporte de maneira a formar um movimento oposto à desfiliação. Apesar de viver em cotidiano adverso, sem trabalho e moradia estáveis, Anderson, com a participação política, vem ampliando suas redes de proximidade, o que parece contribuir para a construção de novas possibilidades de pertencimento social, ainda que necessite da continuidade do apoio dos serviços sociais.

Ele é conhecido no circuito da assistência social, em suas diferentes esferas, em fóruns e movimentos sociais, principalmente aqueles ligados ao

centro da cidade e às questões da rua. Há dez anos participa de movimentos sociais, tendo suas primeiras experiências com os catadores de materiais recicláveis em São Paulo. Uma liderança, segundo ele, não se forma de um dia para o outro:

— Então, hoje você precisa de uma liderança que saiba discutir, que saiba organizar. Então eu comecei aprendendo, né?, o que era organicidade, o que era organização, e também pelo trecho. Fui andando um pouco por Minas, Rio de Janeiro, e conhecendo um pouco a população de rua, em outros estados, vivenciando, fazendo lideranças, conversando, participando da Pastoral, participando de encontros, indo, vendo a organicidade. Eu comecei no movimento dos catadores, quando eu era catador de material reciclável. Então, eu via como é que se fazia pra organizar os catadores, pra ter capacitação e como era a capacitação, que se organizava um almoço, a reunião, a discussão.

Desde 2004, ao se fixar em São Paulo, Anderson vem se fortalecendo como liderança e como um dos representantes das pessoas em situação de rua em diversos fóruns, nestes anos em que este segmento fortaleceu sua representatividade e sua interlocução com entidades de assistência e com setores do governo (federal, estadual e municipal). Neste duplo movimento, Anderson foi ampliando sua rede de relações através da participação em alguns espaços de organização política e entidades sociais, como a Casa de Oração do Povo de Rua, o Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua, o Fórum da População de Rua, o Fórum Centro Vivo, as Conferências da Assistência Social e eventos ligados às questões da rua e do centro da cidade, entre outros. Participa, assim, de um circuito de lutas com algumas características comuns: a defesa de direitos, a busca por debates e a construção de espaços coletivos.

Anderson narrou sua trajetória itinerante por diversas cidades brasileiras até fixar-se em São Paulo a partir de 2004, período em que teve participação ativa na criação do movimento e que encontrou sua companheira.

Infância, trajetórias de rompimentos e redes de assistência: vida na rua, vida no "trecho"

— Eu sou paulistano, fui criado em Juquitiba. Nasci na Vila Mariana, no Hospital de Mãe Solteira, perto do Santa Cruz. Naquela época, o hospital era chamado assim, e aí depois, eu fui, o Juizado me mandou lá pra Juquitiba. Fui criado num orfanato lá em Juquitiba.

Aos 3 meses de idade, Anderson foi encaminhado para um orfanato em Juquitiba, cidade localizada a 100 km de São Paulo. No contexto do trabalho de campo, foi realizada uma visita ao orfanato que funciona no mesmo local. Haviam transcorrido cerca de 12 anos sem que tivesse contato com a instituição, e, nesta ocasião, Anderson reencontrou um de seus diretores, sendo convidado para a festa de final de ano. O evento desencadeou lembranças e narrativas da experiência lá vivida: mostrou seu quarto, a janela "com uma bela vista para a natureza", lembrou que ia com frequência à casa de uma das funcionárias com quem também passava férias, ela tinha um filho de sua idade. Ficou satisfeito ao encontrar uma foto sua na parede da sala de televisão. Também lembrou de momentos difíceis, como os maus-tratos de funcionários, e as brigas com os meninos mais velhos, ressaltando que sente muita mágoa dessa época.

Aos 13 anos, como todas as crianças do orfanato, foi transferido para uma república na cidade de São Paulo. Vale observar como relatou esta transição.

— Bem, minha história é assim: até os 13 anos, fiquei no orfanato em Juquitiba. Dos 13 aos 15 anos, mais ou menos nesta faixa, eu fiquei na república do mesmo orfanato, aqui em São Paulo. Daí eu saí da república, porque eu não concordava com as regras, e eles não concordavam comigo, então eu vim pra pensão. Com 15 anos, fui pra pensão, no Morumbi. No Morumbi não dei certo. Nessa época, eu tava trabalhando de *office boy*. Aí, já na pensão, não consegui ficar, sempre eram roubadas as coisas; eu saí, vim para o centro. Aí, do centro já fui para a rua, morei numa pensão, e fui morar na rua.

Seus primeiros momentos na rua foram vividos embaixo do túnel do Anhangabaú, no centro da cidade. A região lhe traz péssimas lembranças, pois neste local foi violentado sexualmente por um policial. A violência da rua e a violência institucional fizeram parte da sua história, como fazem parte da realidade de outras parcelas da população brasileira.

Anderson encontrou solidariedade em um companheiro de rua, o Ceará, que passou a chamar de tio. Com o Ceará, dormiu em diferentes regiões da cidade, em albergues e na rua, em busca de proteção e melhores oportunidades de sobrevivência. Separaram-se quando Anderson foi participar de um evento de Páscoa. Por volta de 1995, conheceu a Organização de Auxílio Fraternal (OAF), após participar da vigília pascal do povo de rua:

— Quando era umas nove ou dez horas da manhã, eu estava passando na São Bento e recebi um panfleto dizendo: venha participar da Páscoa do Povo da Rua, debaixo do viaduto do Glicério, onde você vai gostar, onde vai ter muita música, muita dança e comida. Aí eu falei: que ótimo, nunca vi isso na minha vida, eu vou. [...] Aí eu comecei a conhecer a OAF, as coisas assim. E papo vai, e papo vem, a Ivete me convidou pra ir participar da comunidade povo da rua, certo. Comunidade dos Sofredores da Rua, ali no Glicério, na Rua dos Estudantes. E de quarta-feira tinha uma sopa que era feita pra quase quinhentas, seiscentas pessoas

debaixo do viaduto do Glicério, e aí eu também participava dessa sopa. Eu disse pra ela que gostava da cozinha, que já trabalhei com cozinha, era cozinheiro. E aí ela começou a me convidar pra ir trabalhar. Pra ir trabalhar, não: pra ir viver a sopa, conviver. Trabalhar, não, porque você fala trabalhar, aí você vai ganhar, é registrado. Mas de viver a sopa, de ir participar. E aí eu comecei a participar na sopa, a participar no centro comunitário, fazendo parte do grupo de canto, do canto da rua, já participando. E aí desse tempo, né, veio surgindo depois de 97 a Casa de Oração, onde comecei também. Já participava do centro comunitário, Casa de Oração, a Pastoral, que foi feito tudo nesse mesmo englobamento, que foi feito pela OAF, pela Pastoral, pelo padre Júlio Lancelotti, e que praticamente inclui um patamar só, que é tudo por elas. E aí eu participava de tudo que tinha a ver, no sentido a OAF.

Ao entrar em contato com a Comunidade dos Sofredores de Rua, Anderson passou a pertencer a um circuito em que articulação política, religiosidade e a atenção à população em situação de rua estiveram sempre presentes*. O trabalho da OAF-SP havia passado por intensas transformações desde a década de 80. Sob forte influência da Teologia da Libertação e da Carta de Puebla (documento que resultou da Conferência dos Bispos da Igreja Católica da América Latina realizada em 1979 na cidade de Puebla, no México), a organização investiu esforços no sentido de reinventar suas propostas. Vieira et al.⁸ reconstituíram esta história:

Primeiramente a OAF trabalhava com a população de rua através dos Albergues Modelos, Oficinas Abrigadas, Rondas, etc. Simultaneamente ao momento em que a Igreja renovada faz a sua opção pelos pobres, numa perspectiva crítica e libertadora, a OAF questiona a sua prática institucional, o que a leva a fechar todos os serviços com aquela população, e parte ao seu encontro nos locais onde esta mora e sobrevive,

* Algumas pesquisas e livros recuperam experiências da OAF-SP e seu histórico: Castelvechchi^{48,49}; Rosa²²; Vieira et al.²⁸.

ou seja, a própria rua. O modelo utilizado neste encontro com a rua apoiou-se nas Comunidades Eclesiais de Base, escolhendo locais que propiciassem a formação de uma comunidade, usando como uma das alavancas a Casa de Oração e a inserção em alguns pontos da cidade.

Dentro deste cenário, Anderson passou a participar de diversas ações promovidas ou coordenadas pela OAF-SP e pela Pastoral do Povo de Rua. Estas entidades, juntamente com outras organizações que trabalham com adultos em situação de rua, procuraram investir na articulação política da população. A perspectiva adotada é de que não se trata de uma situação que possa ser isolada nem deve recair na culpa individual, pois o fenômeno relaciona-se com as transformações econômicas, políticas e sociais brasileiras, como opinou Barros⁵⁰.

Após algum tempo, Anderson resolveu "pegar o trecho", seguindo para outras cidades brasileiras. Refletiu sobre suas motivações para as viagens e concluiu que estavam ligadas às condições em que a população em situação de rua era tratada em determinado momento:

— Mas eu fui, sabe por quê? Porque eu via a situação aqui de São Paulo. Então eu sempre fui uma pessoa assim. Quando eu via desgraças, a tristeza, gente morrendo, gente apanhando, muito frio, eu saía fora de São Paulo.

Momentos de tensão com a OAF também motivaram suas saídas. Ao avaliar sua atitude crítica nos espaços que freqüentava e a dificuldade em permanecer neles, ele expôs:

— Minha boca, ela é muito felina, ela é muito feroz, ela é muito felina, assim, no sentido do que ela vê de errado, ela começa a criticar. E aí eu começava a meter a boca em todo mundo, a falar, e aí veio a expulsão. Expulsão da Casa de Oração, expulsão da

comunidade, expulsão dos lugares aonde eu estava. Então eu já começava a ficar revoltado com isso. Aí, de tempos em tempos, eu fugia do Centro Comunitário, fugia da OAF, fugia de todo mundo, tem isso. Hoje eu tô um pouco mais firme, mais voltado, mas eu ainda guardo alguma coisa dentro de mim.

Durante as entrevistas, ele contou suas experiências "no trecho", em alguns momentos com muitos detalhes das aventuras e dos dissabores que viveu, tentando chegar às cidades que procurava. O intuito nesta reconstituição é assinalar uma passagem importante desde o último retorno de Anderson à cidade de São Paulo e não recompor toda esta trajetória.

Após um ano estabelecido em Salvador, período durante o qual trabalhou na comunidade da Igreja Trindade, que atende pessoas em situação de rua, uma decepção amorosa, seguida de uma "crise nervosa", motivou seu retorno a São Paulo, onde permanece desde então (ou seja, desde 2004).

Em São Paulo novamente: espaços de moradia, trabalho e família

Ao chegar a São Paulo, Anderson restabeleceu seu contato com a OAF. Após alguns meses dormindo em albergue, conseguiu apoio no projeto A Casa Acolhe a Rua, moradia provisória coordenada por aquela organização.

Sua relação com a OAF e com a Pastoral, via Casa de Oração do Povo de Rua, voltou a ser intensa. Houve momentos em que trabalho, moradia, lazer e outras atividades cotidianas estiveram fortemente vinculadas a tal circuito. Neste período, participou ativamente do Fórum da População de Rua realizado quinzenalmente no espaço da Casa de Oração.

Desde que Anderson fixou-se em São Paulo, seus espaços de moradia estiveram, de alguma forma, ligados à rede de assistência. O Quadro 2, a seguir, auxilia a visualizar as informações sobre sua mobilidade em relação à moradia e às soluções encontradas:

Quadro 2. Tipos de moradia utilizados por Anderson entre 2004 e 2006

Ano	Tipo de moradia	Período aproximado	Valor
2004	Albergue	Três meses	Gratuito
2004-2005	Moradia provisória	Um ano	R\$ 50,00, pagos com prestação de serviços
2005-2006	Casa cedida pela OAF	Seis meses	R\$ 150,00
2006	Albergue para famílias	De agosto em diante	Gratuito

A situação de moradia de Anderson esteve condicionada à sua situação financeira. Houve momentos em que uma relação de troca era considerada legítima e viável, ou seja, era possível prestar serviços à OAF como forma de retribuição do pagamento do fundo de moradia. As necessidades transformaram-se a partir de 2005, quando Anderson desejou constituir família.

Foi na moradia provisória e nos espaços da Pastoral (Casa de Oração) que conheceu sua companheira. Em 2006, tiveram sua primeira filha. Saíram da moradia provisória para uma casa cedida pela OAF, com a cobrança de um fundo de moradia, espécie de aluguel subsidiado, com valor

mais baixo do no mercado*. Anderson relatou o momento desta passagem e sua relação com a entidade:

— Hoje eu tô partindo para uma moradia onde a OAF está me cedendo, onde eu vou morar com a minha companheira. Atualmente eu estou lá na Moradia Provisória, gestão participativa com a Prefeitura, mas é a OAF que cuida do projeto. E penso assim em progredir, ter minha casinha, um projeto meu! Meu! E a OAF, nesse sentido, ela tem me respaldado, ela me respalda um pouco, em algumas coisas, no sentido assim: presto alguns serviços, tô sempre lá, participo, vou representar em conferências, falo um pouco da minha convivência com a OAF. O órfão, né?, o menino que hoje vai constituir uma família, que tá sempre participando das coisas da OAF, que está sempre presente, que tem acesso livre, um pouco a participatividade na OAF, e é também mais uma porta que se abre.

Pela primeira vez, Anderson experimentou a vivência em família, e sua rede de suporte foi essencial como apoio para questões afetivas e materiais. A formação da família trouxe novas preocupações, responsabilidades e projeções para o futuro. Acarretou também, como descreveu no relato a seguir, momentos de desejo de "pegar o trecho" de novo, principalmente em períodos de maior tensão. Até hoje, a opção por permanecer vinculado e em família tem prevalecido.

— Tem hora que dá vontade de ir embora! É verdade! Eu ainda tenho o desejo de botar o galo [sacola onde se carregam os pertences] nas costas e ir. Se a Janaína não tivesse comigo, eu já tava longe, já tava na Bahia, curtindo o Carnaval na Bahia, mas agora não posso mais. [...] Então, para mim, não é que seja complicado, tem dia que a gente... Que nem teve um dia aí que a gente comeu macarrão puro. Graças a Deus! Falo para ela: Janaína, jogue tuas mãos, ela tá

* Para alugar uma vaga ou quarto de pensão, no geral, o morador deve pagar três meses de aluguel adiantado, e os valores podem girar em torno de R\$ 80,00 a R\$ 100,00 (vaga) e de R\$ 150,00 a R\$ 250,00 (quarto).

aprendendo isso, o que a gente não pode passar em casa é fome. De forma nenhuma! Eu não quero isso. Você está grávida, você está gestante, nem que eu vá na feira catar, nem que eu vá, mas isso eu não vou deixar! Vou catar latinha! [...] Eu não tenho vergonha, não. Eu digo para ela: a gente não vai comer todo dia caviar, não vamos ter luxo, não, mas a gente vai ter o essencial em casa para comer.

O trabalho com a reciclagem ligado à cooperativa já foi uma realidade em sua trajetória, e "catar latinha" é um alternativa de renda entre outras. Esta alternativa é diferente do trabalho de "catador" que, com seu carrinho, recolhe e separa uma gama maior de materiais e tem nesse trabalho sua fonte de renda, como é o caso do João (ver item 2.2). Em relação às formas de geração de renda, Anderson teve um longo percurso em que se alternaram trabalhos registrados (como *office boy*, como cozinheiro), autônomos (como vendedor de pipoca ou de tomate seco), relacionados à rede de assistência, como nas Frentes de Trabalho (estaduais e municipais), e as prestações de serviço à OAF.

Durante o trabalho de campo, pude acompanhar uma situação de intensa transformação do cotidiano de Anderson, quando foi contratado como auxiliar em um restaurante em São Paulo. Sua formação como cozinheiro*, além de suas redes de relações, possibilitou esta nova inserção no mercado formal de trabalho. Anderson havia participado de um grande evento da Igreja Católica na Alemanha representando a Pastoral, ocasião em que conheceu o dono do restaurante que lhe fez a proposta de trabalho.

* Anderson formou-se no Complexo Educacional do Grande Hotel São Pedro (mantido pelo Senac), uma escola bem reconhecida pela formação que oferece nessa área.

Anderson experimentou um trabalho estável por cerca de seis meses. Durante o período, pôde se sustentar financeiramente, arcando com gastos de aluguel, água, luz, alimentação, as muitas prestações das Casas Bahia. Além disto, conseguiu organizar uma festa em sua casa, para comemorar seu aniversário junto com amigos do movimento, do Fórum de Debates, da Casa de Oração e da OAF. Entretanto, passou a fazer muitas avaliações negativas daquela configuração da sua vida: a falta de tempo para a família e as articulações do MNPR, o sentimento de estar "sendo escravizado" e as dificuldades de relacionamento com seus companheiros de trabalho. Ponderava e discutia formas alternativas de sustentar sua família e criar condições para deixar aquele emprego. Neste trecho de seu depoimento, explicou parte de suas dificuldades:

— Lá eu estava no bufê de salada, de manhã, e depois ia pro quente. E era um querendo pisar na cabeça do outro. E era uma "focaiada", uma "brigaiada"; eu sei que todo emprego tem isso, mas eu não aceito. Você espera, e o ser humano não vale nada! Mas ali era cobra engolindo cobra! Falei: eu vou sair, é melhor sair do que ficar trabalhando com má vontade. Cozinha tem que tá trabalhando com vontade, com amor, com carinho, de coração. Aí eu falei: não é pra mim! Não era pelo dinheiro, pelo salário, eu ganhava R\$ 600,00. Tudo bem, eu tenho filha, tenho conta pra pagar, tudo bem, vamos à luta!

Foi insustentável manter-se neste trabalho. Em sua avaliação, há uma dificuldade pessoal que se explica em sua trajetória:

— Eu já trabalhei registrado: há três anos atrás, eu trabalhava lá em Salvador em uma igreja; trabalhei um ano registrado. Trabalhei em outros lugares registrado. Então, mesmo em situação de rua, já passei por alguns; meio difícil, mas já. Mas a minha questão é que, um bom tempo já, assim nessa situação, você não cria mais esse vínculo empregatício, escravizado,

então pra mim é muito difícil! Eu vou ter que passar por esse processo um bom tempo. Ainda tá novo pra mim, é recente isso, mesmo com a obrigação, tá vindo a Maria, tem a Janaína, mas aí eu tenho que batalhar e trabalhar mesmo, mas não nesse sentido.

Suas expectativas em relação ao trabalho refletem ainda, mais do que um tempo de adaptação, uma preocupação com a liberdade e com um determinado modo de vida:

— Eu estou em uma casa agora que eu pago aluguel, é diferente da moradia provisória. Eu trabalhei em um restaurante com uma carga horária muito pesada e eu saí. Então, para mim, eu acho o seguinte: a casa está boa no sentido de moradia, eu fiquei aí tanto tempo numa moradia provisória, então eu já me adaptei. Agora estou na minha casa, pago o fundo moradia, que é outro fundo, é diferente, não é o aluguel. Se eu fosse pagar o aluguel, seria um pouco maior do que o fundo. Pago água, luz, né?, eu e minha companheira. Agora no sentido do trabalho eu não estou adaptado a trabalhar. Então quer dizer, para mim, trabalhar oito horas, depois ir, sair, voltar, todo dia, de segunda a segunda, uma folga na semana... Eu sei que para qualquer um é assim, mas para mim, que tenho tanto tempo na rua, ainda não é o meu projeto. Eu acho que para mim ainda não é. Eu não consigo ficar preso a uma carteira de trabalho, ficar preso a um emprego. Eu gosto da liberdade, de trabalhar ao meu jeito, de viver do meu jeito. Não é porque eu sou preguiçoso, eu não sou. Se você visse tantas ações que eu faço, é um trabalho! Quando eu vou para a reunião, eu vou para encontros, eu vou pegar o pessoal da população de rua, eu vou fazer outros serviços, eu vou para rua, eu ando. Tem dia que eu ando mais de dez quilômetros! [...] Mas para ficar preso, todo dia, aquele serviço rotineiro [...] Para mim não dá, é preso, é trabalho escravo. Aí recebo meu salarinho no final do mês, não estou contente! É preso, é escravo, é burro, porque você bota aquela tarja, e ele tem que fazer aquela obrigação todo dia. Se você não andar naquilo, você se perde, e eu não quero isso. Então, não quero andar com o cabresto, eu quero a liberdade. E a Janaína, minha companheira, não, ela não viveu na rua; a Janaína não sabe o que é a rua, ela foi para albergue, ela tá recentemente. Então; quer dizer, ela é uma

peessoa que tem condições dessa vida, porque ela não soltou. Agora eu já não! [...] Então, pra mim, até dentro de casa tem hora que eu me sinto preso ao mundo de ilusões. Tem um sofá, tem uma cama, tem uma geladeirazinha, de chegar, e cozinhar, de assistir uma televisão. Tem hora que eu ainda não acredito que está acontecendo isso comigo. Mas aí é o destino!

Anderson ressaltou uma característica marcante de sua trajetória referida nesta reflexão sobre trabalho. Por ter vivido muito tempo na rua, desligou-se de certos modos de vida que favoreceriam sua permanência em um trabalho que exige grande disciplina, considerada por ele, viver com "cabresto". Há uma série de pessoas que se "soltaram" destes códigos sociais relacionados ao trabalho; para ele, diferentemente daqueles que não tiveram a experiência de viver na rua, o retorno é muito difícil. Este relato remete para a questão da importância do significado do trabalho. Seria o trabalho formal a saída mais adequada para uma participação no mercado de trabalho? Há uma complexidade de relações e perspectivas que precisam ser avaliadas pelas políticas sociais para a solução desta problemática.

Nessas idas e vindas, Anderson voltou aos "bicos", às Frentes de Trabalho, e novamente sua rede de relações serviu de apoio importante. Com sua experiência em culinária, produziu tomate seco e doces caseiros para venda, o que logo se difundiu entre os conhecidos dos seus "pedaços" e circuitos. Após ter saído da casa alugada e mudado para um albergue de famílias, devido aos problemas financeiros e tensões com a OAF, a produção encerrou-se por não ter mais o espaço necessário para tal atividade e por estar cada vez mais envolvido com as articulações do MNPR.

Mais do que tirar conclusões e fazer julgamentos, acredito que seja necessário atentar para essas lógicas de produção de vida e de criação de sentidos, que rompem com a ordem vigente e colocam aos serviços e aos programas da assistência diferentes desafios a serem enfrentados.

A história de Anderson parece deixar evidente que há resistências em se entregar às exigências do mercado de trabalho e às condições precárias do trabalhador (expressa no seu cotidiano de trabalho como cozinheiro), resistências que, em seu entendimento, estão associadas à insatisfação e à crítica da exploração pelo trabalho.

Castel⁵¹, quando se refere às relações, enfatizou que a desfiliação é, primeiramente, uma ruptura em relação às redes de integração primária:

[...] um primeiro desatrelamento com respeito às regulações dadas a partir do encaixe na família, na linhagem, no sistema de interdependências fundadas sobre o pertencimento comunitário. Há risco de desfiliação quando o conjunto de relações de proximidade que um indivíduo mantém a partir de sua inscrição territorial, que é também sua inscrição familiar e social, é insuficiente para reproduzir sua existência e assegurar sua proteção.

Na sua infância, Anderson foi tutelado pelo Estado, mas sua trajetória evidenciou a insuficiência daquela proteção. Ele oscilou entre momentos de maior e menor integração, em uma história continuamente ligada às instituições assistenciais. Nessa trajetória, parece ter conseguido na participação política, reforçada pela constituição de rede familiar, certa capacidade de construir fortes espaços de vinculação, ainda que fugidios e economicamente instáveis. Seria o momento de maior integração de sua

experiência vinculada à ampliação e ao fortalecimento de redes de proximidade, permitindo o fortalecimento de identidades?

Criação do MNRP e novas redes

Ainda que setores da Igreja Católica e de organizações não-governamentais (ONGs) assumam importante papel nos processos de articulação política e reivindicação de direitos, as pessoas em situação de rua têm sido, cada vez mais, as protagonistas de sua organização política. As entidades sociais destacam-se na organização anual de manifestações, de ações coletivas para chamar a atenção do poder público e da sociedade em geral para defesa e conquista de direitos fundamentais.

Diferentes atores que protagonizaram tal processo afirmaram que, durante muitos anos, a população em situação de rua reunia-se para realizar as manifestações do Dia de Luta do Povo de Rua, mas a organização coletiva desfazia-se logo em seguida. Para Anderson, a pauta de reivindicações elaborada nessas ocasiões era composta por motivações mais diretamente relacionadas à ação e ao interesse das ONGs do que à própria população. A mudança dessa situação começou a acontecer a partir de 2004, quando se tornou possível uma forma mais permanente de ação. O Fórum da População de Rua conseguiu manter a articulação de parte dessa população em torno de debates e encaminhamentos políticos, construindo e promovendo o real protagonismo da população organizada:

— Então, a partir de 2004, começamos a pedir que as organizações nos assessorassem lá atrás e que nós assumíssemos o Fórum. Então, eu comecei como coordenador geral do Fórum, nessa organicidade de

assumir mesmo o Fórum. Então, eu dei a primeira martelada. Vamos, a partir de hoje, vamos assumir. E em 2005 nós assumimos junto com as organizações, com os parceiros, o Dia de Luta do Povo da Rua. Porque a população de rua nunca assinava a carta à sociedade, nunca nós tínhamos acesso. Então, era sempre as organizações, sempre outras organicidades que assinavam. Então, o povo da rua não tinha esse papel organizado.

Momentos de destaque desta articulação foram a promoção, desde 2004, do Natal Solidário e a organização da população para a eleição, em 2005, de conselheiros para o Conselho de Monitoramento das Políticas Públicas para Pessoas em Situação de Rua (ver capítulo 3). A partir de 2005, Anderson passou a ser representante não mais do Fórum, mas do MNRP, buscando uma articulação em escala nacional para as questões da rua. Anderson avaliou o respaldo da pastoral para a organização do movimento:

— E na Pastoral a gente tem os encontros a nível nacional, a nível estadual também, os encontros aonde a gente vai discutir com os outros estados que tá acontecendo. Eu já participei de dois, três encontros da Pastoral. Vai pra Bahia, vai pro Rio de Janeiro, vai pra outro estado, pode ser mesmo aqui em São Paulo, onde vai discutir com as outras pessoas de outros estados: o social, a problemática do que tá acontecendo a nível pastoreiro. Então, o movimento da população de rua só tá surgindo muito porque é a nível pastoral. Porque a Pastoral abriu esse intercâmbio estadual, esse intercâmbio a nível nacional pra gente tá discutindo com outros estados, pagando a passagem, indo, levando o grupo, a comissão, pra tá indo, se organizando, senão a gente não teria essa interlocução, esse apoio, esse respaldo.

Anderson pertence a esta rede que se articula com maior ou menor intensidade dependendo do momento. Ocupando lugar de liderança, seu cotidiano se constitui em torno de ações que permeiam a luta política, como a participação em Fóruns, Conferências, manifestações, reuniões e todos os

processos que envolvem a articulação exigida na construção e consolidação do movimento social.

O movimento também tem se articulado com outros grupos, como o Fórum de Debates, o Fórum Centro Vivo, o Instituto Polis, o Fórum das Organizações e os movimentos de luta por moradia urbana, entre outros. Esta articulação vem ampliando os espaços de circulação e de relações de Anderson e do grupo a que pertence. Há, também, importante interlocução com o poder público na cidade de São Paulo e, mais recentemente, com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

Vale expor mais detalhadamente sua participação no Fórum de Debates*, espaço do qual também participei desde a formação, no qual se constituíram momentos privilegiados do trabalho de campo.

Nos encontros do Fórum, pude compartilhar muitas experiências com Anderson e outras lideranças desse grupo social. Entre 2005 e 2006, este foi um dos "pedaços" (como definido por Magnani¹⁹) de Anderson. Ele se deteve algum tempo na reflexão sobre este Fórum nas entrevistas realizadas, e sua avaliação auxilia a compreender um pouco da dinâmica deste espaço. Ele ressaltou a importância da criação do Fórum e os limites da relação com o movimento organizado.

* O Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua foi apresentado como "[...] um espaço de debates, estudos e de articulação entre as pessoas que utilizam os serviços, trabalham e estudam a população em situação de rua. Por ter esta dimensão, ele promove discussões em torno de estudos, de experiências concretas e de políticas sociais dentro desta temática; realiza intercâmbio entre grupos sociais; apóia a organização política da população com objetivos de democratizar conhecimentos, sensibilizar a sociedade e contribuir na luta por direitos" (Fórum⁵²).

— Porque a população de rua, nós, eu principalmente, nós estávamos precisando de um espaço deste. Espaço libertador, de liberdade. O Fórum de Debates, ele é primordial. [...] Então se cria esse Fórum pra debater as problemáticas e a política, não pra deliberar propostas, mas discutir as problemáticas. Então isso é muito importante pra nós. Se o Fórum de Debates deliberasse, aí seria mais uma tutela, porque aí taria tutelando a população de rua. Porque ele pega o problema, ajuda a esmiuçar o problema e joga pra nós deliberarmos [...].

Anderson revelou ainda que o Fórum se constituiu em espaço que esteve aberto à participação de pessoas em situação de rua. Para ele, não é comum encontrar espaços com estas características, e esta participação resultou em fortalecimento mútuo:

— E o Fórum de Debates nos ajuda a debater, a pensar. Eu acho que foi uma das melhores coisas que surgiu entre profissionais, professores, estudantes, que criaram esse Fórum. E pensar a abertura também que deram pra nós. O que seria do Fórum de Debates sem a população de rua? E o que seria da população de rua sem toda a organização do Fórum de Debates? Então a importância disso pra nós. O quanto é importante tomarmos um cafezinho juntos, debatermos juntos, discutirmos juntos, e na hora de acabar todo mundo sai dali, né?, não com mágoa um do outro, é feliz. Eu não fui lá pra magoar ninguém, e ninguém foi lá pra me magoar! Então vai cada um pro seu canto feliz. Porque a gente sabe que no próximo a gente vai encontrar com outro tema, com outro debate, com outra discussão, que não é a mesma da semana passada.

Ele se referiu, ainda, ao caráter processual na constituição de seus frequentadores:

— Então é essa formação, não é a formação de um dia pra noite, mas é formação de vários encontros, vários fóruns, que você vai debatendo, que você vai encontrando a solução de cada problema, e aí você vai se formando, e fazendo uma formação dentro de você. Poxa, eu era assim, hoje eu sou daquela maneira,

melhorei muito. O que nos faz pensar, né?, cabeças pensantes, é a formação.

Anderson acredita na construção e no fortalecimento destes espaços, em um processo de formação constante, e, mais do que isso, defende a necessidade de organização política de pessoas em situação de rua em busca de direitos. Mais do que defender, Anderson talvez acredite nesta possibilidade, e com ele há grupos que compartilham a mesma esperança ou a mesma utopia política. Neste sentido, parecem rumar na construção de identidades do movimento, categoria utilizada por Castells⁴⁵. A fim de analisar os diferentes movimentos sociais que estudou, Castells⁵³ utilizou-se da tipologia proposta por Alain Touraine, na qual os movimentos sociais são definidos pela identidade do movimento, por seus adversários e pela sua meta em âmbito social. No item 3.1 serão apresentadas algumas expressões deste movimento social.

2.2. João da Viola: música e reconstituição familiar

João, conhecido carinhosamente como João da Viola, é "cantor, compositor e analista", como costuma se apresentar, e, com seu inseparável chapéu de boiadeiro, defende e pratica a música sertaneja de raiz. Dividindo seu tempo entre a família, a música e o trabalho como carroceiro, João vive refletindo sobre a vida nas letras de suas canções e no contato pessoal, trabalhando "duro" e buscando alternativas para a expressão de sua arte e para ser reconhecido como artista.

Ao reconstituir sua história, procuro mostrar diversos momentos de ruptura que culminaram na chegada à situação de rua, o apoio das redes de assistência e como a possibilidade de reconstituir família foi essencial para que reorganizasse seu cotidiano, afastando-se do circuito de assistência. A família e a participação em circuitos ligados à música são elementos fundamentais na construção de pertencimento e de redes de interdependência.

Histórias de João

João nasceu em Getulina, cidade do Interior do estado de São Paulo, onde passou a infância. Estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental e passou a ajudar seu pai no trabalho da roça. Aos 12 anos, ganhou uma viola e aprendeu a tocar com a ajuda do vizinho Pedro Bandola, o que permitiu que criasse uma alternativa diferente ao trabalho na roça. As histórias com a viola são muitas e muito importantes na trajetória de João. Foi sempre através da música que falou de sua trajetória e fez reflexões sobre sua vida.

No trecho de entrevista a seguir, João contou como começou a aprender a tocar e entrou para o circuito de violeiros de sua região*.

— Eu estudei até o terceiro ano escolar. Aí, quando eu cheguei no terceiro ano escolar, foi o tempo que o meu pai saiu da Marinha, ele era comandante geral do navio Raul Soares. Aí ele foi pra roça. Foi pra roça mexer com negócio de carpa. Carpir café, aquelas coisa, passar veneno, trabalhar pra fazendeiro, sabe? Um dia, isso eu tava com 9 pra 10 anos, cheguei, era um dia de manhã cedo, falei: olha, é o seguinte, vocês querem ficar trabalhando pra fazendeiro, vocês fica, porque eu não! Ele perguntou: e pra onde você vai? Eu falei: eu! Vou

* Como João gosta de contar histórias e lembra de muitos detalhes de alguns eventos, optei por inserir trechos longos de sua narrativa para que o leitor não perca esta interessante característica do narrador.

procurar o que é melhor pra mim! Aí foi o tempo que eu arrumei essa violinha que eu falei pra você. De dez cordas. É uma violinha antiga! Ganhei do saudoso Laudo Natel, que era governador de São Paulo na época. Foi em 68 isso aí. Aí eu comecei a brincar, mas eu num sabia nem como eu afinava. Nunca tinha pegado, mas tinha vocação! Aí comecei a pegar, e perto de casa, então, tinha um senhor, um senhor muito bom, ele! Até ele deve tá mais ou menos, porque ele tá vivo ainda! Ele deve ter mais ou menos uma média de uns 87 pra 90 anos. O nome dele é Pedro Bandola, por causa que ele tocava tudo que era instrumento. Era viola, era violão, sanfona, tudo que você jogasse na mão dele! Cavaquinho, bandolim! Aí ele se interessou me ajudar. Ele falou: olha, você quer aprender? [...] Olha, vou te dar uma instrução, o resto você aprende por sua conta própria. Eu falei: tá bom, só isso daí já é uma grande ajuda. Aí, quando foi um dia de tarde, ele falou: traz sua violinha pra mim ver. A minha era uma "cravinha de pau", igual àquela quando o Cacique e Pajé [nomes dos integrantes de uma dupla de cantores de música caipira] começou. Fui lá, levei, e ele falou: rapaz! Essa violinha é muito boa! E de fato não era ruim mesmo, era boa. Aí o que aconteceu? Ele afinou, já me falou o nome da afinação que tava, e eu falei: seu Pedro, será que eu aprendo? Ele falou: aprende! Oh! Ninguém nasceu pra ser burro! Essa foi a resposta que ele me deu. Essa num é resposta, já é uma chapada na gente! Já me deu um toque, e quis dizer: só não aprende quem num quer, não é? [...] Aí, teve um dia que o Flanela — é um rapaz que trabalhava num circo, e o trabalho dele era jogar faca, fazer treinamento musculatura, e dedicatória a músicas também. E o cunhado dele era o Zé Carrero que era cunhado do Tião Carrero*. E eu num sabia. Aí, um dia, tô em casa, subiro os dois lá em casa. Falou: Joãozinho, eu trouxe uma pessoa aqui. Ele pode chegar em sua casa? Eu falei: é gente? Ele falou: é claro que é! Eu nem sabia quem era o homem! Aí encostaram lá perto de casa, lá embaixo do pé de abacate. Aí nós começemo a brincar por ali, e tal. Depois que fizemo todos trabalho que tinha pra fazer, aí ele falou assim pra mim: você sabe quem é esse rapaz aí? Eu falei: não, tô vendo ele agora. Ele falou: este aqui é o Zé Carrero! É meu cunhado e é cunhado do Tião Carrero também [...] Aí eu

* Violeiro de destaque no circuito da música caipira, inventor do pagode caipira. Para mais informações, cf. Nepomuceno⁵⁴. Esta autora dedicou um capítulo deste livro para falar da historia do músico.

comecei a me entrosar, comecei a fazer as coisa, tava sempre de olho. Aí eu fui gostando.

Foi assim, então, que entrou para o circuito de violeiros de sua região e encontrou seu primeiro e principal parceiro na música: Pescador. Segundo João, ele foi muito mais que um parceiro: "— Ele era eu, eu era ele! Vamo por assim, é mais fácil de vocês entenderem." A dupla começou a tocar na Rádio Clube de Marília, no programa do Nhô Constâncio, onde foram batizados de Pescador e Montreal. Começaram, então, a ser chamados para outros programas de rádio e para fazer apresentações em circos pelas cidades do Interior paulista e depois por outros estados, o que gerou retorno financeiro. Foram oito LPs gravados pela gravadora Continental.

João também trabalhou na roça, acompanhou Pescador no seu trabalho como carreteiro e em algumas empresas, realizando trabalhos de mão-de-obra não especializada, como o de ajudante geral. Para ele, esses trabalhos nunca deram certo, porque o que sabe fazer é ser violeiro: "— [...] Meu único trabalho, que eu faço completamente e sei e dô conta do recado, é uma viola no peito, uma letra bem escrita e cantar! Isto aí ninguém me desafia, porque eu sei fazer mesmo."

Morou em Jafa, Marília e Bauru, cidades do Interior de São Paulo, sempre movido pelas oportunidades de trabalho. Casou-se com cerca de 20 anos e teve quatro filhos neste casamento.

Momentos de ruptura e novas redes

João narrou uma série de eventos, os quais contribuíram para que sua vida se desequilibrasse e que culminaram com sua chegada à cidade de São

Paulo, já em situação de rua. Ele se decepcionou ao descobrir que estava sendo traído pela esposa; seguiu-se um divórcio não amigável, envolvendo um processo jurídico. Nessa época, segundo ele, "[...] minha ex-mulher tirou até meu couro!" Alguns anos após a separação, uma tragédia imensa, lembrada até hoje com muito sofrimento, desestruturou amplamente sua vida. Em viagem para fazer uma apresentação na Baixada Santista, seu parceiro, Pescador, faleceu em violento acidente de carro. A viola que usava e os discos que lançou estão cuidadosamente guardados com sua família em Bauru. O acontecimento, narrado por João com todos os detalhes, e o sofrimento que sente ainda hoje pela perda do companheiro transformaram-se em uma canção que chamou de *Estrada Cumprida*, cuja letra é a seguinte:

É uma estrada cumprida
Toda cheia de amargura
A gente para ser bem
Uza jogo de cintura

Isso é um metabolismismo
Cuidado não si maxucar
Se quiser andar direito
Que ande mais divagar

Agente é uma ponte pença
Todo mundo quer passar
O dia que a ponte cair
So pueira alevantar

Nos vivemos no fracasso
Não temos o que ganhar
So governo não olhar
Mais miseria vai chegar

A dupla, segundo João, não tinha parada, por isso *Estrada Cumprida*. Seu parceiro, porém, abusou da sorte, ao dirigir cansado, "pernoitado de sono", como disse João, e não agüentou a viagem. João perdeu a vontade de tocar e

cantar. A viola era motivo de lembrança da perda. Além disso, a esposa do parceiro proibiu que as músicas fossem novamente transmitidas pelo rádio.

Alguns anos depois, o pai de João ficou muito doente e faleceu. As sucessivas perdas o deixaram sem rumo. Perdeu a esperança, perdeu a vontade de cantar. Além disso, acumulou dívidas com os eventos, e avaliou que foi prejudicado com o plano econômico da gestão do presidente Collor.

— [...] Por que eu estou na sarjeta? Agora eu lhe pergunto, por quê? Por causa disso. Se isso aí [Plano Collor] não tivesse acontecido, eu não estava nessa vida, não! Gastei com gravadora, gastei com morte de companheiro, gastei com doença do meu pai, a metade passaram a mão, e eu fiquei nessa, nas águas da saudade. Fiquei nas águas da saudade, dançando a vida maluca, mas eu estou na esperança que uma hora eu torno a levantar.

Para chegar a São Paulo, João caminhou desde Bauru, cidade em que atualmente mora a sua família (irmã e sobrinhos).

— Foi dia 8 de janeiro de 1999 que cheguei em São Paulo. Saí dia 2 de janeiro de Bauru, a pé! Gastei esse tanto de dia! Mas eu cheguei aqui em São Paulo. Num sei como, mas eu sei que eu cheguei! [...] Cheguei parecendo um pelegrino, sabe que é um pelegrino? Cara de pé no chão, nove filho, mal-acabado, mal-intencionado, tudo que você pensar era.

A cidade de São Paulo parecia oferecer mais oportunidades de trabalho em relação à música. Havia tempos, não conseguia novos parceiros nem gravadora ou qualquer tipo de apoio. Incomodava-se em ficar na casa da família, sem trabalho e sem rendimentos, e acreditava que, em São Paulo, poderia ampliar as possibilidades de contatos e receber mais ajuda. Além disso, ainda se sentia desconfortável para voltar a tocar, devido às lembranças da perda de Pescador.

Viveu em albergues, nas ruas, e foi através do apoio de Ivete, religiosa que trabalha na OAF, a qual chama de "comunidade da Ivete", que voltou a tocar viola. João contou que, assim que chegou à comunidade, Ivete logo lhe disse que precisava de um violeiro, e assim comprou uma viola para tocar. Passou a integrar projetos ligados à instituição. Houve momentos em que seu cotidiano estava quase todo organizado em torno das ofertas institucionais. Viajava com a OAF para participar de eventos por vários lugares do Brasil. João reconheceu que o incentivo dos trabalhadores e usuários do serviço o ajudou a superar a dificuldade em voltar a tocar viola. Encontrou um novo parceiro, que conheceu no Albergue Arsenal da Esperança, e desde 2000 os dois passaram a tocar juntos, formando a dupla Mirassol e Montreal. Desentendeu-se com a OAF, pois avaliou que seu trabalho como músico estava sendo desvalorizado e que sua imagem estava sendo usada "somente para levantar o nome da instituição". Voltou a dormir em albergues e chegou a morar na rua novamente.

Em todo esse tempo, não parou de compor. Conseguiu gravar dois CDs com seu parceiro, apoiado por voluntários da AMRMC, por técnicos, por outros usuários dos serviços, e investindo boa parte do dinheiro que ganhava em sua música,

Em 2003, sua trajetória tomou um rumo muito diferente, depois que seu parceiro de música foi morar em outra cidade e João começou um relacionamento afetivo. O cenário do encontro — narrado com muitos detalhes — foi a Casa de Oração do Povo de Rua. A nova família que se formou (João, sua nova companheira e sua filha) mudou-se para Bauru às

pressas, fugindo de um ex-namorado de sua companheira, que o ameaçava de morte. Foram, então, morar na casa da mãe de João.

Em Bauru, João começou a trabalhar como catador de materiais recicláveis. Com o rendimento, contribuía com as despesas da casa. Além disso, com o que conseguiu guardar, produziu dois CDs, desta vez cantando sozinho. O abalo da perda do companheiro foi sentido, mas João continuou a cantar. Resolveu tentar sem companhia, pois já estava cansado de procurar parceiros que quisessem trabalhar com ele.

Após um ano morando com a mãe, conseguiu trabalho como caseiro em uma fazenda na cidade de Fernão, próxima a Bauru. A expectativa inicial com este trabalho foi muito positiva: ele acreditava que, desta vez, poderia se fixar na região, manter-se nesta casa com a família e continuar investindo na sua música. Mas o trabalho era excessivo e a remuneração muito baixa. João queixava-se principalmente do desgaste das mãos, pois perdia a sensibilidade para a viola. Chegou a passar fome, durante uma fase em que seu patrão deixou de pagar sua remuneração por algumas semanas.

João resolveu voltar para a casa de sua mãe em Bauru e voltou a trabalhar com reciclagem, até conseguir juntar o necessário para comprar as passagens de ônibus para retornar a São Paulo. Mais uma vez, decidia voltar para onde acreditava ter mais oportunidades.

Ao chegar a São Paulo, reestruturou-se rapidamente, pois na região do Glicério já havia uma rede que poderia contribuir nesta fase. Procurou o Albergue São Francisco, naquela região, onde já era conhecido, e conseguiu

vaga para ele, sua companheira e a filha. Ficou por dois meses e resolveu sair, com a seguinte avaliação:

— Não gostei pelo seguinte: não é um prato pra mim. Eu gosto da minha liberdade, do meu viver, da minha sabedoria, da minha inteligência, daquela pessoa que eu sou. Gosto de conversar com todo mundo, gosto de sair, não tenho pressa pra voltar. Isso num existe.

Passou cerca de dez dias na rua até conseguir uma outra oportunidade de moradia. Logo depois, sua companheira conseguiu trabalho em um restaurante da região, cujos donos conheciam João. Alugaram um quarto e conseguiram vaga na creche por meio de encaminhamento dos assistentes sociais do albergue. João passou a integrar a Recifran, cooperativa de catadores coordenada pela mesma entidade responsável pelo albergue que freqüentava. Trabalhou como catador no local por cerca de cinco meses; depois, resolveu trabalhar como autônomo. Na cooperativa, não concordava em tirar dinheiro do seu lucro e contribuir com o grupo, pois acreditava que, nessas condições, estava sendo explorado.

Fora da cooperativa, recebeu apoio de antigos amigos que conheceu na AMRMC e que lhe emprestaram uma carroça por algum tempo; desta forma, conseguiu comprar sua própria carroça. Desde então, mantém-se neste trabalho. A família aumentou em 2006, com a chegada de Éric.

Desde que chegaram a São Paulo, João e a família mudaram-se de casa diversas vezes (ver Quadro 3, na página seguinte), em busca de melhores condições — como espaço para guardar a carroça em segurança, por exemplo. Estas moradias, porém, oferecem condições precárias, insalubres e têm aluguel de valor alto. Para fugir do custo do aluguel e das

condições de moradia a que vem se sujeitando, a família tem guardado dinheiro para comprar um terreno no litoral paulista.

Quadro 3: Tipos de moradia utilizados por João entre 2003 e 2007

Ano	Tipo de moradia	Bairro	Período aproximado	Custo aproximado
2003	Albergue	Glicério	Dois meses	Gratuito
2003	Rua	Glicério	Quinze dias	—
2003-2004	Quarto alugado	Glicério	Oito meses	R\$ 290,00
2004-2005	Quarto alugado	Parque D. Pedro	Um ano e meio	R\$ 200,00
2006	Quarto nos fundos do restaurante	Glicério	Dez meses	Em troca do trabalho no restaurante
2006-2007	Ocupação	Mooca	Cinco meses	—
2007	Quarto alugado	Parque D. Pedro	Desde junho	R\$ 200,00

Um dia no trabalho como catador

Um dos eventos do trabalho de campo foi acompanhar João em um dia de trabalho como catador de materiais recicláveis. Por quatro anos, esta tinha sido a atividade que o sustenta, com uma renda mensal que girava em torno de R\$ 800,00 a R\$ 1.000,00. Seu itinerário iniciava-se às 4h, mas, devido à minha presença e à de duas estagiárias de terapia ocupacional, iniciamos às 6h. Partimos de sua moradia, no Parque D. Pedro, e seguimos pelos bairros do Glicério e do Cambuci, retornando pela Mooca (bairros do centro e do centro expandido da cidade).

João recolheu diversos sacos de lixo em que verificava se havia algum material reciclável, como papel (inclusive papel higiênico), papelão, alumínio, ferro e plástico. Logo no início do percurso, outro catador reclamou que João havia invadido sua área, mas a tensão se desfez rapidamente, pois João concordou em devolver o material; afinal, isso não foi necessário: o outro catador disse que era só um aviso. A disputa de espaço entre catadores, o peso da carga da carroça, o perigo do trânsito e a possibilidade de contaminação com o lixo são algumas das dificuldades enfrentadas nesse cotidiano (cf. Couto⁵⁵). A carroça, equipada com vassoura, sacos de lixo e placas que refletem a luz à noite, logo encheu. Paramos em uma praça no Cambuci, embaixo de uma grande árvore, para que João fizesse a separação do material, enquanto contava muitas histórias sobre seu passado e, principalmente, a música. A escolha do local de separação é importante para João. Tem que ser um local calmo, pois em todos os momentos aproveita para observar as pessoas e pensar.

— A gente precisa de muita paz, e a meditação. Porque não adianta nada a gente fazer alguma coisa com o calor do cérebro revoltado. Isso num vira nada. Que tudo que a gente faz fica em vão. Então, você tem que fazer uma coisa consciente, com amor, com perfeição, pra todo mundo entender que você é uma pessoa, uma pessoa concreta, honesta, sabe o que é viver.

E foi desta forma que observamos o trabalho de João, deixando tudo organizado da maneira como encontrava. Após separar todo o material, juntou em um saco de lixo o que não servia para reciclagem, deixando a praça limpa. A separação de papel branco misturado (papel higiênico e outros) foi o processo mais demorado e o mais rentável neste dia de

trabalho. Cerca de seis horas de trabalho renderam R\$ 20,00 (R\$ 14,00 provenientes da venda do papel higiênico).

No caminho, João conversou com garis, outros catadores e seguranças de empresas, e pudemos acompanhar momentos de trocas solidárias. Ao repetir o mesmo itinerário, fica conhecido, passa a ser respeitado e consegue, além do material reciclado que algumas pessoas guardam para ele, falar de sua música e vender alguns CDs.

Todos os dias, depois de vender os materiais coletados, João volta para casa, toma banho, faz a limpeza das unhas, almoça e descansa. Quando está disposto ou precisando aumentar o faturamento, faz uma viagem noturna também.

Apesar de conhecer diversas cooperativas de catadores, João prefere trabalhar sozinho. Fez muitas críticas ao trabalho de entidades sociais e à forma de funcionamento das cooperativas. Quando questionado sobre a possibilidade de ingressar em uma cooperativa, argumentou: "— E eu vou ficar sustentando barrigudo?" Referia-se à experiência que tivera e ao quanto se incomodava de repassar parte de seu rendimento para a cooperativa sem encontrar sentido para isso.

Apesar dos avanços que os catadores organizados têm conseguido em defesa de seus direitos e por melhores condições de trabalho, João faz parte de um grupo que não aderiu a esta forma de funcionamento. Este grupo representa um desafio a ser enfrentado, e a opção de João merece ser considerada: que outras formas de organização poderiam ser pensadas em

relação aos catadores que não se vinculam às cooperativas e/ou ao movimento social organizado?

João da Viola e o universo da música caipira

O conhecimento de João sobre a música sertaneja e seus ensinamentos motivaram-me a buscar mais informações sobre o tema, o que contribuiu para nosso diálogo. Embora este não se trate de um estudo sobre tal gênero musical, considero importante alguns apontamentos, ainda que superficiais, sobre suas reflexões e produções e o universo da música sertaneja brasileira expressa por alguns pesquisadores que se ocuparam do assunto.

Segundo Caldas⁵⁶, a música caipira tem suas origens nas diferentes manifestações culturais dos povos que formaram a sociedade brasileira. Assim, as transformações de ritmos, danças e canções africanas, indígenas e européias deram origem à música caipira. O autor faz distinção entre música caipira e música sertaneja. A primeira estaria ligada aos rituais religiosos e de trabalho de comunidades rurais, e sua função principal seria de facilitar as relações sociais entre a comunidade. A música sertaneja, por sua vez, estaria associada a um produto que objetiva o lucro, sofrendo transformações nos seus componentes formais, nos instrumentos utilizados, na temática e no tempo de duração.

Para João da Viola, é importante distinguir a música que produz, a qual define como música sertaneja de raiz, e que se produz hoje na indústria cultural, que critica enfaticamente. A música sertaneja autêntica é feita com a

viola e o violão, os quais são como um casal, e não tem mistura de nenhum outro instrumento musical:

— Quando ele é um sertanejo nato, aonde existe uma viola e um violão num entra outro instrumento, porque não cabe. Por exemplo: uma viola não entra em samba, uma viola não entra nesses pagode que eles falam por aí, porque isso aí num é pagode, isso aí é batucada! Pagode que eu sei é tirado das corda da viola, das dez cordas. Começa solado debaixo até em cima. Aí é um pagode. Então essa turma, como eles num acharam nome pra por nesses tipo de música, eles falam que é pagode. Não tem nada a ver com pagode! [...] pra dizer sertanejo, o cara tem que ter orgulho, o cara tem que ter muita alta sensibilidade pra falar eu sou um sertanejo nato! Verde e amarelo! Aí eu tiro meu chapéu pra qualquer um! Sertanejo nato você reconhece porque é tirado duma viola e de um violão. É puro, sem mistura. Já misturou, não é mais. Por exemplo, essas músicas que agora tá saindo aí no rádio, isso num tem nada a ver com sertanejo!

João opta por defender este estilo musical, opção que o coloca longe da direção das grandes gravadoras e do mercado da música. Porém, reafirma seu valor a todo o momento, respondendo às críticas de "atrasado" e "fora de moda", referentes à música sertaneja de raiz. Para Caldas⁵⁶, houve uma cisão na música sertaneja a partir de 1970, com a introdução de instrumentos elétricos e a incorporação da imagem do caubói norte-americano por duplas sertanejas. João compartilha essa análise, em tom de crítica:

— Esses dois, Rio Negro e Solimões, nunca vi sertanejo nesses caras. Sertanejo eles foram até 1972, foram; de lá pra cá, viraram a mesa de ponta-cabeça! Essa mistura aconteceu porque o Xitãozinho e Xororó inventô de fazer um evento lá pro lado dos Estados Unidos e viu as coisas meio diferente e chegou aqui com a casaca virada. Eles achou que só o som da viola e do violão não tava sendo o suficiente. Aí começou a orquestra: teclado, piano, cavaquinho, surdo, bateria, sabe, e inventou aquela salada. Aí foi onde começou a surgir

essas coiseira aí, e diz que é música sertaneja! Tá enganando os coitado. Devia ser mais profissional, né?

Nepomuceno⁵⁷ trabalhou com depoimentos de diversos nomes da música caipira, como Rolando Boldrin*, que, como João, aumenta o coro dos que defendem a música-raiz — "Modernizar não é você pegar uma música americana e chupar os arranjos, pegar a mexicana e mudar e botar a letra em português. A gente tem que modernizar o que é da gente" — ou o produtor musical José Carlos Botezelli — "É certo que mudou muita coisa, o caipira não é mais caipira, as cidades pequenas cresceram. Mas, por isso, você se esquece de falar seu idioma? Esquece o perfume do campo? Não, isso é nossa memória e não podemos perdê-la". Caldas⁵⁶ resume que há duas alas: a "saudosista", que mantém as formas estruturais da música sertaneja (melodia e poesia), e o "grupo moderno", que incorporou uma série de instrumentos musicais (guitarra e bateria, entre outros). Se há dois lados, é com a primeira ala que João se identifica.

João observa, compõe, treina, grava fitas para demonstrar seu trabalho, faz shows no circuito das instituições de assistência à população em situação de rua, em eventos ligados a movimentos sociais e, mais recentemente, é presença garantida no Espaço Cultural do Zé**, onde se encontra público fiel para música de raiz. E, como muitos outros artistas, investe em produções independentes e vem buscando espaços onde sua

* Cantor, compositor e apresentador de programas de televisão: *Som Brasil*, na Rede Globo, e, atualmente, *Sr. Brasil* na TV Cultura, ambos dedicados à música caipira.

** A cada 15 dias, em um bar próximo à sede da revista OCAS, acontece um sarau com presença de diversos artistas, que apresentam diferentes formas de expressão artística. O sarau recebe apoio da OCAS.

música possa ser valorizada. Seu CD mais recente, *Os Reis do Sertão*, foi produzido pela Rede Rua de Comunicação e é vendido por ele e seu parceiro a R\$ 10,00.

Não poderia deixar de falar, mesmo que brevemente, da viola. É o instrumento tocado por João e, em companhia de sua paixão e respeito por ele, assim como de suas narrativas, poderia dedicar um capítulo ao tema. Por hora, escolhi um trecho de entrevista em que João descreveu sua importância:

— A minha viola, porque é a minha companheira de toda hora. Nas horas da tristeza, nas horas de choro, nas hora de sufoco, é onde que eu desimbarço essas palavras todinhas, é pelas cordas da viola. Eu acho música onde que ela tá — a própria viola te leva você aonde tá a música, você num precisa nem procurar! [...] eu toco viola por quê? Porque ela me serve, ela é minha vida. É minha vida! Sem a viola, eu sou um João-ninguém qualquer!

Para João, o artista tem uma função social de extrema importância. Além de querer demonstrar seu talento, ponderou que a música é "[...] um mundo de alegria que se leva as palavras de harmonia para que muitos que têm a tristeza e quer receber alegria. Então a música é transmissão de vida, de ânimo".

Castro⁵⁸ — que vem trabalhando na interface entre terapia ocupacional, saúde e cultura — contribui com sua análise:

Arte e corpo são fenômenos que na nossa época podem auxiliar na compreensão do ser e estar no mundo com os outros e no encontro de um sentido para a própria existência. O artista, consciente e inconscientemente, dá forma à natureza e aos valores de sua época que, por sua vez, são responsáveis pela sua formação.

João também tem grande expectativa em transmitir seus conhecimentos ao filho mais novo:

— E agora a gente tem um futuro muito grande na vida, que é um filho [...] quando ele pegar mais ou menos uns 5 ou 6 anos, eu vou começar a ensinar ele a fazer alguma coisa. Vai tocar uma viola. Vai pegar a caneta. Como se pega uma caneta na mão. Como que se comunica, ou sei lá, qual é o instrumento que vai pegar, tudo tem comunicação, sabia? Tudo isso aí eu vou ensinar. Como ele chegar também, aproximar das pessoas, o que são as pessoas, o que ele é. Num importa, importa é que seja um cidadão.

E, assim, João vai deixando a sua contribuição no mundo, preocupado com que seus pensamentos, observações e análises fiquem registrados.

2.3 Pedro: religiosidade, trabalho e retorno à convivência familiar

Nascido em São Paulo, porém com acentuado sotaque baiano, Pedro costuma vestir-se com uniforme de motorista de ônibus e contar muitas histórias sobre a sua vida, na perspectiva de que seus interlocutores aprendam com as suas "cabeçadas", como diz, e com os ensinamentos religiosos que transmite quando tem oportunidade. Apresenta-se como ex-morador de rua e ex-mendigo que, com a religiosidade aliada ao apoio da rede de serviços sociais, conseguiu retornar ao convívio familiar e ao trabalho, mantendo-se abstinente do consumo de álcool e outras drogas.

A relação entre religiosidade e processos de cura forma uma interface interessante para a análise desta trajetória. O tema é complexo. Sanchez e Nappo⁵⁹ realizaram uma revisão da literatura científica (trabalhos indexados nas bases de dados PubMed e Scielo entre 1976 e 2006) sobre a

religiosidade e a espiritualidade como fatores de proteção do consumo de drogas e concluíram:

a freqüência constante a uma igreja, a prática dos conceitos propostos por uma religião e a importância dada à religião e à educação religiosa na infância são possíveis fatores protetores do consumo de drogas. Verifica-se também uma possível influência positiva da religiosidade para a recuperação dos dependentes de drogas. Nesse quesito, a maior parte dos estudos foca tratamentos baseados nos 12 passos dos AA, estando estes alicerçados na espiritualidade, mas não pautados em uma religiosidade específica. No que diz respeito aos "tratamentos religiosos" para a dependência de drogas, poucos estudos científicos têm avaliado esse tipo de intervenção, mesmo sabendo-se que, no Brasil, a cada dia proliferam as igrejas protestantes que se oferecem para curar a dependência de drogas dos seus novos adeptos.

Há, segundo as autoras, um campo aberto de investigação, pois a quase totalidade das pesquisas encontradas são quantitativas, e a exploração do tema no contexto brasileiro poderia trazer novas contribuições à saúde pública, haja vista a forte influência das religiões em processos assistenciais.

Na discussão da trajetória de Pedro, a análise da religiosidade é elemento fundamental para a releitura da sua história de rua. A participação na Igreja Adventista do Sétimo Dia, a inserção no trabalho como motorista de carros pesados, o retorno ao convívio familiar, a participação na dinâmica da Praça da Sé, o recurso aos serviços da assistência social (como albergues, "bocas de rango" e casas de convivência) mostraram uma complexa rede de trocas e de possibilidades distintas de construção de redes de interdependência, caracterizando movimentos opostos à desfiliação.

De Capão Redondo à Praça da Sé

Pedro está com 43 anos de idade. Ele morou com a família na região de Capão Redondo, bairro da periferia de São Paulo, até seus 30 anos. Parou de estudar aos 14 anos, após uma série de fracassos na escola, mas concluiu a 4ª série do Ensino Fundamental. Conta que começou a trabalhar como ajudante em feiras livres do seu bairro, pois precisava contribuir com a renda familiar, e aos 18 anos ingressou na atividade de carreteiro. As constantes viagens favoreceram seu distanciamento da família, assim como as brigas freqüentes entre seus pais, que acabaram optando pela separação. Nesse movimento, o consumo de álcool, presente desde a sua adolescência, passou a ser excessivo, prejudicando o desempenho no trabalho, as relações familiares e as amizades.

— Estou com 43 anos e faz mais ou menos dez anos que fui pra rua. Antes disso, sempre morei com a minha família. Morava com a minha família até que um dia minha mãe se separou do meu pai, e aí eu fiquei morando com meu pai, e ele me botou pra fora de casa. Eu já era velho, tinha uns 30 ou 33 anos quando ele me botou pra fora, porque eu bebia muito. Aí, cheguei lá em casa meio alcoolizado e falando alto pra caramba, aí ele pegou minhas roupas e jogou do portão pra fora. Aí, fui morar com a minha irmã. Aí, não chegou a fazer dez dias, me botou pra fora também. Aí fui morar na casa dum colega, que hoje é finado, aí o colega me botou pra fora também. Aí, vim conhecer aqui, a Praça da Sé. Descobri o que é albergue, morei, dormi nesses bancos da Praça, dormi debaixo dos viadutos. Albergue eu fui em todos!

Sem renda e com dificuldade nas relações familiares, Pedro passou a dormir em hotéis. Quando seu dinheiro acabou, passou a dormir na rua e durante anos desligou-se da família. Em seus relatos estão sempre presentes inúmeras histórias e referências à experiência nas ruas e nos

albergues. Nas narrativas, muitas são as contradições que se evidenciam, principalmente quanto ao período em que saiu de sua casa e permaneceu dormindo nas ruas e transitando por albergues. Alguns episódios são narrados com detalhes e outros são fragmentos dessa trajetória.

A trajetória de Pedro e seus trajetos pela cidade levam para um espaço muito conhecido no cenário paulistano: a Praça da Sé. Magnani¹⁷, ao estudar o lazer no centro de São Paulo, deparou-se com diferentes usos e apropriações do espaço urbano, os quais, segundo o autor, são significados ou ressignificados por práticas sociais. Desloquei-me então para compreender algumas dessas práticas e a relação de Pedro com elas, circunscritas a determinado espaço, visível na geografia da cidade. A Praça da Sé foi o principal ponto de encontro para a realização de entrevistas e visitas para conhecer sua dinâmica.

A Praça da Sé é espaço de vivência de pessoas em situação de rua, adultos e crianças, tanto aqueles que constroem seu espaço para dormir, como aqueles que passam o dia neste espaço, geralmente beneficiando-se das relações que é possível estabelecer com a dinâmica da Praça.

Pedro tornou-se um conhecedor deste espaço e sua forma de utilizá-lo foi se transformando com o tempo. Foi lá que conheceu Maciel, artista de circo que realiza exposições e vende produtos para a saúde. Trabalhou como seu auxiliar na segurança, venda dos produtos e coleta de doações, recebendo para isso uma contribuição financeira que variava de acordo com a arrecadação. Após alguns anos sem trabalhar, seu conhecimento sobre a praça, sua dinâmica e personagens, inclusive os policiais, renderam-lhe uma

oportunidade de trabalho. Diversos artistas de rua apresentam-se ali, e esta riqueza cultural é vista por ele e por outros freqüentadores como uma possibilidade de entretenimento importante. A praça é também espaço para buscar oportunidades, não só no campo artístico e cultural: os engraxates, o cabeleireiro e os vendedores da "feira do rolo" compõem o circuito daqueles que se beneficiam do movimento da praça para vender serviços ou produtos. Quando Pedro está financeiramente mais estável, também se utiliza deles a um custo bem acessível em seu entendimento.

A Praça também é palco de debates religiosos. Em frente à Catedral da Sé, muitos pregadores valem-se do espaço para divulgar sua fé. Pedro freqüentou-os e teceu diversas críticas, principalmente ao que chamou de roda dos crentes.

— Tem uns crentes lá que usam o nome de Deus pra ganhar dinheiro. A maior patifaria! E das grandes ainda! A polícia tem que meter a borracha! O que é isso?! Eu falo assim de boca cheia!

A crítica enfática a outras religiões compôs muitos momentos das entrevistas e muitas das cenas que compartilhamos, mostrando, geralmente, o contraponto de suas experiências com a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Foi na Praça da Sé que um adventista o abordou. Este momento marcou o início do processo que designou como "transformação". Pedro demorou-se na descrição minuciosa deste acontecimento. A seguir, um trecho desta narrativa.

— E aquele negócio... A minha vida, eu estava cada vez mais andando que nem caranguejo: pra trás. Mentiras e mais mentiras, mentiras em cima de mentiras, álcool e mais álcool, crack e mais crack, e por essa linha afora. Aí até que, num belo dum sábado...

Não neste banco aqui, naquele banco lá de cima, o último banco. Eu estava dormindo, quando de repente uma pessoa, uma voz meiga e suave, chegou no meu ouvido e falou: Jesus te ama! Aí deixou um folheto na minha mão. [...] Eu abri o folheto e estava escrito assim: vi novo céu e nova terra, vi a cidade santa descendo da parte de Deus, ataviada com seu noivo, adornada pra sua noiva. E o mal já não existirá e Deus enxugará de todas as suas lágrimas. E a morte já não existirá. Li assim, essas frases bonitas, e atrás estava escrito assim: Jesus te ama e Ele tem um plano na sua vida! Nossos queridos irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Peguei aquele folheto, coloquei no bolso, aí tinha o carimbo da igreja, aqui na Rua Taguá, na Liberdade, próximo à estação do metrô Liberdade. Aí eu falei: vamos ver se essas igrejas de crente são boa mesmo?

Diferentes redes e apoios, além da lasd, foram citados neste percurso.

Pretendo, a seguir, reconstituir resumidamente esta trajetória.

Espaços e redes na experiência de Pedro

A relação de Pedro com a rede de serviços da assistência foi marcada pela presença em albergues. Ao refletir sobre a sua história, Pedro associou tais serviços à possibilidade de abster-se do álcool e drogas. Por diversas vezes, ao falar de sua participação em albergues, utilizou a expressão "me botaram pra fora", mostrando as dificuldades que teve para permanecer nestas instituições. A rotatividade e o não acolhimento pela falta de adaptação às regras foram dois pontos que chamaram a atenção na suas reflexões sobre estes serviços. Na sua leitura, os serviços puderam acolhê-lo na medida em que conseguiu controlar o consumo do álcool.

Nesse tempo todo, o albergue que eu fiquei mais tempo foi o Lígia. Instituto Lígia Jardim. Inclusive eu passei duas vezes nele. Fiquei dois meses e meio a primeira vez e da segunda vez eu fiquei uns 15 dias, e nos outros

eu ficava menos por causa de pinga. Eu bebia muito, aí bagunçava e eles me mandavam embora. Quando eu fui pro Ligia, eu estava sem beber, porque se chegasse bêbado eles botavam pra fora também. Quando fui pro Lígia, já tinha voltado pra igreja. Tive um deslize, uma recaída, mas aí me recuperei.

Durante o trabalho de campo, foi possível perceber que Pedro tinha um profundo conhecimento da rede de serviços da assistência e movimentava-se dentro deste circuito de acordo com as possibilidades oferecidas e as suas necessidades. Avaliações sobre serviços e trocas de informações foram muito constantes nos encontros que aconteceram no trabalho de campo com outros participantes deste circuito. Um destes encontros, que ocorreu em um bar de comida nordestina na Praça da Sé, rendeu uma história.

— Deixa eu contar um caso. Cheguei lá no albergue do Arsenal da Esperança, aí estava aquela extensão de gente, mais de cem metros de fila. O albergue, afinal de contas, seria um dos mais luxentos da cidade de São Paulo, um albergue grande. Aí estava aquela extensão de gente, aí chega, na entrada estava o policial a paisana, né? Esse aqui [Mineiro] chegou, e eu estava lá na fila do albergue Arsenal, eu tinha até pegado um pernoite, não é? Aí estava esse aqui na fila, triste, tadinho! Um frio danado. E lá tem muito policial reformado! Você chegou assim meio bêbado, já não deixa entrar. E lá é comida boa e tudo, né? Aí um monitor chegou pra um cara, aí: vem cá, aguarda aqui. E o monitor era polícia e estava à paisana. Aí pegou ele pelo braço e falou: aguarda aqui. E quando manda aguardar, o cara toma um chá de espera! Aí esse aqui num tinha bebido nada, estava lá na fila e falou: num é por aí! Aí o policial disse: num sei, é por onde então? Aí esse aqui disse: nem Chico Mendes sobreviveu! Aí eu apelidei ele de Chico Mendes!

Foi no interior das relações do circuito da assistência que Pedro soube do trabalho da AMRMC, espaço que frequenta desde 2002, época na qual nos conhecemos em virtude de sua participação em atividades com

estudantes de Terapia Ocupacional. A intensidade de sua participação no serviço esteve atrelada com a inserção ou não no trabalho, com as relações estabelecidas com seus familiares, com a possibilidade de adequação às regras institucionais e de convivência com equipe e usuários, assim como com a flexibilidade no acolhimento institucional.

Pedro referiu-se muito pouco à AMRMC em suas reflexões e, quando o fez, além de reconhecer o apoio para tirar documentação e para geração de renda, nas participações nas frentes de trabalho do governo, avaliou que freqüentava o serviço "porque é melhor do que ficar em casa", principalmente nos momentos em que esteve desempregado, ou mesmo "para dar uma força para o pessoal", pois participava de atividades de manutenção da instituição.

Para não depender da família Pedro preferiu ficar em albergues e freqüentando a AMRMC. Mas o controle sobre o consumo de álcool foi elemento marcante para sua reaproximação com os familiares.

— Aí a família viu que eu não estava mais bebendo. Aí, meu irmão chamou pra morar com ele, meu irmão mais velho. Aí comecei a morar com ele e consegui um emprego na cooperativa [cooperativa de transporte coletivo]. Aí eu comecei a morar lá, trabalhava na cooperativa, aí, depois dum belo dia, depois de um tempo, minha cunhada começou a jogar muito na cara, aí eu saí fora. Não por causa dele, por causa dela! Aí voltei a morar em albergue. E aí até que eu comecei a ganhar uns troquinhos e aluguei um quarto pra mim lá perto da cooperativa. Aí fiquei desempregado, a cooperativa ficou fraca, me enrolaram. Aí eu fiquei desempregado e voltei pro albergue.

Por outro lado, o afastamento da igreja e de suas práticas é interpretado por Pedro como o ponto de partida para o consumo de álcool. No trecho a seguir, analisou essa trajetória e falou também das implicações no trabalho.

— Eu nasci num lar cristão. Aí, na minha adolescência, eu desviei dos caminhos de Jesus, saí da igreja, comecei trabalhar no dia de sábado, comecei a trabalhar em feira de ajudante de pastel. Ali foi que eu comecei, que eu aprendi a beber bebida alcoólica. Comecei com um vinhozinho, aí quando eu fui abrir os olhos já tava na pinga. E, na idade de 18 anos, eu já bebia bastante pinga. E me tornei um motorista. Com 18 anos, já tirei a minha habilitação, na categoria D, na época só tirava categoria C. Aí eu comecei a beber, beber, mas me tornei um motorista profissional. Com 20 anos, eu saí da feira e fui trabalhar já como motorista profissional. Aí foi a minha trajetória: pegava emprego num dia e perdia no outro. Mas naquele tempo era fácil, né? Você perdia um emprego hoje e no outro dia já tava empregado!

Mesmo que Pedro avalie as dificuldades com o consumo de bebida alcoólica em relação ao trabalho e a busca por geração de renda, ao longo do tempo vem se sujeitando a relações precárias de trabalho, sem estabilidade e garantias. Isso pode ser compreendido dentro de um processo social mais amplo, que Castel⁶⁰ analisou como uma nova questão social, quando refletiu sobre as dinâmicas da filiação social com base no trabalho, enfatizando, no entanto, a relevância do processo de degradação da sociedade salarial. Pedro viveu "na pele" essa transformação do mercado de trabalho.

Exceto nos eventos religiosos, Pedro vestia-se sempre com uniforme de motorista de ônibus, mesmo quando estava desempregado ou em dias de descanso. Parece ser necessário para ele afirmar-se neste universo profissional, e é desta forma que quer ser identificado. Seus planos para o futuro também se relacionam ao trabalho como motorista de ônibus, com a

expectativa do trabalho registrado ou, na lógica da terceirização do transporte coletivo por ônibus em São Paulo, administrando uma linha de ônibus própria dentro da empresa para qual trabalha atualmente. Historicamente, o não trabalho, a preguiça e a vagabundagem sofreram restrições, mais ou menos violentas. Segundo Castel⁶¹, em determinado momento histórico, base para a constituição da "sociedade salarial", houve nítida separação daqueles que trabalham e dos que não trabalham, e estes se tornaram alvo de regulações; na constituição da sociedade salarial, o "vagabundo"

torna-se novamente, durante um ou dois decênios, o contramodelo abominado que representou na sociedade pré-industrial: a figura da associabilidade que é necessário erradicar, porque destoa numa sociedade que volta a endurecer as regulações do trabalho.

Parece que é desta imagem que Pedro procurou desvincular-se. Existe, ainda seguindo as reflexões de Castel⁶², a noção de construção identitária através da condição de assalariado, compreendida, para além da retribuição do salário, como "a condição a partir da qual os indivíduos estão distribuídos no espaço social". Compartilho a compreensão deste autor de que, em nossa sociedade, o trabalho confere identidade às pessoas.

Religiosidade: a lasd e novas redes

Pedro ressaltou em nossos encontros que procurava mostrar sua "transformação de mendigo para trabalhador" e a influência da religião nessa passagem, como descreveu: "— No ano de 2001, aceitei Jesus como meu salvador, e aí o milagre foi operado na minha vida. Foi quando eu deixei o álcool e deixei de usar droga, que seria o crack."

Ao partir da idéia de "transformação" motivada pela "aceitação de Jesus", Pedro destacou a importância da recomposição de laços e das diferentes redes que considerou parte desse processo.

— Eu comecei aqui na Igreja Adventista da rua Taguá. [no centro da cidade], depois que eu fui pra Igreja do Capão Redondo [na periferia] e aí foi aonde eu conheci a Associação Minha Rua Minha Casa. Fui pra Associação, comecei ir nas bocas de rango, aí comecei dormir nos albergues, porque aí eu não estava bebendo mais, nem usando droga, aí os albergues estavam me acolhendo, eu estava lá direitinho. E, com o decorrer dos dias, foi passando, eu fui me integrando lá na Associação, tiraram meus documentos, a Rosana [coordenadora da AMRMC] me ajudou a tirar meus documentos, e eu comecei a fazer bicos, comecei a entrar na frente de trabalho e aí comecei a fazer bico aqui na Praça da Sé, vender coisas, comecei a trabalhar com um artista de rua, o Maciel [...] e aí até que eu entrei numa cooperativa de transporte coletivo. Trabalhei um ano lá. Só que lá num consegui juntar dinheiro, porque lá era uma cooperativa vagabunda, os caras roubavam. Aí, agora, nesse finalzinho de ano, entrei numa cooperativa boa, entrei em setembro de 2005. Hoje já me encontro na sociedade. Voltei para minha casa, estou morando com a minha mãe.

Até o momento, enfatizei a importância da relação que Pedro estabeleceu com a lasd, além de ressaltar como a religiosidade permeia suas relações, sua leitura sobre o mundo e sobre sua trajetória. Mas cabe ainda discutir alguns elementos desta trajetória.

O fato de ser membro da lasd e seguir o conjunto de valores e práticas desta religião possibilita que ele pertença a um grupo específico e compartilhe uma série de códigos (compartilhados inclusive dentro da sua família). Durante o trabalho de campo, as intensas narrativas sobre a lasd motivaram a busca de informações sobre a religião e uma visita à igreja que frequenta.

A igreja do bairro paulistano onde reside é a referência da família, e, entre seus familiares, existem aqueles que ocupam posições importantes na estrutura daquela denominação religiosa. A região onde mora atualmente concentra quantidade expressiva de instituições adventistas. Além de algumas igrejas, é nessa região que está localizada o Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), onde ocorrem diversos eventos ligados à religião. Assim, Pedro mantém-se dentro de um circuito ligado à prática da IASD: além de freqüentar os cultos e a Escola Sabatina, acompanha os eventos na universidade e outros acontecimentos da igreja.

Pedro levou-me a uma visita a sua igreja em um sábado — dia indiscutivelmente importante dentro das práticas adventistas e, por conseqüência, na organização de seu cotidiano —, que envolveu uma visita à Escola Sabatina e participação no culto. Por sugestão do próprio Pedro, ao final da programação, entrevistei o pastor, para quem me apresentou como alguém que o conhecia da época da Praça da Sé e tinha visto sua transformação. O pastor, por sua vez, explicou alguns dos postulados fundamentais da IASD e de que maneira acreditava que Pedro havia se reorganizado.

— [...] Ele era uma pessoa que era um alcoólatra, vivia nas ruas, era uma pessoa que não tinha uma norma a seguir, um princípio de vida e, uma vez que ele conheceu os princípios da Bíblia, ele simplesmente aceitou e passou a seguir esses princípios que lhe foram ensinados. Só que nós acreditamos que, além do fato do ensino, além de receber as instruções da Bíblia, existe um fator, que nós acreditamos, que é um fator sobrenatural onde Deus entra, através do Espírito Santo, tocando na vida dessa pessoa, trabalhando na sua própria consciência para que ela possa se despertar para necessidade de uma mudança. Nós chamamos de conversão.

O pastor considerou, por um lado, o fator "sobrenatural", que, em outros momentos, Pedro nomeou de "milagre"; por outro, os princípios "éticos e morais" que foram ensinados. Vale buscar a compreensão de alguns desses princípios — que podem apoiar a leitura da situação de Pedro —, assim como uma breve contextualização histórica dessa religião.

Como evidenciou Capellari⁶³, a lasd é considerada uma religião paralela à Reforma, formando no interior do protestantismo um grupo específico de denominações religiosas, as quais, "nascidas no século XIX nos EUA, postulam que suas doutrinas foram reveladas de um modo especial, pela ação divina, sendo as principais a Igreja Adventista, a Igreja Mórmon e das Testemunhas de Jeová".

Oliveira Filho⁶⁴, ao discutir a formação histórica da lasd, recuperou a construção de seu universo simbólico. Nascida no contexto dos movimentos messiânicos do século XIX originados nos EUA, comunidades adventistas acreditavam, a partir dos estudos de Miller, em uma data prevista para o retorno do Messias. Esse episódio ficou conhecido como "o grande desapontamento", mas um grupo pequeno permaneceu buscando explicações para o evento e mantendo a referência do advento e a partir das visões proféticas de Ellen White, os adeptos se aglutinaram e foi orientada a formação do universo simbólico adventista. Segundo o site oficial*, o termo "adventista" é uma referência à "crença" no Advento, ou seja, à segunda vinda de Jesus à terra. A narrativa do pastor contribui na sua compreensão:

* <http://www.adventista.org.br>. Site indicado pelo pastor como fonte segura de informações.

— Nós aceitamos a Jesus Cristo como nosso salvador e nos preocupamos em observar todos os dez mandamentos, e entre esses mandamentos da lei de Deus, que acreditamos ser uma aliança, está o mandamento do sábado como dia do Senhor. Por isso o nosso nome, Igreja Adventista — porque nós aguardamos o Advento de Jesus, a volta de Jesus —, e do Sétimo Dia, porque nós guardamos o sábado como o dia do Senhor, como está registrado em Êxodo, capítulo 20, verso de 8 a 11.

Como já mencionado, o sábado, nessas condições, é um dia muito especial para esta igreja. É neste dia que acontece a Escola Sabatina, na qual participam todos os batizados e os membros da Escola, interessados e futuros adeptos ao batismo (cf. Oliveira Filho⁶⁴). Na Escola Sabatina, os bancos da igreja são divididos em classes, e cada uma destas classes tem seu professor responsável por conduzir o estudo do dia. Pedro conduziu-me aos bancos da igreja que representavam sua classe de referência e apresentou-me como visita, uma outra categoria distinta dos membros e batizados, facilmente identificável pela forma de organização. A experiência deixou evidente o caráter de proselitismo e também a forma de acolhimento da religião. Após algum tempo de permanência na igreja, recebi diversos bilhetes com palavras de boas-vindas e convites para estudar a Bíblia.

A prática de "pregar o evangelho" a outras pessoas é compartilhada por Pedro, que assume na igreja um papel importante como os outros membros. A importância de cada membro dentro da igreja, assim como a explicação sobre a noção de transformação dentro do universo simbólico adventista estão referidas neste trecho da entrevista do pastor:

— Então o papel da igreja hoje é pregar o evangelho de Jesus Cristo, que nós cremos, é a única maneira de o ser humano encontrar a salvação eterna.

Logicamente que qualquer outro tipo de grupo pode ajudar na recuperação de uma pessoa, acreditamos que isso pode acontecer. Mas nós acreditamos que Jesus Cristo, ele é suficiente, no salmo 23 ele menciona assim: "O senhor é meu pastor e nada me faltará." Então nós entendemos que Jesus Cristo, quando ele entra na vida de uma pessoa, a vida dessa pessoa, ela é transformada, e como o motivo de todos os problemas, até os problemas de saúde, têm o seu ponto de partida na mente, nós acreditamos que uma pessoa sadia mentalmente, transformada pelo poder do Espírito Santo, compreendendo os aspectos morais e éticos que são apresentados na Bíblia, ela pode não só encontrar um caminho, uma cura, para a sua própria alma, para a sua mente, como também pode ajudar a outras pessoas também. [...] Todo tempo que nós temos nós devemos utilizar para nossa família, para nosso bem-estar, mas também para o progresso da obra de Deus aqui na terra. Para pregação do evangelho.

Se no circuito da rede assistencial Pedro recebia ajuda, um apoio, dentro da lasd ele passou ao estatuto de quem tem um conhecimento a ser transmitido para outras pessoas, de importância ímpar, porque significa para ele e para o grupo que compartilha os mesmos códigos, a "única forma de salvação". A religiosidade vai dando sentido a uma série de práticas e também promove novos desafios, como conseguir manter-se dentro dos padrões "éticos e morais" expostos pelo pastor. Um exemplo disso é conseguir manter-se sem trabalhar como motorista de ônibus aos sábados, podendo haver dificuldade em conciliar as diferentes necessidades.

No caso de Pedro, a conciliação é possível e absolutamente tranquila, porque trabalha em uma cooperativa de transporte coletivo cujo proprietário é

adventista*. Mas haverá sempre a necessidade de negociação, em vários sentidos, visto que se trata do encontro de diferentes práticas culturais dentro da mesma sociedade. Como sugere Bhabha⁶⁵, pode tratar-se da construção de espaços de fronteira que permitam o diálogo, a negociação cultural.

A história de rua e albergues, do alcoolismo e da drogadição não é negada em nenhum momento por Pedro, nem por seus familiares e pelo pastor. Essa experiência adquiriu novos sentidos dentro de um processo onde o passado "negativo" suporta e legitima uma nova construção no presente. Essa história veio à tona em diferentes momentos, com relatos desse processo de acolhida pela igreja e da cura (entendida por Pedro como a abstenção dos vícios) através da religiosidade. A seguir, um desses relatos:

— Aí, naquele dia, eu bebi, usei droga, cachaça. No outro dia, eu estava parecendo um cachorro, vomitando pelos cantos, ruim! Aí que eu cheguei na igreja, ruim pra caramba, vomitando, aí fizeram pedido de oração, eu fiz o meu pedido de oração, coloquei no papel, tudo bonitinho, aí oraram por mim. Quando oraram por mim, Deus ouviu a oração, foi uma oração sincera, um pedido sincero. De 2001 até agora em 2006, nunca mais eu botei crack nem cachaça na boca.

Dentro da lasd, toda esta experiência de Pedro, resumida aqui em alguns trechos de sua entrevista, transformou-se em testemunho transmitido por ele e por pastores que encontram na sua história uma forma de renovar

* O transporte público por ônibus em São Paulo é gerido pela São Paulo Transporte S. A. (SPTrans). Todas as linhas são operadas por concessionárias, dentre as quais as chamadas cooperativas. Entretanto, a cooperativa que Pedro menciona não se organiza com a participação na administração e da gestão do empreendimento pelos cooperados, e as relações patrão-empregado são mantidas. Na cooperativa de transporte coletivo, o vínculo de trabalho é como autônomo, e os trabalhadores recebem por viagem realizada.

a eficácia simbólica (cf. Lévi-Strauss⁶⁶), reforçando as práticas e os valores que o grupo compartilha.

2.4. Armand: educação e trabalho

Armand é o mais jovem dos colaboradores. Aos 24 anos de idade, move-se pelo objetivo de se graduar em filosofia e/ou cinema, sua grande paixão — ou, como avaliou em alguns momentos, seu refúgio. Com experiências na rua e em instituições ligadas a assistência desde a infância, tem na solidão uma grande inimiga.

Ao reconstituir sua história, procurei mostrar como conseguiu articular suas redes e como estas contribuíram para se estruturar quanto às dimensões do trabalho, estudos e moradia, saindo rapidamente de albergues e de projeto de moradia provisória. Sua inserção em circuitos culturais e naqueles ligados à educação permite compartilhar a participação com outros freqüentadores em um mesmo universo de valores, que, como sugeriu Magnani¹⁷, são parceiros potenciais de trocas.

Armand narrou de forma atenta e disciplinada sua trajetória, suas diversas experiências da infância e da adolescência, ainda muito presentes, e sempre observando aquilo que havia compreendido ser importante para a pesquisa. Esteve sempre atento ao roteiro de entrevistas, o qual fez questão de ler e acompanhar, buscando abranger os assuntos ali arrolados. A filmadora foi presença constante em nossos encontros, pois se sentia motivado para produzir um documentário sobre a sua história.

Infância, trajetória de rompimentos e redes de proximidade

A história da relação de Armand com a rua começou já na infância. Com a família desestruturada, passou a viver em instituições de cuidado. Na adolescência, na rua buscou diversão, dinheiro e outras formas de relacionamento. Aos 14 anos, saiu da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem)*, teve problemas com o consumo excessivo de drogas e viveu diversas experiências em situação de rua.

— [...] na verdade, quando minha mãe abandonou meu pai, ela ficou um pouquinho ainda com a gente, uns cinco, seis anos, e aí meu pai deixou a gente sem nada, e minha mãe também não estava muito a fim de cuidar da gente e estar com algo assim que fosse... Então, ela entregou a gente pro Juizado de Menores, lá no bairro da Lapa, e foi um processo bem dolorido. Eu tinha 6 anos, e nessa época não existia SOS Criança, só existia a Febem mesmo, e mandaram a gente lá pro Tatuapé. [...] Fiquei lá até os 14, porque um dia me deu na telha assim e eu fui embora. Fui embora e aí comecei a viver mais na rua. Primeiro, eu fui na casa da minha mãe. Minha mãe estava morando num buraco lá em Francisco Morato, com um cara. Minha mãe teve acho que uns 15 maridos, daquela época pra cá. E ela foi morar com um cara, e o cara batia nela, e ela queria que a gente fosse pra lá, e o lugar era bem defasado assim, e eu num quis ficar. Aí, acabei ficando um pouco com minha tia Cristina e depois acabei mais na rua, entre instituições, aí que eu me aprofundei mais na droga, fiquei largadão! Passei essa fase da adolescência bem rebelde, sabe?

A trajetória de Armand, assim como a de Anderson, está marcada por rupturas desde a infância. A temática da situação da infância no Brasil não será analisada nesta dissertação, mas vale dizer que, entre os adultos em

* Hoje denominada Fundação CASA (Centro de Atendimento Socioeducativo a Adolescentes) e é responsável pela atenção de adolescentes autores de atos infracionais, entre 12 e 21 anos. Na época em que Armand foi encaminhado à Febem, esta também se responsabilizava pelo cuidado de crianças institucionalizadas.

situação de rua, é possível observar algumas trajetórias de pessoas com histórias de institucionalização desde a infância. Vieira et al.⁶⁷ abordaram esta informação, em pesquisa realizada sobre o perfil de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo. As pesquisadoras encontraram 20% dos pesquisados com histórico de internação em alguma instituição, constatando que parece haver um segmento da população em situação de rua procedente de instituições, caracterizado por um grupo jovem.

Várias instituições e projetos fizeram parte dos suportes de Armand, enquanto esteve em situação de rua na adolescência: Projeto Quixote*, Fundação Projeto Travessia** e Casa Taiguara***. São referências a que ainda recorre, pois nestes espaços conheceu pessoas que o apoiaram.

As experiências de rua também foram marcadas por diferentes formas de violência e abusos. Narrou uma dessas situações, já aliviado por ter passado e sobrevivido, e refletiu sobre o quanto estar na rua o deixou vulnerável.

— Eu vivia muito enfiado no centro, e no centro tem muito, como se diz, pedófilos, tem muito cafetões, esse tipo de gente assim que pega a molecada e usa pra todo esse tipo de coisa [...] mas eu percebo assim que tem uma facilidade, você está sujeito a tudo, você está na rua. E está perdido em tudo. Então, alguém oferece um braço, e geralmente as pessoas oferecem algo assim muito bom, e quando você vem, é que te prendem.

* Organização social ligada à Universidade Federal de São Paulo, que atende crianças e adolescentes em situação de risco social. Endereço eletrônico: <http://www.projetoquixote.org.br>.

** Organização social que trabalha com adolescentes e crianças em situação de risco. Endereço eletrônico: www.travessia.org.br.

*** Casa de acolhida que trabalha com adolescentes de 13 a 17 anos. Endereço eletrônico: www.casataiguara.org.br.

Armand encontrou apoio na relação com algumas pessoas em situação semelhante à sua. Foi com muito carinho que se referiu a sua "mãe de rua" (cf. Fausto e Cervini⁶⁸), mesmo com as dificuldades dessa relação:

— Eu falo que ela me criou quando estava na rua, quando adolescente, que eu saía de lá da instituição e ficava na rua. E ela me criou, eu digo assim nesse sentido, ela fazia parte lá do movimento dos sem-teto, tal, e ela sempre via eu assim lá e ela dizia: menino, você é tão inteligente, não? E ela puxou isso pra mim, só que ela tem uns conflitos, uns problemas pessoais dela. Eu detestava quando ela bebia, ela se tornava uma pessoa muito sem importância pra nada. Aí eu me afastei dela, porque ela acabava me levando ao vício. Bebia todos os dias, usava droga todos os dias, aquela mãe, tipo mãe de rua. [...] Mas eu tenho um respeito muito grande por ela. Porque ela olhou pra mim num momento que acho que ninguém jamais olharia. [...] Então, chamo ela de mãe.

A passagem da adolescência para o universo adulto significou buscar outras formas de apoio, em uma trajetória repleta de experiências institucionais. A frequência em albergues foi curta no tempo, mas intensa na experiência e nas reflexões que produziu, como discutirei no item 3.2. Armand relatou que houve um período em que passou por muitos albergues da cidade.

— Quando eu estava num processo de drogadição muito grande, eu estava drogado, assim, bebia muito e me drogava, eu num dormia fixo em albergue nenhum. Então eu passei por muitos, porque eu ia e só dormia uma noite e muitas vezes eu não ia, eu arrumava dinheiro de dia, "charcando" as pessoas, pedindo dinheiro por aí, e arrumava dinheiro e ia pra um hotel, à noite, dormia em hotel. Aqueles hotéis vagabundos que tem no centro, sabe?, da República, coisa de R\$ 12,00, R\$ 8,00 a diária, e aí eu ia dormir dentro do hotel.

Os albergues que freqüentou por mais tempo (dois a três meses cada) foram o Arsenal da Esperança e o Projeto Oficina Boracéia, pois os

considerava projetos com melhores condições de higiene, organização e alimentação. Porém, o que mais chama atenção em sua experiência em albergues foram os tipos de vivências que teve e a reflexão que produziu sobre estas. Para Armand, se for feita uma comparação entre a rua e os albergues, estes são eleitos por ele como as piores opções. Na sua reflexão, além de não ter que lidar com as regras tão fixas, "na rua é possível ser notado" (observações quanto a isto serão apresentadas no item 3.2).

Em 2003, Armand foi para o Chile de carona. Sem muitas perspectivas no Brasil e em crise com consumo excessivo de drogas, juntou-se a um amigo que conheceu no Albergue Arsenal da Esperança, e os dois seguiram rumo a Santiago, a capital chilena.

Foi assim: depois que eu saí do Boracéia, eu tive uma recaída, aí eu tive que voltar pra sala de NA [Narcóticos Anônimos], pra poder continuar em recuperação. Aí, eu peguei e fui até o Arsenal e consegui uma vaga lá, porque eu já não tinha mais condições de pagar o quartinho, e a mulher já estava me pressionando pra mim saí, e tal, aí consegui uma vaga. E lá encontrei um amigo que eu conheci, chileno. Ele falou: vamo embora pro Chile? Falei: como que a gente vai pro Chile, você tá louco?! Ele falou: vamo! Eu te levo! Fui. Fui pro Chile! Sabe como que nós fomos? Você não vai acreditar! Nós saímos de manhã do Arsenal, pegamos o trem, fizemos toda aquela baldeação, chegamos lá na Marginal Pinheiros. Pegamos a ponte Eusébio Matoso, andamos pra dentro na Rodovia até a Régis Bittencourt, até mais ou menos o km 15. Andamos 15 quilômetros! Dormimos no meio do caminho assim; paramos num lugar, a gente levava colchonete, a mochila e um cobertor fino, e dormimos num canto assim na estrada; e arrumava comida no meio do caminho, e andamos muitos quilômetros! Sem dinheiro! [...] Aí conseguimos um pouco de comida; aí um caminhoneiro conversou com a gente, deu comida pra gente, ficou conversando e tal, e aí ele achou a gente até meio destruído pra estar naquela situação. E aí minha intenção era chegar no Paraná, pegar uma

grana com meu pai e ir até mais ou menos a fronteira de Uruguaiana e depois tentar seguir, ou poderia ser que meu pai arrumasse a grana toda pra gente ir pro Chile. [...] E aí eles enrolaram assim, aí ele fez um trato comigo. Ele falou assim: olha, eu num conheço São Paulo, preciso fazer uma entrega na Editora Abril, com esse caminhão, e depois me leva na Rua 25 de março, eu te levo até o Paraná, levo você e ele, e alimentação a gente paga.

E foi assim que chegou ao Chile. Trabalhou em plantações, fez "bicos" em diversos serviços de mão-de-obra não especializada e realizou cursos de artesanato. Ficou por um ano naquele país, de forma ilegal. Voltou para o Brasil, pois foi descoberto pelo Departamento de Imigração. Reorganizou-se, conseguiu passaporte e visto de trabalho e voltou ao Chile. Depois, foi para a Argentina e o Uruguai. Mas ficou isolado de seus conhecidos e, deprimido, resolveu retornar ao Brasil.

— Aí cheguei em São Paulo, aquela chuva! Falei: essa é minha cidade. Meu Deus, o que que eu vou fazer da minha vida agora? Aí arrumei um curso com o pessoal da Fala Preta!. Comecei a fazer cursinho no Instituto do Negro Padre Batista, o cursinho do Instituto de Ajuda ao Aluno Carente.

Com o dinheiro que conseguiu economizar fora do Brasil e com bolsas de estudo que recebia das organizações citadas, conseguiu permanecer cerca de oito meses pagando aluguel. Não conseguiu trabalhar, e o dinheiro terminou. Armand começou então um novo processo de reorganização. Foi morar na casa de uma amiga na Baixada do Glicério, região na qual dormiu na rua por algum tempo. Através de sua amiga, conheceu um reciclador que lhe ofereceu trabalho e passou a fazer a separação do material coletado. O reciclador havia morado por algum tempo no Projeto de Moradia Provisória da OAF e, percebendo as potencialidades e necessidades de Armand, encaminhou-o para

uma conversa com a coordenadora. Foi desta forma que Armand passou a integrar este projeto, local onde nos conhecemos neste período.

Cerca de três meses depois, Armand estava com a vida completamente reorganizada em função de diversas atividades de trabalho, aproveitando as oportunidades que surgiam. Como resumiu em uma de nossas entrevistas:

— Agora nós estamos no começo do ano de 2006, então minha vida tá organizada em trabalho, trabalho, trabalho! Eu estou de manhã na Ocas [Organização Civil de Ação Social], vendendo revistas da Ocas. Então, na parte da tarde, no grupo de inclusão produtiva, na OAF, e à noite eu estou trabalhando na Frente de Trabalho como Agente de Proteção, no Albergue do Glicério. Então, está organizado assim.

Os diferentes programas de geração de renda citados por Armand foram cruciais para que conseguisse se reorganizar e seguir seu plano de concluir o 2º grau e ingressar na universidade. Após estas experiências, Armand foi contratado pela Prefeitura para trabalhar na Central de Atendimento Permanente (Cape), fazendo abordagens a pessoas em situação de rua e procurando encaminhá-las a albergues. Também foi chamado como oficinairo no Instituto do Negro Padre Batista, para ministrar oficinas de bijuterias para adolescentes, através do contato com uma psicóloga que conhecia da Fala Preta!. Com estas duas inserções, resolveu sair do Projeto de Moradia Provisória e alugar um apartamento. Para Armand, o investimento em moradia significava também buscar proteção, para que conseguisse ficar menos vulnerável em relação às drogas. A região da Baixada do Glicério e algumas pessoas deste circuito não favoreciam neste sentido.

A preocupação com as recaídas em relação às drogas foi constante na análise de Armand, percebida pela incessante busca por espaços de moradia que o mantivessem o mais afastado possível das chamadas "bocas de fumo" ou mesmo na observação atenta das relações estabelecidas. Mesmo que viva a constante preocupação com recaídas, ao falar do seu percurso com as drogas, Armand citou a importância de sua participação nos Narcóticos Anônimos e as possibilidades de troca ali estabelecidas, assim como sua internação em uma clínica de recuperação. Armand avaliou essa participação e falou de alguns princípios do grupo.

— Eu comentei sobre a clínica que fiquei em Atibaia. Teve uma pessoa que me bancou: a Marina. Eu estava numa situação de muita drogadição na rua. Eu estava abandonado comigo mesmo, eu mesmo não acreditava mais em mim, e eu parei por um acaso na frente de um NA que era próximo à comunidade que eu freqüentava pra comer, tomar banho, e aí me convidaram pra entrar uma vez, e eu fui naquela assim, o que é isso? E eles começaram a me oferecer muitas outras coisas que eu necessitava naquele momento. Então era uma relação de troca, entendeu? Eu queria as coisas que eles pudessem me dar. [...] a Marina mesmo, e um outro rapaz dizia: a relação que você vai ter com a gente não vai ser uma relação prolongada. Eu não vou ser a sua madrinha, eu não vou estar próxima de você sempre, você vai construir isso com outras pessoas, eu só vou ter a passagem. Eu, por exemplo, ela dizia pra mim, estou muito bem estabilizada, eu tenho a minha casa, estudei, viajada e tal, e agora é minha oportunidade de fazer isso pra outros que queiram. E aí ela fez isso, ela fez essa coisa por mim, e ela me mandou numa clínica particular, mas eu também agarrei essa oportunidade, com unhas e dentes! No começo, eu não estava muito interessado, mas quando eu vi ali uma oportunidade, eu nunca me conformei com a situação de estar jogado, nunca me conformei, nunca quis isso! Acho que foi tudo consequência de uma série de fatores aí. E aí eu agarrei essa oportunidade. Então, na minha vida simplesmente aconteceu assim. E nossa relação durou até aí, e ela que pagou toda a minha recuperação. E ela freqüentava

o NA. Ela também teve um processo de dependência, e depois que ela se recuperou, ela me disse: quando você tiver bem, você tem que passar isso pra frente. Porque no NA funciona assim, você tem que levar outras pessoas e dar oportunidade pra elas fazerem a mesma coisa. E então foi isso, foi muito bacana.

As relações de ajuda estiveram presentes de forma intensa em sua trajetória e, também, em suas reflexões. Por um lado, Armand tem interesse em discutir formas de ajudar outras pessoas e percebeu essa possibilidade nos trabalhos que realiza, tais como as oficinas com adolescentes e as abordagens aos adultos em situação de rua. Segue, como relatou, o mesmo princípio do NA. Um de seus projetos é criar um trabalho de acolhimento para jovens em situação de rua. Armand conseguiu movimentar sua rede de suporte e analisou seu próprio engajamento que é pessoal e político:

— Eu sempre sei onde procurar ajuda. Primeiro, como eu sempre vivi em instituição, eu acho que eu sei onde estão a maioria das instituições e das ONGs, porque eu tenho muita boa memória pra isso. [...] Agora, a Mazé, eu já conhecia ela da... Eu participava da passeata do negro, né? Sempre participei do Treze de Maio. [...] Então, quando eu era menor, eu ficava envolvido com esses projetos [...] o Quixote, o Taiguara... Então eu conheço muita gente nesse meio que acaba atuando nas mesmas coisas, só que em outras instituições, outros lugares, assim. [...] Então, encontro essas pessoas que acabam trabalhando em outras instituições. Então eu sei como procurar, por que eu faço ligação desses lugares, dessas pessoas. E eu acabo descobrindo, viu? Eu descubro muitas pessoas.

Além das instituições mencionadas, que conheceu durante a infância e a adolescência, Armand transita em um importante circuito de rede de suporte ligado às questões raciais, envolvendo iniciativas e instituições tais como Fala Preta!, Cooperafro e Instituto do Negro Padre Batista. Combater a violência, a discriminação racial e a desigualdade social são norteadores do

trabalho destas organizações não-governamentais, temas de interface importante nesta pesquisa.

Outro circuito importante para Armand, que desenha os contornos de seu pertencimento no *ethos* da cidade, é composto por meio dos eventos culturais oferecidos, especialmente o cinema.

— [...] Mas tem coisas que eu gosto, que eu valorizo assim, acho que são únicas, e realmente às vezes ver um filme é uma coisa única, mesmo que eu assista dez vezes. [...] Gosto de uma fala de *Entrevista com Vampiro*, que eu acho linda: naquela manhã ainda não era um vampiro e vi meu último amanhecer, ao contrário deste não me lembro de nenhum outro. Sabe, aquela coisa assim, foi único pra ele aquele momento [...].

Mesmo nos momentos de maior dificuldade financeira, Armand reservava uma verba para o cinema. Além disto, mantém-se bem informado sobre os eventos gratuitos que acontecem na cidade, conhece as revistas especializadas e utiliza a rede de computadores nos pontos de acesso gratuito.

Acesso a educação formal e trabalho

Em nossos últimos encontros, Armand comemorava o ingresso no curso de Filosofia em uma universidade particular da cidade de São Paulo. O acesso ao ensino formal é tema que gostaria de discutir, mesmo que brevemente, a partir de questões suscitadas em sua trajetória e na observação de outras situações similares.

Acompanhei sua experiência no Centro Estadual de Estudos Supletivos Dona Clara Mantelli, as dificuldades enfrentadas e as possibilidades

oferecidas pela escola^{*}. A forma de funcionamento desta instituição escolar possibilitou que Armand conciliasse trabalho e estudos, devido à flexibilidade de horários e de tempo para a realização de provas e participação nas aulas; contudo, não se sentia preparado para a competição do exame vestibular de ingresso na universidade pública. Armand não chegou a tentar o vestibular para nenhuma universidade pública. Também não foi contemplado pelas políticas públicas de acesso ao ensino superior e, por sua idade e pela necessidade de trabalho, optou pelo ingresso na universidade privada, despendendo todo o seu rendimento financeiro em aluguel e estudos e investindo na possibilidade de conseguir, posteriormente, uma bolsa de estudos. Na opinião de Armand, a formação em filosofia abriria novos campos de trabalho, pois, quando se tornar disciplina obrigatória do Ensino Médio, haverá maior procura por professores, e é nesse campo que pretende investir.

Dados de pesquisa apresentados no relatório do Observatório do Trabalho, da Secretaria Municipal do Trabalho de São Paulo, relacionaram grau de escolaridade e inserção no mercado formal de trabalho, e mostraram que a maioria dos trabalhadores empregados na cidade de São Paulo tem o Ensino Médio completo, como pode ser visto na Tabela 1, na página a seguir.

* Os estudantes são responsáveis por seus estudos, realizados por meio de apostilas desenvolvidas pela escola e podem participar de aulas quando isso interessar, tendo um mínimo de créditos a cumprir. As apostilas podem ser fotocopiadas ou consultadas na biblioteca, mas a disputa pelo material é grande. Quando o estudante sente-se preparado, agenda a prova sobre determinado assunto e assim vai eliminando as disciplinas até a conclusão do curso. A escola ainda oferece refeições para os que estão regularmente matriculados.

Tabela 1: Distribuição da população economicamente ativa, segundo nível de instrução no município de São Paulo – 2006

Nível de instrução	%
Analfabeto	2,1
Fundamental incompleto	24,8
Fundamental completo + Médio incompleto	18,2
Médio completo + Superior incompleto	38,1
Superior completo	16,7

Fonte: São Paulo⁶⁹.

De acordo com os dados apresentados em São Paulo⁶⁹, houve diminuição do número de vagas de trabalho para pessoas com grau de escolaridade menor que o 1º grau completo, ao contrário dos outros níveis de escolaridade.

No quesito escolaridade, as pessoas com segundo grau completo detêm o maior número de postos de trabalho, com elevação da participação em 2006. Em números absolutos correspondem a 1.247.907 pessoas em 2005, com elevação de 170.106 pessoas, atingindo o volume de 1.418.013 em 2006. O segundo grupo a deter maior número de postos de trabalho é de pessoas com superior completo, cujo volume foi de 878.474 em 2005 e de 893.407 em 2006. O terceiro maior volume de postos de trabalho é ocupado por pessoas com primeiro grau completo. De 494.270 em 2005, aumentou para 530.162 em 2006. [...]

Armand procura estabilidade (em vários sentidos), ao construir um caminho que lhe dê mais chances de integração no mercado formal de trabalho. Além de pensar na formação universitária, no sentido de fortalecer seu currículo e aumentar as oportunidades de trabalho, Armand gosta de estudar e de ter a possibilidade de pertencer a circuitos ligados à educação.

A problemática do acesso ao ensino formal é importante na trajetória de Armand. Segundo Neves et al.⁷⁰, apenas 10,6% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos chegam ao Ensino Superior. Ao discutir novos desafios da política educacional brasileira, estes pesquisadores analisaram uma série de dados que revelam a ampliação do acesso ao Ensino Superior na última década no Brasil. Mas esta ampliação, assim como a implantação de políticas de inclusão ocorreram, em especial, no sistema privado de educação, o que, para os pesquisadores representa a produção de um efeito perverso de democratização do ensino. Neves et al.⁷¹ concluem:

O processo de democratização do acesso à educação superior, bem como da distribuição mais eqüitativa em termos de gênero, classe e etnia, não pode ignorar que a população brasileira fica, em média, seis anos na escola e que quase 70% de seus jovens de 18 a 24 anos não se encontram em nenhum espaço de educação formal.

Há um grupo de jovens e jovens adultos em situação de rua que poderia trilhar caminhos de acesso à universidade. Quais são as dificuldades enfrentadas para este acesso, para além daquelas que a juventude brasileira já enfrenta? Esta perspectiva está presente nos circuitos da rua? Acredito que pesquisas são necessárias para aprofundar esta temática sobre este grupo social, pois pouco se produziu até o momento nesse campo.

2.5 Francisco: participação política, religiosidade e família

Francisco apresenta-se como alguém que tem esperança e que acredita no ser humano, em um mundo melhor e mais justo para todos. Por

isso, gosta de enfatizar que, desde a sua juventude, vem participando de diferentes movimentos sociais. Francisco construiu em São Paulo uma possibilidade de reinventar-se, ao se descobrir artista. Sua grande expectativa tem sido sustentar-se com a venda de esculturas em argila, pois, aos 47 anos de idade, afirma ter dificuldade de conseguir um trabalho no mercado formal.

A trajetória de rompimentos, a vida no "trecho" e a busca por diferentes possibilidades de vida de Francisco foram aqui reconstituídas com base nas entrevistas realizadas e em entrevista publicada no jornal *O Trecheiro*^{*}, na qual contou sua história de vida, assim como nos meus registros dos encontros do Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua entre 2005 e 2006. Sua inserção em circuitos ligados à participação política, compondo alguns de seus "pedaços", e a possibilidade de criação de vínculos identitários, assim como outras redes de proximidade (como companheira e família), serão elementos importantes da análise para buscar uma compreensão desta experiência singular de construção de pertencimento e fortalecimento de identidades.

De Guarapari para o trecho

Francisco nasceu em Guarapari, no estado do Espírito Santo. De quatro filhos, é o mais novo e, por isso, reconhece que tem uma relação

^{*} Toda vez que for utilizado algum trecho desta entrevista será mencionada a fonte, fazendo a distinção das entrevistas realizadas por mim durante o trabalho de campo.

especial com sua mãe. Sua formação católica, herança desta relação materna, foi lembrada em diversos momentos:

— [...] eu venho dentro do catolicismo, sou católico pela minha mãe. Minhas características me levam até aqui, isso eu não vou esquecer nunca! Que eu mude, que eu não mude, minha característica é essa. Minha mãe me ensinou desde novo, quando eu ia dormir minha mãe me botava sentado na cama pra rezar com ela. Minha mãe rezando na frente, e eu atrás! Era uma coisa muito forte, pra você ver como é que são as coisas!

Além da influência materna na formação católica, Francisco participou da construção da primeira comunidade eclesial de base (CEB) de Vitória, marco importante para sua conscientização política, em um período em que o País vivia sob a rigidez do regime militar.

Até o falecimento de seu pai, quando tinha 17 anos, Francisco tinha uma vida "de classe média". Depois disso, passou a trabalhar e estudar à noite, devido às necessidades financeiras que se impuseram.

Concluiu o 2º grau, casou-se aos 23 anos e teve três filhos. Trabalhou como vendedor nas Casas Pernambucanas e participou ativamente do fortalecimento do sindicato do comércio de sua cidade*. A falta de oportunidades de trabalho e dificuldades no casamento motivaram-no a procurar alternativas. Desempregado, resolveu sair de casa. Em entrevista ao jornal *O Trecheiro*, em agosto de 2005, comentou:

— Fiquei muito tempo desempregado e comecei a ficar angustiado. Aí teve um dia que resolvi correr atrás. Deixei um bilhete para minha esposa e fui trabalhar numa fazenda no Mato Grosso, com a idéia de melhorar. Só não sei se foi para melhor para mim ou para minha família. Hoje, acho que foi para melhorar para mim. Talvez foi para alimentar meu próprio ego, pois eu não

* Sua história de participação política será analisada mais adiante.

consigo viver na mesmice. Quando alguma coisa não está acontecendo, eu tenho que fazer acontecer.

E assim Francisco iniciou sua trajetória em busca por oportunidades em diferentes cidades brasileiras. Na mesma ocasião, revelou, ainda, que em 1983, veio de Mato Grosso a São Paulo pela primeira vez:

— A primeira vez que cheguei aqui em São Paulo, todo mundo já sabe: o cara, quando chega aqui, vai para a Praça da Sé. Comunicando com um e com outro, descobri a Pedra do Brás, famosa Praça do Brás. Ali tinha um hotel de vaga que não me esqueço. O nome dele era Rocha Sampaio, do lado da estação, perto do Leite Paulista. Hoje já não existe mais. Naquela época não tinha albergue, e a gente tinha que se virar. Neste tempo, eu trabalhava na Veritas Promoções e Eventos. Depois me tornei um "gato", pois contratava pessoas para trabalhar. Eu era conhecido como Alemão. Isto aconteceu em 1990 e 1991. Esta foi a melhor época de minha vida. Cheguei a ir para casa de avião. Só que isto durou somente um ano. Depois voltei para fazer bicos.

Francisco também esteve algumas vezes no Rio de Janeiro. Como havia poucas vagas em albergue na cidade, a praia era a única alternativa para dormir.

— Geralmente, quando vou para Vitória eu não venho direto para São Paulo. Adoro o Rio, inclusive já morei em Caxias. Eu trabalhava em Copacabana, carregando as barracas, para ganhar um dinheirinho. Dormia na areia de Copacabana, não tinha outro lugar.

Segundo Francisco, os retornos para casa de sua mãe — em Vitória (ES) — dependem, ainda hoje, da sua condição financeira, pois acredita que a família reage de maneira diferente quando está sem dinheiro. Refletiu, em muitos momentos, se "valeu a pena" ter deixado a família em busca de seu sonho; mas não tem dúvidas de que "o cara sai de casa pra vencer". É desta forma que percebeu sua trajetória e a de muitos migrantes brasileiros que

hoje se encontram em situação de rua. Sobre este tema, narrou uma história que transcrevo apesar de longa, por acreditar que seja muito importante para compreender a perspectiva de análise que Francisco desenvolveu sobre sua vida.

— Eu queria te contar uma história, essa história eu sempre conto, acho importante de você colocar também. [...] Com a queda do Império Romano, você sabe que se formaram os grandes feudos; o que eram os feudos? Eram uns senhores, chamados os senhores feudais, grandes donos de terra. Com a queda do Império é que se formaram os grandes países da Europa. Então essas pessoas eram aquelas que tinham mais soldados, que conseguiram mais terras, o valor dele é dado sobre os que tinham os melhores soldados, que eram os que tinham os melhores exércitos, maior detentor do dinheiro e da terra. Existia no Leste europeu um grande detentor de terras. Ele tinha um filho só. Então ele deu pra esse filho tudo que ele podia saber pra ser um grande general: mandou chamar espadachim da China, deu espada de ouro, pra ele se tornar um dos melhores. A melhor espada era dele. O melhor armamento, tudo que tinha no mundo de melhor o pai deu pra ele. Aí, quando alcançou a maioria, o pai mandou que fosse numa guerra dessas, guerra de fronteiras, pra ganhar terra. Ele levou uma grande legião de soldados. Ele foi pra essa guerra e batalhou, batalhou, só que perdeu. Ele não conseguiu ganhar essa guerra, essa batalha pra conseguir mais terras pro pai. O que ele fez? Ele batalhando e perdendo, recuou, chegou pro general dele, falou: vai e fala pro meu pai que eu morri. Não, eu não posso fazer isso com o seu pai, ele tá te esperando, não faça isso! Você vai ter que jurar pra mim agora que você tem que voltar e falar pro meu pai que eu morri, estou te ordenando. Ele seguiu com o cavalo dele, pra que os outros não o pegassem; saiu fugido, e os outros retornaram pro reino dele. O general chegou lá e falou: olha, perdemos a batalha e seu filho morreu. Aquele senhor ficou arrasado: meu melhor filho! Tudo o que eu tinha, este terreno é dele, e agora está morto. Ficou muito triste. Foram passando os anos, e aquele general se sentiu — não, eu tenho que contar a verdade — e foi e contou a verdade pro rei: vou te contar a verdade. Qual verdade? O seu filho não

morreu. O quê? Meu filho está vivo? Tá, nós só não sabemos onde está. Não, eu vou achar ele! Aí mandou gente pra tudo que é lado, e acharam ele perto de uma taberna, bêbado igual morador de rua. Naquela época, não tinha albergue, não tinha assistente social, não tinha T.O. (terapeuta ocupacional), não tinha nada, então aquele tempo era complicado mesmo. Então, o que aconteceu? Ele se tornou uma pessoa alcoólatra, de vinho, suas mãos tremiam, já não era aquele soldado vigoroso que era, ele era um miserável, um homem de rua. Aí avisaram o pai dele, que veio correndo com aquela carruagem toda, aqueles cavalos árabes pra buscar ele. Chegando lá, encontrou ele: meu filho! Abraçou: meu filho, volta! Não, pai, eu não posso voltar. Mas tudo lá é seu! Pai, eu sou um perdedor! Mas você tem que voltar! Convince daqui, convence dali... Tá bom, eu vou voltar! Só colocaram ele na carruagem, e, quando chegou no meio do caminho, ele falou: pai, eu quero ir no mato, porque não tinha banheiro. Tudo bem, você quer que um soldado acompanhe? Não, me empresta só a sua adaga no caso de chegar algum animal. Aí ele desceu no mato e se matou! O pai dele estava esperando ele, dali a pouco foi lá ver, tava morto!

Francisco completou essa história dramática, analisando sua relação com a população em situação de rua:

— O morador de rua é exatamente esse soldado que veio pra lutar, só que ele veio aqui pra ganhar, ele não veio aqui pra perder! Você pergunta pra algum desses aí se eles querem voltar do jeito que eles estão pra casa deles: eles preferem morrer na Praça da Sé, bebendo cachaça, do que voltar do jeito que eles estão. Esses são os verdadeiros heróis!

Novas perspectivas em São Paulo

Para Francisco, dormir na rua significa correr alguns riscos: "[...] de ser assassinado, de nego tocar fogo em você, todo esse tipo de malvadeza".

Porém, ao chegar a São Paulo em 2005, não encontrou alternativa. Por três

meses, dormiu no Largo São Francisco, ao lado da igreja, no centro da cidade. Sobre este período, relatou:

— [...] eu saía de lá cedo, levantava cedo, 6 horas. Ia lá pro Albergue São Francisco, pegava fila pra tomar meu banho, já guardava meu sabonetezinho lá no bolso, chegava lá tomava meu banho. Aí eu começava a me sentir gente por aí, não tinha jeito. Aí daí, pronto, ia fazer meus corre, sei lá, dava um jeito lá, arrumava um dinheiro, ia me virar de qualquer jeito.

Na análise de sua experiência e na observação de pessoas de seu convívio, Francisco ponderou o quanto é difícil livrar-se do que chamou de "estigma de mendigo". Para ele, há pessoas que assumem esta identidade, o que aconteceu com ele em certo período de sua vida, marcado por descuido com a higiene pessoal e excesso do consumo de álcool. Mas "[...] você tem que lembrar que é um ser humano e que aquilo ali não tem nada a ver com você [...]". Outra característica identificada por ele é acreditar que não têm direitos:

— [...] A gente fica castrado pra certo tipo de coisa, eu falo porque eu tava entrando nisso [...] eu tenho direito a ver sinfonia, participo de tudo isso, mas as pessoas acham que não têm direito a isso mais, porque não trabalham, porque tá pendurado no tempo aí, só vivendo de comida [...].

Foi na época em que dormia na rua que Francisco teve seus primeiros contatos com pessoas do movimento da população em situação de rua. Havia certa tensão com a mudança de gestão da Prefeitura, e o repasse de verbas para os serviços de atenção a pessoas em situação de rua estava suspenso. Desta maneira, um grupo de pessoas em situação de rua articulou-se para uma mobilização. Francisco lembrou esse momento:

— Quando eu voltei, não tava achando vaga em albergue nenhum, nem pernoite eu tava achando. Porque as entidades estavam sem dinheiro, tava todo mundo quebrado, o Serra entrou pra arreventar todo mundo. Aí encontrei com Sebastião, e ele falou: Francisco, só tem um jeito. Ou a gente faz greve ou a gente vai ficar na pior! Aí eu falei: vamos fazer greve. O negócio é esse. A gente fica aí, se tiver que desmaiar, ir pro hospital, eles não vão deixar a gente morrer. E aí nós tivemos apoio das entidades, o pessoal apoiou a gente, o padre Júlio Lancelotti [...].

Essa greve*, na sua avaliação, foi o que possibilitou sua saída da rua, e os contatos estabelecidos facilitaram sua aproximação com o Fórum de Debates e o Fórum da População, engajando-se na construção do movimento da população em situação de rua. Francisco não perdia um encontro do Fórum de Debates, sempre muito participativo. Afirmou que, "durante um certo tempo, vocês foram uma família lá, de 15 em 15 dias eu tinha que ir lá e ia com o maior carinho". Foi com apoio de integrantes do Fórum que conseguiu recontatar sua família. Além de transitar por este circuito de participação política, Francisco retomou suas atividades como artista. Em 2004, havia feito um curso de cerâmica no Albergue São Francisco, o que lhe deu base para a produção de suas peças, que passou a vender, principalmente, no circuito mencionado. Francisco insistia que tinha poucas chances de conseguir entrar no mercado formal de trabalho; em entrevista ao jornal *O Trecheiro*, em agosto de 2005, comentou: "Eu tenho 47 anos, e tenho consciência que para conseguir um trabalho vai ser difícil, então, eu tenho que me apegar aos bicos e à minha arte em cerâmica."

* Algumas ações do movimento serão analisadas no item 3.2.

Ponderou, contudo, que sua trajetória o levou a criticar e rejeitar certos tipos de trabalho.

— [...] eu nasci vendedor e hoje sou escultor. Por que que eu sou escultor hoje? Porque, se eu ficar dentro de uma loja pra ficar em pé, atendendo as pessoas, eu acho que não consigo mais. Por quê? Minha experiência, estou botando a minha experiência, porque talvez, por tudo que eu já passei até hoje, por tudo que eu já segui até hoje, não porque eu não tenha paciência, eu tenho! Você vê que pra esculpir eu fico bastante tempo. É porque eu vejo as pessoas sendo tratadas diferente, até pela própria ideologia da loja, tem que tratar fulano assim, porque era filha de fulano de tal, eu passei muito por isso quando eu era vendedor. Nas Pernambucanas, eu trabalhei. Então hoje eu acho que eu não participo desse círculo, dessas coisas, hoje eu tenho uma mentalidade diferente.

A alternativa encontrada, mesmo que temporária, foi conciliar a bolsa da Frente de Trabalho e suas atividades de escultor*. Vale ressaltar que o serviço que freqüentava foi sensível ao oferecer esta oportunidade:

— [...] consegui unir o útil ao agradável: eu consegui uma bolsa pra continuar a fazer os meus trabalhos. Eu falo isso, nego fica me olhando: pô, você é um sortudo! Converso com caras ligados à arte, você ganhar do governo um dinheiro pra trabalhar dentro da sua arte! Então, graças a Deus! E outros que têm que largar o negócio dele, tem muitos que tão varrendo o chão, passando um paninho no chão pra ganhar o dinheiro dele, seus R\$ 250, 00. Então é por aí o caminho, é uma coisa meio transitória.

Um novo caminho abriu-se na esfera afetiva. Foi na Igreja São Francisco que encontrou Maria.

— [...] tá vendo como a religião ajuda? Eu a conheci dentro da Igreja São Francisco, eu te contei a história?

*. A distribuição das bolsas de Frentes de Trabalho tem sido realizada pelos equipamentos sociais, que se encarregam, inclusive, de criar os postos de trabalho e acompanhar os trabalhadores. Nesta época, Francisco freqüentava o Albergue São Lázaro.

[...] Eu estava lá sentado, ela passou por mim, me olhou, ela passou de novo, me olhou; aí dei uma piscada pra ela, assim; foi, sentou atrás de mim assim, ficou um tempo ali. Tá me olhando, vai dar rock esse negócio! [...] É bonita essa história. Eu que já tinha desistido, vou morrer sozinho mesmo, tô falando sério, quem vai querer um morador de rua, com essa filosofia de política que eu tenho, tudo isso aí? Se eu fosse mulher, eu não ia me querer... Solidão é terrível, você vê as pessoas com namorado, companhia feminina. Isso é superimportante, passou esse tempo já era. E por incrível que parece encontrei meu pé torto pro meu sapato torto.

Francisco surpreendeu-se com a nova possibilidade neste relacionamento, mas não deixou de refletir sobre os conflitos que vivia diante da relação. Havia a diferença de classe social, fato que deveria ser sempre administrado em sua avaliação. Questionava-se que tipo de ajuda poderia aceitar de sua companheira. Achava justo, por exemplo, que ela o ajudasse financeiramente para um tratamento dentário: mas não aceitava receber um celular de presente nem freqüentar restaurantes caros. No entanto, a pressão para conseguir um trabalho passou a incomodar.

— [...] tem essa grande diferença social. Isso me incomoda um pouco, porque, querendo ou não, ela fica me pressionando: ah, você tem que trabalhar pra gente sair dessa! É uma coisa que... Me colocar contra parede, eu não vou produzir nada, eu dependo da minha arte [...] eu quero melhorar cada vez mais e eu vou sobreviver da minha arte e essa vai ser a minha meta, isso que eu planejei pra mim.

Esta relação durou certo tempo. As tensões no movimento das pessoas em situação de rua fizeram com que Francisco se distanciasse um pouco deste circuito. No final do trabalho de campo, havia se afastado dos Fóruns e do movimento, e fui informada de que, com o apoio da família, havia se internado em uma clínica de tratamento para dependentes de álcool.

A religiosidade e a inserção em circuitos de participação política parecem ser dimensões muito importantes na forma como Francisco foi tecendo suas redes — que, inclusive, colaboraram para sua reaproximação com familiares e com a nova companheira. Estas relações de proximidade (cf. Castel¹) mereceram destaque nas reflexões de Francisco, assim como seu investimento em voltar a tecê-las.

Participação política e reflexões sobre a situação de rua

Sempre chamou atenção, de maneira positiva, a participação de Francisco nos debates que freqüentei. Uma característica muito marcante que observei nesse tempo de convivência foi sua capacidade de pensar e agir coletivamente. Sua trajetória de participação política iniciou-se com a formação da primeira Comunidade Eclesial de Base (CEB) de Vitória (ES).

— [...] Então eles tavam fundando uma comunidade de base lá, comunidade Jesus Menino, primeira comunidade de Vitória. Comecei cavando terra lá, agora tem até sala de informática lá, coisa que eu bato no peito e falo: essa foi uma das coisas que fiz e vou deixar aí. Isso não foi pra mim, não foi pra ninguém, é uma coisa pra todo mundo, uma coisa coletiva muito importante.

Ao discutir o evangelho, lembrou Francisco, o grupo conseguia conscientizar-se em relação aos abusos do governo brasileiro:

— Não podíamos falar aberto contra o governo, e nós éramos esperto. [...] Nas reflexões do evangelho, a gente colocava a vida real nossa e jogava o que poderia fazer pra melhorar a situação que nós estávamos, contra essa ditadura.

Essa participação foi um marco importante para a formação de Francisco ao avaliar que o processo "abriu minha mente".

O papel da Igreja Católica no processo de resistência à ditadura e de redemocratização do País foi lembrado por Gohn⁷²: esta pesquisadora considerou as CEBs e as pastorais como movimentos sociais que contribuíram para a construção da cidadania dos brasileiros. Souza⁷³ ponderou que, nos anos seguintes ao regime militar, em que lugares de articulação política, sindical e social estiveram fechados, a Igreja foi um espaço de "relativa liberdade de organização e ação". Para este autor, as CEBs tiveram papel muito importante:

Mas a presença decisiva foi das Comunidades Eclesiais de Base (as CEBs), que foram brotando em diferentes igrejas locais (Vitória, Goiás, Crateús e, logo depois, na periferia de São Paulo). Eram pequenos grupos de cristãos de setores populares que se reuniam para momentos de oração e de celebração de sua fé, mas também de reflexão sobre seus problemas concretos de trabalho, saúde, educação, direitos humanos etc. Havia uma ligação muito profunda entre fé e vida concreta, que estaria na base da reflexão latino-americana desses anos, em torno à Teologia da Libertação.

Como herança deste período, a presença de setores da Igreja Católica na luta por direitos de pessoas em situação de rua é fato marcante. Neste sentido, há que se reconhecer seu importante papel nas conquistas que se referem a este grupo social. No trabalho de campo, entretanto, pude observar algumas tensões. Uma destas se expressa no diálogo entre Igreja e movimento. Será que há abertura para um real protagonismo da população em situação de rua na luta por seus direitos? Vale lembrar que há um amplo campo de discussão sobre a participação da Igreja Católica no cenário político brasileiro (cf. Souza⁷³, Azevedo⁷⁴, Silva⁷⁵).

Francisco continuou sua trajetória de participação política com sua entrada no Sindicato do Comércio. Com muito entusiasmo, lembrou este período: "[...] foi onde eu arrebentei: cheguei lá, minha filha, entrei logo pra chapa e fomos eleitos e briguei contra polícia [...] mobilizamos a categoria toda, nunca vi alguém fazer isso em Vitória [...]." Hoje, outros tempos, Francisco mantém seu entusiasmo, ao acreditar que a luta não deve terminar e ao defender um pensamento coletivo. Para ele, é fundamental "[...] você se sentir útil, que você não tá fazendo pra você, olhando pro seu umbigo, eu detesto isso, fazer uma coisa querendo olhar para mim mesmo". Nesse sentido, uma chave de transformação social é ampliar a conscientização das pessoas e unir-se em torno de espaços coletivos:

— [...] é superimportante que as pessoas, quanto mais lotar o Fórum de Debates, trazer essas pessoas mais pra gente, mais a gente vai modificando essa situação, mais a gente vai colocando nas cabeças das pessoas que vale a pena você se politizar, você lutar por uma coisa melhor.

A sua leitura sobre a situação de rua não se resumiu às questões ligadas a participação política. Francisco ressaltou que há grande heterogeneidade na situação de rua. Ele apresentou uma classificação estabelecida com base em uma interpretação de subjetividades e nas relações que a pessoa estabelece com o trabalho e a moradia.

- "Se entregou":

— [...] aquele que já se entregou e não quer saber de mais nada, aquele que realmente vai pro albergue e se entrega, chega lá ele se acomoda. Se cuida, toma banho, anda bonitinho, cheirosinho, tal, tudo bem, mas ele já se entregou. Como as pessoas dizem: eu tô comendo, bebendo, dormindo, então pra que trabalho? Então ele perde completamente a noção de sociedade,

vamos supor, de cidadão mesmo, então ele perde esse vínculo com o trabalho [...].

- "Não se acostuma com o albergue":

— É a pessoa que entra, vai pro albergue e não se acostuma com o albergue. Ele tá sempre querendo mudar, lutar, ele corre atrás todo dia, faz um bico ali, procura trabalho todo dia, cata uma lata. Porque pra ele essa situação nunca tá boa. Esse realmente quer mudar a situação dele. Ele caiu naquela, mas está por acaso. Ele está sempre querendo, tem o vínculo com o trabalho vivo dentro dele. E todo dia — não, eu preciso trabalhar —, ele fala pra si mesmo, eu quero mudar, e eu só mudo de situação trabalhando.

- "Trabalha e está no albergue":

— É esse que trabalha e tá no albergue, mas só que o seguinte: ele não quer sair do albergue. Ele vai guardando dinheiro dele, tudo bem. Só que tem um grande risco: de guardando dinheiro, ele vai se acostumando com aquilo ali, vai ficando por ali. E até porque o seguinte: responsabilidade é uma coisa que a pessoa tem que ter. A gente sabe que tem que pagar o aluguel, pagar uma luz, isso tem uma importância muito grande pro ser humano. Porque ele sabe que o dinheiro dele no fim do mês tem de fazer isso, fazer aquilo. Quer dizer, do meu ponto de vista, isso é o sadio. Então, se a pessoa tem aquele negócio que vem tudo de mão beijada, não está certo, ele tem com as próprias pernas dele construir o sustento dele, pagar os impostos dele, ele verdadeiramente se tornar um cidadão, verdadeiramente.

- "Está de porta de saída":

— Eu coloco que ele tá ali, mas já está saindo, tá de porta de saída já. Ele entrou ali, ficou uns meses, arrumou trabalho e já está pronto pra encarar a vida de novo.

- "Prefere a rua":

— Tem também uns que chegam e não se acostumam com albergue, que preferem viver, morrer na rua do que ficar dentro do albergue. Não se acostuma com essa coisa de horário, de fila, de horário pra comer,

horário pra lavar roupa, horário pra apagar a luz, entendeu? Então, tem muita gente que não se acostuma com aquilo. Então, o seguinte: a pessoa prefere muitas vezes morar na rua, viver aquela infelicidade todinha, que é na rua, na calçada, em cima do papelão, sujeito morrer assassinado, que isso é coisa que sempre acontece, do que estar dentro de quatro paredes, mas seguindo horário.

- "Não tem mais jeito":

— Vou ser um pouco pessimista: a pessoa que passou pela FEBEM quando era criança, eu vi já pesquisas que poucos conseguem se integrar, principalmente a FEBEM de São Paulo, que você sabe que é uma lástima! Então, geralmente, a pessoa vira bandido mesmo. Os dados são realmente desesperadores, infelizmente, isso é uma realidade mesmo. E a população de rua, tem pessoas que tão na rua exatamente por causa disso também: já teve na FEBEM, cadeia, não tem mais jeito, são poucos, mas tem. Estão em albergue exatamente por causa dessa situação.

- "Esqueceu que é ser humano":

— [...] você tem que lembrar que é um ser humano e que aquilo ali não tem nada a ver com você. Só que as pessoas esquecem — agora eu sou um mendigo mesmo e acabou — e aquilo vai acompanhar ele realmente. E, principalmente, dentro dos albergues, tem muitas pessoas assim hoje, tem muitas pessoas que não gostam de tomar banho. Ele já carrega com ele, ele vem da rua, aquele vício da rua. E então eles já não se interessam por nada.

- "Veio aqui pra ganhar":

— O morador de rua é exatamente esse soldado que veio pra lutar, só que ele veio aqui pra ganhar, ele não veio aqui pra perder! Você pergunta pra algum desses aí se eles querem voltar do jeito que eles estão pra casa deles: eles preferem morrer na Praça da Sé, bebendo cachaça, do que voltar do jeito que eles estão, esses são os verdadeiros heróis. Eles não voltam, eles podem até pegar uma passagem, mas, chega lá, eles não ficam um mês, eles saem de novo, a família vê ele diferente. Primeiro lugar, a família vê ele como

perdedor, família nenhuma gosta de pessoas perdedoras [...] então, ele prefere morrer largado dentro de albergue, ser enterrado como indigente como muitos são, do que voltar [...]

A análise e a tipologia estabelecidas por Francisco são contribuições que complementam as pesquisas que buscaram definir os perfis de pessoas em situação de rua, mas não devem ser lidas de forma estática. As observações de Francisco são valiosas, pois não há como pensar em ações, projetos e políticas públicas sem levar em conta as dimensões e a heterogeneidade por ele descritas.

PARTE 3 REPENSANDO CONEXÕES, PROPOSTAS ASSISTENCIAIS E OUTRAS REDES DE PROXIMIDADE

3.1 Participação política, movimento social e redes: experiência atual da população em situação de rua

A organização política das pessoas em situação de rua em torno da luta por direitos foi um dos temas recorrentes no trabalho de campo. Como se pode observar na reconstituição da história de Anderson, há um circuito (Fóruns, manifestações, movimentos sociais diversos) relacionado a essa temática, bem como pessoas em situação de rua que transitam nos espaços ligados a esse circuito.

Todavia, um dos temas que chamou atenção foram os comentários com que as próprias pessoas em situação de rua desqualificam tal circuito, ao afirmarem que a frequência da maioria em fóruns e espaços de debates e articulação política significava aproveitar o café ou o lanche que eram oferecidos. A noção do "boca de rango" como aquele que só está interessado em resolver sua fome é muito forte entre as pessoas em situação de rua, mas não só entre elas. Parece interessante destacar os comentários de descrédito e de ironia diante daqueles que compartilham a mesma situação, das formas de organização, do governo e dos programas e serviços assistenciais.

Ao tratar da dificuldade para conseguir o apoio de outros movimentos sociais e de ONGs que trabalham com pessoas em situação de rua para o Movimento Nacional de Luta e Defesa dos Direitos das Pessoas em Situação de Rua (MNPR), Anderson afirmou:

— Eu vou ser sincero para você: são poucas pessoas que acreditam na organização da população de rua. Muitas organizações, muitas entidades não querem a organicidade do povo da rua. Porque a bandeira de luta da população de rua — moradia, trabalho, saúde, educação, e cultura — é uma das ações que você tem que ter [...]. A hora que a gente fala dessa bandeira, todo mundo fala que o povo da rua não quer casa, povo da rua não quer educação! Quer sim, sabe?, a nível nacional nós queremos, mas não impostos para o morador de rua. Porque o cara perde sua casa anos e anos, como é que você vai jogar o cara dentro de uma casa? E que ele tem que viver com outras pessoas? É horrível isso! Então, ele precisa passar primeiro por um resgate da cidadania, o resgate da dignidade, sabe?, para ele depois voltar a construir família, voltar para os laços, sabe? Você precisa também de trabalho: você não vai dar um trabalho para um cara onde ele tem que ficar preso. O cara sai, ele quer fugir, ele quer liberdade. Então você precisa de algo pouco a pouco, não é da noite para o dia que o cara vai voltar a trabalhar na carteira registrada.

Apesar dos descréditos, das tensões e das críticas às lideranças que supostamente trabalham e utilizam espaços do movimento social em busca de benefícios próprios, há um grupo que vem constituindo e fortalecendo o MNPR. Por meio das reivindicações presentes nas entrevistas, que constituem momentos de maior expressão dessa organização e da análise de "pedaços", pude acompanhar relações sendo tecidas e parte da constituição desta história de organização. Visto que não se trata de um estudo sobre este movimento social, as conclusões desta pesquisa devem apontar os limites na coleta de dados específica sobre o tema. Desta maneira, serão utilizados como dados

para análise: as entrevistas de Anderson e Francisco, duas lideranças deste movimento; textos de Sebastião Nicomedes de Oliveira, liderança do movimento, publicados no jornal *O Trecheiro*; observações no Fórum de Debates Sobre a População em Situação de Rua, no Fórum da População de Rua, nos Dias de Luta do Povo de Rua e nas diversas manifestações que se sucederam ao massacre de moradores de rua na Praça da Sé em 2004; reportagens do jornal *O Trecheiro*^{*}, e do Centro de Mídia Independente (CMI).

Castells⁷⁶ conceitua movimento social como "ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade", processos que, segundo o pesquisador, são base para construção de identidades coletivas. Para esta análise, é interessante, ainda, retomar a discussão que o autor fez sobre identidades territoriais. Castells⁷⁷ conclui, a partir de sua observação e de estudos sobre os movimentos sociais urbanos em diversas regiões do mundo nas décadas de 70 e 80, que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em muitos casos, identidade comunal. Sobre movimentos sociais urbanos, este autor entende que, independentemente de conquistas mais evidentes, a sua existência em si já produziu algum significado: para os atores sociais e para a comunidade, tanto enquanto durava como na memória coletiva da comunidade.

* Editado pela Rede Rua de Comunicação. Suas reportagens têm acompanhado diversas ações ligadas a questões da rua, reportando, por exemplo, os eventos citados. *O Trecheiro* publicou textos de Nicomedes durante quase um ano, na coluna "Direto da Rua".

Dos Dias de Luta ao MNRP

O Dia de Luta do Povo da Rua é um ato que acontece anualmente na cidade de São Paulo preparado pelas organizações que trabalham com pessoas em situação de rua e pelos próprios moradores de rua. Este ano é a 16ª edição do Dia de Luta e tem como lema: Fazer justiça séria. É um ato que, por meio de cartazes e protestos, pessoas em situação de rua e instituições sociais buscam dar visibilidade à problemática social que atinge milhares de pessoas em situação de marginalização e exclusão, sujeitas a sobreviver na rua. Neste ano, a organização do Dia de Luta traz como principais reivindicações: moradias permanentes, ações contra a violência contínua às pessoas de rua e retomada das frentes de trabalho do Município. É válido lembrar que, ao longo desses dezesseis anos de Dia de Luta, algumas conquistas foram alcançadas como, a elaboração da Lei Municipal nº 12.316/97 e a criação do projeto de agentes de saúde para moradores de rua. Dia de Luta: 25 de maio (quinta-feira) Horário: 13 horas Saída: Largo do Paissandu.

Foi desta maneira que *O Trecheiro*⁷⁸, importante veículo de comunicação sobre as questões da rua, divulgou no número datado de abril/maio de 2006 a décima sexta edição do Dia de Luta do Povo de Rua. Esta forma de expressão, fortemente articulada pelo trabalho das ONGs que atendem pessoas em situação de rua e da Pastoral do Povo de Rua, teve nesse ano uma marca diferente: quem conduziu o ato foram as lideranças do MNRP.

Desde 2004, pessoas em situação de rua têm assumido seu protagonismo e uma forma mais permanente de organização nas ações em defesa dos seus direitos. O Fórum dessa população, realizado há anos no espaço da Casa de Oração, foi um grande propulsor desta organização. Anderson recuperou o histórico da formação de um grupo que tinha como um de seus objetivos assumir a liderança deste Fórum.

— [...] a gente decidiu que o Fórum da População de Rua seria organizado pela população de rua. Na época tinha uma equipe, um grupo, que estávamos participando. Quando nós vimos que é importante a gente ter assessoria das organizações, mas não é importante as organizações assumirem o Fórum que respalda a população de rua, que fala da população de rua. [...] a gente foi vendo quem era a liderança da população de rua, quem buscava um pouco esse papel com a população de rua. Nós não queríamos fazer uma coordenação de quem não entendesse nada. Então as pessoas foram se autoconvidando pra fazer parte da coordenação. E aí essa coordenação, um grupo, na época eram 15 pessoas, que se criou a liderança.

Esta coordenação contava com pessoas que tinham uma diversidade de experiências na situação de rua e também de formação política: havia um grupo, como Anderson, que vinha da participação na Pastoral e Casa de Oração; havia outros com experiência em diferentes movimentos sociais, como os de luta por moradia, os movimentos sindicais e o MST.

No meu entender, esse grupo, apesar das tensões e de se desfazer e refazer constantemente, mantém ao menos algo em comum: a defesa da necessidade da organização e da articulação de pessoas em situação de rua. Os trechos abaixo são narrativas de três lideranças:

— [...] eu faço parte da coordenação do movimento porque eu penso que, mesmo saindo da rua, a gente precisa se organizar, pra que ninguém mais volte pra rua, pra que ninguém volte mais pra essa condição de rua, e de lutar pelos direitos, direitos de políticas públicas qualitativas [Anderson, em entrevista à autora].

— [...] eu vou ver se consigo reunir essas pessoas de novo, porque é superimportante a gente estar aí, porque essa luta é uma luta interminável. Tamos aí na luta! Tá todo mundo esperando isso, entendeu? [Francisco, em entrevista á autora].

Por favor, não deixem a peteca cair.
Precisamos nos organizar e ter forças de mobilização!
Temos que nos manter unidos na luta pelas conquistas,
rumo à autonomia plena e à saída definitiva
da situação de rua (Nicomedes⁷⁹).

Foi possível perceber (tanto pelas entrevistas, como pela presença em campo) diferentes situações que significaram marcos importantes ou momentos de fortalecimento deste coletivo. Francisco indicou como um marco nas ações desse grupo a greve de fome realizada por algumas destas lideranças. Como protagonista da ação, avaliou:

— Então foi um grande marco, sem brincadeira. Isso aí foi que, querendo ou não, o Alckmin liberou pra assistência social nove milhões de reais. Porque ele viu que a coisa tava feia. [...] Foram três dias de greve: sexta, sábado e domingo. Foi complicado o negócio! Mas nós conseguimos alguma coisa. Conseguimos, primeira coisa, ser ouvido, e eles virem realmente que a gente tava a fim de qualquer coisa: morador de rua fazer greve? Morador de rua não pode ver um prato de comida!

Em relação à divulgação da greve pelos meios de comunicação de massa, a repercussão foi pequena, aparecendo somente em espaços alternativos, como *O Trecheiro* e o CMI⁸⁰ (espaço virtual em que este movimento vem aparecendo), o qual descreveu a ação nesta reportagem:

Sete moradores de rua da São Paulo estão em greve de fome há dois dias na luta por melhores condições de vida. Em frente à prefeitura de São Paulo, sete moradores de rua protestam com faixas, anunciando: greve de fome por direitos. Eles estão simbolicamente amarrados com cordas uns aos outros e garantem que continuarão a greve de fome até verem suas reivindicações atendidas.

Constavam das reivindicações a ampliação do número de vagas de moradia provisória, a manutenção e a ampliação do Programa Bolsa

Aluguel*, a revisão do tempo de permanência nos albergues e a abertura de novas vagas no Programa Frente de Trabalho reservadas às pessoas em situação de rua. O grupo exigia uma audiência com o prefeito, para firmar compromisso quanto às reivindicações expostas.

É chocante a necessidade da greve de fome para conseguir diálogo com o poder público. A greve de fome de 2005, ato corajoso e extremo, teve impacto na liberação de verbas por parte dos governos municipal e estadual de São Paulo e chamou atenção para as questões da rua, na opinião de Francisco, além de trazer benefícios na relação das lideranças com as organizações que trabalham com pessoas em situação de rua, o que refletiu em sua relação pessoal com o albergue:

— Padre Júlio também nos ajudou, deu um suporte, um apoio, e as entidades também, as entidades também gostaram, porque estavam sucateadas. Essa época, eles não estavam recebendo repasse de verba da Prefeitura, então eles agradecem até hoje. O cara lá do Albergue São Lázaro, quando eu fui pra lá, me deu a melhor cama que tinha, ele falou: eu devo muito a vocês! Realmente, a gente é reconhecido em certas coisas. As entidades tem hora que caminham com a gente, tem hora que andam meio à toa com a gente, mas tem hora que caminham com a gente.

Anderson e Francisco concordaram na avaliação de que a eleição (em 2005) dos conselheiros para o Conselho de Monitoramento da Política de Direitos das Pessoas em Situação de Rua foi importante na organização do grupo. Anderson contou um pouco do processo e ressaltou o fato de que a própria população assumiu o protagonismo nestas eleições:

* Programa da Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano do município de São Paulo, instituído em 2004 e que proporcionava um subsídio mensal de até R\$ 300,00 para ser gasto em aluguel de imóvel por trinta meses, prorrogáveis uma única vez (Lei nº 13.741/04; cf. São Paulo⁸¹).

— [...] com essa lei que nós temos em mão, a lei 12.316/97, conseguimos os delegados, eleger pro Conselho de Monitoramento. Já existia o Conselho de Monitoramento, mas era feito nos segmentos. Os conselheiros eram eleitos nos segmentos da Prefeitura, nas Subprefeituras. Ele não era eleito nos nossos segmentos, como a gente queria. Eram representantes da população de rua, mas só que era "pau-mandado" do poder público. O poder público é que fazia a cabeça: a gente quer aquele, aquele e aquele! [...] E aí, esse ano, nós conseguimos organizar os delegados e fazer umas eleições feita com a organicidade do Fórum. Toda do Fórum. A gente teve os apoios técnicos, mais uma vez o Fórum de Debates nos apoiou, mais uma vez a AMRMC nos apoiou, mais uma vez a Casa de Oração nos apoiou. E aí tivemos, pela primeira vez, a população de rua, a coordenação do Fórum da população de rua, fazendo uma organização que criasse, próprio, dentro da Casa de Oração, elege-se o Conselho de Monitoramento, por eles mesmos.

Para Francisco, foi um momento significativo, pois o grupo assumiu suas responsabilidades e aprendeu como se organizar para a escolha de seus representantes:

— [...] nós mobilizamos, umas 200 pessoas, conseguimos almoço pro pessoal, conseguimos tudo direitinho, todo mundo desempenhou seu papel direitinho. Todo mundo desempenhou o seu papel, todo mundo sabia de suas responsabilidades no momento, o pessoal da coordenação, sabia o que estava querendo, entendeu? Foi uma coisa... Claro: hoje, se tiver uma outra eleição, a gente não vai partir para os mesmos erros. Teve pessoas ali que entraram pela culatra, eu não quero nem falar nesse assunto, isso me magoa muito, pessoas que entraram ali sem estarem indicadas por seus equipamentos, sem tá indicada pelo albergue nem nada.

As festas do final de ano compõem um período muito delicado no que diz respeito à população em situação de rua. Momento em que a ausência da família é sentida com maior peso por alguns, a cidade pára, a solidão impera. No intuito de "enfrentar" a época com uma dose de solidariedade, o

movimento, desde 2004, vem organizando o Natal Solidário. Se em 2004 sua realização parecia um devaneio, em 2005 e 2006 já circulava antecipadamente a expectativa quanto ao evento. Anderson falou sobre o significado do Natal Solidário:

— Vamos fazer de novo na Praça da Sé, não pela questão do massacre nem nada, mas porque é na Praça da Sé que a população de rua se concentra mais. Não adianta levar Natal Solidário pra avenida Paulista, como é que eles vão se conduzir até ali? Boca de rango está na área central, quem dá comida fica na área central. [...] E outra, a gente quer ir em busca dos locais onde está a comida, pra gente levar cultura e não comida. Naquele dia, você enche o cara de comida e esquece da pessoa, e a gente não quer isso. A gente quer mostrar cultura, alegria, dignidade, respeito, credibilidade e dizer quem é o morador da rua, o que ele quer de verdade e por que ele está na situação de rua. [...] Esse ano, Natal vai ser Natal Solidário, uma "FelizCidade" pra todos, esse é nosso tema este ano. "FelizCidade" pro rico, pro pobre, pro negro, pro branco, pra quem quer que use a cidade. [...] Que ela inclua esse cidadão ou essa cidadã na sua cidade, que se tornem mais unidos ainda. É esse o Natal Solidário.

Foi uma grande festa que contou com diversos eventos culturais (música, dança, grafite, oficinas), infra-estrutura de palco e som adequados e muitas pessoas colaborando com o evento. Particpei da festa como colaboradora e fui designada a ajudar em uma mesa em que as pessoas tinham acesso a materiais para produzir seus cartões. A intervenção na cidade produziu muita curiosidade nos transeuntes, que paravam para apreciar e queriam entender o que acontecia. Muitos perguntavam se deveriam pagar para ter acesso aos cartões.

O *Trecheiro*⁸² publicou uma reportagem sobre o evento que, a meu ver, recuperou o "espírito do momento":

Teve de tudo: muitos cantores e cantoras; conjuntos de música de vários tons e sons: rap, sertaneja, popular; teatro de bonecos que dialogavam com os presentes; árvores de Natal enfeitadas, na hora, com material reciclado e com cartões feitos pelos que aí passavam; muitas pessoas, algumas apenas observavam, talvez surpresas com a novidade, outras felizes, que livremente dançavam de forma espontânea ou batiam papo com os amigos, e muitos outros trabalhando para que tudo desse certo. E deu! Um dia de encontro apesar de ser, conforme se costuma dizer, o dia mais triste do ano para quem está nas ruas e nos albergues.

O Natal Solidário, além de ser expressão de uma capacidade de organização e de articulação do movimento, subverte a ordem, ao mostrar que aqueles considerados dependentes e necessitados de caridade podem oferecer uma festa para a cidade.

As diversas expressões deste movimento (ainda haveria outras), recuperadas por meio de diferentes narrativas, contribuem para a construção de identidades, em que mesmo aqueles que não estão envolvidos diretamente com o movimento sentem os reflexos das ações. Independentemente de suas conquistas mais evidentes, o movimento parece contribuir com a construção do sentimento de pertencimento. Talvez a identidade de resistência possa se transformar em identidade de projeto, no sentido atribuído por Castells⁸³, em que os atores constroem "identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social".

3.2 Recurso à rede assistencial

A política de assistência social brasileira, desde a criação da Lei Orgânica de Assistência Social (Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993; cf. Brasil⁸⁴), parece mostrar, ao menos na sua formulação, alguns avanços na garantia de direitos. A aprovação da Política Nacional de Assistência Social (outubro de 2004) pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome reforçou a noção constitucional da assistência como direito do cidadão e responsabilidade do Estado. A assistência social passa a integrar o sistema de seguridade social, juntamente com a saúde e a previdência social. Desta forma, o Sistema Único de Assistência Social (Suas) estabeleceu a "regulação e organização em todo território nacional das ações socioassistenciais" (cf. Brasil⁸⁵).

O Suas é um novo modelo de gestão que supõe a definição de competências entre as esferas municipais, estaduais e federal. As ações assistenciais passaram a ser definidas por níveis de complexidade: proteção social básica e proteção social especial de média e alta complexidade. Outra característica do Suas é a referência no território, considerando regiões e portes dos municípios e centralidade na família.

O Plano da Assistência Social (Plas) da cidade de São Paulo de 2006 expressou a busca de adequações quanto ao novo sistema. Os serviços voltados à população em situação de rua passaram a integrar o programa São Paulo Protege, que

deverá articular e integrar os diferentes serviços de proteção social básica e especial, projetos, programas

e benefícios componentes da rede de serviços socioassistencial, buscando adequar-se às diferentes necessidades e segmentos dos moradores em situação de rua e em acordo com a necessidade de uma ação intersecretarial e intersetorial (São Paulo⁸⁶).

Este programa prevê ações voltadas para "segmentos populacionais mais fragilizados por risco pessoal e social" (São Paulo⁸⁶), com o objetivo de proporcionar acolhimento, proteção e encaminhamento. Prevê ações em parceria com organizações sociais e projetos que visem alternativas de geração de renda e inclusão, tendo como princípios norteadores o reconhecimento como sujeito, o respeito à individualidade, a equidade, o caráter processual das intervenções e a integralidade da ação. Voltarei a estes pontos mais adiante, para esclarecer elementos deste programa.

Vale lembrar que a implantação de uma política pública voltada a pessoas em situação de rua é resultado de uma série de lutas políticas e de esforços de diferentes setores da sociedade, inclusive da própria população, em reivindicar direitos. Na cidade de São Paulo, o artigo 1º da Lei nº 12.316/97 (São Paulo⁸⁷), regulamentada pelo Decreto nº 40.232/01 (São Paulo⁸⁸), foi definitivo na definição de responsabilidade social do município, "garantindo padrões éticos de dignidade e não violência na concretização de mínimos sociais e dos direitos de cidadania a esse segmento social".

Apesar de representar um avanço para a luta que se organizou em torno das questões da rua, há críticas relativas a essa legislação. Uma dessas críticas foi expressa de maneira contundente por Barros⁸⁹:

Mas o que é uma lei que no seu corpo garante direitos que já estão garantidos por outras legislações e que constituem o mínimo de respeito e dignidade? Por que isto não é um programa? Esta liminaridade entre lei e

programa aponta para a institucionalização do estado de exceção, a regulação de uma experiência de exceção permanente, para usar a expressão de Francisco de Oliveira acerca da modernização brasileira.

Do ponto de vista de Anderson, apesar das críticas, a população deveria se apropriar da lei para lutar por direitos:

— Então o movimento vem muito nessa organicidade de fazer a população de rua se acordar. Acordar pra visão de que os direitos dele ele tem. Ele tem aí uma lei que, mesmo que seja falha, mas é a lei dele, que ele tem que lutar pelos direitos dele e não de viver debaixo do viaduto, de viver em albergue, mas de ter dignidade.

Na esteira das lutas políticas, as questões relacionadas à população em situação de rua ganharam força em escala federal com o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI), criado por decreto em outubro de 2006 com a finalidade de elaborar estudos e apresentar propostas de políticas públicas.

Circuitos da assistência na cidade de São Paulo: refletindo com a experiência dos colaboradores

No trabalho de campo, a discussão sobre albergues mostrou ser relevante, pois foi referida de forma enfática, em diversas situações: como tema de reflexão dos colaboradores, e nos debates acalorados em fóruns e reuniões, nas narrativas de suas vivências pessoais, além de fazer parte do cotidiano de alguns, sendo o cenário de suas histórias.

Entre a população, falar sobre albergues gera muitas polêmicas, pois as divergências são grandes e manifestam-se de forma apaixonante. Alguns avaliam que é humilhante estar em um albergue; outros, que é melhor do que ficar na rua. Há aqueles que não consideram o albergue como

dispositivo adequado da política pública para responder às necessidades das pessoas em situação de rua. É comum que as pessoas avaliem os serviços, considerando suas regras, a comida oferecida, a relação com os funcionários e a infra-estrutura, entre outros aspectos, e busquem adequações quanto às suas necessidades, na medida do possível. O fato é que ainda é necessário produzir discussões mais aprofundadas sobre a estrutura dos albergues e suas regras, de modo a compreender a que respondem tais equipamentos.

Os albergues são equipamentos sociais que fazem parte do Programa São Paulo Protege e, de acordo com a reorganização da assistência social, são compreendidos como serviços de proteção especial de alta complexidade. Isso significa que são voltados para "casos onde os direitos do indivíduo ou da família já foram violados e também quando o vínculo familiar é rompido" (São Paulo⁹⁰).

Muitas são as críticas e denúncias relativas aos albergues por parte de seus freqüentadores, principalmente quanto à infra-estrutura, às regras e às relações estabelecidas. Francisco, por exemplo, analisou sua situação:

— É porque o seguinte: a pessoa, o ser humano, é a adaptação. O albergue que eu estou hoje é uma coisa lastimável: baratas, baratas que passam, aquelas baratinhas francesas pequenininhas; passa tudo por cima de você durante a noite, o colchão tá cheio. [...] É uma porcaria, mas por enquanto eu vou suportar. É conveniado, tudo, é uma porcaria. Tem umas coisas boas, um albergue pra ter canal pago, tem TV paga lá, e tem barata atrás do colchão — vai entender uma coisa dessas! E tem armarinhos bonitinhos para você colocar no bagageiro. Mas eu não sei por que eles pecam numa coisa tão fácil, deixar tudo limpinho, bonitinho; eu preferia ter isso do que ter canal pago [...] Então, quer dizer, a pessoa prefere, eu prefiro ter um

certo conforto, porque dormir nesse calor, debaixo do viaduto, é supercomplicado. Olha, durante a noite, umas três, quatro vezes eu preciso levantar pra tomar banho, porque eu acordo suado. Um ventilador de um lado, outro de outro, pra mais de cem pessoas dentro do lugar. Uma entradinha de ar lá e lá, e as portas. É complicada as coisas. Você pensa que só sou eu? Não, muitas pessoas estão lá igual a mim, eu não sou melhor do que eles. Muitos estão trabalhando, e estamos lá, estamos buscando melhorar daqui a pouco, é o que eu falei lá.

Uma crítica muito recorrente refere-se às "muquiranas", nome popular para o *pediculus humanus*, também conhecido como piolho-do-corpo, que se instala nos pêlos e nas roupas e provoca coceiras, além de transmitir algumas doenças. Falta de ventilação, baratas e muquiranas, além de serem desagradáveis, são preocupantes do ponto de vista da saúde de uma população. É uma questão de saúde pública que deve ser enfrentada. Outras perspectivas foram abordadas, como a reflexão de João sobre sua experiência mais recente:

— Chegando aqui em São Paulo — eu num tenho vergonha de falar, eu sou honesto, sou digno no que eu digo —, fui parar no albergue do Glicério, Franciscano. Fiquei dois meses lá, junto com a Soely e a Talia, e não gostei, pelo seguinte: porque num é um prato pra mim. Eu gosto da minha liberdade, do meu viver, da minha sabedoria, da minha inteligência, daquela pessoa que eu sou. Gosto de conversar com todo mundo, gosto de sair, num tenho pressa pra voltar. Isso num existe.

Na experiência de João, ficou marcada a impossibilidade de que o equipamento respondesse às suas necessidades e respeitasse a sua individualidade. Apesar de representarem vivências pessoais, algumas reflexões podem sugerir a construção de uma identidade coletiva

relacionada ao fracasso e a total falta de perspectivas, como é possível acompanhar na narrativa de Armand que se segue:

— E quando eu ia pros albergues, nossa! Era horrível! Olha, eu me sentia o pior — eu me sinto ainda; quando eu piso no albergue, eu me sinto a pior pessoa do mundo. Acho que esse termo, esse lugar, é um lugar assim humilhante. É humilhante, defasado. Eu me lembro a primeira vez que eu entrei no Arsenal: era tudo arrumadinho, mas, quando eu entrei no quarto, me deu vontade de chorar, assim, aqueles milhões de camas. E eu tinha assistido um filme [...] com o Matt Damon, que eles estavam em um albergue nos Estados Unidos, é um filme que fala sobre albergue, mas lá nos Estados Unidos, lá em Nova York. E eu me lembrei daquela cena, aquele monte de cama, gente tossindo, doente, e tal, e aqueles ventiladores grandes, assim, e aquela coisa, eu me senti: nossa, eu faço parte de uma massa que nunca vai ser nada, que nunca vai ter nada! Isso me dava uma desesperança, um medo, sabe?, uma vontade de me entregar de vez pra vida, e acabou! Porque eu tinha perspectivas, eu sempre tive perspectivas do que eu quero, mas era triste. Ou quando eu ia de madrugada assim, entrava como pernoite, e diziam: não tem janta! Acabou a janta! E aí eu tinha que tomar banho no banheiro todo sujo e gelado, água fria, e depois me punham numa cama toda fedendo e depois acendiam a luz cinco horas da manhã no seu rosto assim, e todo mundo pra fora!, vai embora!, né?, acabou! Vamo, cambada! Eles usam estes termos muito tristes pra viver, e eu como vivi sempre em instituição, isso era pra mim, era o fim. Era como se tivesse voltado e regredido cada vez mais. Então eu me larguei e preferi ficar na rua.

Dentro de um cenário em que faltam alternativas, surgiram comparações entre dormir na rua e dormir em albergues. É interessante que os colaboradores explicitaram opiniões diversas em relação a essa comparação, o que pode enriquecer nosso entendimento. Para Francisco, que também já teve experiência em dormir nas ruas, os albergues, ainda

que sejam passíveis de diversas críticas, significam uma alternativa melhor do que a rua, pois oferecem alguma proteção:

— [...] as pessoas podem entender que a coisa é terrível, mas é melhor você estar dentro de um albergue do que na rua. Por pior que seja, com barata, sem barata, por pior que seja. Na rua você corre um grande risco de ser morto, de ser assassinado, de nego tocar fogo em você, todo esse tipo de malvadeza.

Já para Armand estar na rua pode gerar mais oportunidades e, ao menos, torna a problemática visível aos olhos de todos. O albergue, em sua opinião, seria o lugar da invisibilidade. Neste trecho de sua entrevista, podemos compreender sua reflexão sobre o assunto:

— [...] eu sinceramente nunca mais quero voltar pra albergue na minha vida. Se eu tiver que voltar, eu acho que eu vou sofrer muito, porque é horrível! É a pior coisa que pode existir! É pior do que ficar na rua. Porque na rua você está suscetível a um monte de coisas, mas você não tem horário pra dormir, você não tem horário para comer. As pessoas na rua ou vão te tratar mal ou vão te tratar bem. Das duas uma, não tem essa. E no albergue, não: você sabe que aquelas pessoas que estão trabalhando ali, elas estão ganhando por estarem ali, pra estarem com você, pra te darem ao menos o mínimo de atenção. Eu sei que é complicado, porque tem muita gente; mas eu sei que elas não fazem isso, elas acabam afastando as pessoas, e a gente sabe também como é tachada a pessoa que vive em albergue. Então, acho que a rua, com todo mal que ela pode existir, com a falta de segurança e tudo, ela é um passo pra você conseguir mais coisas. As pessoas prestam muito mais atenção em você, por incrível que pareça, quando você está na rua. Quando você está debaixo de uma ponte trancado, ninguém sabe quem é você. Quando você está lá, exposto como modelo, na rua, as pessoas vêem você todos os dias e sabem que aquela realidade é a realidade do país e tudo. Quando você está dentro do albergue, não; ninguém sabe que você existe. Você sai de manhã e se junta à multidão.

Anderson defendeu a necessidade de mobilizar e organizar as pessoas em situação de rua. A seu ver, tanto a rua, quanto os albergues não são situações dignas: "— Ele tem que lutar pelos direitos dele e não de viver debaixo do viaduto, de viver em albergue, mas de ter dignidade."

Em uma apresentação durante encontro do Fórum de Debates*, a equipe que coordenou a pesquisa Smads/Fipe sobre albergues (cf. São Paulo²⁴) apresentou dados deste levantamento e algumas análises, seguidas de debate com os presentes. Reportagem elaborada por um dos membros da comissão organizadora deste Fórum e publicada no *O Trecheiro* (cf. Fórum de Debates⁵²) informou um resumo das discussões produzidas:

De maneira geral, avaliou-se que os albergues possuem atendimento razoável e atingem um padrão mínimo de dignidade humana. O grande desafio é atender à variedade de demandas específicas, de idosos, deficientes e alcoólatras, principalmente. Após a apresentação, os debates se concentraram em alguns problemas verificados na prática por pessoas em situação de rua e seus representantes. Falou-se muito em abuso de poder de alguns funcionários dos albergues, especialmente quanto ao desligamento de usuários [...] No entanto, o assunto mais importante foi a falta de uma rede de serviços públicos que sirva como porta de saída das ruas. Houve consenso que o albergue, isoladamente, não oferece alternativas de inclusão. São necessárias oportunidades concretas de trabalho e moradia em uma rede de serviços intersecretarial, abrangendo a integração dos aspectos de assistência social, saúde, trabalho, habitação e cultura.

Estas análises e reflexões aqui apresentadas mostram diversas tensões relacionadas a estes serviços, e revelam a dimensão dos albergues, ao se

* O Fórum de Debates Sobre a População de Rua acontecia, na época, em encontros quinzenais com temas predeterminados para a realização de debates. Participavam dos encontros pesquisadores, técnicos, estudantes, usuários dos serviços e lideranças do movimento. Foi um dos espaços privilegiados de convívio, observação e aprendizado durante a pesquisa.

pensar a situação de rua. Cabe destacar o fato de que os albergues constituem um campo dilemático, que ocupa objetivamente grande parte das preocupações diárias de quem está em situação de rua. Isto tem conseqüências para a organização pessoal, relacional e de trabalho. Há momentos em que as pessoas estão em busca de vagas e, para isso, transformam a sua rotina em função deste objetivo, ao passar muitas horas do seu dia à espera, por exemplo. As críticas e reflexões também têm sido muito freqüentes, como foi possível observar no trabalho de campo e nas entrevistas com os colaboradores — e mesmo na experiência de participação no Fórum de Debates, em que, independentemente da temática a ser discutida, os albergues figuravam nas falas de seus usuários que em geral relatavam críticas pontuais. Técnicos presentes ao Fórum que trabalhavam em albergues, em muitos momentos, tomavam as críticas como pessoais e passavam a defendê-los, buscando dar respostas àquelas críticas. O fato é que a produção de reflexões sobre os albergues pareceu sempre fechada em um círculo vicioso. Talvez a recente pesquisa Smads/Fipe possa mostrar diferentes caminhos para a transformação destes serviços.

Embora essa pesquisa tenha sugerido que os albergues conveniados na cidade de São Paulo possuam "atendimento razoável e atingem um padrão mínimo de dignidade humana", em momentos das reflexões dos colaboradores foi possível perceber que, na perspectiva deles, esta não é uma experiência compartilhada. Parece-me, assim, pertinente compreender o que significaria o "atendimento digno", a dignidade, para os diferentes atores envolvidos nestes processos. Do ponto de vista de Anderson, dignidade seria

a conquista de direitos de moradia, trabalho, saúde e cultura, assim como respeito às individualidades. Sebastião Nicomedes, no livro de poesias *Cátia, Simone e Outras Marvadas*^{*}, enunciou que é preciso reinventar a política pública direcionada a este grupo social, comparando as respostas criadas até então como novas formas de manutenção da escravidão:

[...] Muda-se de opinião.
 Que adianta uma casa com aluguel por pagar
 contas atrasadas, luz e água vencidas
 a imobiliária cobrando, logo cedo,
 o proprietário batendo à porta.
 A vergonha, a sede, a escuridão, a promissória,
 o salário baixo, inflação, deflação, cartão de crédito,
 celular, caixa postal, boleto, a multa.
 Depois que se joga fora a chave da consciência,
 nada mais importa.
 Política pública na rua tem de começar por lazer,
 tem que mudar a metodologia, educação e cultura,
 tem que investir na arte da alegria e paz
 pra depois reivindicar trabalho, moradia, renda, habitação.
 Que quem tá na rua tá de saco cheio de promessas vãs,
 de ofertas medíocres, mediadas paliativas, demagogia
 qual escravo liberto.
 Quem mora na rua
 não quer voltar pra senzala (Oliveira⁹¹).

Francisco comparou São Paulo a outras cidades brasileiras. Para ele, deve-se reconhecer que a cidade constituiu uma política pública, mesmo que de forma insuficiente e ineficaz em muitos aspectos.

Uma das metas apresentadas pelo Plas 2006 é qualificar a rede de proteção especial "a fim de reduzir os motivos de recusa e resistência das pessoas que se encontram em situação de rua" (São Paulo⁹²). No que se refere aos albergues, especificamente, a meta é adequá-los aos termos da

^{*} Publicado pela editora Dulcinéia Catadora, interessante projeto que vem apoiando a publicação de novos talentos e tem parceria com grupos organizados de catadores, os quais produzem capas recicladas e personalizadas.

legislação vigente, a qual determina que os equipamentos devam ter no máximo cem vagas, apresentar instalações físicas apropriadas e os necessários recursos humanos e materiais. Além disso, prevê a descentralização dos equipamentos, que, na sua maioria, estão localizados no centro da cidade. Um grande investimento desta Secretaria foi relativo à contratação de agentes de proteção social. Segundo dados do relatório de gestão (cf. São Paulo⁹³), o número de agentes passou de 105 para 260 profissionais em 2006, compondo as ações de proteção social nas ruas do Programa São Paulo Protege:

O vínculo entre a população em situação de rua e a Assistência Social é feito por meio dos Agentes de Proteção Social. Eles abordam essa população, acompanham sua história e realizam o encaminhamento para a rede de proteção da cidade, como albergues ou abrigos, de acordo com a necessidade de cada um. Coordenados pela CAPE (Central de Atendimento Permanente e de Emergência), os agentes ficam concentrados nas ruas dos principais centros da cidade: Sé, Lapa, Mooca, Santana, Santo Amaro, Pinheiros, Jabaquara, Ipiranga e Vila Mariana (São Paulo⁹⁴).

A preocupação expressa no Plas parece rumar em um sentido positivo. Contudo, há questionamentos pertinentes que merecem atenção. Em primeiro lugar, quais serão os motivos de recusa e resistência? Além das reflexões dos colaboradores já apresentadas, foi possível acompanhar uma parte destas transformações e a construção de albergues em bairros distantes do centro. Uma das "resistências" deve-se ao desejo de permanecer no centro, cujos "pedaços" e circuitos localizavam-se na região. O que remete a outra discussão importante: o direito à cidade e especialmente ao centro da cidade. Há intenso debate sobre esta situação, e

não cabe aprofundá-lo aqui, mas apontar para uma tendência de expulsão do centro de grupos mais vulneráveis, somada a outras ações e a uma concepção de revitalização do centro. Algumas denúncias foram muito bem expressas pelo dossiê "Violações dos direitos humanos no centro de São Paulo"*, apresentado em 2006 e organizado pelo Fórum Centro Vivo, um dos grupos que atua na defesa do direito de permanência no centro da cidade com participação de lideranças do movimento da população de rua. Deste dossiê constam denúncias relacionadas às condições de vida das pessoas em situação de rua: a ação da Guarda Civil Metropolitana, que ultrapassa os limites da abordagem social, a ineficácia das políticas de atenção e a falta de soluções habitacionais definitivas, dentre outras.

Armand trabalhou como agente de proteção social, o que lhe proporcionou uma grande oportunidade de se reestruturar e construir novas possibilidades de vida, como foi possível observar na reconstituição de sua história. Suas reflexões sobre este trabalho são muito interessantes, pois ele fala da perspectiva de quem frequentou os serviços e que depois passou a, convencer outras pessoas a frequentá-los. Apesar de acreditar que, por ter frequentado albergues ou dormido na rua, suas possibilidades de aproximação e sucesso nas abordagens são maiores, percebeu os limites das ações:

— [...] eu acabo encontrando pessoas valorosas na rua, sabe? Mas eu percebo que as pessoas não querem sair da rua, e não acreditam mais. Porque esses serviços dos albergues, das instituições, ficou muito defasado. Foi criado serviços de massa. Eu me lembro que, quando eu estava no albergue, funcionava

* Disponível em <http://dossie.centrovivo.org/Main/HomePage>.

da seguinte forma: eu me sentia como boi sendo guiado. Porque tinha uma falta de respeito tremenda, tinha uma série de coisas que não podia fazer, uma série de regras que comprometiam, e tinha até aquela coisa assim de você não poder dizer nada, senão você estava fora.

Além do descrédito, o circuito das "bocas de rango" e albergues propiciam situações que colaboram para que as pessoas continuem a viver da mesma maneira que estão. Foi o que Armand expressou enfaticamente, ao avaliar, não só a dinâmica dos serviços, mas também a relação com as pessoas que os freqüentam:

— Eu andava quilômetros para comer! Você não faz idéia! E o atendimento nesse lugar, e pra você conseguir uma vaga? Demora assim, muito, pra conseguir o pernoite, muito! Pra conseguir o Cape, muito! O serviço do Cape é muito desorganizado, pra conseguir comer numa "boca de rango", que eles chamam de centro de serviços, cara, é horrível! Porque você tem que chegar cedo, senão você não consegue pegar uma ficha. Ficar lá fora na fila, no sol, e as pessoas geralmente estão bêbadas e drogadas, aí sai briga, problemas, e as pessoas mexem com você, e aí você acaba entrando e comendo a comida meio entalado. E você tem que comer rápido, porque tem que dar a vez pro outro. E geralmente é aquela comida industrial, com salitro, sabe? Então é todo um processo, e aí você come, e aquilo não te sustenta. Eu vivia fraco, caindo pelos cantos, e eu percebo uma coisa. O tipo de comida que eles servem nas instituições fazem com que você não tenha força pra fazer as coisas, é verdade! Não tenha força pra andar, pra procurar algo. Você percebe que as pessoas que ficam em albergue geralmente ficam muito deitadas, querem dormir, e tudo o mais. Primeiro, porque não dormem direito, porque quando você consegue dormir no albergue é de madrugada, quando passa o barulho. Segundo, é uma alimentação básica, bem por cima mesmo. Básica, da básica, um arroz, feijão, um ovo e uma salada. É básico. E acaba sendo uma alimentação que pro dia, pra pessoa andar e procurar algo, não dá. Segundo, que você não tem um tostão, não tem dinheiro pra pegar condução, então você tem que fazer tudo a pé. Terceiro, que você já não

vai estar bem vestido. Pra você que está numa situação dessas, você não vai estar bem vestido, você não tem uma roupa, mesmo que ela tiver, num tem lugar pra lavar, guardar com segurança. Terceiro, que a maioria dos albergues, eles não guardam as suas bagagens, e você tem que andar com todas as suas tralhas no meio da rua. Então já é uma situação propícia pra você continuar no meio da rua.

Alguns projetos e serviços parecem oferecer alternativas mais interessantes do que este cenário. Os projetos de moradia provisória são alguns exemplos de alternativas mais recentes; mas ainda há poucas vagas disponíveis: segundo o relatório de gestão (São Paulo⁹³), existem 332 vagas na cidade*. Há dificuldades também na saída dos projetos. Apesar de não haver dados que revelem essa realidade, pude acompanhar a experiência do Projeto A Casa Acolhe a Rua, moradia provisória coordenada pela OAF; nesta experiência, foi possível observar que as situações bem-sucedidas, ainda que instáveis, significavam a possibilidade de manter-se em uma vaga ou quarto alugado em pensão, compondo o cenário dos inúmeros paulistanos que habitam moradias precárias na cidade. Projetos de geração de renda e ações desenvolvidas nos centros de convivência também apresentam alguma alternativa, que puderam ser refletidas na reconstituição das histórias dos colaboradores e como estes se utilizaram de tais projetos.

Apesar dos avanços dentro do campo da assistência, no que diz respeito a suas formulações, na prática há ainda muito a ser feito. Ao avaliar os programas de atendimento às pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo, Barros⁹⁵ concluiu que as políticas públicas nas duas gestões

* Para ajudar a visualizar os números: segundo o mesmo relatório, existem 5.215 vagas em albergues conveniados com a Smads.

petistas foram fortemente baseadas em ações compensatórias. Permanecem no horizonte as tensões que o movimento social vem produzindo em seu processo de fortalecimento. É possível que novos rumos possam ser traçados de forma a favorecer suas reivindicações.

3.3 Educação: diversas formas de saber

A educação surgiu como temática relevante das análises das trajetórias e das reflexões dos colaboradores, assim como das discussões do Fórum de Debates e palestras sobre a situação de rua ou a assistência social (com a implantação do Suas foram freqüentes as palestras e debates em torno do tema). Trata-se de discutir o lugar da educação — concebida como política pública — e das instituições responsáveis pela transmissão de conhecimento. Adoto a posição defendida por Brandão⁹⁶:

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais [...] A educação existe onde não há escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra [...].

O autor entende a educação vinculada à cultura como "o lugar social das idéias, códigos e práticas de produção e reinvenção de vários nomes, níveis e faces que o saber possui" (Brandão⁹⁷).

A preocupação com a produção de conhecimento e com as formas de transmissão foi constante no trabalho de campo. Nas entrevistas, termos como "formação", "informação", "conscientização", "ensinar", "abrir a mente" foram utilizados de maneira recorrente. As reflexões produzidas pelos

colaboradores, assim como as formas de gestão do cotidiano, de construção de redes e participação em determinados circuitos, são expressões de diferentes formas de saber. Santos et al.⁹⁸ chamaram a atenção para o "confronto de conhecimentos rivais", principalmente entre conhecimento científico e não-científico:

Mas se se assumir, como faz a epistemologia crítica, que todo conhecimento é situado, é mais correto comparar todos os conhecimentos (incluindo o científico) em função das suas capacidades para realização de determinadas tarefas em contextos sociais delineados por lógicas particulares (incluindo as que presidem ao conhecimento científico). [...] é nossa intenção procurar demonstrar que a atual reorganização global da economia capitalista assenta, entre outras coisas, na produção contínua e persistente de uma diferença epistemológica, que não reconhece a existência, em pé de igualdade, de outros saberes, e que por isso se constitui, de fato, em hierarquia epistemológica, geradora de marginalizações, silenciamentos, exclusões ou liquidações de outros conhecimentos. Essa diferença epistemológica inclui outras diferenças — a diferença capitalista, a diferença colonial, a diferença sexista —, ainda que não se esgote nelas.

É possível acrescentar a esta lista as diferenças de classe social, de origem e raça, entre outras. Neste sentido, pode-se perguntar de que maneira os saberes produzidos por este grupo social são dimensionados em nossa sociedade. Pude presenciar um silenciamento bem concreto, quando Anderson questionava as políticas públicas em um evento promovido pela Prefeitura de São Paulo em 2004. A palavra de Anderson parecia revelar a insurgência contra a ordem instituída: enquanto falava, seu microfone foi desligado. Todavia, alguns exemplos positivos podem ser citados, como na

experiência do Fórum de Debates*, em momentos nos quais saberes diversos eram valorizados ou mesmo na participação de representantes do movimento da população em situação de rua na construção de uma política nacional para esse grupo.

A preocupação com a busca por informação, conscientização e formação em geral foi expressa nas reflexões dos colaboradores. Em suas andanças pela Praça da Sé, espaço de permanência de pessoas em situação de rua, Francisco observou o tipo de literatura acessada e sua importância. Para ele, esta é uma forma de manter aceso o interesse pela sociedade, sendo uma manifestação do esforço pessoal de participação:

— Vou falar uma coisa pra você: aquelas pessoas ali, que estão sentadas no banco, lendo pelo menos esse jornal aqui, *Jornal do Metrô* — eu passo ali, eu acho importante. Por que eu acho importante? Porque ele não tá desativado do mundo, não desligou todos os botões, não quer saber da sociedade, aquela pessoa que está lendo ainda tem chance, porque ele tá tentando, ao modo dele, sem ele saber. O subconsciente dele tá tentando alguma coisa. Esse ainda tem chance.

Em sintonia com Francisco, ampliar horizontes e possibilidades através do acesso aos bens culturais é, para Armand, uma forma de conscientizar-se, aumentando as chances de sair de situações desfavoráveis:

— Ao ter acesso à cultura, você tem possibilidade de formular idéias, e ao formular idéias, você tem a possibilidade de sair da situação que você se encontra. Você consegue refletir melhor sobre essas coisas, né? Porque as idéias são fantásticas! Você também consegue ver um outro mundo, que existe muita coisa mais além. Ontem eu estava assistindo um programa que falava sobre o quintal. Algumas pessoas diziam: qual é o seu quintal? Algumas pessoas acreditam que o

* Mais informações sobre este Fórum foram apresentadas no item 2.1.

quintal é aquilo, é uma coisa pequena. Aí entrevistaram um senhor no Nordeste, e ele achava que o quintal dele era aquela vidinha, e tudo mais. E já uma escritora famosa falava que o quintal dela era o mundo, todas as coisas. Já pra um astronauta seria o universo, e tal. Qual é o seu quintal? O que você se permite a fazer? Hoje eu posso dizer que o meu quintal — eu não posso dizer que o meu quintal é o mundo ou o universo, mas eu posso dizer que o meu quintal é amplo, porque eu sei que tem outras possibilidades.

Para os colaboradores, estas seriam possibilidades de transformação pessoal e coletiva. Por sua vez, Anderson considerou que as lideranças e os militantes de movimentos sociais necessitam de formação: "— Hoje já você precisa ter formação, porque se você não tem formação, você não encara a luta, não é verdade?" A própria participação em processos de reivindicação pode ser compreendida como um processo educativo. Para Gohn⁹⁹, "[...] o caráter educativo deste processo é dado pela aprendizagem obtida, quanto aos assuntos em tela; pelo papel dos agentes e atores envolvidos; e pelas estratégias ou resistências que são elaboradas".

Formas de aprendizado e de construção de conhecimento foram avaliadas por Anderson e Francisco, os quais defenderam a experiência na prática como uma forma fundamental de construção de conhecimento. Ao refletir sobre sua forma de aprendizado ligada a participação política e às questões da rua, Anderson argumentou:

— A escola que eu tive foi até a sétima série, não tive o primeiro grau completo, não tenho o segundo grau. E aí eu fui aprendendo, vendo como é que se falava, como é que se organizava e participando. [...] Então eu comecei aprendendo, né? O que era organicidade, o que era organização, e também pelo "trecho". Fui andando um pouco por Minas, Rio, e conhecendo um pouco a população de rua já, em outros estados, vivenciando, fazendo lideranças, conversando,

participando da Pastoral, participando de encontros, indo, vendo a organicidade. [...] Principalmente eu que vivi nessa vida de rua, hoje eu posso falar com clareza, porque eu não poderia tá falando da rua se eu não tivesse vivido a rua, né? A gente só pode falar daquilo que a gente vive.

Ao valorizar o saber construído na experiência prática, Anderson também criticou a supervalorização do conhecimento produzido por pesquisadores e pelos técnicos de forma geral.

Francisco criticou a produção de conhecimento que não dialoga com a realidade da população estudada:

— Pra você saber de população de rua, você tem que conviver com a população de rua. Dentro do escritório, se você for escrever, você não vai conseguir, vai sair uma coisa muito superficial. Superficial tem de mais por aí. Pra fazer um trabalho sério, uma coisa com responsabilidade, você tem que fazer exatamente isso que você tá fazendo: andar com a pessoa, ver a realidade dele.

Espaços ligados à religiosidade também foram referidos como situações que favorecem o aprendizado pessoal e fortalecem a construção de um conhecimento compartilhado pelos grupos que freqüentam determinado circuito. Em sua rotina de participação na Igreja Adventista, Pedro tem o estudo da Bíblia, que realiza no seu cotidiano mediante leituras, assistindo a sermões e, todos os sábados, na Escola Sabatina*. Sempre que encontra uma oportunidade, transmite este conhecimento para outras pessoas. Ele expressou a importância deste estudo:

— De 2001 pra cá, eu vou sempre na igreja, e estou sempre aprendendo cada vez mais. E descobri que a igreja verdadeira de Deus é a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Continuo lendo a Bíblia. Eu falo que a

* Outras informações sobre a IASD estão no item 2.3.

Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja verdadeira porque está na Bíblia.

Anderson tem também seu espaço de estudo na Escola do Serviço do Senhor, realizada na Casa de Oração do Povo de Rua:

— Então, Escola do Serviço do Senhor é onde a gente estuda, muitas vezes, passagens da Bíblia, do contexto da Bíblia, que nos fazem refletir o conceito de comunidade. Como se fazer comunidade? Como atuar na comunidade? Uma comunidade que não seja a comunidade que explore, aquela comunidade que só olhe pro bem material e que não olha pelo pobre.

Francisco participou da criação da primeira comunidade eclesial de base de Vitória, no Espírito Santo. Ele relatou que

— [...] era época da ditadura, não podíamos falar aberto contra o governo, e nós éramos espertos. Eu comecei a conhecer o Partido dos Trabalhadores nessa época. A gente começou a criar um grupo muito forte. Então, nas reflexões do evangelho, a gente colocava a vida real nossa e jogava o que poderia fazer pra melhorar a situação, que nós estávamos contra essa ditadura. A gente não pode aceitar isso, Cristo nunca foi um ditador, entendeu como é o negócio? Introduzindo uma coisa devagarzinho, não com essas palavras que eu tô dizendo, mas introduzindo uma coisa pra que as pessoas pudessem se politizar mais e ficar esperto com que o governo tava fazendo, contra essa idéia de autoritarismo. Então a gente fazia muito isso, era muito bom, me ajudou muito, demais mesmo! Abriu a minha mente!

Em uma perspectiva mais individual, temos os exemplos de Armand e João da Viola. Armand ressaltou, no trecho a seguir, a importância do acesso à informação:

— [...] o que me dá mesmo suporte é a questão da informação. Gosto muito de ler, principalmente coisas que eu num tenho acesso assim. Sou muito de ficar lendo tudo e analisando as pessoas [...] ficar ouvindo tudo que elas têm a dizer e aprendendo com isso. Acho que é uma coisa que me dá bastante suporte.

João, além da leitura da Bíblia, observou as pessoas para escrever suas composições, através das quais procura transmitir seu conhecimento. Por isso, considera-se poeta e analista.

Parece-me importante observar que — seja pela participação em movimentos sociais, seja em circuitos religiosos ou em espaços de educação formal, seja ainda nas buscas pessoais (como nos exemplos de Armand e João) — todos percebem a importância de seus conhecimentos e preocupam-se com sua transmissão. Não poderia, entretanto, deixar de apontar para a falta de acesso ao ensino formal e as dificuldades enfrentadas para aqueles que entram neste circuito*.

Acredito que os processos de ensino–aprendizagem iluminam as formas de pensar projetos e metodologias de atenção. Freire e Faundez¹⁰⁰ afirmaram que "[...] os que detêm o poder detêm o saber". Compartilho, assim, com algumas das reflexões dos colaboradores que enfatizam a necessidade de democratização do saber. É preciso, também, questionar as hierarquias de saber, visto que os conhecimentos técnico-científicos têm sido percebidos e apresentados, em nossa sociedade, como forma única de conhecimento válido. Nesse sentido, acredito que as reflexões de João, Anderson, Francisco, Armand e Pedro, assim como suas histórias, sejam contribuições singulares, que convidam pesquisadores, técnicos e lideranças de movimentos sociais, entre outros, a compreender as diferentes faces

* Um exemplo são as críticas recorrentes aos supletivos, que desconsideram a condição de adultos de seus estudantes, ao utilizar metodologias de ensino inadequadas para suas respectivas faixas etárias.

inclusive de dominação da equação saber-poder, como já evidenciaram Santos et al.¹⁰¹.

Desde as primeiras pesquisas realizadas pela SAS/Fipe — com o intuito de quantificar e compreender o perfil das pessoas em situação na cidade de São Paulo —, o nível de escolaridade foi uma das características abordadas. Apesar das diferentes abrangências das pesquisas, tais dados podem contribuir para esta reflexão. Por um lado, desde 1993 observa-se a presença nas ruas e em albergues de pessoas com nível universitário, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2: Distribuição de adultos em situação de rua com 3º grau completo

Ano da pesquisa	Porcentagem
1993 (*)	1,8
2003 (**)	4
2006 (***)	2

Fonte: São Paulo²⁴.

Legenda: (*) Dados referentes a abrigos, casas de convivência e albergues. (**) Dados referentes a pessoas encontradas nas ruas e albergues. (***) Dados referentes aos 22 albergues conveniados com a Smads.

Ainda que em pequena porcentagem, a presença nas ruas de pessoas com formação universitária provoca certa inquietação, ressaltando as mazelas de uma sociedade que não consegue manter integrada nem aquela minoria, teoricamente, de privilegiados que tiveram acesso ao Ensino Superior. Há, ainda, aqueles que concluíram o Ensino Médio e estão em

busca de acesso à universidade, como foi possível acompanhar na trajetória de Armand. Por outro lado, os dados revelam uma grande porcentagem de pessoas com ensino fundamental incompleto (ver Tabela 3).

Tabela 3: Distribuição do nível de escolaridade de adultos em situação de rua (em porcentagem)

Ano	Analfabeto/ semi-analfabeto	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Fundamental	Ensino Médio
1993	12,6	65,3	16	6
2006	5	61	25	5

Fonte: São Paulo²⁴.

Mesmo com poucos dados, fica evidente o baixo nível de escolaridade entre as pessoas em situação de rua. As possibilidades oferecidas de acesso ao ensino formal, assim como os métodos de ensino para adultos em supletivos, são temas pertinentes e que deveriam se interconectar com as políticas concebidas para esse grupo social. Será que quem está em situação de rua é considerado como possível estudante? Acredito que outros estudos sejam necessários para aprofundar esta discussão.

PARTE 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar as considerações finais, quero enfatizar que a análise construída deixa uma abertura para outras abordagens e recortes e não esgota o extenso material que foi coletado em campo. Desta maneira, convido mais uma vez o leitor a conhecer as narrativas presentes nas entrevistas disponíveis no anexo desta dissertação.

À medida que se reconstituem as histórias de vida dos colaboradores, seus circuitos e "pedaços" de pertencimento foram ficando aparentes e revelaram as diversas alternativas que eles conseguiram criar, mesmo em situações de vulnerabilidade. Ao compartilhar códigos e símbolos, os colaboradores tornam-se pertencentes a determinados circuitos, que transcendem o da assistência e parecem contribuir para a construção de identidades, tornando relativa e contextualizando a identidade vinculada à situação de rua, comumente relacionada ao fracasso, à dependência aos serviços e, muitas vezes, à criminalidade e outras formas de transgressão das normas da sociedade.

Ao pesquisar a construção de uma política pública para esse grupo social na cidade de São Paulo nas gestões do Partido dos Trabalhadores, recompondo os vínculos discursivos entre "trabalho, pobreza e população de rua", Barros¹⁰² chegou a uma interessante constatação sobre o trabalho das organizações sociais e a construção identitária desse grupo social:

As propostas de intervenção junto a este setor vulnerabilizado e marginalizado da população estão

impregnadas pela defesa de ações que favoreçam e estimulem a recomposição de uma dimensão propriamente autônoma de manutenção da sua vida, pelo reingresso a uma atividade produtiva que gere renda e que neste processo recomponha a auto-estima destas pessoas. De fato, há um binômio que caracteriza a atuação das entidades: recuperar a auto-estima e a autonomia através do trabalho, cujo amálgama é a comunidade. Neste sentido, toda a articulação discursiva que se montou em torno dos moradores de rua procura recuperar e conformar uma identidade dessa população pelo trabalho, uma relação identitária que parte da constatação de uma não significação e de um não-pertencimento, e tenta transpô-los, organizando os homens e mulheres de rua na reivindicação de uma possível "volta" ou reinclusão no mundo do trabalho e seus códigos.

A pesquisadora critica a proposta assistencial centrada na noção de autonomia como objetivo utópico. O que interessa aqui é fazer um contraponto entre a noção da construção identitária e pertencimento através do trabalho, presente no discurso de um coletivo relativo à situação de rua, e a história dos colaboradores (e de outros grupos), cujas experiências remetem à construção de pertencimento social e de novas identidades através de outras dimensões, as quais puderam ser explicitadas ao longo da dissertação.

Ao reconstituir as histórias de vida, procurei mostrar o que há de singular em cada processo de construção de redes e identidades. Estas redes mostraram diferentes possibilidades de trajetos, circuitos e "pedaços", construindo o que chamei de movimentos opostos á desfiliação, no sentido de criar possibilidades de deslocamentos em relação às margens, favorecendo a construção do que Castel² denominou de proteção aproximada. Foram diversas redes que possibilitaram construções alternativas à situação de rua: participação em circuitos ligados à religião, à arte, à cultura e à educação,

inserção em movimentos sociais, assim como o desenvolvimento de formas de geração de renda, construção ou reconstrução de vínculos familiares e afetivos e a busca por alternativas de moradia.

Embora diversas redes tenham contribuído nestes processos de reconstrução de vida, há elementos que parecem ser principais e outros coadjuvantes. Um caminho de discussão interessante foi sugerido pela banca de qualificação: buscar apoio na noção de religiosidade, no sentido de explicitar a dimensão do sagrado na rua, compreendendo que a noção de sagrado não está necessariamente relacionada ao religioso, mas à noção de "religar", dar sentido a um projeto de vida. Apoiado na construção teórica de Mircea Eliade, Correia¹⁰³ propõe "pensarmos o sagrado não tanto como categoria religiosa, mas como princípio filosófico de compreensão do homem no mundo". O que essas histórias parecem revelar no seu conjunto são diferentes experiências do sagrado, a partir das quais os colaboradores reconstruíram suas vidas. A participação política e a constituição familiar, no caso de Anderson; a inserção religiosa na Igreja Adventista, na experiência de Pedro; a reconstituição familiar e a música, na trajetória de João; a incessante busca por educação e trabalho no caso de Armand; e a participação política, a religiosidade e a reaproximação com a família na história de Francisco — todas essas vivências foram identificadas como elementos principais nesse processo de reconstrução de suas vidas, impregnadas pela construção de sentidos.

Por outro lado, também poderia ser explorado o tema da religiosidade do ponto de vista de suas instituições. A história da atenção às pessoas em

situação de rua está intimamente ligada às ações de grupos religiosos: foram estes os primeiros a se preocuparem com tais questões. Ainda hoje, a grande maioria dos projetos que atentem pessoas em situação de rua, ao menos na cidade de São Paulo, está ligada a alguma religião, assim como à ação de setores da Igreja Católica na articulação política e na reivindicação de direitos. Esta discussão sobre religiosidade merece um aprofundamento maior, assim como a articulação entre o conceito de sagrado e sociedade, o que fica sugerido para ulteriores estudos.

Re-pensando projetos na terapia ocupacional social

O estudo das redes sociais dentro do campo da terapia ocupacional (TO) social pode contribuir para a construção de ferramentas de leitura e análise socioculturais, assim como sua discussão como procedimento metodológico na compreensão da dinâmica social. Ao conceituar o campo da terapia ocupacional social, Barros¹⁰⁴ mencionou a conscientização como elemento fundamental na constituição desta prática, trazendo a contribuição de Paulo Freire:

A conscientização não é apenas tomar conhecimento da realidade. A tomada de consciência significa a passagem da imersão na realidade para um distanciamento desta realidade. A conscientização ultrapassa o nível da tomada de consciência através da análise crítica. Isto é, ao desvelamento das razões de ser de uma dada situação segue-se uma ação transformadora desta realidade (que é uma realidade projetada).

Neste sentido, gostaria de articular a noção de construção de projetos fundamentada em alguns eixos que estão presentes nesta dissertação e que também fizeram parte desses anos de experiência de trabalho na TO social,

nas formulações teóricas desse campo* e no diálogo com colegas do Projeto Metuia. Tais eixos são: escuta e relação de interlocução; identificação de necessidades, desejos e atividades que produzam sentido; ativação de redes sociais e construção de espaços de pertencimento (identidades coletivas).

A escuta constrói-se a partir de diferentes formas de narrativa, dentro e fora dos espaços institucionais, passando pela identificação de circuitos que as pessoas conseguem traçar para responder suas necessidades e seus desejos e produzir atividades que façam sentido. A metodologia utilizada nesta pesquisa para a coleta de dados pode contribuir para a construção dessa escuta: a Praça da Sé, a Igreja Adventista, os centros de convivência para a população em situação de rua são espaços de intervenção do TO, extrapolando assim, os limites do *setting* tradicional (cf. Barros¹⁰⁵). Em relação de interlocução, a TO procura mediar a busca de novas possibilidades de fortalecer a dimensão singular da pessoa e de favorecer o pertencimento, sendo necessário exercício constante para não incorrer na cisão entre sujeito e coletivo. Interlocutor, na perspectiva de Oliveira⁴¹, é aquele que tem voz, que reflete sobre a sua história, que pensa sobre seus problemas e cria soluções para eles. É fundamental reconhecer a capacidade das pessoas em pensar seus próprios projetos e eleger suas prioridades. Segundo Barros¹⁰⁶, a TO social empresta alguns princípios de Paulo Freire, dentre eles, o diálogo:

[Paulo Freire] nos ensina a não dissociar a prática profissional da obrigação de perseguir conhecimentos

* As principais pesquisadoras que vêm trabalhando na conceituação desse campo são Denise Dias Barros, Maria Isabel Garcez Guirardi, Sandra Maria Galheigo e Roseli Esquerdo Lopes.

abrangentes e enraizados e [...] não dissocia ação técnica da ação política. Trata-se de buscar elementos para uma compreensão da realidade apoiada no rigor para poder intervir de forma eficaz. Por isso, Freire pensa a educação ao mesmo tempo como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador. Acho que é possível trilhar seus passos e ver a Terapia Ocupacional ao mesmo tempo como ato político, como ato de conhecimento e como ato criador.

Nesse sentido, vale questionar as relações de poder estabelecidas entre técnicos e usuários dos serviços, entre quem formula projetos e políticas públicas e aqueles que são o público-alvo, entre os grupos de ajuda e a quem se dirigem, entre lideranças de movimentos sociais e seus membros. Será que as necessidades percebidas entre quem formula, executa, doa, lidera são as mesmas de seu público-alvo? Ficam explicitadas, em muitos momentos, as diferentes hierarquias de saber e nem sempre as necessidades reais desse público-alvo são percebidas.

É na articulação dos eixos propostos que busco definir a construção de projetos. Para Machado¹⁰⁷, a idéia de projeto, tanto pessoal, como coletivo, está situada no terreno do exercício da cidadania e apresenta algumas características gerais: referência ao futuro, abertura para o novo e caráter indelegável da ação projetada. Este autor vê a capacidade de projetar como uma das características que nos tornam humanos: através de projetos, construímos nossas trajetórias; assim, em resumo, não há vida sem projetos. O autor acredita ainda que, ao se elegerem metas para um projeto, o principal desafio é fugir das certezas, o que envolve abertura para o novo, risco e criação. Também envolve uma ação a ser realizada pela pessoa que projeta, individual ou coletivamente. Isso significa, nas palavras de

Machado¹⁰⁸, que "[...] não se pode ter projetos pelos outros". Projeto é uma ação consciente; sonhos, utopias e esperanças são elementos necessários para projetar. Compartilho, dessa maneira, a reflexão de Sebastião Nicomedes de Oliveira que, em entrevista para a revista *Época*, afirmou: "A chave entre quem sai da rua e quem nunca vai sair é a capacidade de sonhar" (*Época*¹⁰⁹).

O estudo dos "pedaços" de pertencimento de adultos em situação de rua mostrou a necessidade de compreender, de forma aprofundada, a complexidade das dinâmicas de dissociação social e dos movimentos opostos a esta, para contribuir com a construção de práticas que buscam equacionar as dificuldades enfrentadas pelo grupo social em questão. Não obstante seja possível observar a construção de movimentos opostos à desfiliação, há necessidade de se produzir, a partir de relações de interlocução, situações preventivas e alternativas coletivas.

A compreensão das redes sociais certamente não contribuiu somente para a construção de metodologias de atenção em TO. A sua compreensão de maneira singular, como realizada nesta dissertação, pode subsidiar estudos mais abrangentes e fomentar a discussão sobre novas práticas nesse campo de atenção.

ANEXO A: ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Tempo	Temas	Questões
Trajetória pessoal anterior à situação de rua	Local de nascimento	Como foi a sua infância? Onde e com quem passou a infância? Fale de coisas importantes que fez e aprendeu na sua vida. Conte sobre a sua história até chegar em situação de rua. Comente eventos que considera marcantes para a sua chegada à situação de rua.
	Infância - onde viveu e com quem - principais características	
	Formação pessoal (Educação formal/não formal)	
	Histórico de trabalho e renda	
	Histórico de moradias	
	Histórico institucional	
	Relações familiares e de amizade	
	Movimentações geográficas	
	Lazer, cultura, religiosidade, interesses pessoais	
Participação em movimentos sociais		

Tempo	Temas	Questões
Trajetória pessoal em situação de rua	Tempo de rua	Há quanto tempo está/esteve em situação de rua? Qual(is) foi(ram) o(s) marco(s) para esta passagem? Desde que está em situação de rua como tem se organizado em relação a moradia, trabalho e renda, cuidados com a saúde e necessidades cotidianas. Como é seu dia a dia? O que faz para se divertir? O que faz para passar o tempo?
	Passagem para situação de rua	
	Formação pessoal (Educação formal/não formal)	
	Histórico de trabalho e renda	
	Histórico de moradias	
	Histórico na rede de assistência	
	Relações familiares e de amizade	
	Movimentações geográficas	
	Lazer, cultura, religiosidade, interesses pessoais	
Participação em movimentos sociais		

Tempo	Temas	Questões
Situação atual	Formação pessoal (Educação formal/não formal)	Pedir para o colaborador descrever como sua vida está organizada ultimamente.
	Trabalho e renda	
	Moradia	
	Rede de assistência	
	Relações familiares e de amizade	
	Movimentações geográficas	
	Lazer, cultura, religiosidade, interesses pessoais	
Participação em movimentos sociais		

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**HOSPITAL DAS CLÍNICAS****DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO****CAIXA POSTAL, 8091 – SÃO PAULO - BRASIL****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU RESPONSÁVEL LEGAL****1. NOME**

.....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº : SEXO : M F

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO Nº APTO:

.....

BAIRRO: CIDADE

.....

CEP:..... TELEFONE: DDD (.....)

.....

2. RESPONSÁVEL LEGAL

.....

NATUREZA (grau de parentesco, tutor, curador etc.)

.....

DOCUMENTO DE IDENTIDADE :.....SEXO: M F

DATA NASCIMENTO:/...../.....

ENDEREÇO: Nº

APTO: ...

BAIRRO:..... CIDADE:

.....

CEP: TELEFONE: DDD

(.....).....

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: *Estudo das estratégias de criação das redes de suporte de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo.*

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Denise Dias Barros*CARGO/FUNÇÃO: *Professor Doutor RDIDP*

UNIDADE DA FMUSP: *Projeto Metuia - Laboratório do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP*

PESQUISADOR EXECUTANTE: *Debora Galvani*CARGO/FUNÇÃO: *Técnico de nível superior – Terapeuta Ocupacional*

INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL Nº 4762-TO

UNIDADE DA FMUSP: *Projeto Metuia - Laboratório do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP*

3. AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA:

SEM RISCO	RISCO MÍNIMO ✕	RISCO MÉDIO
RISCO BAIXO	RISCO MAIOR	

(probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

4. DURAÇÃO DA PESQUISA : 24 meses

III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PACIENTE OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA CONSIGNANDO:

1. justificativa e os objetivos da pesquisa

Participo do Projeto Metuia (Laboratório do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP) que desenvolve atividades na Organização de Auxílio Fraternal (Associação Minha Rua Minha Casa e A Casa Acolhe a Rua) e no Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua. Em cada um desses lugares de trabalho conheci pessoas em situação de rua e observei que existem diferentes formas de organizar o dia a dia e, também, diferentes estratégias para atender suas necessidades como: encontrar situações mais favoráveis para passar a noite, fazer amigos e se organizar em grupo, conhecer e utilizar os serviços existentes, participar de grupos religiosos, de centros de cultura e também de movimentos de luta por moradia ou outras formas de organização da população em situação de rua. Nessa pesquisa, gostaria de conhecer o dia a dia, os lugares e serviços que freqüentam e as formas de organização de pessoas em situação de rua. Gostaria assim de convidar o Sr(a) para participar desta pesquisa.

2. procedimentos que serão utilizados e propósitos, incluindo a identificação dos procedimentos que são experimentais

O Sr(a). será convidado a participar de entrevistas. Se estiver de acordo, visitarei alguns dos lugares freqüentados pelo Sr(a). Para auxiliar a revisão das informações, gostaria de registrar com gravação de som e imagem as entrevistas. Estes são procedimentos necessários à coleta de informações as quais serão utilizadas para reflexão e produção de trabalho científico. As entrevistas serão transcritas e disponibilizadas ao senhor. As imagens fotográficas e fílmicas – que também estarão disponibilizadas para o senhor (a) - serão objeto de análise para obtenção de informações complementares e apoio da observação.

Pretende-se publicar os resultados da pesquisa em forma de artigo em revista científica. As imagens serão utilizadas apenas em aulas e congressos científicos mediante sua aprovação explícita.

3. desconfortos e riscos esperados

Aqueles relativos a uma entrevista: o senhor pode sentir timidez ou incômodo com o tema abordado, situações que podem ser vencidas por meio de uma atitude compreensiva do entrevistador. Incomodo frente à câmera o qual pode ser superado no diálogo com o pesquisador e mediante acordo de que as imagens só serão utilizadas com seu consentimento explícito.

4. benefícios que poderão ser obtidos

- Sugerir melhorias e adequações de diretrizes para políticas sociais.
- Reorientar práticas das instituições assistenciais e de seus profissionais.

5. procedimentos alternativos que possam ser vantajosos para o indivíduo
Não se aplica.

IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:

1. acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

Estará garantido o acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas aos colaboradores da pesquisa.

2. liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência.

Estará garantida a total liberdade aos colaboradores da pesquisa para retirarem seu consentimento a qualquer momento e deixarem de participar do estudo, sem que seja prejudicada a continuidade da atenção sócio-assistencial.

3. salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.

Estará salvaguardado a total confidencialidade, sigilo e privacidade das informações levantadas nas entrevistas. Os registros áudio-visuais terão seus conteúdos analisados pela pesquisadora e não serão divulgados em forma de publicação. Seu uso eventual em congresso da área só será feito mediante autorização específica, respeitando os direitos de imagem.

4. disponibilidade de assistência no Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da FMUSP, por eventuais danos à saúde, decorrentes da pesquisa.

Haverá disponibilidade de acompanhamento no Projeto Metuia, laboratório do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional por eventuais situações criadas a partir da pesquisa.

5. viabilidade de indenização por eventuais danos à saúde decorrentes da pesquisa.

Não se aplica.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.

Denise Dias Barros (pesquisador responsável)

Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP – Depto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional.

Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária

CEP: 05360-000 – São Paulo/SP

Telefone: 11 3091 7454

Debora Galvani (pesquisador executante)

Curso de Terapia Ocupacional da FMUSP – Depto de Fisioterapia, Fonoaudiologia e
Terapia Ocupacional.
Rua Cipotânea, 51 – Cidade Universitária
CEP: 05360-000 – São Paulo/SP
Telefone: 11 3091 7454
Celular: 11 8162 9681

VI. OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

Esta pesquisa não terá procedimentos que criem riscos de intercorrências clínicas e reações adversas.

VII - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa, assim como autorizo a pesquisadora a proceder registro áudio-visual de minhas entrevistas.

São Paulo, 30 de janeiro de 2006.

assinatura do sujeito da pesquisa ou responsável legal

Denise Dias Barros
Pesquisador responsável

Debora Galvani
Pesquisador executante

ANEXO C: ENTREVISTAS COM PEDRO

Primeira entrevista. Local: Praça da Sé.

Pois é! É uma longa história. Hoje eu estou colocando a minha vida em prática, em ordem, segundo as cabeçadas que eu dei ao longo da minha vida. Eu andei dando umas cabeçadas aí antecipadamente, por motivos que você já sabe, né. Era o alcoolismo e a droga e com isso daí eu fiquei aproximadamente quatro anos na rua. Usando crack e bebida eu fiquei uns oito anos e morando na rua mesmo, como mendigo de rua, eu fiquei uns quatro anos. Já dormi nesses bancos todos da praça que você está vendo.

E no ano de 2001 aceitei Jesus como meu salvador e aí o milagre foi operado na minha vida. Foi quando eu deixei o álcool e deixei de usar droga, que seria o crack. É bom lembrar que o álcool também é uma droga, a única diferença é que é uma droga líquida e o crack seria uma droga sólida, né? Não, o álcool seria uma droga líquida e quando é uma coisa dura, dá-se o nome de que? Sólido? É, então, é a única diferença. E aí foi quando me evangelizaram no ano de 2001, falaram de Jesus pra mim, aí eu falei: "Jesus? O que que é isso? É doce, é de comer? Que que é isso?"

Eu estava na boca do albergue, já inscrito, inclusive meu nome já tinha passado lá pros educadores do albergue e eu só estava aguardando o horário de entrar lá pra dentro do albergue. Foi quando chegou um carro e desceu uns pessoal, mulheres, homens, e abordaram eu e os demais que estavam de pé em cima da calçada próximo a entrada do albergue e fizeram o convite. Tinha um ônibus aguardando nós, que ia levar nós pra igreja e nós não precisávamos se preocupar com a alimentação porque eles ia se incumbir de tratar nós, não só com a alimentação, e também com roupas. Aí nós aceitamos o convite e fomos para lá. Era o albergue Jacaré, que hoje mudou de nome, é Cirineu. Não só de nome como também de administração. Aí fomos para lá, né, pra igreja. Só que quando chegamos na igreja, eu nunca tinha entrado nessa igreja, foi uma bagunça. Foram umas 20 pessoas e chegando lá foi uma bagunça medonha. Aquele tipo de adoração deles né, adoração de grito. E eu entrei lá achando que ia buscar uma paz, uma paz espiritual pra minha vida e saí foi mais transtornado. Porque que tipo de adoração é essa? E eu não entendia! Hoje eu entendo aquele tipo de adoração, eles estavam buscando o espírito santo, mas buscando o espírito santo de outra maneira. Ali eles estavam atraindo o espírito do mal, como se estava atraindo o Deus Baal, não o espírito santo verdadeiro, porque o espírito santo verdadeiro ele é meigo, ele é pacífico, ele fala manso, ele convence a pessoa, ele não grita e tanto é que a bíblia dá uma prova, dá resposta disso. Efésios 4, versículo 30, está escrito assim: e não entristeçais o espírito de Deus no qual fostes selado para o dia da redenção, longe de toda cólera, de toda ira, de toda gritaria. Quer dizer, então, foi o que eles estavam fazendo dentro daquela igreja; gritando, eles tava entristecendo o Espírito Santo. Então, eles achavam que tava evocando o espírito santo, mas eles tava evocando outro tipo de Espírito Santo. E eu não gostei daquilo, mas também fiquei na minha, não critiquei, tal. Aceitei a alimentação deles, comi pouco porque eu tinha bebido muita cachaça e usado muito crack um dia antes e no outro dia eu estava de ressaca, entendeu? Então, eu num comi muito, comi pouquinho. Mas não acabou por aí não. Aí trouxeram nós de volta pro albergue, aí, quando foi no outro dia, eu enchi a cara de pinga e me botaram pra fora do albergue. Fiquei aqui na Praça da Sé, fiz uns "encharque". "Encharque" é pedir dinheiro, contar uma historinha (risadas) e vai pedindo dinheiro pra um e pra outro.

Eu chegava, se era de tarde: boa tarde! Aí a pessoa olhava pra mim: boa tarde. Por gentileza a senhora poderia me ceder uns dois minutinhos de atenção? Aí era o meu abordamento, era minha introdução. Aí a pessoa: pois não, pode falar. Aí: escuta, eu sou casado, sou pai de família. É mentira, eu nunca casei na minha vida! Jogava essa daí! Infelizmente eu caí na vida do desemprego, e nem os senhores são culpado, nem eu sou culpado. Quem sabe é a Prefeitura, quem sabe nem é Prefeitura, é por causa do índice de muitos desempregados. Bom, eu não sei quem é o culpado! Mas de uma coisa eu sei: que eu estou desempregado, com a família passando necessidade, minha família só não está passando fome porque, graças a Deus, tem uma sociedade lá amiga de bairro que ajuda nós com duas cestas básicas e só tem um probleminha: remédio! Eles não ajudam porque, como é que vai dá remédio pra uma pessoa sem receita, sem passar no médico. E eu estou com duas crianças lá que tá precisando desse remédio. Eu sempre andava com uma receita falsa e mostrava. Logo que remédio eles num dão e agora eu estou sempre com essa humilhação de pedir dinheiro pra um e pra outro, fazer uma vaquinha pra mim compra um remédio. Aí a pessoa olhava assim, aí quando eu dava sorte já me dava logo uns R\$20,00. Três "encharque" que eu fazia ganhava \$40,00, \$50,00 reais. (risadas) Aí eu corria pra que? Pra onde? Pra boca de droga! Buscava crack. E aquele negócio... a minha vida, eu estava cada vez mais andando que nem caranguejo: pra traz. Mentiras e mais mentiras, mentiras em cima de mentiras, álcool e mais álcool, crack e mais crack, e por essa linha afora. Aí até que num belo dum sábado. Não neste banco aqui, naquele banco lá de cima, o último banco. Eu estava dormindo quando de repente uma pessoa, uma voz meiga e suave, chegou no meu ouvido e falou: Jesus te ama! Aí deixou um folhetinho na minha mão. Aí

quando eu acordei, quando eu escutei aquela voz suave, vi uma pessoa correndo pra direção do metrô, aí eu corri pra ver e não consegui mais ver ninguém. Aí de longe eu avistei, de costas só, uma pessoa toda de branco, eu acho que era um terno. Aí eu corri e num sei se a pessoa entrou dentro do metrô, num sei, num consegui ver mais. Eu abri o folheto e estava escrito assim: vi novo céu e nova terra, vi a cidade santa descendo da parte de Deus, ataviada com seu noivo, adornada pra sua noiva. E o mal já não existirá e Deus enxugará de todas as suas lágrimas. E a morte já não existirá. Li assim, essas frases bonitas, e atrás estava escrito assim: Jesus te ama e Ele tem um plano na sua vida! Nossos queridos irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Peguei aquele folheto, coloquei no bolso, aí tinha o carimbo da igreja, aqui na rua Taguá, na Liberdade, próximo à estação do metrô Liberdade. Aí eu falei: vamos ver se essas igrejas de crente são boa mesmo?

Esta igreja que eu fui, a primeira, me permita eu falar o nome da igreja: Igreja Universal do Reino de Deus, aqui no Brás, na Avenida Cruzeiro do Sul, fica próxima a estação da Armênia. E ali eu percebi que quando eu fui nessa Igreja da Universal, depois que eu fui nessa Igreja Adventista, ali eu vi a diferença, já captei na hora, eu falei: essa igreja é diferente. Não tem barulho, não tem bagunça, o abordamento lá é completamente diferente. A pessoa é abordada com sorriso. Jesus te ama! Seja bem vindo na casa do nosso Deus, fica a vontade! Sem olhar pros nossos traje. Porque mendigo de rua você sabe como é que é. Uns traje que o chão é mais limpo que os próprio traje da gente! Aí eu fui, no ano de 2001, e falei assim: escuta, que igreja que é essa aqui? Aí falaram pra mim: essa igreja aqui é a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Essa aqui é igual as outras igreja? É igual a Universal? Aí o pastor falou pra mim: essa igreja aqui eu não vou falar pra você o que ela é. O senhor pra saber o que essa igreja é o senhor vai precisa tomar o estudo. Depois que o senhor toma o estudo, aí o senhor, sem a gente precisar falar pro senhor, vai descobrir que essa igreja, verdadeiramente, é a igreja de Deus. Mas isso daí não é nós que vamos dizer pro senhor não. Isso quem vai dizer é a Bíblia! Aí já começou o estudo naquele mesmo sábado. Quando eu terminei o primeiro dia de aula eu falei que num tinha aonde dormir e me arrumaram dinheiro pra eu dormir num hotel e a hora que eu vi o dinheiro adivinha o que aconteceu? Ali quando eu estava com os adventista era Deus falando na minha boca, quando eles me deram o dinheiro, que eu me afastei deles, aí o Diabo que tomou conta. Aqueles momentos que eu estava com eles até água gelada eu cheguei tomar. Num me passou vontade de usar nada! Foi a distância deles, aí o Diabo tomou conta. Aí deu aquela vontade de fumar, usar droga, e num quis nem saber de dormi em hotel, que mané hotel! Era um “sabadão” à noite, uma noite ensolarada, quente. Ensolarada entre aspas, é claro que não vai tá sol a noite né, mas uma noite quente. Aí que eu fiz, eu fui lá na Água Espraiada, peguei droga e usei droga. Aí quando foi no outro sábado que eu fui pro estudo, num falei nada pra eles não, do dinheiro. Num falei que eu tinha pego o dinheiro e que eu tinha, não. Só perguntaram pra mim: e aí, que que deu aquele dia lá? Aí eu falei: eu fui pro hotel, tudo. Mas depois no final eu expliquei tudo pra eles. Aí falei pra eles que não tinha conseguido parar de beber e nem de fumar e nem de usar droga. Aí começaram a fazer os estudo comigo, fizeram os estudo, até que chegaram ne mim e falaram: olha, vai começar uma conferência aqui na igreja, cujo tema da conferência é o apocalipse e a resposta. Vai ser a resposta de Deus para o mundo conturbado. O senhor vai vim assistir, não vai perder uma conferência, que dentro dessa igreja vai acontecer, vai ser realizado um milagre na sua vida. O milagre da transformação! O senhor vai deixar de usar droga (seria o crack), o senhor vai deixar de beber e até de fumar o senhor vai deixar também. O senhor vai ficar sem vício nenhum. Isto é, se o senhor quiser, é lógico, né. Porque Jesus fala assim na palavra dele: buscame-ei e acharei-me, quando me buscar de todo coração. Você vai querer vim buscar o senhor aqui? Eu falei: Vô! Então, tudo bem. Hoje o senhor quer usar ainda alguma coisinha? Que a conferência vai começa amanhã. Falei: Não, hoje eu ainda uso. Aproveita pra usar, o bom seria o senhor já parar agora, mas o senhor não vai conseguir mesmo. Então, o senhor aproveita o que tiver de usar e já usa hoje bastante mesmo, porque a partir de amanhã o senhor não vai usar mais nada! Em nome de Jesus! Eu falei: Então, tudo bem. Aí eu falei pra ele: então, escuta! Eu estou com um probleminha aqui. Estou precisando de um dinheiro pra eu comer um lanche à noite. Não é pra usar droga nem nada, porque isso a o senhor tá falando que é a partir de amanhã. Isso aí é a partir de hoje que eu num vou usar mais! Mal ele sabia que isso era de um dos mais argumentos meu pra ele dá o dinheiro pra mim. (risos) Aí ele me deu R\$30,00. Só que depois ele falou pra mim que o Espírito Santo conversou no ouvido dele, que aquele dinheiro não era pra mim lanchar nada, era pra mim usar droga, mas o Espírito Santo disse também no ouvido dele que num era pra ele se aborrecer não porque era o último dia que eu ia usar. Aí, naquele dia eu bebi, usei droga, cachaça. No outro dia, eu tava parecendo um cachorro, vomitando pelos canto, ruim! Aí que eu cheguei na igreja ruim pra caramba, vomitando, aí, fizeram pedido de oração, eu fiz o meu pedido de oração, coloquei no papel, tudo bonitinho, aí oraram por mim. Quando oraram por mim, Deus ouviu a oração, foi uma oração sincera, um pedido sincero. De 2001 até agora em 2006, nunca mais eu botei crack nem cachaça na boca. Aí foi a hora que eu entrei lá pra Associação Minha Rua Minha Casa. (AMRMC)

Eu comecei aqui na Rua Taguá [no centro da cidade], depois eu fui pra Igreja de Capão Redondo,

e aí foi aonde eu conheci a Associação Minha Rua Minha Casa. Fui pra Associação, comecei ir nas boca de rango, comecei dormir nos albergues, porque aí eu num estava bebendo mais, nem usando droga, aí os albergue estavam me acolhendo, eu tava lá direitinho. E, com o decorrer dos dias foi passando, eu fui me integrando lá na associação, tiraram meus documento, a Rosana [coordenadora da AMRMC] me ajudou a tirar meus documento, e eu comecei a fazer bicos, comecei a entrar na Frente de Trabalho* e aí comecei a fazer bico aqui na Praça da Sé, vender coisas, comecei a trabalhar com um artista de rua, o Maciel. Já fomos em várias emissoras de televisão, como destaque TV record. Fomos no SBT e por último fomos na Globo, e aí até que eu entrei numa cooperativa que você bem lembra. Trabalhei um ano lá. Só que lá num consegui juntar dinheiro, porque lá era uma cooperativa vagabunda, os cara roubavam. Aí, agora, nesse finalzinho de ano, entrei numa cooperativa boa. Entrei em setembro de 2005. Hoje já me encontro na sociedade. Voltei para minha casa, estou morando com a minha mãe, sossegado, estou gordo, que nem você tá vendo aqui! Já tô com R\$4.000,00 guardado que eu mostrei aqui o comprovante. Estou trabalhando num ônibus agora dia sim dia não, que eu tava trabalhando direto! Agora tô dia sim dia não. Estou lá no ônibus e na Frente de Trabalho, e as porta abriu pra mim. E só num to trabalhando registrado ainda por causa que eu to com o nome sujo, por causa do alcoolismo, e o nome vai ser limpo agora dia 23 de fevereiro de 2007. E aí é a hora que eu vou me integrar numa empresa, fichado, olha lá também se eu num trabalho por minha conta, né?

O trabalho nesta cooperativa começou assim. Eu fui na Igreja Adventista do Sétimo Dia aonde eu faço parte, sou membro de lá, e começou assim. Eu cheguei lá nessa igreja e teve uma pessoa que me conheceu eu da Praça da Sé, não mendigo, mas alcoólatra, bebendo. E a pessoa bateu os olho ne mim e falou assim: eu to tentando lembrar, tá passando pela minha cabeça, parece que eu conheço o senhor de algum lugar e não consigo lembrar! Eu falei: o único lugar que você pode ter me conhecido foi da Praça da Sé, porque eu morava lá. Aí ele falou: pior que foi de lá mesmo! Eu falei: mas você não me conheceu assim de terno e gravata. Você me conheceu lá alcoólatra. Ele falou: exatamente! Estou lembrando por causa do seu cabelo baixo, por causa desse bigode aí e essa cicatriz sua. Eu falei: exatamente! Só que lá eu era mendigo e aqui eu to uma nova criatura. Eu fui extraído das treva para a luz. Saí das garras de Satanás e voltei para Jesus. Aí o cara falou: amém! E me apresentou lá pra todo mundo: esse cara era mendigo da Praça da Sé! Olha a transformação! Então, me chamaram pra contar meu testemunho, eu contei, eu não, mas o Espírito Santo comoveu vários corações, pela transformação. Porque enquanto tem o Diabo pra chegar, o diabo chega no coração da pessoa ele arromba e Jesus não arromba. Jesus ele é educado. Ele chega e bate. Chegaram no meu coração. Jesus chegou e falou: eis que tua porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta pra mim eu entrarei e cearei com ele e ele comigo. Quando Jesus bate, o Diabo arromba. Jesus bateu no meu coração, eu abri a porta, ele entrou e fez a limpeza. E hoje eu estou aqui: fui morador de rua, fui mendigo, num passado eu fui motorista, sou motorista ainda que eu num morri, mas eu perdi os documento tudo, deixei de ser motorista, aí virei mendigo de rua e hoje Jesus me trouxe de volta para o lar. Já trabalhei de motorista numa cooperativa, só saí daquela cooperativa porque lá tinha que trabalhar no sábado e eu num trabalho no sábado, estou desempregado, mas num to passando fome porque eu almoço nos albergue e nas boca de rango e quando Deus prepará uma porta pra mim. Uma pessoa chegou ne mim e falou assim: escuta, eu tenho uma proposta pra você. Aí ele chamou eu pra trabalhar, fazer um bico com ele. Aí eu fui fazer um bico com ele. Servente de pedreiro. Nessa de eu trabalhar de servente de pedreiro com ele, morreu um dono de um ônibus parente dele. E esse cara que morreu é adventista, o ônibus dele é agregado na cooperativa. Aí botaram eu no lugar dele pra dirigi. E eu estou do mês de setembro até agora trabalhando com ele.

Eu nunca mais fui em boca de rango porque também eu num tenho tempo porque eu trabalho direto lá no ônibus, né, eu fico trabalhando dezesseis horas direto. Porque eu pego quatro e meia, cinco horas da manhã e vou até oito horas, dez horas da noite. Hoje eu estou de folga. Hoje eu vim trabalhar aqui na associação, fazer o bico aqui. Mas ontem eu trabalhei, olha aqui a prova na caderneta de controle. Eu dormi três hora só essa noite, trabalhei o dia todinho ontem. E é aquele negócio, boca de rango eu num fui mais porque eu não tenho tempo e outra, memo se eu tiver tempo eu almoço no bar, eu num vou na boca de rango pra deixar a vaga pro outro, que eu num to mais precisando da boca de rango. Posso até ir um dia porque eu tenho saudade. Era gostoso ir na boca de rango! Enfrentava a filazinha! Todas as bocas de rango que você perguntar daqui de São Paulo eu conheço, uma por uma, frequentei todas elas. Boca de rango de albergue, boca de rango de casa espírita, boca de rango de igreja, boca de rango dos viaduto, como destaque o viaduto do Glicério, o rango lá, a comida lá é terça e sexta, doada pelos coreanos, boca de rango que tem aqui na Rua Japurá, a sopa, sopa fraterna dos espírita, e aquele negócio, eu passei de mendigo, morador de rua, albergado, drogado, alcoólatra, hoje voltei pra minha profissão, voltei para os braços de Jesus, para os braços da família e to caminhando pra cada vez mais, não só na situação financeira, mas na situação espiritual, mostrar pras pessoas que existe um Deus verdadeiro que olha para

* Programa do Governo do Estado de São Paulo de geração de emprego e renda.

nós. As pessoas dizem que Deus num existe, mas tudo bem, Deus num existe, mas o Diabo existe! Será que é o Diabo que faz a pessoa parar de beber? Será que é o Diabo que faz a pessoa parar de usar droga? Será que é o Diabo que faz a pessoa parar de ser briguento? Será que é o Diabo que faz isso daí? Quem que é? Então, acho que Deus existe, né?

Desde 2001 eu continuo na mesma igreja. Eu fiz o curso de teologia, bem explicado, não foi assim como entrar no colégio, pegar lápis, pegar caneta, ter prova e tal, não! Assim, é claro que a gente pegava o lápis, pra marcar, mas eu num marcava nada, eu gravava na cabeça. O professor era o pastor, cujo nome dele é Luis Gonçalves. E este homem ele era coroinha da Igreja Católica Apostólica Romana. Foi quando num belo dum dia ele estava dentro da Igreja Católica, preparando já os eventos que iam ser realizados, já preparando a missa, colocando a toalha branca, arrumando já os tecidos da missa, que ele era ajudante do padre, e era coroinha também. Ele era coroinha não, ou melhor, ele preparava os coroinha, né? Ou era coroinha? Isso eu num sei que eu nunca fui católico! Eu sei que ele passava curso de catecismo pras pessoas. Foi até que um belo dum dia ele ia indo para casa dele, e o que que acontece? Era num domingo, e ele falou assim. Ele morava em Sorocaba, interior, ele olhou no relógio e falou assim: bom agora a missa vai começar as cinco horas, agora são quatro, até que eu vou em casa e volto. Da igreja pra casa dele era longe, aí ele falou: vou ficar por aqui mesmo, eu num vou nem pra lá. Aí ele ficou dentro daquela igreja grandona, paróquia Nossa Senhora de Sorocaba, não, como que é? O nome da igreja eu esqueci, paróquia Nossa Senhora num sei de que. Lá de Sorocaba a igreja. Aí ele estava dentro da igreja e o que ele não sabia é que ele estava envolvido pelo Espírito Santo, aí ele olhou pra um lado olhou pro outro. Ele sentiu um vazio por dentro dele, sabe? Ele sentiu um vazio por dentro dele, ele olhava pra um lado, ai deu vontade de ler a Bíblia, e os católicos num lêem a Bíblia. Os católico vai na igreja católica, o padre vai lá, faz aquela celebração dele mas num lê a Bíblia. Aí deu aquela vontade, aquele desejo de ele lê a Bíblia. Aí ele foi lá e pegou a Bíblia, e por incrível que pareça, a hora que ele abriu a Bíblia caiu logo em cima! Tava escrito assim: *Não adorarás imagem de escultura*. Tava escrito na Bíblia! Não adorarás imagem de escultura. Aí ele falou assim: Nossa! Eu levei um choque! Ele olhou pra um lado, imagem de tudo quanto há: imagem de Nossa Senhora da Aparecida, imagem de Cristo na cruz, imagem de tudo. Tudo que é coisa tinha imagem. E ele olhou: não adorarás imagem de escultura. Aí ele ficou doido! Aí a hora que o padre chegou ele correu: Padre! Padre! Vem cá padre! O padre deu aquela risada e falou: que é rapaz, que que você tá nervoso? Que que está acontecendo? Padre, olha aqui o que eu vi na Bíblia! Não adorarás imagem de escultura. E nós estamos errados, padre! Olha quanta imagem nós tamo adorando! Aí o padre deu uma risadinha, bateu no ombro dele: Não! Aí ele se convenceu com aquilo, mas ele não se convenceu muito não. Ele foi pra casa dele mas com aquilo na cabeça. E foi procurá o desejo, foi lendo mais a Bíblia, foi achando mais coisas até que ele procurou um crente. Aí o crente pegou e foi dar um estudo pra ele. Era um crente da igreja os Testemunha de Jeová. Ele ficou um ano indo na igreja dos Testemunha de Jeová, e na Igreja Católica. Só que ele não se convenceu. Até que uma vez, foi uma pessoa e evangelizou ele. Essa pessoa não sabia ler, tinha muitas coisas da Bíblia, ele falava: o senhor num vai ler? Ele dizia: não. Pode ler você. Abre a Bíblia em tal livro. Aí eu abria, ele lia, eu lia e ele confirmava. E o pior que ele não sabia ler. E conclusão da história: eu tomei apenas cinco estudos e me batizei! Aí ele se batizou. O pai dele, que era católico, botou ele pra fora da casa dele, a mãe dele botou ele pra fora da casa dele.

Aí o que que acontece: essa pessoa que tomou o curso, fez, tomou os estudo, se batizou, o pai dele botou ele pra fora de casa, ele foi indo, foi indo. Deus nunca desampara os seus filho, hoje ele é pastor, já ganhou pra Deus mais de mil almas, anunciando o reino de Deus. Eu tive o privilégio de ser batizado por ele, e ele me mostrou a verdade pra mim e eu fiz o curso de teologia com ele. Pergunta qual foi o livro que eu usei no curso. Estudei no melhor livro do mundo. O livro dos livros, que é a Bíblia. O livro mais difícil de se compreender, mas dentro da Bíblia, no livro de João 17:17 mostra assim: santificas na verdade. A tua palavra é verdade. Falando que a palavra de Deus é verdadeira, então, o que está escrito ali, tudo é verdade. Ali dentro da Bíblia eu aprendi, mostrou ali, ele fez o curso de teologia, os tempos de Jesus. Ele fez um curso comigo que eu aprendi sobre as duas mil e trezentas tarde e manhã, apresentando Jesus o cordeiro que tira o pecado do mundo e comecei aquele curso de teologia nos tempo de Jesus, quando Jesus morreu, quando Jesus subiu para o céu e deixou a sua igreja aqui. Aí entrou a idade média e da idade média até nos dia de hoje foi o suficiente pra mim descobrir, dentro da Bíblia, não é conversa de malandro pra delegado, não é conversa de igreja e num é conversa de pastor. Porque igreja e pastor num salva ninguém, mas a Bíblia salva e mostra a verdade que está escrita dentro da Bíblia. Só que infelizmente existe muitas pessoas que usam a Bíblia para enganar o povo, ganhar dinheiro, distorce as palavra, e a Bíblia é o seguinte, a Bíblia fala assim: Este povo, examinai as escritura porque é dela que testifica mesmo de mim. É só a pessoa examinar a escritura, examinar a Bíblia, que ali a Bíblia vai mostrar o caminho certo. A placa da igreja não salva ninguém, mas conduz o caminho certo. Você tem seu carro, se você for daqui pra Belo Horizonte você vai ter que pegar a rodovia Fernão Dias, pra você ir pra Belo Horizonte. Agora, se você for pra Belo Horizonte e pegar a Castelo Branco, você vai chegar em Belo

Horizonte? Nunca! Então, é a placa que conduz o caminho certo. Qual é a placa? A placa é a Bíblia.

Esse curso eu fiz em 2001 e eu falo pra você com toda certeza do mundo! Com toda certeza do mundo! Por esse papa que é o tal de Bispo Sexto? Bento 16! Este papa que diz que é o “Pontífice” máximo, pois manda ele provar pra mim, dentro da Bíblia dele, que a Igreja Católica Apostólica Romana é a igreja verdadeira? Ele num vai provar nunca, porque não é a igreja verdadeira. O correspondente ao papa na Igreja Adventista é Deus, o próprio, é o dono. Porque Jesus quando teve aqui na terra, que Adão e Eva pecou, Eva pecou e entregou o planeta terra na mão de satanás, e alguém tinha que vim pagar o preço. Houve uma reunião no céu e Deus chegou e reuniu, você já participou por diversas reuniões, você tá mais a par do que eu do que é uma reunião, e a reunião lá no céu foi o que, nada mais nada menos, Deus estava lá! Convocou todos os anjos e houve uma reunião e falou: alguém vai ter que pagar o preço. E os anjo queria vim paga o preço e Deus falou: não! Vocês num pode, vai ter que ir meu filho. Aí mandou o anjo Gabriel que era o anjo que ficou no lugar de Satanás, que o diabo era o anjo de luz lá no céu. Anjo de luz: Lúcifer. O nome dele era Lúcifer. A palavra Lúcifer vem da palavra luz. Ele era o anjo de luz. Ele era o anjo mais lindo, era o anjo especial. Então, por causa do orgulho dele, ele quis ser mais do que Deus. Deus deu chance pra ele, mas ele não quis e aí foi expulso e trouxe a terça parte dos anjos com ele. Aí o Gabriel ficou no lugar dele. Aí Gabriel veio e deu o recado pra Maria, falou: Maria, vós sois entre as mulheres a escolhida, tal, e não se preocupe o Espírito Santo vai fazer a obra. Aí Jesus largou o trono dele, trono de riqueza dele do céu e veio, nasceu de Maria, tal, e cresceu como homem. Sofreu, pagou um preço e morreu. Só que quando ele morreu por cada um de nós, por cada um pecador de nós ele morreu. Ele salvou nós. Ele morreu e a graça dele salvou nós. Só que quando ele subiu para o céu, ele deixou uma religião. Qual foi a religião que ele deixou? Igreja Católica Apostólica Cristã. Não existia naquele tempo: Assembléia de Deus, Universal, Internacional da Graça, hoje existe mais de trinta mil religiões e naquele tempo só existia uma única igreja. Porque Deus, quando ele veio pra cá, o ministério dele aqui foi anunciar o reino dos céus. Ele veio anunciar o reino de Deus que Deus ia estabelecer o seu reino aqui. A missão de Jesus era salvar, curar, ele salvou muitas pessoas. Ele ressuscitou Lázaro, ele curou o cego Bartimeu, ele fez muito milagre. Então, ele deixou aqui na mão dos apóstolos e falou: porque vós estais todos tristes? Porque este semblante no rosto de vocês? Porque estão tristes? Não se tudo vosso coração, credes em Deus e credes também em mim. Na casa de meu pai há muitas moradas. Se assim não fosse eu não teria dito. Eu vou para o meu pai, vou preparar-vos o lugar e quando estiver pronto eu voltarei e levarei comigo porque aonde eu estiver vós estiveis também comigo. A Bíblia relata tudo isso. E um dia Jesus vai voltar, ele já era pra ter vindo. Ele num veio ainda porque tá faltando pregar o evangelho. Quando o evangelho for todo pregado, aí será o fim. A Bíblia num fala o dia nem a hora que Deus vai vim, mais na Bíblia relata que quando ouvires falar em guerra, tremores, terremoto, peste e fome, está quase no fim. E o que que você mais vê falar hoje? Quando você liga a televisão? Pra que desgraça maior que aquela que a mulher pegou a criancinha em Belo Horizonte, colocou dentro do saco, colocou a mamadeira e deixou lá. Terremotos aí, explodindo uma coisa aqui, é o fim! Deus está quase vindo, entendeu? Então, o que que acontece, quando Jesus subiu para o céu, ele vai voltar, mas vai levar os escolhido, aqueles que fez a vontade dele. E quando ele subiu pro céu ele deixou os apóstolos: Ide e anunciai e pregai o evangelho a toda criatura, ensinando e batizando em nome do pai, do filho, e do espírito santo. Só que naquele tempo existia uma única religião que é a religião de Cristo! É a religião que Jesus chegava e pregava pra todo mundo: Igreja Católica Apostólica, que é a igreja dos apóstolos, Igreja Católica Apostólica Cristã! Aí entrou a idade média, entrou Roma pagã, o poder papal, dominou a situação. Eu tenho relatado lá nos livro as data tudo bonitinho, e tem a data tudo bonitinho, que antigamente era decrescente, entendeu? Então, ficou sob a idade média, entrou a idade média, ficou sobre Roma pagã aonde Roma dominou, Alexandre o grande que era governador na época então, os cristão não podiam ler a Bíblia, se fosse pego alguém lendo uma Bíblia era massacrado, era morto, era torturado, entendeu? Então, como era: era escrito Igreja Católica Apostólica Cristã, aí passaram por Igreja Católica Apostólica Romana. Mentira! Os inocente fala que a primeira igreja foi a Igreja Católica Apostólica Romana, eu tenho dó deles, coitados! Porque eles num tem um entendimento. Eles são que nem uma criancinha. O exemplo de uma mãe, que segura uma criança e põe uma mamadeira na boca da criança, dá aquilo lá pra ela. Então, o papa vai e joga na conversa dos fiéis, entendeu? Eles têm a fé deles, eles são católico fiéis, acreditam em Deus, tal, acredita em Nossa Senhora da Aparecida que num era pra acreditar, que num existe, mas tem a fé em Deus, mas tá comendo aquilo que o padre tá ensinando.

De 2001 pra cá eu vou sempre na igreja, e estou sempre aprendendo cada vez mais. E descobri que a igreja verdadeira de Deus é a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Continuo lendo a Bíblia. Eu falo que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja verdadeira porque está na Bíblia. Se a pessoa não acredita na Bíblia ela é uma ignorante. Porque que ela acredita que ela existe então? Deus num existe e ele existe. Da onde que ele veio então? Como surgiu isso? Ele veio do macaco? Muito bem, ele veio do macaco e porque que o macaco num continua ainda? O espiritismo vem falar isso pra mim, que a pessoa veio do macaco! Eu falei: tudo bem, muito bem! O homem veio do macaco? E porque o macaco parou de

evoluir? Se uma coisa que deu certo, pára de evoluir? Num pode parar! Se é uma coisa que deu certo, tem que tá evoluindo. Isso é conversa fiada! Deus fez o homem com barro, com terra. E a Bíblia fala assim: quando a pessoa morre, a nossa matéria que seria isso daqui, o nosso corpo, a matéria, isso daqui vai pro pó da terra: do pó fomos formados e para o pó voltaremos, retornaremos. Quando a gente morre, a Bíblia fala o seguinte, quando a pessoa morre vai pra debaixo da terra e o fôlego de vida, que seria no caso o espírito, volta pra Deus! É uma coisa tão simples! A Bíblia fala, não tem mistério! Morreu, isso aqui, essa carcaça aqui, debaixo da terra, o fôlego de vida, que seria o espírito, volta pra Deus. Acabou! E agora num tem esse negócio, ficar por aí, ficar vagando, vai pro purgatório, isso aí é conversa pra boi dormir! Isso é mentira. A gente tem que acreditar nos livros dos livros. Quais são os livro dos livro? A Bíblia! Acredita no livro de Alan Kardec? Acredita no livro de Chico Xavier? Isso é uma patifaria! Pode acreditar no livro de matemática!

Nos albergue e comunidade que freqüentei tinha outras religiões. Eu simplesmente chegava no albergue, quando tinha lá o evangelho deles, eu respeitava. Não só respeitava como respeito até hoje. Só que é bom lembrar bem que Deus merece atenção e que o Diabo não merece atenção, mas eles estão fazendo tudo aquilo cego espiritual. Eles não têm aquele conhecimento que nem eu tenho. Eles acha que ali aonde eles tão eles tão certo, eu fico ali na minha. Nem opino, nem vou pra direita nem vou pra esquerda, fico no meio. Não concordo com nada! Quando eles estão falando no nome de Deus, lê algum “textinho” na Bíblia, tudo bem! Quando eu vejo que eles estão falando uma baboseira lá, eu oro por eles, dentro do albergue: oh Deus tenha misericórdia, dá entendimento pra esse povo! E quando eu tinha uma “chancesinha”, eu evangelizava. Porque Deus mandou guardar, dentro da Bíblia, o sábado. Não mandou guardar o domingo. Deus fez os céus, a terra em seis dias e no sétimo ele descansou, consagrou, por isso que está na Bíblia: lembra-te do dia de sábado para santificar, seis dias trabalharás e farás toda sua obra, mas no sétimo dia não fará nenhuma obra, nem tu, nem teu servo, nem tua serva, porque seis dias fez o senhor Deus fez os céus, a terra, o mar, tudo que nele há. Portanto ele consagrou, abençoou, santificou o dia de sábado. Entendeu?

Hoje passo sábado todo na igreja. Inclusive sábado agora vou dar meu testemunho lá. Como que eu fui liberto dos vícios. Foi um milagre! Você já ouviu algum caso de pessoas que eram viciado no alcoolismo, no tabagismo, era viciado na droga e, sem passar por algum processo, libertou, parou com esses vícios todinho? Sem precisar ficar internado numa clínica? Você já ficou sabendo? De lá pra cá não tive nenhuma recaída. Nenhuma recaída! Agora, eu pergunto: eu num fazia nada por esporte porque não existe o cara beber por esporte, não existe o cara usar droga, principalmente droga, por esporte e não existe o cara fumar por esporte. Existe a pessoa fumar por esporte? Existe sim aquela pessoa que fala assim: eu fumo por esporte, mas eu fumo pouco. Mas tá fumando! Quero ver a pessoa ficar dois meses sem por um cigarro na boca! Existe aquela pessoa que fuma muito e aquela que fuma pouco. Que nem era meu caso, eu fumava duas carteira de cigarro por dia, enquanto tem pessoa que uma carteira de cigarro dá pra uma semana, só que como é que eu consegui ficar livre, liberto de tudo isso aí? Milagre de Deus! E eu vou nessa igreja aí e transmito pra todo mundo. Aos sábados eu vou no culto de manhã que tem a escola sabatina. Começa às oito e meia da manhã. A tarde tem lá a distribuição de folheto, vamos fazer caridade, alguém que tiver passando por necessidade, nós vamos levar uma palavra de conforto. Nós não trabalhamos no dia de sábado, mas se dia de sábado tiver um pessoa enferma dentro da sua casa, nós podemos chegar lá, limpar a casa dele, fazer compras, fazer comida pra ele. Isso é trabalho missionário. Jesus trabalhou no dia de sábado, mas o trabalho que Jesus fazia era trabalho missionário, não é trabalho secundário, entendeu? E a igreja Adventista do Sétimo Dia, eu torno a repetir, é a igreja verdadeira, baseada dentro da Bíblia. A pessoa não pode chegar e falar: cada um puxa a sua sardinha! Cada um puxa a sua sardinha, não! Isso aí é conversa, isso aí é argumento de Satanás, eu num puxo a sardinha pro lado de ninguém, eu puxo a sardinha da Bíblia. Se está na Bíblia, a Bíblia mostra uma única igreja verdadeira, o que esse Edir Macedo está fazendo com o povo, o que esse Bispo Soares estão fazendo com o povo? O que esse Davi Miranda está fazendo com o povo? O que esses Padre Marcelo Rossi estão fazendo com o povo? Eles vão pagar tarde se eles não se converterem, viu. Existem muito fiéis. O povo de Deus se encontra nas quatro pontas do mundo, tem povo de Deus na Igreja Católica, tem povo de Deus no Candomblé, tem filho de Deus na Assembléia de Deus, tem filho de Deus em tudo que é lugar! Todos nós somos filhos de Deus. Só que Deus fala assim na Bíblia, no livro de Apocalipse 18, versículo 4, que tá dizendo assim: eu ouvi uma voz que veio do céu dizendo, sai dela povo meu para não ser cúmplice dos seus flagelos. Flagelo quer dizer pecado! Pecado quer dizer transgressão. Transgressão é o que? Por transgressão da lei, que hoje ninguém aceita os dez mandamentos, e tem que aceitar os dez mandamentos. Deus está mandando sair do erro e vim para a verdade. Porque muitas pessoas anda pregando por aí: conheceis a verdade e a verdade os libertará. Mas tem muitas pessoas por aí que não conhece a verdade, não está liberto.

Segunda entrevista. Local: AMRMC.

Eu era motorista de ônibus, desde os 18 anos. Dos 18 anos até os 36 anos. Dos 36 pra cá eu comecei a andar pra trás, que nem caranguejo. Mendigo, debaixo do viaduto já cheguei dormir. Está vendo esse viaduto aí embaixo? Eu dormi na Praça da Sé, eu dormi debaixo desse viaduto do Glicério, eu já dormi nos banco da Praça da República, eu já dormi dentro da Igreja Deus é Amor quando tinha vigília, que tem vigília até hoje. Só que é o seguinte, na vigília, eu num gostava muito de dormir porque sempre vinha o diácono e acordava a gente: olha, num pode dormir na casa de Deus! Era pra ficar rezando não podia dormir. Aí quando eu estava dormindo vinha um e acordava, aí mudava de banco e quando tava começando a pegar no sono de novo vinha outro. Quando num tinha mais jeito, aí eu saía de lá e ia dormir debaixo do viaduto.

O que eu queria te contar é isso aí. Foi um dia, passou uma mulher com um carro pedindo uma informação. Era isso que eu tinha que te contar e esqueci. A mulher passou por volta de onze e meia da noite. Parou um carro, era um Vectra, me lembro até hoje, era um Vectra metálico. Parou uma senhora, uma madame, muito bem trajada, um frio que Deus manda, menina! Chegou, parou assim aí: Por favor! Aí eu: Pois não? O que o senhor tá fazendo uma hora dessas na rua, dormindo?

Aí eu estava todo maltrapilho, imundo, cabelo ruim. Cabelo bom, quando a pessoa se torna cabeludo, ele desce pra baixo e o cabelo ruim ele sobe pra cima (risos). Minha filha, meu cabelo tava assim pra cima. E aquela barba toda falhada. Isso aí que eu queria contar pra você e não deu tempo aquele dia. Aí eu falei assim pra ela: olha, a minha vida se eu contar pra senhora a minha vida da pra escrever um livro. E essa mulher por incrível que pareça era repórter. Aí ela falou assim pra mim: mas, o senhor num tem família? Eu falei: Eu tenho família, só que minha família mora lá na casa deles e eu moro aqui. Mas o senhor num tem esposa? Não eu sou solteiro. Como o senhor caiu nessa vida? Aí eu falei: por causa de álcool, droga. O senhor usa droga? Aí eu falei pra ela: já usei o crack, hoje eu num uso mais. Hoje eu só estou no alcoolismo. Aí ela falou: E o senhor num tem vontade de parar com isso aí? Aí eu peguei e falei: É! Vontade eu tenho. (Só que eu falei pra você da igreja e esqueci de falar pra você que foi por causa dessa mulher aí. Vai escutando que daqui a pouco você vai entender.)

Ela é de lá da Federação Espírita, na Rua Maria Paula. Aí ela pegou e falou assim pra mim: você vai passar a noite aí mesmo? Não é perigoso? Eu falei: perigoso é, mas eu vou fazer o que? Num tem albergue! Aí eu contei pra ela o que é albergue. E eles num te acolhe? Eu falei: não porque eu estava alcoolizado. Só que foi tanto frio que eu já fiquei bom, né. Fiquei bom, de tanto que tava frio. Aí ela falou assim: entra aqui no carro. Eu falei: eu to com a roupa meio suja, né. Ela falou: num tem problema, entra aí. Aí entrei no carro, ela chegou e falou assim: o senhor num jantou ainda não, né? Eu falei: não. Aí ela me levou lá na Rua São João, pagou pra mim um rodízio. Comi que nem gente grande! E no fim ela comeu também. Depois que eu comi aí ela pegou e falou assim: agora vamos ali no hotel. Entrou comigo no hotel e falou assim: quanto que é a entrada, a “pernoite”? Eu vou deixar pago aqui quatro noites. Quatro noites dá pra quebra o galho né jovem? Falei: Dá! Ela deixou pago pra mim quatro noites. Fez o borrachudo, entregou o cheque e falou assim pra mim: olha, eu vou deixar um cheque assinado pra você de R\$ 100,00, aí você vai numa loja e faz uma compra de roupa. Se você souber comprar dá pra você comprar uma calça, uma camisa, um sapato. Eu falei: deixa comigo! Aí entrou no carro e sumiu, não deixou telefone nem nada. Só falou que era daquela igreja ali, Federação Espírita. Aí eu peguei e fiquei surpreso, né. Aí estava com R\$20,00 e ela me deu dinheiro, aí olhei aqueles R\$ 20,00 e a barriguinha com vontade de tomar pinga já! Aí eu fiz uma senhora compra! Comprei naquela época três calças, três camisas, sapato, parecia um marajá. Eu estava com uns 37 anos naquela época. Aí eu tirei meus documentos, fui pro albergue, perdi meus documentos tudo de novo, comecei a beber de novo!

Na minha igreja, principalmente dia de sábado, a gente ajuda as pessoas. O dia de sábado é o dia do trabalho missionário, eles sai pelas ruas distribuindo folheto. Porque dia de sábado é o dia da cura, sábado é dia de libertação. Por isso que tem um sermão que fala assim: os maiores milagre acontecerem no sábado. Jesus trabalhou no sábado, ele curou no sábado, ele curou um homem que estava há trinta e oito anos paralítico, no dia de sábado, mas só que os fariseus de hoje em dia trabalham no sábado, mas só que no sábado é dia de trabalho missionário da igreja adventista. Eles convidam a pessoa, a pessoa vai pra igreja e ajuda com alimentação, dá remédio, e aí a pessoa vai se aprumando. Eu mesmo, arrumaram trabalho de servente de pedreiro pra mim.

Terceira entrevista. Local: Praça da Sé.

Estou com quarenta e três anos e faz mais ou menos dez anos que fui pra rua. Antes disso, sempre morei com a minha família. Morava com a minha família até que um dia minha mãe se separou do meu pai e aí eu fiquei morando com meu pai e ele me botou pra fora de casa. Eu já era velho, tinha uns 30 ou 33 anos quando ele me botou pra fora porque eu bebia muito. Aí, cheguei lá em casa meio alcoolizado e falando alto pra caramba, aí ele pegou minhas roupas e jogou do portão pra fora. Aí, fui morar com a minha irmã. Aí não chego há fazer dez dias me botou pra fora também. Aí, fui morar na casa dum colega, que hoje é finado, aí o colega me botou pra fora também. Aí, vim conhecer aqui, a Praça

da Sé. Descobri o que é albergue, morei, dormi nesses banco da Praça, dormi debaixo dos viaduto. Albergue eu fui em todos! Todos os albergues daqui de São Paulo eu já passei. Todos, não faltou um! O que fiquei mais tempo foi o Albergue Lígia Jardim, que fica na Maria Paula. No Lígia, cheguei a ficar dois meses e pouco. E os outros albergue eu ficava um mês, dois dias, quinze dias. Era mandado embora por causa de “mé”.

Essa época que fiquei na rua não via a família. Fiquei totalmente isolado. Sumia! Inclusive minha família achou até que eu tinha morrido. Até que um dia eu conheci a Associação Minha Rua Minha Casa, e foi quando eu fui lá, cheguei lá tipo indigente, mais pra baixo do que pra cima. Aí foi quando a Rosana me deu uma força, tirou minha identidade, fez um encaminhamento pra mim ir no albergue. Eu tentava parar de beber mas não conseguia! Até que um dia eu estava dormindo no banco da Praça e veio uma mulher, aquela mulher que me deu o folheto e falou “Jesus te ama”!

Aí, quando comecei a freqüentar a associação, voltei a ver minha família. Aí a família viu que eu num tava mais bebendo. Aí meu irmão me chamou pra morar com ele, meu irmão mais velho. Aí comecei a morar com ele e consegui um emprego na cooperativa, aquela primeira. Aí eu comecei a morar lá, trabalhava na cooperativa, aí depois dum belo dia, depois de um tempo, minha cunhada começou a jogar muito na cara, aí eu saí fora. Não por causa dele, por causa dela! Aí voltei a morar em albergue. E aí até que eu comecei a ganhar uns troquinhos, e aluguei um quarto pra mim lá perto da cooperativa. Aí fiquei desempregado, a cooperativa ficou fraca, me enrolaram. Aí eu fiquei desempregado e voltei pro albergue. Aí fiquei por aqui, depois daqui entrei de novo, voltei pra outra cooperativa. Aí eu fui morar com minha mãe, e é onde eu vivo hoje. Já tem mais de um ano que eu estou com ela. Estou sossegado lá com ela, dou uma força pra ela, e as coisa todas vão se encaixando, cada dia mais, um dia após o outro as coisa vão se encaixando. Ela já tinha separado do meu pai, só que meu pai queria se separar com o juiz porque queria dar um chapéu nela, queria separar e pegar a casa e vender. Ela ia ficar chupando o dedo! Aí no dia da separação meu irmão foi com ela e levou um advogado. Aí explicou o caso pro advogado: que ele queria dar um chapéu nela, tal. Aí caiu no ouvido do juiz, aí o juiz falou: você que é filho dele, o senhor mora lá na casa dele? Moro em cima da casa do meu pai. Aí o juiz falou: o senhor vai ter que desocupar a casa que eles vão leiloar e fazer a partilha, certinho, pro senhor e pra sua ex-esposa. Ao menos que um compre a parte do outro. Aí foi que meu irmão fez a oferta. Meu pai quis vender, vendeu por vinte paus. Vinte mil reais. Sendo que foi dividido por trinta e três meses, o que equivalente a três anos, né? E, com uma parcela de quinhentos reais. Aí meu pai concordou, meus irmão começaram a pagar todo mês. Só que cada mês que ia lá pagar pegava a duplicata. Pra resumir: terminou de pagar o mês em junho do ano passado, e o “véio” não desocupou a casa. Minha mãe abriu inquérito e botou na justiça. Então, tá na justiça agora. Só que ela recebe os aluguéis. Os aluguéis da casa ela recebe. E tá na mão do juiz, só que tem o processo na frente, a hora que chegar o processo da minha mãe o juiz vai ler, vai ver as duplicatas, aí vai só mandar a intimação pro “véio” desocupar. Aí eu e minha mãe vamos morar na nossa casa. Sair do aluguel e morar na casa.

Hoje eu ajudo com a quantia de R\$150,00 e dou mais o cartão da cesta básica. Eu tenho dez irmãos, nove comigo e moram quase todos em São Paulo. Só a minha irmã mais velha que mora em Aparecida de Goiânia, lá em Goiás. Eu nasci no bairro de Santo Amaro, meus pais são da Bahia. Eu tenho três irmãos, os meus três irmãos mais velhos nasceram em Presidente Prudente, e o restante, e os sete filhos nasceram tudo aqui, em São Paulo. São todos adventistas, tem um casal que tá desviado, só. Não vão em religião nenhuma, não vão em igreja nenhuma. Só esses dois.

Eu nasci na Igreja Adventista, num lar cristão. Fui batizado nessa igreja, me batizei muito novinho lá. E num sabia que que era a verdade ainda. Vim sabe o que era a verdade agora depois de velho. Quando adolescente eu ia mais não ligava muito, não prestava atenção em nada, eu ia só pra bagunçar. Não ficava nem dentro da igreja. Eu estudei até a quinta série, mas nunca aprendi nada, pelo fato de eu se tão “zoeiro” eu nunca aprendi nada. Sempre fui brincalhão! Mesmo estando “undergraus”, undergraus quer dizer caído, derrubado, eu sempre fui essa pessoa comunicativa!

Quando eu morava com a minha família, antes de ir pra rua, já trabalhei na feira. Eu sou pasteleiro, eu sei fazer qualquer tipo de pastel que você imaginar: pastel de carne, queijo, pizza, atum, frango com catupiri, frango sem catupiri, eu faço quibe. Eu sou pasteleiro formado. Trabalhei também na campanha de roupas usadas, trabalhei em uma entidade de pessoas paraplégica e cego, e nós fomos fazer esse trabalho lá no interior, fazendo campanha de roupas usadas. Ia nas casas, abordando as pessoas e pedindo calçados usados, roupas usadas e alimentos. Me pagavam uma micharia! Morava lá dentro do ônibus, dormia dentro do ônibus, cozinhava lá mesmo no ônibus, e foi uma aventura até boa. Só que o salário lá era pequenininho. Já trabalhei registrado. Eu antes de me tornar um mendigo, um morador de rua, antes de eu sair da minha família, eu era motorista de ônibus: trabalhei na Viação Bandeirantes, na Campo Limpo, na Viação Castro, trabalhei como caminhoneiro na estrada. Todos esses era registrado, já possui vários carros, várias mulheres! Mulheres entre aspas, namorada, né? Nunca casei, nunca casei.

Quando eu saí da casa do meu pai eu tava fazendo bico, né. Aí até que eu vim pra cá, pra Praça da Sé e comecei fazer bico aqui de camelô, divulgando a pomadinha do peixe elétrico*, com o Seu Sergio Maciel, que você sabe, né, que trabalhava na corda e fazia o número da corda, fazia uns cinco show, umas cinco apresentações. Quando eu comecei a trabalhar com ele eu já tava melhorando. Antes de eu trabalhar com ele eu tava numa fase difícil. Eu fiquei uma fase só bebendo cachaça e fumando craque! Ficava aqui na Praça, dia e noite! Eu era mendigão da Praça da Sé. Acharcava os outros. Só que não acharcava aqui na Praça. Eu ia pras vila, pedi dinheiro. Na base do “171”. Inventava, falava que era casado, que tava passando necessidade e a sociedade do bairro me dava uma força, mas a força que eles me dava eles num dava dinheiro, e remédio, inventava um monte de coisa e aí ganhava dinheiro, só pra usá crack. Fiquei assim uns três anos. Assim direto. Quando num agüentava mais usar crack, eu ficava bêbado e dormia. Quando acordava, acordava só pra comer um marmitex que o povo da rua dava, morador de rua dava e entidade de fora dava: lanche, marmitex, cobertor. Aquele tempo eu cheguei a virar indigente, é verdade! Tanto que naquele tempo eu não vivia, eu vegetava!

Aí eu fui pra associação. Um colega me levou pra lá. Aí no primeiro dia num me deixaram entrar porque eu estava alcoolizado. Aí no segundo dia eu comecei a entrar, consegui entrar, aí foi a hora que eu troquei idéia com a Rosana, ela tirou a minha identidade. E ela falou pra mim assim: aqui se você quiser ser ajudado, aqui é o caminho certo. Aí ela fez encaminhamento pro albergue, aí eu comecei a beber de novo, aí foi até que um dia a mulher chegou e falou pra mim: Jesus te ama. Aí pos o folheto na minha mão, aí eu botei o folheto no bolso e fui ler. Aí no outro dia eu li o folheto. Aí foi acontecendo a transformação na minha vida.

Na minha igreja eles ajudam, eles abordam a pessoa, oferecem estudo bíblico, ajuda a pessoa. Mas o meu caso, tá certo que cada caso é um caso, só que o meu caso é um caso especial. Aí eu posso dizer que foi um encontro com a luz, que é Jesus, que eu estava morto espiritualmente, no fundo do poço. Ali Jesus tinha um plano na minha vida. Foi ele que pois aquela irmãzinha da igreja verdadeira na minha frente. E se não fosse ela com certeza hoje, quem sabe eu estaria até morto né. Que eu num tinha força mais pra lutar. Quando eu estava bem, estava no chão de novo. Levantava, caía, me levantava, caía. Até que quando eu tive um encontro com essa irmã, foi um encontro das trevas pra luz. Levantei e Deus tem operado uma grande benção na minha vida. É uma grande prova porque eu não tinha onde cair morto e hoje eu tenho. Tenho até um dinheirinho guardado na poupança!

Eu fui em várias igrejas e eu não tive efeito. Eu ia lá e não perdia a vontade de beber Cheguei na igreja Deus é Amor e não perdia a vontade de beber, eu bebia. Fui na Igreja Internacional da Graça, não perdi a vontade de beber, eu bebia. Fui na Igreja Universal do Reino de Deus, não perdi a vontade de beber, porque eu bebia muito mais. Quando eu comecei a ir nessa Igreja Adventista do Sétimo Dia que verdadeiramente aconteceu o milagre, ali eu parei de beber, de fumar, de usar droga definitivo.

Eu bebia porque eu estava com a mente meia fraca, com o organismo fraco e eu num tinha vontade de pensar coisas positivas, eu tinha vontade de pensar mais coisas negativas e aí o inimigo aproveitava. Era um convite, um prato cheio! Dava vontade mais de beber. Ai depois que eu conheci a igreja verdadeira, a Igreja Adventista, que eu fui me fortalecendo aos pouquinho, o Espírito Santo foi me ajudando, aí já comecei, de pensar coisa negativa comecei a pensar coisa positiva, e aí a minha vida foi se restaurando aos pouquinhos até chegar no que eu cheguei hoje!

Quarta entrevista. Local: no carro saindo do bairro Parque Fernanda para o estádio de Itapeirica da Serra para um evento adventista e no Estádio de Itapeirica da Serra.

Aqui é a minha verdadeira paixão, a minha vila! Aqui é vila onde eu me criei. Aqui era uma rua que quando chovia, carro num subia ali, porque atolava, entendeu. Vou começar a te explicar agora, mas agora nós vamos voltar pra casa da minha mãe. Onde morou eu e todos meus irmãos, os dez irmãos. Eu sou o do meio. Dá uma maneiradinha aqui. Essa casa aqui, toda florida, lá nos fundos é toda nossa, essa casa lá nos fundo tem tudo casa alugada, aqui tudo que você tá vendo é nossa. Agora essa aqui que está no nosso quintal, essa casona aqui que está em cima da nossa casa é do meu irmão. Ele mora aqui em cima, a de baixo é da minha mãe. O que que acontece. A minha mãe, teve dez filhos com meu pai, e sofreu muito com ele porque ele era muito carrasco. Aí ela se separou e na separação, o que que acontece, ele botou outra mulher pra morar aí junto com ele, e ele queria largar, a separação da minha mãe, pra vender o imóvel e dar chapéu na minha mãe. Só que meu irmão não é bobo. Ele chegou e foi com o advogado no dia da separação e meu irmão foi lá mais a minha mãe, aí conversou direitinho com o advogado. O

* Também conhecida por alguns como pomada do Padre Cícero promete curar alguns problemas de saúde como dores musculares, prisão de ventre, entre outras.

advogado passou pro juiz, que ele queria separar mas queria vender a casa sozinho e dar chapéu na minha mãe. Aí o juiz chegou no meu pai e falou: o senhor mora com quem? Moro nos fundos do quintal. O senhor tem casa alugada no fundo do quintal? É tenho. Quantas casas o senhor tem? Tenho dois sobrado. Tudo bem! Então, um sobrado o senhor vai dar de aluguel pra ela aqui. Não, mas ela num dá nada. Num interessa, mas ela vai ter que dar. Porque quando o senhor colocou a mulher lá dentro da sua casa, já tava tudo feito, agora ela tem que usufruir o que é do senhor, não o que é dela aqui (da mãe). Então, o senhor vai ter que começar a dar aluguel. E outra coisa o senhor vai ter que desocupar a casa e fiquei sabendo que em cima da casa do senhor tem a casa do seu filho. É minha, meu irmão falou. O senhor vai ter que desocupar a casa também que nós vamos leiloar essa casa e no leilamento nós vamos fazer a partilha, pra ninguém dar chapéu em ninguém. A não ser que um queira comprar a parte do outro. Aí meu irmão Isaias falou assim: eu compro a parte dele meretíssimo se ele quiser vender. O senhor está disposto a vender sua parte Seu Joaquim. Estou, o meu pai falou. Só que houve vigília na minha igreja, muitas orações minha mãe fez, e eu acredito que isso foi até o Espírito Santo, o anjo que fez o meu pai concordar com tudo. Vai escutando: o senhor concorda em vender? Concordo. Tá ok. E quanto você dá na parte dele? O juiz perguntou Aí meu irmão falou: olha meretíssimo, porque meu pai sempre falava que na parte dele ele dava R\$20.000,00. Aí meu irmão falou assim, ó, na parte dele, se ele quiser eu dou R\$20.000,00, mas tem mais outra, eu num tenho condições de dar R\$20.000,00 à vista, eu só tenho condições de pagar parcelado, R\$500,00 por mês. Aí foi bater tudo lá no computador, fez um contrato tudo bonitinho e tal. Aí um mês juntou a minha família, e nesse tempo eu tava na rua, nesse tempo eu já tava na rua. Aí juntou todo mês R\$500,00, todo mês fazendo a vaquinha e pagando, pra num ficar pesado só pra meu irmão. Aí minha mãe começou a pegar o aluguel de uma das casas e começou a ajudar também. Conclusão da história, levou três anos, 36 meses de quinhentos e poucos reais, que deu a importância de R\$20.000,00. Pagou, levo 3 anos pra pagar. Pagou tudo bonitinho, tudo direitinho. Quando terminou de pagar, você entregou a casa? Ele não desocupou, ficou enrolando e minha mãe foi e abriu um inquérito contra ele. Aí a advogada abriu um processo e tal, aí minha mãe levou meia hora explicando, a advogada falou: quer dizer que já pagou tudo bonitinho? Me traga tudo, tudo. Levou lá as papeladas, as trinta e seis duplicatas, porque cada vez que meu irmão pagava ele fazia meu pai assinar, levou tudo. Aí a advogada falou pra minha mãe: traga uma carta de testemunha a punho. Aí a vizinha que foi criada no meio de nós fez a carta, aí a advogada falou: no dia que precisar trazer a testemunha pra fazer verbal a senhora tem condições de trazer? Minha mãe falou: tenho! Minha mãe levou tudo, tudo, tudo. Aí a advogada falou: ele tem um sitiozinho então, tem a casa já construída, tem condição da senhora ir lá e bater uma foto? Tem. Então me traga. Aí foi minha mãe mais o meu irmão, minha irmã e mais o meu cunhado, pegou o carro pois a minha mãe dentro e bateram foto, porque é aqui na BR 116. Tá tudo na mão da advogada. A advogada falou: Dona Maria, é o seguinte, só vai depender do juiz porque o Fórum andou em greve e normalizou agora. Vai depender do juiz e não vai demorar muito, o juiz vai pegar o processo, vai ler, e sabe o que vai acontecer? Acredito que num vai precisar nem chamar a polícia, o juiz já vai mandar uma carta pra senhora e uma carta pra ele. O juiz já vai mandar uma carta dando quinze dias pra ele já desocupar a casa. Porque se ele não desocupa é ordem de despejo! Já tamo esperando já vai fazer um ano! Então, agora você acha que tem chance pra ele agora? E ele num tá nem esquentando a cabeça, ele acha que a gente num boto ele no pau. Eu amo ele, como meu irmão também ama ele, mas nós amamos a minha mãe. Ali num foi forçado, ninguém boto o revolver na cabeça dele, ele vendeu por livre e espontânea vontade a parte dele, e a mulher dele que quase matou ele, ficou com raiva. Falou que ele é doido de vender um casarão daquele por R\$20.000,00. Valeria mais, porque a casa é muito grande.

Neste bairro, atualmente, mora: minha cunhada, o marido dela que seria no caso meu irmão que estava dormindo no meu quarto, que acaba de almoçar ele dorme, descansa né. Mora lá na casa, em cima da casa nossa. Aquele o mais velho, o meu irmão mais velho mora lá no Grajaú e eu tenho mais, que mora aqui no Parque Fernanda são sete. Sendo que um mora aqui na Estrada de Itapecerica e a outra, que é a caçula, mora na Vila das Belezas e a última mora lá em Aparecida de Goiânia. Eu sou do meio, antes de mim tem o meu irmão caçula que é adventista e é cantor, tem até cd gravado! Ele é o caçula, depois dele vem eu, depois dele vem o Isaias, depois vem o Ismael, e depois do Ismael vem o Isaac, dos homens.

Quando meus pais se separaram já estavam todos crescidos e casados, o único que tava de solteiro era eu, que perdi o emprego, que era motorista registrado, que perdi o emprego por causa de pinga. Aí cada um foi pro seu canto, que era todo mundo casado.

Eu comecei a beber, o motivo que eu tive para beber foi o seguinte: eu nasci num lar cristão. Aí, na minha adolescência, eu desviei dos caminhos de Jesus, saí da igreja, comecei trabalhar no dia de sábado, comecei a trabalhar em feira de ajudante de pastel. Ali foi que eu comecei, que eu aprendi a beber bebida alcoólica. Comecei com um vinhozinho, aí quando eu fui abri os olhos já tava na pinga. E, na idade de 18 anos, eu já bebia bastante pinga. E me tornei um motorista. Com 18 anos, já tirei a minha habilitação, na categoria D, na época só tirava categoria C. Aí eu comecei a beber, beber, mas me tornei um motorista profissional. Com 20 anos, eu saí da feira e fui trabalhar já como motorista profissional. Aí

foi a minha trajetória: pegava emprego num dia e perdia no outro. Mas naquele tempo era fácil, né? Você perdia um emprego hoje e no outro dia já tava empregado!

Na quinta série eu parei de estudar, parei de estudar pra trabalhar. Minha família tinha dificuldade financeira e depois num tava encaixando muito na minha cabeça. Devido quando era criança levei uma pancada na cabeça, e aí eu fiquei com dificuldade nos estudos. Aconteceu um acidente. Eu era moleque, eu era nenê de uns três pra quatro anos, e eu era muito, como todas as crianças são, levado! Só que eu era um pouco mais do além. Eu era levadíssimo. Eu era muito artero, mais do que artero, e tinha naquela época umas cama provençal, e tinha umas cabecera assim, e eu ficava pulando de uma cama pra outra, numa cama pra outra. Até que eu de pular numa cama pra outra eu caí com a nuca, aqui, essa parte aqui, bem na ponta da cama. Aí fez um buraco, um racho, de uns vinte e cinco centímetros. Quando eu rapo a cabeça dá pra ver. Aí tinha uma vizinha lá perto de casa, Dona Sebastiana, é claro que essa vizinha já é falecida, e a Dona Sebastiana começou a curar minha cabeça. A fechar com sebo de carnero, e minha mãe me levou num hospital na época, um que não existe mais, um tal de Cemic, e começou um tratamento, né? Minha mãe me levava lá e o médico falou que eu ia ficar meio “tantã”, num ia lembrar das coisas por causa da batida. Só que na época minha mãe já era adventista, já era uma cristã. E aí ela, como uma cristã fervorosa, começou a orar muito, orar muito a Deus. Pediu oração na igreja, até que o milagre aconteceu. Fiquei com dificuldade, é lógico, na escola. Na primeira série eu fiquei uns oito anos. Só queria bagunçar, não aprendia nada, nada! Aí que, depois de muita oração na minha igreja, fui desenvolvendo, desenvolvendo aos poquinhos, foi que eu aprendi a ler, e a inteligência minha, não era tão inteligente por causa da pancada que eu levei. Fui aprendendo a ler, é claro que eu desmaiava, né, brincava muito aí daqui a pouco desmaiava sozinho. Fiquei com problema na cabeça, cheguei até a tira chapa da cabeça. Ai foi indo, foi indo, conclusão da história, fui curado! Milagre, né? Hoje não sinto mais nada. Foi só quando eu era criança, depois dos doze pra frente parou. Mas eu sempre tive dificuldade pra estudar. Aí já juntando isso daí, aí saí da escola e fui trabalhar. Aí foi quando eu fui trabalhar na feira como ajudante de pasteleiro, depois me tornei um pasteleiro, aprendi a dirigir, e por sinal, eu era um cara até esperto, inteligente, mas aí comecei a beber muita cachaça, muito novo, aí voltei pra estaca zero.

Na época tinha muitos amigos que bebiam também, amigos de copos. A maioria deles já foram pro saco!. Muitos já morreram. Uns morreram de cirrose, outros morreram de droga. Outros morreram de doença, de atropelamento. Aí a minha vida foi uma vida de desastre, uma vida de fracasso. Tombos e mais tombos por causa do alcoolismo. E a família já não sabia o que fazer. Chegou até o ponto de abandonar, falar: pra esse num tem mais jeito! Já ameaçaram até me interna, e depois de velho, criei juízo.

Nunca fiquei internado, só quando criança pra fazer o tratamento da cabeça. Quiseram me internar por causa da caçaça, né, pra ver se eu parava, mas eu não queria, não aceitei ir. Aí depois da cachaça me envolvi na droga e aí foi quando eu fui pra Praça da Sé e virei morador de rua. Dormindo em albergue, nos bancos da praça, nas malocas. Quando entrei na droga fui pra praça da Sé. A primeira vez que dormi na rua, foi assim: eu tava no albergue. Cheguei lá e os cara falaram pra mim, os amigos: tem um lugar aí que dá moradia pra pessoa, de graça. O nome é albergue. Aí eu pedi pra essa pessoa me levar lá. Essa pessoa me levou pro albergue, fiquei conhecido no albergue, aí pronto. O primeiro albergue que fiquei foi o Cirineu. Mas antigamente era Jacaré. Eu cheguei lá e aí fiquei lá no albergue e me botaram pra fora por causa de bebida. Quando me botaram pra fora no segundo dia eu dormi na Praça da Sé, no banco. Foi uma noite de terror, de tortura, um frio muito grande, e eu num conseguia dormir por causa do frio. Foi o dia mais triste da minha vida. Aí depois de lá que eu saí do albergue que eu dormi na praça, aí eu fui tentar pegar outra vaga de prenoite lá no Jacaraé. Aí foi quando uma pessoa chegou lá com uma caminhonete perguntando quem precisava trabalhar. Era pra ir pro interior agora, pra fazer campanha de roupas usadas. Aí como minha família não sabia por onde eu andava por causa da bebida e das drogas, que minha família tinha lavado as mãos, porque achava que pra mim não tinha mais esperança, de vida. Achava que pra mim, eu já era. Eu era uma vinda sem retorno. Aí foi quando eu entrei dentro da caminhonete, eu e mais uns colega, aí levaram nós lá na Avenida Aricanduva e fui pro interior pra fazer campanha de roupa usada, e eles ia pagar pra nós R\$ 0.25 o kilo. No papelzinho tava escrito: entidade de pessoas paraplégicas e pessoas cegas, é o nome da entidade. E o argumento nosso, que eles ensinaram, era este: ao chegar no interior, pela manhã, vocês vão bater palma na casa. Cada bairro nós vamos deixar um. Cada trecho nós vamos deixar um pouco de pessoas, e quando é a tarde nós vamos passar recolhendo um pouco de pessoas. E o argumento de vocês vai ser o seguinte, vocês vão chegar na casa, a que não tiver campanha vocês vão bater palma: nós não somos daqui somos de São Paulo, prestamos serviço pra pessoas cegas e paraplégicas, pessoas sem chance de se movimentar. Queria saber se vocês tem roupa e alimentos, não precisa de dinheiro não. Se a pessoa dizia sim, nós dizia: num precisa dá agora não, a gente vai anotar o nome da rua e vem pegar depois. Aí quando voltei pra São Paulo me deram R\$100,00, por um mês de trabalho. Aí foi quando eu entrei lá na Associação, conheci você, a Rosana me deu uma força, comecei a tirar meus documentos, parei de beber, aí depois voltei a beber de novo, aí parei. Aí quando eu conheci você a Tiy [T.O. da AMRMC], aí foi quando eu fui pra Praça da Sé, tal e eu estava

dormindo e uma pessoa me deu um folheto e eu voltei pra igreja. Quando eu era mendigo, era trecheiro, morador de rua, mas aqui em São Paulo. Ficava de albergue em albergue, de bairro em bairro. Saia da Zona Sul e ia lá pra Zona Leste, naqueles fundão. Saia da Zona Leste ia até aqueles fundão da Zona Oeste, lá na Cidade Universitária, ali onde tem o Butantã, aquelas quebrada. O lugar que eu dormi na rua mais tempo foi na Praça da Sé, eu fiquei uns cinco anos. Cinco anos bebendo, usando droga, fazendo tudo que não devia.

Nesse tempo todo o albergue que eu fiquei mais tempo foi o Lúcia. Instituto Lúcia Jardim. Inclusive eu passei duas vezes nele. Fiquei, 2 meses e meio a primeira vez e da segunda vez eu fiquei uns 15 dias e nos outros eu ficava menos por causa de pinga. Eu bebia muito, aí bagunçava e eles me mandava embora. Quando eu fui pro Lúcia eu estava sem beber, porque se chegasse bêbado eles botava pra fora também. Quando fui pro Lúcia já tinha voltado pra igreja. Tive um deslize, uma recaída, mas aí me recuperei.

ANEXO D: ENTREVISTAS COM JOÃO DA VIOLA

Primeira entrevista. Local: AMRMC (banco de dados)

Eu tive vinte e cinco anos de jornada artística e por falta do meu primeiro companheiro, agora apareceu esse segundo. Então, exatamente essas que a gente tá escrevendo agora são tudo música nova. A gente tem mais ou menos, dessa fachada de 2000 pra cá, tem umas quinhentas e poucas. Então, essa história “Mundo Cruel” é o seguinte: é que quando a gente tá no alto, logo que a gente cai e começa a retornar tudo de novo, então, o povo acha que você tá levando aquele negócio por brincadeira, que não tá com nada. Então, eu me senti na pele como uma pessoa que talvez não tivesse aquele valor que só a gente conhece, então, coloquei o nome dessa música “Mundo Cruel” devido a tiração de sarro do povo, que são o povo da rua. Porque o povo da rua ele não sabe fazer nada, afinal. Eles faz as coisas sem saber do que se trata e sem sabe porque que tá vivendo. Então, quando vê uma pessoa vivendo eles acha que pra ele já é muita coisa, é um espanto, você entendeu? Porque não é toda pessoa que tem a posição igual, um é diferente do outro, e assim por diante. Então, eu coloquei isso daí, aonde se trata dos falsos amigos, dos laços traidor, porque ninguém quer ver ninguém bem, se puder derrubar derruba. De mil pessoas você tira duas, três. Pra você poder alcançar essa vitória com muita luta, muita garra. Então, a gente não pode parar por aqui que a vida tem que continuar, então, esse é o sentido dessa música. Eu escrevi essa música tá com 2 anos, e já tá gravada, e é capaz que eu vou regravar novamente nesse terceiro cd que tá saindo. Essa música é a mais predileta, é a mais real e a mais certa, somado as coisa em cima do que ela é. Então, eu tenho muita admiração, até inclusive eu fiz sem pensar, e acabou saindo isso aí. É assim:

Cantar pro povo da rua
Sinto o drama e o pavor
É o mundo que está perdido
Reza pra nosso senhor.

O “Teto Pagode”, é o seguinte: quando a gente foi tirado, mais ou menos, nessa conclusão, estava bem de situação, foi no tempo do Sarney, não foi isto? Aí entrou esse Collor e muitos que tavam no degrau lá em cima ele passou rasteira e derrubou. Muitos até se matou, num foi isso? Então, que aconteceu, o teto que era alto caiu. O João de Barro, que é mais inteligente, é uma ave. Eles constrói a casa deles sem ferragem e sem material de construção, então, se torna um dos melhor pedreiro que não tem homem que destrua a natureza. Por isso que os homem não se unem, por causa que falta muito entendimento, os homem não se compreende um o outro. Quando um sabe uma coisa o outro quer saber mais, no fim ninguém acaba num sabendo nada e a miséria cada vez mais, é daí pra mais.

Porque que eu to na sarjeta? Agora eu lhe pergunto, porque? Por causa do Collor. Se isso aí não tivesse acontecido eu não tava nessa vida não. Gastei com gravadora, gastei com morte de companheiro, gastei com doença do meu pai, a metade passaram a mão e eu fiquei nessa, nas águas da saudade. Fiquei nas águas da saudade dançando a vida maluca, mas eu to na esperança que uma hora eu torno a levanta! Intermédio a você que está nos dando este esforço, e a influência e a vocação e a vida daquilo que a gente é. Eu, graças a Deus, não to batendo papo, não to exagerando, mas eu sou um cantor. Só que eu sou esquecido da turma, mas quem conhece, sabe que a gente é isso aí, né? Então, me sinto um homem feliz!

A “Estrada Cumprida” é o seguinte, isso é uma história muito longa. Estrada Cumprida é quando eu tava no auge da minha da natureza, isso eu tinha lá meus quinze, dezesseis anos. Foi quando gravei o primeiro LP: “Manchas de Amor” é o nome do LP. E esse companheiro que eu tinha, a gente fazia muitas longa jornadas, a gente não media distância. Quando você pensava, que você falava assim, eu vou descansá, já tinha chamado. E você ia, então, era uma estrada que você não parava nunca. Sempre, cada vez mais, seu nome cada vez mais crescia. Você chegava na gravadora seu nome tava lá. Você ia na praça, seu nome tava no jornal. Você ia nas boate seu nome tava lá: tal dia é pra essa dupla estar aqui! Então, você não tinha aquela parada e o companheiro falava: poxa vida heim! Acho que essa estrada nossa é muito cumprida, acho que nós não vai parar nunca. Mas aconteceu esse improviso aí, que nós fomos fazer uma viagem pra Campo Grande, Mato Grosso. Nós fizemos um show no circo Débora, o nome do circo, até deram seu nome! Só lida com animais e trapézios e nós fomos lá fazer esse show, chegamos lá, fizemos o show, aí naquilo que nós ia saindo, apareceu o dono de uma boate e falou: dá pra você dar um show na boate São Rafael? To precisando sem falta, dá pra voeis ir? Então, eu olhava pra ele e falava: tá vendo que estrada cumprida a nossa heim? Nois num pára! Nossa notícia vai longe! E foi indo, foi indo. Quando foi de lá pra cá, recebemos um telefone: Santos. Tinha um show pra nós fazer de duas horas e meia. Aí cheguei, falei pra ele: ó, vamo fazer o seguinte, você manda o empresário. O empresário chamava Taide Leite Cardoso. Manda o Taide e você vai descansar, e assim que ele resolve nós vai pra lá. E ele meio “azuretado”, acho que pernoitado de sono, também, falou: não! Quem vai sou eu. Eu sou o dono da cococa, eu vou. E eu falei: rapaz, vai descansá homem! O outro é empresário, além de empresário é

motorista, descansou a noite inteira. Agora ele, cansado de fazer o show, mais em pé do que sentado! Aí ele chegou em Marília e falou: quem vai so eu. Ele pegou um carro nosso chamado Aero Willis, placa 48 PX27. Desceu pra Santos, aí o que aconteceu. Desceu pra Santos era umas seis horas da manhã. Pra quem chegou quatro hora, dormiu duas hora e pouco, num dormiu nada, né? Em vez dele pegar o empresário, mandar o empresário, ele falou: não vou eu! Eu falei: rapaz, mas vai discansá, que depois vem outras coisas, aí nós não vai ter mais discanso, e ele falou: não, porque eu sou homem. Eu falei: então tá bom, você quer saber de uma coisa, você vai? Quer que eu vá junto? Não, deixa que eu vou sozinho. E foi. Quando foi cinco e meia da tarde, um telegrama em casa: morreu! Não, não falou morreu, falou: está hospitalizado uma parceria da dupla Pescador e Montreal, e eu nem acreditei. Eu falei pode ser mentira ou pode ser verdade, né? Aí quando foi a noite o guarda rodoviário foi em casa e entregou uma carta. Eu li, aí o que aconteceu, eu peguei fui na casa da ex-mulher dele e falei pra ela: olha, acontece o seguinte. O José acabou de falecer, pelo o que to sabendo. Falaram que ele tava hospitalizado, mas é mentira. Mas eu já não quis falar que ele tinha morrido. Aí peguemo o avião da Tam quando era nove hora da noite. Quando era dez e quinze nós tava lá no velório. Ele tinha um metro e noventa e três de altura e tava com um metro e meio de comprimento. Não deu prá conhecer ele! Aí eu comecei a discutir com os cara lá do velório. Aí me disseram: não, é ele mesmo que tá aí, pode ter certeza que é ele! Eu falei: não é não! Completamente diferente. Aí o cara foi lá, pegou os documento dele e trouxe. Mostrou a foto: é esse aqui? Eu falei: esse é, mas aquele lá do caixão não é não! Ele falou: mas é esse cara aqui que tá lá. Aí foi aquele sufoco! Eu já pensei em parar de cantar, não pegar mais no instrumento, já virou aquela coisa, sabe, aquela maldição. Porque 25 anos junto não é brincadeira não!

O nome da dupla Pescador e Montreal veio assim. Isso foi de uma programação que nós fizemo da Rádio Clube de Marília, numa programação com um senhor, que até já morreu também, era um grande locutor. Chamava-se Nhô Constâncio. Então, tinha um programa por nome “Mircelânia Sertaneja”, programa de Pescador e Montreal. Aonde nos encontrava os outros violeiro também. Inclusive eu levantei muito violeiro nessa brincadeira. Muitos dele tá lá em cima, e a gente tá aqui em baixo. E assim vamo nós! E é uma estrada que você não pode parar!

E o significado de Montreal, existe no nosso idioma, no nosso dizer. Montreal são as pessoas que ele não “amunta” só a situação pra ele como pra o próprio outro ser humano, talvez se precisar. Vamos supor, uma montagem dum bate papo, como você tá fazendo comigo agora. Você tá montando uma pergunta sobre o esquema do que é a vida e porque a vida existe, porque a música é a música. Porque ela tem um motivo que você faça ela uma música, se torna uma poesia nascido da cabeça dum poeta.

Comecei a tocar com treze anos! Com quinze anos nós fizemo o primeiro LP. Treze anos! Aí foi indo, fizeram o enterro dele, cheguei em casa, olhei pra viola. Eu tenho essa viola até hoje! É uma viola toda de pinho, a boca dela é metálica, um metálico branco. Mas é linda! Aí eu olhava assim na viola e lembrava, parece que eu olhava dentro e ele tava na minha frente, eu falei: poxa, num dá pra toca mais não! Aí que que eu fiz: eu peguei, coloquei dentro numa capa, coloquei dentro do estojo e tranquei. Tranquei com três cadeados. Tá lá guardadinha até hoje! Minha mãe guarda aquilo lá com o maior ciúme. Se eu chegar em casa e pegar, ela deixa, mas se for pra outra pessoa pegar, ela fala: não, essa aí não. Deixa ela quieta aí. Num pega mesmo! Então, se trata, uma estrada foi tão cumprida, e terminou nesse fracasso, acabou. Quer dizer, acabou pra ele, né? Porque ele foi, mais eu num posso deixa a vida correr, então eu acho que ainda tem uma estrada pela frente. Tem que continuar. Então, chama-se estrada cumprida. Mortes pra uns, vidas pra outros. Essa história é bem dolorida!

Fiquei nove anos sem tocar! Nove anos sem tocar e eu num podia nem passar perto da onde tinha instrumento, eu pulava fora. Se tava tocando instrumento daqui, daqui eu pegava e voltava atrás. Dava aquele mal estar, aquele pavor, sabe? Aquela coisa ruim! Eu falava comigo: não vou passar nesses lugar não! Eu andava pra trás ou dava uma volta. Eu tava muito desgostoso da minha vida, não tava legal. Não tava do jeito que eu tava querendo. Aí depois eu levantei a cabeça e falei não é por aí é por aqui. Vamo começa tudo de novo. Aí eu comecei tudo outra vez. E aí a gente está!

Pra passar disso, um pouco, não tudo, eu agradeço a essa turma de comunidade*. Porque tem muitos que gostam e tem muitos que não gostam, então, quando viram eu pegar instrumento pela primeira vez, que ninguém acreditou que eu tocava viola, ninguém acreditou. Um cara falou: só acredito se eu ver, falei: bom, então eu vou mostrar, né? Porque, eu não gosto de deixar ninguém na dúvida. Eu sou do tipo da pessoa que fala pra você assim: eu vou fazer tal coisa. Você pode ter certeza que eu faço. Ou mais cedo ou mais tarde eu faço. Então, a turma acha que você num deve parar, e tal, aquela coisa. Porque quem já morreu já perdeu a vida, porque você vai atrás de ficar com essas coisas na cabeça, sua vida continua e aquela coisa. Aí eu comecei pensar: sabe que é mesmo! Eu estou de pé, ainda to vivo, vamo alegrar o pessoal, né! Aí comecei no meio deles aí, aí de repente apareceu Sebastião Moraes [frequentador da AMRMC]. Só que ele é um homem muito duvidoso, sabe. É uma pessoa que ele só acredita nele. Naquilo

* Refere-se ao trabalho da OAF.

que você faz ele num acredita. Aí eu comecei a pegar pesado com ele, falei: é assim? Então vem cá, nós vamos tirar a dúvida nós dois agora! Aí ele num “guento”. Ele falou: porque nós tem que parar, porque eu num guento cantar, e eu falei: olha Seu Sebastião, o senhor pode ser “bão” em outras coisas, mas nessa parte, não nasceu pra isso. Aí tudo bem, cada um siga seu caminho. Aí eu to lá no Arsenal e fiquei sabendo notícia de Jaime, meu atual companheiro. Fui falar com ele e ele falou: olha rapaz, não sei tocar, não sei fazer nada. Falei: não, você tem certeza que você não sabe mesmo? Ele falou: não sei!. Mas Jaime é cismado porque sabe que a gente já foi da parada. Então ficou meio cismado. Aí comecei a agradar ele. Então, falei: vamo dá um treinho qualquer hora aí, vamo ver o que dá, né! Aí arrastei ele, trouxe ele aqui embaixo na Ivete*. Aí tinha três violão e a viola. Falei: o Jaime? Você pega esse violão aqui, e eu vou pegar essa viola e nós vamos brincar um pouco, só pra passar umas horas. Aí eu senti firmeza! O cara falou que era fraco, mas de fraqueza num tem nada! Aí quando foi no primeiro domingo tinha um festival de violero lá no Centro Cultural do Jabaquara. Olha onde ele foi encarar a primeira jogada! Falei: Jaime, tem um festival de violero, vamo lá? Fazer o que, num sei cantar? Eu falei: num sabe, aprende! Aí eu programei três músicas daqui e levei. Chegando lá todas três músicas eu cantei, eu sabia, ele sabia também. Eu falei: oh! E ele tremendo que nem uma vara verde! Aqui todo suorzinho caía assim. Falava: o rapaz num esquenta a cabeça não, a vida é assim. E nessa brincadeira tamo aí: Mirassol e Montreal, três anos e meio juntos. Sempre brincando, sempre voltando, nós num aparta. Perdemos a vergonha um do outro! Ele mais erra do que eu. Eu já falei pra ele: se eu errar você me chama atenção, mais se você errar eu vou continuar te chamando atenção. Então tem hora que ele fica meio assim. Ontem mesmo ele já fez um errinho. Ontem foi dia sete de julho, né? Só que eu num cobre ele, “dexei queto”. Falei bom: você sabe o que você quer. A gente mexe com cantoria, você tem parte de hora de chegar, e tem sua parte também da hora de sair. Então, a gente sabe que tudo é um compromisso. Um compromisso que é um atraste do outro, então, de forma que você num pode falhar com nenhum. E é assim a vida é isso!

Jaime é o Mirassol. Esse nome Mirassol nasceu pelo seguinte: eu cheguei na gravadora do Eli Correia e aí eu queria mudar o nome. Agora eu me esqueço o nome que ia ser. Eu tinha botado um outro nome lá e eu sei que no fim ele falou: olha, esse nome num vai pegar bem pra você e nem pro companheiro, pelo seguinte, você já gravou pela Continental, você já tem nome. Você pode num ter nome agora, mas tá escolhido assim. Pode ser, de repente você muda o nome, em vez de você subir, vai ser uma “caca” e você cai mais rápido ainda. Então, eu acredito que você tem que arrumar um outro nome pra você colocar no parceiro, pra num cair o nome de Montreal, porque o Montreal existe né, porque num morreu. De fato ele sabe que tem memo. Aí na hora eu resolvi, falei: vamo fazer o seguinte, vamo coloca o nome de Mirassol e Montreal. Aí pegou! Ficou, então, Mirassol e Montreal. E é assim, de todos companheiro que eu peguei até hoje eu só tento ajudar eles, porque eu já num esquento mais, já to no meio do ramo artístico, já num é de agora. Então, a gente tem base das coisas, sabe o que quer, sabe o que faz. Então, a gente canta sem medo, sem cisma e deixa a viola falar!

Já a música “Coração desprezado” até que num é uma história muito dolorida. É um pouco também, mas quase, quase mesmo conveniência. A gente tem muitas parcerias, tem muitos amigos, muitas amigas, tem pessoas boas que a gente não deve desprezar por nada nesse mundo. Talvez ou ele morre, ou ele arruma um serviço, vamo supor, lá pro lado do Japão, nos Estados Unidos, então, vai embora aquela pessoa. E a gente, vamo supor, fica aquele sentimento, sabe. Fica aquele pensamento, fala: puxa vida a pessoa que é boa some de perto da gente e o que num presta tá sempre de perto da gente. Porque será? Então, a gente se sente aquele desprezo, você tá compreendendo? Já não é aquela liberdade que você tem com aquela pessoa, que você tem confiança. Então trata-se “Coração Desprezado”. Então, a pessoa fica com peso de sentimento e um mal estar dele não poder sempre tá falando com aquela pessoa. Então aí é que vem o desprezo. Não é por querer, é por acontecimento.

Quando eu tinha 6 anos de idade o meu pai era comandante da Marinha, ele trabalhava com 2000 homens no navio Cancros, já ouviu falar nesse navio? Acho que nem existe mais. Depois ele passou pra um tal de navio Raul Soares. Aí sempre ele chegava em casa, que ele sempre foi carinhoso com a gente. Nunca me deu um tapa! Ele falava que gente educa com conversa, não é com pancada! Então, ele falava pra minha mãe: olha, se eu puder e tiver no meu alcance, pelo menos um dos meus filho eu quero que seja músico. Porque na família é tudo músico. Já começa do Diamantino, do Gamela e Marmelada, também, uma dupla, é da família também. Tudo artista! Da minha raça só saiu: meu filho que é policial que é o Rogério, e o meu pai que é comandante da Marinha. E ele começou a pegar no meu pé: olha, faz assim! Porque pessoas que trabalha pra os outros, ele nunca tem valor, ele nunca tem nome. Porque isso aí um dia vai acabar! Vai chegar tempo de você chegar em qualquer serviço e você ser recusado dos próprio patrão. Falar que não tem serviço, botar qualquer defeito! E eu dava risada dele, mas ele falava: não, é verdade! E chegou! Como é que ele sabia disso? E aí, a gente foi numa loja. Ele me levou junto. Fez o

* Uma das pioneiras no trabalho com adultos em situação de rua na cidade de São Paulo e integrante da Organização de Auxílio Fraternal.

capricho de me levar. Ele me levou numa loja de instrumento e falou: pode escolher! Escolhe o que você quer, não importa o que seja! Eu olhava assim, e pensava: mas que que eu vou fazer com isso? E ele me deixou a vontade, não pegou no meu pé não. Ele ponzava os braços assim pra trás, e falava: eu num tenho pressa não! Aí eu vi primeiro um cavaquinho, coisa de criança, né? Eu falei: vo pega aquele lá. Naquela época, se eu não me engano, parece que ele pagou 100 cruzeiros. Na época era dinheiro pra caramba. Isso foi em 1957, por aí. Aí levei o cavaquinho pra casa, mas não era aquilo que eu queria. Ele falou: e aí rapaz, já aprendeu alguma coisa? Falei: ainda não. Num sei nem como é que mexer com isso! Peça pra alguém te ensinar, ele falava. Virava as costas e saía. Antes dele ir embora, porque ele ia ficar em casa uma semana, ele falou: vamo na cidade comigo? E eu fui atrás. Aí ele já num perguntou mais, não mandou eu escolher mais nada. Ele chegou assim, só falou: é esse ou esse? E lá sabia eu o que era viola o que era violão! Falei: esse aí. Então tudo bem. Botaram numa capa e viemo embora pra casa. Chegou em casa era a viola. Eu falei: o que que eu vou fazer com isso, com esse monte de corda? Vou aprender o que aqui?

Aí nisso daí, porque o João Mulato, da dupla, João Mulato e Douradinho, é bem mais velho do que eu. Ele deve ta com uns sessenta e dois anos. E volta e meia ele ia lá em casa e pegava e afinava a viola e falava: é assim, assim. E eu largava lá virava as costas e saía. E foi indo, foi indo, e comecei a achar alguma coisinha, mas canta memo que é bom? Nada! Aí fui procurando, procurando. De repente aparecia alguns outros que sabiam, né? Então, entrava ali no meio da gente, e a gente ficava muito curioso, mas ninguém queria saber de ensinar ninguém. E o tempo foi passando. Aí quando eu tava com 10 anos de idade, conheci esse tal de Gamela, num circo. E ele é primo do Zé Carrero, já ouviu falar? Ele toca uma viola boa! Aí resolveram passar lá em casa pra encher o saco, né? Aí começemo a brincar por ali, comecei a desembaraça alguma coisa. Não que eles ensinaram, é que eu olhava assim, botava reparo no esquema do dedo deles. E vai aqui, e vai ali, e aí apareceu esse parceiro meu, esse que morreu de acidente. Ele é mais velho do que eu oito anos. E falou: e como é que é garoto? Ce ta tocando viola, vai virar uma estrela! Mas tudo de brincadeira, né? E no fim acabou dando tudo certo!

Quando é um belo dia, num domingo, sentado debaixo do pé de ingá, parou um carro perto de nós. E lá cantando nós tava e cantando ficamo. Eles pararam, vieram, conversaram com nós. Naquele tempo eu num fumava, num bebia, num fazia nada! Eu só dedicava mais mesmo ao instrumento, e aquilo foi entrando na minha cabeça, cada dia que passava entrava mais. Aí já comecei a achar algumas posições. De repente, esse parceiro meu: vamo na rádio? Eu falei: faze o que na rádio? Vo passa vergonha lá? Canta pro mundo inteiro ouvir pra depois tira sarro? Acho que eu num vou não! E um frio! Um frio que você olhava assim aquela névoa, aquele tempo gelado! Você botava blusa não passava o frio! Aí fomos. E eu tinha 13 anos naquela época, e eu falei: como é que eu vou me apresentar na frente desses microfones? Aí começemo a faze aquela cantoria, sabe, mas eu suei assim, que o suor derramou que foi para lá embaixo, de tanto nervoso, de tanta cisma! E vergonha também. Mas cantemo! Que cantemo, cantemo! Ainda bem que era só duas músicas cada dupla. E o parcerero todo contente! A gente canto música dos outros. Nessa época era música do Zé Canhoto, Lio e Leo, essa gente aí pra lá, Zico e Zeca. E passemo. Depois voltamo pra canta de novo e ficamo mais ou menos um ano assim, nessa vida. Aí eu comecei a fazer umas música bem programada mesmo, e quando nós cantava na rádio tinha um empresário, dono de uma gravadora e ele falou: vou levar esses menino pra grava em São Paulo. E naquele tempo era ruim pra faze gravação! Você tinha que chega, canta. Você cantava pro cara, o cara tocava mas a sua voz num saía! Depois só o som do instrumento. E pra nós tava aquela maravilha! Mas num sabia que pra trás tinha mais chumbo! O que aconteceu? Aconteceu que nós gravamo, o primeiro levou 4 meses pra grava 1 LP, 4 meses! Depois as pessoas falam: ser cantor é fácil! Fácil nada, vai! Não é bem por aí não, eu sei o que eu pastei. Mas, apesar de tudo isso, a gente fica muito contente. Porque é um ânimo de vida a mais pra gente viver. E mais uma amizade tão grande que só Deus mesmo pode compreender esse ato.

E seguindo, outra música que eu compus foi “Homenagem ao Rio Brilhante”. Você conhece essa pessoa. Inclusive, essa aí é uma “guarânia” muito gostosa! Então, Rio Brilhante é o seguinte: nós chegamos aqui em São Paulo, eu num conhecia, nem sabia quem era o Rio Brilhante. O nome dele é Geraldo, cabelinho branco, um amigão, nota dez! Então, ele começou a participar junto com a gente e devido ele tocar bem, ter aquela delicadeza, aquela dedicação, aquele amor que ele tem com a gente, então eu consagrei o nome dele como Rio Brilhante. Eu consagrei! E este nome pegou. E tem hora que ele tá no meio da gente e ele fica até emocionado, sabe. Só que ele num quer nada com a parte da vida artística do músico, apenas ele brinca pra satisfazer os colegas. Aí outro dia eu falei pra ele: vou fazer uma música pra você, pode? Ele falou: do toda liberdade! Aí eu levantei essa música. “Rio Brilhante meu amigo, presente da natureza”, não é isso? E ta aí em homenagem a esse amigo, ao que ele é. O Rio Brilhante colabora em tudo com a gente, o que a gente precisar ele ta disposto!

Está com quatro anos que eu to aqui em São Paulo, foi em 2000. Foi dia 08 de janeiro que cheguei em São Paulo. Saí dia 02 de janeiro de Bauru, a pé! Gastei esse tanto de dia! Ma eu cheguei aqui

em São Paulo. Num sei como, ma eu sei que eu cheguei! Tava sozinho. Eu queria gravar, não conseguia. Queria arrumar parceria, não conseguia. Porque pra lá num tem as pessoas que tem aqui. Alta cabeça, que tem uma capacidade forte assim. Eu falei: eu vou pra São Paulo, tem campo grande. Então, em São Paulo a gente acha as pessoas. Que mesmo que você não quer o campo é muito grande. De repente dá de trombo com alguém e fala: poxa vida, apareceu a pessoa aí! Num tava esperando, né? Então cheguei aqui e já gravei, qui nem eu falei pra você. Gravei um cd, gravei o segundo. A gente sabe de todo lado aí, a onde a gente passa a gente deixa rastro. A turma sente saudade. Já fomos pra Minas, fomos pra Salvador. Já cantamos em Brasília também, Ribeirão Preto. E tamo aí, que é aquela vida que a gente pediu a Deus. Como eu disse: poxa, não é só os outros que tem cabeça, também tenho. Eu vou correr atrás, e to conseguindo!

Essa vinda de Bauru pra São Paulo pra mim foi boa. Foi boa porque quando a gente é bom com as pessoas a gente nunca passa mal, ninguém passa necessidade. Pelas estrada mesmo, quantos caminhoneiros muitas vezes parava, me dava marmítex na beira da estrada. Eles perguntavam: tá com fome? To, mas num tenho nenhum tostão, num tenho nada! Eu num quero saber o que ocê tem, toma! Vai matar sua fome! Tem água pra tomar? Num tenho. O cara ia lá, pegava garrafa de água de dentro da cabine do caminhão e eles me davam. Você toma água, descansa. Carona nós num podemos dar, porque é proibido pelas firmas. Eu falava: não, num esquenta a cabeça! Eu só peço a Deus que proteja vocês pelas estrada aí! Leva o produto pra nação que a nação precisa! E é assim a vida.

E saiu uma música sobre isso. Tem a do “Caminhoneiro”, agradecendo pelos produtos, pelo trabalho, pela ocorrência que eles passa pela estrada, jornadas, muitas vezes caminhão quebrado, é roupa suja de graxa, num tem tempo nem de trocar a roupa porque num pode parar muito tempo, se chegar atrasado na firma o patrão ferra eles! Aquela coisa. Então, a gente tem tudo esse conhecimento aí.

Sabe, assim, a sério, eu num sei nem o que que é trabalho. Num sei porque a minha ferramenta é só mesmo a idéia e o instrumento, e a caneta que eu uso. São as minhas ferramentas. Então, tem coisas que eu sei fazer que tem artista de outros tipos que num faz. E se eu morrer tenho certeza que aquele que tentou fazer o que eu faço, ele num vai conseguir fazer. Porque num tem como você passar.

Escrevi também a música “Morador de rua”. O morador de rua foi um negócio muito gostoso. Eu fiz aqui mesmo, sentado numa muretinha que tem aqui em frente da Associação. Aí naquela época tava: Donizete, Ademir, Evandro [freqüentadores da AMRMC] e mais uns outros caras, num lembro agora. Dia de finado, dia dois de novembro. Mais prático falar assim, né? Aí eu vi eles aí tudo bebendo. Cai um pra cá, outro caindo pra lá, alimento que era bom nada! Naquele dia num passou. Aí eu sentei na muretinha fiquei olhando a vida deles e com a caneta e o pedaço de papel na mão e escrevendo, dos atos que eles tavam fazendo. Eu falei: durante o dia a vida desses homens é assim, e durante a noite? Como que será a noite pra esses cara? Sabe que deita e não sabe se levanta. E sabe o que vem agora e num sabe o que vem na madrugada. Então, foi aonde saiu essa palavra. “*Infrenta os perigo até altas madrugada*”^{*} Porque quando eles tinham casa eram felizes, porque? Tinha caminha quentinha, tinha família apoiando, né? Caiu pra rua espera o que mais? Nada! Na rua não tem nada! E se o cara cair a cabeça e entrar nesse tipo de coisa, aí é que ele num sai mais não. É por isso que eu falo todo dia e sempre eu rezo, e peço pra Deus. Eu falo: meus Deus, eu posso ser fraco em outras parte, mas na parte da minha vida eu quero se muito homem! E eu sou, graças a Deus! Eu sou um cara feliz, num posso falar que num sou. Essa não gravei ainda, mas é um rasqueado. Então, a gente tirou essa aí, por exemplo, dos amigos de rua, principalmente quando eles não têm cabeça pra pensar. Porque se todo mundo pensasse como a gente pensa, nada era ruim, tudo era bom. Mas tem que ter a parte ruim e a parte boa, senão num dá certo, né?

A “Taça do destino” é pelo seguinte. Quando você quer fazer uma coisa talvez, que você acha muito importante, por exemplo, que nem seu estudo. Quando chegar no fim do ano talvez, você recebe o seu diploma, você fala: poxa vida, né? Lutei tanto pra mim ganhar essa taça, eu sou vitoriosa. Então, é um destino, é um gosto, é um prazer que você teve e tem, e vai ter muito mais ainda! Eu mesmo num esperava encontrar uma pessoa tão maravilhosa como você, pra gente bater um papo tão sadio assim. Porque cada vez que a gente fala com você a mente da gente abre mais. Então fica meio emocionado e tem hora que a gente parece que a gente nem cabe a gente dentro da gente mesmo. É verdade, é verdade. Porque poucas pessoas liga pro que presta. Você pode reparar: onde tem coisas boas, poucas pessoas vai. Aonde tem o que num presta, você pode olhar que tá cheio. Então, a gente num se deve misturar com esse tipo de gente. Tem que procurar pessoa melhor do que a gente ou igual a gente. Por isso eu tenho orgulho pra você e tiro meu chapéu pra você, sabe.

Tenho muitas músicas com o tema de amor. É o seguinte: a gente tem muitas pessoas que a gente ama de conversas e tem muitas pessoas que a gente ama de amor próprio. Amor próprio não se confunde com amor de experiência. Gostar é uma coisa, amor é outra! O amor é muito sério, é um caso que poucos entendem. Agora, amor mesmo só existe um: é só o amor de Deus e de mãe. A gente vive na

^{*} Trecho da composição “Morador de rua”.

ilusão, fala do amor, mas o amor não existe. Existe o gostar, a confiança a liberdade, isso existe. É uma coisa difícil, num tem quem explica isso aí!

Eu tive minha mulher, vivi com ela 12 anos. Ela dizia que me amava. Aí o que é que aconteceu? Ela me trocou por um velho de cinquenta e poucos anos. Isso é amor? Então, daí pra cá eu comecei a desacreditá cada vez mais. Falei: não existe. Como os próprio filho da gente, não ama a gente. Eu tenho cinco: tem esse Rogério que é tenente do exército, tem o Jéferson, tem a Juliana, tem a Grazielle e tem a Jaqueline. São 5. Pergunta pra eles se algum deles ama a gente? Tem muitas pessoas que fala: ah, não é por aí! Mas é por aí! É difícil!

Minha filha Jaqueline tá com a minha mãe em Bauru. A Juliana ta na casa da madrinha dela que fica em Americana. O Jéferson e a Grazielle ta com a mãe deles lá em Gralha. Volta e meia ele ta telefonando aí pra me encher o saco! Então, isso aí é o amor. E essa é a verdade, num tem como sair fora disso daí. A gente gostar, querer bem, tratar a pessoa certo, respeita, saber que a pessoa é uma pessoa de alta fidelidade, isso é um gostar muito respeitoso, mas amor? Amor, num tem! Só de mãe e de Jesus Cristo.

Minha mãe pra mim ela é um tesouro. Gente boa! Nunca me ofendeu, sempre procurou colocar a gente no regime certo, sempre dizia pra mim: nunca saia da sua estrada pra pegar a estrada errada. Porque se você sair uma vez, você não consegue voltar mais. E é verdade! E assim a gente vai seguindo.

Tenho uma música que chama “A viola e a mulher”. É o seguinte: a mulher quando ela chega a ganhar um artista, é por causa da música ou da viola e quando ela ganha o artista e ganha a viola junto, se você viver um tempo junto, a mulher já começa a botar defeito no seu trabalho e na sua companheira que é a viola, que você tem que ganhar o pão de cada dia com ela. A mulher fala pra você assim: então, como é que é? Ou é a viola ou é eu! Porque o artista, ele não pára, num tem tempo pra parar. É aquela história que eu tava contando pra você: quando você pensa que ta aqui, você já ta ali e só quando sobra uma brechinha que você ta em casa, assim mesmo vem nas carreira! Então, a mulher começa a toma raiva, começa a toma raiva da viola, porque a viola puxa o artista e o artista puxa a viola. Então, faz aquela corrente e a mulher acaba achando que ta ficando desprezada e não é, é o trabalho que é contemplado dessa maneira. Por isso que se diz: artista não pode casar, não pode ter mulher. Já vem todo esse preconceito aí, é verdade.

A música “Minha viola” porque a viola é a minha companheira de toda hora. Nas horas da tristeza, nas horas de choro, nas horas de sufoco, é onde que eu desembarço essas palavras todinha, é pelas corda da viola. Eu acho música onde que ela tá, a própria viola te leva você aonde tá a música, você num precisa nem procurar! Então é companheira e amiga. Nas hora de tristeza, hora de choro, horas de angústia, porque um artista ele não pode ser triste, ele não pode ser revoltado, ele não pode ter inimigo. Tem que ser amigo de qualquer maneira! Tem que entrar no show mostrando sorriso pro povo, mesmo que você não esteja no seu bem estar. Você tem que fingir de tá! Porque muitas vezes tem artista que ta triste e você leva essa tristeza, assim você vai mata aquele que ta ali assistindo, então, você tem que levar um negócio pra todo mundo sorrir, cê tem que levá um negócio pra todo mundo sorri! Uma alegria, um astral, uma coisa que todo mundo se sinta, falá: poxa vida, né? Pelo meno num ganhei nada, mais pelo meno o artista fez todo mundo feliz aqui” Intão esta é a vida da alegria do artista e assim por diante. Porque o cara qui num fizé isso pra se artista ele num presta. Memo o cara com uma faca no peito ele tem que suporta, acaba sorrindo, levá tudo na brincadeira. Artista é problema!

A música “Minha Cabeça” é o seguinte: minha cabeça ela é firme por a gente, sem pontuação fazer linhas correta com palavras trovadas. Intão se trata minha cabeça. Então, tudo que a gente vê, é a mesma coisa de uma corrente. Leva tudo laço por laço, palavra por palavras. Então, da cabeça que nasce as palavra, pro poeta sê um artista e do artista qui vem o poeta. É nascido pela cabeça, e se a cabeça num funciona, que a caneta também num escreve!

Outra música que escrevi é “O que é a música”: a música é um mundo di alegria qui si leva as palavras de harmonias para que muitos qui tem a tristeza e que recebe alegria. Intão a música é transmissão de vida, de ânimo, para aqueles que querem vivê por aí. E quem num qué? Fala pra mim? Ocê pode vê que onde tem música tem, todo mundo tá pro meio, né? Tem que tá, senão num tem graça.

Eu vivo porque, enquanto a gente tem vida mantém esperança. E enquanto mantém isperança, mantém solução de alguma coisa que a gente possa sobrelevar o consciente pensado da gente. Então, é por isso, eu vivo, porque é uma coisa que num cai nunca, a esperança e a coragem. Pra muitos caiu, porque é fraco, e além de ser fraco eles esquece que existe um Deus lá em cima, porque um espírito sem Deus num é nada não. Então, diz a palavra, eu vivo, é por causa disso:

Eu vivo

Eu faço tudo que vivo
Eu tenho dedicação

Eu toco minha viola
Pra cidade e o sertão

Sou um sertanejo nato
Eu tenho admiração
Escuto o som da viola
Porque me chama atenção

Viola pra ser viola
É muita imaginação
Tudo que tem na cidade
É tirado do sertão

Eu sou um compositor
E faço minhas canções
Faço viola gemer
Do fininho ao bordão

Então, tudo isso aí é a nossa vida. Você recebe carinho, você recebe imaginação, você recebe um sorriso de uma platéia inteira, você recebe um abraço das fãs, leva uma assinatura pras pessoas, com a música. Então faz as pessoas levanta e conhecer o que é a vida de perto.

Sertanejo nato, Debrinha, é muito simples e fácil até de explicar. Vou te falar por que. Porque o sertanejo, quando ele é um sertanejo nato, aonde existe uma viola e um violão num entra outro instrumento, porque não cabe. Por exemplo: uma viola não entra em samba, uma viola não entra nesses pagode que eles falam por aí, porque isso aí num é pagode, isso aí é batucada! Pagode que eu sei é tirado das corda da viola, das dez cordas. Começa solado debaixo até em cima. Aí é um pagode. Então essa turma, como eles num acharam nome pra por nesses tipo de música, eles falam que é pagode. Não tem nada a ver com pagode! Pagode é pagode, samba é samba, batucada é batucada. Música clássica sertaneja? Nunca ouvi falar! Não existe, ta existindo agora, há pouco tempo, mas isso num é música sertaneja. Isso foi uma saladinha no molho de pimenta com farinha, pra dizer sertanejo. Pra dizer sertanejo, o cara tem que ter orgulho, o cara tem que ter muita alta sensibilidade pra falar eu sou um sertanejo nato! Verde e amarelo! Aí eu tiro meu chapéu pra qualquer um! Sertanejo nato você reconhece porque é tirado duma viola e de um violão. É puro, sem mistura. Já misturou não é mais. Por exemplo, essas músicas que agora tá saindo aí no rádio, isso num tem nada a ver com sertanejo! Sertanejo é do tipo: Tonico e Tinoco, Raul Torres e Florêncio, Teodoro e Sampaio, quando é moda de viola, falada, dedilhada aí é sertanejo nato. Com verde amarelo, mas esses tipo de salada não tem nada a ver. Gian e Giovane diz que é sertanejo? Num tem nada a ver! Esses dois, Rio Negro e Solimões, nunca vi sertanejo nesses caras. Sertanejo eles foram até 1972, foram, de lá pra cá viraram a mesa de ponta cabeça! Essa mistura aconteceu porque o Xitãozinho e Xororó invento de fazer um evento lá pro lado dos Estados Unidos e viu as coisas meio diferente e chegou aqui com a casaca virada. Eles achou que só o som da viola e do violão não tava sendo o suficiente. Aí começou a orquestra: teclado, piano, cavaquinho, surdo, bateria, sabe, e inventou aquela salada. Aí foi onde começou a surgir essas coiseira aí, e diz que é música sertaneja! Ta enganando os coitado. Devia ser mais profissional, né, O negócio é assim, nada de misturar. Por exemplo, meu sapato aqui é couro. Num vou falar que ele é pano, sair enganando os outros por aí. É couro, é couro, ué! Então, eu acho que o cara deve ser aquilo que ele é, e eu não me envergonho de eu ser o que sou. E quem disfeita minha viola onde eu tiver, tá me disfeitando também!

E tem os defensores da música regional e é preciso muita teoria. Você tem o Senhor Tony Gomide, tem o senhor Edi Cigano, que nem o senhor Eli Correa, que nem o senhor Zé Beto. A Inezita Barroso, nem falo nada, porque se você parte pro programa dela com outra coisa, num canta mesmo! Então, esses tipos de pessoa tá sendo pouco pra esse longo alcance. Agora essa turma de molecada, essa criançada que ta vindo por aí, eles ta confundindo uma coisa com outra, que num tem nada a ver. Inclusive eles chega a falar assim pra nós: ah, isso é coisa de velho! Sabe o que eu respondo pra eles? Você num é filho de velho? Você nasceu da onde? Pode ir em casa que lá tem alguma coisa pra você ver. Os cara que morrer!!

Quem mantém a música regional, verde e amarelo, desde o início da carreira pra mim é só o Tonico e o Tinoco, Se o Tião Carreiro tivesse vivo tenho certeza que também matéria, mas hoje, regional mesmo, só o Tonico e Tinoco.

As minhas duplas preferidas, se tivesse vivo era: um, Jacó e Jacozinho, muito ótimo profissional, são lá de Assis. Lio e Léo, Zé Tapera e Theodore, na época que tinha, agora Teodoro e Sampaio. O Tião Carreiro, que já morreu. Tião Carreiro e Pardinho. Tonico e Tinoco. Cezar e Paulinho, também num ta lá

de jogar fora, ainda passa. Craveiro e Cravinho. João Mulato não muda o esquema dele, é violão e viola! João Pacífico também era um ótimo compositor. Ele compôs uma música chamada “Cabocla Tereza”. Quem gravou foi Raul Torres e Florêncio. Era um cara muito malvado e ele tinha a esposa dele, mas só que num se unia. No final das contas aconteceu a tragédia e ele acabou mandando mata ela. Aqueles mal pressentimentos, sabe? Aqueles caras matuto que na época chamava de jagunço, é dessa época aí. Então foi tirado por ocasião de grupo de jagunço.

Eu também tenho um caderno com composições de outros artistas. Paisagem Sertaneja foi uma das primeiras músicas que Tião Carreiro e Pardinho fez. O nome do Tião Carreiro era José da Silva e do Pardinho é Lourival dos Santos. Então era Zé do lencinho verde e Lourival dos Santos, era o nome original deles mesmo. Ele levanto essa música porque ele trabalhava em um sítio em Barretos e ele tinha que levanta toda manhã pra aparta gado, pra traze pro curral, pra apanha leite, pra traze pra destiladeira. Então: “levanto cedo, muito satisfeito”, diz a música. Então lançaram essa música aí e colocaram o nome dela de “Paisagem sertaneja”. Onde você escuta os pássaros canta, as aves correr pelo mato, os bicho faze travessia naqueles campo, os serenos, aquelas noites frias, cachoeiras. A coisa mais linda do mundo! É a vida! A vida do cara que é sertanejo é essa aí. “Só agora eu encontrei o meu remédio, que veio curar meu tédio, que sempre me maltratou. Tirei pra sempre minha gravata, seu moço, botei um lenço no pescoço, agora feliz eu sou.” É verdade, porque quando ta na cidade, todo mundo é doutor. Na cidade você usa gravata, já no campo não. Por exemplo, esse cinto que eu to usando é de vaqueiro, porque protege conforme o impacto que o gado dá. Então, o cara quando ele chega no “sertãozinho”, ele joga a gravata de lado, coloca um lenço no lugar e: agora aqui eu sou outro! Na cidade eu era delegado, aqui eu sou matuto. Aí é a hora que a vida da pessoa começa a viver, no meio dos animais, do gado, das aves, então a vida é outra. Esse é o sertanejo.

Eu muito pouco ficava no interior, era Goiás, era Sergipe, era Mato Grosso, era Paraná! Nós num tinha parada! É aquela história da música “Estrada Cumprida”, não tinha parada. As vezes tava assim com o prato de comida na mão e tocava o telefone e tinha que largar a comida e ir correndo. A barriga até doía de fome! Não é fácil não! É braba a coisa!

Quando você vai canta num programa, a primeira coisa que você faz é agradece a Deus por você estar ali, pela sua coragem, pela sua liberdade, pela sua força. Depois você começa a iniciar a sua música, então eu escrevi assim:

Botei as minhas mãos postas
 Já fiz minha oração
 Pra frente é que eu olho
 Pra Deus peço perdão

Então, tudo que a gente faz, tem que agradecer. Até pra gente levanta da cama de manhã, sabia? Porque a gente teve hora pra nasce, tem hora pra morrer, tem hora pra tudo. Então essa música é uma prece, um agradecimento pra isso.

A gente escreve “a viola chora”, porque ela chora mesmo, ela dá um sentimento na gente. Porque a viola é um instrumento tão manhoso, ela é igual a mulher. É a mesma coisa. Então, “chora viola”! A gente cutucou um pouquinho e você sente que ela treme o som! Mas é verdade. Porque todas as coisas existe o casal, que nem: é a viola e o violão. Sanfona e zabumba. Existe marido e mulher. Tudo tem aquela regra certa, aquela coisa. Então cada um tem a sua maneira! Nem sei direito te explicar!

Segunda entrevista. Local: praça no bairro da Aclimação.

Quando eu saí aqui de São Paulo eu cheguei lá em Bauru. Até, inclusive, eu fui embora daqui de a pé! E a Soely [atual companheira] tava querendo fazer vida comigo, como a gente está vivendo. E agora a gente tem um futuro muito grande na vida que é um filho. Chama Eric Tales Pereira da Rocha. Esse vai ser o meu herdeiro. Se ele tiver a cabeça e a memória que eu tenho, talvez possa até ser que tenha, porque quando a pessoa ele é criado por quem sabe alguma coisa e ele tem boa memória, ele se pronuncia também a querer fazer igual. Pode até fazer melhor do que eu. Mas não adianta o que eu sei, o outro num leva. Mas também o que o outro sabe também não consegue captar porque cada um na dele, num é isso?

Aí eu cheguei lá em Bauru, comecei a trabalhar com reciclagem do mesmo jeito que eu estou fazendo aqui. Aí surgiu uma gravadora que há muitos tempos eu tinha gravado nela, mas eu não sabia que ela tava em Bauru, que é a Rosas de Ouro, que inclusive o diretor é o Luis Pone e o Gil, que são dois irmãos. Mas eu, como num tive capacidade de fazer muita coisa, fiz só o que eu pude, e veio o sucesso “Que bom sonhar” e a gente, então, conseguiu gravar nove músicas no “Que bom Sonhar”. Lá em Bauru eu trabalhei com o carrinho da própria recicladora de lá, da Cida. Aparecida o nome dela. Então, ela não me deixou faltar a ferramenta do trabalho e é o que eu “sobremantia” na vida era isso. Até eu conseguir chegar no que eu cheguei. E saiu esse cd de nove e saiu o “Bem bolado” de vinte músicas. E agradeço

também muito a ela por ter me dado esse grande esforço e por mim ela está de parabéns, e um abraço a ela, se um dia ouvir essa gravação ou ver, eu num to brincando nem falando mentira. Lá na recicladora eu trabalhei uns oito meses. Depois fui pra um sítio de um cara, do tal de Osmar. Então, eu tava morando no sítio dele, aí olha o ordenado que o homem me pagava, num tinha vergonha na cara! Metade de um salário! E a mulher começou a querer passar fome, a minha menina Talia, começou a passar falta de leite e u disse pra mulher: aqui num é lugar pra nós! O trabalho lá era mexer com roça, mas só que ele deixava a gente passar muita necessidade, aí eu falei pra minha mulher: eu num nasci pra passar fome nem miséria. Posso ser um pobre, mas eu gosto de ter tudo aquilo que eu quero na minha mão. Se num for pra ter nada na minha mão pra que eu vou ficar se matando aqui? Ficar lá no sítio Boa Sorte em Fernão. Aí eu fiquei lá uns tempos, um dia eu falei pra mulher: vou embora, eu vou voltar pra Bauru de novo. Ela disse: porque? Eu falei: porque você tá vendo o que nós tá passando aqui. Eu não peguei você pra te deixar passar fome. Eu tenho sua filha pra te deixar passar miséria? E eu muito menos. Eu também não vou me matar a troco de nada. Eu sou gente, eu quero viver! Mas o senhor num pode fazer isso. Eu falei: não, mas eu vou fazer sim, eu vou embora e acabou. Agora você quer ficar, você fica. Eu vou! Peguei aquela estradona lá, aquela João Ribeiro de Barro, e segui a pé até o posto, cheguei no posto um caminhoneiro me deu uma carona até Bauru. Ficava 48 Km pra chegar em Bauru. Ele me deu uma carona, me levou até quase na porta de casa. Eu como num tinha o que pagar pra ele, apesar que ele num cobrou, eu dei pra ele um cd de presente, vinte músicas. Ele saiu todo sorridente, já saiu até rodando o cd no caminhão dele! Diz que jamais seria esquecido. E foi embora pra Manaus. Ele é de Porto Velho. Aí passei mais um tempo, fiquei mais ou menos uns quatro, cinco meses com minha família em Bauru. Calculo assim. Aí me apareceu uma sorte lá e eu consegui fazer um dinheiro, e com o trabalho da reciclagem, interei a passagem da Soely e vim embora novamente aqui pra São Paulo, que aqui estou perto de vocês.

Chegando aqui em São Paulo, eu num tenho vergonha de falar, eu sou honesto, sou digno no que eu digo, fui parar no albergue do Glicério, Franciscano [atual albergue São Francisco]. Fiquei dois meses lá, junto com a Soely e a Talia e não gostei, pelo seguinte: porque num é um prato pra mim. Eu gosto da minha liberdade, do meu viver, da minha sabedoria, da minha inteligência, daquela pessoa que eu sou. Gosto de conversar com todo mundo, gosto de sair, num tenho pressa pra voltar. Isso num existe. Que quando eu nasci, eu nasci de nove meses, tive muita paciência, até demais. Porque agora ficar muito parado? Num posso! Então, a gente tem que evoluir a vida e levar a vida da gente do jeito que ela é. É tão gostoso, nossa senhora! Tem hora que eu me sinto assim emocional por eu ser dessa maneira. Não tenho tristeza comigo, é só alegria. Pode ver que vocês nunca me viram triste nem chorando! Então, este é meu ponto de vista e a vida que eu quero.

Então, saí do albergue e fui pra rua, fiquei debaixo do viaduto acho que uns dez dias mais ou menos, aí depois eu comecei a fazer um outro trabalho, começou a pintar um dinheiro, e foi aonde a Soely se empregou no restaurante de Dona Nair, e nós alugamo uma casinha. Pagamo caro que dava medo! Mas como num tinha outro jeito, aí ficamo pagando \$290,00 por mês! E só a Soely se lascando, hein! Aí eu entrei naquele tal de Recifran*, ali dos Franciscanos. Na Recifran só encontrei ingratidão, desclassificação, mal imoralidade, falta de compreensão dos amigos, e a gente pra num arruma encrenca pegou e saiu fora. Na Recifran era o seguinte: você tinha que trabalhar o mês e, por exemplo, se desse \$300,00 no mês, \$150,00 você tinha que dar lá pra eles que num fazia nada! Só pra poder ficar, sabe, negócio de poder mandar todo mundo, mas quando chega na hora de fazer você num encontra ninguém! Então eu “infezei” com aquilo, eu falei: não! Eu vou ficar sustentando barrigudo? Já basta meu filho, minha mulher, a minha vida que tá muito impossível. Então, eu num posso ficar nessa. Aí eu sai. Eu comecei “ripa”, que é você trabalhar esforçado, fora do normal, e num ver nada. Aí a minha vida foi melhorando. Aliás, num tá muito boa, mas a gente tá tentando chega lá onde a gente quer. Mas só que a minha esperança é um pouco mais alta.

O plano pra o futuro é voltar novamente a cantar, ser reconhecido pelo público e pelo povo. Levar muita alegria e também ganhar muita alegria. E saber chegar, falar, ouvir, entender, e dizer também. Que num é só entender, a gente tem que falar também. Agora o ponto que a gente tá errado, se as pessoas acha que a gente num tá certo: fulano num é por aí, será que num dá pra você dá uma refletida? Pensa um pouquinho mais pra vê se o caminho é esse aqui! Então, você tem que parar pra pensar e falar: não poxa, é um direito, acho que eu to indo um pouco longe demais e esqueci da vida. E a vida num pode ser esquecida! Então, é exatamente este trabalho e eu estou me esforçando o máximo que eu posso. Faço as poesia, faço as minhas canções, levanto as melodias, partitura, o necessário que é importante colocar dentro de uma música a gente faz.. A gente não é só compositor, que compositor tem uns monte, mas feitor é difícil. Você não acha? Que num adianta nada você pegar um papel e escrever, passar pro outro

* Recifran – serviço franciscano de apoio à reciclagem.

indivíduo lá e ele vai fazer lá do jeito que ele quer. Muitas vezes eles trocam até palavra das músicas, coisas que não deve ser trocada, eles trocam pra por uma coisa de meio que não deve. E a coisa quando é certa, ela tem que ser certa. É a mesma coisa do jeito que a gente levanta duma cama de manhã: a gente já tem um destino certo. Será que eu vou fazer, será que eu num vou, mas é um dever. Vou lá e faço. Pronto, acabou! Deu certo deu, num deu, mas eu fiz! Esta é a verdade.

Na vida já trabalhei com um monte de coisas, pra te falar você a verdade, já fui até faxineiro! Eu trabalhei na Petrobras, trabalhei na Rhodia, trabalhei na Eletrometal, ajudante geral, trabalhei na Equipav, firma e construtora, trabalhei na Setenco, firma e construtora também e daí por diante! Pra mim não pode ficar parado. Só que eu num sabia trabalhar porque meu ramo num era esse. Meu único trabalho que eu faço completamente e sei e dou conta do recado, é uma viola no peito uma letra bem escrita e cantar! Isto aí ninguém me desafia porque eu sei fazer mesmo. Não importa lugar, não interessa lugar. Aonde eu for chamado isso aí num tem por onde, eu vou mesmo.

Já passei por diversas cidades também. Eu saí da casa da minha família com dezoito anos, na época eu tava numa cidadezinha por nome Jafa. Esse nome num tem nem no mapa! Fica perto de Garça. É um patrimôniozinho. Aí um dia eu cheguei da roça, bem cansado, falei pro finado meu pai: meu pai é o seguinte, eu não vou ficar aqui na roça mais não trabalhando pra fazendeiro que num tem futuro! Só to jogando terra pra cima e num to vendo dinheiro nenhum entra! Nessa época eu tava no início, tava com dezoito anos, já cantava fazia tempo, mas só que num era profissionalmente. Aí logo veio uma “devasta”, encontrei com companheiro, só que ele bebia demais. Bebia que dava medo! Mas era um bom amigo, num vou dizer que não era não, era muito responsável, era líder no que ele fazia, e era um cara categórico. E o nome original dele era José Maria Rosa. Aí ele chegou em mim e falou assim: o João. Eu disse: fala o José. Ele disse: vamo forma uma dupla? Eu disse pra ele: mas eu num sei nem cantar nem tocar, eu num sei fazer nada, to começando agora! É mas nós pode dar uns treininho, e tal, vamo experimentar. E ele era mais velho do que eu nove anos. Se ele tivesse vivo agora tava com 60 anos, um pouquinho mais. Cantava muito, sabia muito tocar, sabia o que era vida, já tinha sido até carreteiro. Cara que é carreteiro ele sabe o mundo inteiro, né? E tocava muito violão. E faltava esse dedinho dele aqui. Mas ele não tinha problema, o que o cara fazia com quatro dedos ele fazia com três. Era cobra criada! Aí apareceu um programa numa rádio, a rádio Clube de Vera Cruz, que era o programa do “Nhô Constâncio”, aí fizemo uma lista lá. Vamo lá cantar? Vamo! Aquele medo! Eu falei: será que vai dar certo? Ele falou: dá! O homem só num faz aquilo quando ele tem medo. Eu acho que num deve ter medo. O cara era uma cabeça, era pior do que eu. Pra pronunciar e pensar era rapidinho, era dois palito, num tinha pra ninguém. Vamo experimentar, se der certo deu, num deu nós pára por aí. E eu tinha uma violinha, clavinha de pau, dez cordas também, é uma Janine. Eu tinha ganhado essa viola dum cunhado do Laudo Natel que foi prefeito aqui de São Paulo uma época. Eu comecei brincando com essa violinha, e fui tocando, e tal, daqui a pouco nós tava cantando. Aí a hora que eu vi que tava mais ou menos bom mesmo aí eu comprei uma viola aí era original mesmo. Viola de caboclo mesmo, viola pra dar de dez a zero! Chegemo lá na rádio, cantemo três música: “Caboclo Disprezado” que nós tinha feito a poucos dias, treinemo umas três ou quatro vezes e já cantemo a música. Depois cantamo “Natal”, “Cadê minha Maria “. As musica era nossa mesmo. Daí fomo inventando, cantando coisas de outros cantor: Jacó e Jacozinho, Miraflor e Lourival, Tião Carrero, daquele, não sei se você alembra, o Pardinho e o Pardal, sabe. Aí nós começamo a pegar a música desses caras aí e fomos fazendo aquela balaiada toda e deu tudo certo. Quando pensou que não, consagraram: Pescador e Montreal! Aí começou a emocionar a gente. Se a gente tava com muita vontade, aí o circo pegou fogo. Aonde nós tava, que nós chegava, tinha rodada de violeiro tudo acompanhando nosso trabalho. Muitos falava assim: poxa vida, os cara canta muito! Nessa brincadeira nós cantamo vinte anos junto. Ele morreu agora em 74. Morreu de acidente aqui na baixada santista, na curva da morte. O carro virou pedacinho. Ele tinha um metro e oitenta e cinco de altura, ficou com um metro e cinqüenta de altura. Quem olhava ele num conhecia, num sabia quem era. Aí eu me desesperei. Olhava na viola assim morria de medo, saía correndo. Pra mim, eu olhava num instrumento eu via o companheiro na minha frente. Ou muitas vezes, quando eu ia cantar, sentia a presença dele do lado de mim. Aí eu parei, eu falei: eu num quero mais sabe de viola. Larguei mão, pra mim não tem mais, sabe, acaba aquela alegria, aquela emoção. Mas nesse ponto a gente já tinha gravado um montão de coisa. Aí ele desapareceu, que a morte levou, né, e num tem como fazer nada, brigar com a morte, se a gente pudesse a gente brigava, fazia retornar de volta pra gente. E aí eu fiquei tão “centivado” que eu parei, fiquei seis anos sem tocar viola, sem mexer com nada. Volta e meia os companheiro falava: você num vai tocar uma violinha pra nós? Eu falava: num posso não! Quem quiser tocar e cantar, fazer os seus barulho pode fazer, porque eu to livre disso daí. Aí eu vim aqui pra São Paulo. Antes disso, sempre eu tava pra cá, quando vinha fazer gravação eu tava pra cá, mas nunca tinha morado em São Paulo. Quando a pessoa falava em São Paulo pra mim eu tinha medo. Já conhecia a fama. Era naquele tempinho da garoa, num sei se você sabe disso, se você lembra. Fazia muito frio. Aí o que aconteceu: parei, fiquei esse tempo todo. Aí vai eu pra comunidade da Ivete, quando cheguei aqui. Cheguei parecendo um pelegriano, sabe que é um pelegriano?

Cara de pé no chão, nove filho, mal-acabado, mal- intencionado, tudo que você pensar era! Aí cheguei na comunidade da Ivete meu nome já tava, eu nem sabia. Cheguei lá o João Carlos, que trabalhou com ela lá na marcenaria, já tinha falado pra ela que tinha um violeiro bom aqui em São Paulo, que tava escondido no meio da turma, só que ninguém sabia. E ele sabia que eu mexia com o trabalho de viola. Aí Ivete vai e interessa, falou: eu quero conversar com ele, eu quero ver o que ele pode fazer pra gente. Aí eu cheguei lá bem sossegado, eu nem tava sabendo do papo, cheguei, ela me chamou naquela salinha do meio, ela sentou dum lado do sofá eu sentei do outro. Ela perguntou pra mim: eu fiquei sabendo que você é violeiro, porque num sei o que, e eu to precisando e num me acho esses tido de pessoa que faz esses trabalho que você faz e eu acho muito interessante e queria que você entrasse no nosso grupo. E prometeu mil coisas e me comprou no bico, falou pra mim que precisava dumas pessoas igual a gente faz, que a gente toca, a gente canta, a gente compõe música, a gente faz poesia. Que a gente num é só o cantor, a gente é o tipo do cantor poético. E a gente levanta as partituras, as melodias, as notas, as razões das músicas, porque as músicas são assim. É difícil isso daí. Nesses tempo, foi em 2002, eu tava naquele albergue da Cecília*, triste, sentado, cabeça baixa. Aquele sofrimento da Associação. Aquilo me deixava eu horrorizado. Eu via muitas coisas que eu num acreditava que era verdade. Era verdade! Porque o bom poeta, ele tem que ser analista também. E quando o bom poeta ele é bom analista, ele analisa as coisas tanto de longe como de perto. Então, eu analisava muita coisa certa e muita coisa errada. E a gente é uma pessoa, não é porque a gente é um cantor alegre e coisa e tal, a gente é sistemático também. A gente vê o caminho certo e vê o caminho errado. Que eu acho que a vida da gente tem que ser aquilo que a gente é. Porque o negócio num é conversar, é expressar. E quando a pessoa expressa, que nem eu toco viola, porque ela me serve, ela é minha vida. É minha vida. Sem a viola eu sou um João ninguém qualquer!

E a viola já me levou pra um monte de lugar. E só alegria, só felicidade. Nunca vi tristeza. E todas as pessoas que sempre teve ao meu lado diz: eu queria saber pelo menos a metade, ensina pra mim. Eu num nasci pra ser professor, eu nasci pra ser um músico. Então, quem é músico, num é professor. O professor ele já nasceu pra ser professor. E o músico ele nasceu pra cantar pra platéia, pra humanidade, de forma que a música é vida. O que ela bate de frente é o que a gente bate, o que a gente vê. Que nem tem muitos cantorzinho que tá cantando por aí, que você pode presta atenção, num tem nada a ver. Eles querem curtidão. Curtidão num existe. Existe sim a alegria, a paz, a felicidade, o amor, a teoria, a terapia, que vocês mesmo fala. Isso é uma terapia. Chama-se força de memória. Então, o cantor deve se sentir feliz e deve saber a pessoa que ele é. Tratar, ser tratado, respeitar e ser respeitado, amar e ser amado. Então, tem tudo isso daí. Só que com a Ivete, eu só levei bomba, que eles num me ajudaram um fio de um dedo mindinho sequer. Eles queria arrancar o meu couro. Que nem: levaram eu pra Brasília, levaram eu pra Belo Horizonte, levaram eu pra Salvador. Em vários outros lugares aí e nunca me deram sequer um palito de fósforo pra ascender um cigarro. Fui nessas cidades prestar evento pra eles, levar nome. Enquanto Mirassol e Montreal cantava, quem ganhava nome era eles. E nós na saudade. Aí eu abusei! Aí Ivete disse pra mim um dia, quando nós chegamo de Brasília, falou pra mim, Montreal, falou pra Rio Brillhante, falou pro Índio, falou pro Mirassol, que é o Jaime, que o nosso serviço não valia nada! Mas depois que tava com a barriga cheia, fazer o que? Claro! O profissional ele só leva desvantagem quando trabalha pra quem não presta. Isso não é vantagem de um violeiro, dum artista, dum poético, dum analista que nem a gente é. Porque a gente quer viver, e quer dar vida pros outros também, mas desde quando também tem felicidade! To certo o to errado?

Aqui em São Paulo os violeiro se encontra no Clube da Viola em Osasco, é onde existe a reunião dos violeiros. É onde faz troca até de parceria, de dupla, mas é troca assim, por treinamento. O que sabe mais ensina outro que sabe menos. É uma briga, todo mundo numa boa, numa paz! Mas nunca fui. O lugar ainda existe e a minha voz da certa com qualquer um! Num tem pra ninguém. Depois que morreu esse parceiro meu, o Pescador, eu já passei por nove parcerero e ninguém chegou junto! Quando chegou na metade do caminho eles pararam. Falava: acho que num dá mais! A coragem branca, o medo da vida e o medo do destino. Porque o destino do violeiro é bom, é cruel, é educativo, e tem que ser compreensivo. Eu trabalhei com eles em Americana, Sumaré, Campinas, Jundiaí, Marília, Vera Cruz. Quando chegava no meio do caminho: pára! O Canoero e Montreal, parou. Moreto e Montreal também foi uns quatro meisinho só. Achou que era muito pra ele e saiu fora. Falou que ia fazer por conta própria e num tá fazendo é nada mais! Depois teve o outro, o Celito, da dupla Celito e Montreal. Também foi outro também, caiu do cavalo. Inclusive com esse a gente já tava até em plano de gravar com a gravadora Corujinha. Faltando dois meses pra gente ir pra gravadora, ele desistiu! Ele disse que era muito pra ele, que eu fazia demais. Eu disse pra ele: não, eu faço o necessário, nem mais e nem menos. Porque num adianta você fazer uma coisa mal feita pra você passar pro público. O público num quer porcaria. O público quer uma coisa que pra eles têm vantagem e entender o que o artista tá dizendo. Isso daí é vida. Agora essas porcaria meia banais que tem por aí, num é comigo! Com esses parceiro não cheguei a gravar

* Este albergue não funciona mais, foi fechado por falta de infra-estrutura.

nada. Ficaram com medo. Que pra encarar um estúdio a pessoa tem que ser raçudo mesmo. Se não ele num entra. Só de você colocar aquele fone no ouvido aqui, o cara já entra em pânico, em desespero. Porque sabe o que é você colocar uma voz num instrumento, no estúdio, pra depois tudo aquilo que você fez você voltar só na sua voz limpa, pra você cantar em cima daquilo que você fez. Então a turma tinha medo. Porque num é artista, num tem o sangue na veia. Porque o cara quando ele é profissional ele num tem medo. Ele encara aquilo que veio e da conta do recado daquilo que ele faz. Mesma coisa você, você pega o volante do seu carro. Tem dia que a gente tá estressado, num tem? Você entra dentro e fala: poxa, será que vou dar certo hoje? Será que vou conseguir. Ah, mas Deus é bom, ele vai me ajudar! Não é assim? E você consegue. Porque? Porque você tem uma esperança viva. A esperança viva da gente é que traz a felicidade. Que nem eu faço essas coisas assim, porque eu tenho confiança naquilo que eu estou fazendo. Se não eu num faria. Jamais! Como é que eu vou chegar num lugar e falar: eu faço isso, eu faço aquilo! Chega na hora eu num faço nada. Não!

Eu pretendo ficar em São Paulo porque eu tenho essa disponibilidade de alcançar esse objetivo que eu to a procura. E eu acho que eu vou chegar lá. Através de você. Porque um braço sozinho num funciona. Tem que ser dois. Enquanto eu num conseguir o que eu quero eu num sossego. Se pelo menos eu num chegar, se a morte chegar antes, pelo menos a gente deixou alguma coisa feita pro povo ficar sabendo. Que é esse trabalho que você tá fazendo aí. *

Sabe, na vida meu pai falava assim pra mim: meu filho, você tá começando viver agora, procure um jeito para que você faça a sua vida normal, sem depender de patrão, porque patrão, eles quer tudo na hora. Então, é mais gostoso você ser patrão do que você ser empregado de patrão. Eu falava pra ele: tá certo! Mas a gente vai ver se a gente consegue. Consegui sim. Tive tudo que eu tive na minha vida. Mas hoje não tenho nada nas mãos. Além de num ser essa alegria que nós vemos, assim mesmo se fosse todos os dias, porque a gente não trabalha só nesse trabalho. Por que num to tendo oportunidade, que hoje em dia é tudo na mídia, então, a gente tem uma certa categoria de vida e a gente tem que aceitar tudo que vem. Hoje eu levanto de casa todo dia quatro horas da manhã, pego a minha carroça, saio pra rua, vou trabalhar, chego duas hora, vou no depósito, descarrego, venho pra casa, tomo banho e daí almoço. Quando é quatro, quatro e pouco, tenho que sair pra rua de novo. É muito pouco tempo que eu tenho pra dar canção à minha viola. Mas quando eu to de folga, isso eu num esqueço. Faço isso todos os dias! Sábado e domingo não. Mas mesmo assim quando eu to meio disponível eu ainda saio, pra não ficar muito dentro de casa. Porque não é o meu forte ficar dentro de casa. O meu forte é ficar vendo, praticando, estudando pelo menos a memória, porque a memória da gente precisa trabalhar, num pode ficar parada. Se parar o corpo morre! O depósito que eu vou é lá no Carlinhos, na Rua São Paulo, e eu escolhi esse porque ele é uma pessoa que ele trabalha e sabe trabalhar. Além dele comprar o seu material ele te dá a nota fiscal ainda por cima. Então ele é responsável, é um cara que é cabeça, ele sabe o que que ele quer! E que nem cada um tem um rumo. É pessoa rico, ele tem os caminhão dele, mas a sua nota fiscal, se entregar o material pra ele, ele nunca deixou de dar. Esse aí sabe, pra esse eu tiro meu chapéu a qualquer hora! Então, esse é o artigo do viver. E eu trabalho assim: eu subo por aqui pela Rua Dom Bosco, faço aquela volta todinha atravessando pelo Alto da Moóca, e corto volta lá pelo Cambuci descendo pra saí pro Glicério. Ou muitas vezes eu pego a Rua da Moóca, subo até lá o Alto da Moóca e subo pro lado do Brás, Parque D. Pedro ali, e venho catando reciclagem. Chego em casa sempre meia noite, uma hora da manhã, carroça lotada. Muitas vezes até furo o pneu, e o que você ganha no dia tem que pagar pro borracheiro! E eu faço esse caminho porque é um lugar mais sossegado e outra, a gente tá mais conhecido do pessoal. É que nem o dia que eu tava no alto da Mooca que eu ia descendo pra sair aqui na Rua da Mooca pra vim pra casa, foi o dia que assaltaram meu celular. Eu acredito que uma pessoa que faz isso num é gente. Eu com a carroça cheia, lotada, né, e nego pega e me rouba. É uma porcaria! Pra mim é uma porcaria! Só que eu assustei, num adiantou nada. Porque eu fui na telefônica, tirei tudo lá as orientação dele. Falei: olha, “desaquilibra” tudo isso aí. Peguei tudo os documento. Num serviu pra mim, num serve pra ele também. Ladrão porco safado! Isso num é ladrão, é safado! Ladrão num rouba porcaria. Nunca vi ladrão rouba porquera! Eu me sinto um homem feliz, honrado, digno daquilo que eu faço, muito alegre, humorizado muitas vezes, mas é tradição da vida. Então a gente num pode arrepender. Porque se você deixar daquele tipo de serviço que você tá fazendo e olhar outra coisa, você esquece de si. Como é que se vive? Então eu me sinto feliz. Tem hora que a minha mulher fala: mas você já tá véio pra fica mexendo nesse tipo de coisa. Num é que eu to velho. Que tem pessoas jovem aí que eles tem até medo de morrer! E é força total. Então, eu acho que a gente num deve ter medo de nada! Primeiro o criador, depois a esperança da gente e a força e fé que a gente tem.

Eu não tenho religião, num frequento igreja, não gosto de pessoas “arreligiosas”. Eu só acredito num homem, só um. Num tem ninguém, que o que você pede pra ele, ele te escuta. Não importe onde você teje. Se for beira d’água, se for embaixo de árvore, se for na beira de uma estrada. Aonde você

* Durante o trabalho de campo, o gravador digital mobilizou a idéia de produzir um cd caseiro.

estiver, o ouvido dele está sempre alerta pra te ouvir, compreender e te proteger. É só um, Jesus Cristo, essa é a minha religião. Então, eu num tenho religião. Porque os religiosos que nós tem são os maiores ladrões. Você chega, eles já falam pra você: é dizimo, é num sei o que lá, você tem que tá dando dinheiro pra ser filho de Deus. Pô, Deus num cobrou nada de ninguém! Que religião desgraçada é essa? Então, pra mim num tem, eu num conheço religião. Escuto falar por aí, só que religião eu num acredito. Só acredito em um Deus vivo. Que tudo que eu peço na minha mão eu tenho. Num me falta nada. É mesma coisa que a oração. Peço ao meu pastor que nada me faltará. E as porta pra você sempre aberta. Num precisa ir em pé de padre que é um safado. Num precisa ir em pé de pastor, que é outro safado. Num precisa andar de igreja em igreja, que igreja num vai salvar ninguém. Quem salva é só o nosso salvador Jesus Cristo. Esse aí é a nossa religião. Concorde comigo?

A gente precisa de muita paz, e a meditação, por isso eu procuro lugar sossegado na cidade pra trabalhar. Porque num adianta nada a gente fazer alguma coisa com o calor do cérebro revoltado. Isso num vira nada, porque tudo que a gente faz fica em vão. Então, você tem que fazer uma coisa consciente, com amor, com perfeição, pra todo mundo entender que você é uma pessoa, uma pessoa concreta, honesta, sabe o que é viver. E esse lugar aqui pra mim é especial! Esse aqui pra mim é um estudo, é uma praça, você pode reparar que aqui você num vê baderna, você num vê drogado, você num vê pingaiada. É um lugar especial, é onde tem Deus é um lugar desses. Muitas vezes eu cheguei ali, pegava minha viola, colocava no peito, ajoelhava no chão e pedia a Deus primeiro. Será que eu posso fazer meu Deus? Me dá esse trabalho, me dá uma força de memória. Apesar de que eu tenho esse dom, o senhor acha que eu mereço, com a sua licença. Então, eu pego a minha viola e começo a executar e dá tudo certinho. Que nem nós tamos falando aqui e ouvindo tudo num tempo só. Se não fosse Deus, será que eu faria? É a força divina! E além dessa praça aqui na Aclimação tem algum cantinho ali na Moóca também. Mas ali por todo sossego que você tem, nunca tem aquela paz que nós tamos tendo aqui. Lá no Parque da Mooca tem de tudo. O que você num pensa, tem! Então, isso num é vida. Pra mim num serve um lugar desses. Essa praça aqui quem me ensinou aqui foi um caboclo. Lá num tem quem te perturba, você num vê pingaiada, num vê cara drogado, ele disse. E aqui que nós vamo fazer nosso trabalho de viola, na sua companhia. Vamo fazer aqui.

Agora, pra falar pra você, pra ser bem sincero, bem sincero mesmo, os únicos amigos que eu tenho aqui dentro de São Paulo: primeiro é você, segundo lugar Daniel Santucci, terceiro Anibal, quarto o Anderson, o resto pode ponha num pacote assim, encher de gasolina que você num aproveita nenhum. Porque eles querem falar e querem saber tanta coisa, mas num sabem nada! De vez acaba machucando o sentimento da gente, agravando a gente. Esses num são amigo. Amigo são aqueles que te tratam bem. Não adianta falar que sou seu amigo e depois tá te apunhalando. Muitas vezes ainda vou ali embaixo, lá na comunidade onde você tá lá, eu num vo ali num é por causa de ninguém, eu vou por causa da tua presença que me faz muito bem. Por causa do Anderson, tem muitas vezes que ele num tá mas ele leva aquele papo tranqüilo com a gente. Mas o resto pode fazer um pacotinho assim jogar fora, que você num aproveita nada. Não sabe o que quer, num pratica nada, num sabe conversar, num tem ritmo de gente, num tem qualidade. Falei o que eu tinha que falar. Doa a quem doer, mas a verdade tem que ser dita. Você, o Anderson, o Daniel, o Anibal, são pessoas que carrego aqui dentro do meu coração. Não é papo furado O Daniel me deu uma força quando voltei pra São Paulo. Me emprestou a carroça pra trabalhar com ele. Agora esse restante que tem por aí sabe por que a gente num anda assim de cabeça baixa. A gente anda de cabeça em pé e a gente conhece as pessoas pelas visões e pelo modo do ser. O ser humano quando num dá pra prestar, só de você olhar nos olhos você já sabe que num vale nada. E eu sou desse tipo de gente, analista, compositor e cantor. Tenho esses três defeito ruim! Gosto muito a alegria, o prazer, a “sastifação”, e o amor daqueles amigos que são meu. Agora esses tipo de coisinha que eu vejo por aí, quero nem sabe não! Num leva a mal do que eu vou falar pra você não, mas eu vou falar, eu sou sincero, gosto de falar a verdade. É muito bom quando a gente encontra pessoas que nem você, dedicada ao seu estudo. A gente tem orgulho, a gente tem uma admiração grande. Então, a gente não pode se misturar com aquele tipo de gente. Então, esse negócio que você fala de fazer entrevista, você tá certinha, porque é você conversando com a pessoa que você ve quem é a pessoa. Apesar que todo mundo é gente, mas tem pessoas que é inevitável, incomparável, não sei direito como é que é, não é verdade? Tá a Soely de prova, tá todo mundo onde que eu moro de prova, tá o Daniel, o Anibal, pode perguntar pra eles, eu num saio por aí pra conversar com ninguém! Não mistura, de jeito nenhum.

E eu conheci a Soely na Casa de Oração, por um acaso, porque eu nem esperava que isso aí ia acontecer. Eu na época tava tão neurótico que eu olhava nas mulheres eu sentia pavor, por que a minha me judiou muito. A minha mulher me judiou tanto! Era pra mim tá morto não era pra tá conversando com você agora. A mãe da Juliana, aquela mulher me jogou em ponta de faca, me jogou em boca de revolver, me jogou na mão de bandido! Berei pista quatro anos de a pé, desequilibrado da memória, não ia em igreja, como nós acabamo de falar que a minha igreja só é essa que eu disse pra você. E me recuperei, aí foi quando eu comecei a freqüentar a Casa de Oração. Mas eu num ia por nada, ia só por diversão. Porque

o Deus que tá lá dentro, o que tá lá fora é melhor. O Deus lá de dentro é o seguinte: na hora que você tá ali é aquele tudo bem, saiu da porta pra fora já num são mais santo, são dos demônio! Ninguém conhece mais ninguém, você entendeu? Pra que isso? Aí foi aonde que eu conheci a Soely e ela me deu um sorriso, tal. Sabe, eu fiquei parado, eu falei: não pode ser, eu num acredito. E parei, eu fiquei na minha, muito cabreiro, falei: será que é eu mesmo, será que é possível? Será que é pra mim? Sabe, eu fiquei naquela, sabe quando você tá no meio do rolo de espinho que você num tem saída? Aí passou, eu fui lá, ajudei eles a acompanhar aquelas porcaria de música que eles cantam lá, que aquilo pra mim num é música, perdão, desculpa, eu num quero ser mais do que ninguém. A gente tem que conhecer, porque o conhecimento vale muito. Aí a Soely começou a me pegar no pé, e foi lá, aí ela chegou ne mim e falou assim: você é casado? Eu falei: não, sou divorciado e desquitado. E você? Ela falou: eu também, sou largada do meu marido, porque o marido fazia isso, fazia aquilo! Aí eu falei: é ambas as parte, entre homem e mulher, quando num é um é outro! Sabe, já veio logo na memória, não adianta. Aí ela disse: porque você tá me fazendo essa pergunta? Eu falei: porque você num gosto de fazer pergunta pra mim, eu num te respondi? Ela falou: é, respondeu. Eu falei: então, fica elas por elas! Pro mesmo tanto que você tocar saber da minha parte eu também preciso saber da sua. Sei lá o que pode vim pra mim a frente aí que eu num to sabendo. Ela falou: porque eu tenho tantos filhos, porque num sei o que, começou a falar muita coisa. Aí eu falei: mas, tá tudo bem? Tá, tudo bem! Então tá bom! Aí quando foi na hora de eu vim embora pra casa, de tarde, ela falou: preciso muito conversar com você, viu. Eu falei: comigo, o que será que é que você quer falar comigo? Ela falou: depois eu falo, não tenha pressa, depois eu falo. Aí eu cheguei aqui, no Glicério, fiquei ali, quando foi no domingo eu fui pra Jabaquara, lá no Clube da Viola. Fui pra Jabaquara lá tocar com a turma no programa do Zé Canhoto e do Adriano. Aí fui com Jaime. Aí cheguei lá, cantemo umas três músicas na programação dele. Fomo embora. Chegemo na Casa de Oração ela ainda tava lá, três horas da tarde. Aí eu fiquei na minha. Fiquei sossegado, pra mim num tava acontecendo nada, sabe, normal. Aí ela chegou ne mim e falou: você já esqueceu que eu falei pra você? Eu falei: pra mim você num falou nada! Você disse que ia falar! O que você deseja? Ela falou: eu to precisando de um companheiro, e tal, e você me serve. Você é a pessoa certa que parece que a gente vai se combinar. Falei pra ela: e se não combinar, como é que faz? Joguei duro com ela também! Ela disse: combina sim! Então eu falei: olha, eu sou um cara pobre, num tenho onde cair morto. Já tive bem de vida mas num sou mais, tenho a minha família que mora em Bauru, tenho os meus filhos já tá quase tudo criado, e eu to numa boa, eu to sossegado. Agora vou arrumar problema pra minha cabeça? Ela disse: eu só tenho essa menininha. A Talia tava com quatro meses de idade. Eu falei: problema da menina ter quatro meses, não tem problema nenhum, o problema é nós ser responsável no que você tá pensando, e não andar com certas coisas que não deve. É João, você pensa lá o que você vai fazer, ela me disse. Bom, na minha parte já tá pensado, quem tem que pensar é você. Porque o que eu tinha eu já perdi. Agora você tá querendo aventurar. Eu to pra viver, mas num to pra ser massacrado como já fui. Porque num adianta nada mentir pra você que eu sou honesto, que eu sou santinho, que eu também num sou santo, eu tenho as minhas horas! Aí conversemo e vim embora. Aí fiquei aquele tempão todo aí, e ela desapareceu. Então, eu peguei uma carta e escrevi pra Ivanildo, um colega. Falei Ivanildo, a hora que a Soely aparecer você entrega essa carta pra ela, e manda ela me telefonar. Eu peguei o número do telefone do albergue e ponhei na carta. Aí ele chegou lá onde ela tava, no Porto Seguro*, aí quando foi dali a pouco o telefone tocou e me chamaram. Número do leito, número do telefone e tudo. Aí eu peguei e fui lá. Ela perguntou: você sabe quem tá falando? Eu falei: mais ou menos parece que eu sei pela voz. E ela me perguntou: então, e aí, como é que ficou? Falei: a gente precisa se encontrar num local melhor, a sós, pra bater um papo sadio, gostoso e inteligente. Ela disse pra mim: olha, você conversa bem! Eu falei: eu não! Só to falando o necessário. Num to conversando nada só to explicando. Aí fizemo nosso ponto de encontro, na Associação. Eu falei pro Machado [educador AMRMC]: a Soely é uma menina aí que tá na companhia da gente. A gente tá querendo fazer vida junto e ela tá precisando de uma comida que ela tá sem jantar desde ontem. Ele perguntou: o senhor conhece essa menina, seu João? Eu falei: faz tempo! Se não conhecesse se acha que eu ia falar? Aí deu almoço pra ela, tudo que tinha direito, né? Aí ficou naquele “lenga lenga”. Aí a Soely vai e me desaparece de novo. Aí eu falei: então, se num vier pra mim é até uma boa! Enquanto tá começando assim tá demonstrando alguma coisa que num é uma pessoa fiel, sabe. Então, eu num esquentava a cabeça. E a turma perguntava: e cadê a mulher? Eu falava: que mulher, pára com isso! Aí ela vai e se ajunta com esse tal de Claudio, esse “tranquera” que tá na cadeia. Aí ela chegou em mim, falou pra mim que queria ir embora comigo. Já chegou de uma vez, topado: quero ir embora com você! Eu falei: comigo? Que você andou aprontando por aí? Aí ela começou a me contar a história do cara, aí eu falei: olha, você num achou que ele era melhor do que eu? Fica com ele, porque eu num tenho meu tempo pra perder com as pessoas que num vale nada! Negócio meu é outro. Eu quero mais é viver! O meu transtorno de vida é tão difícil que nem você vai saber compreender. Sou violeiro, sou músico, sou

* Centro de serviços e de convivência Porto Seguro.

compositor. Pode ter dia que eu vou sair e você vai ficar de olho pensando que eu to disfazendo de você. Depois eu num vou poder divertir de jeito que eu to divertindo, num vou ter meus amigos. Aí ela disse: não, você pode continuar o seu trabalho, eu num vou te atrapalhar em nada. Eu falei: então tá bom. Aí quando é um dia, to lá na Associação, era umas quatro e meia da tarde, recebi uma ligação dela: to em tal lugar assim dá pra você vim me buscar? Aí eu peguei e fui lá. Foi numa quarta-feira. Fui encontrar ela lá no Parque Dom Pedro. Ela falou: olha, eu to a fim de ir embora, porque tá acontecendo isso, aquilo, tal. Aí eu falei: você num vai querer se limpar em cima de mim, num tem como. Eu to muito bem sossegado ali, num devo nada pra ninguém, eu quero viver minha vida. Não, porque eu te prometo que num vai acontecer isso, num vai acontecer aquilo. Eu falei: tudo bem. Eu vou te pegar você aqui. Vou te levar lá pra casa da minha mãe, das minhas irmãs. Você vai conhecer todo mundo, e nós vamos viver um tempo lá. Se você gostar tudo bem, se você num gostar nós da um jeito na vida e sae pra outro lado, vai embora. Ela foi e gostou. Daí foi onde nós começemo fazer a vida. De volta e meia ela falava: eu quero um filho seu.! Eu falava: não, é muito cedo. Tira isso da cabeça, primeiro vamos vê como é que tá a situação nossa, pra depois nós poder pensar em tudo isso. E nessa brincadeira vai fazer quase quatro anos que nós tamo junto.

E voltar pra casa da minha família foi fácil, porque eu sempre comunicava. Minha mãe sempre falava pra mim: olha, eu quero você do jeito que você é! Eu falava: mas eu to assim, assim. Num tem problema! A casa é sua a hora que você chegar! Então, pra mim tanto fazia, chegar com os pés no chão, bem vestido, mal vestido. Do jeito que eu chegasse, sempre fui bem abraçado. Minha mãe nunca disse pra mim assim: não. Nunca recebi essa palavra, não. Bem tratado, chegava em casa já tinha minha roupa no jeito, tomava meu banho, trocava minha roupa, já ia nas panela, tirava comida, eu ia na geladeira, pegava o que tinha, até hoje, eu num tenho o que reclamar. Do que que eu vou reclamar? E minha vida mudou bastante desde que eu conheci a Soely. E vai mudar mais ainda através do seu esforço também. Então, é assim que a pessoa se progride. É levando a paz, o amor, a sinceridade, a alegria. É assim que a vida se abre pra gente. Também tem muitas vezes que eu penso comigo em casa, só que eu num comento, eu penso só pra mim. Eu to com cinqüenta e quatro anos. Eu falo: meu Deus! Talvez eu pensaria que eu nunca ia chegar a esse artigo. Talvez se eu morresse, no meu pensamento to dizendo, né. Talvez se eu morresse hoje ou amanhã ou depois, alguém teria prova do homem que eu já fui e ainda sou. Fica a fama. O homem morre mas a fama fica. Se ele cantou bom, é bom, se ele cantou mal ele só leva estima. Então, a gente fica, sabe, é aquele negócio de “metabolismo” na cabeça, é aquela coisa! Eu acho que tenho esse direito de pensar isso. Que num é só maravilha, glória, felicidade. Isso aí, num existe só isso. Não existe o doce sem o amargo. E nem o espinho sem ponta!

Terceira entrevista realizada durante um dia de trabalho como carroceiro. Local: região do Glicério e Moóca.

Hoje nós vamos catar reciclagem, vou pegar alguns sacos que tiver pronto, depois vocês vão me ajudar a passar de um saco pro outro, depois que tiver tudo pronto, eu vou arrumar a carga e depois de lá nos desce embora. Tá bom?

Vou pegar os sacos aqui, dei sorte! Cheguei antes que o cara, por isso peguei a reciclagem. Quem manda o cara levantar tarde? Eu como sou muito madrugadeiro, gosto de levantar cedo, consegui pegar. Agora, tamo indo lá pro lado do Cambuci, em frente ao Carrefour, pra arrumar essa carga aqui pra nós, que a carroça já tá cheia, pra poder pegar mais. Lá é um ponto de referência que eu tenho também, então tenho que pegar lá também, senão eu perco. E a tarde vou fazer mudança! Porque a gente vai morar lá dentro do salão do restaurante da Dona Nair, onde a Soely trabalha, e de noite a gente vai fazer a vigília lá do restaurante em troca da moradia. E eu vou guardar a minha carroça lá dentro de noite. De dia eu tiro, não tem mais perigo.

Nesse trabalho, mais valioso é ferro, papel branco e plástico, sacolinha de plástico. Vidro eu num trabalho, num gosto. O kilo do papelão tá uma porcaria: R\$0,10. A gente trabalha mesmo pra num ficar dentro de casa. Se ficar dentro de casa, só fica olhando pra cara de mulher e filho! Não! Tem que trabalhar um pouco. Não é não? Diz que tudo que é demais enjoa, né? A coisa boa é controlada. Eu ganho mais no papel branco misturado: tem papel branco, papel higiênico, esse tá saindo a razão de R\$0,25 o kilo. O mais difícil de separar é o papel branco, papel higiênico, mas também é o que da mais dinheiro. O mais caro é o papel branco, tá R\$0,45. Agora, tem carroça que num é boa não, gosto de trabalhar com a minha. Tem carroça que você tem que fazer muita força pra carregar pouca coisa, que nem as carroça da Recifran. A minha você tem que encher ela bem pra fazer muita força. Eu mandei fazer ela, me cobraram R\$300,00 por ela. E o próprio burrinho dela sou eu! E todo dia eu acordo as quatro horas, levo café pra mulher na cama, faço a mamadeira do menino e quando é quatro e pouco eu desço, destravo a carroça e saio. Tem gente que fala assim: e vida fácil! Minha vida é mais difícil do que você pensa. Tem vez que minha mulher fala: ah, num tá dando! E eu falo: mas como num tá dando, que mais você quer? Ela fala

pra mim: mas você faz tanta coisa e eu não vejo futuro, num vejo vantagem, num vejo nada. A resposta que eu dou pra ela: você já alguém sem planta alguma coisa, sem semear, colher alguma coisa?

A gente, quando a gente se interessa numa coisa, a gente tem que fazer direito. A mesma coisa, você chegar em mim e perguntar: como é que você aprendeu a tocar viola? Você pode ver que viola é muitas poucas pessoas que toca, né? Eu tive vocação e gostei. E hoje, se uma pessoa me der um violão pra tocar, eu sei tocar, mas num gosto. É mema coisa se você pegar, desculpa deu falar, mas é a verdade eu vou falar. A viola é a mesma coisa que você, quando você é uma pessoa solteira, que você arruma o primeiro namorado, ou namorada que seja. Você abraça com carinho, você entende, você sente, é a mesma coisa a viola. Num tem nada que separar! Então, tem muitas pessoas que falam: isso já era! Já era sim, porque têm muitos que num tem capacidade de ter uma viola. A viola pra começar, pra pegar uma viola, a pessoa já tem que pedir licença e respeito a ela. Muitas pessoas falam: mas isso num deve existir. Todas as coisas existe. Existe o bom, existe o ruim, existe o regular, existe o bravo e o manso. Então, a gente tá sendo sincero. Pra que mentir? O Éric Tales* mesmo, quando ele pegar mais ou menos uns cinco ou seis anos, eu vou começar a ensinar ele a fazer alguma coisa. Vai tocar uma viola. Vai pegar a caneta. Como se pega uma caneta na mão. Como que se comunica, ou sei lá, qual é o instrumento que vai pegar, tudo tem comunicação, sabia? Tudo isso aí eu vou ensinar. Como ele chegar também, aproximar das pessoas, o que são as pessoas, o que ele é. Num importa, importa é que seja um cidadão. Você precisa ver o Tales. O Tales tá um brinco! Ele tá lindo, safado! Você coloca ele na cama assim ele sai rolando. Se num olhar ele vai pro chão! Agora a turma fala que ele vai ser um bom cara. Agora não sei. Mas novinho num pode critica nada, né?

Eu tenho quatro filho, mais o Erik cinco. Tenho um menino de quarenta anos. Esse menino que eu tenho, de quarenta ano, ele apareceu assim numa programação, você compreendeu? Então na época, eu cantava numa rádio e a mãe dele se interessou, mas não pela minha pessoa, sim pelo que eu fazia. Aí a mãe dele entrou num programa comigo, um programa errado, agora a gente fala que era errado, mas na hora tava tudo bem! Aí fizemo uma programação errada e aí ele nasceu! E eu tenho cinco filhos, e nenhum é igual ao outro. Esse menino hoje ele é tenente, policial do exército, tem tudo na vida! Aí eu vim embora, pra começar nem fui eu que criei ele, foi a mãe dele, mas ele me conhece porque tem o meu sobrenome. E aí foi aonde eu fui morar pra Campinas, eu já cantava na época, e aí eu num voltei mais, fiquei rodando. E esse meu filho entrou pra aeronáutica, parece que ficou uns dois anos, num gostou e foi transferido pro exército e tá lá até hoje, e eu to aqui, na luta! De volta e meia ele perguntava assim pra mim: papai porque você num vive com a mamãe? Eu gosto dela, mas num tenho amor. E a vida continua! E eu to aqui. E tem vocês, e tem pessoas que me considera, que eu preciso mais da vida? Dinheiro num adianta, você ganha hoje e gasta amanhã. E a amizade, a confiança e a felicidade, você num gasta fácil. Porque se um dia a gente morrer, não é o dinheiro que vai levar o nosso caixão, são os amigos! E o dinheiro fica aí!

Eu estudei até o terceiro ano escolar. Aí, quando eu cheguei no terceiro ano escolar, foi o tempo que o meu pai saiu da Marinha, ele era comandante geral do navio Raul Soares. Aí ele foi pra roça. Foi pra roça mexer com negócio de carpa. Carpir café, aquelas coisa, passar veneno, trabalhar pra fazendeiro, sabe? Um dia, isso eu tava com 9 pra 10 anos, cheguei, era um dia de manhã cedo, falei: olha, é o seguinte, vocês querem ficar trabalhando pra fazendeiro, vocês fica, porque eu não! Ele perguntou: e pra onde você vai? Eu falei: eu! Vou procurar o que é melhor pra mim! Aí foi o tempo que eu arrumei essa violinha que eu falei pra você. De dez cordas. É uma violinha antiga! Ganhei do saudoso Laudo Natel, que era governador de São Paulo na época. Foi em 68 isso aí. Aí eu comecei a brincar, mas eu num sabia nem como eu afinava. Nunca tinha pegado, mas tinha vocação! Aí comecei a pegar, e perto de casa, então, tinha um senhor, um senhor muito bom ele! Até ele deve tá mais ou menos, porque ele tá vivo ainda! Ele deve ter mais ou menos uma média de uns 87 pra 90 anos. O nome dele é Pedro Bandola, por causa que ele tocava tudo que era instrumento. Era viola, era violão, sanfona, tudo que você jogasse na mão dele! Cavaquinho, bandolim! Aí ele se interessou me ajudar. Ele falou: olha, você quer aprender? Eu falei: eu to a fim de aprender mesmo, só que eu num to tendo condições e num acho quem me ensina. Num sei nem como que afina isso daqui! Ele falou: olha, vou te dar uma instrução, o resto você aprende por sua conta própria. Eu falei: tá bom, só isso daí já é uma grande ajuda. Aí, quando foi um dia de tarde, ele falou: traz sua violinha pra mim ver. A minha era uma “cravinha de pau”, igual àquela quando o Cacique e Pagé [dupla caipira] começou. Fui lá levei e ele falou: rapaz! Essa violinha é muito boa! E de fato não era ruim mesmo, era boa. Aí o que aconteceu? Ele afinou, já me falou o nome da afinação que tava e eu falei: seu Pedro, será que eu aprendo? Ele falou: aprende! Oh! Ninguém nasceu pra ser burro! Essa foi a resposta que ele me deu. Essa num é resposta, já é uma chapada na gente! Já me deu um toque, e quis dizer: só aprende quem num quer, não é? Aí comecei. Quando desafinava eu corria lá na casa dele: desafinou! Dá uma olhada pra mim. Ele colocava no lugar, e eu num conseguia passar nada! Aí foi indo,

* Filho mais novo de João com sua atual companheira, nasceu em fevereiro de 2006.

foi indo, e eu consegui aprender uma posição só. Uma posição só. Falei: mas uma posição só num é vida! Queria pegar o mundo inteiro com uma mão só mas num dava. Mas eu falava: poxa vida! Mas acho que eu vou aprender sim, num é possível! Todo mundo aprende. E este meu irmão ele tocava violão. Tocava não, ele toca ainda. Aí ele aprendeu afinar primeiro do que eu, sabe! E aquilo foi entrando no meu cérebro. Aí eu tomei aquilo por raiva. Já que ele tá fazendo isso daí eu vou fazer também. Aí eu afinei e deu certo. Da primeira vez gostei. Eu fiz da segunda vez e deu certo, falei: to ficando bom! Daí comecei a fazer a primeira: mi maior, depois comecei a fazer sol maior. Nem sabia pra que lado tava indo. Aí teve um dia que o Flanela: é um rapaz que trabalhava num circo e o trabalho dele era jogar faca, fazer treinamento musculatura, e dedicatória a músicas também. E o cunhado dele era o Zé Carrero que era cunhado do Tião Carrero. E eu num sabia. Aí, um dia, tô em casa, subiro os dois lá em casa. Falou: Joãozinho, eu trouxe uma pessoa aqui. Ele pode chegar em sua casa? Eu falei: é gente? Ele falou: é claro que é! Eu nem sabia quem era o homem. Aí encostaram lá perto de casa, lá embaixo do pé de abacate. Aí nós começemo a brincar por ali, e tal. Depois que fizemo todos trabalho que tinha pra fazer, aí ele falou assim pra mim: você sabe quem é esse rapaz aí? Eu falei: não, tô vendo ele agora. Ele falou: este aqui é o Zé Carrero! É meu cunhado e é cunhado do Tião Carrero também, ele é casado com a segunda irmã dele. O Zé Carrero tava numa média duns quarenta anos. Aí eu comecei a me entrosar, comecei a fazer as coisa, tava sempre de olho. Aí eu fui gostando. Fui gostando daquilo. Eu tava com doze anos, isso lá em Campinas, lá em Aparecidinha. Não sei se vocês conhece. E eu fui gostando. Aí apareceu um colega meu que fazia muitos anos que eu num via ele. Esse Zé Maria, que é o Pescador. Ele tocava um violão que dava medo! E ele tava sendo carretero na época. Ele chegou viu eu brincando de viola e ele gostou. Ele falou: olha rapaz, sabe que deu certinho, na medida que eu pensava! Eu falei: eu num sei o que você tava pensando! Aí ele disse: eu ultimamente tenho procurado pessoas pra cantar comigo e num tenho encontrado ninguém. Aí eu falei: olha, eu num sei de nada, você tem que procurar um cara que já tá por dentro, que afina, que sabe. A gente sabe um pouquinho. Essa num é minha praia, eu num quero não!. Aí ele falou: ah, Joãozinho deixa pra lá, vai! Depois a gente volta a conversar. E vai daqui, vai de de lá, vai, vira, aí ele foi viajar pra Porto Belo, levou uma carga de madeira. Ele falou: depois que eu voltar nós vai conversar. Causo eu num vier, você vai lá em casa tal dia, tal hora. E eu perguntei pra ele: e sua mulher, vai deixar? Ele disse: olha, o que a minha mulher vai deixar o que num vai deixar, num importa. Isso daí é um trabalho que eu vo fazer e é um trabalho que eu gosto. Num to brigando, num to mexendo com ninguém, to fazendo a vida. Se você acha que é certo assim, nós vamos tentar. E dessa tentativa, ficou sério. Aí vai daqui, vai, aquele negócio, volta e meia quando tinha festivalzinho ia. Porque o povo enxergava a gente de cabeça em pé, num tinha esse negócio não. Aí apareceu um locutor lá da Rádio Clube de Marília: o finado Nhô Constâncio. Aí ele disse assim: eu tenho uma proposta pra vocês. Vocês querem fazer uma proposta comigo? Eu falei: mas que proposta? Num é encrenca, não, né? Confusão? Ele falou: não, não é nada disso que você tá dizendo. O negócio é de paz, amor, é de amizade, de um bem querer na vida. Compareça na rádio pra nós conversar. E o programa dele sempre costumava ser das cinco horas até as sete da noite. Aí quando foi de tardezinha, um dia lá, fui na casa do companheiro, ele pegou o carro dele que era uma Toyota, e fomos baixar lá em Marília, na Rua Coronel Gardino. Lembro até hoje! Quando entrei pra dentro ele perguntou: cadê os instrumento? E nós falemo: mas nós num sabia que era pra trazer instrumento! E ele falou: direito da pessoa que vem e quer tocar, tem que trazer instrumentação quando vem. Eu falei: bom, você num falou nada disso. Você mandou que nós viesse e nós veio! Aí, ficou, mexe daqui, mexe de lá. Quando foi quase na hora de terminar a programação nós fomo embora pra casa. Quando foi no domingo ele chamou nós pra se apresentar no programa do Valter Saia. A domingueira sempre legal no programa. Aí fomos. Mas tava um frio! Dava medo! Mas só que naquele dia, mesmo com aquele frio todo que tava, a gente começou a suar. Sabe, você vê o povo, fica olhando pra você e vibrando. Eu falei: esse povo parece que é bobo, parece que nunca viu ninguém cantando, né? Porque a primeira vez num presta! Aí ficou e vai, cantamo aquele dia e ele marcou pra nós voltar sempre que quisesse. Aí acostumamo. Volta e meia ia lá. Aí um dia ele olhou ne nós assim e ele falou: é, eu quero dar um nome pra dupla. Eu falei: mas que nome você vai dar pra nós? Não temos nome nenhum programado, pra começar nós num somo nada ainda! Aí ele disse: olha, eu vou dar um nome tão bonitinho “proceis” que vocês vão gostar. E é um nome que vai aceitar muito em vocês, que vai ser a dupla: Pescador e Montreal. E nós começamo a sentir um prazer! Só de nome. Aí jogaram esse nome pra nós de Pescador e Montreal. Toda vez que nós ia cantar no rádio, antes, na outra programação, ele já anunciava: hoje vai vim Pescador e Montreal! Este nome vem vindo desde sessenta e oito pra cá. Aí ficou: Pescador e Montreal. E pra todo lado que nós ia era esse nome. Ia fazer show aí pra fora, era esse nome. Chegava, era esse nome. Você chegava na gravadora, era esse nome! Sei dizer pra vocês que nós fiquemo “bam, bam, bam”! Aí a gente, pra num se mostrar muito, começamo fazer show fora. Comecei partir pra Mato Grosso, pra Goiás, Goiânia, Belém do Pará, Cravinhos, Campo Grande, Uruguai. Esse mundo todo, se perguntar nós conhece. Aí ficamo naquele “lenga, lenga”, vai daqui, vai de lá. E o nome foi crescendo e a gente foi pegando conhecimento e foi tendo um ganho mais ou menos. Quando foi um

dia, nós tava em Rondonópolis, já ouviu falar em Rondonópolis? Perto de Aquidauana, Mato Grosso. Aí fomos pra lá, fazer esse show. Chegemo lá, fomo direto pro hotel descansar, tomar um banho, se preparar pra trocar os uniforme. Porque naquele tempo você tinha que andar de uniforme. Trocar uniforme pra poder fazer o show das oito horas da noite até mais ou menos nove e meia. Era uma hora e meia, sem parar! Você tinha que mostrar seu talento, pra todo mundo ver. Por isso que você fala, hoje em dia os cara canta mais, num tem mais pessoas de classe. E quase na qualidade sem aparelhagem nenhuma, no puro “gogó”! Uma que a boca num dá pra eles, outra que eles num agüenta, eles num são de nada. Então a turma fala assim: a dupla sertaneja, a dupla cabocla, são pessoas atrasada. Mas porque que nós somo atrasado? Porque o que nós faz eles num faz a metade. Pode ter certeza do que to dizendo. Eu num quero ver esse sol alumiano meus olhos se eu tiver mentindo! Então, a gente sempre foi o que foi. E nessa brincadeira aí, nós gravamo oito LPs na gravadora Continental. Depois disso daí, quando tava pra nós grava o nono lançamento, o nome do sucesso era: Rastreamento Som Sertanejo, foi quando eu perdi o parceiro, de acidente. Ele morreu lá em Santos, ali na curva da morte pra chegar em Boqueirão. Aí eu fiquei desgostoso. Fiquei desgostoso, peguei e parei. Eu falei: nunca mais eu toco instrumento na minha vida! De espécie nenhuma. Aí o pessoal falava pra mim: mas só porque o companheiro morreu? Eu falava: não, uma que eu perdi o companheiro. Outra, ele era minha vida. Ele era eu, eu era ele! Vamo por assim, é mais fácil de vocês entenderem. E era por causa de que, era por causa do entendimento que era muito. Num tinha nada que você falasse pra ele que ele falava não. Tudo era sim, mesmo que num dava, mas vamo tenta, né? Se deu nós continua se num deu nós pára. Ele falava assim: é Joãozinho, eu vi que você é um rapaz talentado! Ele falava assim pra tirar um sarro!

Aí fiquei nove anos, nunca mais toquei o dedo numa corda de instrumento depois que eu perdi o companheiro. E o tempo foi passando. O tempo foi passando, passando, eu vou chegar em lugar que até vocês num vão gostar de ouvir. O tempo foi passando. Quando é um dia eu to ali no Glicério, no albergue do Glicério [atual albergue São Francisco], mesmo. Num era tudo cercado desse jeito, era tudo aberto. E chegou o João e falou assim pra mim: eu tenho um negócio pra levar você. Eu queria que você fosse lá conversar com uma pessoa, a pessoa interessou no seu trabalho e gostou muito de você, e tal. Eu falei: mas quem será essa pessoa? Ele falou pra mim: é uma freira. Eu falei: freira? Mas num importa quem é, vamo lá. Justamente, eu vou solicitar o nome porque vocês tão no trabalho e eu num sei esconder. Era a Ivete. Num tem aquela salinha do meio na comunidade? Aquela salinha tinha um sofá. Eu tava assim, isso era umas três horas da tarde. Aí ela falou: ah, eu preciso de uma pessoa que faça isso, que faça aquilo, que faça aquilo outro, porque no nosso grupo num tem, que a gente tá precisando. Eu falei: tudo bem. Num vai tirar pedaço nenhum. O que tiver no meu alcance a gente faz. Ela falou: então tá bom. Aí eu falei pra ela: só que tem uma coisa. Eu to sem instrumento nenhum aqui em São Paulo. Eu sou de Marília, mas tava morando em Bauru na época. Ela disse: não, sobre instrumento, nós dá um jeito. Falei: tá bom. Se quer assim, eu vou tentar. Nem sei se consigo tocar mais. E nem ela conhecia o que era viola! Ela falou: você vai comprar? Falei: Vou! Fui lá no Anhangabaú, na fábrica instrumental que é do Cezar e Paulinho. Cheguei lá, escolhi, achei uma violinha boa. Ah, mas essa é caro,! Eu falei: num importa o preço, importa é a ferramenta, o preço num interessa. Aí tudo bem. Mostrei pra ela: toca alguma coisa pra mim. Eu falei: eu trouxe porque a senhora pediu, mas num é pra mim fazer isso aí. Faz um tempão que eu num toco, acho que ainda tenho na memória, eu num sei, vamo ver. Fazer uma tentativa. Aí eu fiz pra ela o solado da Chalana, conhece aquela música? “Já vai uma Chalana, bem longe se vai...” Ela gostou: agora eu sei que você toca mesmo! Eu falei: não, eu to só brincando. Só to passando hora. Aí o que aconteceu, aí eu fui lá, aí ela perguntou pra mim: você tem algum parceiro que possa te acompanhar a cantar? Porque isso nunca faltou pra gente, companheiro pra tocar. Aí apareceu o Sebastião Moraes. Nós tava no Arsenal [albergue Arsenal da Esperança] nessa época. Falei: Sebastião, a Dona Ivete ela pediu pra procurar uma pessoa pra fazer acompanhamento pra mim, base, pra mim poder fazer solos de viola. Inclusive cantar no grupo dela. Pode ser? O pessoal disse que você toca bem. Mas eu to te passando esse convite. Ele disse: é! Vamos tentar. Esse pessoal cheio de não me rele não me toque! Ele era desse tipo aí. Aí ele foi. Treinou comigo uns três meses. E ele só ponhava defeito ne mim! Ele nunca tinha defeito, só eu que tinha. Além de tocar, além de solar, além de fazer cobertura, além de fazer acordes, eu sempre era o errado. Ele começou com tudo aquela chantagem. Daquele dia em diante aquilo tudo foi me desanimando. Mas como já tinha um pouco de palestra com o Jaime, fui conversar com o Jaime. Falei: o Jaime, eu sei que você toca muito violão. E eu to precisando de parceiro. Dá pra nós dois, ou você num compra essa bocada? Ele disse: vamo tentar, né? A gente começa com as mais conhecida. Aí logo no começo coloquei ele numa bocada quente. Olha só! Fui no Centro Cultural, lá em Jabaquara, no programa do Zé Canhoto e Adriano. E nessa época nós num tinha nome ainda. Eu falei: que nome nós vamo arranja pra nós? Eu falei: bom, eu já tenho nome. Pode ser Montreal e Jaime? Ele falou: mas fica esquisito, né? Eu falei: vamo faze o seguinte, deixa pra hora certa a gente acha o nome e vai caba caindo pra você. Aí quando chegou na hora de nós subir no palco o Zé Canhoto falou: a dupla que veio pela primera vez, por favor compareça. Aí subimo. Aí o Zé Canhoto perguntou assim pra mim: qual é o nome da dupla. Eu na hora, veio assim um

estalo! Eu falei: Mirassol e Montreal! Nunca nem sonhava com esse nome aí. Aí ele falou: mas que nome bonito, nunca tinha visto esse nome! Aí começou aquele negócio todo. Aí nós ia cantar duas música, acabamos cantando três. Cantamos: Amargurado, Caboclo Desprezado, que é da minha autoria mesmo, e Vera Cruz, que também é uma outra música que nós temo, já tá gravado também. Aí cantamos essas três música aí e eles aplaudiu nós. Aí o Zé Canhoto falou: e quando é que vocês vão trazer um cd aqui pra nós? Eu falei: num sei! Num temo nem programação de gravar ainda. Ele falou: assim que gravar, lembra da gente. E ele tem uma programação na rádio Jovem Pan, todos os dias, das duas da manhã até as cinco da manhã.

E veio uma experiência dentro da Associação, o pessoal perguntou: qual é a sua profissão? Um disse: eu já fui delegado. Outro disse: já fui carpinteiro. Outro dizia: já fui pedreiro. Outro: já fui construtor, sabe. Eu sei que cada um tinha uma. Aí chegou a vez do Luis, Luis Antônio e a Rosana [educadores da AMRMC] me perguntar: e o senhor, Seu João, faz o que? E eu na minha, quieto. Pensei: se eu for falar, ninguém vai acreditar. Então vou ficar na minha. E o senhor faz o que? Falei: então, até hoje, que eu me conheci por mim, eu sempre fui violeiro, eu sempre fui músico. Aí todo mundo deu risada. Ah, num acredito! Eu falei: num quero saber quem acredita, quem num acredita, eu quero saber que eu sou. Falaram: eu só acredito se eu ver! Eu falei: vou mostrar. Para cada um vou mostrar um pouquinho. Só um pouquinho. Aí aconteceu, aí apareceu o Gustavo, muito conhecido do Fábio que trabalhava na Rádio Capital, Eli Correa. Gravamos um cd com sete músicas, aí quando nós chegamos lá na Associação, os cara que tirou sarro de nós, já começou a ficar meio doido com nós. Porque viu que nós falamos e fizemos. Todas as coisas que você fizer, se num fizer com amor, num adianta fazer que dá tudo errado. Mas quando nós fez e todo mundo viu, os cara num brinca não em serviço! Todo mundo era alguma coisa, e no fundo ninguém é nada! Quando falei a estatística do trabalho que eu dava, todo mundo tirou sarro. Aí foi a época que gravei esse cd, A volta do boiadeiro, e quebrei a cara de todo mundo! A vida tem altos e baixos.

Aí passou, gravamos um outro e saiu ruim. Mas num foi por nossa culpa, foi a gravadora que num prestava. Aonde o pessoal faz gravação, um aparelho puxa e outro num puxa. Quando erra de um, acerta do outro. Então ficou ruim. E o sucesso do cd é o 'Relatos de Amor'. Aí depois ficou naquilo. Aí parei de gravar, continuei cantando com a Ivete, no grupo dela, nessa brincadeira foi quatro ano, não é? Foi quando saiu aquele filme 'A margem da imagem'. Cantamos quatro ano. Todo lado que eles iam se apresenta nós sempre tinha que tá. Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília, Ribeirão Preto, tinha que tá. Ela achava que nós era obrigado a fazer. Mas nós num era obrigado a fazer, tanto que ela comunicou nós: eu quero que vocês entenda bem! Colocou nós como povo de rua. Porque quem toca, faz música, apresenta, faz show, dá o trabalho concretamente, concretizado em cima do artista, e que mostra qualidade, isto pra mim num é povo de rua. Povo de rua pra mim é quem num tem qualidade! Quem num tem qualidade é povo de rua. Que nem, aquele rapaz que veio cumprimenta vocês. Aquele lá, eu fiquei na minha, eu num falei nada. Só que era só vocês duas que tava aqui para ele. Será que era só vocês que tava ali? Ele não me cumprimentou, não me olhou na cara. Esse é povo de rua. Ele exagera o nome antes do espaço que ele tem. Não é nada disso. A pessoa quando tem educação, tem moral, enxerga até um cachorro na frente. Eu posso tá aqui conversando com vocês, passou um cachorro ali eu num vou deixar de ver também. Também são ser humano, são de Deus. Agora, aquele lá pra mim. Se um dia depender de uma força minha, se ele me pedir, juro pra esse sol aqui, a resposta é não. Pra ele não! Tem que ser sincero. Vocês é muito mais categórica do que eu, aqui junto comigo, escutando eu falar essas "pataquada" toda. Num é mentira, vocês mesmo viram, vocês num têm esse tamanho desse orgulho. Vocês têm estudo, já passaram por cada dicionário esquisito, num já passaram? Devia ter orgulho. Agora um pimpolho daquele! Aquilo lá pra mim é pimpolho, eu tenho vergonha. Não tem qualidade, num tem classe. Muitas vezes vocês escutam eu falar assim, e deve pensar: o Joazinho tá falando demais! Então, isso daí é o povo de rua, que nós chamamos. Pessoas agressivas. Num é pessoas assim agressivas de brigar, é um agressivo assim de egoísmo, entendeu? E na rua tem os mais ou menos e tem os imbecis. Que nem esse que eu to falando mesmo, ele pra mim ele num passa de um imbecil. Porque eu num acho que eu vou chegar perto de vocês, ou uma turma de vocês e só porque tem um outro que é menos que vocês, eu vou deixar de cumprimentar e falar com ele. É isso que deve o meu respeito. Porque quem tá lá embaixo ele precisa de uma mão pra se levantar. Quem tá lá em cima, num precisa, porque já tá lá no alto. Vai dá a mão mais pra que? Então, esse tipo de gente que nós tamo acabando de falar, eles precisam de um não nosso, pra eles aprender a viver. Que aqui é São Paulo, é Brasil, mas cai pro lado de Mato Grosso, cai pro lado de Rondônia, pro lado de Amapá, de Porto Velho, numa dessa daí? Mato Grosso, por exemplo, num precisa ir muito longe, entrou dentro de um bar, peça um refrigerante e não ofereça? Beba sozinho pra ver o que acontece? Aqui não, aqui neguinho tá no céu! Aqui de tão inteligente neguinho ficou bobo.

Tem hora que a minha mulher fala: você fala demais! Num é, eu to sendo sincero. Porque quem engana os outro, tá enganando a si próprio. Que nem: não adianta nada eu chegar aqui, aplicar esse monte

de conversa e to enganando vocês. Quem tá sendo enganado? Eu! Mesma coisa esses tipo de gente assim! Deu pra entender o que eu quis falar?

O que eu vou falar pra vocês numa sinceridade, é a verdade pura mesmo. Eu pelo menos, aquilo que eu faço eu gosto, eu amo. O meu trabalho mesmo não é esse de reciclagem. Até algumas pessoas já brigaram comigo. Falou: poxa vida, você é um violeiro, você é um profissional puxando carroça. Pára com isso. Eu falei: meu amigo, eu num tenho condições de chegar onde que eu quero por enquanto, pedir eu num sei, roubar eu num sei, piorou mais ainda, ficar enfrentando comunidade esperando que os outros venha por na minha boca também num dá. Tenho um filho pequeno, tenho a mulher, tenho uma casa que eu pago aluguel, o dono num espera. Na rua eu num quero morar porque num quero ser “ruero”. E no meu artigo, não permite isso, porque eu sou assim. E porque tá puxando carroça? Falei: porque num chegou na minha oportunidade ainda. Quando eu tiver a minha oportunidade eu paro de puxar a carroça. E pra mim sobreviver, se eu quiser sobreviver, eu tenho que fazer alguma coisa. Alimentar do meu próprio suor. Isso é dignidade, é prosperidade, é saúde, é honra pro homem. E o homem tem que ser isso. Então é assim a vida! Hoje, to debaixo duma carroça, to puxando uma carroça, talvez. Amanhã eu num sei. Amanhã possa ser que eu num to puxando debaixo duma carroça e possa ter certeza que minha vida possa ser uma vida sem depender disso aí, né? Mas por enquanto eu tenho que agradecer a Deus por essa imensa coragem, por essa imensa força. Hoje, pelo menos um cigarro pra fumar eu tenho, pode chegar em casa, no meu armário num falta nada. Tem arroz, tem feijão, tem açúcar, tem tudo. Tem leite pro meu garoto, tem roupa pra usar do jeito que queira. De terno até o que quiser. Agora, aqueles bobo que fica parado esperando que a vida vem neles. Não corre atrás não pra ver? É como eu falei pra vocês, a minha vida é uma vida “braba”. É uma vida lascada. Eu levanto todos os dias quatro horas da manhã!

Neste trabalho meu de hoje, que vocês tão acompanhando, isso aqui vai resumir mais ou menos uma média de, calculando mais ou menos, uma média de uns R\$8,00 ou R\$9,00. É, num dá muito não. Mas também se você vai trabalhar de servente você vai ganhar R\$10,00 o dia. É das sete horas as cinco horas. E eu costume trabalhar, que nem eu falo, das quatro da manhã, as duas da tarde e sempre tiro uns R\$18,00, R\$20,00. E de servente, aonde que eu vou ganhar isso aí? Aqui mesmo eu vim procurar aqui nesta escola e eles pagam R\$10,00. E quem num está acostumado a mexer com isso num deve por a mão não. Depois que chego em casa eu lavo a mão com álcool, lavo as unhas com acetona e tomo banho bem caprichado e passo perfume. E é por isso que vocês me vêm assim, com essa saúde. Mas se o cara tiver fraco, não faça, não é aconselhável.

A vida é muito sofrida. Num tem chuva, num tem sol. Você pode tá do jeito que tiver, você precisa sair, você precisa ganhar, num adianta! Muitas vezes eu passo nessa praça aqui cansado, carroça cheia. Hoje eu to andando um poquinho mais porque vocês tão aqui. Carroça quando vem aqui chega cheia já. Sento aqui, fumo um cigarro, descanso.

E sabe, já encontrei de tudo na reciclagem: relógio, rádio, máquina de foto, só que inutilizada, não serviu. Já achei fitas e cds musicais, é o que mais a gente encontra por aí. Tem muita coisa que serve, tem muita coisa que não. Já achei panela de pressão, já achei sacos amarrados com alimentação, várias coisas. Por aqui também passam aqueles carros, aqueles empresários e eles dão cesta básica pra gente. E tem os cara do caminhão da Prefeitura. Esses cara são rico! Sabe que eles tão fazendo agora? Em vez deles deixar reciclagem pra nós pegar pro nosso trabalho, não. Eles tão recolhendo pra Prefeitura. Agora eles viram vocês com máquina fotográfica na mão, e viram eu aqui e já conhece eu daqui mesmo. Vai fala: o cara não é fraco! É bom, assim não mete as cara comigo também! Todo mundo quer ganhar! Eles já tem os ganho deles fixo, eles trabalha pra Prefeitura. E nós? Se nós num fizer o que tá fazendo, vai ganhar o que? Então, esse é o nosso dia a dia, que nem nós falamos. Se nós num fizer isso, nada feito. Num vive. Vai tomar nome de pelegrino, vai tomar nome de povo de rua. Eu detesto isso! O que é de rua é isso aí, a sarjeta! Pessoa que num tem grau, que num tem fama, que num tem nome, que num procura ser ninguém. Então, isso aí são de rua. Esqueceu de viver. Mas a gente que vive nunca esquece. Meu nome, eu sou um cidadão. Eu me acho. Eu me acho um homem muito grande. Só que eu num me valorizo. A gente mesmo valoriza a gente, não adianta. Então pro cara chegar no grau que eu sou, na resistência que eu tenho, na possibilidade que eu sou, pra ser tratado povo de rua? Eu sinto vergonha disso aí. Sinto vergonha mesmo. Então eu num sou nada disso. Que nem, tem gente que pede dinheiro. Eu num preciso nada disso. É mais fácil eu ter pra dar do que pedir. Então, eu num me considero povo de rua. Não! Pelo contrário. Eu derrubo os cara que me chama de povo de rua. Carroceiro é até uma palavra muito simples e humilde. Porque eu acredito que o cara quando ele tem um nome, publicitário assim, carroceiro, ou talvez um limpador de rua, ou talvez uma pessoa que ele sobrevive, o cargo dele tem um nome, não importa qual é o nome, mas tem. Então ele num deixou de ser um cidadão brasileiro. Agora, o cara que parte pra cachaça, pra gandaia, não respeita você, não respeita aquela pessoa, não respeita eu, num respeita uma criancinha? Então, a gente tem que ter prioridade, ser uma pessoa classe!

E sabe porque eu me sinto feliz? Pela coragem e a capacidade e o talento que a gente tem. E a gente ainda se considera de pé. Vivo! Não um vivo-morto, vivo, experiente. Muitas vezes as pessoas

falam assim: a vida não presta. Não presta pra quem num dá valor a ela. A vida é boa. É aquela história: a vida só é dura pra quem é mole. Se a pessoa for mole, então a vida se torna dura.

Essa situação que nós tamos vendo nos nossos olhos. Essa pessoa, tão inteligente, tão boa, sabe de quem eu tô falando, né? * Diz que é um grande profissional. Isso é vida? Se quer viver na desgraça deixa o barco sozinho duma vez. Se o cara pegar convivência, uma companheira, a pessoa tem que ser responsável, mais do que por ele. Que nem eu: tenho duas responsabilidades. Se eu num correr atrás, como é que fica? Vou esperar que caia um pedacinho do céu pra mim? Isso é uma judiação!

* João comentou sobre uma pessoa que dormia na rua próximo ao seu espaço de separação de materiais recicláveis.

ANEXO E: ENTREVISTAS COM ANDERSON

Primeira entrevista. Local: café no bairro da Liberdade.

Meu dia é meio assim. De manhã eu acordo, como todo mundo, como todo ser humano, logo de manhã. Eu não gosto muito de tomar café. Já saio logo e muitas vezes eu vou na Internet, pra acessar, pra fazer a comunicação, pra saber como é que tá as coisas, como é que tá andando. Eu acesso no ACESSA São Paulo, que é do Estado, acesso nos Telecentro Prefeitura, que são os lugares que nos dão condições de graça, né? Porque computador, é caro! O ACESSA São Paulo te dá vinte minutos de acesso e os Telecentros da Prefeitura te dão uma hora de acesso, por dia. Então aí, eu acesso a Internet pra mandar os e-mails, pra saber como é que estão as coisas, pra saber se eu recebi alguma comunicação, mas tem vezes que num dá nem tempo disso. Tem vezes que eu saio vou pra reuniões logo cedo, né, vou ver como é que tá a rua, então, meu dia é ele é um pouco assim mais voltado a organicidade de rua, de movimentação, de movimento, do Fórum*, de como é que tá a população de rua. Eu penso muito nesse sentido, então meu dia é mais voltado pra isso. Um pára pra conversar comigo pra dizer as problemática, né, outro pára pra desabafar, e aí eu também vou discutir. E tem vezes que eu tiro o dia pra mim, vou pro parque do Ibirapuera escrever. Eu to escrevendo assim um pouco sobre a minha vida. Sobre o Anderson, quem é o Anderson, o que foi na época da infância, da adolescência e agora na época mais madura do adulto. E aí eu paro um pouco pra escrever sobre mim. Agora eu também fico um pouco preocupado com a Janafina que é minha companheira. Aí, o tempo todo, eu to ligado nela. Levo ela pro hospital, também meu dia fica muito assim ligado a ela: como é que ela está, o que que está acontecendo. Também eu não gosto de interferir no trabalho dela. Eu acho que nós temos que viver um pouco a liberdade. Eu não gosto de interferir no trabalho dela, na vida dela. Só assim quando ela pede, quando ela me chama pra conversar alguma coisa aí eu falo, quando eu vejo que tá acontecendo alguma coisa nela aí eu participo com ela, vejo o que que está acontecendo.

Mas o meu dia a dia é mais isso: ir a Internet, participar de reuniões, conferências, mandar e-mails, principalmente pra saber como é que está a população de rua. Saber o que está acontecendo nos locais, né, como é que tá a movimentação do povo da rua.

No sentido dos movimentos eu tenho assim, praticamente, mais de dez anos em situação de rua e a gente sabe que a grande problemática da população de rua é a organicidade, se organizar. Porque não tem um apoio, um respaldo, um dinheiro e aí tem que se movimentar. Então eu pensei muito assim: poxa, já como eu to mais, muito tempo nessa vida, nessa rua, porque não a gente começar a se preparar? Então hoje nós temos aí: o Fórum da População em Situação de Rua, um pouco balançando, porque também a população de rua ela se trata muito assim: quando ela começa ter o poder, ela se acha que já conquistou tudo e aí ela pára de lutar e aí ela começa a manipular o outro morador de rua, e ela não pode ser explorador, ela tem que ser quem ajuda, que aconselha e quem vai ajudar a organizar. Quando ela arruma uma casa, ela já não quer mais lutar, quando ela arruma um emprego ela já fala eu sou ex morador de rua. E não somos ex, nós somos ainda em situação, morador de rua. Porque nós só vamos sair da rua quando nós tivermos a casa própria, nós só vamos sair da rua quando nós tivermos um emprego fixo, saúde digna, qualitativa pra todos. Então o movimento é pra nos organizar a isso. Mesmo eu estando na moradia provisória** eu não saí definitivo da rua, mesmo eu trabalhando eu não saí. Então a minha conscientização, é conscientização de organicidade política e de organicidade de cidadão, não é verdade? Temos que ser e puxar um pouco como foi Che Guevara, como foi Martin Luther King, como foi até Martinho Lutero, porque não? Porque ele fez a Igreja se acordar. Ele dividiu aquela poderosa Igreja Católica na Igreja Protestante. Então, ele viu quanto a Igreja Católica estava dominada em cima dos pobres, poderosa em cima. Então ele falou: não, Deus não é isso. Então ele dividiu, fez a briga né, pras pessoas se acordarem e verem o que que tá se mexendo. Então é a mesma coisa nós. Nós temos que nos organizar, dividirmos e vermos. Então eu acho que pra criar hoje, eu faço parte da coordenação do movimento porque eu penso que mesmo saindo da rua, a gente precisa se organizar, pra que ninguém mais volte pra rua, pra que ninguém volte mais pra essa condição de rua, e de lutar pelos direitos, direitos de políticas públicas qualitativas. Não é um albergue, não é uma casinha de moradia provisória. Não! É casa própria, trabalhos dignos, porque todo ser humano paga impostos pra o governo. E o único privilégio que o governo dá, é a grande elite, que paga seus impostos e recebe os seus impostos de volta. E o pobre não recebe. E aí? Não é verdade? Nós deveríamos receber pelos impostos que nós pagamos também. Nós devíamos tá indo lá na União e falando: olha, eu comprei tantos litros de cachaça, tanto cigarro, tanto isso, eu quero ressarcimento. Porque só a elite tem ressarcimento? Porque o “Leão” ressarcir só a elite e o

* Fórum da população em situação de rua.

** Projeto “A Casa Acolhe a Rua”, vinculado à Organização de Auxílio Fraternal (OAF) e conveniado à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS)

pobre não? E aí fica sempre essa massa dominante que explora.

Então o movimento vem muito nessa organicidade de fazer a população de rua se acordar. Acordar pra visão de que os direitos dele ele tem. Ele tem aí uma lei que, mesmo que seja falha, mas é a lei dele, que ele tem que lutar pelos direitos dele e não de viver debaixo do viaduto, de viver em albergue, mas de ter dignidade. Então nós que vivemos, né, principalmente eu que vivi nessa vida de rua, hoje eu posso falar com clareza, porque eu não poderia tá falando da rua se eu não tivesse vivido a rua, né? A gente só pode falar daquilo que a gente vive. Não adianta eu ir falar de matemática se eu não entendo de matemática. Eu tenho que entender ponto a ponto da matemática pra poder falar. Então a rua, eu conheço a rua ponto a ponto, passo a passo da rua, não é verdade? Eu sei quem está na rua e quem não está na rua. Mesmo eu estando arrumado as pessoas param e conversam comigo: poxa eu te conheço, você é da rua, eu te vi na televisão, eu te vi em tal lugar, você é um guerreiro, você é um lutador. Eu falo: não! eu não. Nós somos. Porque eu não estou fazendo isso pelo Anderson, eu to fazendo isso por nós, não é verdade? Porque amanhã no futuro eu não quero ver meu filho na rua. Amanhã no futuro eu quero dignidade pra todos que estão na rua. Então não adianta falar do ex morador Anderson que simplesmente arrumou um emprego, arrumou uma casa e abandonou tudo. Ninguém sabe amanhã o Anderson não volta pra tudo isso de novo porque sempre cai nessas depressões, nessas dependências.

Então a gente cria o movimento é pra essa organicidade. É pra se organizar a população de rua, pra lutar pelos seus direitos e ir reivindicar políticas públicas qualitativas. Então, acho que é isso a criação de um movimento, de um Fórum. É que a população de rua, que muito foi excluída, população de rua não só, o pobre. Porque o pobre é excluído da política. Desde a época dos feudais o pobre não votava, né? A mulher não se votava, quem votava eram os coronéis, eram os feudais. Então a gente já via quanto a exclusão já se começou no nosso mundo, e no nosso país. E hoje em dia mesmo o pobre votando, ele não tem valor, porque ainda continua de quinhentos anos atrás, a exploração em cima do pobre. Eu voto porque eu sou obrigado, mas e as políticas, vai pra quem? Vai pra alta elite, vai pra alta sociedade, vai pra quem tem dinheiro, né? O juro têm que abaixar porque o cara tá investindo lá fora, ou aqui dentro? Não! Temos que abaixar o juro pela população carente também. Que precisa comprar um quilo de açúcar, que precisa pagar suas coisas, que precisa ter a sua casa própria. Então o movimento é pra isso. É pra organizar essa população a lutar pelos seus direitos. A exigir políticas públicas qualitativas. Porque vota, então ele tem todo direito de cobrar.

Meu caminho nos movimentos sociais foi muito, muito complicado, sabe. Eu sempre tive uma barreira de um preconceito muito grande das pessoas, de você saber falar. E aí diziam: ah, você é político, cai fora! E aí me excluía. E aí eu comecei a quebrar essa barreira. Comecei a dar uma de analfabeto, comecei a dar uma de “João sem braço”, não é verdade? E aí: ah, vem aqui, vamos participar! Porque, eu sou órfão de pai e mãe, eu fui criado em orfanato, então eu já via o que era a necessidade, né, da exclusão. E aí, a primeira coisa que eu fui participar foi do MST. E quando eu começava a falar, a própria coordenação do MST falava: não, esse cara não pode ser da rua! Esse cara fala super bem! E aí eu ia fazer panfletagem, eu ia fazer liderança, eu ia fazer as coisas, então eu fui aprendendo a fazer isso. A escola que eu tive foi até a sétima série, não tive o primeiro grau completo, não tenho o segundo grau. E aí eu fui aprendendo, vendo como é que se falava, como é que se organizava e participando. Minha participação no MST foi aqui em São Paulo, no bairro do Brás, foi quando o MST começou a se trabalhar com a população de rua. Foi em 1995, quando começou a se abrir pra trabalhar com a população de rua, né? Em 1995 foi que se começou tudo isso. E eu me perguntei muito: poxa meu Deus, o que que acontece? E a gente ia fazer atos, mutirões, ocupações, e aí eu comecei a vivenciar. E aí criamos o MTST e eu sou um dos organizadores por isso. O MTST chama Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, né? E aí a gente começou a criar o MTST pensando na população da rua da área urbana. Porque o MST é da rural. E aí nós começamos a nos organizar, criar regras, e que, de vez do cara sair da sua cidade, do seu município, do seu estado, pra ter que ir pra outro lugar e se adaptar, porque não criar a reforma urbana? Mas eles ficaram com muito medo de mim, pensaram que eu era da polícia federal! Pelo medo, porque você vê muitas pessoas do MST analfabetas e os líderes ainda não tinham uma formação, né? Entrava aí: vamo lá, pegar o machado, pegar isso e pro MST, quando você tem formação, gera um pouco de medo. Hoje já não, né? Hoje já você precisa ter formação, porque se você não tem formação, você não encara a luta, não é verdade? Então eles querem pessoas com formação pra ajudar a organizar, pra montar, e tal. Mas na época minha não! Eles queriam cara bruto! Que ia lá pegava o machado, ia pra frente dava tiro, e brigava, pra ocupar a terra, né? Então hoje você precisa de uma liderança que saiba discutir, que saiba organizar. Então eu comecei aprendendo, né? O que era organicidade, o que era organização, e também pelo trecho. Fui andando um pouco por Minas, Rio de Janeiro, e conhecendo um pouco a população de rua, em outros estados, vivenciando, fazendo lideranças, conversando, participando da Pastoral, participando de encontros, indo, vendo a organicidade. Eu comecei no movimento dos catadores, quando eu era catador de material reciclável. Então eu via como é que se fazia pra organizar os catadores, pra ter capacitação, né, e como era a capacitação, que se organizava um almoço, a reunião, a discussão. Aí eu fui

aprendendo como é que se falava, que eu era também um pouco bruto, gritando. E aí eu fui vendo também essa organicidade dos catadores. Como se organizavam pra ter os seus direitos, pra montar movimento. E aí eu fui aprendendo. O movimento dos catadores foi assim o primeiro movimento organizado, né, que eu participei. E as reuniões eram sempre na Luz, na Casa de Oração, ou era em Pinheiros, na Coopamare. E a gente sempre ia participar, ia por exemplo nos encontros a níveis nacionais. Teve encontros em Belo Horizonte, então você ia participar dessa organicidade.

E depois eu fui participando da Casa de Oração. A Casa de Oração já existia um pouco o processo, mas só que a gente fazia as reuniões debaixo do viaduto, a gente se encontrava no centro comunitário**, ou em outros locais. Mas surgiu a segunda Casa de Oração, na Luz, em junho de 97. Mas essa época também eu fui fazer um curso em Águas de São Pedro, como cozinheiro. Então eu já começava a dar entrevistas nas televisões, nos jornais, falando um pouco do catador, quem era eu, que que era o morador de rua. Sempre me proporcionavam isso, de dar essas entrevistas também.

E essa organização com os catadores começou sempre com a OAF. A OAF é que começou a organizar a população de rua pra coleta de material reciclável, fazendo missões na rua. Surgiu a primeira Casa De Oração, deles com a população de rua, por causa da operação inverno. Então, sempre, sempre a OAF que é a pioneira, que é a primeira, nesse trabalho com a população da rua. Cinquenta anos já desse trabalho com a população de rua.

E o Fórum da população começou em 1992, com as organizações e poderes públicos, que trabalhavam com a população de rua, assistente social, e criaram o Fórum das Organizações que trabalham com a população de rua. E esse Fórum das Organizações foi pensado a organicidade das organizações, na época da Prefeita Luiza Erundina, pra se organizarem, pra ver as problemáticas da população de rua que tava acontecendo. E dali foi surgindo debates e discussão, com a própria população de rua, do que queríamos, quem éramos, quem somos e qual era a problemática. Mas este Fórum era mais das organizações, dos poderes públicos que sentavam pra discutir sobre a população, sobre nós da população de rua. E aí foi nessa época que a OAF pediu que uma das organizações começasse a coordenar o Fórum com a população de rua e a chamar nós a participarmos deste Fórum. E aí em 2000 a gente começou a fazer o Fórum da População de Rua. Foi em 2000 pra 2001. O Fórum das Organizações já acontece desde 1992, mais de doze, treze anos este Fórum acontece, e o da população de rua temos quatro anos. Então o Fórum da População de Rua ele era organizado por uma ONG, pela OAF, pelas organizações, aonde nós da população de rua íamos discutir a problemática. Tinham várias organizações que participavam: a São Martinho de Lima, que é o Bom Parto, os metodistas, tinha os espíritas. Então, sempre participando, e várias outras organizações que iam e participavam com a discussão da população de rua. E aí foi se construindo já centros comunitários, albergues, a Erundina que era Prefeita, já se começou a dar a vazão a população de rua, a respeitar, construindo mais albergues, respeitando a construção de centros comunitários onde a população de rua ia, tomava banho. Então aí se começou a construir o Fórum das Organizações que trabalham com a população de rua.

Quando nós fomos para uma marcha à Brasília, junto com os catadores, lutar pelos direitos da população de rua e se viu a problemática de tá criando esse Fórum, onde a própria população de rua possa tá discutindo os seus problemas, as suas problemáticas. Mas era organizado por uma ONG, por uma não, pelas outras, pelo Fórum das Organizações. A Rosana que tava à frente disso, mas nós da população não tínhamos uma liderança e uma noção de liderança. Então as ONGs é que nos preparavam as cartas, diziam o que iríamos dizer, o que queríamos, então nós não sabíamos o que a população de rua queria e aí vinha muito das ONGs. Mas em 2000, e a partir de Brasília, nós da população de rua começamos a nos organizar. Eu fiquei três anos fora, fui pra Salvador, um pouco pra fora de São Paulo buscar um pouco a organicidade. Quando eu retornei em 2004, ainda estava na mão das organizações, mas gente decidiu que o Fórum da População de Rua seria organizado pela população de rua. Na época tinha uma equipe, um grupo que estávamos participando. Quando nós vimos que é importante a gente ter assessoria das organizações, mas não é importante as organizações assumirem o Fórum que respalda a população de rua, que fala da população de rua. As organizações têm que falar as problemáticas das organizações e a população de rua tem que falar da problemática dela e respaldar a população de rua nas horas necessárias. Então, não querendo tirar as organizações, mas nós queríamos assumir o nosso papel, nosso papel de coordenação, o nosso papel de liderança dentro do Fórum que se falava na Casa de Oração do Povo da Rua.

Então, a partir de 2004, começamos a pedir que as organizações nos assessorassem lá atrás e que nós assumíssemos o Fórum. Então, eu comecei como coordenador geral do Fórum, nessa organicidade de assumir mesmo o Fórum. Então, eu dei a primeira martelada. Vamos, a partir de hoje, vamos assumir. E em 2005 nós assumimos junto com as organizações, com os parceiros, o Dia de Luta do Povo da Rua. Porque a população de rua nunca assinava a carta à sociedade, nunca nós tínhamos acesso. Então era sempre as organizações, sempre outras organicidades que assinavam. Então o povo da rua não tinha esse papel organizado. E a população de rua ela é tachada que nunca iria se organizar. E a partir de 2004 nós

começamos a demonstrar que nós temos organizações pra começar a organizar o Fórum. E a criar o Fórum da nossa cara, da nossa maneira. E a primeira conquista nossa foi de 2004 pra 2005, conseguimos um apoio, não do Fórum das organizações, mas com o apoio de um outro Fórum que chama Fórum de Debates, fazer o Natal Solidário.

O Fórum de Debates é muito, não vou paparicar muito, mas é um Fórum assim que acredita na organicidade da população de rua, e que prepara debates pra população de rua criar autonomias. São debates que a gente vai discutir e ver a problemática e aonde a gente inclui, entra, discute. E aí, nós do Fórum da população de rua, pedimos o apoio do Fórum de Debates porque nós estávamos assim: as organizações estavam com medo de nos apoiar. Participariam no dia, mas não nos apoiariam. E o Fórum de Debates nos apoiou! Junto a Rede Rua, o Jornal O Trecheiro, a OCAS, o Fórum de Debates, nós fizemos o primeiro Natal solidário do povo da rua na Praça da Sé. Isso foi uma coisa do Fórum da população de rua que se fez. O próprio povo da rua organizando o Natal solidário! E aí no Natal Solidário não tinha comida, porque o povo da rua não quer mais ser tratado como porco. É uma grande diferença você chegar, convidar, a gente senta, come e sermos amigos. Mas você chegar lá e dar um prato de comida por dar? Não é essa a questão do Natal Solidário. O Natal Solidário é onde o povo da rua vai cantar, vai ler poemas, vai mostrar o seu artesanato, vai discutir a problemática, vai fazer mesa de debates e vai trazer a cultura no Natal. Então esse foi o nosso Natal Solidário, nós pensamos um Natal sem panetone. A gente acha que tem que ter comida, mas uma comida partilhada, que todos possam se sentar na mesa, comer junto, bater um papo. Não uma comida de dar por caridade, não podemos mais tratar o povo da rua como coitadinhos, temos que tratar com respeito e dignidade. Então aí o Fórum (da população), junto com o apoio do Fórum de Debates, com a Rede Rua, com a OCAS, conseguimos criar esse Natal Solidário, e foi uma grande conquista de 2004.

E em 2005, já com a autonomia completa, a primeira coisa que o Fórum da população de rua fez foi eleger os delegados para compor a chapa pra representar a população. Então conseguimos eleger os delegados nos equipamentos, mandamos ofícios pras entidades, organizamos. Isso foi feito pelo Fórum: a gente dando palestras, indo explicar, falando qual é a problemática, que o povo da rua também tem uma conquista. Em 1997 foi feita a lei 12.316/97, que é a lei que fala da população de rua, dos direitos do povo da rua. Nós passamos também por grande problemática. A gente via quanta problemática, e as organizações, a gente se reunia com as organizações, nessa época, pra ir também lutar, pra que essa lei da ex-vereadora Aldaíza Sposati fosse aprovada e fosse passada pra que a população de rua tenha os seus direitos. Direitos a trabalho, a moradia respeitados. Mas só que nós tivemos um grande impasse tanto do Prefeito Paulo Maluf, quanto o Prefeito Celso Pitta, que engavetaram a lei e não aprovaram. Aí Celso Pitta moveu uma ação contra a lei, que a lei era inconstitucional e ele não aprovou. Aí conseguimos ganhar na justiça que a lei fosse aprovada. E aí ele desengavetou a lei, e aí foi lá a lei. Mas só que ele não decretou a lei! E aí 2000 pra 2001 a Prefeita Marta decretou a lei no decreto 40232 e que aí a lei foi decretada. Ela entrou no decreto da cidade como lei da população de rua que diz os direitos da população de rua. E a gente usa muito essa lei. Então, nesse sentido, é que o movimento, o Fórum, que a gente se respalda. E aí em 2005 com esses delegados, com essa lei que nós temos em mão, a lei 12.316/97, conseguimos os delegados, eleger pro Conselho de Monitoramento. Já existia o Conselho de Monitoramento, mas era feito nos segmentos. Os conselheiros eram eleitos nos segmentos da prefeitura, nas subprefeituras. Ele não era eleito nos nossos segmentos como a gente queria. Eram representantes da população de rua mas só que era “pau mandado” do poder público. O poder público é que fazia a cabeça: a gente quer aquele, aquele e aquele! Seria usado pelo poder público. Mas aí foram eleito os delegados, os conselheiros do Conselho de Monitoramento que monitora as políticas públicas na secretaria, pra população de rua. Mas nessa época a gente ficou muito pensativo porque os conselheiros não estavam atuantes, os conselheiros não estavam nos ajudando. E aí esse ano nós conseguimos organizar os delegados e fazer umas eleições feita com a organicidade do Fórum. Toda do Fórum. A gente teve os apoios técnicos, mais uma vez o Fórum de Debates nos apoiou, mais uma vez a AMRMC nos apoiou, mais uma vez a Casa de Oração nos apoiou. E aí a gente tivemos pela primeira vez a população de rua, a coordenação do Fórum da população de rua, fazendo uma organização que criasse, próprio, dentro da Casa de Oração, elege-se o Conselho de Monitoramento, por eles mesmos. Então foi eleito pela primeira vez, pelos próprios delegados. Eleição de delegados para delegados, o Conselho de Monitoramento, onde foi uma grande conquista da população de rua, de mostrar a sua organicidade.

Hoje os conselheiros estão aí. A gente vai tá cobrando dos conselheiros porque eles foram eleitos pelo Fórum, por mais de duzentas pessoas dentro da Casa de Oração. Essa questão do Conselho de Monitoramento, porque eles são pra monitorar as políticas públicas, e não pra ficar sentado dentro de uma secretaria tomando cafezinho com o secretário ou quem quer que seja. Então os conselheiros que a gente elegeu estão ali pra cobrar do poder público, pra cobrar das organizações, pra cobrar até da população de rua e monitorar o que estiver certo, o que estiver errado e dar respaldo a essa população, até às organizações.

Nós temos hoje três conselheiros e mais três suplentes. Então nós temos seis conselheiros atuando. Todos eles participaram não tanto do Fórum, mas das organizações. Nós temos três do Fórum da População de Rua: a Merabe, o Álvaro e o Ramos, os outros agora que estão entrando e participando, os suplentes tão entrando e participando do Fórum. Porque o Fórum ele tem que respaldar é o povo e não é os conselheiros. Os conselheiros que não respaldar o povo, ele tem que cair fora. Porque ele tá ali é pelo povo da rua e não por ganhar fama e nem ser o melhor de todos. E a gente tem muito isso no Fórum.

Eu agora não estou mais na coordenação do Fórum. A gente teve uma grande problemática de poder, né, no Fórum. A população de rua quando começa a ver que tem poder, quando começa a criar cargos: ah, é presidência, e movimento, e tal! Ela acha que ela é dona. E eu não saí da coordenação, eu tirei um tempo. Um tempo pra reflexão, um tempo porque a gente também não pode querer ser o dono de tudo. Então quando a gente vê que tá atrapalhando, a gente tem que sair. Então eu fiquei agora uns três, quatro meses fora do Fórum, da organização do Fórum, né, pra refletir. Ainda eu to fora porque eu to na organização do movimento nacional de defesa dos direitos da população de rua. E não deixei o Fórum, porque o Fórum não é a nível nacional. O Fórum é a nível municipal e estadual, de cada Estado ou Município. Então o fórum ele não é para discutir as políticas públicas a nível nacional, quem vai discutir as políticas a nível nacional é o movimento. O fórum ele tá participando das políticas a nível municipal, o que está acontecendo na cidade: de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro. Cada Estado, ou cada cidade ele vai ter que ter seu Fórum, um fórum de discussões da população de rua, e daí eles vão tirar deliberações. O Fórum tira deliberações pra encaminhar nas secretarias, pra ir encaminhando ao Conselho de Monitoramento, ir encaminhando a Secretaria da Saúde, Educação, o que a população de rua quer. E é por isso que é criado o Fórum: pra deliberar as propostas do povo da rua. Não as propostas de fulano A, ou fulano B, mas da população em geral. O que o povo da rua necessita? O que o povo da rua quer? O que é política pública pra população de rua? É isso que o fórum está aí pra discutir também com a população de rua. Será que nós queremos que crie mais albergues? Ou será que nós queremos casas próprias? Então o povo da rua vai dizer o que quer. Se quer frente de trabalho? Ou se quer trabalho digno registrado? Se quer asilos ou se quer casas, repúblicas terapêuticas? Onde tem um acompanhamento melhor. A gente sabe também da problemática da população de rua quanto ao terapêutico, quantos problemas psicológicos, emocionais, psíquicos, psiquiátricos. Quantas pessoas na rua tem sua perturbação? Será que mandando pra um asilo resolve a problemática? Ou será que trabalhando ele numa terapia e numa república terapêutica? Então o Fórum e o movimento é pra organicidade disso. É pra pensar também no bem estar da população de rua. O bem estar do companheiro que tá ali passando as suas dificuldades. Então quem entra na liderança dessa coordenação não é pra pensar em si. Quanto o Anderson ganha? O Anderson não ganha nada! Quanto o Tião vai ganhar? Nada! Está pra pensar no geral. Não é no bem estar, quem vai oferecer trabalho pro Anderson, não. É na questão do futuro, de quem vai no futuro se prevalecer. Porque o Anderson não vai ganhar nada no futuro. Quem sabe o Anderson nem esteja mais? Mas é quem vai vir no futuro, nossos filhos, nossos amigos, que vão tá vindo no futuro e colhendo esses frutos gostosos, frutos bons plantados lá trás. Eu acho que o movimento é isso. É não pensar em si, mas é pensar em quem vai vim. Quem vai vim colher coisas boas, né? Lutar pra que quem caiu na rua hoje não caia amanhã. E quem amanhã vier, uma criança, tudo, não caia na rua. Que tenha propostas boas pra não deixar a pessoa cair na rua. Essa é a criação do Fórum, do movimento.

Então, esse momento que a população assumiu o Fórum, foi muito importante. Pras pessoas, primeiramente, é muito difícil acreditar que quem tá na rua se organiza, pela grande problemática de que se passa: de não ter uma casa, de não ter um trabalho, de não ter uma saúde digna e uma educação. Mas a gente começou pensando: poxa, será que porque eu to na rua eu tenho que passar por tudo isso de novo? E a gente sabe que hoje as organizações elas tem o livre arbítrio de se organizar, de criar o seu Fórum de sua maneira. Mas só que a população de rua, muitas vezes, dizem que ela é manipulada pelas organizações. Isso o poder público fala, isso muita gente fala: ah, tá na hora de vocês pararem de ser manipulados. Então a gente começou a ver o discurso do poder público que viria. E começamos a sentir também que as organizações, na gestão passada, da prefeita Marta, ela teve muito mais força do que a população de rua. Ela teve muito mais pras organizações do que pra população de rua. Então se pensou mais nas organizações do que no povo da rua. Então dinheiro ele entra, mas o dinheiro sai pra onde? Tudo bem que o dinheiro, que a verba que vem é pouca. Mas será que não é organizando projetos sociais, o trabalho. Então a gente pensou muito, muito, muito isso, o povo da rua, e vimos um pouco a manipulação que vinha, não de todas as organizações. A gente sabe que tem organizações que trabalham bem e tem organizações que trabalham mau, que pensam em dinheiro, mesmo que seja pouco dinheiro, mas que pensam em mau tratar a população de rua. E nós temos organizações competentes que ajudam a população a tá saindo mesmo da rua. Mas nós temos organizações que querem explorar a população de rua, explorar mesmo o pobre. E aí essa coordenação, um grupo, na época eram quinze pessoas, que se criou a liderança. Líder você não faz do dia pra noite, líder vai nascendo, vai convivendo, vai criando. Aquele líder que se fala que nasceu de um dia pra noite ele não é líder, porque o líder ele vai vivendo com

as problemáticas da situação, com as problemáticas da vida, ele vai guardando não como mágoa, mas como experiência pra não fazer isso com as outras pessoas no futuro. E a gente foi vendo quem era a liderança da população de rua, quem buscava um pouco esse papel com a população de rua. Nós não queríamos fazer uma coordenação de quem não entendesse nada. Então as pessoas foram se auto convidando pra se fazer parte da coordenação. Antes as organizações elegiam: quem vai participar da organização é fulano, beltrano, ciclano. Mas aí a gente falou: não! Não pode! Eu tenho que me convidar. Eu tenho que achar que eu sou aquela pessoa. Então nós fomos fazendo a coordenação da população de rua assim. Em assembleias, sempre modificando: olha precisa de tantas pessoas pra fazer parte da coordenação, quem quer? Mas tem que ter o tempo disponível, não o tempo todo, mas um tempo disponível. Não é verdade? Porque vocês vão tá lutando pelos direitos de vidas das outras pessoas. Então você precisa tá disponível para participar das assembleias, disponível pra fazer as reuniões, disponível! Então as pessoas foram se sentindo úteis e necessitadas de estar ali. De estar clamando, gritando pelos direitos. E a gente foi vendo quem dessa turma fazia liderança, aí foi convidando e eles próprios foram auto levantando, falando: eu quero participar! E fomos marcando as reuniões, então quem não viesse nas reuniões é porque não fazia parte da liderança, que não estava preparado pra assumir a coordenação do Fórum. E quem vinha em todas as reuniões estavam preparados pra assumir a coordenação do Fórum. Não é de um dia pra noite que você faz falar: então você é o coordenador do Fórum da População de Rua. Você faz parte da coordenação, você é isso, aquilo. Porque aí o cara cria toda a “pomposada” e aí fala: ah, eu sou melhor do que fulano! E não é. É ele sentir a “labatuta” do dia a dia, o quanto é difícil o dia a dia de tá lutando pelos direitos da população em situação de rua. E aí a gente foi vendo. Aí foi entrando o Paulo, a Merabe, o Sebastião, o Anderson, o Antônio, o Nelson, o Álvaro, o Ramos, o Edson, o Carlos, o Carlos Henrique, o Luis Maria. E foi entrando essas pessoas que já participaram do MST, que já participaram de outros movimentos, que já tem uma luta. E foram entrando, foram vendo e começaram a participar da organização. Uns saíram, outros foram ficando e lutando mais, resistindo, outros pela problemática, uns arrumando emprego, trabalhando, saindo. Mas a gente vai vendo também aquelas pessoas que querem usar o Fórum pra isso, e aquelas que querem trabalhar no Fórum pra melhoria da população de rua. Então uma parte ficou, outra parte saiu, uma volta, outra sae. Mas aí o Fórum foi dando a sua continuidade. A população de rua, a partir do momento, ela foi criando a autonomia das organizações, cortando o cordão umbilical, o cordão da paternidade, do paternalismo e assumindo o seu tipo, do que quer a população de rua. Ela quer políticas públicas qualitativas e não assistencialismo, clientelismo, então vamos lá. Primeira coisa, o que que nós vamos fazer: cortar o cordão umbilical que nos prende às organizações, não expulsando e não “desrespeitando” as organizações, mas cortando o cordão do paternalismo, cortando um pouco o cordão de que nos assegura aquilo ali.

Esse primeiro grupo começou a se juntar assim: a gente marcava as reuniões uma vez na semana toda sexta feira na Casa de Oração que é do povo da rua, na Luz. E a gente marcava sempre nos horários aonde a Casa não estava disponível pra ninguém, que era os últimos horários. E aí a gente marcava antes, e pegava esses últimos horários da Casa de Oração, porque nós não podíamos fazer reunião de tarde, eles não liberavam. A gente só tinha que fazer reunião depois das cinco, seis horas, que era o único horário disponível pra nós. E a gente marcava essas reuniões lá pra preparar as organicidades da população. Então a gente sentava e sempre era um grupo que a gente se articulava. Não tínhamos café, não tínhamos nem uma bolachinha, não tínhamos nada. Ficava mais ou menos uma hora, duas horas em reunião, discutindo o que estava acontecendo, o que iríamos deliberar, o que íamos fazer. Então era esse grupo que a gente começou a organizar uma vez por semana. Uma vez por semana não, quinzenalmente, a reunião. Uma vez por semana é agora que tem. Mas era quinzenalmente, toda quinzena era uma reunião. Então era isso. Então a gente sentava, puxava todas as pautas que nós tínhamos, que o grupo tinha pra trazer: problema no albergue tal, problema na comunidade tal, problema na rua, polícia bateu em fulano, beltrano foi queimado. E a gente trazia todas as problemáticas que acontecia pra discutir como é a ação do Fórum, da próxima assembleia do Fórum e o que a coordenação, o que a equipe iria fazer. Como iria trabalhar, quem iria organizar no dia do Fórum, e tal. Então era esse grupo que foi criando essa massa pra se formalizar isso.

Eu falei da minha relação com algumas organizações, uma delas é a OAF. Eu chego na OAF em 1996, 1995, na verdade não na OAF, eu chego na Comunidade do Povo da Rua. Nessa época estava num albergue e do albergue fui trabalhar num parque de diversões onde tinha uma exploração muito grande com a população de rua, e aí eu saí desse parque de diversão fugido. O albergue era aqui o Lígia Jardim, que fica do lado da avenida vinte e três de maio. Eu saí do Lígia fui pra trabalhar neste parque, saí desse parque fugido porque a população de rua era ameaçada de morte. Estava eu e um cearense chamado Cícero, que era uma grande amizade da rua também. E era exploração de ter que fugir. Eles exploravam o morador da rua, porque, como estava em situação de rua, o parque pagava uma condição muito horrível. E aí você tinha que tá trabalhando doze, treze horas por dia dentro de um parque de diversão. Porque não era registrado, não pagava nada pra você, era R\$ 5,00 o dia e “zefiniu”. Mais nada! R\$ 5,00 por dia!

Imagina, R\$100,00 por mês, imagine a exploração. Você fazia tudo dentro do parque, desde serviços gerais, até construção de brinquedos, você levava choques muito grandes, e aí eu e esse cearense fugimos desse parque, viemos pra área central, ficamos andando. Quando era umas nove ou dez horas da manhã, eu estava passando na São Bento e recebi um panfleto dizendo: venha participar da Páscoa do Povo da Rua, debaixo do viaduto do Glicério onde você vai gostar, onde vai ter muita música, muita dança e comida. Aí eu falei: que ótimo, nunca vi isso na minha vida, eu vou. Era Páscoa, né? Em 95, época da Páscoa, e aí eu peguei eu fui, era no sábado a vigília. Venha participar da grande vigília, vigília Pascal do povo da rua. Aí eu cheguei logo lá, eu tava catando latinha nesse dia. No sábado eu tinha separado do Ceará, né, do Cícero, um grande amigo que a gente fez. Eu chamava ele de tio, na rua. Eu era um pouco de menor ainda nessa época, acho que eu tava com dezoito anos, já estava saindo pra maioridade. Eu tava com dezoito pra dezenove anos. Hoje eu to com quase trinta! Então, eu tava catando latinha no sábado, aí eu falei: ah, eu vou!. Eu nunca participei disso, dormindo na rua, falei: vamos Ceará? Ele falou: não, vou não. Vá sozinho que eu vou ficar por aqui mesmo, eu vou dormir, to muito cansado. Eu falei: tá bom. E eu peguei e fui. Aí quando eu fui lá participei, vi um padre pequenininho. Vi o Júlio Lancelotti, tava a Regina, a Ivete. Tava tendo muita música, ciranda, roda, encenação da Páscoa, Cristo ressuscitado, logo de manhã se dava o pão. Aí eu comecei a conhecer a OAF, as coisas assim. A freira, a Ivete catando, eles davam pão com mortadela, a turma pegava o pão, jogava no chão, e comia a mortadela. E ela coletando o pão no chão e eu comecei a ajudar. Aí a gente começou a conversar: você é da onde? Eu sou daqui, e tal. E, papo vai e papo vem, ela foi me convidando pra ir participar da comunidade povo da rua, certo. Comunidade dos Sofredores da Rua, ali no Glicério na Rua dos Estudantes. E de quarta-feira tinha uma sopa que era feita pra quase quinhentas, seiscentas pessoas debaixo do viaduto do Glicério, e aí eu também participava dessa sopa. Eu disse pra ela que gostava da cozinha, que já trabalhei com cozinha, era cozinheiro. E aí ela começou a me convidar pra ir trabalhar. Pra ir trabalhar, não: pra ir viver a sopa, conviver. Trabalhar, não, porque você fala trabalhar aí você vai ganhar, é registrado. Mas de viver a sopa, de ir participar. E aí eu comecei a participar na sopa, a participar no centro comunitário, fazendo parte do grupo de canto, do canto da rua, já participando. E aí desse tempo, né, veio surgindo depois de 97 a Casa de Oração, onde comecei também. Já participava do centro comunitário, Casa de Oração, a Pastoral, que foi feito tudo nesse mesmo englobamento, que foi feito pela OAF, pela Pastoral, pelo padre Júlio Lancelotti, e que praticamente inclui um patamar só, que é tudo por elas. E aí eu participava de tudo que tinha a ver, no sentido a OAF. Comecei a participar dos catadores, comecei a ser catador de material na Coopamare, aí comecei a participar da Pastoral. Da Pastoral a gente não tinha muito acesso que era só o técnico. A gente participava não assim da Pastoral, mas da Casa de Oração, do grupo. Começava-se a fazer a Escola do serviço do senhor. A escola do serviço do senhor, que pra servir, né. Escola: de voltar sempre ao estudo. Serviço: que é servir quem vem. Do senhor: que dizem que é Deus. Aí eu comecei a participar.

Eu não era católico, assim. Eu tinha uma aproximação. Porque no orfanato onde eu morava, eu não tinha religiosidade. Eu fui batizado em 97 ou 98 na Casa de Oração. Eu fui batizado praticamente lá. Então eu fui batizado, crismado, tudo lá dentro. Mas foi uma opção, assim, não do catolicismo, mas de uma coisa de seguir, de ser batizado, porque diz que quem não era batizado era pagão e ia pro inferno. Então num tem aquela história, aí eu falei: ah, eu vou batizar, né? Uma coisa por outra! Mas o que vale não é o batismo, é o coração, as pessoas, é o envolvimento. E aí eu comecei a participar, mas só que aí me veio uma grande dificuldade: a boca! Minha boca, ela é muito felina, ela é muito feroz, ela é muito felina assim, no sentido do que ela vê de errado, ela começa a criticar. E aí eu começava a meter a boca em todo mundo, a falar, e aí veio a expulsão. Expulsão da Casa de Oração, expulsão da comunidade, expulsão dos lugares aonde eu estava. Então eu já começava a ficar revoltado com isso. Aí de tempos em tempos eu fugia do Centro Comunitário, fugia da OAF, fugia de todo mundo, tem isso. Hoje eu tô um pouco mais firme, mais voltado, mas eu ainda guardo alguma coisa dentro de mim.

Hoje a Pastoral acho que está melhor. Antes era só técnicos. Os técnicos das organizações que participavam da Pastoral. As freiras, Rosana, nós da população não. Hoje não. Hoje a Pastoral somos nós da população de rua que estamos mais participando. Então, nós que opinamos, nós que vamos receber prêmio, nós que vamos lá discutir, nós vamos pros encontros, nós que estamos nos atos. Então quando a Pastoral fala, nós falamos pela Pastoral da população de rua. Antigamente nós não podíamos nem falar o nome da Pastoral. A pastoral era mais religiosa, era mais a igreja que falava. Era mais as freiras, os padres, o Júlio Lancelotti, era mais as oblatas, a Regina a Ivete. Todos eles é que falavam pela Pastoral, então nós não tínhamos respaldo de falar pela Pastoral. Quem era a Pastoral do povo da rua? Hoje já não: a gente pode respaldar e falar pela Pastoral. Que é a Pastoral, como nós assumimos, o que é a missão do povo da rua, que é a Escola do Serviço do Senhor. A gente num tempo não podia falar isso. Tinha uma grande diferença: vocês é lá embaixo e nós lá em cima. Hoje já não, tem que se igualar. Porque nós da população de rua fizemos isso, ou vocês se igualam a nós ou vocês parem de trabalhar com a população de rua, de falar da população de rua, se vocês não entendem a população da rua. Aí foi vivendo isso. Complicado!

Eu tenho também uma inserção na Pastoral que é ser missionário. Fazer missão. Ser missionário de quem mais precisa como eu precisei. Não é verdade? A gente fala muitas vezes: ah, eu sou católico, eu sou. Não, não precisa ser católico para ser missionário. Muitas vezes quem não é católico é missionário, porque ajuda mais os pobres do que os próprios missionários. Então se ver hoje na questão da rua, de ser missionário do próprio povo da rua. De você servir, o que já foi servido pra você. Então de você servir aquele próximo que necessita. E é essa nossa missão. De quem hoje tá saindo um pouco da rua, que tá vivenciando um pouco o outro lado. É ser missionário daquele que mais necessita da ajuda, não como coitadinho, mas como pessoas igual a nós, que nós passamos pela mesma situação daquelas que estão lá. E como nós podemos ajudar aquelas que estão lá e discutir a problemática junto: cara, porque tá na rua? Você tem condições, você pode sair, você pode fazer as coisas. Então é esse o nosso papel.

E como missionário a gente tem a Escola do Serviço do Senhor. A escola, é uma escola, né? Serviço, de servir e do Senhor: não só Deus, os pobres também. Não só Deus, mas servir aos pobres, de estar a serviço do pobre, de quem precisa. Porque Deus não é o todo poderoso, é um pobre. Ele veio como pobre, ele é o pobre. E de a gente servir o pobre. De acabar com essa exclusão. Então Escola do Serviço do Senhor é onde a gente estuda, muitas vezes, passagens da bíblia, do contexto da bíblia que nos fazem refletir o conceito de comunidade. Como se fazer comunidade? Como atuar na comunidade? Uma comunidade que não seja a comunidade que explore, aquela comunidade que só olhe pro bem material e que não olha pelo pobre. Então a nossa comunidade é nós próprios da rua fazermos comunidade. Como é que nós vamos fazer comunidade? Através da Escola do Serviço do Senhor, através de estudos, através disso. E a gente tem um encontro na Casa de Oração toda sexta-feira, onde a gente passa das nove às onze horas estudando a Escola do Serviço do Senhor, como fazer comunidade, como sair à rua, como abordar o próprio morador de rua, como vai até ele pra convidar, pra falar. Quem que organiza é Pastoral. Pessoas voluntárias, a Pastoral, a Casa de Oração. As pessoas da rua própria que também querem participar, ela não chega lá: eu quero participar! Ela precisa estar na Casa de Oração, ela precisa tá participando, indo, né, porque não adianta nada o cara vim de lá e participar da Escola do Serviço do Senhor, ele precisa saber o que é ser missionário na Escola do Serviço do Senhor: é estar domingo, é abrir a Casa, é fazer o café, é limpar o banheiro, é limpar as mesas, é estar ali voluntariamente se servindo e sendo servido pras outras pessoas. E é aberto não só pra população de rua, é pra quem quiser. É um trabalho missionário para qualquer um que se sentir bem. Porque o cara pensa que ser missionário na rua é, ou eu mesmo da rua não sei o que é ser missionário. Mas se você tem esse sentido da missão, o técnico ou outra pessoa, quer ser missionário, fazer, participar da Escola do Serviço do Senhor, é livre. Basta querer, a gente tá toda sexta-feira se reunindo, se conversando, discutindo, discordando, concordando, né? Não é: eu aceito porque é a palavra de Deus! Não, eu discordo também. É porque se a gente tá sofrendo é porque ele existe também. Então é essa concordância e discordância que a gente tem que colocar. Porque a gente tá pagando aqui? Porque todo ser humano não pode ser igual? Ter os mesmos direitos iguais? Então a gente discute também essas problemáticas.

E na Pastoral a gente tem os encontros a nível nacional, a nível estadual, também. Os encontros aonde a gente vai discutir com os outros estados que tá se acontecendo. Eu já participei de dois, três encontros da Pastoral. Vai pra Bahia, vai pro Rio de Janeiro, vai pra outro estado, pode ser mesmo aqui em São Paulo, onde vai discutir com as outras pessoas de outros estados: o social, a problemática do que tá acontecendo a nível pastoreiro. Então o movimento da população de rua só tá surgindo muito porque é a nível pastoral. Porque a pastoral abriu esse intercâmbio estadual, esse intercâmbio a nível nacional pra gente tá discutindo com outros estados, pagando a passagem, indo, levando o grupo, a comissão, pra tá indo, se organizando, senão a gente não teria essa interlocução, esse apoio, esse respaldo. Não que a pastoral é santa, mas que fez também um pouco essa interlocução, da gente tá indo, tá saindo, indo conhecer os outros estados, discutindo a problemática. Então essa é um pouco a missão também, pastoral.

Eu estou na Casa de Oração desde 1997. Já participo da Escola do Serviço do Senhor tudo, mas da pastoral, desde o ano passado. Em sentido da pastoral da população, de tá indo participando, desde o ano passado. A gente pode entrar, fazer o café, é um pouco mais aberto desde o ano passado. E a relação com a Pastoral se dá através da Casa de Oração. Porque a Igreja, né, um pouco a missão da igreja, é mais através da Casa de Oração. Quem vai lá, quem participa, que nem o Tião. O Tião, ele pode até falar um pouco pela Pastoral, mas ele não participa muito da Casa de Oração, o Paulo também. Eles não são muito da Pastoral. Eu, o Antônio, outras pessoas já participamos, então nós somos mais da Casa de Oração, da Pastoral. Mas agora o Tião quer participar, então ele tá, quanto movimento, quanto Fórum, como conselheiro*, participando um pouco da Pastoral também. No sentido de tá indo, respondendo, respaldando, então é isso.

A minha relação com o Fórum de Debates é excelente. Sinceramente eu tenho uma grande abertura, eu digo isso de coração. Porque a população de rua, nós, eu principalmente, nós estávamos

* Sebastião Nicomedes: representante dos usuários no Conselho Municipal da Assistência Social.

precisando de um espaço deste. Espaço libertador, de liberdade. O Fórum de Debates ele é primordial. Não só pelos estudantes, pelos profissionais, mas por pessoas que um pouco entende a realidade de técnicos, de ex-assistentes sociais, aposentadas, de professores, de estudantes, que entende um pouco a realidade do que aquelas pessoas mais excluídas, de exclusão da sociedade, se passa. Então se cria esse Fórum pra debater as problemáticas e a política, não de deliberar propostas, mas discutir as problemáticas. Então isso é muito importante pra nós. Se o Fórum de Debates deliberasse aí seria mais uma tutela, porque aí taria tutelando a população de rua. Porque ele pega o problema, ajuda a esmiuçar o problema e joga pra nós deliberar. Aí essa é a nossa proporção. É por isso que eu sou assim muito grato. Quando eu conheci o Fórum de Debates eu fiquei assim super, super feliz. Porque não adianta nada você pegar o problema, esmiuçar o problema e deliberar. Aí você vai tá tirando o papel da população de rua de fazer isso. Aí é técnico e não de quem vive o problema. Você não pode escrever uma carta de abaixo assinado e dizer: a população de rua tá pedindo mais albergue. O Fórum de Debates não faz isso, não é que nem as ONGs que fazem. Escrevem e deliberam pela população de rua no Fórum delas. Não, o Fórum de Debates ele trás o problema, ajuda a gente a esmiuçar o problema e joga pra nós, no nosso Fórum deliberar. Depois que o problema tá esmiuçado, que nós discutimos junto, que nós debatemos toda essa problemática, aí ele joga pra nós deliberar. Então acho que é essa a importância, né, do Fórum de Debates. Eu me sinto muito feliz. Eu espero que o Fórum de Debates nunca acabe. Eu espero que o Fórum de Debates fique assim por um bom tempo, e fique nessa proporção. Quando vai o povo da rua você pode ver que há o debate. Porque eles gostam de debater. Eles sentem a vontade, não é que nem outros lugares que falam: opa, cala a boca, fica quieto! Lá não, você diz o que pensa, da sua maneira de pensar. Se está bom, se está ruim, se o albergue está horrível. Lá você vai, não importa quem esteja lá dentro. Os técnicos, os profissionais, os professores, os alunos não querem saber quem é a organização, quem é a população de rua. Eles querem escutar. Então se fulano vai falar mal do albergue, o outro vai rebater, a gente tá ali é pra isso, é pra debater. Eu me sinto super feliz com o Fórum de Debates. Eu Anderson Lopez Miranda, acho que foi uma das grandes fundações. Você tem Fórum disso, Fórum daquilo, não vou ficar citando, mas que pra nós não resolve nada. E o Fórum de Debates nos ajuda a debater, a pensar. Eu acho que foi uma das melhores coisas boas que surgiu entre profissionais, professores, estudantes, que criaram esse Fórum. E pensar a abertura também que deram pra nós. O que seria do Fórum de Debates sem a população de rua? E o que seria da população de rua sem toda a organização do Fórum de Debates? Então a importância disso pra nós. O quanto é importante tomarmos um cafezinho juntos, debatermos juntos, discutirmos juntos, e na hora de acabar todo mundo sai dali né, não com mágoa um do outro, é feliz. Eu não fui lá pra magoar ninguém, e ninguém foi lá pra me magoar! Então vai cada um pro seu canto feliz. Porque a gente sabe que no próximo a gente vai encontrar com outro tema, com outro debate, com outra discussão, que não é a mesma da semana passada. Então a cabeça volta. Não é aquele Fórum que você fica todo mês discutindo aquela mesma problemática, aí num sai. O Fórum de Debates não, ele é sempre rotativo nas suas discussões, então ele trás outros temas, que pode ser moradia, mas de modo diferente, com outro debatedor, outro discursador, que não é o mesmo discursador, essa é a nossa importância. Então você não vai voltar àquela mágoa que você discutiu com aquele cara, descontar nele, não. É outro debatedor que vai trazer as soluções e os problemas que nós vamos discutir. É isso que eu me sinto no Fórum de Debates, né, um apoiador. Quando eu falo assim, o Fórum de Debates apóia, porque sabe, também conhece um pouco a realidade de quem tá vivendo assim. Então não é apoiar simplesmente como a gente diz, é apoiar em todos os sentidos. Porque a problemática com a população de rua é a organicidade, quando se fala em organizações a gente perde muito porque tem gente que não quer apoiar. Aí o Fórum de Debates não quer saber disso. Ele vai lá e nos ajuda, nos apóia, nos estimula. Pode o xérox estar criticando ou defendendo, mas ele vai lá e nos ajuda a tirar o xérox, pra que a gente possa divulgar o que tá acontecendo. É essa a importância. Ele não é partidário a população, ele é apartidário, porque recebe qualquer crítica, qualquer coisa. Então ele vem de qualquer sentido. Ele não é partidário também de partido político, porque ele recebe qualquer um. Se ele é PT, PMDB, PSDB, quem quiser ali ir debater as portas estão abertas. Agora um vai levar mais que o outro, né! Um apanha mais que o outro, isso é em todo lugar! Isso é muito que eu gosto. Sempre quem puxa sardinha pro seu lado leva o seu abacaxi! Mas é isso que eu acho, que eu penso do Fórum de Debates, é esse apoio, é essa organicidade que nos faz, não voltar ao paternalismo, mas de cair numa coisa mais organizada, de criar movimentos, de criar Fóruns de sair dali como cabeças pensantes. Eu acho que é essa a importância.

Eu conheci o Fórum de Debates através do Tião. O Sebastião. Eu estava participando do Fórum de População de Rua, sabendo que existia o Fórum de Debates mas eu não sabia aonde, porque eu escutava falar da Cleisa*, da turma, e aí um dia nós estávamos preparando o Natal Solidário e aí o Tião falou: não, o Fórum de Debates vai nos ajudar! Eu falei: quem é o Fórum de Debates? E aí o Tião me

* Cleisa Moreno Maffei Rosa, pesquisadora e assistente social. Foi coordenadora do Centro de Estudos da Secretaria de Assistência Social situado dentro do Boracéia.

chamou pra ir numa reunião lá. Saímos da Sé e foi lá pra Rodolfo Miranda (rua) na Pastoral da Moradia e eu fui lá. E até vocês tava já com o cartaz do Natal Solidário discutindo que queria o Natal na Paulista, aquela coisa: o natal solidário tem que ser na Sé porque o foco, até que tinha acontecido o massacre, e tal, e foi através disso que eu comecei a participar. E o Tião que tinha me levado. E eu já conhecia a Cleisa, de um bom tempo, né? Até, eu cheguei em maio de 2003 em São Paulo e tinha pedido alojamento lá pra Cleisa, que ela trabalhava no Fórum, no Fórum de pesquisa do Boracéia. A Ivete tinha me mandado lá no Boracéia, falar com ela pra que ela me ajudasse a arrumar uma vaga no Boracéia pra ficar. Graças a Deus quando eu cheguei lá ela não tava mais, porque senão eu já teria ficado lá no Boracéia eu não gostei muito não. Aí eu fui pro Arsenal. Consegui entrar no Arsenal da Esperança e fiquei um tempinho lá. Mas é isso, eu gosto do Fórum de Debates, espero que nunca acabe, né? Sempre continue, mas com essa cabeça pensante, com essa pesquisa.

Eu acho que Fórum de Debates ajuda as pessoas a pensarem, a formação é importantíssima e ele leva temas que fazem nos formar. É uma escola, onde faz nós, principalmente da população de rua, a aprender mais, a formar. Então é isso que é a formação. Não adianta você levar um tema que faz a pessoa regredir: meu Deus, ele tá na rua, coitadinho! Não! Como é o problema, é essa que é a formação: como é o problema, como vamos tratar o problema e como vamos solucionar esse problema. Solucionando esse problema partimos pro cotidiano. É isso que faz a formação. Temos esse problema, a população de rua, como vamos tratar a população de rua pra ela tá saindo da rua. Então o Fórum de Debates leva temas de alto enriquecimento, onde nós ali, que tamos ali participando, que a maioria são lideranças da população, você sabe muito bem disso, são pessoas que participam muito do Fórum, muito do movimento que vão, e aprendem. Porque o povo de rua não gosta muito de reunião, eles já gostam das coisas solucionadas. Então é essa liderança que tem que tá indo participando lá do Fórum de Debates, absorvendo toda essa formação. E o Fórum de Debates nos faz formar, nos forma, pra um estudo melhor, não sei se você tá me entendendo. Ele nos forma, informa também, pra essa formação de tá passando pra população de rua o que temos que fazer. Aonde tá o problema, onde tá o foco do problema da população de rua e como nós vamos trabalhar com esse problema e a solução. Muitas vezes você não encontra, mas, tempo a tempo, você vai encontrando essa solução, com vários debates que você vai debatendo. Então é essa formação, não é a formação de um dia pra noite, mas é formação de vários encontros, vários fóruns, que você vai debatendo, que você vai encontrando a solução de cada problema e aí você vai se formando, e fazendo uma formação dentro de você. Poxa eu era assim, hoje eu sou daquela maneira, melhorei muito. O que nos faz pensar, né, cabeças pensantes, é a formação.

E eu consigo ver muito isso nas pessoas que participam. Veja o Leônidas, veja o Pinheiro, veja o que era há tempos atrás e o que é hoje? O Leônidas sempre falava: tem que ter transparência! E hoje já não, ele já vê que a transparência vai surgindo de acordo com o debate, com a discussão. Então não precisa ficar mais com aquele discurso, mentalmente, metabólico na cabeça dos outros: transparência das organizações, transparência do povo da rua! Não, isso vai acontecendo pouco a pouco, e o Fórum de Debates vai fazendo isso acontecer. Porque você vai levando as pessoas pra debater, então tem organizações que ali vai ser obrigado a prestar contas, o outro vai ser obrigado a prestar isso, ele próprio vai ser obrigado a falar aquilo, então vai tendo a modificação no pensamento daquela pessoa: eu pensava assim, agora eu penso diferente, né, estou mais cordial. Então a gente vai vendo também quanto é que a pessoa vai crescendo, vai amadurecendo, vai aprendendo, vai discutindo. Você vê o Pinheiro como é que ele tá mais manso no discurso dele, participa do Fórum, mas não é mais aquela agressão, não é mais aquela porrada, no modo de dizer, do linguajar que ele rebate com socos na própria língua: fulano é isso, beltrano é ladrão! O outro roubou! Então não, é como resolver aquela problemática. Até eu né, que as discussões vão se tornando cada vez melhores e que tem soluções, basta procurá-las. Não é assim de um dia pra noite que você vai encontrar. Então acho que é isso que faz, as pessoas modificar seu linguajar, modificar seu discurso, até o jeito de atuar. É essas lideranças que o Fórum de Debates forma, e fazem isso acontecer. É essa formação.

E além de todos esse lugares que eu comentei, tem também a OAF. Eu gosto muito da OAF. Eu digo que a OAF nos ensina também um pouco a não comer o peixe frito mas a pescar o peixe. É uma das organizações com tantos anos de experiência, com tantas coisas que tem, mas ela também nos faz refletir muito sobre isso. Então desses cinquenta anos, eu tenho uns dez anos compartilhados na OAF. Praticamente dez anos partilhados na OAF, e que me faz pensar muito. Hoje eu tenho um respaldo muito grande da OAF - Organização de Auxílio Fraternal. Hoje eu to partindo para uma moradia onde ela está me cedendo, onde eu vou morar com a minha companheira. Atualmente eu to lá na Moradia Provisória, gestão participativa com a Prefeitura, mas é a OAF que cuida do Projeto Moradia Provisória. E penso assim em progredir, ter minha casinha, um projeto meu! Meu! E a OAF assim, nesse sentido, ela tem me respaldado, ela me respalda um pouco, em algumas coisas, no sentido assim: presto algum serviços, to sempre lá, participo, vou representar em conferências, falo um pouco da minha convivência com a OAF. O órfão, né, o menino que hoje vai constituir uma família, que tá sempre participando das coisas da OAF,

que tá sempre presente, que tem acesso livre, um pouco a participatividade na OAF e é também mais uma porta que se abre. Você não tinha isso, a OAF era mais fechada antigamente, você não tinha muito isso. E é pensamento né, e não o pobre vir até eles, mas eles irem aos pobres.

E muitas coisas me respalda: o Fórum de Debates, o Fórum da População, o movimento, a minha companheira, o Projeto Metuia! Toda terça-feira o trabalho que o Metuia faz no Centro comunitário nosso, nos respalda, nos dá o crescimento e informação pra gente tá pensando. A terça cultural, que tem aí a cultura, teatro, arte culinária, música, é isso que o povo precisa. Então respalda a gente também. Então, às vezes, você tá de “saco cheio” de alguma coisa quando você vai pra lá tem aquelas pessoas maravilhosas te acolhendo, conversando, brincando com você, conversando que te dá uma outra assistência. Isso que é importante. Respalda em tudo: psíquico, mental, emocional. Eu acho que o trabalho do Metuia, assim, até no sentido da população nossa lá, um trabalho tão importante, porque são pessoas, não é porque estão fazendo faculdade, nem nada, mas que doam o seu tempo pra tá ao nosso lado. Porque é difícil pessoas doarem o seu tempo, mesmo que você trabalhe, é difícil. E quando você vai lá, você vê tanta pessoa problemática, já pensou você tem que encarar! A Terapia Ocupacional, o Projeto Metuia nos fazem, nessa proporção de pensar, de refletir, nos respalda, como eu falo, na parte de cultura, na parte psicológica, problemas. No que você pode chegar ali e conversar, nesse trabalho também da importância. Tanta importância pra nós, toda terça feira, podia ser todo dia, né?

E hoje, assim, eu to com muita problemática. Eu assim, eu Anderson sou uma pessoa com muito problema ainda. Isso eu digo muito. Eu vendo a OCAS, ainda não tenho estabilidade, preciso aprender a trabalhar com o meu dinheiro. Aprender a me formar nessa formação. Então assim, de vez em quando eu vendo OCAS, faço algum servicinho, faço algumas coisinhas pra me manter. Mas agora eu tenho que pensar um jeito mais forte pra se manter porque agora eu tenho duas bocas. Uma boca, porque a outra já se mantém, não posso dizer duas porque a mulher ela já trabalha, ela tem autonomia, então não posso dizer duas bocas porque ela não depende de mim pra comer. Mas a criança que vim, aí sim, depende de nós dois pra sobreviver. Então a gente pensa muito agora no que vai vim no futuro, na criança que vem, o que tá nos esperando, o que ela também vai tá esperando do pai e mãe dela. Então o Anderson precisa dar um exemplo, um trabalho. Mas eu penso assim, num trabalho que não fique preso, mas que eu seja um pouco livre. Então eu tenho assim essa dificuldade.

Eu gostaria de um trabalho que você tenha liberdade, um trabalho que você possa você próprio fazer, exercer, mas que você tenha tempo disponível pras outras coisas, pra articulação de movimento, pro Fórum, pra articulação com as outras pessoas, um trabalho que você trabalhou três, quatro, cinco horas, e os outros tempos você tenha disponível a servir, a fazer, a movimentar e a articular. É isso que eu penso muito, não adianta eu ter uma carteira registrada e não estar feliz. Não adianta eu trabalhar que nem um condenado e não estar feliz. Ter o dinheiro, não. A gente tem que estar feliz pelo que se faz, pelos atos, pelas atitudes que a gente faz. Então é isso que eu penso. Eu não sinto ainda o Anderson realizado, ainda o Anderson tem muitos problemas, precisa de ajuda, muito dele, pra se trabalhar, pra se resolver. Tanto pra trabalhar, tanto na parte de mim mesmo, como se manter, como se articular, como se fazer. Tem momentos que a gente se sente forte, mas não é, né? É que nem diz o João*, a gente pensa que é um diamante, mas se torna uma peça bruta. Pra se tornar um diamante você precisa ser lapidado. E como ser lapidado se você não deixa se trabalhar? Então você precisa se trabalhar e deixar os outros trabalhar com você pra se tornar um diamante. Até eu carrego muito isso do João da Viola, quando ele canta aquela, pedra diamante, pedra bruta, é uma importância assim pra nós, você precisa trabalhar muito isso.

E eu também estou vendendo a revista OCAS. Mas muitas vezes não dá, não tem tempo. Quando eu viajo, assim, pelo Fórum, pelo Movimento, eu levo a Revista OCAS, né? Mas agora eu to um pouco parado. Vendo mais pra amigos, amigas. A OCAS a gente sabe que ela é boa, mas eu to mais dedicado aos compromissos, as correrias e eu não sou um bom vendedor de chegar na rua e ficar vendendo. Eu desiludido muito rápido, eu sou mais aquele de chegar em um grupo. Assim eu me sinto feliz, num grupo de amigos, mas chegar na rua e fazer a abordagem eu já não sei fazer isso. Eu vendo pra grupos que já conhecem a revista, pessoal da assistência social, que já conhece um pouco a realidade, que conhece a população de rua. Então eu costumo ir em reuniões, conferências, no próprio Projeto Moradia eu vendo, em assembleias, no Fórum de Debates quando não tem outro vendedor, não é um trabalho rotineiro, vendo quando tem alguma coisa. Mas pra mim é um pouco difícil no sentido da abordagem, não pela OCAS, mas pro Anderson mesmo. Ele é frágil nesse sentido, tímido, ele é falador, brincalhão, mas só quando ele conhece!

E funciona assim: as primeiras dez revistas são de graça, então você tem que manter aquele dinheiro pra ir comprando mais, tem que manter equilibrado. Você compra por R\$1,00 e vende por R\$3,00. Então você guarda R\$1,00 e controla os outros R\$2,00. Então eu mantenho a OCAS com a própria OCAS. Isso que é legal. E de vez em quando dá uma quebradinha e eu vou catar latinha. Eu cato

* João da Viola, ex-freqüentador da OAF.

latinha também, costume ir lá no “boiolômetro”, aquela praça que a Marta Suplicy fez no Ibirapuera. As pessoas bebem muita cerveja lá, tem sempre um monte de latinha, é um bom ponto. Tem vez que eu cato dois ou três quilos de latinha lá. O quilo da latinha custa R\$4,00. E é muito difícil você catar latinha, por causa da concorrência. Então lá é um bom ponto. Tem vezes que consigo uns R\$16,00. Quarta, quinta, sexta e sábado são os melhores dias pra ir lá, que tem mais movimento. E eu costume ficar até umas quatro horas da manhã, depois volto a pé pra casa, saio lá do Ibirapuera, pego a Vinte e Três de Maio e venho pra casa. No dia seguinte eu durmo! Se bem que eu não costume dormir muito. Se eu dormir duas ou três horas eu já to bem, acordo disposto, vou cuidar da vida, ir para internet,

Então eu me mantenho financeiramente com os serviços que eu presto pra OAF e as vezes eu recebo uma ajuda. Vou num lugar, pedem pra mim dá uma palestra, aí eu vou participar de outro, aí pagam uma coisinha pra mim. Também agora de palestra. Porque dizem que, uma coisa que eu aprendi, que o Tião tava me dizendo, que os profissionais cobram pra dar palestra, os grandes formadores. E por que nós não cobrarmos também, se a gente pode ensinar? Não que tudo tem que ser cobrado, quando o secretário, uma hipótese, da assistência social, vai dar uma grande palestra ele recebe por aquilo e nós não. Nós damos a palestra muitas vezes gratuita, vamos lá, falamos e ensinamos até os profissionais como trabalhar com o povo de rua. Mas na hora de exercer eles esquecem do povo da rua. Esquecem da prática, esquecem da experiência que nós passamos. Então porque nós agora nos mostrarmos, não todos, aqueles que se sentem mais a vontade, nesse sentido. Eu penso muito nisso.

O Projeto de Moradia que eu moro tem uma contribuição mensal, mas eu num pago não. Eu num fiz acordo nenhum, eu sei lá, a Juliana* nunca me cobrou não. Quando eu vou lá, falo e ela diz que tá tudo bem. Eu não pago porque não posso, não to desfazendo do projeto, quando eu for pra minha casa vou ter que pagar aluguel. Então como é um projeto da Prefeitura eu abuso um pouco, mas é um erro meu. Eu sei que eu to errado, mas eu deixo de pagar a moradia, mas eu boto comida dentro de casa. Eu tenho muita dificuldade financeira, mesmo catando latinha, vendendo a revista OCAS. Se bem que a Janaína, minha companheira, ela também recebe, mas ela para as coisas dela, paga a moradia. Então hoje falta tudo em casa, não tem comida direito. É pior pra ela, né, que está gestante e tem que se alimentar direito. Tem dia que a gente só come arroz e feijão. Outro dia fui catar latinha porque não tinha óleo em casa. Quando acaba o feijão tem que esperar dois, três dias pra comprar. E tem vezes que eu passo “óleo de peroba” e peço mesmo! Quando eu vejo que a coisa tá ficando preta eu peço mesmo! Peço pros amigos, nas entidades, pras pessoas. E vou catar latinha também. E a Janaína não gosta que eu saia a noite, mesmo que ela for dormir as nove horas ela não gosta que eu saia pra catar latinha. Eu explico que é pra colocar comida dentro de casa, as vezes ela entende, as vezes não, isso me machuca muito. E se precisar eu vou catar comida lá no Mercado, de madrugada, que tem muito desperdício. Antes eu tinha vergonha, mas agora não, se precisar, fazer o que? Que nem o Zeca Pagodinho fala: deixa a vida me levar, vida leva eu!

Segunda entrevista. Local: restaurante na Liberdade.

Pra nós, assim, Movimento Nacional de Luta, eu o Sebastião, não tanto a Inês, mas a gente pensou assim num contexto muito claro, nesse tempo que a gente conhece o Fórum de Debates, tanto é importante que o Fórum de Debates levou pessoas importantes lá pra debater e até cursos de capacitação pra nós da coordenação, cursos e até palestras encontros, que o Fórum de Debates sabe organizar muito bem, mediar debates, então nesse tipo de apoio de mediar os debates, organizar os encontros, ajudar a gente a preparar os encontros a nível nacional, estadual. Propor um encontro nacional da população de rua, propor um encontro nacional entre os coordenadores do movimento nacional da população de rua, a gente já sabe que tem em Belo Horizonte, em Minas Gerais, a gente sabe que já tem em Brasília, Mato Grosso, já sabe que tem no Ceará, já tem em Pernambuco, aqui no Paraná, no Rio Grande do Sul, então de propor um encontro, um grande debate, uma grande discussão e planejamento de encontros, saídas, desses líderes mesmo, de pessoas se conscientizarem, trocar, discutir, de ajudar não ficar só trancado dentro falando pra mim ou pra político, acho que é isso.

Agora a gente está com essas ações do Fala Rua e essas ações que primeiro a gente começou avisando poucas pessoas e a gente não avisou porque a gente quer pegar a pobreza, a gente não quer que seja um espetáculo pro público ver, mas uma ação pra quem está na rua e como é que se encontram na rua. Então nossa primeira ação foi pra eles na Praça Patriarca perguntando como vemos a cidade. Como nós, moradores de rua, nós munícipes, vemos a cidade de São Paulo? Então foi uma pergunta pra ele refletir como ele vê a cidade. Se a cidade é excludente. Então foi muito bom porque eles nos disseram isso naquela ação, então se a gente tivesse um público maior eles não diziam aí teria mais cara de assistencialismo, de social, de secretaria do que cara de uma ação de movimento, de ação, de Fala Rua. Então esse Fala Rua é mais uma ação pra nós. Uma ação pra acontecer na rua, a rua tem que falar, a

* Coordenadora do projeto.

gente precisa dizer, porque a rua só ouve o barulho: barulho de carro, de muitas coisas, ela não escuta a ação do falar, então muitas vezes a gente precisa ouvir quem está na rua falar. Então por isso que a gente botou: Fala Rua. Ninguém sabe de quem é, pode ser meu, pode ser seu e a rua fala: Fala Rua e a gente tá escutando a ação da rua falar. Então essa é uma das ações do Movimento.

A gente esta preparando 2º Natal Solidário, “capengando” mas nós estamos preparando! Era pra ter uma reunião na terça-feira, não sei o que aconteceu, a gente tá vendo se muda, mas as nossas ações tão passando um pouco de dificuldade por conta que as entidades* estão passando por muitos problemas com o poder público, por conta de verba, disso e daquilo, elas estão preocupadas. Então elas não vão se preocupar: que Natal Solidário que nada! Porque a casa tá caindo! Pra população de rua a gente tem que alegrar. Então agora eu e o Tião vamos trabalhar por fora. Agora a gente vai pedir apoio pro Fórum, nossos apoiadores, nossos colaboradores vão ajudar porque agora a gente vai mandar ofício pra prefeitura, vamos nos vereadores, no poder público, nos órgãos competentes e quem puder nos ajudar com alguma coisa, a gente já vai começar a ver. É porque a gente tentou marcar uma reunião com as organizações e não compareceu ninguém! Poucos compareceram. Os únicos foram o Fórum de Debates, o Fórum das Organizações, mas com um representante só, que foi a Rosana, mas os outros, ninguém compareceu. Uma vez foi a turma do Arsenal da Esperança, depois não foi mais. Então, quer dizer, a gente está muito preocupado com isso, né, com essa ação. Então vamos começar nós, porque isso tem que vir da gente: eu, o Sebastião, a Inês, que fazemos parte do Movimento, pedir isso, cobrar isso. Então a gente vai ver o que já está disponível, como a gente já tem o apoio também do CAAC**, que tá na parte da cultura, então a gente já vai começar a correr atrás da organização, do espaço, da Praça da Sé, de palco, de equipamento de som, da autorização.

Vamos fazer de novo na Praça da Sé, não pela questão do massacre nem nada, mas porque é na Praça da Sé que a população de rua se concentra mais. Não adianta levar Natal Solidário pra Avenida Paulista, como é que eles vão se conduzir até ali? Boca de rango está na área central, quem dá comida fica na área central. Então você levar uma ação na avenida Paulista, como tem o natal da Rede Globo, que enche de comida, vai mil, dois milhões de pessoas. Eles fazem uma mesa enorme de alimentação pra povo comer, e isso a gente não quer. E outra, a gente quer ir em busca dos locais onde estão a comida, pra gente levar cultura e não comida. Naquele dia você enche o cara de comida e esquece da pessoa e a gente não quer isso. A gente quer mostrar cultura, alegria, dignidade, respeito, credibilidade e dizer quem é o morador da rua, o que ele quer de verdade e porque ele está na situação de rua: falta de emprego, primeiramente, da dignidade dele de procurar. Tem uns que querem trabalhar registrado, tem outros que não querem, que preferem trabalhar como autônomo, mas que tem barreiras também. E também da dignidade de uma casa, de um lar, de uma família, então da gente levar tudo isso numa ação, ação conjunta chamada solidariedade. Ser solidário aquelas pessoas, porque Natal pra muita gente é passar na sua casa com sua família, e se esquece do ser humano e esquece de viver. Então pra nós não. Esse ano Natal vai ser Natal Solidário, uma “FelizCidade” pra todos, esse é nosso tema este ano. “Felizcidade” pro rico, pro pobre, pro negro, pro branco, pra quem quer que use a cidade. Que a cidade não seja excludente, ela tá excluindo o pobre dela, ela tá excluindo outras pessoas de usar ela, então, que ela não seja excludente, que ela seja includente! Que ela inclua esse cidadão ou essa cidadã na sua cidade, que se tornem mais unidos ainda. É esse o Natal Solidário.

Ano passado nós fizemos o Natal Solidário das 14h00 às 18h30. Esse ano a gente passa em começar às 10 horas da manhã até 19 horas, porquê? Porque onde vai ter: festival de carroça, concurso da melhor carroça; vamos ter brindes, brincadeiras pra população de rua, vamos ter boca do palhaço, vamos ter cartões de natal, árvore de natal colocada na praça da sé. Então esse ano a gente não quer fazer aquele natal só com o palco, mas de ações estarem acontecendo dentro daquela praça: artesanato, cultura, divulgação, rádio Fala Rua, vão ter todas essas ações acontecendo dentro da praça. Então vamos estar numa rádio ao mesmo tempo anunciando o que vai estar acontecendo ali e quais os locais. Então acho que é essa a ação nossa esse ano. De pedir, de fazer parceria, de acreditar que é um projeto e uma iniciativa nossa e de convidar todos os artistas da rua, o espaço é deles! Vamos ter já o hip hop combinado, vamos ter o grafite, vamos ter o hip hop cantando uma FelizCidade para todas, mostrando a cidade, desde a zona sul, zona norte, zona oeste, zona leste, tanto preconceito de quem mora na periferia e que está sendo jogado mais ainda pra periferia. Na periferia não tem emprego, vem pra área central e na área central não pode ficar!

Só vou agora organizar o palco pra gente porque não adianta eu falar “vai ter” e não ter nada. Igual ano passado que quase não teve, foi uma loucura! Agora esse ano já vou começar a correr atrás do ofício, tem que fazer um ofício. Aí a gente quer mandar essa semana pra Subprefeitura da Sé, porque

* Quando utiliza os termos entidades ou organizações refere-se às ONGs que trabalham com adultos em situação de rua.

** Centro de Artes Alternativas e Cidadania.

depois que eles mandam isso, a gente tem que mandar pra polícia militar, pra polícia metropolitana, você tem que mandar pra CET pra fechar um pouco a rua. Ali a Praça da Sé não, vai estar circulando normal, mas se o palco for montado ali onde a gente tá pensando, aí vai ter que fechar a rua, aquele acesso da catedral vai ser fechado. Mas se estiver acontecendo uma ação, a gente vai mandar pra CET, a gente é obrigado a mandar pro metrô, ir lá e tal, vistoriar, então a gente vai, eu vou agora nessa semana, eu só trabalho até amanhã. E agora tem que correr que nem maluco!

Meu último dia de trabalho na empresa é amanhã, já está decidido. Já conversamos lá na empresa. O dono não queria que eu saísse, nós conversamos e não adiantou nada, eu falei: olha, pra mim não dá mais! Pra mim não é questão de horário, Débora, não é questão de horário, já é uma questão de atitude, tanto do dia quanto da noite, não tenho mais condições. São funcionários muito antigos que acham que são, mesmo os novos lá, que estão sete oito meses, tratam as pessoas muito mal, aí eu falei: não é pra mim não! É o jeito de tratar, eu não concordo, eu não aceito, o meu jeito é diferente. Não é botando barreira nem nada, estava bom, estava pensando em registrar e tudo e também não deu certo. Vou tocar a vida, vou fazer tudo de novo.

Eu já trabalhei registrado, a três anos atrás eu trabalhava lá em Salvador em uma igreja, trabalhei um ano registrado, trabalhei em outros lugares registrado, então mesmo em situação de rua já passei por alguns, meio difícil, mas já. Mas a minha questão é que, um bom tempo já, assim nessa situação, você não cria mais esse vínculo empregatício, escravizado, então pra mim é muito difícil eu vou ter que passar por esse processo um bom tempo. Ainda tá novo pra mim, é recente isso, mesmo com a obrigação, tá vindo a Maria [sua filha], tem a Janaína, mas aí eu tenho que batalhar e trabalhar mesmo, mas não nesse sentido. Eu estou pensando em retomar algumas coisas, lá na moradia mesmo a gente tava conversando, não podia fazer o tomate seco, teve problema pelo horário. Agora eu vou reativar isso tudo, já conversei com a Janaína, ela aceitou, estou com cem vidros lá em casa. Vou lavar os vidros agora, a Janaína falou que vai me ajudar, que vai fazer uns artesanatos, e a gente vai começar a trabalhar junto, não tenho problema nisso, foi bem aceito por muita gente, todo mundo gostou, então vou voltar a fazer, ainda tem umas coisas lá.

Mas eu saí sem problemas lá do trabalho, dia treze vai ter confraternização, me convidaram pro amigo-secreto. Falei tudo o que tinha que falar pro dono, sabe, na cozinha também tem muita coisa errada. Você não pode modificar. Na parte dos funcionários, né, os funcionários trabalham muito mal e aí você quer implantar uma coisa acham que é pra “puxar o saco”. Aí eu conversei com o dono ontem, aquele que eu conheci na Alemanha e ele falou: puxa, porque você não falou isso antes pra mim? Porque eu já falei pra outra dona, já conversamos eu e ela, não foi por falta de falar, e não falei pra um, eu falei várias vezes, ainda falei um monte de coisa, falei tudo, vocês não ouviram porque não quiseram. Aí diz que eu tava com oscilações no trabalho. Tem dia que eu estava maravilhoso! Tem dia que eu caía, tem dia que eu estava maravilhoso, tem dia que eu caía! Eu falei tá errado porque ele nunca estava lá comigo pra ver isso. Ele só via quando eu estava bravo, que não estava gostando das coisas, aí eu falava pra ele. Aí disse que eu era um bom cozinheiro, que eles aprovaram muito, várias vezes eles disseram: a gente vai te registrar. Mas eu falei: não, desse jeito aqui não dá. É melhor eu sair agora do que estar registrado e eu ser mandado embora, aí o bicho vai pegar, não tá bem pra mim não. Não estou bem, eu sei que agora eu tenho uma responsabilidade, ter uma filha, agora uma companheira, mas minha companheira vai me entender. Eu conversei bastante com a Janaína, ela compreendeu. Falou que aceita, que tá tudo bem pra ela.

Lá eu estava no buffet de salada, de manhã, e depois ia pro quente. E era um querendo pisar na cabeça do outro. E era uma “fofocaiada”, uma “brigaiada”, eu sei que todo emprego tem isso, mas eu não aceito. Você espera e o ser humano não vale nada! Mas ali era cobra engolindo cobra! Falei: eu vou sair, é melhor sair do que ficar trabalhando com má vontade. Cozinha tem que tá trabalhando com vontade, com amor, com carinho, de coração. Aí eu falei não é pra mim, não era pelo dinheiro, pelo salário, eu ganhava R\$ 600,00. Tudo bem, eu tenho filha, tenho conta pra pagar, tudo bem, vamos à luta. À noite aí eu falei “vou catar latinha” e Janaína falou: tudo bem! Ela me apóia, vai fazer artesanato. A gente tem o aluguel dia sete agora para pagar, a gente tá pagando direitinho água e luz. Ela paga água e luz e eu pago o aluguel. Agora já veio a conta de luz, cinqüenta paus! Veio alta. A gente pagou a outra trinta e pouco e agora veio cinquenta e três. Mas tem um cara morando lá, a gente vai cobrar da Ivete, é a gente que tá pagando. Ela vai pagar amanhã, mas aí depois a gente quer receber dele, dividido em três. Ele tá morando lá, ué, a gente não quer saber! A gente quer saber se o cara vai ou não vai. Mas a casa tá legal. A gata quebrou dois pratos, a Janaína chorou. Eu falei: pára de chorar, pelo amor de Deus! A gente ve outro, não se preocupe! Porque a gente deixou no corredor em cima daquele móvel e a gata amarrada, aí a Janaína: a gata vai quebrar meu prato, a gata vai quebrar meu prato! Eu falei não vai, vamos deixar aí que ela não sobe. Aí quando a gente chegou, corredor de prato no chão! E a gata lá! Gato quando apronta alguma ele esconde, né? Gato, cachorro, aí ela falou tá bom, não tem problema. Mas tá bom, sabe. Tem hora que dá vontade de ir embora! É verdade! Eu ainda tenho o desejo de bota o galo nas costas e ir. Se a Janaína

não tivesse comigo eu já tava longe, já tava na Bahia, curtindo o Carnaval na Bahia, mas agora não posso mais. Trabalho tudo bem, agora vem a Frente de Trabalho aí. Vou trabalhar na OAF e na Moradia, e no Movimento. A Regina disse que eu ia ficar livre pra viajar pelo Movimento.

O Lula vem aqui este ano, você vai participar? Ainda não sabemos quando. Hoje mesmo eu tava conversando com a Regina, falei pra ele: pelo amor de Deus deixa as vagas pra nós! Ficar brigando por vaga pra ver o Lula! Baixaria! Eu quero fazer o movimento, trazer gente de Araraquara, quero trazer pessoas, pra mostrar que é verdade o que a gente tá fazendo. Não quero fazer a coisa: ah, o Anderson! Eu não, uma forma de conscientizar e lutar pelos seus direitos. Daqui a pouco eu morro, me aposento e aí, não é verdade?

Eu tenho uma trajetória de andarilho. Já rodei muito! Fui de São Paulo a Salvador, São Paulo a Rio de Janeiro, São Paulo a Bahia, quase toda. São Paulo a Minas, quase toda. Dá um medo, né, também. Você não sabe como a cidade vai te receber, tem cidade que você já conhece, como Belo Horizonte, Salvador. A primeira vez que eu cheguei em Salvador deu um medo enorme, mas quando você não conhece você fica pensando: como é que essa cidade vai me receber? Como é o olhar dela, a sociedade. Aí depois você vai vendo o contexto, vai entrando no contexto da cidade e vai se aprumando. Numa cidade desconhecida eu primeiro vejo se tem alguma coisa né, pra população de rua. Vejo se tem moradores de rua na cidade. Se não tiver eu pego meu galo e vou embora! Porque aí a cidade não acolhe, né? Você tem um, não se chama albergue, chama casa de passagem. O cara passa, dorme um dia, pega seu galo e vai embora. Então se tiver casa de passagem eu sei que a cidade acolhe, se não tiver casa de passagem a cidade não acolhe. Perto da rodoviária você vai nos lugares que eles falarem aqui tem casa de passagem, quer tomar um banho quer descansar. Casa de passagem, casa do migrante, casa do peregrino, chamam muito assim, né? E aí essas casas que você vê como que trabalham com morador de rua, migrante, se não tiver casa de passagem você pode pegar seu galo, jogar nas costas e andar.

Eu sou paulistano, fui criado em Juquitiba. Nasci na Vila Mariana, no Hospital de Mãe solteira, perto do Santa Cruz. Naquela época o hospital era chamado assim, e aí depois eu fui, o Juizado me mandou lá pra Juquitiba. Fui criado num orfanato lá em Juquitiba.

E eu tinha perdido contato, não quis manter contato com eles, evaporei. Aí outro dia eu encontrei com o vice-diretor aí na rua ele mora do lado do restaurante. Eu descendo pra ir trabalhar, atrasado, ele na porta do hotel dele: o que ce tá fazendo aqui? Ah, eu trabalho naquele restaurante ali. E é caro isso e aquilo? Mas tá mudando: ai que bom, vai lá no orfanato. Aí eu contei a história que estava em uma casinha e tal, aí ele me mandou pra eu ir no orfanato pra eu dar palestra, falar que morei na rua. Eu te levo na festa, vamos?

Terceira entrevista. Local: sua casa na região do Glicério.

Então, nossas ações estão assim: conseguimos através da Associação. A Associação tem um carrinho, uma carroça, um microfone com alto-falante. Muito legal, e eu gostei dessa iniciativa dessa carroça. Eu falei que é a primeira carroça que fala, que solta música. E chama Carroça da Cidadania, porque ela é a Carroça Cidadã, que vai dar cidadania e respaldar. E aí eu tava subindo e o Antônio [liderança do movimento], a Inês e o Valtinho [frequentadores da AMRMC], foram com a gente. E fomos fazendo umas ações por São Paulo. Muita gente pensava que a gente era camelô, porque tocamos música. Mas só que as pessoas só viram que a gente não era camelô quando a gente pegou o microfone e começou a falar. E aí eu falei para os camelôs, falei para a guarda metropolitana e para os caras que ficam tomando as mercadorias dos camelôs. A turma chama eles de um nome, agora eu esqueci. É para eles parar de ficar perseguindo os camelôs e deixarem os camelôs trabalhar. Aí na Rua Direita eu fui aplaudido. No microfone mesmo eu falei: parem de perseguir os camelôs, deixa os camelôs ganhar o seu pão de cada dia! Aí eu saí, e fomos para a Praça Patriarca com a carrocinha, andando e parei na Praça Patriarca. Anoteamos, passamos em frente à Secretaria, tava uma das assistentes lá em cima, que é a Ana Cotique e eu falei: ah, Ana Cotique, Fala Rua, uma ação do movimento de luta e defesa pelos direitos da população de rua. Hoje, a partir das vinte horas, estaremos no Largo do São Francisco com música, com teatro mamulengo e com discussão. A cidade de São Paulo é para quem? É para o morador de rua? É para quem? E como você, morador de rua, se sente na cidade de São Paulo, que ela te exclui? E aí eu comecei a fazer, e aí fomos para a Praça Patriarca. Estávamos tocando música, passamos na Praça da Sé, passamos na Rua Direita, descemos a Rua Direita e fomos para a Praça Patriarca parar ali no Largo do São Francisco. Aí paramos na Praça Patriarca, tava tocando um CD, depois eu te mostro qual CD, tá até engatilhado, aí eu toco para você entender a música, muito boa: Hip Hop do André. Dos mano lá. E aí malandragem! E aí tava tocando esse CD, chegou o policial, a gente parou ali, em frente à Patriarca e que dormia os moradores de rua que a gente fez uma ação fala Rua com eles, essa ação do Fala Rua. E dormia os jovens ali, e fomos ver. A Praça tava completamente limpa, a Prefeitura limpou, tirou eles de lá e botou um carro da polícia metropolitana ali. E a polícia não tava deixando mos moradores, as pessoas da rua

dormirem ali. E aí eu fui lá saber o que estava acontecendo, paramos ali para conversar e aí tinha uma menina que tava, conhecia a gente, foi conversar com a gente. E aí começamos a conversar, chegou um policial metropolitano falou: Olha, vocês têm que sair daqui, com essa carroça. Pensava que a gente era camelô. Vocês têm que ir mais para cima ali. Eu falei: Não, a gente já tá de saída, de passagem, tal, a gente só tá aqui para ver, a gente tá fazendo uma ação, tal. Aí ele não entendeu e falou: Ó, se vocês não saírem, a gente vai chamar alguém para tirar a carroça de vocês. Aí eu falei para o policial: Se você tirar a nossa carroça, eu vou ter que agir com uma instância maior do que a sua. O policial viu que eu não estava falando nada de errado e leu 'Fórum de debates' com a camisa que eu tava com a camisa do Fórum de debates da população de rua. Eu tava com a camisa, do Fórum de debates. Aí ele olhou para minha cara, falou: Esse cara é maluco!, e saiu de perto, e eu também. Aí eu peguei o microfone na frente da Patriarca e falei: Ação Fala Rua, hoje, a partir das vinte horas no Largo do São Francisco, Movimento Nacional de Luta e Defesa pelos Direitos da População de Rua. Iremos discutir sobre as problemáticas na cidade de São Paulo, sobre as políticas públicas, ação com música, teatro mamulengo, cultura, e quem é o morador de rua na cidade de São Paulo. E aí tinha um carro, uma Kombi, do Acolher, aquele que vai mandar o morador para o albergue e os agentes também não entenderam "biroba" de nada e ficaram ali olhando para a nossa cara, e aí eu peguei, botei a música de novo e comecei a sair, falando. O policial olhou para minha cara, pensou assim, deu risada, não acreditou! Aí depois ele entendeu quem era nós e com quem ele tava mexendo. Porque se ele me mandasse tomar a carroça, eu ligaria diretamente para a secretaria da Assistência e convidaria o secretário para estar ali, porque eu já tinha acionado, então a secretaria já tava sabendo. Então eu ando também dentro da minha carteira, comigo, vários cartões de visita que eu recebo, de secretários, de pessoas, de amigos, do poder público e também de organizações que eu ligo. Na hora a gente bota a boca no trombone. Aí o cara entendeu qual era a ação maior do que eu ia estar chamando ali para estar discutindo com eles, que ele não iria tomar a carroça. Porque essa não era a carroça do camelô. Aí fomos para o Largo do São Francisco, eu peguei o microfone de novo lá no São Francisco e aí eu comecei a falar: o ser humano não sabe viver, porque o ser humano pensa e faz uma ação que ele tem que servir para o próximo e viver para o próximo, e ele vive para si mesmo, para o dinheiro e para a ganância. Até que a turma parou assim, começou a me olhar, e eu no microfone: cada dia que passa a gente fala que quer combater a guerra, queremos a paz, mas paz do quê, se a paz não começa entre nós? É nós matando nós! É nós brigando com nós mesmos! É nós com a violência entre o próximo, que está do nosso lado! É nós brigando com a violência do próximo! Aí eu indo para o Largo do São Francisco, eu falei: aqui está uma das maiores faculdades de Direito de São Paulo, faculdade da USP, faculdade do Largo São Francisco, faculdade de Direito, aonde ela não dá direito a ninguém, e ela não respalda direito! Aí, tava saindo um grupo de jovens da faculdade, e começou a aplaudir. Eu falei: tá aí, aonde eles verem quanto à problemática do morador de rua e não assumem, e querem também tirar morador de rua daqui da área central. Faculdade de Direito do Largo São Francisco, USP, fazerem uma ação dessas? E a turma parou. Não se você viu, no lado direito da faculdade do São Francisco, tem a bandeira do Brasil, uma outra tarja preta, um pano preto e a bandeira de São Paulo. Não sei se está em obra ou se o Largo São Francisco está de luto, ou se a faculdade de Direito está de luto, por alguma coisa, e eu falei no microfone: a Faculdade de Direito está de luto porque tem a bandeira do Brasil, a tarja preta e a bandeira de São Paulo. E era dia que o Zé Dirceu tinha sido cassado e Zé Dirceu é advogado. Aí os jovens que tavam lá falaram: é bem provável que ela deve estar de luto por alguma "baboseira" lá de Brasília. E eu botei a boca no trombone ali! Então, eu acho assim, que o microfone, quando para a população de rua, ele é excludente, ele exclui, ele não dá oportunidade para o cara na rua falar, em qualquer lugar. Você vai em algum lugar que tenha microfone, que tenha uma ação, quem tem menos direito de falar é a população de rua. É a população de rua não, é a população mais carente, mais pobre. Um dia eu fui na CUT, tava havendo um encontro na CUT, e eu fiquei muito decepcionado com eles A Central Única dos Trabalhadores, que dita Central Única dos Trabalhadores, não tem "biroba" nenhuma, de lutar pelo trabalhador também nada, ela só quer usurpar do trabalhador. Aí eu tava fazendo parte do, é uma coisa dos movimentos sociais. Movimentos nacionais? Alguma coisa assim, não me lembro agora. E aí eu tava indo como uma das lideranças da população de rua. Um dos participantes de lideranças da população de rua, que eu sei que tem vários, isso eu na posso negar. Então se o cara chegasse lá: eu sou representante! A gente ia conversar junto para ver quem falaria um pouco, outro falaria outro pouco, não só um falaria sozinho, e aí eu pedi a vez para falar e eles não deixaram. Foi passando para outro, para outro, para outro, para outro e no plenário, depois que me deram o microfone. Aí eu disse: olha, para mim vocês não valem "tromba da biroba" de nada, porque quando a gente pede para falar vocês dão a oportunidade para o outro movimento, para o outro movimento, para o outro movimento, e o outro movimento! E a hora que o movimento que mais necessita, e que pede um ônibus para ajudar, vocês "caem fora"! Para que que eu fui falar aquilo? Eles ficaram irados e bateram a cabeça aquele dia! Falei: olha, vocês não querem ver a gente, a população. E eles iam fazer uma ação na cidade de São Paulo contra Geraldo Alckmin, uma ação, e queriam movimentar a sociedade, movimentar todo mundo. Eu falei: olha, vocês não contem mais com a gente

para essas coisas, caio fora, mas aí a gente não vem mais, porque vocês não querem, vocês querem já quem tem dinheiro, movimentos que já têm dinheiro, centrais únicas que já estão organizadas, e não a população de rua que precisa ainda de uma organicidade, de um apoio e tal, então vocês não querem isso, ninguém quer, sabe, Débora. Eu vou ser sincero para você, são poucas pessoas que acreditam na organização da população de rua. Muitas organizações, muitas entidades não querem a organicidade do povo da rua. Porque a bandeira de luta da população de rua: moradia, trabalho, saúde, educação, e cultura, é uma das ações que você tem que ter, isso é verdade, mas moradia, trabalho, saúde, educação, isso é o básico, essencial para qualquer ser humano viver. A hora que a gente fala dessa bandeira, todo mundo fala: que o povo da rua não quer casa, povo da rua não quer educação! Quer sim, sabe, a nível nacional nós queremos, mas não como impostos para o morador de rua. Porque o cara perde sua casa anos e anos, como é que você vai jogar o cara dentro de uma casa? E que ele tem que viver com outras pessoas? É horrível isso! Então ele precisa passar primeiro por um resgate da cidadania, o resgate da dignidade, sabe, para ele depois voltar a construir família, voltar para os laços, sabe. Você precisa também trabalho, você não vai dar um trabalho para um cara, onde ele tem que ficar preso. O cara sai, ele quer fugir, ele quer liberdade. Então você precisa de algo pouco a pouco, não é da noite para o dia que o cara vai voltar a trabalhar na carteira registrada. Ele trabalha cinco, seis meses e depois ele perde aquilo, porque você não sabe qual é tratamento do álcool, da droga ou do que teve de psico na vida do cara. Então quer dizer, eu acho que a população de rua é Frente de Trabalho? Concordo plenamente, mas não é da noite para o dia. O cara trabalhou nove meses, ganhou um dinheirinho, vai por ali, volta para cá, volta de novo, vai fazer outro curso, vai trabalhar, é essa a situação da população de rua, como tecnicamente se fala, é complicado, sabe?

E na minha vida tiveram muitas mudanças. Eu estou em uma casa agora que eu pago aluguel, é diferente da moradia provisória. Eu trabalhei em um restaurante com uma carga horária muito pesada e eu saí. Então, para mim, eu acho que assim, eu na casa aqui, para mim a casa está boa no sentido de moradia, eu fiquei aí tanto tempo numa moradia provisória, então eu já me adaptei. Agora to na minha casa, pago o fundo de moradia, que é outro fundo, é diferente, não é o aluguel. Se eu fosse pagar o aluguel seria um pouco maior do que o fundo. Pago água, luz, né, eu e minha companheira. Agora no sentido do trabalho eu não estou adaptado a trabalhar. Então quer dizer, para mim, trabalhar oito horas, depois ir, sair, voltar, todo dia, de segunda a segunda, uma folga na semana, eu sei que para qualquer um é assim, mas para mim, que tenho tanto tempo na rua, ainda não é o meu projeto. Eu acho que para mim ainda não é. Eu não consigo ficar preso à uma carteira de trabalho, ficar preso a um emprego, eu gosto da liberdade, de trabalhar ao meu jeito, de viver do meu jeito. Não é porque eu sou preguiçoso, eu não sou. Se você visse tantas ações que eu faço, é um trabalho! Quando eu vou para a reunião, eu vou para encontros, eu vou pegar o pessoal da população de rua, eu vou fazer outros serviços, eu vou para rua, eu ando. Tem dia que eu ando mais de dez quilômetros! Só daqui, ali, vou para o centro, vou para Zona Sul andando. Tem vezes que eu faço isso: vou lá na Zona Leste, lá na São Martinho de Lima, vou ali, volto para cá, então o dia inteiro andando. É quase um serviço de “boy”. Mas para ficar preso, todo dia, aquele serviço rotineiro: entro no trabalho às nove horas. Minha primeira obrigação é a salada, preparar doze saladas, depois vou para o quente, depois vou para o frio, depois vou fazer isso, saio quatro, cinco horas da tarde, certo? Para mim não dá, é preso, é trabalho escravo. Aí recebo meu salarinho no final do mês, não estou contente! Aí sempre você fala: não tem condições não, não é o que eu quero na minha vida. Tudo bem, você tem uma família, você vai constituir, eu acho que você manter uma família daquela maneira é legal, você tem que arrumar outra questão. Cada ser humano tem um jeito, tem cara que já não, já quer trabalhar, quer registrado, quer isso, quer aquilo. Eu acho que os direitos e tudo, mas eu mesmo, tantos anos já livre, tá entendendo, sem trabalho. A liberdade, o direito de ir e vir, de ali, fazer um biquinho, fazer minhas coisinhas, não me prende não, sabe. É preso, é escravo, é burro, porque você bota aquela tarja e ele tem que fazer aquela obrigação todo dia. Se você não andar naquilo você se perde, e eu não quero isso. Então não quero andar com o cabresto, eu quero a liberdade. Hoje me dá vontade de acordar dez horas, vou fazer meu trabalho, vou ali, vou aqui. Vou lá acessar a internet, vou ver o que tá acontecendo, vou numa reunião, volto para casa, também tenho que assumir meus compromissos, isso tem que fazer parte. Mas também não posso ficar só, a vida não pode ser aquela: casa, trabalho, trabalho, casa, casa, trabalho, trabalho, casa. Você fica escravo disso! E a hora que você pensa, quando você chega em casa, você já está cansado. Quando você vai para o trabalho você já está cansando, você não dormiu à noite. Quando você chega em casa, tem comida para fazer, eu mesmo não faço isso. E a Janaína, minha companheira não, ela não viveu na rua, a Janaína não sabe o que é a rua, ela foi para albergue, ela tá recentemente. Então quer dizer, ela é uma pessoa que tem condições dessa vida, porque ela não soltou. Agora eu já não! Ela tem ainda, por outro modo, preconceito contra as pessoas. Ela ainda não encara morador de rua, ela não se considera moradora de rua, né, a Janaína não. Então já é completamente diferente, já tive uma vida muito tempo na rua, abandono, e tal. Então pra mim, até dentro de casa tem hora que eu me sinto preso ao mundo de ilusões. Tem um sofá, tem uma cama, tem uma geladeirinha, de chegar, e cozinhar, de assistir

uma televisão. Tem hora que eu ainda não acredito que está acontecendo isso comigo. Mas aí é o destino!

O sonho é ilusão. Eu não sonho muito porque eu não acredito no sonho, né? Eu acho que tem que acontecer, tem que acontecer. E assim, eu penso, né, de um futuro, de ter a minha casa própria, de eu e a minha companheira. Eu acredito ainda, de que o movimento de luta e defesa pelos direitos da população de rua possa acontecer de verdade, que as organizações, pouco a pouco, vão dando essa oportunidade, vão investindo mais nessa dignidade dessas pessoas. Não adianta a ONG estar mais preocupada com o funcionário dela, não adianta, sabe, eu sou muito nisso. Porque o funcionário dela pode ser um morador da rua de amanhã. Então de ela também estar preocupada naqueles, na ação daqueles que estão na rua. De resgatar, de resgatar um trabalho, não que eu estou dizendo que tem que contratar todo morador de rua, mas ao menos ela dar oportunidade. Sabe, o que eu vejo muito, Débora, é o que falta para nós é essa ação. Eu vivi na rua, eu posso administrar um albergue. Eu posso administrar porque eu conheço quem tá dentro de um albergue. E essa não é a oportunidade que nos dão. Pode ser que aquele emprego meu, de registro, de carteira, de cozinheiro, não seja isso o que eu queira, que é para mim. Mas aquilo que eu vivi, possa ser para mim. Então, muitas vezes eu tomava conta do centro comunitário aqui da Ivete, da OAF. Então eu chegava, dormia no centro comunitário, eu que limpava o centro comunitário, era eu que abria o centro comunitário, era eu que fazia o lanche. E isso eu fazia como compromisso para mim. Por que? Porque eu vou estar acolhendo pessoas que nem eu. Então, a ação vai ser completamente diferente. Eu posso ganhar, não acho que isso seja um problema, mas também eu não posso só viver por aquilo, o dinheiro, mas de uma ação de servir. Porque eu passei por aquilo, e outra, eu sei muito melhor tratar do que outras pessoas que não entendem, não é verdade? Então, que eu sonho é muito isso. Não que as ONGs têm que acabar, não é verdade? Nunca vai acabar, mas de ela pensar também no resgate daquelas pessoas, da dignidade, sabe. Eu vejo o Antonio Araújo aí, um cara que tá há tanto tempo, que hoje tá trabalhando na São Camilo. Mas ele precisou passar por um processo completamente. Mas o trabalho dele não é escravizado como o meu, entende? É verdade, ele estuda de noite, ele tem sábado, domingo de folga. Ele tem o direito de ir e vir. Então quer dizer, eu acho que precisa é muito disso. Oito horas, mas trabalho meio período, e tal. Então eu acho que eu sonho é isso, não que eu sou: o Anderson é vagabundo, o Anderson é preguiçoso! Não é! Eu acho que precisa é liberdade como qualquer um outro. Eu penso muito assim. As pessoas acham que a gente da rua não somos valorizados, nós temos que ser, você está entendendo? Que nem agora: isso é uma coisa minha, do meu coração, que eu estou sentindo. Lá na moradia provisória tem computador. O que adianta ter computador? Pode? Cadê o investimento? Cadê o incentivo? Pra gente começar a caminhar, um processo melhor, internet mais rápida, não só eu que vou usar, outras pessoas que vão usar. Então quer dizer, quando eu escutei aquilo do cara que prometeu as coisas para nós, me machucou muito, porque lá eu não estava pedindo para o Anderson. Nem era eu. Então quer dizer, você também tem uma outra ação, e quem tá do outro lado, como é que vai ajudar, né? Eu corro atrás disso, eu to correndo atrás daquilo, com essa batalha eu to conseguindo um computador. O computador não é nosso ainda. Eu tenho o meu computador na minha casa, onde eu posso mandar mensagem, ver o que eu quiser. Então quer dizer, é uma conquista. À medida de peças por peças que você foi conquistando, uma impressora, um computador, tudo. Então quer dizer, daqui a pouco você não pode instalar a internet porque você não tem um apoio. Quando você vai tentar fazer um e-mail: ah, que isso aí, é um morador de rua, não tem valor! As próprias organizações não acreditam em você. Quando você vai falar com as organizações, elas não te dão ouvido. No Dia de Luta desse ano mesmo, eu vi uma ação que nós, eu consegui o dinheiro, nós compramos dez camisetas, dez camisas da organização. Pagamos e exigimos nota ainda, das camisas. Para dizer: não tá ficando de graça para a população de rua. Não, nós fomos lá, cada camisa custou R\$6,00. Compramos dez camisas para o Fórum da População, cada um do Fórum tinha a sua camiseta para mostrar que o Fórum também compra, que a população de rua, quando se organiza e se demonstrando, se faz ação. Mostramos isso para as organizações. Porque quando nós fomos participar da reunião, as organizações ficaram com a camisa e não deram para o morador da rua. Nós não, cada um ficou com a tua camisa. Anda como quer, veste como quer, dignidade, respeito, eu acho que é isso, né? Então quer dizer, precisou nós batalhar, conseguimos o dinheiro, compramos as camisas, mesmo que foi doação, não foi, conseguimos, para mostrar para as organizações que a gente consegue. Aí depois a gente acredita na população de rua, sabe. Por exemplo, eu vejo muitas organizações falarem: a gente tá do lado de vocês. Olha, eu chamei várias organizações para a reunião do Natal Solidário. Foi poucas, poucas que foram lá, sabe. Então quer dizer, acreditar como? Tem hora que eu fico muito decepcionado porque falam: você não é mais morador de rua! Bom, pode? E vem das organizações, do poder público, de desvalorizar você. Mas só que eu não deixo isso me abater. Eu falo: olha, eu não sou mais, mas amanhã eu posso voltar e já fui. Então quer dizer que a gente tá lutando é por isso. Hoje eu to na minha casa, mas vocês pensam que eu to lá sentado assistindo televisão? Não. Porque a hora que eu vou sair, eu vou para a rua fazer ação. Vou para ver como é que tá. A minha máquina fotográfica tá quebrada, mas o dia que eu tiver uma de verdade, vocês vão ver, porque eu vou jogar na cara de todo mundo o que a gente vê na rua. Um dia eu vi a polícia batendo num menor no Vale do Anhangabaú.

Batendo mesmo, porque ele tava tomando banho no chafariz. Ué, bota banheiro para o cara tomar banho! Arruma um lugar para dar banho nele. Eu vejo ações acontecendo na rua, sabe, que nem: a polícia revistando morador de rua na Praça da Sé, sem mais nem menos, em vez de ir atrás de bandido. Quando eu vejo poder público omisso, pessoas jogadas, mal tratadas. Eles falam que faz, que faz, que faz, nunca viu a reunião das organizações, nunca viu as organizações. Eu só vejo curso de capacitação para as ONGs, para as entidades, para os técnicos, para os agentes. Curso de capacitação. Para trabalhar com a população de rua não precisa de curso, precisa de coração, precisa de amor, precisa de carinho, precisa de respeitar. Não adianta, eu posso fazer o melhor curso do mundo, se eu não entendo aquelas pessoas, se eu não entendo que na hora que eu vejo aquelas pessoas querem falar, você manda calar a boca, você tampa a boca dela, você proíbe ela. Eu acho que o que precisa é a dignidade, fazer reunião, o que tá acontecendo, vamos conversar, vamos resgatar. Não calar a boca! Não custa, o que custa, gente, me poupe, sabe? Eu vejo uma coisa que muita gente, muitos técnicos falam. Isso eu quebrei em Araraquara: para trabalhar com a população de rua precisa pessoas capacitadas. Eu falei: o que? Precisa de pessoas capacitadas? E para trabalhar no hospital, precisa do que então? Precisa de pessoas, a mesma coisa que para quem trabalha com a população de rua, pessoas que amam a profissão. Tudo bem que ganhe, mas quem tá lá é porque ou quer ser enfermeiro ou quer ser médico. Porque se você não entende a pessoa, aí você nunca vai trabalhar. Se você não pode trabalhar com sangue, você vai trabalhar com sangue? Senão você desmaia? Então pronto, então larga essa profissão e vai procurar a tua. Agora você precisa, quando você gosta daquilo, porque você vai trabalhar com seres humanos, com vidas. A capacitação que precisa é o amor, carinho, respeitar o ser humano. Entender por que ele está na rua e compreender, muita mais ainda. Porque muitas vezes eu posso entender mas não compreender. Não posso pensar: coitadinho! Não passa pela minha cabeça não, pára com isso. Nós não somos coitados, nós somos pessoas. e pode acontecer com qualquer um. Saiu agora recentemente uma pesquisa na Folha*, que eu queria muito pegar, de que os ricos estão ficando pobres. Saiu agora, há umas três semanas atrás. Então quer dizer, isso é verdade, a classe mais alta tá se deflagrando, gente! Classe média, não tá mais existindo classe média, não é verdade? Ou é alta ou é pobre. Acabou esse negócio de classes, de classe pobre, média, rica, acabou isso! Já foi a era, por assim dizer. Hoje eu falo que tá se renovando ou a classe rica ou a classe pobre. Não tá mais existindo a classe média que existia antigamente.

Então, quer dizer, eu acho que as pessoas falam muito, as entidades falam muito, mas na hora de agir não agem não. Por isso que tem hora que me deixa assim muito, muito decepcionado, a hora que você chama as organizações para uma reunião não vai ninguém, a hora que você quer tratar de peito a peito não vai ninguém, tá entendendo? Mas a hora que mexe no bolso dela: população de rua, vamos mobilizar! Porque aí: ah, o povo da rua, valorizam, vamos chamar a população de rua, vamos lá, vamos na secretaria, vamos na prefeitura, vamos lutar pelos direitos do povo da rua, a gente tá defendendo os direitos do povo da rua! Mas na hora que é o povo da rua que quer chamar para conversar, para articular, para fazer: não, que isso, não é isso, vamos tratar de outra maneira, e tal. Muitas vezes, me marcou muito, um lugar que a gente ia, não vou dizer o nome para não ficar chato, nós fomos fazer reunião, quando era reunião das organizações das entidades, tinha chá, café, bolo, biscoito, é isso, é aquilo. Quando era nossa reunião, do Fórum da População de Rua, não tinha nada! Nem um cafezinho não botaram na mesa. Aí depois que a gente começou a ver, e participando das reuniões das entidades, das organizações, aí que começou a surgir umas coisas, eu falei: olha, que legal! E foi no dia de sete de maio de 2005, que nós fomos lá e fizemos aquele almoço, que nós fomos lá, conseguimos dinheiro, parcerias, pro almoço da eleição dos conselheiros. A gente foi atrás de bolo, foi atrás disso, foi atrás daquilo, fomos lá. Porque tem poucas entidades que nos apóia, eu não posso criticar todo mundo. Mas na hora que você vai pedir apoio para as outras entidades, falam: ah, a gente tá sem verba, a gente não tem isso, a gente não tem aquilo, coitado de nós, coitado! Está parecendo que eles são a população de rua, que eles estão mais deflagrados que a gente, te juro. Tem hora que dá vontade de pegar todas as migalhas que a gente tem e falar: olha, tá aqui o que nós temos, fica com eles, por favor, fique! Você vai pedir xérox para a organização: não pode! Não pode isso, não pode aquilo!

Eu ia citar o nome, mas não vou citar, mas tem uma organização mesmo, que põe muita barreira hoje. Ela tem máquina de xérox, você vai pedir para ela, ela não faz. Não pode, sabe. Eu tinha que ir na Associação pedir, mesmo não fazendo parte eu pedia para a Rosana, ela liberava. A Associação libera, mas ela própria não libera. Me matava isso do coração, sabe, me decepcionava isso, me decepciona até hoje! Falava: sabe o que é, a gente precisa tirar uma xérox para documento. Não, não pode! Nego é riquíssimo! Além das verbas que vem para aí, né, para os catadores, para a população de rua. Sabe, tem hora que me bate assim, uma dor no coração, de dizer que eu convivo com isso e que eu faço parte disso. Tem hora que eu defendo, mas não é o meu essencial de defender, sabe? Mas tem hora que me machuca, sabe. Domingo eu fui, essa eu contar porque me machucou muito. Domingo eu fui na Casa de Oração, ia

* Jornal Folha de São Paulo.

ter um batizado lá, de uma criancinha. Aí eu fui para a Casa de Oração. A exclusão foi tanta que eu não me senti bem, peguei, caí fora. Fui embora. Fui assistir o jogo do Corinthians lá em Santana, no campo de Bagatelli. Me senti muito mais bem lá do que na Casa de Oração. Você acredita num absurdo desses? Saí assim, ajudei a fazer o lanche, e saí fora. As pessoas te tratam tão mal, mas na hora que precisam de você: Anderson, vamos tocar, vem aqui, vamos participar, você é importante, tal. Mas na hora que você precisa te dá um chute na bunda, te joga lá. Aí você fica a Deus dará! Então eu falei: eu? Eu simplesmente peguei, joguei a mochila nas costas, a Janaína não tava bem, ficou em casa, eu falei: olha, Janaína, vou assistir o jogo do Corinthians, vou lá na Casa de Oração, vou participar da ação, qualquer coisa eu chego sete horas em casa. Ela falou: tá bom! Porque ela ia para a Casa de Oração, e também ela não foi porque ela passou mal, né? Aí, olha, eu entrei na Casa de Oração, já me senti assim. Eu falei: não vou ficar não. Meu coração pediu para eu não ficar. Simplesmente eu entrei, ajudei a fazer o lanche, tal, levei os instrumentos, que tava em casa e aí eu saí: vou embora, não tô me sentindo bem. Então quer dizer, me bateu aquilo. Aí eu contando ontem para Regina, ela falou pra mim: mas por que você saiu, você tem que acabar com isso! Eu falei: acabar por quê? Quer dizer que se eu não me sentir bem num lugar, ou se eu não gostar de alguma coisa eu sou obrigado a ficar? Não, eu tenho a liberdade e o livre arbítrio de pegar e sair. Não concordo! Agora, é ruim, é chato? Se eu ficasse remoendo aquilo ali, ou ali dentro, participando, porque é a Casa de Oração que eu sou obrigado a participar? Tem hora que tenho que fazer parte, claro, eu acho, importantíssimo, eu gosto muito da Pastoral, eu gosto muito, mas tem coisas que não me bate no coração e que eu não aceito. Eu brigava, eu remia, eu fui expulso. Eu não aceito e “zéfini”. Tem coisas que eu acho que não me fazem isso. Então quer dizer, tem coisas que eu estou vendo com os meus próprios olhos, de que não é crítica, mas é verdadeiramente verdade. A população de rua, nós somos usados por simples manipulação do poder. Do poder das organizações, das entidades, do poder público, do poder de tudo.

Eu tava hoje, batendo uma “cachola”, na minha cabeça aqui de que a população de rua é geradora de renda. Ela gera renda, mas não para ela, para os outros. Ela gera, ela é a geradora de renda, ela é importantíssima para a economia, ela é importantíssima para as organizações. Eu quero ver qual é a entidade que trabalha sem fins lucrativos, que trabalha sem fins lucrativos com a população de rua? Ela não agüenta, ela não suporta, ela precisa de fins lucrativos. Porque a entidade fala: a gente é sem fins lucrativos. Ela precisa de fins lucrativos para sobreviver. Então de uma forma ou de outra, gera fins lucrativos, tanto governamental como não governamental. Tanto do poder público como não do poder público. Você fala que ela não depende do poder público, claro que depende do poder público para sobreviver. Ela fala que não depende do poder público? Da onde vem o dinheiro, de onde é liberado? Não é federal, estadual, municipal? Então, a igreja, ela vive através do que? Não é do dízimo, de que for? Mas só que ela também vive do poder público, do poder público nas três esferas, porque ela não paga água, não paga luz, porque ela presta serviços sociais. Então ela depende do poder público, então ela falar que ela é sem fins lucrativos, do poder público, não, ela depende dos fins lucrativos. Porque ela não paga impostos, por quê? É isenção de impostos, mas quem isenta ela, não é o poder público? Mas então se ela não isentasse, ela tinha que pagar impostos para o poder público, não é verdade, e aí ela receberia mais ainda. E aí, que questão! Então quer dizer, tem tanta “biroba” que bate na nossa cabeça, que tem hora que deixa um pouco confuso, mas não é, sabe. Então eu falo isso para as pessoas, vinha conversando com o Antonio um dia, o Antonio falou: é Anderson, muitas entidades aí se fosse falar que é sem fins lucrativos, então deixa ela viver só por ela, da renda dela para viver, se ela vive, ela não vive, ela precisa de capital para isso. Então ela vai atrás de doações, de organizações, de outras coisas, mas ela tem fins lucrativos. Sem fins lucrativos, me poupe! Isso é “H”! É aquele filme: “Quanto vale ou é por quilo?” Você assistiu aquilo? É a nossa realidade, diga que é mentira a minha? É a realidade das ONGs, é a realidade, é a briga pelo pobre. Muitas ONGs falam que não brigam, mas brigam pelo pobre. Esse pobre aqui é meu, não vai mexer nele! Não, vamos dividir, vamos ver o que o cara tem. Não, esse aqui é meu, é meu e “zéfini”! Você não quer que o cara cresça, você não quer investimento no cara, sabe. Eu já vi brigas mesmo, como eu falei para esse diretor do filme, ali onde ele mostrou, eu já vi briga de peruas de sopa! Aquilo que aparece no filme foi verdade, é verdade.* E o diretor falou naquele dia em um debate, ele falou verdade, não é invenção dele. Ele viu aquilo acontecer. Ele é amigo de quem? Daí ó, da Ivete. Por isso que o filme foi gravado ainda lá. Uma parte do filme. Você conhece a cunhada da Cleisa, que é artista, que é atriz? Ela participou de uma cena, ela ajudava na sopa, que levou as pessoas para um sítio. Você acha que não existe um sítio do Santo Daime? Que você faz a lavagem no cara, que dá aquele chá, e a pessoas começam a vomitar? Não existe chá do Santo Daime na população de rua? Claro que existe, tudo naquele filme é real. Eu falei para o diretor: diretor, parabéns, o seu filme é completamente a nossa realidade do pobre. Das organizações brigando com elas mesmas, da escravidão do pobre, porque nós somos escravos e vamos continuar sendo escravos, eles não vão querer a nossa saída, a nossa libertação. Quando vamos ter

* O filme tem uma cena em que mostra dois grupos que distribuem comida disputando o mesmo espaço.

alforria? Tem hora que o Padre Júlio fala algumas coisas, mas tem hora que ele fala sem nexos, sem sentido, e tem hora que ele fala com razão. Porque é um só falando pela população de rua, na hora que você quer articular com Brasília, na hora que você quer participar das reuniões, você não vai. Aí ele joga um abacaxi podre para você e a hora que não tem coisa importante, não tem representante importante: ah, vai lá, interlocutor, lá em Brasília, vai, você é o nosso interlocutor, vai para Brasília. Eu falo: ah, me poupe! Eu falo mesmo, tá entendendo? Mas na hora de lutar, por outras coisas, cadê, quem vai? Nós? Agora recentemente aí saiu uma verba de quinhentos mil reais, sabe para quê? Para a geração de renda, que a turma tá fazendo aí no centro comunitário. Saiu quinhentos mil reais para a população de rua, que era para mandar os projetos. Você tá entendendo? Cadê? Disse que São Paulo não mandou um projeto até agora, que venceu ontem, dia cinco, era o último dia de ter mandado. Cadê, nós estávamos sabendo? Ficamos sabendo por que eu tinha interlocução com Brasília, com a Lúcia Lopes, mas cadê, que nós sabemos? E cadê que as organizações respaldam? O próprio Valter Varanda [Assessor da SMADS] sabia, que é lá da Secretaria, todo mundo sabe, e cadê? tá preocupado com a população de rua? tá nada! Se saiu do seu trabalho ótimo, se não saiu para eles ótimo. A briga é de poucos, de poucos é a briga, não é de todos. Saiu da frente de trabalho, a culpa é de quem? Ninguém sabe de quem é a culpa! Das organizações: não! Da população de rua? Também não, não é, sabe: ah, porque tem pouca gente, porque houve uma desistência. Claro que tá havendo uma desistência do cara na frente do trabalho. Há uma desistência, mesmo quando ele entra não é aquilo que ele tá esperando. Qual é a pessoa que entra para ganhar duzentos e quarenta reais, mais quarenta e seis reais, uma ajuda de custo, e que na hora ele tem que pagar moradia e comida. R\$46,00 você come como? Eu aqui mesmo gasto R\$ 150,00 só de comida, com a Janaína e eu. É comida para caramba! Você vê, a gente compra arroz, feijão, carne, ovos, óleo, material de limpeza, material higiênico para gente e tal. Quer dizer, fora o que eu tenho que comprar diariamente, porque não dá, né? Então o gasto do ser humano, ele não gasta menos de R\$ 500,00 por mês. Ele gasta muito mais. Então quer dizer, você ganhar R\$ 240,00 mais R\$ 46,00 de alimentação, o cara vai viver com um cartãozinho de R\$46,00 reais? Eu duvido, por mês? Eu duvido! Ele ainda vai viver dependendo das organizações. Porque ele vai na boca de rango para comer. Eu não, eu tenho o que é meu, eu corro atrás das minhas coisas, eu brigo, eu vou batalhar, eu peço, mas e quem não consegue fazer isso? Eu já vi gente passando fome, estando na frente de trabalho, e tá no albergue, porque não tem condições de pagar moradia provisória. Porque paga R\$ 50,00 de moradia e vai comer o que? Mesmo na moradia? Ele tem que comprar o mês pra ele, e aí ele vai viver do quê?

Eu vivi muito tempo em organizações. Eu vivi assim, sabe, órfão, de pai e mãe, que é criado no orfanato, aonde você vê, sabe, quando você vai com três meses de nascido, você sai de lá com 15 anos, com 18 anos! Eu saí do orfanato com quinze, porque vim para São Paulo, e praticamente com dezesseis, dezessete anos eu já estava quase na rua. Eu saí porque eu não aceitei a regra do orfanato, eu não quis aceitar a regra. Então, quer dizer, já era regra, já era imposição. Todo meu salário já tinha que ir para a república, já tinha que pagar a república, não tinha condições, eu tinha dinheiro para isso, então, quer dizer, você nunca aprendeu a mexer com dinheiro. Eu nunca aprendi, sinceramente. Nunca uma pessoa chegou para mim: Anderson, vamos sentar, vamos aprender! Quer dizer, me perdoe, eu estou errado, eu tenho que corrigir meu erro. Única pessoa que chegou para mim: vamos administrar isso? Foi você, só. Mas nunca, o resto. Nem a Regina, nem ninguém nunca chegou para mim, nunca me ajudou nisso. Você tá entendendo? E aí você só chegar e falar: ah, me dá o seu dinheiro aqui que eu vou guardar, e aí você não ter a liberdade de gastar, já desde pequeno você querer com isso: meu primeiro trabalho, eu quero pegar meu dinheirinho, eu quero passear. Aí você não pode, não pode comprar roupa, não pode fazer isso, não pode aquilo. Aí eu fui desaprendendo. Até hoje, você tá entendendo? Então, quer dizer, se torna uma desorganização para a pessoa.

Aqui em casa, hoje a gente está zerado, mas até ontem tinha dinheiro em caixa. Mas aí precisou comprar lingüiça e acabou. A Janaína administra o dinheiro. Que nem eu falo para ela: você paga água e luz e eu pago aluguel e faço a compra. Quer dizer, é gasto! Janaína não ela paga o quê? Água e luz deu R\$ 25,00 a conta de água e R\$ 53,00 de luz. Então deu R\$70,00. Eu pago R\$150,00 de fundo de moradia, mais R\$150,00 de comida: R\$ 300,00. Mais o que vem ainda por cima que sou eu que tenho que comprar. Porque o que ela ganha não dá para ela pagar isso, ela ganha R\$ 120,00. O que ela ganha não dá para ela pagar, quer dizer, ela paga já água e luz, e tem mais, as prestações das Casas Bahia dela, sou eu que pago. Uma de R\$ 50,00 e pouco e a outra de R\$20,00 e pouco. Não, eu não to jogando isso, nunca joguei isso na cara dela, e não quero, mas eu assumi esse compromisso. Então quer dizer, eu agora tenho que arcar com isso, então quer dizer, eu tenho que pagar as prestações das Casas Bahia, tenho que pagar o fundo moradia e tenho que arcar com a comida dentro de casa. Então para mim, não é que seja complicado, tem dia que a gente, que nem, teve um dia aí que a gente comeu macarrão puro. Graças a Deus! Falo para ela: Janaína jogue tuas mãos, ela tá aprendendo isso, o que a gente não pode passar em casa é fome. De forma nenhuma! Eu não quero isso. Você está grávida, você está gestante, nem que eu vá na feira catar, nem que eu vá, mas isso eu não vou deixar! Vou catar latinha. Tem vezes que ela não aceita de eu ir catar latinha,

tem vezes que ela fala: vai catar latinha? Eu vou catar latinha, mas é nossa sobrevivência também. Eu não tenho vergonha não. Eu digo para ela: a gente não vai comer todo dia caviar, não vamos ter luxo não, mas a gente vai ter o essencial em casa para comer. Nem que seja sopa de pele, nós vamos tomar! Ela não toma sopa, eu tomo, ela não gosta. Eu passo por isso, né, então quer dizer, para mim é difícil, você tá entendendo? Então por isso mesmo, que tem hora, eu não critico, mas eu faço uma auto-avaliação do que eu passei, desde o orfanato, desde as organizações até hoje. Hoje nós temos muitas organizações que trabalham com a população de rua em São Paulo.

Quando eu vim para São Paulo, quando eu vim para as ruas da cidade de São Paulo, você ouvia falar pouco. População de rua também não tinha tanta visibilidade. Hoje você tá vendo a população de rua a nível nacional. Eu digo isso, sabe, para mim, é um vencimento, hoje a imprensa, falar do povo da rua a nível nacional. Antigamente você tinha poucas ações, poucos fóruns da população de rua. Você tinha muita gente dando comida na rua, muitas ações, mas não essas ações que tá acontecendo. Por isso eu acho que tem que tratar o que? Por que tá na rua? Não excludente: você tá na rua porque você é cachaceiro! Não! Por que caímos na rua? Qual é a problemática? É o desemprego? É ação, qual ação que o poder público, da sociedade, temos que ter? É o problema familiar? Eu acho que muitos também têm problema familiar, problemas da droga, não é verdade? Problema da exclusão e da droga, problema da migração. Também tem imigração, muito aqui. Os peruanos, bolivianos, chilenos, os africanos agora, tanta gente! Até europeu também que imigra para cá, pela problemática. Então, quer dizer, você tem o problema da migração e da imigração, não é verdade? Porque o migrante, muito, ele quer procurar um canto para ele, não porque ele quer migrar de cidade para cidade, não, ele tá migrando porque ele tá vendo que ali ele não tá conseguindo tirar o sustento da vida dele. Então ele vai para outra cidade, a outra cidade vai jogando ele para outra cidade, para outra cidade, e ele vai. Aí ele vai migrando rotativamente. É a mesma coisa do imigrante, o imigrante, ele migra de um país para outro porque ele vem em busca de alguma coisa que no país dele não tem. O direito de comida, dos direitos, deveres, ou porque tá em guerra. Alguma coisa tá acontecendo. Então eu acho que para mim é muito triste, nosso Brasil, haver barreiras municipais, estaduais. Dizer que o brasileiro, ele não tem direito de andar no país dele, o direito de ir e vir. Quando você chega numa outra cidade, num outro estado, é como você estar entrando em um outro país, precisa do documento, precisa saber quem é você, que que você tá fazendo ali. E aí o brasileiro não sabe atender o próprio brasileiro, receber o próprio brasileiro. Se você for turista, tiver dinheiro aí é outra coisa. Aí você pode. Mas enquanto você é aquele cara migrante, que tá migrando para aquela cidade querendo uma vida, uma dignidade, as pessoas vão saber toda a sua vida para você morar ali. E se você é um cara da rua e tal, sua passagem de volta para outro lugar já tá preparada. Nem que seja dez quilômetros para frente, eles te dão para você sumir da cidade, cair fora.

Eu guardo assim, uma experiência, eu digo muito isso pra Janaína: eu não sou da Janaína, a Janaína não é minha. Ela tem a liberdade, o dia que ela quiser, viver a vida dela, como eu tenho a liberdade do dia que eu achar melhor, cair fora. Eu penso muito isso. E a Beatriz que tá vindo, eu tenho a obrigação de cuidar da Beatriz até os doze anos de idade. Minha obrigação com ela vai ser só até aí. Até doze é obrigação. Ela é criança até aí. Depois ela tem a maturidade dela de definir a vida e o caminho dela. É a educação que eu posso dar para ela é até os doze anos. Quatorze, quinze, porque depois é o mundo, e é o destino que vai ensinar ela. Ela não é do pai e da mãe dela. Você é do seu pai e da sua mãe? Ninguém é de ninguém. Todo mundo é de todo mundo. Eu digo muito isso para mim, você tá entendendo?

Quarta entrevista. Local: café no bairro da Liberdade.

Bem, minha história é assim: até os 13 anos fiquei no orfanato em Jujutiba. Dos 13 aos 15 anos, mais ou menos nesta faixa, eu fiquei na república do mesmo orfanato, aqui em São Paulo. Daí eu saí da república, porque eu não concordava com as regras e eles não concordavam comigo, então eu vim pra pensão. Com 15 anos fui pra pensão, no Morumbi. No Morumbi não dei certo. Nessa época eu tava trabalhando de *office boy*. Aí, já na pensão, não consegui ficar, sempre eram roubadas as coisas, eu saí, vim para o centro. Aí do centro já fui para a rua, morei numa pensão, e fui morar na rua. Continuava trabalhando como *office boy* nessa época. Aí continuava trabalhando como *office boy*, e aí fui para a rua. Fui pro Anhangabaú, aí já comecei a dormir no túnel, aí do Anhangabaú, não tem um túnel do Anhangabaú? Comecei a dormir debaixo daquele túnel. E aí eu comecei a dormir ali. Aí o doutor ficou sabendo, fui na irmã do doutor. O advogado. Ele não sabia que eu tava dormindo na rua. A irmã dele era professora voluntária na república que eu morava. Aí, eu fui lá e falei para ela que eu estava na rua. Aí ela ligou para prefeitura para saber os albergues. Porque podia entrar qualquer um, nessa época, nos albergues. Aí eu fui para lá. O primeiro albergue que eu entrei, já tinha ido para o Cetrem, no Brás. O antigo Cetrem no Brás, misericórdia! As pessoas, na fila, brigando. Depois fui pra rua de novo. Fiquei dois dias só no Cetrem. Bom, no Cetrem era assim, você entrava numa fila, não tinha vaga, não tinha

nada. Era a polícia que comandava. Você já entrava, os caras já ficavam para te assaltar. Aí eu fui para o Cetrem, não gostei, fui para o Migrante. O Avim. O Migrante era horrível. Muquirana, muito bicho, na época, era sujo, muito imundo. Eu saí, e fui para a rua de novo. Aí encontrei com o Cearense, que eu contei antes. Esse Cearense que eu chamava ele de tio. A gente foi para o Lúcia Jardim, debaixo da Avenida 23 de Maio. Aí ele falava que era meu tio.

Eu nunca mais fiquei no Anhangabaú porque eu fui estuprado pelo policial. Então aí de lá eu nunca mais fui. Eu ficava na Sé. Da Sé, e da Sé eu e esse Cearense, que eu chamava ele de tio, a gente foi dormir na Barra Funda, debaixo da Avenida Rio Branco, terminando a Avenida Rio Branco, ali, não tem aquela fábrica de queijo, como é que chama? É Catupiry? Nós dormíamos ali, naquela fábrica. Eles deixavam uma marquise para nós dormir. Aí nós ficamos dormindo um bom tempo lá. Mas aí mataram um cara lá, no paralelepípedo, e nós tivemos que sair de lá. Então nós fomos para o Lúcia. Ficamos lá no Lúcia. O Lúcia já existia, é um dos albergues mais velhos. É o Lúcia, o Cetrem e o Migrante. Eram os três albergues que existiam. Fiquei no Lúcia uns quinze dias. O prazo deles era maior, só davam quarenta e cinco dias para a pessoa ficar, não dava mais. Aí depois a pessoa podia retornar, mas era só quarenta e cinco dias que o Lúcia dava. Aí fiquei quinze dias no Lúcia. Do Lúcia fui trabalhar num circo, num parque de diversões. Aí que eu falei, num parque de diversões. Aí eu e o Cearense fomos explorados lá, trabalho escravo, aí voltamos para cá. No que eu voltei para cá, em 95, conheci a Ivete, a OAF.

Nessa época eu tava dormindo na rua, lá na Sé. Aí, com um tempo, a Ivete me chamou para ir dormir no centro comunitário. E eu fiquei no centro comunitário, um bom tempo tomando conta, entre 95 e 96. Em 96 eu fui para Belo Horizonte, andando. Eu fui, foi o primeiro trecho, sempre em albergue. Depois que retornei fui trabalhar na Coopamare.

Lá em BH eu fiquei em albergue. Na verdade eu tava indo pra Pernambuco, com um outro pernambucano que eu fiz amizade. E aí a gente ia para Pernambuco, mas aí eu fui até Sete Lagoas, não agüentei. De Sete Lagoas eu voltei para Belo Horizonte. E aí lá eu fiquei na rua um dia, dormi um dia na rua, e no outro dia eu fui procurar a prefeitura. E lá dentro da rodoviária eles me encaminharam para um albergue, chamado Abrigo São Paulo. Aí fui para o Abrigo São Paulo, eles dão também acho que trinta dias para a pessoa lá. Aí arrumam um bico para pessoa que não é de lá ir embora. E aí eu arrumei um trabalho lá, e fui trabalhar, um bico. Trabalho braçal, fui trabalhar como carregador nessas transportadoras, mas não era registrado, não era nada, era só um bico ou biscate, que eles falam lá, que arrumavam para gente. E aí fiquei um bom tempo. Aí a Ivete ligou para lá, porque ela tinha a irmã Fortunata, e a Cristina, e elas falaram que eu tava lá, freqüentando a comunidade delas, e elas me conheceram. E a Ivete ligou pedindo que eu voltasse para São Paulo, para voltar para a comunidade. E aí eu fiquei, e depois eu voltei para o centro comunitário. E aí fiquei mais um tempo. Não fui mais pra rua fiquei no centro comunitário, fui trabalhar na Coopamare. Em 96, 97 trabalhei na Coopamare. Em 97 fui fazer um curso em Águas de São Pedro, no SENAC, fiquei seis meses morando lá. Eles dão alojamento, dão tudo, você não paga nada. Pra entrar você vai fazer uma prova, é a seleção. É como você faz uma prova de concurso público, né? Você paga uma taxa, que é R\$ 50,00, que é a inscrição e aí eles dão alojamento. Você fica seis meses lá. Eles dão esse curso, porque assim, o Senac eles isentam os impostos do governo, por isso eles têm essa bolsa, pela isenção dos impostos. E aí eu, depois do curso, eu comecei a andar o trecho. Eu fui para Campinas, trabalhei lá, num restaurante lá em Campinas, né, do lado da Unicamp, do cara que fez um curso de chefe de cozinha, ele tinha um restaurante lá. Era ex-jogador de futebol. Aí fui trabalhar lá, não deu certo, vim embora para São Paulo. De São Paulo eu fui trabalhar em Ubatuba, com um outro cara que eu conheci no curso, que tinha um Refúgio do Corsário, em Ubatuba, não sei se você já ouviu falar. Eu trabalhei no Refúgio do Corsário três meses, foi na temporada, fiquei a temporada de verão lá. Trabalhava como cozinheiro, pegava o plantão lá. Depois vim para São Paulo de novo e fui viver o trecho.

Eu não planejei nada, foi destino. Mas eu fui, sabe por quê? Porque eu via a situação aqui de São Paulo. Então eu sempre fui uma pessoa assim. Quando eu via desgraças, a tristeza, gente morrendo, gente apanhando, muito frio, eu saía fora de São Paulo. Tinha um tempo que era operação frente fria, que a polícia começou a nos perseguir lá no centro, levando a gente para delegacia, coletando nossas identidades, fazendo algumas coisas, aí eu via que tava “barril” eu ia embora. Saía de São Paulo. Ia andar mesmo, no trecho, nunca pedi carona, pedi carona uma vez só. Nunca, eu não gosto de pedir carona, sou uma pessoa, assim. Eu traço uma meta, se eu vou, quero ir para Salvador, eu vou até Salvador andando. Mas eu não gosto de pedir carona. Eu passo, peço albergue. Nas cidades que eu passo eu vejo se tem albergue, se não tiver albergue eu durmo nos postos de gasolina, na BR.

Então voltei pra São Paulo, fiquei mais um tempo em albergue, acho que foi o Pedroso. Do Pedroso depois eu fui para o Arsenal, o Arsenal em 99, 2000 já existia. Trabalhei na cozinha do Arsenal três meses, entendeu, você sendo usuário lá eles te dão uma oportunidade. Aí em 2000 fui para Salvador andando. Briguei com a OAF e fui. Peguei o trecho para Salvador. Aí foi um grupo que foi em setembro, caminhando de São Paulo à Aparecida, e eu fui com esse grupo. Era o Grito dos Excluídos em Aparecida, em 2000 e eu queria ir para Salvador. Aí fui até Aparecida com esse grupo, de Aparecida encontrei uma

turma da Irmandade do Servo Sofredor, que é um outro grupo, e me arrumaram uma carona até o Rio de Janeiro de o ônibus. Aí fiquei um mês lá no Rio de Janeiro, não dormia em albergue, lá não tem albergue. Aí dormi lá na casa de uns amigos que eu fiz em Belford Roxo, lá em Santa Maria, não sei se você já ouviu falar, bairro perigoso, de lá depois eu peguei o trecho de novo, fui para Salvador, andando. Parava nos postos de gasolina, dormia, né, pedia comida, andava cinquenta quilômetros por dia. Eu fui, mas eu consegui chegar em Salvador, até Itabuna, em 2000. Eu fui atropelado em Itabuna na BR 101, de manhã. Eu tava saindo de Itabuna, fui tentar ver se eu conseguia uma passagem, porque de Itabuna a Salvador são quinhentos quilômetros, faltava quinhentos quilômetros para eu chegar. Eu tava com muita câimbra, muita bolha. Aí fui na assistente social lá de Itabuna tentar uma passagem. Eles não tavam dando passagem porque mudou o prefeito, era coisa nova, não me deram passagem. Aí eu falei para a assistente social o seguinte: se acontecer alguma coisa comigo na estrada, a culpa é de vocês! Parecia que eu tinha premeditado o acidente! Te juro! Eu falei para a assistente social, lá na prefeitura da assistência: se acontecer alguma coisa comigo, a culpa é de vocês, se atropelar ou morrer, a culpa é de vocês! E foi que no outro dia eu fui atropelado? Cheguei lá, aí foi a ambulância na polícia rodoviária me pegar, chamaram o Corpo de Bombeiros, me pegaram lá. O caminhão bateu na minha bolsa, assim, uma bolsa que eu ganhei. A bolsa estourou tudo, e eu não quebrei nada, não quebrei a clavícula, mas eu tenho um furo, um buraco bem aqui, não sei o que aconteceu, eles não quiseram me explicar, não me deram raio-x, não me deram nada, não quiseram me dar nada. Eu fui mal atendido lá no hospital. Quando souberam que eu era mendigo, morador de rua, então, misericórdia! Aí fiquei lá, aí fiquei internado lá, três dias, me jogaram para a rua nesse hospital. Chama-se Luis Eduardo Magalhães. Aí tudo bem, aí fui lá, de novo na assistência avisar: olha o que aconteceu comigo! A hora que a mulher, que eu falei para ela, me viu, ela botou a mão na cabeça: moço do céu, você é aquele rapazinho que veio aqui pedir passagem e nós não demos e você falou que se acontecesse alguma coisa! Eu falei: sou. Na hora me botaram na Santa Casa que era hospital municipal. Aí fiquei mais de três dias na Santa Casa, eles me deram uma passagem para Salvador, R\$ 50,00 reais e a passagem. Me botaram dentro do ônibus, já pensou? Não quiseram gastar R\$ 50,00 comigo são, teve que gastar na dor. Aí me botaram e me deram mais R\$ 50,00 dizendo para mim não contar nada para ninguém, porque senão ia estourar para eles. Aí eu falei: não, não vou fazer nada disso não. Aí cheguei em Salvador, eu já sabia que lá tinha o albergue, próximo à irmã Dulce, porque o Henrique, contato da Ivete, sempre falava das coisas lá. Aí eu sabia que no Largo de Roma tinha um albergue, porque a turma da rua sempre falava: lá em Salvador tem um Largo de Roma, perto da irmã Dulce tem um albergue, né, na Baixa do Sapateiro. Daí eu fui para o Largo de Roma, cheguei na rodoviária, pedi carona ao motorista do ônibus e eles me levaram até lá, na irmã Dulce, porque eu tava também todo enfaixado, eles viram que eu não tava em condição, me deram carona. Aí eu fui para o Largo de Roma, fui para o albergue, me deixaram entrar no albergue. Aí fiquei no albergue. E eu passava todo dia, próximo à Igreja da Trindade, e não descobri a Igreja. Aí liguei para São Paulo, pra Regina e perguntei: onde o Henrique fica? E a Renina: ah, o Henrique fica em Água de Meninos, e eu passava todo dia, porque eu saía de Largo de Roma andando, não sei se você conhece Salvador?: O Largo de Roma, que é Cidade Baixa, depois ia até a Cidade Alta, andando, mesmo mancando, porque eu ainda tava com a perna machucada, e eu passava todo dia na igreja e não via a igreja. Passava na feira de São Joaquim, tudo, pegava fruta e ia pro Pelourinho, porque lá tinha uma sopa, no São Francisco, que era o resto da comida dos padres, eles faziam um sopão e davam para nós, população de rua. E eu todo dia eu subia, e de vez em quando ia na Mãe Preta, que era lá embaixo. E você olha de cima, do elevador Lacerda para baixo, quando você for a Salvador você vai ver, está lá: welcome to. Bem vindo, tal. E pedindo doação. Do elevador Lacerda você vê, aí embaixo, chama Mãe Preta, é uma senhora negra que pede doação, mas não dá nada para gente. Aí um dia eu fui comer lá nela. Débora, a comida tava azeda, tava podre, e é umas frigideiras desse tamanho, que eles davam comida para gente, e tinha um muro assim. Aí eu peguei a comida e joguei do outro lado e fingi que tinha comido, porque eles botam gente para olhar a gente. É como se tivesse chegando a doação, mas meu Deus, quando eu botei aquela comida na boca, meu estômago virou. Eu nunca tinha comido aquilo! Aí eles me deram uma passagem, porque assim, você chega no Largo de Roma, é um albergue da prefeitura, porque a prefeitura não deixa, quem não é da cidade, não fica lá. Eles dão passagem, mas se você é de São Paulo, eles não te dão passagem até São Paulo. Eles só te dão passagem até a divisa da Bahia com Minas. E eles queriam que eu viesse até, eu esqueço o nome, uma cidade pobre, pobre, pobre, e que é divisa de Minas. E eles jogam todos morador de rua lá. Tem albergue dos evangélicos nesse lugar. E aí eu falei: olha, não quero ir para esse lugar não, porque eu já conhecia a fama, a turma da rua aqui já falava: não vai para lugar tal, que é um sofrimento! Aí eu falei: eu quero ir para Belo Horizonte! Eles responderam: não, a gente não pode. E eu falei assim: eu to quebrado, to machucado, eu não vou para divisa da Bahia de Minas não, eu quero ir para Belo Horizonte! Porque lá em Belo Horizonte, eu já sabia do “macete” das passagens, porque o trecheiro sabe onde dá passagem e onde não dá. Aí a assistente social falou: tá bom! Aí conseguiram a passagem para mim até Belo Horizonte, eu e outro cara fomos até Belo Horizonte. Em Belo Horizonte fiquei um dia no abrigo chamado Belo

Horizonte, fiquei um dia só no abrigo, que é onde dão trabalho, tudo. E de lá, no outro dia a assistente social arrumou uma passagem, me deu uma passagem. Mas ela queria me dar até a divisa de São Paulo, até Cambuí. De Cambuí, eu tinha que ir andando, ela falou: não, a gente não dá, não pode, não dá. Aí eu peguei a passagem, falei: tá bom, então me dá. De lá eu conversei, aí o motorista, era da empresa Contijo, eu fiquei lá, fingindo que tava dormindo, não desci do ônibus. E o motorista olhou: moço, você não tem que descer aqui? Eu falei: ô moço, eu ganhei passagem da assistente social, to ruim, sofri um acidente. Ele chamou o fiscal, no Cambuí, né, na cidade lá em Minas, e o fiscal viu minha situação e falou: leva esses coitados até São Paulo, pode levar. Aí levou a gente até a antiga rodoviária que era ali na Bresser, né?

Isso foi em 2000, porque eles não queriam que a gente passasse nem Natal, nem Ano Novo lá em Salvador. Porque eu queria passar o Natal, o Ano Novo lá, não deixaram. Aí eu voltei para São Paulo, cheguei e voltei para o Pedroso [albergue]. Ah, não, tava acontecendo que eu tinha acabado de chegar em São Paulo, dia de manhã, ia fazer alguma coisa na Casa de Oração, uma plenária, alguma coisa, e eu tava acabando de chegar, todo quebrado, todo machucado, todo mundo me olhava, eu tava com faixa, e tal. Todo mundo que olhava para mim: Anderson, o que aconteceu? Eu sofri um acidente, fui atropelado, todo mundo perguntava. Aí a Rosana tava na plenária, ligou para a Mabel: Mabel, o Anderson tá aqui, tá todo quebrado, o que que a gente faz? Aí ligou para o pastor Samuel, conversou, o pastor Samuel conseguiu uma vaga para mim lá no Pedroso. Aí fui para o Pedroso, fiquei um tempo, aí melhorei, e trecho de novo! Voltei para a rua de novo, voltei pra Salvador, fui andar de novo, em 2001. Depois que eu melhorei, sarei de tudo, estrada. Aí fiquei 2001, encontrei a Igreja da Trindade, fiquei 2001, 2002, 2003 até 2004, metade do ano. Em abril, depois da Páscoa, eu peguei o trecho, de Salvador para São Paulo.

Em Salvador fiquei na comunidade da Igreja da Trindade, trabalhando lá, morando lá e em 2004 voltei para São Paulo. Agora você me perguntar porque, é complicado! Relações amorosas! Decepcionei com uma mulher lá, descobri que a mulher era casada, tinha oito anos em casamento, era a minha primeira namorada de verdade! E o amor, assim dito de verdade, nunca tinha tido uma namorada, e a mulher me traindo. Eu tentei o suicídio, tentei um monte de coisa lá em Salvador. Aí a melhor coisa foi abandonar tudo! Trabalho, e para não dizer que é mentira minha, você acredita, eu sei que você acredita, né? Mas o povo não acredita, você tem que mostrar. Aí eu abandonei trabalho, pedi demissão do meu trabalho na paróquia Santo Antônio. Um ano, um ano trabalhando lá. Abandonei, pedi demissão para o padre, tudo. Joguei tudo para o alto!

A paróquia contrata. Têm lugar que contrata, tem lugar que dá para a empresa terceirizada contratar. Aí eu abandonei tudo, Débora, larguei tudo, tentei suicídio, larguei escola, tava estudando. O Henrique, na Trindade, é um pai e uma mãe para a população de rua, porque fazem os caras voltar a estudar, e tudo, eles dão tudo para a comunidade. Eu abandonei tudo por causa dessa menina aí, peguei o trecho de novo, entrei em coma alcoólico, bebi muito, entrei em coma mesmo, alcoólico. Quando você bebe, entra em crise, entrei em crise, de convulsão, né? Tentei suicídio, tentei me jogar nos carros! Tentei não, joguei. Eles que iam lá e me seguravam, me tiravam dos carros, até passar. Todas as cachações que eu via na rua eu tomava, tomava tudo. Fui para a praia, na praia também tentei entrar dentro do mar, o cara foi lá, me tirou, né? Então aí eu falei: sabe qual é a melhor decisão?' Quase quebrei a Igreja todinha também, lá na Trindade, porque eu não sabia, parecia que tava um espírito ruim dentro de mim, mesmo. Um dia eu entrei em crise espiritual, assim, muito forte, né? Começava a agredir as pessoas, a xingar. Eu acredito nisso porque eu vi dentro de mim isso acontecer, você tá entendendo? Não é você que tá com você. E como é que você sabe disso? Porque você se vê consciente. Aí eu entrava numa crise, num momento assim que a força, eu derrubei uma porta, lá na igreja, eu derrubei. Ninguém me segurava, fiquei irado! Aí eu falei: sabe qual é a melhor coisa? É eu ir embora de novo! Não, pelo amor de Deus, você tá bem, você tá trabalhando, você tá ótimo. Eu falei: Henrique, eu não agüento mais! Aí eu vim embora em 2004, eu voltei para São Paulo. Aí eu fui para o Arsenal, de novo o Arsenal me aceitou. Quase morri na estrada de novo, mas por causa do inverno. Em Três Corações eu peguei um frio, um frio!

Eu ando cinqüenta quilômetros por dia, né, na estrada. Então eu tenho assim, eu acordo cinco horas da manhã, lavo o rosto, peço um café no posto de gasolina. Eu gosto de dormir só em posto de gasolina, ou lugares que me deixam dormir, né, marquises de casas que podem, na cidade, porque tem lugares que não pode. Aí paro no posto, durmo, tomo uma ducha, tomo café da manhã, saio seis horas da manhã. Paro meio dia, né, esse é a minha conotação. Ando vinte e cinco quilômetros, trinta quilômetros de manhã e vinte e cinco, vinte à tarde. Trinta de manhã porque é fresco, né, o sol não é muito quente. À tarde o sol é muito quente. Então ando cinqüenta quilômetros por dia certinho, paro, cinco, seis horas da tarde quando tá escurecendo. Se eu achar um posto, porque se eu não achar eu continuo andando, até eu achar um posto. Teve um dia que eu andei cem quilômetros! Não gosto de entrar na cidade, eu fico na BR. Eu não sou pardal, nem pombo, eu sou um trecheiro mesmo, da BR. Se tiver as coisas na BR, posto, para dormir, tudo. Se não tiver, aí sim, eu sou obrigado a entrar na cidade. Eu entrava na cidade só para vender latinha. Eu catava latinha no trecho. Sempre, sempre em minha vida. Então eu tinha um dinheirinho para escrever carta, para mandar mensagem, né? Aí eu catava latinha no trecho. Aí cheguei em São Paulo era

domingo, ganhei cinco reais do motorista e fui dormir no cinema, nesses cinemas pornográficos, vinte e quatro horas, porque era domingo à noite, não tinha lugar e tava chovendo muito. Como são vinte e quatro horas, o cara pode entrar lá e ficar uma semana! Aí dormi lá porque eu tava tão cansado! Fui lá para os cantos, mas você não dorme porque é cheio de homossexuais que ficam tocando, te molestando. Aí acordei de manhã. Cinco horas da manhã fui para a porta do Arsenal, porque você tem que chegar lá cedo, quatro, cinco horas, na segunda-feira. Eu era um dos primeiros a estar lá. Cinco, seis horas eu já estava lá. Esperei, consegui, o assistente social já me conhecia, gostava muito de mim, nunca dei problema lá no Arsenal. Rapidinho ele pegou meu documento e me colocou para dentro, porque eu nunca dei problema para ele, fiquei um ano e pouco lá, nunca dei problema, nunca, nada, né? E aí eu fiquei no Arsenal e de lá fui para a moradia provisória.

Retomei o contato com a OAF, retomei contato com a Casa de Oração, tocava, participava. Aí fui para a moradia provisória. Aí consegui, né, tava trabalhando, já tinha arrumado um emprego, tudo. Aí que eu fui para Alemanha, né, ano passado, no encontro de jovens da Igreja Católica. Em 2005 trabalhei em restaurantes. Voltei da Alemanha, fui trabalhar num restaurante, esse aí, estou até hoje.

Eu já trabalhei em vários restaurantes. Eu fui para Espírito Santo, né, porque eu tava em Belo Horizonte, e aí eu peguei um trem, eu falei: vou pegar um trecho! Fui de Belo Horizonte de trem até Espírito Santo, Vitória. Porque tem um trem, que é doze horas, que liga Belo Horizonte a Vitória, capital a capital. Doze horas de viagem, já pensou que maravilha você andando num trem? Aí peguei e fui, cheguei lá e comprei um jornal, tinha um dinheirinho, como eu tava trabalhando em Belo Horizonte. Tava em albergue e fui para o albergue lá de Vitória. Aí a assistente social falou: olha, tantos dias para ficar aqui! Aí fui lá, arrumei emprego, fui para Guarapari, arrumei um emprego em Guarapari, numa pousada chamada Meaípe. Guarapari é muito bom! Guarapari é maravilhoso! É um bairro chamado Meaípe. Aí fui para essa pousada, Meaípe, fui trabalhar lá, trabalhei a temporada. Aí, eu trabalhei a temporada e da temporada eu ganhei o dinheirinho e fui embora. Vixi Maria, e agora? É, fui aí e fui lá no trecho, né? Mas aí trabalhei em Salvador, trabalhei no Rio de Janeiro, trabalhei em Minas, Belo Horizonte trabalhei com cozinha chinesa, japonesa. Em todos os trechos, porque se eu ficasse na cidade grande, não arrumava emprego. Então eu ia, olhava os jornais, entregava currículo. Eu falava direto, já via onde tava precisando de cozinheiro, já ia lá, fazia a ficha. Porque eu sempre ia para o litoral, para as praias, e eles sempre tavam precisando de cozinheiro. E aí o meu currículo era muito forte, é muito bom o meu currículo. E aí as pessoas, na hora me contratavam. Então ia para o trecho sempre atrás de trabalho, sempre atrás de emprego. Fiz São Paulo - Minas andando; São Paulo - Salvador; depois eu fiz Salvador - Minas - Brasília. De Brasília eu fui embora de novo para Salvador. Fiz um trecho assim, em 2003, eu saí de Salvador, fui para Minas e Brasília. “Eita” homem andador!

Não fui para fora do Brasil, minha vontade era ir para Bolívia, Paraguai. Mas nunca tive oportunidade. Primeiramente porque eu não gosto do Sul, eu não sou muito fã do Sul. Nunca fui, porque eu acho o povo do Sul, um povo não muito acolhedor. Eu gosto mais do Nordeste. Povo mais acolhedor! Eu sempre senti isso. E todo mundo fala: vai para o Paraná! E outra, as histórias da rua, nunca me deixou ir para lá, pela questão do cara dizer: ah, é você chegar na rodoviária, em tal lugar, eles vão te botar para fora, já tem a polícia para te esperar. Não tenho vontade, nunca tive vontade de conhecer, nunca. Mas sempre a minha vontade era conhecer o Nordeste. E outra, eu tanto querendo ir para Bahia porque meu pai, né, disse que meu pai é da Bahia, Salvador. De Salvador, lá da Baixa do Sapateiro. Aí a minha vontade era ir para descobrir. Eu imaginava que eu ia procurar, mas cheguei lá, dei com a cara no jumento! Salvador é grande, as praias, tudo. Eu falei: que pai que nada! E aí eu fui, mas sempre a minha vontade era encontrar a minha família, né? Que nem agora, uma amiga me colocou no Fantástico, no ‘Procura-se’. E eu to lá como ‘Procura-se’ de uma Maria da Silva Miranda, que é a minha mãe. Ela me registrou com três meses de nascido, de vida. Então tá naquele “site” de desaparecidos. Procura lá para você ver eu procurando ela.

Eu fui registrado pela minha mãe, meus avós maternos, depois de três meses de nascido eu fui para o orfanato. Porque ela ficou comigo ate os três meses, né? Eu sei que ela é do Mato Grosso, até hoje não achei. Teve uma Maria da Silva Miranda no Rio de Janeiro, mas não é ela. Eu tenho um dia assim um sonho de encontrar ela, sabe? Alguém da minha família para saber o que aconteceu, os laços familiares nunca acabam, né?

ANEXO F: ENTREVISTAS COM ARMAND

Primeira entrevista. Local: Centro Cultural São Paulo.

Minha vida tá organizada agora, acho, que em três fases, né? Agora nós estamos no começo do ano de 2006, então minha vida tá organizada em trabalho, trabalho, trabalho! Eu estou de manhã na OCAS, Organização Civil de Ação Social, vendendo revistas, da OCAS. Então, na parte da tarde, no grupo de inclusão produtiva, na OAF, e à noite eu estou trabalhando na Frente de Trabalho como Agente de Proteção, no Albergue do Glicério. Então, está organizado assim.

Na OCAS, eu saio, vou até a revista, compro a revista à R\$1,00 e vendo pela cidade, assim, eu não tenho um ponto fixo, então eu vendo pela cidade, pras pessoas que eu conheço, à R\$3,00 que é o preço de capa, né? Então eu sou vendedor da OCAS. Já na inclusão produtiva nós estamos fazendo produto de limpeza, materiais de limpeza, estamos aprendendo ainda bastante coisa com a química. Porque eu estou na parte de vendas, o marketing, né, que é a área que eu estou mais trabalhando. E já à noite no grupo, na Frente de Trabalho, eu estou trabalhando como agente de proteção, eu faço cadastro e pesquisa da população de rua e a Prefeitura vê através desse cadastro uma forma de atender melhor as pessoas que estão na rua e nos albergues.

Minha inserção nestes trabalhos foi, na verdade eu que fui atrás, realmente, de todos. Sobre a inclusão produtiva fiquei sabendo e pedi pra Juliana* pra poder participar desse grupo, e ela permitiu. E a OCAS eu já sabia que a revista existia e um dia eu tive a curiosidade e quis fazer parte desse projeto e fui atrás também. A Frente de Trabalho, já foi a Juliana, né, a Juliana da OAF, que me indicou e aí aconteceu assim. Chamaram e foi através disso, né.

Eu me identifico mais com a OCAS. Porque a inclusão produtiva é um projeto que pode acontecer e tem uma série de fatores assim, eu acredito mas ainda é um processo que vai demorar, muito longo, vai demorar muito pra que realmente a gente comece a tirar sustendo disso. A Frente de Trabalho, na minha opinião, é uma coisa que o governo está usando pra, principalmente o prefeito de São Paulo, está usando pra fazer marketing pra campanha dele, só por isso ele abriu essas vagas. Eu acredito nisso até porque não é um trabalho sério. É um trabalho assim, muito dificultoso e que a gente bate em questões muito difíceis pra cidade, maquiado, né? E a OCAS não. A OCAS é livre. As imagens, a como se diz, a matéria da revista, tudo relacionado à revista é livre, completamente livre. E é gostoso, eu saio pra rua, vejo as pessoas. E as pessoas falam da revista, e das matérias que saem nela, desse contato diário, e a OCAS é uma revista séria, porque a OCAS se compromete a te, a dar voz a outros grupos como, por exemplo, o grupo BR3, tem a filosofia de esquina, né, tem o grupo lá da zona sul que tem o jornal, e a Ocas se compromete mesmo a tirar as pessoas da rua, então é um trabalho que eu acredito que seja mais sério.

Está com três meses que eu sou vendedor. Mas pra mim é como se fosse um milênio! Muitas coisas aconteceram nesse tempo de vendedor! Ultimamente eu não tenho participado tanto, mas tem a oficina de texto que é a Cabeça sem teto, a coluna chama Cabeça sem teto. Na oficina de texto nós todos temos, sábado agora eu vou levar umas coisas que escrevi e que talvez possam ser publicadas na revista. É que tem uma hierarquia de estilos. Então nós votamos nas melhores matérias, lemos as matérias e vão assim. É que na verdade eu tenho um ponto muito crítico e as vezes não é legal pra revista ser tão crítica também, tem que dar voz a todos também. Mas eu espero que alguma matéria minha ainda saia na Cabeça sem teto. Os textos eu posso produzir e levar. Eu escolho um tema, né, e aí eu produzo e leio pras pessoas lá na OCAS, da oficina, se elas gostam a gente vota quais são os melhores textos e os textos serão inseridos na revista referente ao próximo mês. Porque a gente sempre trabalha com dois meses de antecedência, então, por exemplo, neste sábado nós vamos estar definindo a revista de março. Fevereiro já foi definida. A gente tem um mês adiantado pra definir a revista de dois meses na frente. Então é um trabalho bem, bem adiantado.

Uma das matérias que não foram publicadas, que eu escrevi, foi sobre o relacionamento da polícia militar com a juventude, principalmente a juventude pobre de periferia e de rua. E aí eu fiz um levantamento e se descobre que na cidade de São Paulo se mata muitos jovens e de baixa renda, na periferia, nas ruas e o responsável por essas mortes, em grande parte, é a polícia militar. E a gente acaba descobrindo que esses policiais são do povo, que vem do povo, que moram na periferia, que vivem na periferia, e que acabam defendendo uma burguesia minoritária. Então, eu escrevi sobre isso, só que na hora de definir nós achamos que seria muito impactante uma matéria assim, até porque nós recebemos apoio, um pouco, de governo, então não seria legal ter essa opinião. Então eu estou reescrevendo isso, usando de uma forma menos ácida. Eu vou direto ao ponto mas usando, assim, mais dados, ser bastante específico, até pra que não vire uma coisa que possa vir a ser processado. Então vou fazer levantamento

* Coordenadora do Projeto A Casa Acolhe a Rua de moradia provisória.

de dados mesmo, uma coisa bem documentada.

Pra me manter financeiramente na OCAS até que ultimamente eu tenho tido dificuldade porque vem muito atrasada a revista. Então não dá pra vender uma revista de janeiro em fevereiro. É complicado assim. Mas eu creio que agora vai estabilizar um pouco, porque nós temos dificuldades na OCAS. Já no grupo de inclusão, a gente está recebendo só uma bolsa de R\$150.00, então é muito pouco. E agora o que tem aliviado bastante é a Frente de Trabalho, é o que eu mais tenho dificuldade e o que mais tem me ajudado na questão financeira, só que também sai muito atrasado, no final do mês, não tem uma data específica. Então eu ainda tenho dificuldades para me manter a respeito destes trabalhos.

Não sei se sou bom vendedor. Eu acredito que têm melhores! Mas eu tenho facilidade pra me comunicar. Então eu acho que se torna mais fácil o trabalho. E até porque eu uso uma questão, assim, muito importante. Eu procuro vender a revista não passando uma história difícil, que a OCAS seja uma coisa que as pessoas, que eu esteja passando fome e que eu preciso vender a revista de qualquer jeito, não! Eu procuro vender a OCAS como um vendedor que acredita no trabalho, como se fosse uma revista comum, como qualquer outra. O meu marketing é o seguinte: eu chego pras pessoas, falo diretamente o que é a OCAS, peço licença, explico, peço pra pessoa pegar a revista na mão, abrir, olhar as fotos, olhar alguma coisa que se interesse, e sempre levo mais de uma matéria antigas e novas, então a pessoa, pelo que se interessa, acaba levando. Nem sempre acontece da pessoa se interessar. Mas em momento algum eu procuro dizer que é porque eu fui da rua, e eu preciso vender, até porque não é legal, sabe, é uma imagem assim, a pessoa vai comprar uma vez e não vai comprar mais. Se você vender como uma revista como qualquer outra você tem mais chance de vender sempre pra mesma pessoa, né? As pessoas acabam conhecendo o que é a OCAS, e tal. A OCAS é mais que uma Organização Civil, é um projeto, um projeto que resgata vidas, mas não precisa usar este marketing também pra vender.

Eu vendo, geralmente, nas ruas. Eu gosto muito de vender em bares à noite. À noite por quê? Porque não tem sol, é mais tranquilo, é bom para andar. Você pode andar a cidade bastante, e vou geralmente pra Praça Roosevelt, Santa Cecília, que são os lugares que eu vou mais, ali atrás do Mackenzie, esses barzinhos que tem assim. Porque as pessoas estão sentadas, bebendo, conversando, e aí eu chego, peço licença, explico o que é a OCAS pras pessoas que estão na mesa, entrego umas revistas pra elas, elas olham e quem se interessa leva a revista. E eu falo dos contatos que a revista tem, se quiser manter contato, se quiser mandar um e-mail, que a OCAS vai ter um blog agora, então vai ficar bem legal, assim. A gente vai estar escrevendo matérias em flash, diretamente, todos os dias, a todo momento, vai ser bem bacana!

Eu tenho uma meta, geralmente assim. Agora eu estou com planos de sair o dinheiro da Frente de Trabalho e comprar um tanto de revista, porque agora eu ainda estou meio sem dinheiro pra comprar e ainda eu fui roubado, faz pouco tempo, no viaduto do Chá levaram minha mochila com as revistas dentro. Levaram cinqüenta e cinco revistas, então isso me atrapalhou muito, né? Fez com que eu ficasse muito sem grana, e aí eu já tinha prioridades, coisas que eu tinha que pagar, e aí eu tenho minha mãe que eu tenho que dar, mais ou menos, uma força pra ela, então, eu fiquei meio sem grana. Mas eu procuro comprar várias edições: a primeira, a última, pra ter sempre variedade e eu saio sempre pra rua com uma edição de cada uma, só, ou duas no máximo. Pra que? Pra eu vender no máximo dez revistas por dia. Pus uma meta, eu só vou embora quando vendo 10 revistas. Porque assim, dez revistas já dão uma base de você te uma meta de fechar o mês. Eu não tenho conseguido vender esses últimos meses porque, fora esses trabalhos que tenho, tem a questão mesmo de grana porque na OCAS você tem mesmo que comprar a revista diretamente, então este mês atrasou um pouco, né? Então agora eu estou fazendo os contatos e vendendo mais ou menos assim e juntando um pouco disso e correndo lá. Eu tenho as necessidades diárias, que é alimentação. Eu gosto de me alimentar bem, eu gosto muito de fruta, yogurt, cereais, esse tipo de coisa e então o custo pra comer é muito caro. Eu acabo gastando assim, R\$ 30.00 por dia de comida, de boa assim, e acho isso uma coisa muito boa, eu gosto, mas com coisas saudáveis assim. Então eu cortei um vício pra usufruir um pouco disso. E tem gastos com coisas supérfluas, que eu acabo gastando, por exemplo: cd, porque eu gosto muito de música; filme, eu vou pelo menos três vezes por semana ao cinema! Três vezes! É incrível isso! Mas e vou, até mais. As vezes eu assisto quatro ou cinco filmes, as vezes, já consegui assistir 30 filmes por temporada. Mas eu gosto muito de filmes e livros. Me dá na telha eu compro um livro. Eu gosto de cultivar esse tipo de hábito. Então meu custo de vida é um pouco complicado pra renda que eu tenho, mas eu tenho que aprender a administrar isso.

Os lugares que eu assisto filmes é meio variado, quando eu estou muito sem grana eu vou no centrão mesmo. Mas filmes assim, Hollyodianos, que nem, agora no centro está passando King Kong e as Crônicas de Nárnia, e são os cinemas mais baratos aqui em São Paulo, são as maiores salas, mas estão muito acabados os cinemas. Por exemplo, no Marabá, que foi um dos maiores cinemas de São Paulo, na Avenida Ipiranga, está passando King Kong, é uma das maiores telas da cidade, mas R\$7.00 o ingresso, no dia mais caro, R\$ 5,00, e eu tenho carteirinha de estudante, então eu pago metade. Agora eu estou sem, porque me roubaram a carteirinha nesse último assalto. Mas agora eu vou tirar a de 2006, fica fácil, eu

pago metade. Mas os cinemas que eu mais vou, que eu posso dizer que eu mais vou, são dois: o HSBC Belas Artes, apesar de que é caríssimo, mas eu vou porque gosto muito daquele cinema, tradicional, e eu gosto muito do Espaço Unibanco, porque passa muita coisa alternativa. Eu vou no Top Cine na Avenida Paulista e no Gemini também vou bastante e as vezes, assim, quando e quero assistir mais barato e lá no bairro, eu vou num cinema que tem lá na Avenida Guarapiranga, é o Multifiesta, são cinco salas e o preço é muito bom. De domingo a primeira sessão custa R\$ 4.00, todo domingo a primeira sessão, é muito bacana. E geralmente lá eu vejo uns três, quatro filmes num dia. Eu vou pra assistir todos aqueles filmes que estão em cartaz lá porque é mais barato.

Pra ficar informado eu compro jornal. Mas depois que eu comecei a usar a internet, que já faz alguns anos, eu entro nos sites relacionados a filme, e eu leio muito Folha On line e revistas de filmes, assim, eu coleciono a Revista Set e Sky Fi que são revistas relacionadas a filmes e ficção científica. Mas eu uso muito a internet. Eu uso pelo menos 1 hora de internet gratuita por dia. No mínimo assim, mas as vezes eu acabo usando mais por dia. Então eu fico antenado sobre notícias e sobre programação dos filmes e também a gente recebe lá na OCAS aquele guia boca a boca sobre cinema, a gente recebe toda semana de graça, então eu tenho um acesso maior aos filmes.

Acesso a internet geralmente nos locais gratuitos. Eu uso muito lá no centro, na galeria Olido, né? E uso muito na Luz. Nos dois lugares acho que eu vou mais porque está próximo da Subprefeitura que é onde eu trabalho, então, eu vou, 1 hora antes, uso a internet e depois eu vou trabalhar. São completamente gratuitos. O Telecentro da Olido é uma hora gratuita. E no Acesso São Paulo da Luz é gratuito e é por vinte minutos. É só pra saber uma notícia, pegar um e-mail, mas geralmente eu uso o da Olido que é uma hora e que é mais tranquilo. Aí eu vou lá, vejo o que eu quero, tiro algumas letras de música, leio, eu entro muito em sites de jornais estrangeiros, e agora eu descobri um site que você pode ver televisões do mundo em tempo real, então eu vejo muitas notícias assim. Eu nunca uso bate-papo, não gosto, acho melhor conhecer as pessoas e conversar com elas ao vivo do que pela internet. Eu prefiro isso.

A Subprefeitura é o lugar que estou pela Frente de Trabalho. A SAS, Secretaria de Assistência Social da região central. É dividido por regiões. Aí eu estou na região central, que abrange todos os bairros do centro, né? Aí tem a Subprefeitura da Moóca, a Subprefeitura da Lapa, tem as dos bairros. A que eu estou fazendo trabalho pra eles é a da região central. Faz um mês que estou trabalhando lá. A gente está um mês como selecionado. A gente fez um curso, fizemos uma dinâmica de dois dias no Dom Bosco, ali no Bom Retiro. O Instituto Dom Bosco cedeu o espaço e eles fizeram uma dinâmica, e aí começamos a trabalhar. Foi isso.

A rotina desse trabalho é horrível! Num vou mentir pra você. É horrível! Porque, é assim. Eles prometeram um monte de coisa pra gente. Material, uniforme, crachá, um monte de coisas. Deram um pedaço de papel que eles disseram que era o crachá. Não deram uniforme, não deram material. Deram uma prancheta pra dez pessoas, uma caneta pra 10 pessoas. É um material muito restrito e desorganizado também, né? E assim, nos primeiros dias eles fizeram a gente esperar muitas horas. Eles falavam assim, ah, você têm que estar aqui meio dia. A gente ia e acabava ficando esperando até as três da tarde. Esperando a chefe voltar do almoço. Aí ela falava pra você ir pra rua, você procurar as pessoas na rua e me trazer em tal horário as pranchetas. Aí chegava, tinha que esperar mais uma hora, duas horas pra ela atender. Assim, muito desorganizado, muito desrespeitoso, e fora as piadinhas. Nós ouvimos uma funcionária dizer, inclusive ela foi denunciada porque ela disse assim: não sei porque pega esse povo de rua pra trabalhar! Sabe que esse povo num sabe fazer nada! É! Então, quer dizer, muitas pessoas lá dentro não acreditam nisso. Na verdade nem nós mesmos. Primeiro dia foi horrível porque a Subprefeitura mandou a Record atrás da gente. Eu disse pra eles: eu não quero que vocês ponham meu rosto na televisão! Eles me perguntaram por quê: porque eu não quero fazer propaganda pra político nenhum. Não quero fazer propaganda pro Serra, nem pro Alckimim, nem pro Lula, nem pra ninguém. Eu acho que político tem que fazer o que tem que fazer com o dinheiro, com o nosso dinheiro, que é do povo, de forma consciente. Eu acho que o pior político é a propaganda que ele faz e ele não cumpre. O Serra está sendo muito canalha nesta parte. Ele leva a televisão, como se o trabalho fosse um paraíso e na verdade não é. E o negócio é assim, desorganizado, com verba do governo federal, que nós ficamos sabendo na última reunião com o Lula, que é uma verba do governo federal, não municipal. Então ele está usando isso e a imagem das pessoas. Inclusive no contrato de trabalho vinha uma coisa assim que se você quisesse se expor, e tudo o mais. Eu falei, eu não quero, não quero a minha imagem na televisão pra propaganda. Então tem sido assim, tem sido um trabalho dificultoso, mas tem pessoas que acreditam nisso, isso é verdade. Tenho assim que tirar algumas pessoas que trabalham na Subprefeitura, tem gente muito compenetrada, muito boa pessoa, que conseguiu muitas coisas. Na Secretaria do Trabalho tem gente educada, muito boa pessoa com a gente, mas o trabalho não funciona. Eles deram uma prancheta pra um monte de pessoas e falaram, vai e faz o que vocês acharem melhor. E preenche isso daí. Importante pra eles é preencher isso. Tem uma ficha e tem um relatório. Aí o que eu fiz. Eu tenho facilidade, então, pra chegar nas pessoas e conversar com elas. Eles só mandam o lugar, tem só um roteiro do lugar que você

tem que ir. Você tem que ir pra Praça da República. Então você vai pra Praça da República, chega nesse local, aí divide, assim, tem 10 pessoas, vai dois pra cada lado. Eu tenho facilidade e acabo preenchendo 10 fichas muito rápido. Porque eu acabo dizendo assim pras pessoas: Olha, isso aqui a prefeitura quer saber quem são vocês, e tudo o mais, e é mais uma coisa dessas de encher lingüiça. Aí eles me perguntam, ah, você trabalha? Eu respondo não, eu moro na moradia provisória, sou ex-morador de rua, já digo logo assim. Claro, porque tem uma identificação maior. O cara te responde mais porque tem uma maior identificação, não é uma assistente social, então fica mais fácil. Nessa parte, acho que eles acertaram em cheio em por as pessoas assim.

Eu gosto da parte de abordar as pessoas, eu acabo encontrando pessoas valorosas na rua, sabe, mas eu percebo que as pessoas não querem sair da rua, e não acreditam mais. Porque esses serviços dos albergues, das instituições, ficou muito defasado. Foi criado serviços de massa. Eu me lembro que quando eu estava no albergue, funcionava da seguinte forma: eu me sentia como boi, sendo guiado. Porque tinha uma falta de respeito tremenda, tinha uma série de coisas que não podia fazer, uma série de regras que comprometiam, e tinha até aquela coisa assim de você não poder dizer nada senão você estava fora. Então as pessoas na cidade, quem eu abordo, foram optando por estar na rua e não ser mais atendido por serviço nenhum da rua. Passou por muitas mãos, muitas ONGs, muitas coisas, e eu acho que o pior trabalho que tem em relação a população de rua são os trabalhos da Igreja Católica, porque? Porque eles têm uma questão, e de Evangélicos também, de doutrinar as pessoas dentro da religião deles, e acabam fazendo com que as pessoas se afastem mais ainda, não criem um propósito de vida, e também porque a gente sabe que a maioria dos trabalhos são só pra dar comida e manter as pessoas na mesma condição. Eu acredito que se o governo quisesse tirar mesmo as pessoas da rua e fazer um trabalho sério com todo mundo, seria feito, não precisava de todos esses milhões que eles usam. Nem precisava. Porque, por exemplo: nós pegamos aí, quanto tem de população de rua em São Paulo hoje? Dez mil pessoas. Quanto foi destinado pra verba, só na cidade de São Paulo, pra atender população de rua? Quantos milhões? Se ele desse um salário mínimo pra cada uma dessas pessoas e pra fazer um trabalho sério, de verdade, e obrigasse que essas pessoas, dissesse assim: olha vocês vão trabalhar, eu vou te dar isso, vamos ver aí a questão dos prédios, das moradias, mas tem que todos estar estudando, tem que voltar a estudar. Acho que em 10 anos isso, a cara de São Paulo nesse sentido mudaria, mas os trabalhos, é o seguinte: pagam-se uma nota pras pessoas que trabalham dentro das ONGs, e como se diz, se gasta com um monte de materiais supérfluos, e se repassam, hoje uma pessoa que vive dentro de um albergue custa mais caro do que, uma pessoa que vive dentro de sua casa, e a qualidade de vida dessas pessoas não muda nada, então alguma coisa está muito errada.

Eu já frequentei albergues. Quando eu estava num processo de drogadição muito grande, eu estava drogado, assim, bebia muito e me drogava, eu num dormia fixo em albergue nenhum. Então eu passei por muitos, por que eu ia e só dormia uma noite e muitas vezes eu não ia, eu arrumava dinheiro de dia, “charcando” as pessoas, pedindo dinheiro por aí, e arrumava dinheiro e ia pra um hotel, à noite, dormia em hotel. Aqueles hotéis vagabundos que tem no centro, sabe? da República, coisa de R\$12,00, R\$8,00 a diária, e aí eu ia dormir dentro do hotel. Naquela época, né, agora não é tão barato assim. Eu ia dormir lá e conseguia um dinheiro por dia, porque eu enchia a cara, ficava bem loco, não estava vendo o que estava fazendo, então eu pedia pra qualquer um, e eu arrumava, um monte de dinheiro. Acho que pras pessoas não terem o desagrado da minha companhia elas acabavam dando o dinheiro. E quando eu ia pros albergues, nossa! Era horrível! Olha, eu me sentia o pior, eu me sinto ainda, quando eu piso no albergue eu me sinto a pior pessoa do mundo. Acho que esse termo, esse lugar é um lugar assim humilhante. É humilhante, defasado, é uma cultura que não... eu me lembro a primeira vez que eu entrei no Arsenal, era tudo arrumadinho, mas quando eu entrei no quarto me deu vontade de chorar, assim, aquelas milhões de camas. E eu tinha assistido um filme com o, não me lembro se era o Samuel Jackson, ou com o Deni Glover, o Matt Damon, que eles estavam em um albergue nos Estados Unidos, é um filme que fala sobre albergue, mas lá nos Estados Unidos, lá em Nova York. E eu me lembrei daquela cena, aquele monte de cama, gente tossindo, doente, e tal, e aqueles ventiladores grandes, assim, e aquela coisa, eu me senti: nossa eu faço parte de uma massa que nunca vai ser nada, que nunca vai ter nada! Isso me dava uma desesperança, um medo, sabe, uma vontade de me entregar de vez pra vida e acabou! Porque eu tinha perspectivas, eu sempre tive perspectivas do que eu quero, mas era triste. Ou quando eu ia de madrugada assim, entrava como pernoite e diziam, não tem janta! Acabou a janta! E aí eu tinha que tomar banho no banheiro todo sujo e gelado, água fria e depois me punham numa cama toda fedendo e depois ascendiam a luz cinco horas da manhã no seu rosto assim e todo mundo pra fora, vai embora, né, acabou. Vamo cambada! Eles usam estes termos muito tristes pra viver, e eu como vivi sempre em instituição isso era pra mim, era o fim. Era como se tivesse voltado e regredido cada vez mais, então eu me larguei e preferi ficar na rua. Embora, não quis mais ir também pra albergue, quis ficar na rua. Mas o último albergue que eu passei foi o Boracéia, aqui no centro, né? O Boracéia também tem essa coisa meio de massa, mas já era mais organizado, é bonitinho. O Lula (presidente) foi lá, eu cumprimentei ele, a Marta (ex-prefeita),

era assim, mas num deixava aquela coisa de cama, várias camas, numa parte eu aprendi a conviver com as pessoas, mas em outra, eu sinceramente nunca mais quero voltar pra albergue na minha vida, se eu tiver que voltar eu acho que eu vou sofrer muito porque é horrível! É a pior coisa que pode existir! É pior do que ficar na rua. Porque na rua você está suscetível a um monte de coisas mas você não tem horário pra dormir, você não tem horário para comer. As pessoas na rua ou vão te tratar mal ou vão te tratar bem. Das duas uma, não tem essa. E no albergue não, você sabe que aquelas pessoas que estão trabalhando ali elas estão ganhando por estarem ali, pra estarem com você pra te darem ao menos o mínimo de atenção. Eu sei que é complicado porque tem muita gente, mas eu sei que elas não fazem isso, elas acabam afastando as pessoas e a gente sabe também que, como é que se diz, como é tachado a pessoa que vive em albergue, então, acho que a rua, com todo mal que ela pode existir, com a falta de segurança e tudo, ela é um passo pra você conseguir mais coisas. As pessoas prestam muito mais atenção em você, por incrível que pareça, quando você está na rua. Quando você está debaixo de uma ponte trancado, ninguém sabe quem é você. Quando você está lá exposto, como modelo na rua, as pessoas vêem você todos os dias e sabem que aquela realidade é a realidade do país e tudo. Quando você está dentro do albergue não, ninguém sabe que você existe. Você sai de manhã e se junta a multidão. Albergue me lembra muito aquela coisa Chaplin, sabe assim, Tempos de Guerra, que as pessoas tomavam sopa naqueles pratos de ferro e viver todo maltrapilho. Eu andava quilômetros para comer! Você não faz idéia! E o atendimento nesse lugar e pra você conseguir uma vaga? Demora assim, muito, pra conseguir o pernoite, muito! Pra conseguir o CAPE*, muito! O serviço do CAPE é muito desorganizado, pra conseguir comer numa boca de rango, que eles chamam de centro de serviços, cara, é horrível! Porque você tem que chegar cedo senão você não consegue pegar uma ficha, ficar lá fora na fila no sol e as pessoas geralmente estão bêbadas e drogadas, aí sai briga, problemas e as pessoas mechem com você, e aí você acaba entrando e comendo a comida meio entalado e você tem que comer rápido porque tem que dar a vez pro outro e geralmente é aquela comida industrial, com salitro, sabe? Então é todo um processo, e aí você come e aquilo não te sustenta. Eu vivia fraco caindo pelos cantos, e eu percebo uma coisa. O tipo de comida que eles servem nas instituições fazem com que você não tenha força pra fazer as coisas, é verdade! Não tenha força pra andar, pra procurar algo. Você percebe que as pessoas que ficam em albergue geralmente ficam muito deitadas, querem dormir, e tudo o mais. Primeiro porque não dormem direito, porque quando você consegue dormir no albergue é de madrugada, quando passa o barulho. Segundo, é uma alimentação básica, bem por cima mesmo. Básica, da básica, um arroz, feijão, um ovo e uma salada. É básico. E acaba sendo uma alimentação que pro dia, pra pessoa andar e procurar algo, não dá. Segundo que você não tem um tostão, não tem dinheiro pra pegar condução, então você tem que fazer tudo a pé, terceiro que você já não vai estar bem vestido. Pra você que está numa situação dessas, você num vai estar bem vestido, você não tem uma roupa, mesmo que ela tiver, num tem lugar pra lavar, guardar com segurança. Terceiro que a maioria dos albergues eles não guardam as suas bagagens e você tem que andar com todas as suas tralhas no meio da rua. Então já é uma situação propícia pra você continuar no meio da rua.

No Boracéia**eu fiquei dois meses. Por quê? Porque eu aluguei um quarto. Eu me envolvi, eu comecei a fazer um curso lá de pintura e texturização de paredes e aí eu falei, ah, eu vou alugar um quarto e também porque eu estava contando que ia sair o projeto da Rosalinda da PUC, nós íamos trabalhar juntos, ela ia montar uma recepção lá no Boracéia e me convidou pra trabalhar: eu, ela o Luis Kill, a Érika da PUC, um monte de pessoas da PUC e ela convidou a gente pra ir. A Rosalinda tem o projeto Caminhando Juntos, lá na zona sul, e aí ela me convidou, e no fim a Marta (Suplicy) não assinou, era fim de ano, não deu certo, e aí foi complicadíssimo. Não consegui pagar mais aluguel, tive uma recaída, foi complicadíssimo! Faz 3 anos e meio, mais ou menos. O Boracéia já faz uns três anos que existe, né? Quando ele foi inaugurado, foi logo quando ele inaugurou, faz uns três anos e meio, que é o tempo que eu estou de recuperação. É que na verdade eu nunca fui de ficar muito dentro do albergue, eu sempre fui muito rotativo, eu nunca fui morador fixo dentro dos albergues. Mas um albergue que eu fiquei também. foi no Arsenal. Fiquei um tempo mais também porque é bem organizado o albergue, a alimentação era um pouco melhor, as duchas eram quentes, tal, apesar que eram banheiros todos abertos, detesto essa falta de privacidade, detesto, é horrível! Mas eram bons, assim, o tempo que eu fiquei lá também arrumei algumas amizades com algumas pessoas. Na verdade eu passei duas vezes pelo Arsenal: a primeira vez eu saí muito rápido, saí acho que em dois meses também. O máximo que eu fiquei em Albergue foi dois meses e a última vez eu fiquei um dia! Eu consegui vaga fixa, mas fiquei um dia. Foi assim, depois que eu saí do Boracéia, eu tive uma recaída, aí eu tive que voltar pra sala de NA [Narcóticos Anônimos] pra poder continuar em recuperação. Ai, eu peguei e fui até o Arsenal e consegui uma vaga lá, porque eu já não tinha mais condições de pagar o quartinho, e a mulher já estava me pressionando pra mim saí, e tal, aí consegui uma vaga. E lá encontrei um amigo que eu conheci, chileno. Ele falou: vamo embora pro Chile?

* Centro de Atenção Permanente, serviço ligado à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do município de São Paulo.

Falei: como que a gente vai pro Chile, você tá louco? Ele falou: vamo! Eu te levo! Fui. Fui pro Chile! Sabe como que nós fomos? Você não vai acreditar! Nós saímos de manhã do Arsenal, pegamos o trem, fizemos toda aquela baldeação, chegamos lá na Marginal Pinheiros. Pegamos a ponte Eusébio Matoso, andamos pra dentro na Rodovia até a Regis Bittencourt, até mais ou menos o km 15. Andamos 15 quilômetros! Dormimos no meio do caminho assim: paramos num lugar, a gente levava colchonete, a mochila e um cobertor fino, e dormimos num canto assim na estrada, e arrumava comida no meio do caminho, e andamos muitos quilômetros! Sem dinheiro! Sem dinheiro, sem nada, só a roupa, uma roupinha, a roupa do corpo, a mochila e o colchonete. Aí fomos, chegamos num posto lá no km 15. Já tínhamos andado, nossa! Já tinha passado dois dias e nós andando. Aí conseguimos um pouco de comida, aí um caminhoneiro conversou com a gente, deu comida pra gente, ficou conversando e tal, e aí ele achou a gente até meio destruído pra estar naquela situação, e aí minha intenção era chegar no Paraná, pegar uma grana com meu pai e ir até mais ou menos a fronteira de Uruguaiana e depois tentar seguir ou poderia ser que meu pai arrumasse a grana toda pra gente ir pro Chile. Mas era bom porque a gente parava um pouco na casa do meu pai, tomava um banho, lavava um pouco de roupa, dava uma modificada na imagem. E aí eles enrolaram assim, aí ele fez um trato comigo. Ele falou assim: Olha, eu num conheço São Paulo, preciso fazer uma entrega na Editora Abril, com esse caminhão, e depois me leva na Rua 25 de março, eu te levo até o Paraná, levo você e ele, e alimentação a gente paga. Eu falei: tá bom! Aí eu trouxe eles na Editora Abril, de caminhão, e eles tinham assim um Renault, um caminhão Renault que parece que só tem três ou dois na América Latina, que é um enorme, de cabine dupla, todo tracionado, de cabine elétrica, e bem grande, e com três comodidades assim, fora os bancos bem amplos, que viram cama. Aí a gente veio aqui pra Abril, levamos eles pra Rua 25 de março, comprou um monte de bugiganga! Acharam o preço muito bom, de tudo, e compraram desde tênis, roupa, tudo “Paraguai”, um monte de coisa assim! Eles eram do Chile. De Santiago do Chile. Aí pegaram e levaram a gente, pagaram uma janta super legal, pagaram banheiro, porque só podia usar pagando, aí a gente foi, tomou banho, trocamos de roupa, aí compraram uma roupa assim, uma camiseta, uma bermuda e deram pra gente, porque eu prestei um serviço pra eles e eles retribuíram assim. Aí a gente foi indo e tal. Aí, falaram pra gente descansar durante a viagem pra chegar lá mais disposto porque a gente estava magro, cansado, e estava frio, e quando acordei, falei: a gente já passou do Paraná, né? Porque eu vi umas praias assim e ele falou: é a gente já está no final de Santa Catarina! Falei: vocês não deixaram a gente no Paraná? Eles falaram: não, a gente resolveu levar vocês até Uruguaiana porque vocês falaram que vão pro Chile, então a gente vai levar vocês pra Uruguaiana. Aí levaram a gente até Uruguaiana! E, Uruguaiana não, é Passo de los Libres, que atravessa Brasil e Argentina. Aí eles falaram: Agora a gente não pode ficar com vocês porque a gente tem que ficar 4 dias na Aduana com o caminhão pra passar a mercadoria e vocês vão lá pra frente e tentam uma carona. Se vocês não conseguirem a carona, quando a gente passar depois da alfândega vocês tentam encontrar a gente, que a gente vai estar dentro da Aduana, e aí a gente leva vocês um pouco mais pra frente, e vê o que faz. Ficamos ali 4 dias, tomando chuva, sem conseguir carona, nós tínhamos uma merreca de nada que nós conseguimos carregando um caminhão de batata. A gente carregou um caminhão de batata pro cara e ele deu uma grana pra gente. Estávamos ferrados, assim, num tínhamos lugar pra dormir, chovia descontroladamente, aí arrumamos um lugar, assim, debaixo da ponte, forramos e tal, e o lugar era horrível, e os argentinos eram bem assim, parecia a boca do lixo, parecia a Estação da Luz na Argentina. Era horrível! E assim, parecia um porto, meio estivador, aí quatro dias andando dentro da Aduana porque fizemos amizade com o guarda e o guarda deixava a gente andar dentro da Aduana, porque não podia! Aí encontramos eles e eles perguntaram: como vocês estão? Não! Vamos tomar um banho! Aí a gente foi tomar banho, porque a gente estava fedendo, fomos comer, fomos papericados e foi super bom, aí eles falaram: a gente vai levar vocês pra lá, até Santiago, só pra vocês terem o gostinho de conseguir. Aí a gente foi, aí chegou na fronteira da Argentina, aí não podia passar porque tinha neve, e ficamos num hotelzinho, e claro que a gente fazia trabalhos pra eles. Arrumava o caminhão, limpava tudo, não deixava que eles se preocupassem com nada porque eles estavam fazendo um puta favor e a gente tinha que servir eles de alguma forma. E eles eram super bacanas! O Guilherme comprou pra mim um cd e uma barra de chocolate argentino desse tamanho! Solução pra minha viagem toda. E eu e o Guilherme a gente ficava conversando a viagem toda porque enquanto dormia o Ricardo e o Miguel, eu e o Guilherme ficávamos conversando e ia distraíndo ele, aí a gente trocava e dormia. Aí eles falaram: No fim, foi até bom vocês virem com a gente, pra passar a Cordinheira, a neve! Aí passamos, tal, aí chegando em Santiago eles deram uma grana, falaram: Isso aqui é porque vocês ajudaram, e tal. Pra vocês chegaram até a cidade onde o Miguel mora. E a gente foi pra Curicó. Onde a família dele mora, e de lá eu arrumei um emprego já, e arrumei um apartamento ‘concepcion’ e de lá eu voltava pra ver o Guilherme e os meninos lá em Santiago, e aí eu conheci a família dele, os filhos. E isso foi a primeira viagem, aí quando voltei pro Brasil aí eu fui de novo pra lá. Aí dessa vez eu já tinha grana, aí dessa vez eu já fui de avião, era outra história! Tirei o passaporte, né?

Eu trabalhei no Chile, primeiro, primeiro serviço que eu achei foi de pedreiro. Pedreiro não,

tinha que quebrar pedra numa construção! Tinha uma máquina, assim, você metia a pedra nela ela já rachava, aí você pegava assim essa pedra com um, tinha um negócio que você jogava lá dentro do carrinho, você apertava um botão e jogava dentro do carrinho, assim, ia e jogava dentro dos buracos na casa, pra fazer os assentos da casa. Mas pagavam tremendamente bem! Cinquenta paus por dia! Se bem que o custo de vida lá é mais alto. Mas \$50,00 por dia lá, pra fazer isso, era ótimo. Aí logo em seguida arrumei emprego numa, aí fui fazer um bico numa lavoura, e colher morango, só que o morango, eram uns pezinhos assim altinhos e você tinha que ficar agarrado colhendo os morangos pra colocar numa bandeja, quantas bandejas fizessem ganhava, era por produção. Aí o dono gostou de mim porque eu era muito comunicativo, fazia as pessoas rirem, dançava samba, e o pessoal achava muito engraçado e o cara me convidou pra trabalhar no Packing, congelados, todo uniformizado, vinham as frutas congeladas e você tinha que ficar separando, tinha umas manchinhas, separando assim todas essas frutas. Era tão frio, mas tão frio! Mas era gostoso porque o pessoal me papericava por eu ser brasileiro. Todo mundo vinha conversar comigo. O ônibus vinha te buscar em casa e te deixava em casa, aí eu num pude continuar trabalhando porque eu num tinha visto de trabalho. Eu fui completamente ilegal, sem passaporte, só com RG, que podia entrar em qualquer país da América Latina, e comecei a trabalhar ilegal. Os dois primeiros empregos que eu tive foi ilegal, três, quer dizer, aí a “estrangeira” me pegou trabalhando. Aí eles falaram assim: A gente vai te dar uma oportunidade, vai pra Santiago, porque o chefe conversou com ele, o chefe do trabalho. O chefe conversou comigo, conversou com o pessoal da “estrangeira”, e falou: Não, não multa ele. Porque eles iam multar a empresa e me mandar embora do país! Eu vou pedir pra ele ir pra Santiago e tirar o passaporte dele. Aí ele pagou, a empresa pagou. Fui pra Santiago tirar o passaporte, tive que ficar dois dias num hotel pra esperar o passaporte, tive problemas com a documentação porque eu estava sem a reservista, e sem a reservista não tira, aí teve que pedir pro governo brasileiro passar um fax, aí tirou! Aí tirei o passaporte! Aí consegui visto de trabalho. Aí no visto de trabalho, um amigo do Jesus, um outro amigo de lá, conseguiu um trabalho pra mim num restaurante, de atendente. O amigo dele é chileno, mas naturalizado alemão, ele me arrumou um emprego de atendente no restaurante, e como eu já falava espanhol era mais fácil pra mim. Porque eu já falava espanhol aqui então era mais fácil pra mim. Aí eu comecei a trabalhar lá, e aprendi mais inglês com ele também, mas o problema foi a depressão que me fez voltar. Fiquei com depressão porque era uma cidade muito pacata, era do trabalho pra casa, era frio, frio, frio, e eu morava sozinho, então me dava muita depressão de eu tá sozinho e o Miguel foi pro norte trabalhar na mina de carvão então não podia ficar lá comigo e eu num conhecia muitas pessoas, tudo era em espanhol, televisão em espanhol, nada de Brasil e eu ficava assim meio, aí eu voltei pro país. Voltei pra cá aí fui pra Argentina, fiquei um ano na Argentina. Aí voltei, fui pro Uruguai, fiquei um ano no Uruguai, aí voltei e fui pro Chile de novo.

Fui pro Chile de avião, fui pro Uruguai de ônibus, fui pra Argentina de ônibus, é como se diz, andei de carona, mas dentro da Argentina, assim, de Mendonza a Cordoba, pra Buenos Aires, andei de carona. Eu gostava de andar de carona, foi bom esse tempo que eu aproveitei um pouco a vida, conheci outras pessoas, outras culturas. Foi agora, nesses três anos que eu fiz tudo isso. É que na verdade, foi assim, eu já tinha ficado dois anos no Chile nessa de ida e volta. Na Argentina, na verdade já faz 4 anos, porque na Argentina eu fiquei um ano, só no Chile eu fiquei quase dois anos e no Uruguai fiquei quase um ano, não dá 4 anos. Então eu tinha vinte anos quando eu comecei com essas aventuras.

Na Argentina, em Mendonza, foi bem legal assim porque eu fiz um bico com um taxista e eu fazia as planilhas do taxi e ele me dava a comida e o lugar pra dormir. Já em Córdoba eu fui trabalhar numa indústria de papel, e eu trabalhava numa máquina que esticava o papel, o papel estava molhado e ela esticava, tipo uma esteira que passa no papel. Em Buenos Aires foi o único lugar que eu fiquei desempregado, mas eu trabalhei com um cara que tinha uma barraca na frente da Rodoviária, aí eu levava uns refrigerantes lá na frente e vendia, foi bacana. Mas eu fiquei numa república de estudantes, lá em Buenos Aires. E no Uruguai, não. No Uruguai eu trabalhei no porto. Trabalhei uma época no porto. Era horrível, tinha que carregar uns negócios pesados pra caramba. Mas o bom era que eu entrava no navio. Sabe, os navios são lindos por dentro. No final de semana o cara que estava de plantão as vezes era um amigo então me deixava entrar no navio e dar a volta por dentro. Mas tinham lugares que não podia entrar, na sala do capitão, na sala de máquinas, mas entrar lá por dentro sim, era bacana, conversava com algumas pessoas, mais africanos, pessoas legais de conversar, os europeus não dão muita bola. Mas ganhei um dinheiro também no Uruguai e morei num lugar chamado cidadela, é tipo uma CDHU, tipo uma Cidade Tiradentes do Uruguai só que a beira-mar.

Para voltar eu já tinha uma grana reservada, o que me manteve daqui em janeiro, porque eu cheguei em março aqui, agora em março. O que me manteve aqui até o final do ano, que foi quando eu consegui vaga na Moradia Provisória, foi essa grana, que eu trouxe de lá. Eu juntei grana! Antes de ir pra Moradia Provisória eu estava pagando aluguel, não estava em situação de rua. Então essa grana foi só pra me manter, aí quando eu vi que a grana começou a acabar, e não tinha outro jeito, aí eu falei com a Juliana. Aí eu comecei a trabalhar com reciclagem, o Perninha me convidou pra trabalhar com ele, e

depois ele queria me pagar mixaria a gente acabou brigando, aí a Juliana falou, não, vem aqui, aí eu fui. Acabei indo pra moradia. Mas foi a grana que me manteve! Eu juntei um dinheiro também! Apesar de que no Chile o custo de vida, um litro de leite custa R\$ 6,00, um kilo de bife custa R\$12,00, as coisas são muito caras, o custo de vida é alto. Então tinha coisas que eu não me dava ao luxo, comida brasileira então! As frutas que a gente comia aqui! Um abacaxi lá custa R\$ 5,00, e num é aquele abacaxi nosso docinho. E uma dúzia de banana, no Chile, também custa R\$ 5,00, por aí. Caríssimo, né? Frutas que são baratas são as de lá, tipo: morango, amora, as frutas do frio lá, castanha, eu comia muito essas coisas que são baratas, mas eles adoram a nossa comida. Não pode entrar nada de comida no Chile, mas eu contrabandeei com uma menina umas comidas e a gente fez uma feijoada. Mas apareceu tanta gente, tanta gente! Fiz lá no restaurante.

Quando voltei de lá não tinha nada! Eu cheguei aqui só com o dinheiro que eu tinha juntado, com a minha mala, com uma mão na frente outra atrás. Na verdade eu parei no Paraná, fui ver meu pai. Meu pai está muito no álcool, está muito pesadamente no álcool, mas ele ficou feliz por eu ter viajado, falou: Aí que legal, meu filho foi longe! Meus pais nunca saíram, nunca tiveram essa perspectiva. Eu já tenho e muito mais, quero ir mais longe, na Europa, por aí. Aí eu fiquei uns dois dias na casa do meu pai e ele não está mais em Curitiba, ele está em Porto Paranaguá, porque ele trabalha lá pra Prefeitura, e tal. Trabalha na limpeza pra Prefeitura, mas já trabalha há anos. E lá é gostoso, é praia, e lá em Curitiba, você desce de trem lá pra Paranaguá, aí fiquei uns dois dias lá, me alimentei e depois peguei um ônibus e vim pra São Paulo. Aí cheguei em São Paulo, aquela chuva! Falei: Essa é minha cidade. Meus Deus, o que que eu vou fazer da minha vida agora? Aí arrumei um curso com o pessoal da Fala Preta!, comecei a fazer cursinho no Instituto do Negro Padre Batista, o cursinho do Instituto de Ajuda ao Aluno Carente.

Eu já conhecia a Fala Preta. Já conhecia a Mabel, o Edson. O Edson foi funcionário da FEBEM, então eu conhecia ele da FEBEM. A Mabel, eu conhecia ela do projeto Quixote e a Mazé que é do Instituto do Negro que já era minha amiga também. E aí eu fui no Instituto do Negro, aí eu comecei a fazer um cursinho lá na Fala Preta, aí eles davam uma bolsa que era de R\$80,00, mas já ajudava, era pra condução, essas coisas. Aí o dinheiro que eu tinha, eu fui e aluguei uma kit aqui de trás da Rio Branco, uma kit estava R\$315,00, já incluído o condomínio. Aí eu aluguei. Barátíssimo! Já incluído condomínio e água, só tinha que pagar a luz, né, aí tive que comprar uma cama, aí a grana começou a apertar. E a minha pretensão era fazer o cursinho e ver se eu conseguia um emprego rápido, de alguma coisa. Os empregos que apareciam era operador de telemarketing, e você tinha que vender pra poder ganhar, e os caras queriam que você usasse terno, essas coisas que eles fazem pra dificultar a vida das pessoas. Aí quando a coisa começou a apertar eu comecei a vender comida no trem, essas coisas, vendia chocolate, saía com uma caixa e vendia bem porque tinha vários tipos, mas aí eles tomavam a mercadoria, tudo isso. Mas no fim, fiquei lá, fiquei até novembro, aí antes de novembro saí lá da kit e fiquei na casa de uma amiga, aqui na Rua São Paulo. Só que lá era muito apertado, muitas crianças, muito abafado, aí eu falei: Não, num posso! Tenho que arrumar uma coisa rápido! Aí fui, falei com a Juliana e acabei entrando na moradia.

Eu sempre sei onde procurar ajuda. Primeiro, como eu sempre vivi em instituição, eu acho que eu sei onde estão a maioria das instituições e das ONGs, porque eu tenho muita boa memória pra isso. Se eu conheço uma pessoa um dia, por exemplo: eu conheci você. O que eu vou ligar a você. Você é da USP, então eu vou ligar que eu posso sempre te encontrar na USP ou coisas ligadas ao Fórum de Debates, nesse sentido, mesmo se você não estiver, eu vou encontrar alguém que possa entrar em contato com você, tudo isso são referências. O Edson, por exemplo: o Edson nem sabia que eu ia vê-lo. O Edson foi funcionário da casa de abrigo da Mooca, ele era funcionário de lá e eu era bem pequenininho, acho que eu tinha uns 6 anos quando eu saí de lá. Aí quando ele me viu, e ouviu meu nome, ele falou: Armand! É você? Ele falou pra mim. Eu num lembrava dele! Ele falou: Armand é você? Falei: Sou eu. Aí ele disse: Você era da Casa Abrigo! Aí que eu lembrei! Eu falei: Edson!! Eu chamava ele de tio Edson. Tio Edson! Agora a Mazé, eu já conhecia ela da, eu participava da passeata do negro, né? Sempre participei do Treze de Maio. Então eu conheci a Mazé desse movimento. E a Mazé, por um acaso, eu num sabia, ela é irmã da Mabel, que é do Travessia. Então, quando eu era menor, eu ficava envolvido com esses projetos, o Travessia, o Quixote. Não, o Travessia não. O Travessia tem uma história muito ruim. O Quixote, o Taiguara, então eu conheço muita gente nesse meio que acaba atuando nas mesmas coisas, só que em outras instituições, outros lugares, assim. A Mabel, por exemplo, teve que mudar, ir mudando. A Mazé, então, encontro essas pessoas que acabam trabalhando em outras instituições. Então, eu sei como procurar por que eu faço ligação desses lugares, dessas pessoas. E eu acabo descobrindo, viu? Eu descubro muitas pessoas. Ultimamente eu tenho descoberto muitas pessoas que eu vi no passado. Só que as vezes é ruim porque eu já aprontei muito quando estava drogado, bêbado, quando estava nesse processo, e eu acabo vendo pessoas que não foi um processo tão legal, e elas acabam me cobrando, coisas do tipo: lembra quando você estava todo ruim? Eu falo: lembro, mas já é outra fase, já passou. Então é mais ou menos isso.

Então, a minha história é assim: na verdade, quando minha mãe abandonou meu pai, ela ficou

um pouquinho ainda com a gente, uns cinco, seis anos, e aí meu pai deixou a gente sem nada, e minha mãe também não estava muito a fim de cuidar da gente e estar com algo assim que fosse... Então, ela entregou a gente pro Juizado de Menores, lá no bairro da Lapa, e foi um processo bem dolorido. Eu tinha 6 anos, e nessa época não existia SOS criança, só existia a FEBEM mesmo, e mandaram a gente lá pro Tatuapé. Eu, meu irmão e minha irmã. E o pior depois disso tudo é que eles separaram a gente. Separaram assim. E quando a gente estava bem entrosado de estar junto e tá se apoiando. A minha mãe não foi ver a gente durante todo esse tempo, ficou sem ver. Mandaram minha irmã lá pro Pacaembu, que era um lugar que cuidava de crianças bem pequenininhas. Ela era a mais nova, e eu e meu irmão mandaram pra, quando surgiu o SOS, que foi logo depois, mandaram pra Casa Abrigo da Moóca. Aí, ficamos lá até que depois de um ano eles juntaram a gente de novo, lá na Raposo Tavares. Mandaram a gente lá pra UEP3, na Raposo Tavares. Unidade de Permanência Três, eram 3 instituições da FEBEM divididas assim. A três eram carentes, meninos e meninas, que eram irmãos. A um era só meninos, também carentes e a UEMA 1 eram infratores, adolescentes infratores, de 12 a 17 anos. Eles ficavam trancados, esses ficavam trancados, não saíam. Nós não. A gente saía, ia pra escola. Tenho tanta saudade daquele lugar! Tenho saudade, hoje eu tenho! Na época eu detestava! Tenho saudades porque é a minha infância!

O lugar não existe mais. Uma época existiam ainda os prédios, mas estavam todos fechados, mas parece que agora construíram um parque no lugar. Um parque lá que atende a população do João XXIII, que é uma área verde, muito grande, na frente tem um presídio feminino, tem o Pérola Bygton que é uma entidade que dá cursos profissionalizantes, Instituto Pérola Bygton. É lá no quilômetro 19,5 da Raposo Tavares. É! Tenho saudades de lá!

Fiquei lá até os 14, porque um dia me deu na telha assim e eu fui embora. Fui embora e aí comecei a viver mais na rua. Primeiro eu fui na casa da minha mãe. Minha mãe estava morando num buraco lá em Francisco Morato, com um cara. Minha mãe teve acho que uns 15 maridos, daquela época pra cá. E ela foi morar com um cara, e o cara batia nela, e ela queria que a gente fosse pra lá, e o lugar era bem defasado assim, e eu num quis ficar. Aí, acabei ficando um pouco com minha tia Cristina e depois acabei mais na rua, entre instituições, aí que eu me aprofundi mais na droga, fiquei largadão! Passei essa fase da adolescência bem rebelde, sabe? Eu ia pra Santos com uns caras doidos, a gente se perdia no meio dos matos, fumava, bebia, cheirava, era horrível! Era uma vida que, naquela época era tudo novo, tudo gostoso, era tudo delicioso, mas depois, quando as conseqüências começaram a pesar, a idade. Porque quando você é menor, é uma coisa. As pessoas suportam um pouco mais porque você é menor, precisa de uma assistência, mas quando é de maior, acabou tudo! Sempre falavam comigo: você vai ficar de maior e aí você vai ver só! E foi verdade. Foi assim. Depois que eu passei pra maioridade eu tive que me virar sozinho. Se você não trabalha, não estuda, não tem onde morar, o que você vai fazer pra sobreviver? Qual o caminho? Você tem duas chances: ou você pede ou você rouba. Pede não dão, você rouba. E rouba mesmo. Rouba porque você precisa usar droga, você precisa ficar louco, fugir da realidade, e rouba, rouba sim. Eu nunca gostei de roubar, sempre detestei porque eu sou muito medroso. Nunca gostei de me envolver assim, mas na hora eu fazia coisas que até Deus duvidasse porque eu estava tão precisado daquilo, só mais uma dose, sabe. Chegou um ponto de eu usar chorando, assim. Usar droga chorando, porque eu não queria mas eu não conseguia, eu tinha que usar. Foi uma fase muito dolorida também.

Nesta época não consegui apoio de instituições. Não consegui nada. A instituição que poderia mais me ajudar foi o Travessia, mas eles falaram pra mim assim. Eu me lembro exatamente. A Isabel é uma pessoa que pode confirmar, a Isabel do Taiguara, recebeu uma carta eles dizendo assim pra ela: que eu num tinha perfil de menino de rua! Que não poderiam me ajudar em nada! Agora, como é que eu num tinha perfil de rua se eu vivia na rua? Na verdade eu não tinha perfil porque eu nunca andei desarrumado, sempre fui vaidoso, então nunca andei assim, sujo, maltrapilho, nunca gostei. Por mais que eu ficasse mal trapilho, de repente eu ia lá, tomava um banho, punha uma roupa legal. Quem olhasse pra mim falava: esse cara num mora na rua! Num vive na rua! Sem falar que eu tive, sempre tive muita desenvoltura pra falar, então as pessoas falavam não, esse menino num mora na rua. Então isso fazia com que eu me aproximasse das pessoas e me afastasse ao mesmo tempo quando elas descobriam que eu morava mesmo na rua e estava mesmo numa situação... e eu vivia enganando as pessoas, enganava as pessoas. Porque eu nunca fui de querer relação nenhuma, eu acho que por essa coisa do abandono eu quis que as pessoas se afastassem de mim. Eu pedia que elas se afastassem, então eu num cultivava amizades. Quando a pessoa se aproximava demais eu falava: pára! Pára agora que eu num quero, num quero ficar perto de ninguém. Sem contar que na rua você tá muito propenso, por exemplo: eu encontrei muitas mulheres que queriam dormir ou viver comigo, homens que queriam dormir ou viver comigo. Você tá muito sujeito a todo tipo de sexualidade, todo tipo, né? E eu acabei caindo sim, porque eu quis, ou porque eu estava drogado, ou porque eu acreditava que era aquilo que ia me fazer feliz, e depois eu descobri que não. Sexo é sexo e amor é outra coisa. De verdade. E na adolescência a gente fica mais propenso a essas coisas porque é uma fase de descoberta e se você encontra pessoas que vivem determinadas coisas você acaba se dando com essas pessoas. Eu me juntei com muitas pessoas, de viver junto fazer sexo mas não tem amor, não tem amizade, era apenas aquilo e eu me

sentia sujo e mal por isso, me sentia acabado! Não tinha amor próprio, nem por ninguém, nem por nada, nem pelas pessoas, nem aquela pessoa que estivesse do meu lado não era feliz. E aí encontrei também muita rede de prostituição, caí em muita coisa assim de prostituição. Eu vivia muito enfiado no centro, e no centro tem muito, como se diz, pedófilos, tem muito cafetões, esse tipo de gente assim que pega a molecada e usa pra todo esse tipo de coisa, apesar que eu sempre fui muito descolado, também, então foi meio difícil eles me convencerem a tá...se eu um dia fiz alguma coisa foi porque eu quis, isso é verdade. Eu não ponho a culpa em ninguém, mas eu percebo assim que tem uma facilidade, você está sujeito a tudo, você está na rua. E está perdido em tudo. Então alguém oferece um braço, e geralmente as pessoas oferecem algo assim muito bom, e quando você vem, é que te prendem. Eu cheguei a cair numa dessas. Eu estava bem assim na rua, aí um cara, que eu conheci lá da Barra Funda, na época que eu ficava assim andando nos trens e ele tinha um trailer e ele falou assim, ele era bem gordão assim, e ele falou assim pra mim: Não Armand, eu to com um bar aqui no centro e se você quiser você pode fica lá em casa. Só que eu cheguei na casa dele tinha um monte de gente, um monte de outros garotos lá na casa dele, e eu já comecei a achar estranho, porque tinha um monte de garotos lá na casa dele? Eu falei assim: Esses caras moram aqui? Ele falou: Moram, tal, moram tudo comigo. São seus filhos? Não, não são meus filhos. Aí eu fui perceber o que ele queria de verdade, só que ele não queria que eu sáísse de lá, ele disse que se eu sáísse ele ia me matar, como ele dizia pros outros também. Só que os outros, alguns gostavam, outros não. Aí o que aconteceu: eu saí. Saí e depois de um tempo eu encontrei com esse cara. Ele quase me matou, quase me matou de verdade. E só não me matou porque eu soube sair muito bem nessa parte. Eu sofri a respeito disso, é uma história assim que eu tenho um pouco de dificuldade. É difícil, me prendi assim numa rede. Outra também que foi assim bem complicado, foi com uma mulher. Ela me convidou, depois queria que fizesse um filme pornográfico, e aí não foi legal porque eu não tava afim, e acabei dizendo, e aí a gente acabou brigando feio e o pessoal que andava com ela era barra pesada e tal. Mas assim, então, porque a pessoa vinha nessa proximidade conversar e achava que poderia me usar. Foi uma época difícil, mas eu passei por tudo isso! De boa assim.

Tiveram pessoas, a Isabel, por exemplo, do Taiguara foi uma pessoa fantástica na minha vida e num momento que eu estava muito deprimido. Foi na época das tentativas de suicídio, porque ela me tirou assim dumas fases muito, ela me tirou uma fase assim. Hoje a gente num tem muito contato porque eu me afastei dela. Ela era, num sei se ela é mais, ela era coordenadora do Taiguara, fica numa travessa da Humaitá [centro da cidade]. Tem também a Ana Edith. Uma época eu tentei suicídio, era adolescente, e fui parar no Hospital Psiquiátrico aqui da Vila Mariana, e era fim de ano e eu não podia sair. Eu estava triste, triste, triste! Ela conseguiu falar com o médico e me levou lá pra São Simão, no interior, me levou pra lá, e ficou lá comigo, e cuidou de mim. Me levou na casa da família dela, dos filhos, com o marido dela, e cuidou de mim numa época que eu estava assim bem deprimido. Então tem algumas pessoas que desempenharam papel super importante de estar assim em momentos super importantes que eu teria me matado. Só não me matei mesmo porque tinha um anjo da guarda. Toda vez que eu tentei suicídio teve alguém que me salvou! Eu já estava desacordado e alguém me salvou. Incrível isso, né? É que não era realmente pra acontecer isso, porque senão teria acontecido. Mas essas pessoas eu num procuro porque eu quero tá um pouco melhor ainda, não quero procurar essas pessoas e ainda continuar na mesma situação que eu estou e não ter levado nada e não ter adiantado nada. Eu quero adiantar muitas coisas na minha vida, procurar as pessoas e dizer: olha, você foi importante na minha vida, se eu estou aqui hoje foi por causa de você. Isso, entendeu?

Ana Edith era funcionária da Casa de Passagem Dom Bosco, lá na Avenida do Estado. Eu gostava muito dela, era bem “mãezoca”, assim. O Coquti também que foi funcionário da FEBEM, eu fui na casa dele ontem e ele não estava e também foi bem “paizão” comigo, bem pai mesmo. Numa época que eu estava na rua, depois que aconteceu esse negócio com esse cara gordo. Aí eu contei mais ou menos o que aconteceu, ele falou assim: vem pra casa. Você num vai ficar na rua não. Vem pra casa! Eu saí da casa dele porque eu quis, porque eu quis. Eu só não vivo hoje lá na casa dele porque eu não quero, mas o Coquti já me disse: qualquer dificuldade que você tenha na vida não hesite em me procurar. Porque jamais eu vou deixar você na rua. Não hesita em me procurar, em me pedir, porque jamais eu vou deixar você desamparado. Isso é muito bom, né! Ter alguém, agora a minha mãe mesmo, a relação com ela é bem difícil! Eu tenho duas mães, uma tipo de criação que é a Conceição e minha mãe biológica. Minha mãe biológica porque eu não falo com ela. Eu num vou vê-la porque eu não tenho vínculo nenhum com ela, eu aprendi a desgostar dela, acho que foi isso. É uma mágoa que ainda tenho que trabalhar. Bom, todo mundo tem um pouquinho dessas coisas ainda. Agora, já a minha mãe de criação, né, a Conceição, ela não. Ela já é uma pessoa que eu adoro, que eu amo, mas também está muito “drogatizada”, muito bêbada, e é difícil pra mim estar com ela. Ela está em liberdade condicional, porque ela estava presa e ela quebrou a condicional esse ano, e eu estava sem grana nenhuma e ela tinha que pagar o advogado. Aí eu fui pedir pra Juliana: Juliana me empresta R\$100,00 e quando sair o meu dinheiro eu te dou. Mas é fogo pra mim essas coisas, ter que cobrir coisas pra ela assim de imediato acaba me atrapalhando nos planos, nos cronogramas que eu tenho, porque eu tenho cronograma de orçamento, e esse ano eu quero juntar

dinheiro todos os meses. Primeiro, eu quero arrumar um apartamento da CDHU pra eu morar, eu quero ter um apartamento com dois quartos, eu quero pagar uma coisa que eu saiba que vai ser meu. Pode ser longe, pode ser nos “cafundo”, mas eu quero um apartamento. Segundo eu quero ter um emprego fixo, que eu possa receber razoavelmente por mês, quero continuar estudando. Se eu tivesse uma oportunidade na vida de alguém...! Eu fui procurar o padre Júlio Lancelotti o ano passado. Depois de março quando eu cheguei eu fui procurar o padre Júlio Lancelotti, falar pra ele se poderia me ajudar em qualquer coisa pra eu poder continuar estudando, em que sentido: material, pelo menos a condução. Aí ele falou que isso não era problema dele e que ele não podia fazer nada. Falou bem assim, na minha cara! Foi bem grosso! Se ele tivesse dito que não podia, que infelizmente, né! Não, ele foi extremamente estúpido. Depois disso eu peguei antipatia pelo padre Júlio. No entanto que lá no Dia de Luta cumprimentei todo mundo, até a Soninha Vidi, e não cumprimentei ele. Eu não quero ele perto de mim assim, porque eu acho que uma pessoa não precisa responder dessa forma, tudo bem que ele não estava num bom dia, mas eu achei ele muito arrogante. E porque eu pedi uma ajuda pra uma coisa assim, eu só preciso estudar, caramba, só isso! E eu acho que a Igreja pode fazer isso sim, a igreja pode, não é uma coisa absurda. Sabe, eu sei que tem milhões de pessoas que estão precisando, mas o que custa ajudar um ser humano a continuar estudando? Esse ano foi difícil, pra continuar estudando, eu não consegui. Faltei muito, não fui, porque, tem o problema da condução.

Eu estou matriculado no Clara Manteli,^{*} centro de ensino supletivo estadual, tem 1^o e 2^o grau. Fica no Belém, em frente a estação do Belém do metrô. Só que não é um ensino assim que você num precisa freqüenta aula. Você pega apostilas e vai fazendo aulas, eliminando, e é gratuito. Eu não terminei ainda, já comecei o terceiro ano, porque lá é Supletivo, fiz o primeiro e o segundo, aí comecei o terceiro e não terminei. Se eu começar agora, quando começar as aulas eu vou até abril e termino o terceiro. Era pra mim ter terminado no semestre passado, mas sabe o que aconteceu? A questão da condução que era super complicado. Tem a questão do material, porque lá você tem que tirar o xérox, os livros de lá ou você tira o xérox ou você compra o livro. Um dos dois. Tem um livro na biblioteca, mas você não consegue pegar porque é muita gente, então não dá. Então, quer dizer, tinha essa questão: Me ajuda pelo menos, eu falei pra ele, a comprar os livros, ou tirar xérox dos blocos de livros, só! Aí eu vou todo dia, nem que eu tenha que passar o dia todo enfiado na escola! Eu falei pra ele. Eu tenho coragem mesmo de ficar o dia todo enfiado na escola, porque lá, pelo menos, no Clara Mantelli, dá café da manhã, almoço, janta, tudo lá. Você paga o material e a condução, que no fim é a mesma coisa que quem faz faculdade acaba pagando. Que nem, no seu caso, você paga combustível, pra poder ir pra USP, você tem que se alimentar, porque quem está estudando tem que se alimentar em determinado horário da noite, e tal e tem a questão do material também porque você num encontra livros na biblioteca lá direto, as vezes encontra as vezes não, as vezes está tudo ocupado e você tem que comprar e ir atrás de xerox, e se virando como pode.

Eu me matriculei antes de ir pro Chile, e fiquei muito tempo sem ir lá, e tal, sem estudar, mas não perdi a vaga nem nada, porque lá não tem falta. Então esse ano pus uma meta na minha vida que eu vou terminar essa coisa eu vou fazer um cursinho, assim, eu estou seriamente pensando em entrar num cursinho da Poli, e prestar a universidade no final do ano. Eu quero terminar de estudar, eu queria assim, entrar na Universidade, porque eu quero me formar em Letras e eu quero trabalhar lá pro lado do Nordeste, numa parte litorânea pra mim poder trabalhar todos os dias e ir pra praia, ficar tranqüilo. Quando eu tiver bem estabilizado, acho que eu vou comprar um computador pra mim e vou começar a produzir roteiros, escrever roteiros, trabalhar com isso também, paralelamente, e outros assuntos, e uma questão importante: quando eu estiver estabilizado eu vou abrir uma, depois duas, depois três casas pra pessoas que queiram sair da rua, estudar, e trabalhar e ficar em recuperação, e que queiram realmente uma mudança assim. Trabalhar casos de pessoas que queiram, que você fala assim: essa pessoa só precisa de uma oportunidade na vida! Então eu vou eliminar todas as dificuldades que eu tenho, ajudando essas pessoas. Vou me estabilizar na vida, comprar uma casa grande e vou dizer assim: meu, se quer trabalhar, se quer estudar, se quer realmente mudar toda essa coisa realmente, você quer fica de recuperação? Então, aqui é o lugar! E a gente não vai trabalhar com verba do governo, a gente vai trabalhar com a verba de cada um, pessoal assim. Vamos conviver junto, vamos dividir o máximo que a gente puder e quero fazer algo assim!

Vou te contar uma coisa engraçada! No NA me sugeriram ficar um ano sem relacionamento, sabe por quê? Porque os relacionamentos são as maiores causas das recaídas, e então é porque eu tenho propensão a ter relacionamentos rápidos e bombásticos. Então falaram, então eu to dando um tempo. A última namorada que eu tive, ela era bem legal e tal, mas assim, eu num consigo arrumar namorada que sejam... eu queria arrumar uma namorada que fosse, muito tranqüila e que gostasse de ficar bem na dela, mas isso é com o tempo. É uma coisa. Segunda coisa é que o que me dá suporte assim, é acreditar muito em mim mesmo, primeiro, eu acredito muito em mim. Segundo, que eu acredito em Deus também, eu

* Centro Estadual de Estudos Supletivos Dona Clara Mantelli.

acredito muito, tenho uma fé assim muito pessoal. Mas eu acho o que me dá mesmo suporte é a questão da informação, gosto muito de ler, principalmente coisas que eu num tenho acesso assim, sou muito de ficar lendo tudo e analisando as pessoas, analisando que eu digo não é ficar, analisando a pessoa, é ficar ouvindo tudo que elas têm a dizer e aprendendo com isso. Acho que é uma coisa que me dá bastante suporte. Já material eu num digo tanto, agora num posso dizer que eu num tenho suporte, isso tudo porque, como se diz assim, porque eu fui meio que atrás das coisas, mas eu acho que o suporte que eu tenho maior assim foi o suporte das vivências que eu tive com as pessoas na minha vida, isso faz com que eu me lembre todos os dias, porque eu nunca me esqueço de onde eu venho, qual é a história, e eu nunca vou esquecer. Então acho que isso é um maior suporte, que é o que me dá base pra ser humano e viver, e ter a minha história a minha identidade. E a segunda coisa, é estar sempre se renovando em todos os hábitos, em todos os sentidos, em todas as pessoas. Por isso, eu digo, eu num sou só de uma religião, eu sou de todas. Não sou de uma mobilidade só, sou de todas, sou de todas as mobilidades, e as situações pra mim são adaptáveis todos os dias. Claro que eu tenho um monte de defeitos: as vezes eu sou avarento, muitas vezes eu sou egocêntrico. As vezes eu sou muito teimoso! As vezes não. A maioria das vezes eu sou muito teimoso, mas eu sou também compenetrado, eu ponho uma meta e vou até assim, eu luto pra aquilo que eu quero. Eu sou, tenho perspicácia, sabe aquela coisa, eu tenho perspicácia. Eu tenho só ainda, eu sinto que eu tenho muita tristeza, todos os dias assim. Por eu viver muito só. Eu me sinto muito só ainda, porque, eu num consigo identificar nas pessoas, muito poucas, amizade verdadeira, as pessoas que eu acabo me relacionando ou são de instituições ou são de, da rua, e as pessoas da rua ainda estão num processo muito, ou as pessoas de instituições estão num processo de me ver toda a vida, dentro daquela coisa de testar buscando. Então as vezes eu falo pelas ventanas e as vezes fico super calado, fico super na minha, é isso!

Pra lidar com minha tristeza, na maioria das vezes eu choro. Na maioria das vezes, sozinho, eu choro. Eu aprendi isso uma vez com uma pessoa que disse, se você estiver triste, chora! Chora porque chorar faz muito bem! E é verdade porque eu choro e depois passa. Passa! Porque o choro assim é fantástico. Porque é impressionante como chorar, verdadeiramente por uma dor, faz com que depois você se sintam bem. Eu choro de soluçar mesmo, depois eu falo assim, não, eu vou ao cinema e assisto um filme bem triste! Bem triste! Aí eu choro, ou eu escrevo. Quando estou com ódio assim de algo eu escrevo, raiva, uma coisa assim. Ódio não, raiva, né? Quando eu estou assim com raiva de algo eu escrevo. Algo ou alguém eu escrevo, escrevo sobre todos esses sentimentos e depois rasgo o papel. Agora, uma das coisas que eu também faço assim quando eu estou muito triste, eu ando. Saio assim de madrugada, sozinho.

Deixa eu te contar uma coisa que eu vejo que é interessantíssimo. Eu vejo uma coisa sabia. A criação das pessoas faz muita diferença na vida delas. A forma como elas são criadas e eu admiro já há muito tempo algumas pessoas que não nasceram em berço de ouro, não são ricas. Ricas eu digo de dinheiro, mas tem uma preocupação muito grande pelo ser humano. Você quer ver uma pessoa que eu admiro bastante, apesar das pessoas falarem muito mal dele, mal entre aspas, a maioria das pessoas gosta dele, é o Eduardo Suplicy. Nasceu num berço de ouro, é um Matarazzo e é uma pessoa super simples. É incrível isso, né, essa correlação, e eu vejo que tem pessoas como você assim, que você num nasceu num berço de ouro, teve um monte de dificuldades, sua família também teve que se adaptar a uma série de questões, eu acredito. Eu tenho um amigo em Holambra, Moris, ele foi adotado por uma família holandesa. E hoje o pai dele, que é pai de criação, porque ele foi adotado e ele não tem pai nem mãe. Ele manda essas flores todas que têm no Pão de Açúcar, são todas dele. Ele tem esse contrato no Pão de Açúcar. Aí o Moris me contou uma coisa uma vez que é o seguinte, aí ele falou assim pra mim, e ele é uma pessoa muito simples, sabe, ele me contou: Você vê, algumas pessoas têm tudo na vida e mesmo assim não são felizes e outras pessoas têm tão pouco e são felizes. Num pensa que porque eu sempre tive acesso a tudo, porque eu tenho carro, porque eu posso fazer uma universidade, eu tenho roupa boa, que eu num tenho dificuldades. Tenho um monte de dificuldades com as pessoas, acho que eu tenho até mais dificuldades porque as pessoas me vêem de forma diferente. Ele me contava isso, assim, e é verdade né! É incrível que todo mundo tem dificuldades, seja lá de que forma for, e é muito egoísmo da nossa parte achar que só porque a minha situação é mais difícil financeiramente, as vezes eu posso, eu conheço pessoas que vivem vidas existenciais, que são aquelas que não tem muito de grana mas que tem uma riqueza de espírito uma alegria tão grande e que vivem tão bem assim, com o pouco que elas têm. Eu já não consigo ser tão existencial assim, num vou mentir.

Tem as coisas que eu gosto, que são importantes para mim, como o cinema, mas você sabe que se você estudar psicologia você vai ver que o cinema é um pouco da fuga da realidade. Mas eu gosto dessa magia, eu presto muita atenção nos roteiros, assim, que conta a história. As vezes os efeitos nem me interessam, eu vejo por ver, mas eu gosto dos roteiros. Assisti um filme esses dias chamado Stay, é com essa menina que está fazendo o King Kong, a Naomi Watts e o Yan McGregor, que fala o seguinte: a história conta a possibilidade de um acidente. É bem confuso o filme assim, parece a Cidade do Sonho,

do Linch, aquelas histórias bem confusas, mas aquela história bem bonita. É um filme bem confuso, mas com falas únicas, tem uma hora que ela pára e diz assim pra ele: você já pensou se pudessem existir várias outras possibilidades pra nossa vida? Aí ele fala: já existem várias outras possibilidades, você só precisa viver! Achei bem bacana! Mas tem coisas que eu gosto, que eu valorizo assim, acho que são únicas, e realmente às vezes ver um filme é uma coisa única, mesmo que eu assista dez vezes. Eu tenho dois filmes que eu gosto: tem do Hector Babenco, chama *Brincando nos Campos do Senhor*, com a Daryl Hanna, tem a Katy Bates, tem ator brasileiro também. É um filme antigo, a história já está ultrapassada, de um índio, uma família que acaba indo pra Amazônia e o índio que acaba dizimando uma tribo que vive lá no meio, com doenças, bem forte assim. E eu gosto muito do *Drácula* do Coppola. Eu gosto porque, aliás, mais um, eu gosto de *Entrevista com Vampiro*. Gosto de uma fala de *Entrevista com Vampiro* que eu acho linda: naquela manhã ainda não era um vampiro e vi meu último amanhecer, ao contrário deste não me lembro de nenhum outro. Sabe, aquela coisa assim, foi único pra ele aquele momento, e outra fase que eu acho linda desse filme é assim: ela se foi com os cabelos encaracolados dela mas tudo que restou dentro do meu coração foi tristeza!

Sabia que eu acabo pensando numa coisa. Se eu vou fazer um documentário eu quero que ele seja o mais verdadeiro possível. Eu detesto ir assistir um documentário, o que seja, e soar falso, sabe? Quando você vai assistir um documentário que parece que é programado, um filme que seja, e soa falso assim. É bonito um documentário que você assiste e sente um sentimento verdadeiro daquilo que a pessoa está dizendo, que é verdade, que ela passou por aquilo mesmo. Esse documentário, que nem, esse Childrens me tocou muito por que as crianças são verdadeiras. Elas não mentem, elas são drásticas ao extremo nas confusões, mas elas são sinceras assim nas ingenuidades, nas fragilidades, então eu acho isso assim um bom, eu pensei numa coisa verdadeira. Num precisa ser longo, eu pensei que o quanto mais curto, mais verdadeiro, acho que fica melhor. É gostoso que quando você vê e sente uma coisa assim curta, mas que tem uma coisa única que te pega e de diz assim, é isso.

Segunda entrevista. Local: Centro Cultural São Paulo.

Eu poderia falar o que eu estou fazendo agora. Bom, no trabalho eu estou assim: de segunda, quarta e sexta eu vou á OCAS, nós temos reuniões, segunda, quarta e sábado também. Todos esses dias de manhã. Aí tem reunião de desenvolvimento na segunda, quarta tem reunião de compra e sexta é só compra e venda da revista. A reunião de desenvolvimento é específica, feita pra gente discutir como que está na rua, quais são as dificuldades, o que a gente pode fazer, quais contatos novos. O que a gente quer que mude, uma série de coisas. É uma reunião de desenvolvimento dos vendedores. Já na quarta, a reunião é diferente, ela já é mais voltada pra outras, uma questão mais acho que é interna da diretoria da OCAS, é uma reunião assim, né? Já no sábado é a oficina de texto, onde a gente produz a coluna da OCAS, Cabeça sem teto. Aí na terça e quinta agora eu estou com duas turmas, no Instituto do Negro Padre Batista, eu estou dando aula de artesanato, colares, assim, a gente tá desenvolvendo. São duas turmas, uma turma de quinze agora de manhã, mais quinze a tarde, lembrando que a procura foram de setenta pessoas. De terça o dia todo. A parte da manhã funciona das 9h da manhã as 11h e a turma da tarde, das 14h da tarde até as 16h, e vai durar três meses esse curso e depois entra uma nova turma, uma turma em seguida assim. E aí essa turma é bem bacana. Ensino eles a fazerem, ensino não, na verdade a gente trabalha junto, a fazerem, desenvolverem colares mais africanos, com idéias mais africanas. Ao mesmo tempo eu passo texto. Nesse meu trabalho com eles eu passei uma redação sobre as raízes africanas, se eles têm alguma ligação com raízes africanas e o que que eles podem falar a esse respeito, a respeito da igualdade racial. E perguntas referentes, e perguntas pessoais, perguntas do tipo: o que você acha que pode fazer de concreto pra mudar a violência no país? Questões bem que o jovem enfrenta hoje. Questão de ensino, e uma série de outras coisas. Então tem um trabalho teórico e um trabalho prático, como são só duas horas de aula, geralmente é pouco, é rápido, funciona muito bem assim. Como eu estava te dizendo, na parte da manhã, mais meninos, e na parte da tarde mais meninas. O desenvolvimento é diferente, porque as meninas são mais disciplinadas, muito mais atenciosas que os meninos, né? Causam menos problemas também, as meninas são mais tranquilas. Então eu gosto das duas turmas, mas essa turma da tarde é específico que as meninas são assim, pegam muito bem. Mas os meninos também têm as suas particularidades, é terça e quinta assim.

Eu cheguei no Instituto do Negro porque, na verdade, eu fazia parte do grupo da Fala Preta!, Cooperafro e a gente fazia curso no SENAC, em outros lugares e tal e desenvolvia trabalhos de pintura, colares, bolsas, bonecos, então eu tinha uma relação assim no instituto, na verdade eu ia numa psicóloga lá, a Mazé, e aí ela era muito bacana comigo e a gente ficou muito amigo e eu fiquei amigo de todos lá, da secretária, o padre, que era responsável pelo instituto e eu vendia meus colares lá, minhas coisas pra eles. E aí eles me chamaram pela primeira vez pra fazer uma oficina de duas semanas, eu fiz a oficina e ela deu muito certo, foi muito bacana, e aí eles disseram que quando houvesse uma verba me convidariam para fazer em um tempo muito mais longo. E aí essa verba saiu agora no começo do mês e aí me chamaram,

porque eu sempre mantinha contato, ia lá sempre e me convidaram pra tá fazendo essas oficinas mais prolongadas.

Essa experiência de trabalho com os jovens acho que aprendi muito com as relações com as pessoas, essa relação direta com as pessoas e comigo mesmo. Porque eu quando adolescente, eu tinha bem claro assim, as coisas que eu gostava e as que não gostava e se as pessoas podiam interferir na minha vida, eu acho que o jovem pensa muito assim, nessa questão de ter seu próprio espaço, de ser respeitado dentro do seu próprio espaço, de ter essa identidade. Na verdade eu deixo bem claro pra eles. Eles não me chamam de professor porque eu não gosto dessa coisa de professor. Eu disse pra eles que assim, nós vamos estar lá pra aprender juntos. Eu aprendo com eles, eles aprendem comigo, e nós trocamos essas experiências. Eles me chamam pelo nome, mas mantendo o respeito, que é muito importante da gente ter pelo ser humano. Eu consigo perceber essas coisas pelas trocas diárias, e essas coisas são bem visíveis, de perceber e conversar com pessoas do ramo. Por exemplo, você mesmo tem essa ligação com as pessoas diretamente, com a Mazé que é psicóloga, então as pessoas passam coisas e eu presto atenção nisso, e tento vivenciar elas no dia a dia. Todo mundo diz que o trabalho com o adolescente é um trabalho muito difícil, os adolescente na verdade querem o espaço deles, e eu deixo amplo isso. Deixo claro que eles estão no espaço que é deles, que eles vão desenvolver coisas pra eles, e que aquilo lá é só uma passagem como tudo na vida, e então quer dizer, isso já faz com que ele se sinta seguro de estar trabalhando e essa coisa de perceber a diferença, que eu estava falando, entre meninos e meninas também, é porque assim, tem coisas características de meninos mesmo, eu como menino vejo essa característica, e tem coisas próprias das meninas, né? Então acho que são coisas bem legais e também porque eu trago isso pro meu dia a dia. Eu faço isso. O que eu fazia no meu dia a dia, assim? Como que é essa coisa de se importar ou não? Sabe? Eu percebo assim, que os meninos têm uma preocupação maior em estudar em ganhar dinheiro, ou de não estudar e de procurar uma forma mais fácil de viver a vida e tal. E as meninas têm assim uma relação muito mais complicada e direta com o mundo, com as pessoas, e se preocupar com tudo, com todos, então, é assim, acho que é a vivência. É a experiência de trocar e na minha própria vivência eu acabo tirando um pouco disso. E é claro, quando eu tenho dúvida, eu pergunto pra todo mundo, e principalmente pra pessoas que trabalham diretamente com isso, e principalmente essa questão da minha institucionalização, por eu ter vivido muito tempo em instituição eu tenho essa coisa de conviver bem com adolescente, com jovens. Eu acho que o trabalho com criança pra mim já seria diferente, porque as crianças têm outras necessidades, elas estão numa fase de aprendizado muito maior e eu acho que eu não teria ainda essa coisa de trabalhar com as crianças porque elas precisam de uma coisa muito mais concreta, muito mais detalhada, você tem que tomar um cuidado muito diferenciado com o que você fala com uma criança e com o que você fala com um adolescente. O adolescente aceita e ouve melhor certas coisas e as vezes não, na maioria dos casos é mais fácil. As crianças já são específicas, então eu acho que pra criança não funcionaria. Pra adolescente tá mais próximo de mim, então acho que é mais fácil.

Eu comentei sobre a clínica que fiquei em Atibaia. Teve uma pessoa que me bancou: a Marina. Foi aquela coisa que eu contei. Eu estava numa situação de muita drogadição na rua. Eu estava abandonado comigo mesmo, eu mesmo não acreditava mais em mim, e eu parei por um acaso na frente de um NA que era próximo à comunidade que eu freqüentava pra comer, tomar banho, e aí me convidaram pra entrar uma vez, e eu fui naquela assim, o que é isso? E eles começaram a me oferecer muitas outras coisas que eu necessitava naquele momento. Então era uma relação de troca, entendeu? Eu queria as coisas que eles pudessem me dar. Aí surgiu aquela coisa de eles convidarem, até aquela coisa que eu contei de eles darem o dinheiro na minha mão e eu falar assim olha! A Marina mesmo, e um outro rapaz dizia: a relação que você vai ter com a gente não vai ser uma relação prolongada. Eu não vou ser a sua madrinha, eu não vou estar próxima de você sempre, você vai construir isso com outras pessoas, eu só vou ter a passagem. Eu, por exemplo, ela dizia pra mim, estou muito bem estabilizada, eu tenho a minha casa, estudei, viajada e tal, e agora é minha oportunidade de fazer isso pra outros que queiram. E aí ela fez isso, ela fez essa coisa por mim, e ela me mandou numa clínica particular, mas eu também agarrei essa oportunidade, com unhas e dentes! No começo, eu não estava muito interessado, mas quando eu vi ali uma oportunidade, eu nunca me conformei com a situação de estar jogado, nunca me conformei, nunca quis isso! Acho que foi tudo consequência de uma série de fatores aí. E aí eu agarrei essa oportunidade. Então, na minha vida simplesmente aconteceu assim. Ela ia uma vez por mês me ver e as vezes era de quinze em quinze dias. Então ela ia uma vez sim, outra não. E mais no final ela foi assim mais algumas vezes. E nossa relação durou até aí, e ela que pagou toda a minha recuperação. Ela é fotógrafa, né? E ela freqüentava o NA. Ela também teve um processo de dependência, e depois que ela se recuperou, ela me disse: quando você tiver bem, você tem que passar isso pra frente. Porque no NA funciona assim, você tem que levar outras pessoas e dar oportunidade pra elas fazerem a mesma coisa. E então foi isso, foi muito bacana.

Fiquei um ano na clínica. Primeiro eu chorei muito fiquei com muita raiva porque as regras eram ditatórias. Eu sempre detestei coisas ditatórias. Horário pra comer, horário pra dormir, horário pra

levantar, horário pra tudo! Muita atividade, o dia todo, então chegava à noite eu estava cansadíssimo, e no começo eu não gostava, pensei em desistir. Algumas pessoas lá estavam por medida sócio-educativa, ou eram garotos que vieram da FEBEM acompanhados do juiz, ou vieram da prisão e outros eram que os pais puseram, todo mundo tinha uma questão de família, e eu não. As famílias não davam opção ou o juiz e eu fui porque eu quis. Tinha mais um, ou dois na mesma situação que eu. Então eu podia ir embora a hora que eu quisesse, eu estava livre. Mas todas as vezes que eu pensei em ir embora as pessoas me diziam: olha, você tem certeza que você vai fazer isso? Não vou falar que é fácil. Nas terapias de grupo as pessoas ouvem a sua história e geralmente a tendência da pessoa viciada é passar aquela visão de coitadinho, que precisa, que está doente, e eles quebram um pouco isso lá. Te falam as coisas que realmente vão te doer e pegam você de verdade. Haviam até conversas assim, sabe, você tem que ouvir, falava da minha infância então, você também fez isso, será que isso não leva conseqüências? Então, quer dizer, tentavam passar que tudo tem um sentido e que não adianta a gente ficar se pondo pra baixo, porque a tendência é essa. Porque no viciado funciona da seguinte forma: ele, a pessoa que está drogada, ela quer fugir da realidade, ela usa o químico pra fugir, aí quando não tem mais o químico, ela usa a psicologia dela de: ah, eu sou uma pessoa que não consigo, que não posso, e eles quebram assim. Não, você pode, dificuldade todos têm, então você tem que levantar a cabeça e conseguir, e então eles quebram um pouco essa coisa e é difícil as vezes aceitar que você não é aquela pessoa que você pinta ser. Então assim, pra todo mundo, aquilo que entra dentro de uma clínica, é só uma máscara. Aí quando você sai você tem obrigação de deixar aquela máscara que ficou ali. Então, muitas vezes as pessoas não contam a verdade, não querem contar o que estão passando. Eu tinha muito isso, escondia muitas coisas, achava que pras pessoas não tinha nada a ver saber coisas que eram referentes a mim. E lá eu aprendi a ser muito mais sincero. Hoje se você me pergunta coisas realmente, coisas bem íntimas, eu tenho a capacidade de responder. E isso foi realmente assim, te respondo tranquilamente porque isso num vai me trazer dano nenhum, ser verdadeiro, mas quando você está nesse processo de droga você acredita que todo mundo vai te fazer mal e que qualquer coisa que você disser pode te prejudicar e você está sempre negativo, eles quebram um pouco isso.

Quando eu saí de lá, no começo foi difícil, porque eu saí de lá e fui pra casa de uma das pessoas que já tinha saído de lá e me convidou. Ele falou: olha, eu sei que no começo vai ser difícil. Ele já sabia da minha história, a gente convivia junto, e essa pessoa saiu um mês antes, um amigo que eu arrumei lá na clínica chamado Moris Van Der Ver. Ele é filho de holandeses e eles cultivam flores lá em Holambra. E ele falou assim: olha, eu moro numa casa super grande, a minha família tem condição, eu num posso fazer muito por você mas um pouco a gente pode, e no começo agora ter um lugar pra ficar, de repente pode surgir a oportunidade de um emprego no começo pelo menos pra você juntar um dinheiro. E foi isso que eu fiz. Fui pra lá e fiquei uns meses, pouquinho, trabalhei, juntei uma grana e fui pra Minas, ver se eu consegui ficar em Minas, na verdade eu queria fugir de São Paulo, porque eu achava que São Paulo podia trazer tudo de volta, mas depois eu achei que não. Que é melhor a gente voltar pro lugar de origem e tentar. E não é São Paulo o problema, o problema sou eu, né? E eu fui, fui pra Minas Gerais, fiquei lá uma semana ou duas e depois voltei pra São Paulo. Na época eu ia fazer vinte e um anos. Quando eu saí foi bem no final do ano, passei ainda meu aniversário fora, dia quatro.

Nestes locais trabalhei com diversas coisas. Em Holambra eu trabalhei com flores. Tirava as flores que estavam todas na estufa, e aí eu simplesmente tinha que tira-las lá da água, que era um processo na água, e colocá-las nesses vasinhos, mas era um trabalho muito lento porque você tinha que por com determinadas raízes, procurar, então era muito lento, não era produção. Tem que ter muito carinho pra trabalhar, era tão gostoso! Me fazia tão bem assim! Porque era fechado, isso tudo era fechado, mas fazia muito bem, porque flores são sempre coisas boas, plantas. E aí fiz isso. Aí depois, quando fui pra Minas eu comecei a ajudar uma amiga na oficina. Ajudar só. Ela me pagava o dia mas eu já tinha um dinheiro juntado que eu num tinha gasto em nada na casa do Moris. Então fiquei nesse amigo, tem a esposa dele, tudo mais, eles tinham tipo uma casa nos fundos então eu fiquei lá, depois precisei ficar dois dias num hotel e tal, antes de vir, aí voltei pra São Paulo. Aí que foi difícil! Época de Carnaval, essas coisas (risos). Essas coisas de Carnaval, é bem complicado. E aí fui nesses processos aí de Fala Preta, viagem. Quando eu cheguei de Minas eu tava com uma grana então eu aluguei um quarto só que aí eu não conseguia emprego, né, era difícil conseguir alguma coisa. Aí foi quando a menina lá da PUC, a Rosalinda, me chamou pra fazer parte do grupo dela de trabalho, ah, não! Antes disso, minha grana acabou e eu comecei a fazer um curso e receber uma bolsa, e aí eu fiquei um mês, um mês não, acho que menos. Eu fiquei um mês no Boracéia. O curso foi no Boracéia, e acho que eu fiquei lá um mês, acho que por aí. Aí a Rosalinda me chamou pra fazer parte do trabalho, me conheceu e ela gostou, e ela falou: você pode ficar aqui trabalhando com a gente. Falei pra ela que eu ia ficar ali só aquele mês e alugar alguma coisa, só que daí a Marta (Prefeita) não assinou o contrato. Mas mesmo assim com o dinheiro da bolsa eu aluguei um quarto. E aí quando não deu certo realmente eu busquei essa alternativa de ir embora pro Chile. E quando voltei do Chile pra São Paulo fui pro aluguel de novo, não tinha outro jeito, né, mas aí eu aluguei lá em

Santo Amaro, lá perto da Hípica. Peguei um lugar bom, assim, era gostoso. Comecei a fazer cursinho no Instituto de Ajuda ao Aluno Carente, lá no Brooklin. Comecei a fazer o cursinho, aí eu estava com o pessoal da Fala Preta!, na verdade eu estava antes com eles, antes de ir eu fiz alguns cursos com eles, mas eu não era fixo. Depois que eu voltei, eu voltei pra lá pra fazer alguns cursos com eles, e foi isso. Na verdade quem me indicou o curso foi a Mazé do Instituto do Negro, aí era bem legal. E aí quando a grana acabou não dava pra manter nada, aí antes de acabar e tal, aí o Perninha falou pra mim: o Armand se quiser vem trabalhar comigo na carroça, a gente tira um pouco de grana, dá pra tirar alguma coisa, mais é muito pouco. Eu falei: pra trabalhar agora, porque eu precisava manter minha mente ocupada, e ganhar dinheiro também, então eu fui fazer isso com ele, trabalhar com ele. Aí eu vi minha mão biológica, que tinha saído da cadeia, minha mãe biológica não, minha mãe de criação. Ela estava trabalhando lá também, aí eu ganhei uma grana e aí que ele me apresentou a Juliana (coordenadora do Projeto Moradia). Conte pra Juliana, algumas coisas, um pouco da história. Pouco porque não era tudo assim, e falei que eu estava num lugar, mas eu precisava de grana, e trabalhar mesmo e precisava de um lugar mais barato. Aí eu contei pra ela e ela pegou e falou pra mim que poderia. Foi isso na treça feira e na sexta feira eu mudei. Rápido, né!

O Perninha eu conheci, na verdade por um acaso. Essa menina que me convidou pra ficar na casa dela quando acabou meu dinheiro, ela morava aí na Rua São Paulo, ela falou: Fica aqui e a gente vê alguma coisa. Só que o trabalho que eles faziam era só com isso, só com carroça, reciclagem e tal. Aí ela falou: olha, eu trabalhei com um cara e ele me pagava direitinho, era pouco mas pra começar acho que dá. Aí eu fui, ela que me apresentou o Perninha, a Monaliza. Porque na verdade eu conheço muita gente, é que eu acabo conversando com todo mundo, até dentro do ônibus, em qualquer lugar que eu vou, e as vezes não são amigos, ou só colegas, ou só conhecidos e acaba tendo meio que essa relação.

Eu já morei em vários tipos de moradia. Sabe que nem o Legião Urbana: 'Já morei em tanta casa que nem me lembro mais!' Instituição, rua, colégio interno. Teve uma época que eu fiquei no Dom Bosco. Não me adaptei porque eram outras regras, era meio padre, meio aquelas regras. O problema acho que são as regras, são aquelas que a gente faz e que são criadas assim pelas instituições grandes, e eles têm uma metodologia toda voltada pra essa coisa arcaica, eu acho, as regras das instituições católicas. Tem também essa diferença, quem tem dinheiro e pode pagar, eles tratam de uma forma, quem não tem, de outra. Funciona bem assim. Eles não vão admitir nunca, mas fazem.

Tem as pensões também. Se for pensão, é horrível! Tem muitas pessoas, geralmente são pessoas que vêm de outras partes, do nordeste, do centro oeste, do sul, e moram nesses quartos. A maioria das pessoas não deu certo com as suas famílias, nos seus locais de origem, tem aquela coisa de não ter esse respeito pelo espaço do outro, não tem respeito, briga. Agora se for uma coisa individual pra você, funciona melhor. Sabe? Funciona de outra forma. Nas pensões sempre tem uma pessoa que cuida, geralmente são pessoas que moram e cuidam pro dono, aí eles te dão um recibo e paga diretamente pra essa pessoa. Paga um mês adiantado, se você não tiver eles te põem pra fora, põe mesmo pra fora. Eles geralmente têm leões de chácara, a maioria dos donos de pensão, principalmente da Rua São Paulo, são policiais, policiais federais ou gente ligada a instituições também, tem gente ligada ao sindicato. Tem pensões ligadas à igreja, são chamadas de pensionatos, são aquelas casas mais antigas, com as regras mais rígidas. Já fiquei também. E o preço dessas moradias varia de R\$70,00 a R\$80,00, tem vagas também por R\$40,00, R\$50,00 e tem pensões com quarto que custam de R\$70,00 a R\$300,00, mas geralmente os de R\$300,00 vem mobiliado. Também já fiquei em hotel, esses bem sujos, sabe? Um bem simples custa R\$15,00 por dia.

E a moradia provisória, é um tipo de moradia também. É complicado! É uma alternativa, mas é complicado. Acho que a Juliana faz um trabalho milagroso lá na moradia. Uma mulher tomar conta de cinquenta marmanjos, é milagroso! Você sabe que ela resolve todo tipo de problema, e vem gente de fora trazer mais coisa! Mas, não sei quanto tempo eu vou ficar na moradia, acho que eu vou sair bem antes, porque tem as dificuldades. Acho que a pior dificuldade é a violência. Alguns moradores têm uma história, são muito violentos, sabe. As vezes não demonstram, os que não demonstram as vezes são mais violentos, aí sai muita briga. Eu sou muito difícil de brigar. Se me xingar eu num falo nada, eu fico mudo. Agora, só me defendo se alguém for me agredir, mas geralmente eu não vou brigar. Na verdade, as vezes, eu incomodo as pessoas porque dentro de casa eu sou muito quieto, sou muito de chegar, entrar no quarto, começar a ler, ver televisão, ouvir música, tudo assim, pra mim, baixinho. Eu tinha muito essa coisa de estar junto com as pessoas, mas agora eu procurei me afastar. A convivência nas casas é difícil e também porque vai chegando o tempo das pessoas saírem das casas e elas vão ficando desesperadas, elas acabam brigando com as outras, sabe, elas não conseguiram construir nada que possam ter um respaldo depois.

Até agora eu não consegui juntar dinheiro. Não consegui porque vai fazer três meses ainda que estou na moradia, não consegui porque tinha coisas que eu precisava comprar mesmo, que eu tinha necessidade, roupas mesmo, alimentação. Coisas de necessidade e coisas supérfluas que eu gosto de

comprar: cd, livros essas coisas! Supérfluo não, eu gosto de comprar e não é de primeira utilidade, acabo comprando demais essas coisas. Mas pretendo juntar dinheiro. Agora com esse trabalho, eu já tenho duas contas: uma tem R\$0,70 e outra não tem nada! Mas eu pretendo juntar, eu estou um pouco desanimado porque eu num quero voltar pra pensão, quarto, na verdade queria entrar na universidade. Queria entrar lá na USP, morar lá na USP, estudar lá. Depois que eu terminasse queria ir embora, ou pro interior, queria ter um dinheiro já guardado pra alugar uma casa, com um ano de contrato. Fazer concurso, entrar numa escola pública e ir pagando minhas coisas. Começar assim, depois desenvolver outras coisas. Ir pagando minhas coisas. Pra começar acho, seria legal. Ou começar estudando, fazer outra universidade, seria legal. Gosto de estudar! Não fiz nem a primeira, imagina a segunda! Mas eu me preocupo, e principalmente quando a barra pesa muito, fica muito tenso o negócio e penso em morar sozinho, mas agora não dá, mas eu tenho vontade assim. Ter um espaço meu, tranquilo. Se não for apartamento pode ser casa, ter um quintal, ter cachorro, ter planta, eu num sou muito fã, mas se eu pegasse um animalzinho pra cuidar ele seria bem cuidado! Ter um espacinho pra ter plantas, cozinhar, chamar as pessoas pra poder comer comigo, ouvir música. Não queria uma casa com muitos móveis, completamente livre de móveis, a sala eu gostaria de por um tatame, com umas almofadas. Televisão, uma pequenininha assim, de quatorze polegadas, num canto assim, quarto, a mesma coisa, um outro tatami com colchão, um travesseiro. Eu ia querer fogão, microondas, uma mesinha, um espaço pra comer bem tranquilo, nada de sofá, armários, aquele bando de bugigangas. Se tiver algo assim tem que ser tudo embutido, tudo escondido. O bom de não ter muitos móveis é que você se sente livre, não precisa se preocupar que você vai esbarrar em algo, sem contar que pra limpeza é fantástico. E eu gostaria de ter uma banheira, e eu encanei com uma azul, azul clara! Várias viagens que eu tenho!

Este domingo eu fui onde minha mãe está morando. Eu falo que ela me criou quando estava na rua, quando adolescente, que eu saía de lá da instituição e ficava na rua. E ela me criou, eu digo assim nesse sentido, ela fazia parte lá do movimento dos sem-teto, tal, e ela sempre via eu assim lá e ela dizia: menino você é tão inteligente, não? E ela puxou isso pra mim, só que ela tem uns conflitos, uns problemas pessoais dela. Eu detestava quando ela bebia, ela se tornava uma pessoa muito sem importância pra nada. Aí eu me afastei dela, porque ela acabava me levando ao vício. Bebia todos os dias, usava droga todos os dias, aquela mãe, tipo mãe de rua. Agora assim ela está mais recuperada eu acredito, e ela foi presa, então saiu agora, foi presa por agressão, invasão, e porte de drogas. Mas eu tenho um respeito muito grande por ela. Porque ela olhou pra mim num momento que acho que ninguém jamais olharia. No momento mais difícil ela olhou, sabe. Cuidou de mim, me alimentou, quando eu fiquei muito doente ela ficou no hospital comigo. Fiquei muito doente por todas essas questões de droga e álcool, fiquei muito denegrido, destruído e ela cuidou. Então chamo ela de mãe. Eu fui no domingo onde ela está morando. Ela está morando no Pari, na CDHU. Aí ela falou: nossa, você some, num vem mais aqui. Ela tem outros filhos assim e são todos também de criação, ela falou: vai na casa do seu irmão ver ele! Eles querem te ver. Eu falei: mas você sabe onde que eu to morando, porque você não vai lá? Mas agora eu estou assim com ela mas também estou me resguardando, eu vou só assim ver se ela está bem, porque eu sei que ela pode me levar pra uma situação muito mais complicada. O Júnior* também, a gente está muito próximo, sabia. A gente sempre conversa, porque ele é muito jovem e ele também tem essa coisa da gente, é a pessoa mais próxima de mim lá. Só que ele está numa fase muito perigosa pra mim também. Já falei pra ele. Ele que tem que buscar, já ofereci ajuda, mas acho que ele ainda tem que passar por alguns processos, então eu estou aos poucos me afastando, a gente se fala, ele me convida pra ir em tal lugar e eu falo não, porque eu sei que lugares são, já passei por isso. Você percebeu que hoje eu estou diferente, né? Acho que da primeira vez eu estava mais espontâneo! Acho que hoje eu estou com mais dificuldade. É dia, né? E mudou muita coisa. Muda porque é constante, a gente vai aprendendo, vendo que as coisas não são bem assim. Eu estou valorizando também muito as pessoas mais velhas, as pessoas mais velhas que eu, que tem me ensinado muitas coisas. Eu não te falei, mas uma coisa que eu gosto em você é que você tem essa tranquilidade, eu acho bonito isso. Uma pessoa que consegue não só ter mas passar essa tranquilidade pras pessoas. De ouvir. Eu tenho um problema muito sério. Eu corto muito as pessoas, entendeu. Isso é um problema seríssimo. As pessoas estão falando coisas, não é maldade, é que as vezes eu estou pensando outra coisa e aí quando percebo eu já falei e eu quero que a pessoa volte no assunto e a pessoa até esqueceu já o que ela estava falando porque eu corto, sabe. Mas é que eu, porque eu estou pensando mil coisas ao mesmo tempo. Eu estou ouvindo o que você está falando mas eu já estou pensando assim, a contrapartida disso, num outro assunto relacionado e eu não me contenho em não falar, entendeu. “Mó bocão da royal, né!” Assistiu aquele comercial?

Hoje em dia eu frequento igreja. Na verdade, eu passei por outros processos, primeiro: catolicismo. São os mais fortes no país, mas nunca me identifiquei com o catolicismo, porque pra mim era uma grande contradição de tudo, felizmente assim, até porque aquela questão dos pobres não se

* Outro morador do projeto de moradia provisória “A Casa Acolhe a Rua.”

sentirem a vontade dentro da igreja, aquela questão das missas terem aqueles rituais que as pessoas levam muito tempo pra entender que as coisas estão acontecendo, e toda aquela coisa de batismo, primeira comunhão, crisma, e recebe o corpo de Cristo. Pra você falar que recebe o corpo de Cristo, quem é Cristo? Então tem aquela coisa de não ensinar e te impor algo como se você soubesse realmente o que era aquilo, se você queria aquilo, sabe. E aquela questão do medo também, sabe, se você fizer isso vai pro inferno, purgatório, essas histórias. Então eu nunca me identifiquei com o catolicismo. O protestantismo, os evangélicos, menos ainda! Primeiro eu detesto gritaria, segundo eu detesto essa coisa de moral, sabe, somos todos certinhos vocês são errados, aquela coisa assim que eles pregam muito bem mas que fazem tudo ao contrário. Estou fora disso! Aí eu parti pra uma coisa tipo, eu fiz Reich, que é energia através das mãos. Faz tempo que eu não faço, mas eu gostei, eu preciso. Eu comecei a me interessar pelas religiões orientais, Budismo, mas uma que me pegou realmente de jeito, assim mesmo, e fez com que eu tivesse uma visão muito mais ampla e tal foi o Cardecismo. Por quê? Porque o Cardecismo não me incita não gostar e não respeitar outras religiões, porque o Cardecismo é bem específico e ele não diz que eles tão certos, e nós somos a verdade e o resto não importa. Não, eles admitem que pode ser que aquilo não seja, acho que aquilo é legal, e também por causa das mensagens. Eu gosto das mensagens do Cardecismo. Uma crítica ao Cardecismo que eu acho que eu não gosto, acho que os espíritos são muito paternalistas também. E acabam prejudicando um pouco na questão social, acabam prejudicando muito as pessoas nesse sentido, porque doam as vezes demais e isso é uma coisa mais séria. Tem uma instituição Cardecista que entrega comida todos os dias, em tal horário e aí eles acostumaram as pessoas a viverem aquilo, né, então quer dizer, acho que essa coisa de entregar... Entregar mas porque, pra que, pra mudar o que? Nós vamos manter as pessoas sempre na mesma ou vamos entregar de uma forma que as pessoas tenham outra visão. Então, eu gosto do Cardecismo, gosto e me identifico. De vez em quando eu vou lá. Eu gosto dos passes, porque eu acho que é aquela coisa de energia. Eu acho que tudo é gostoso de energia, de trocar energia, de por as mãos. Então eu me identifico com o Cardecismo, mas eu gosto das coisas ligadas ao Induismo, ao Budismo. Não é tudo também que eu concordo no Cardecismo, não é tudo que eu concordo no Budismo, assim, acho que também como qualquer outro católico não concorda com tudo, cada um tem suas particularidades, não é tudo que eu concordo. Que nem, eu não concordo com essa coisa de que existem realmente um céu, um inferno, que o Cardecismo também acredita, eu num acredito nisso. Eu acho que foi tirado um pouco de outras religiões. Eu não concordo, eu concordo assim, que o nosso inferno e o céu nós fazemos aqui nesse momento com nossas vivências, e que isso pode ser que seja uma passagem mais longa mas só o tempo responderá. Então é muito difícil pra mim imaginar um espírito lá trás e uma vida lá na frente, difícil! Não consigo, assim, me imaginar. Eu acho que o que eu gosto mais do Cardecismo é das mensagens, amar o teu próximo, mas amar de verdade, essas coisas assim, e aqueles livrinhos de auto-ajuda que eles têm, mesmo o evangelho do Alan Kardec tem muitas coisas legais pra você ler todos os dias, acho muito bacana, super ideológico mas gostoso de ler. Mas agora, o que eu tenho mais dificuldade é com o Candomblé. Eu gosto dos batuques, do atabaque, da cor, acho tudo fantástico, mas detesto aquela coisa de santo, descendo, subindo, essa coisa de elevador, sabe? Esse elevador espiritual já não gosto. Acho que não existe essa coisa de demônios, dos anjos e como descer, parece até o Olimpo, sabe essa coisa assim? Mas a cultura, a música eu adoro! Sabe aquela coisa bem sonora que tem? As roupas, aquela coisa assim. O culto africano em si é bonito, mas essa transição de santo, assim como eu num gosto de imagem. Não acredito em imagem, não é que eu não acredito, eu não me identifico com imagem, com as imagens. O que eu não gosto é assim, eu não critico você por gostar de imagem, eu acho que cada pessoa tem que acreditar. Se a pessoa achar que o Deus dela é essa bolsa, ótimo! Lindo! O Deus dela é a bolsa, e aí? Sabe!

Terceira entrevista. Local: café no bairro da Liberdade.

Eu penso que a cultura é mais importante. Ao ter acesso a cultura você tem possibilidade de formular idéias e ao formular idéias você tem a possibilidade de sair da situação que você se encontra. Você consegue refletir melhor sobre essas coisas. Porque as idéias são fantásticas! Você também consegue ver um outro mundo, que existe muita coisa mais além. Ontem eu estava assistindo um programa que falava sobre o quintal. Algumas pessoas diziam: qual é o seu quintal? Algumas pessoas acreditam que o quintal é aquilo, é uma coisa pequena. Aí entrevistaram um senhor no nordeste e ele achava que o quintal dele era aquela vidinha, e tudo mais. E já uma escritora famosa falava que o quintal dela era o mundo, todas as coisas. Já pra um astronauta seria o universo, e tal. Qual é o seu quintal? O que você se permite a fazer. Hoje eu posso dizer que o meu quintal, eu não posso dizer que o meu quintal é o mundo ou o universo, mas eu posso dizer que o meu quintal é amplo, porque eu sei que tem outras possibilidades. É engraçado, que é assim: algumas pessoas pensam em dar comida, em dar casa, e tentar ajudar a pessoa desta forma e elas acabam pecando nisso, não por má vontade, mas acabam pecando porque elas não dão oportunidade das pessoas pensarem no que elas realmente querem. Quando você dá um desenho para uma pessoa fazer, quando você passa um filme para ela, quando você fala pra ela: “Vamos fazer algo para a

gente comer?” Você dá a possibilidade pra ela construir algo e ela ver que ela é importante pra fazer aquilo. Então, por isso que eu acredito que esse trabalho é mais importante. Ainda de levantar a auto-estima, ainda de criar algo novo, sabe, uma possibilidade nova. Expande as idéias.

Cada um que leva suas receitas fala de sua história, interessante a troca de cada um passar para o outro, da gente ir lá comprar. É engraçado que isso faz, primeiro: a pessoa está numa situação e de repente ela tem a oportunidade de ir até lá no mercado. O que é aquela questão da reinserção na sociedade. Poder escolher as coisas lá, poder comprar, poder, de repente construir isso, fazer. Aí depois tem a questão, voltar, escolher, e daí surgem idéias. E de serem ouvidas também.

Eu ouvi uma coisa do Agnaldo* que eu ri tanto. Ele falou assim pra mim: é engraçado né, algumas pessoas assim ficam passando de madrugada. Ah, eu até ouvi uma coisa engraçada, dizendo que as pessoas que moram na rua nos Estados Unidos estavam reclamando que acordavam eles muitas vezes pra dar comida e eles já estavam de saco cheio e não conseguiam dormir. Aí ele falou assim: é engraçado. Algumas pessoas passam e nem olham pra gente, aí vem a Debora lá num sei de onde e ela pega, e pega a gente do jeito que a gente tiver mesmo e vamos lá pro cinema, e a gente vai em cada lugar que tem pessoas assim, né, chiques. Aí eu falei assim pra ele: porque, você acha que você não pode? Ele falou: não, não é porque eu acho que eu não posso não, é porque teria muito poucas pessoas que teriam coragem de fazer isso, entende! E eu pensei que quando chegasse lá eles iam ficar meio 'distorcido' da gente, sabe assim, meio com vergonha, e não! Vai lá, e senta do lado. E ele me contando isso de uma forma, como mostrando assim: cara, eu tenho um valor, né, a pessoa num tem medo, nem vergonha, nem nojo, de ficar perto de mim. E isso foi bem marcante quando ele falou pra mim. Apesar de que o Agnaldo está num processo muito triste. Eu gosto muito dele, mas ele está num processo que ele num vai durar muito. Alcoolismo muito alto, e que não tem uma volta porque ele já foi institucionalizado nestas instituições e ele não quer. Ele desistiu. Eu já conversei com ele, falei que o que ele quiser eu vou ajudar, mas ele não quer. Ele fala que quer ficar assim e gosta de ficar assim. Então é triste. Mas isso que falou pra mim é importante.

Eu já passei por isso, de sentir que não podia estar em um lugar. Principalmente na adolescência. Eu tinha meio que uns conflitos: negrinho, sarara, né, sabe aqueles conflitos. Aí depois, o que fez com que eu levantasse a auto estima, acho que foi primeiro o teatro, porque acho que o teatro faz você se soltar um pouco mais, e a questão de começar a perceber como que as coisa funcionavam no mundo. Porque quando você é criança, você tem uma visão de mundo. Eu me lembro que a minha visão era bem limitada. Minha visão era de televisão, rua, essa coisa meio assim. E aí depois de adolescente você começa a ter uma visão mais ampla sobre como as pessoas se comportam, como vivem, o que que influencia a vida delas. Aí eu percebi que não! Inclusive, as vezes, eu fazia meio de propósito, fazia pra agredir as pessoas. Eu não ia tão bem arrumado, eu ia em lugares, olha os lugares que eu gosto de ir: Espaço Unibanco, HSBC, ou teatros que eu gosto de ir. Gosto, sabe, de ir, imagina, de ir no Municipal e assistir uma ópera lá. Imagina assim, um menino negro, novo, não tá assim, vamos dizer, de terno e gravata e vai no Municipal assistir sozinho uma ópera, entende? Pra sociedade que a gente vive, é meio agressivo, ou meio estranho, no mínimo. Mas pra mim não. Eu comecei a perceber que precisava fazer essas coisas e eu queria fazer isso, não pra mostrar. No começo eu fazia pra mostrar, falava assim: olha, estou fazendo porque eu posso vir aqui também, mas depois eu comecei a fazer porque eu comecei a pegar gosto de fazer e querer algo que fosse assim. Aí sempre colocam na cabeça da gente: isso não faz parte da sua realidade. Mas faz parte da minha realidade sim, sabe por quê? Sabe por que faz parte da minha realidade? Porque eu sou humano, eu tenho direito como todo mundo. Faz parte da minha realidade nem que eu tenha dinheiro pra ir uma vez por mês, mas faz parte da minha realidade. Eu percebo que muitas vezes, existem espaços gratuitos que as pessoas, principalmente as pessoas em situação de rua, não frequentam. Mas sabe por quê? Porque nos espaços gratuitos geralmente, é assim, tem uma coisa que eu estava até conversando com um menino lá. Tem uma menina que trabalha na Secretaria que ela me tratava super mal, aí depois que eu comecei a trabalhar lá ela começou a me tratar de outra forma, né? Aí um dia eu parei e conversei com ela. Aí eu falei pra ela: sabe o que acontece, eu vou te explicar uma coisa. Eu não tenho nada contra você pessoalmente, mas eu vou te dizer. A sua forma de trabalho é muito grosseira, muito estúpida. E vou te falar outra coisa. Você também faz parte do povão, você não está tão longe de cair numa situação difícil. Então você tem que perceber como você fala com as pessoas. Você me tratava de uma forma e hoje você me trata de outra. Hoje você me vê aqui, e tudo o mais. Mas eu percebo como você fala com as pessoas que chegam pro atendimento. Quem perde com isso não são as outras pessoas, quem perde com isso é você. E sabe o que que é isso? Isso é preconceito. E as vezes, esse é um preconceito que a gente insiste em ter: em ver uma pessoa mais velha com uma pessoa mais nova, e ver duas pessoas de sexo diferente, e ver alguns estereótipos chegam a ser conclusivos. Na minha vida acontece também. Você pensa também que eu num sou meio diferente? Mas eu tenho que quebrar essas

* Frequentador do projeto de moradia provisória “A Casa Acolhe a Rua”

coisas, consigo perceber assim, hoje estando numa situação um pouquinho melhor, consigo perceber que algumas pessoas se sentem incomodadas comigo por causa da minha forma de ser. Mas eu acabo percebendo também que eu não dou muita atenção para as pessoas que precisam, por exemplo, o Eduardo*. Eu converso muito com o Eduardo porque eu me identifico muito com ele. Porque ele é uma pessoa que precisa nesse momento de uma ajuda maior no sentido de conversa, a gente, que nem eu percebo que a gente não pode dar tudo pras pessoas, só dar e não esperar que elas tomem uma atitude quanto às coisas, né?

Eu fico refletindo sobre minha situação: dificuldades você vai ter. Tente resolver essas dificuldades de forma clara, falando, mas também de correr atrás, senão não vai acontecer. E algumas vezes eu tento chegar a algum consenso do que eu estou tentando fazer, pra onde que eu vou, como? E eu parei pra pensar várias coisas, e vi que está dando certo. Tem dificuldades, o que aconteceu este mês, tal, mas que já vão poder surgir de outra forma, logo mais. Percebo também que eu não posso ficar tão triste quando não tiver as coisas. Muitas vezes a gente tem tendência a ser feliz quando tem dinheiro, quando está numa coisa legal, ou quando tudo está dando certo. Mas eu tenho que trabalhar em mim também em estar feliz quando as coisas não estão dando certo, porque eu sei que é um momento que eu posso trabalhar. Não é fácil estar feliz se você está cheio de dívida, cheio de problemas, e não deixar se abater. Você acredita que eu tenho uma tendência a ser suicida, você sabe? Eu percebi isso. Se as coisas começam a dar muito errado, aí eu começo a ficar muito depressivo, eu não quero levantar, não quero sair da cama. Mas ultimamente eu tenho sacudido a poeira e vamo que vamo! Sai da cama rapaz, ou liga pra alguém! Sabe?

Psicoterapia seria fantástico, sabe por quê? Porque assim, eu tenho uma questão. Por exemplo. Eu me lembrei de uma coisa assim. Sabe qual é a sensação que eu tenho quando vejo aqueles filmes africanos, assim? Eu me ponho na história! Primeiro que eu viajo na história. Aquele menininho lá era eu, eu estava lá! Mas me faz refletir sobre as minhas raízes, as minhas dificuldades. Ao mesmo tempo que tem pessoas no mundo vivendo cada história, cada momento, assim. Que nem aquele documentário que eu te falei dos meninos palestinos, sabe. E aí, então, e lá aquele grupo na Casa das Áfricas ele é tão aconchegante que não só por causa da questão das histórias, mas porque se percebe que a gente fala muitos assuntos e ouve muitas coisas referente a você mesmo. Porque, a todo momento, eu ouço as histórias mas eu fico pensando o que isso cabe dentro da minha vida. Toda hora analisando várias coisas do que está sendo dito, pra trazer pra mim, pro meu contexto. E é muito real, sabe. E eu respeito aquele grupo porque eu gosto daquela coisa que eles têm de valorizar uma coisa que é de todos nós. Porque, eu digo assim, não é só por causa da questão do negro. Porque eu respeito a cultura do negro, mas assim, por mais que respeitar a cultura do negro, que é a minha cultura, tenho que respeitar também e lembrar que tem uma cultura aí do português, dessas misturas, espanhóis, e tal. E todos esses povos têm a sua história. É claro que a do negro foi a mais esquecida, mas, tem todas as suas histórias. Então, eu procuro não ver, sabe, a questão do negro como agora, não! Não dessa forma. E me faz refletir todos os dias. Eu saio de lá a mil! Minha cabeça vem, sabe, com vontade de escrever, com vontade de continuar estudando. Você acredita que me fez pensar em até continuar, fazer uma faculdade nesse sentido, sabe, meio que, história, antropologia, porque não, né?

Essa semana tem Fórum de Debates, eu vou sim, lá é muito bacana, eu gosto. Ainda mais que tem muitas pessoas conhecidas, e outra coisa, eu estou pensando seriamente em fazer algo de sábado, ou algum curso, alguma coisa que me faça refletir, sabe. Aula, nesse sentido de coisas que eu gosto. Agora mesmo, eu estou pensando seriamente, eu pus na minha cabeça que eu quero escrever alguma coisa. Eu tenho mais ou menos uma idéia do que eu quero escrever, assim, eu ficava preocupado em escrever, olha que besteira, por causa dos meus erros de português! Depois eu percebi que tem gente que publica livro e que escreve cada coisa assim! Eu tenho uma facilidade tremenda de escrever, de expor idéias. Eu quero escrever um conto, um conto meio ficção. Eu gosto de coisa meio ficciosa. Porque a ficção, você pode falar de todos os assuntos, mas as pessoas vão pensar, é ficção, ele está inventando, mas na verdade você pode falar dentro do contexto das coisas que você gostaria de dizer e geralmente você não pode. Então você usa a ficção, alguns autores faziam isso, pra poder cobrir um pouco, o próprio Hemingway fazia isso. Ou cria pseudônimos. Então eu pensei em escrever, mas eu quero escrever coisas bem fortes, assim, e bem leves também. Eu queria escrever algo que fosse assim: que começasse com um soco no estômago logo de cara, e depois já viesse pra uma coisa assim, vamos concentrar e vamos entender: porque o soco no estômago? E depois já viesse uma coisa assim, tranquilidade, paz, entendeu? E algo, não precisa ser exatamente uma história de vida, assim. Soco no estômago, mas algo que você está entendendo que é o processo e você chega num contexto assim, bem mais tranquilo. Meio que um conto de fadas as avessas. Eu tenho muitas idéias assim de coisas que eu quero fazer!

* Freqüentador do projeto moradia “A Casa Acolhe a Rua”.

Quarta entrevista. Local: Casa das Áfricas.

Hoje eu avalio assim, a primeira vez que eu fui pra rua foi porque eu estava um pouco perdido com o que eu ia fazer da vida, então eu fui porque: primeiro porque eu não estava preparado, né? Acho que faltou um pouco de estudo. Primeira vez que eu fiquei mesmo na rua estava com uns dezoito anos e antes, um pouquinho, quando eu saí do orfanato. Saí e aí eu tive que me virar, rapidamente! Arrumar emprego, ser responsável. Com dezoito anos tinha que sair, se virar. E aí ficou toda essa coisa assim, até que eu me virei bem, mas a questão é a seguinte: mas o principal, porque eu fui mesmo pra rua foi por falta de preparação, não estava preparado, acho que por isso. Não tinha vínculos familiares, acho que tinha um pouco de vergonha de dizer. Você sabe que geralmente quando você tá assim é um pouco de orgulho, porque a gente sempre tem, sempre tem. E a gente pensa que a gente não pode ir até as pessoas, mas a gente pode.

Então, o primeiro lugar que eu fui, que eu me lembro, foi no Arsenal. Na rua, rua mesmo eu fiquei um pouco, mas não fiquei muito assim, porque eu não sou muito de ficar jogado, assim, acomodado. Eu fiquei depois por conta da situação de drogadição. Aí sim. Porque não tinha outro lugar, mas eu nunca fui de ficar em sã consciência, jogado, largado, até porque eu tenho um pouco de clareza das coisas então eu acho um pouco difícil ficar mesmo abandonado, largado. Mas aconteceu sim, não passei fome de morrer de fome, né, naquele momento ali.

Depois que eu saí do orfanato, fiz algumas coisas, aluguel quartos, aí saia, aí fui pra casa da minha mãe, aí não deu certo, arrumei trabalho, fiz várias coisas, até acontecer de depois eu estar trabalhando, ficar desempregado e começar num processo de não ter, não ter. Como não tinha vínculo com a minha mãe eu fui indo pra rua. A minha sorte é que eu fiquei no Boracéia, numa época em que o Boracéia era mais legal. Era muito mais, no governo da Marta, então era tudo certinho, era tudo isso. E lá eu tive chance de conhecer pessoas que trabalhavam bem nessa área social e me chamaram pra trabalhar. A Rosalinda, no projeto dela que era o Refazendo Vínculos, sabe qual que era? Eles iam entrar com o trabalho lá, e eu estando lá e eles gostaram de mim e me convidaram pra ficar. Aí a Érika Motta, que é assistente social no Glicério, quem mais? O Luiz Kill. O Fernando, artista plástico, que desenvolvia trabalhos lá no Boracéia. Inclusive a gente conversou bastante disso. E aí me convidaram, né? Aí o que eu fiz. Eu peguei o dinheiro de uma bolsa que eu tava fazendo curso lá, mas o trabalho que eu peguei por fora e saí. Em três meses eu saí. Depois acabou o dinheiro da bolsa, acabou o emprego, e eu entrei em todo aquele processo, aí quando eu vi que não dava mais, fui pro Chile. Mas essa vez não foi a primeira vez do processo de drogadição, foi a segunda. Eu falei: não! Eu preciso realmente, eu preciso mudar minha vida! Eu falei com um amigo, e me mandei pro Chile! Peguei o último dinheiro que eu tinha e me mandei. Cheguei lá no Chile, foi aquela história que eu já contei.

Por que na verdade eu sou muito inquieto. Todo esse processo de sair, mudando de casa, e tal. Já fui bastante pra outros estados, interior. Já viajei muito, dos 18 aos 20, fui pro sul. Já fiz tanta coisa, conheci tanta gente! Mas o que sempre me movia era ir atrás de uma melhoria de vida, constituir algo, de um lugar que eu gostasse. Acho que isso que me movia. Eu fazia assim. Arrumava um trampo, fazia algo assim, arrumava um dinheiro, pagava a condução e ia pra um lugar arrumar alguma coisa lá e ia pra outro. Eu ia pagando as minhas coisas, mas ia assim, sem ficar andando muito, porque eu sou muito sedentário! Eu ia com a cara e com a coragem, não conhecia ninguém, não sabia de nada. Ia mesmo! E quando percebia, eu já tava lá! Por exemplo, quando eu fui pra Minas, eu descobri que tinha lugares de lavoura, sabe, geralmente os trabalhos eram assim. E eu ia, porque não? Foi assim!

ANEXO G: ENTREVISTAS COM FRANCISCO

Entrevistas no Centro Cultural São Paulo

Porque moradores em situações de rua e na rua mesmo têm de vários tipos, como eu vinha te contando, te falando: aquele que já se entregou e não quer saber de mais nada, aquele que realmente vai pro albergue e se entrega, chega lá ele se acomoda. Se cuida, toma banho, anda bonitinho, cheirosinho, tal, tudo bem, mas ele já se entregou. Como as pessoas dizem: eu tô comendo, bebendo, dormindo, então pra que trabalho? Então ele perde completamente a noção de sociedade, vamos supor, de cidadão mesmo, então ele perde esse vínculo com o trabalho, que isso é super importante, a gente nunca pode se esquecer disso, a gente tem de ter sempre esse vínculo com o trabalho. O trabalho que dignifica qualquer pessoa. Eu nunca ouvi alguém dizer que sem trabalho, a não ser uma loteria, mas aí vai ter mais trabalho ainda de fazer o dinheiro dele crescer... aí vai dar mais trabalho ainda.

A grande realidade é essa, você entendeu? E então, as pessoas se esquecem. Existe aquele, esse é o terceiro, esse terceiro é a pessoa que entra, vai pro albergue e não se com o albergue. Ele tá sempre querendo mudar, lutar, ele corre atrás todo dia, faz um bico ali, procura trabalho todo dia, cata uma lata. Porque pra ele essa situação nunca tá boa. Esse realmente quer mudar a situação dele. Ele caiu naquela, mas está por acaso. Ele está sempre querendo, tem o vínculo com o trabalho vivo dentro dele. E todo dia — não, eu preciso trabalhar —, ele fala pra si mesmo, eu quero mudar, e eu só mudo de situação trabalhando. Eu sempre falo pra todas as pessoas que às vezes eu falo, eu posso falar, o grande problema da população de rua é o trabalho, o que está matando a população de rua hoje é a falta de trabalho. Dá trabalho pra essas pessoas. Olha, ninguém sai do Nordeste, do Rio, do interior de São Paulo, agora tem muita gente do interior de São Paulo vindo pra cá, pra ficar ali na Praça da Sé bebendo cachaça sem fazer nada. Pode perguntar, se tivesse encontrado trabalho não teria se encaminhado pra Sé, entendeu, não estava bebendo cachaça, não estava ali largado, não estava dentro de albergue sujeito a todo esse tipo de coisa. Então olha, a pessoa não pode perder o vínculo com o trabalho, isso é a sobrevivência. Manter esse vínculo. E o quarto que eu acho, é esse que trabalha e tá no albergue, mas só que o seguinte, ele não quer sair do albergue. Ele vai guardando dinheiro dele, tudo bem. Só que tem um grande risco; de guardando dinheiro, ele vai se acostumando com aquilo ali, vai ficando por ali. E até porque o seguinte: responsabilidade é uma coisa que a pessoa tem que ter. A gente sabe que tem que pagar o aluguel, pagar uma luz, isso tem uma importância muito grande pro ser humano. Porque ele sabe que o dinheiro dele no fim do mês tem de fazer isso, fazer aquilo. Quer dizer, do meu ponto de vista, isso é o sadio. Então, se a pessoa tem aquele negócio que vem tudo de mão beijada, não está certo, ele tem com as próprias pernas dele construir o sustento dele, pagar os impostos dele, ele verdadeiramente se tornar um cidadão, verdadeiramente. E aquele último que eu coloco que ele tá ali, mas já está saindo, tá de porta de saída já. Ele entrou ali, ficou uns meses, arrumou trabalho e já está pronto pra encarar a vida de novo.

Tem também uns que chegam e não se acostumam com albergue, que preferem viver, morrer na rua do que ficar dentro do albergue. Não se acostuma com essa coisa de horário, de fila, de horário pra comer, horário pra lavar roupa, horário pra apagar a luz, entendeu? Então, tem muita gente que não se acostuma com aquilo. Então, o seguinte: a pessoa prefere muitas vezes morar na rua, viver aquela infelicidade todinha, que é na rua, na calçada, em cima do papelão, sujeito morrer assassinado, que isso é coisa que sempre acontece, do que estar dentro de quatro paredes, mas seguindo horário.

É porque o seguinte, a pessoa, o ser humano, é a adaptação. Porque você veja o seguinte, o albergue que eu estou hoje, é uma coisa lastimável: baratas, baratas que passam, aquelas baratinhas francesas pequenininhas passa tudo por cima de você durante a noite, o colchão tá cheio. É o Pedroso, é uma porcaria, mas por enquanto eu vou suportar. É conveniado, tudo, é uma porcaria. Tem umas coisas boas, um albergue pra ter canal pago, tem TV paga lá e tem barata atrás do colchão, vai entender uma coisa dessas! E tem armarinhos bonitinhos para você colocar no bagageiro, mas eu não sei por que eles pecam numa coisa tão fácil, deixar tudo limpinho, bonitinho, eu preferia ter isso do que ter canal pago, eu mesmo não gosto de TV, acho que poucas pessoas. Eu paro pra ver quando passa uma coisa importante no Jornal Nacional — que nem isso eles tão colocando lá no Jornal Nacional, é só TV paga, filme direto. Então quer dizer, a pessoa prefere, eu prefiro ter um certo conforto, porque dormir nesse calor, debaixo do viaduto é super complicado. Olha, durante a noite umas três, quatro vezes eu preciso levantar pra tomar banho porque eu acordo suado. Um ventilador de um lado, outro de outro, pra mais de cem pessoas dentro do lugar. Uma entradinha de ar lá e lá, e as portas. É complicada as coisas, você pensa que só sou eu, não. Muitas pessoas estão lá igual a mim, eu não sou melhor do que eles. Muitos estão trabalhando e estamos lá, estamos buscando melhorar daqui a pouco, é o que eu falei lá. Então, quer dizer, a gente tem de a gente fazer alguma coisa. Eu não sei, essa classe morador em situação de rua, é tão difícil, você sabe bem disso,

eu participo até hoje, às vezes eu fico conversando com o Sebastião* a gente fica vendo se coloca esse movimento em nível nacional agora, a gente vai fazer umas reuniões pra saber como vai agilizar isso. Uma coisa que eu nunca perco a esperança, eu tenho uma coisa de acreditar no ser humano, não sei, eu sou danado pra acreditar no ser humano, eu tomo cada uma, mas continuo acreditando. Eu prefiro acreditar no ser humano, por pior que ele seja, matou o pai, igual essa garota matou mãe e pai, eu continuo acreditando no ser humano, entendeu? A gente vê cada barbaridade e continua acreditando, igual essas pessoas, esse Bush da vida que vem e eu continuo acreditando porque eu acho que o ser humano é isso mesmo, se a gente começar a desacreditar muito, acho que até da gente. E pra própria sociedade que a gente vive, igual essa situação das malas, a nossa situação é complicadinha, então nós temos que manter sempre essa coisa aí de que a luta vale a pena, vale a pena a gente sentar pra se reunir, pra conversar. Eu to vivendo no meio disso e to tirando proveito disso aí, e tirar disso aprendizado, vamos supor eu sair dessa condição e passar pra fora de alguma maneira, dessa condição e saber o que eu vivi lá dentro, as pessoas podem entender que a coisa é terrível, mas é melhor você estar dentro de um albergue do que na rua. Por pior que seja, por pior que seja, com barata, sem barata, por pior que seja. Na rua você corre um grande risco de ser morto, de ser assassinado, de nego tocar fogo em você, todo esse tipo de malvadeza.

Na rua eu fiquei três meses, o ano passado, eu cheguei em janeiro, e saí da rua em março. Janeiro, fevereiro e março, lá no Largo São Francisco. Eu passo ali à noite tem gente dormindo a pampa, do lado da Igreja, lado de cá, fiquei três meses morando lá. Eu vou te contar o que eu fazia, eu saía de lá cedo, levantava cedo, seis horas, ia lá pro São Francisco, pegava fila pra tomar meu banho, já guardava meu sabonetezinho lá no bolso, chegava lá tomava meu banho. Aí eu começava a me sentir gente por aí, não tinha jeito. Aí daí pronto, ia fazer meus corre, sei lá, dava um jeito lá, arrumava um dinheiro, ia me virar de qualquer jeito. E aquela época era a época que o Serra tava entrando, até que nós fizemos aquela greve de fome. Eu só saí da rua por causa da greve, porque as vagas estavam super difícil, a gente não conseguia nem pernoite, os pernoites que davam pra gente eram tudo cheio de muquirana, pra eu ir pra uma cama cheia de muquirana, pra eu dormir em uma cama cheia de muquirana preferia dormir em outro lugar, dormia em pé. Ô bicho que tá louco! Aquilo ali é, tá louco! Eu já peguei um negócio daquele é complicado. Deus me livre.

Essa greve foi um marco muito importante. As pessoas acham que não. Foi em março, final de março de 2005, até que vocês estavam iniciando o Fórum de Debates, a programação do semestre. Até que tinha aquelas duas meninas, a loirinha que foi embora, a Fernanda, a Rose.[participantes do Fórum] Exatamente, então foi um grande marco, sem brincadeira, isso aí foi que, querendo ou não, o Alckmin liberou pra assistência social nove milhões de reais. Porque ele viu que a coisa tava feia. E o Serra, sabe como é, ele não tem isso não, tira do pobre e da pro rico, o negócio dele é esse. Quanto mais abastado quanto ele melhor, o resto que se dane. Então, a tendência dele era essa mesmo e nós colocamos nossa manga de fora e no meio do tiroteio, nessa época tava tendo também a greve dos perueiros, a gente lá no meio, foram três dias de sufoco! Foram três dias de greve: sexta, sábado e domingo. Foi complicado o negócio! Mas nós conseguimos alguma coisa. Conseguimos, primeira coisa, ser ouvido, e eles virem realmente que a gente tava afim de qualquer coisa: morador de rua fazer greve? Morador de rua não pode ver um prato de comida! Morador de rua tem uma fome danada, ele quase atropela o outro para comer! Esses cara tão maluco! Tão pensando o que da vida! Então, quer dizer, foi uma puta sacada boa do Sebastião, do padre Júlio. Padre Júlio também nos ajudou, deu um suporte, um apoio e as entidades também, as entidades também gostaram porque estavam sucateadas. Essa época eles não estavam recebendo repasse de verba da Prefeitura, então eles agradecem até hoje. O cara lá do albergue São Lázaro, quando eu fui pra lá, me deu a melhor cama que tinha, ele falou: eu devo muito a vocês! Realmente a gente é reconhecido em certas coisas. As entidades tem hora que caminham com a gente, tem hora que andam meio a toa com a gente, mas tem hora que caminham com a gente.

Foi nessa época que o Sebastião me levou pro Fórum. O Sebastião é muito meu parceiro, tem horas que a gente diverge em algumas coisas, tem hora que ele não deixa os outros falar, quer falar demais, eu fico macho com ele pra caramba: deixa os outros falar! Quer falar só ele sozinho! Os outros também têm direito de falar, mas ele é meu parceiro, meu companheiro mesmo. Eu conheço o Sebastião na época do teatro, eu tava lá no São Francisco [albergue] fazendo um curso de cerâmica, esse curso que eu faço hoje e na época eu já sabia alguma coisa e eu estava aprimorando meu curso, eu fiquei um ano fazendo curso lá. Aí, nessa época, eu tava fazendo cerâmica e me chamaram pra fazer teatro: o Filho Pródigo, e eu fui numa apresentação e o Sebastião trouxe uma peça, não lembro o nome. Aí a gente fez uma apresentação, eles fizeram a apresentação deles primeiro, depois eu fiz a minha apresentação. Aí o que aconteceu, nós ficamos nos conhecendo ali, trocamos uma idéia, aí ele foi pro São Francisco, quando ele entrou no São Francisco, nós estávamos saindo, indo pro Espaço Luz [albergue], falei: vocês não vão ficar aqui, também não vou! Aí ele foi pro Espaço Luz conosco. Aí foi na época que eu terminei meus

* Liderança do movimento nacional de luta e defesa dos direitos das pessoas em situação de rua.

trabalhos, tava terminando meu curso, peguei meus trabalhos e fui pro Rio de Janeiro, fiquei um tempo, quando eu voltei, aí tava na rua. Quando eu voltei não tava achando vaga em albergue nenhum, nem pernoite eu tava achando. Porque as entidades estavam sem dinheiro, tava todo mundo quebrado, o Serra entrou pra arrebentar todo mundo. Aí encontrei com Sebastião e ele falou: Francisco, só tem um jeito. Ou a gente faz greve ou a gente vai ficar na merda! Aí eu falei: vamos fazer greve. O negócio é esse. A gente fica aí, se tiver que desmaiar, ir pro hospital, eles não vão deixar a gente morrer. E aí nós tivemos apoio das entidades, o pessoal apoiou a gente, o padre Júlio, a Marta [participante do Fórum], um monte de gente aí, um monte de pessoas aí. Então, ficou do nosso lado dando apoio, o Ricardo também, levou água. Tava todo mundo de orelha em pé, porque o seguinte, eu e o Sebastião estivemos conversando depois sobre essa greve e nós chegamos ao final de tudo isso dizendo que a gente terminou essa greve muito cedo. Se nós segurássemos mais dois dias! Porque aí veio o Suplicy, veio aquele pessoal todinho e teve aquele negócio, você tava lá também, todo na Catedral da Sé, o ato [Ato pela vida], até aquele negócio todo, até sobre aquele cara que tava lá no Iraque e que foi seqüestrado, então tinha um monte de político, se a gente “guenta” mais dois dias, a gente tinha conseguido muita coisa. Aí vinha o governador, vinha todo mundo. O que acontece é que nós acabamos muito cedo, através do padre Júlio, ele ficou meio com medo, achou que ia acontecer algo. Ele também era responsável, quer dizer, ele também tava organizando o negócio. Querendo ou não, ele estava por trás. Todo mundo ficou, a Marta ficou maluca: vocês vão morrer aqui! Vocês vão se matar! A Joana, a Joana Barros***, minha amiga particular, gosto muito dela, ela chegou: não, o que é isso”, foi lá, deu apoio pra gente. O pessoal nos apoiou mesmo, foi onde eu comecei a freqüentar o Fórum de Debates e o Fórum da População de Rua, que estava numa época forte mesmo, conseguindo muita coisa. Mas teve um racha lá por causa do Anderson, muito cansado, já tava muito estressado mesmo, andou brigando com umas pessoas lá, nós achamos que não era por aí o caminho e dividimos. E ficou aquela confusão: ficou o Paulo de um lado o Anderson de outro, acabou não dando em nada, e o Fórum hoje, o Fórum da Casa de Oração está suspenso até segunda ordem. Nós estamos agora tentando organizar, não o Fórum, mas o movimento nacional da população de rua. Até eu tô com uma idéia, vou falar aqui pra você, você é a primeira pessoa que eu estou te falando isso, você é uma pessoa que tá sendo privilegiada. Eu vou lançar pra ele o seguinte, pra gente se reunir uma vez por mês lá na Casa de Oração pra lançar o movimento da população de rua aqui em São Paulo, uma vez por mês só: eu, Anderson, Sebastião, Paulo, vou ver se agrego todo mundo, a Merabe, que é uma pessoa conscientizada, que sabe o que tá dizendo, uma pessoa super importante pro movimento, eu vou ver se consigo reunir essas pessoas de novo, porque é super importante a gente tá aí, porque essa luta é uma luta interminável. Tamos aí na luta! Tá todo mundo esperando isso, entendeu?

Eu penso assim, hoje pra derrubar a gente, hoje é mais difícil. Porque a gente hoje já tá vacinado pra um monte de coisas. Então a gente juntando pelo menos esses cinco: o Sebastião, o Paulo, a Merabe, o Anderson. Por enquanto a gente vai ficar esses cinco mesmo e a pessoa pra penetrar a dificuldade vai ser muito grande, a gente não vai ficar nessa bobeira mais não, juntar as pessoas só por juntar, vamos saber realmente o que a pessoa quer! Então é isso que você quer? Você tá lutando por isso mesmo? Então você vem lugar aqui, se você não tiver, aqui não é teu lugar não! Você tem que ficar lá no teu albergue direitinho e continuar lá. A gente quer uma pessoa realmente interessada na luta, em condições de melhorar alguma coisa. Porque tem que ter alguém pra lutar, precisa ter! Olha, quando nós estávamos juntos as pessoas tremiam na base. As pessoas sabiam que tinha um Fórum pra lutar por eles, eu me lembro que o pessoal do São Francisco chamou a gente umas três vezes pra ir lá. Tinha denúncia demais: não, eu quero que vocês venham aqui, que passem um tempo, venham.

Teve o trabalho também que nós fizemos pra eleição dos conselheiros*, nós mobilizamos umas 200 pessoas, conseguimos almoço pro pessoal, conseguimos tudo direitinho, todo mundo desempenhou seu papel direitinho. Todo mundo desempenhou o seu papel, todo mundo sabia de suas responsabilidades no momento, o pessoal da coordenação, sabia o que estava querendo, entendeu? Foi uma coisa, claro, hoje se tiver uma outra eleição a gente não vai partir para os mesmos erros, teve pessoas ali que entraram pela culatra, eu não quero nem falar nesse assunto, isso me magoa muito, pessoas que entraram ali sem estarem indicadas por seus equipamentos, sem tá indicada pelo albergue nem nada. Eu tava até conversando com o Sebastião, hoje se tiver outra eleição seria diferente, tinha que vir da organização com o papel assinado, papel timbrado e tudo! Porque tiveram eleições nas entidades e teve gente lá que veio sem ter nada a ver e foi eleito! Depois queriam colocar a Merabe, sabe. A Merabe foi a representante realmente da população feminina de rua, pô! Ela não precisa, ela já é, outro dia tava conversando com a Merabe lá na Sé, na manifestação, ela é terrível, entendeu, ninguém pega ela não, nas idéias não, ela tá conseguindo apartamento pra ela morar, e o governo vai ter que bancar pra ela. Isso que é uma verdadeira cidadã! Eu falei pra ela: pega um pessoal e dá uma plenária aí pro pessoal saber como é que luta sobre

* Eleição para o Conselho de Monitoramento da Política de Direitos das Pessoas em Situação de Rua. Este conselho foi instituído pelo decreto N 43.277, de 29 de maio de 2003.

isso, entendeu, eu gosto muito de conversar com a Merabe. Ela vem da luta de sindicato, de classes. Igual eu, venho da luta sindical, de classes, né? Então é dessas pessoas que a gente precisa. Pessoas que não olhem só pro seu próprio umbigo, pessoas que realmente pensam no semelhante pra melhorar esse negócio. Porque se a gente não se organizar, eu to vendo, as coisas estão pendendo de novo! Se é no nosso tempo essas baratas não tavam lá nesse albergue. Eu tenho certeza. Nós já estávamos lá dentro levantando aqueles colchões lá! Pode ter certeza disso, então quer dizer, hoje têm, eles falam em Fórum aí, o Vanderley mais companhia limitada não gosto nem de dizer quem é, umas antas paralíticas aí que tão aí entendeu, na truculência. Não se ganha nada na truculência! Eu nunca vi, o que se ganhou na truculência é golpe militar, essas coisas assim, truculência é opressão pra mim! Nego chegar e falar pra mim berrando, vai ficar berrando o resto da vida, vai ficar roco e não vai conseguir nada comigo. Eu detesto isso. Então, não é por aí o caminho, a gente tem que conseguir, tem de passar nossas idéias através da calma, porque é assim que a gente ganha. O Anderson teve uma época lá que estava estressado, coitado, então ele começou a partir, foi onde que deu o racha, por causa da truculência do Anderson. Ele já estava meio truculento. Estava querendo gritar com os outros, mas coitado, ele estava estressado. Esse é um trabalho estressante. É entidade em cima de você, usuário em cima de você, entidade, usuário, você fica no meio daquele tiroteio. Eu falo pra você e falo mesmo, ele era ali quem batia e quem apanhava, a gente dava suporte pra ele, na época ele era pouco conhecido. Sebastião também, mas ele ficava mais nesse negócio de televisão, o Sebastião é mais “superman” pra esses negócios aí. O Anderson não, Anderson é mais de luta mesmo, então ficou como um escudo, então realmente a coisa ficou feia. Depois fui analisar, depois de conversar com ele. Agora a gente tá se unindo, sabendo disso, a gente já tá com outra cabeça, entendeu, pra se reunir com outra cabeça. Agora a gente vai colocar uma coisa maior, o movimento é nacional, porque já tem o movimento que foi lançado em Belo Horizonte, até o Anderson e Sebastião estiveram lá e já estão articulando aqui em São Paulo. Agora a gente tem que ver, eu to pra fazer essa proposta, precisa até conversar com a Ruth*, Ruth é muito minha amiga, tem algumas pessoas que eu não gosto, vou ser sincero, mas eu tenho uma coisa com a Ruth, ela é polêmica, quando tem que brigar ela briga, ela bota pra fora, eu prefiro me dar com uma pessoa que me diga coisas do que eu virar as costas ela dizer outra coisa. Prefiro uma pessoa que me arrebeta na frente, eu engulo aquilo ali, mas essa aí que é boa, essa aí fala a verdade, então a Ruth é isso aí. Eu ainda não tive oportunidade de conversar com ela, então eu, o Sebastião, e o Anderson, temos que conversar com ela, nós vamos articular pelo menos uma vez por mês isso aí, depois a gente vê de quinze em quinze dias, conforme for, a gente vai fazendo outras reuniões mais próximas. Mas a coisa certa é isso aí. A gente tem que se articular de novo, voltar, conversar sobre isso porque a rédea tá muito frouxa, to vendo certas coisas acontecendo aí que não pode acontecer nessa velocidade que tá acontecendo. O Serra tá muito solto, muito frouxo, a gente tem que apertar o calo dele!

Essa política em São Paulo ela tá de um jeito que é o seguinte: o PSDB tá se engalfinhando, Serra e Alckimin estão se pegando por dentro, se pegar os dois eles se matam de pancada, mas pra mídia eles não podem. Eu tava lendo agora, tava até vendo isso hoje na Internet, sobre a candidatura do PSDB, que o Lula já é praticamente candidato, todo mundo já sabe, isso não adianta, então, é o seguinte, eles vão adiantar esse negócio aí, mas eles não vão fazer convenção partidária não, parece que já vão ter um determinado candidato aí pra lançar. Olha, seguinte, entre o Serra e o Alckimin os dois pra mim é tudo a mesma panela, nenhum deles gosta de pobre, o Serra é mais truculento ainda, eu tenho mais medo do Serra do que do Alckimin. O Alckimin é ainda mais maleável, eu acho que a gente pode conseguir mais coisa com ele. O Serra, eu tenho muito medo dele, ele me lembra muito a ditadura, eu acho que entre ele e o Alckimin eu ainda prefiro o Alckimin, uma disputa aberta com o Lula aí. E o Fernando Henrique, você viu na revista Isto É, que a ética do PT é roubar, acho que não é por aí o caminho também, ele não podia falar esse tipo de coisa, né? Pô, quer um cara que roubou mais do que ele também! Vendeu aí a Vale do Rio Doce, deu de graça pra pagar a dívida, cadê o dinheiro? Paguei a dívida! Ele deu uma firma, uma companhia, entendeu? Logo a Vale do Rio Doce! Carajas é só cavar o chão que tem ouro! Vendeu a moeda podre, quer dizer, o dólar lá em cima e vendeu uma merda! Vendeu e cadê o dinheiro? Foi pra pagar a dívida externa! Quer dizer, quem é que roubou mais? Nós que somos brasileiros, ele não tinha que chegar numa revista e falar esse tipo de coisa, tinha mais é que ficar caladinho, com o rabinho entre as pernas dele.

A Igreja Católica é o seguinte: eu sou católico, você vê que o meu nome tem Maria, lá em casa todo mundo é Maria, você vê que minha mãe é devota de Maria. Eu sou católico, eu sou crismado, fiz primeira comunhão, freqüentei catecismo, comunidade de base, tudo isso dentro da igreja católica. Eu tenho uma formação religiosa dentro da igreja católica. Eu sou um cara que, hoje, assisto missa aos domingos, eu tenho que ir. Eu vou lá na Igreja de São Francisco. Então eu carrego muito isso comigo,

* Educadora nas atividades da Casa de Oração do Povo de Rua.

** Centro de serviços e de convivência São Martinho de Lima.

porque minha mãe me passou muitos ensinamentos pra mim, é super importante pra mim e eu queria que meus filhos fizessem a mesma coisa, mas eles vivem lá, eu vivo aqui. Isso pra mim é super importante, a igreja católica, quer dizer, eu tava até conversando com uma pessoa super interessante, a Maria, você vai conhecer ela no Fórum de Debates. Estava até conversando com ela, sobre exatamente isso aí: a igreja católica como todas, são seres humanos que estão lá não são deuses, agora, se eu for nivelar todo ser humano por baixo, eu não converso com ninguém. O ser humano está sujeito a erros e acertos. Então, quando o padre tá lá numa missa eu não vejo que ele talvez, eu vejo o que ele tem de bom pra dar pra mim, o que me interessa é aquela fé que ele tá me passando, então a igreja católica sobrevive exatamente disso, de pessoas que acreditam nisso. A igreja católica, querendo ou não, ela tem feito mais pelos humildes, que qualquer outro órgão, até que o próprio governo mesmo, a igreja católica faz bem mais, claro, não vou falar que ela emprega o dinheiro dela, ela pega dinheiro do governo, mas tá sendo bem empregado.

Esses dias mesmo chegaram pro padre Julio, tavam falando que o padre tinha mais que trinta entidades, mas eu falei, estava comentando com uma pessoa, que as pessoas tavam reclamando que o padre Júlio tinha um monte de entidades na mão dele e eu falei assim: e se essas entidades caem em mão errada? Se cai na mão de um aproveitador que quer só tirar o dinheiro e não dar nada? Querendo ou não, o São Martinho**, que eu conheço, não é lá essas coisas, mas pelo menos tá dentro dos limites, de um lugar comum, de um lugar aceitável, vamos dizer assim. Então, quer dizer, a gente tem que ver essas coisas, as pessoas muitas vezes tapam o olho pra essas coisas: ah que o padre Julio recebe 700 mil do governo, se ele recebe, mas ele repassa esse dinheiro. O dinheiro não fica pra igreja, não é ele né, é a pastoral de rua, entendeu. O padre Júlio não tem nada! Ele é um padre, o que ele tem? Ele anda de carros, essas coisas? Então, eu acho que é o seguinte, a gente tem que ver tudo isso, a gente tem que peneirar estas coisas pra não sair falando besteira. Porque a gente tem que ficar do lado das pessoas que estão fazendo alguma coisa, não vou dizer que eu assino em baixo de tudo que o Padre Julio fala, não. Tem hora que ele pisa na bola, aí eu sou crítico dele, mas ele acerta mais do que erra e isso eu tenho certeza e isso aí eu tenho certeza absoluta. Então isso é super importante pra gente e ter ele como nosso aliado, da população de rua, ele que nos defende. Eu chamo o padre Júlio que ele é nosso escudo humano, ele que vai nos levando por esse mundo aí pra gente conseguir alguma coisa, porque se não a coisa estaria pior do que está. Isso eu tenho certeza, sem o padre Julio, meu Deus do céu! Estaríamos em condições piores. Outra coisa também que é super importante lembrar, nós temos aqui trinta e cinco albergues, qual é o Estado da federação que tem trinta e cinco albergues? Isso é luta! O Rio de Janeiro, se não me falha a memória, o município, se eu não me engano tem três albergues: São Cristóvão aquela região ali, tem um ali perto da Central do Brasil, eu sei que tem outro lá, na zona sul não tem albergue. Onde tem o maior número de morador de rua é na zona sul e não tem albergue. Então, quer dizer, a gente ainda é privilegiado, mas por causa de que? Por causa de luta, luta da igreja, as entidades, o povo que viu que a situação tava dramática, tinha que abrir mais e o déficit ainda é grande. Hoje no albergue que eu tô, dia de chuva lá lota e ainda fica gente pra fora, existe um déficit ainda grande. E a gente tem trinta e cinco albergues na grande São Paulo, incluindo ABC, então, quer dizer, são vitórias e a gente precisa de mais! E não é porque a gente tá querendo assistencialismo. Eu vi uma frase muito importante, falou bem assim: que assistencialismo a gente tem que ver dos dois lados, que se não tiver assistencialismo como é que a gente vai sair dessa, se não tiver alguém pra me dar um prato de comida quando eu to com fome e eu não tenho dinheiro pra comer, como é que eu vou sobreviver? Tem que ter!

Débora vamos partir de um pressuposto: um cara vem lá do nordeste, coitado, que não tem estudo, vem pra tentar a vida aqui em São Paulo, ele não sabe a situação daqui como está. As pessoas que têm estudo tá difícil pra arrumar emprego, imagina o pobre coitado que vem lá do nordeste? E as pessoas vêm com a expectativa de construir uma vida aqui em São Paulo e vem pra cá, chega lá debate com a situação aqui, vai pra um albergue, se não derem comida pra ele como ele vai sobreviver? É assistencialismo? É! Necessário. É o seguinte, a gente não consegue, não tem condição, ele precisa de higiene pessoal e tudo isso, não é porque ele tá naquela condição que não pode ter tudo, qual a diferença? Porque é desempregado? Porque ele chegou do nordeste? Porque não tem estudo não tem nada? A gente tem que dar condição pra ele, eu acho que a prefeitura também é responsável por isso, inclusive a gente tem que debater mais sobre isso, a gente tava tendo o canal aberto com o secretário Floriano Pesaro, mas esse canal foi fechado com essas desavenças nossas e a população de rua perdeu muito com isso, apesar de que as pessoas não gostavam muito da gente tá conversando direto, as pessoas ficavam enciumadas. A Rosana*, por exemplo: Francisco, pelo amor de Deus, o que você tá falando, ele tá querendo jogar nós contra vocês! Rosana, calma! Não é por aí não, a gente vai chegar lá, pra nós era bom porque ele queria nos ouvir diretamente, não queria ouvir da entidade, queria nos ouvir, foi até bom. Numa primeira reunião

* Coordenadora da AMRMC participante do Fórum das entidades que trabalham com população de rua.

** Valter Varanda, participou da equipe de assessoria do secretário nesta época.

ele enrolou um pouco, deixou todo mundo contar, o Anderson contando aquele negócio do buraco, não sei o que, que ele vivia lá no buraco, e cada um contou um pouco da sua história. Depois a coisa fluíu. Ele botou até o Varanda**, quando eu cheguei lá ele tava saindo, ele bateu de frente com o padre Julio. Você soube da história? O que me conta o Anderson e o Sebastião, que são minhas fontes mais ligadas, ele bateu de frente com o padre Julio, pegou pesado, não foi realmente essas coisas toda, mas na hora, você sabe muito bem o poder que o padre Julio tem, quem perdeu foi o Varanda, nessa guerra sobrou pra ele. Muitas vezes a gente ganha por ficar calado, colocaram ele de escudo na parada, ele comprou uma briga com a secretaria, secretaria deu as costas pra ele, ele tinha que fazer um meio termo ali. O padre Julio não é bobo mesmo e botou o poder que ele tinha, aconteceu o que aconteceu. O Varanda é uma pessoa que eu não tenho nada contra ele, atendia muito bem, a mim não, a toda população de rua. Ele que fazia as reuniões com nós. Agora tá aquela japonesa no lugar dele, a Jéssica, tá no lugar dele. Estava, né, porque parece que já botaram outra lá. Quer dizer, quem perdeu foi ele, foi entrar numa briga de cachorro grande, ele pequenininho, acabou sobrando pra ele. Isso que eu quero dizer, a gente tem que saber onde coloca as coisas.

Olha, eu digo de imediato eu tenho alguns pontos aqui que eu já te dou o parecer do seu projeto, mas é que o seguinte, eu sou o tipo de cara que quero estudar as coisas, dar um parecer direitinho pra ficar uma coisa legal, fazendo as minha anotações, mas, de momento, eu posso te dizer que o que você tá fazendo é super importante. Pra você saber de população de rua você tem que conviver com a população de rua, dentro do escritório se você for escrever você não vai conseguir, vai sair uma coisa muito superficial. Superficial tem de mais por aí, pra fazer um trabalho sério, uma coisa com responsabilidade, você tem que fazer exatamente isso que você tá fazendo. Andar com a pessoa, ver a realidade dele. Não precisa dormir na rua também, não tem necessidade! Mas você tem que conviver, vamos supor, ir no café da manhã de alguma pessoa, saber como o cara levanta, geralmente é a coisa mais terrível! Em primeiro lugar você tira suas próprias conclusões, eu posso te falar um milhão de coisas, sei que vai te ajudar muito, é a minha visão, mas você ter a sua própria visão também é super importante, porque vai ter hora que você vai ter que falar dessa população de rua e a hora que você falar você vai ter que falar o que realmente acontece, uma coisa séria, com responsabilidade. E as pessoas que lêem vão falar que você fez um trabalho com responsabilidade. Eu já li algumas coisas “bisonhas”, terríveis, a gente tem que ter essa finura da coisa e isso aí só acontece com isso, no dia a dia, como você falou do violeiro, da OCAS, comigo, que você já participa com nós, já sabe, até com as nossas falas você já tira uma coisa e escreve. Isso é super importante, porque você tá colocando as pessoas mais politizadas, isso é muito importante. Local de nascimento, como você disse, é super importante, de onde ele veio, a pessoa que veio do sul não é igual a pessoa que veio do nordeste, de maneira nenhuma, são completamente diferentes. Você sabe que nosso país é muito grande, somos brasileiros, mas brasileiros diferentes. A minha terra, por exemplo, eu sou capixaba, somos perto dos mineiros e não falamos igual aos mineiros, estamos perto dos cariocas e não falamos igual. Você vê, é um estadozinho deste tamanho! É uma complexidade muito grande. Onde nasceu, onde viveu, com quem, principais características.

A infância é super importante, apesar de que muda muita coisa, mas esses patamares eles vão subindo conforme a condição de cada família, por exemplo, no meu caso, meu velho era pedreiro, eu tinha uma vida com uma certa tranquilidade, eu comecei a trabalhar mesmo, viver na vida, depois que o meu velho morreu, quando eu tinha dezessete anos. Quando eu tinha dezessete anos eu tinha uma vida, não vou dizer que era de classe media, mas eu tinha uma vida que não me faltava nada, meu negócio era ir pra discoteca, final de semana, jogar bola, ir pra escola, estudar e mais nada, quer dizer, era uma vida que eu tinha normal. Depois que meu velho morreu a coisa pegou lá em casa, mas isso aí é de pessoa pra pessoa, a infância não quer dizer muitas vezes, quer dizer o que ele é hoje. Pode ser uma pessoa que apanhou muito, muitas vezes, ou pai que bate em mãe e ele vendo tudo aquilo então reflete tudo isso. Tem outro ponto também, porque eu vejo o seguinte hoje também ele pode ser uma pessoa melhorada ou pode ser uma pessoas piorada hoje, então vale a vivência dele nesse tempo todo até ele chegou nesse ponto aqui, ele vai se moldando, pra pior ou pra melhor. A gente tem os dois lados! Exatamente, um ser em construção, a infância dele é importante, mas ao mesmo tempo ele pode deixar toda essa infância dele pra trás e não querer saber e conseguir construir uma vida depois disso. Eu li um livro de uma escritora americana, Sidney Sheldon, acho que é isso, chama: Se Houver amanhã. Contava a história de uma menina, quando ela era pequena, ela teve uma infância que foi terrível, um marido tirou tudo dela. Então ela começou tudo do zero! A vida dela daquele ponto pra trás ela esqueceu tudo e renunciou tudo e começou uma vida nova dali pra frente, então aquele aprendizado que ela teve até aquela época, tudo que ela passou pra ela não serviu. Só serve de experiência, o que é uma grande coisa, é claro, mas tudo aquilo foi esquecido. Então daí pra frente ela se tornou uma outra pessoa, se ergueu das cinzas e continuou ali. Então, isso é importante, muitas vezes a pessoa não quer saber disso porque isso não me fez bem, tem muitos casos assim, tem muitos que querem falar e outros que não querem. Agora as características da infância vão dizer o que ele é hoje, eu venho dentro do catolicismo, pelas minhas características me levam

até hoje, como eu falei pra você no início, eu venho dentro do catolicismo, sou católico pela minha mãe. Minhas características me levam até aqui, isso eu não vou esquecer nunca! Que eu mude, que eu não mude, minha característica é essa. Minha mãe me ensinou desde novo, quando eu ia dormir minha mãe me botava sentado na cama pra rezar com ela. Minha mãe rezando na frente, e eu atrás! Era uma coisa muito forte, pra você ver como é que são as coisas! Então essas características as pessoas não esquecem nunca mais, tem coisa que você guarda pra sempre. Agora deixa eu passar aqui, história de trabalho e renda, bom também. A profissão da gente, isso tem a ver muito com a profissão, porque a gente nasce uma coisa e com os tempos a gente vai mudando conforme as ondas, por exemplo, eu nasci vendedor e hoje sou escultor. Por que que eu sou escultor hoje? Porque, se eu ficar dentro de uma loja pra ficar em pé, atendendo as pessoas, eu acho que não consigo mais. Por que? Minha experiência, estou botando a minha experiência, por que talvez, por tudo que eu já passei até hoje, por tudo que eu já segui até hoje, não porque eu não tenha paciência, eu tenho! Você vê que pra esculpir eu fico bastante tempo. É porque eu vejo as pessoas sendo tratadas diferente, até pela própria ideologia da loja, tem que tratar fulano assim, porque era filha de fulano de tal, eu passei muito por isso quando eu era vendedor. Nas Pernambucanas, eu trabalhei. Então hoje eu acho que eu não participo desse círculo, dessas coisas, hoje eu tenho uma mentalidade diferente. Eu associo as pessoas hoje não pelo o que elas têm, eu associo porque elas são seres humanos e acabou, morreu o assunto. Não tem porque tratar bem uma pessoa que é assim e desprezar outra pessoa, não tem porque isso. Você chega dentro de uma loja, qualquer uma, chega bem vestida, é coisa da própria sociedade mesmo, ela é super terrível pra isso. Eu não quero participar desse círculo mais, porque pra mim não tem a menor graça. Por exemplo, uma criança, eu tenho uma sobrinha, a Mariana, ela quer ser veterinária, sabe porque? Porque ela tem dois cachorros! Quer dizer, esses dias eu tava na casa dela vendo uns animais que eu adoro, passando férias lá, então eu falei olha o macaco lá, ah eu não gosto de macaco, mas você não quer ser veterinária? Então eu sei que ela não vai ser veterinária, eu tenho certeza. Ela quer ser veterinária por causa dos cachorrinhos dela! Uma coisa junta a outra naquele momento, então é assim na vida da gente, a profissão da gente é um mistério. Tem pessoas hoje que estão vendendo picolé, estão sobrevivendo disso. Ganha bem, é um jeito de ganhar dinheiro, talvez ele tinha uma profissão de pedreiro, mas no momento ele tá assim. Talvez, se deixasse, ia vender picolé a vida inteira, venderia, se aposentaria vendendo picolé, é um tempo, depois vai ter que mudar de novo, talvez pra pedreiro, não sei? É uma coisa transitória, hoje nós vivemos nessa abertura de mercado uma coisa muito transitória pra gente. Hoje as profissões certas que é médico, engenheiro, nem advogado é hoje. Eu to com essa Maria, ela tava me contando a história do filho dela, então o filho dela é de classe média alta, ela deu tudo pros filhos dela, ele se tornou advogado, tava estagiando hoje nos melhores escritórios. O menino tá perdido, não sabe o que é ser advogado, olha que situação difícil pra uma mãe, gastou os tubos com ele! Está gastando até hoje, chega no final: não sei se eu quero ser advogado. E agora? Isso acontece em qualquer lugar, a gente que é morador de rua pior ainda, a gente tem que pegar o embalo! Eu, graças a Deus, consegui unir o útil ao agradável, eu consegui uma bolsa pra continuar a fazendo os meus trabalhos. Eu falo isso, nego fica me olhando: pô, você é um sortudo! Converso com caras ligados a arte, você ganhar do governo um dinheiro pra trabalhar dentro da sua arte! Então, graças a Deus! E outros que têm que largar o negócio dele, tem muitos que tão varrendo o chão, passando um paninho no chão pra ganhar o dinheiro dele, seus R\$ 250, 00. Então é por aí o caminho, é uma coisa meio transitória.

Agora moradia, é o seguinte, não tem teto, não tem jeito, tá na rua! Situação de rua por quê? Porque não tem teto. Inclusive eu vi o Lula, tá na internet, deu 87 bilhões pra moradia, pras casas populares. Eu não sei se vai chegar até a gente, não sei como ele vai direcionar isso aí. Tem que ficar esperto com isso aí, 87 bilhões pro Brasil todo. O déficit é muito grande, mas se pelos menos sobrar um pouquinho pra gente, a gente tem que saber. Tem que ver pra segurar um pouco pra cá, pro pessoal de rua, são os mais necessitados. Não tem mais necessitado do que os sem teto, o morador de rua, não tem outro.

Vou ser um pouco pessimista: a pessoa que passou pela FEBEM quando era criança, eu vi já pesquisas que poucos conseguem se integrar, principalmente a FEBEM de São Paulo, que você sabe que é uma lástima! Então, geralmente, a pessoa vira bandido mesmo. Os dados são realmente desesperadores, infelizmente, isso é uma realidade mesmo. E a população de rua, tem pessoas que tão na rua exatamente por causa disso também: já teve na FEBEM, cadeia, não tem mais jeito, são poucos, mas tem. Estão em albergue exatamente por causa dessa situação.

Eu queria que você pesquisasse, inclusive acho que dá pra pesquisar da internet, lá na minha cidade tem um orfanato chamado Cristo Rei. Olha, esse orfanato, o que fez de gente lá, que a mãe abandonou e hoje são pessoas, tem pessoas lá super importantes, advogados, que esteve nesse orfanato. Toda cidade tem, mas eu to dando um exemplo que eu convivi com isso. Vi pessoas naquele orfanato, usavam uma roupa azul, iam pra escola e tal, até tinha uma irmã lá chamada irmã Marcelina. Todo mundo conhecia a irmã Marcelina! Ela saía pedindo as coisas, tava sempre no jornal e as pessoas ajudavam o orfanato Cristo Rei, é super importante isso, esse negócio de orfanato toda a cidade tem. Eu to falando

desse lado de orfanato, eu acho que a gente tem perspectivas melhores, agora eu coloquei coisas terríveis sobre esse negócio de FEBEM, ato infracional, essa coisa ruim, é complicado essa coisa do menor infrator, tem contra pontos nessa história dos orfanatos. Eu to fazendo um apanhado das minhas opiniões.

Relação de amizade é super importante, minha mãe sempre dizia: diga com quem andas que eu te direi quem você é! As pessoas não se tornam uma coisa sozinha, não entra pro tráfico, pras drogas sozinho, tem sempre uma amizade, um certo círculo que vai correndo atrás ali, as famílias são importantes também, a mãe talvez não tem um certo apego com o filho, não tá se preocupando nunca com o filho, deixa na mão dos empregados e nunca da muita atenção, e isso é super importante. Os pais também, muito preocupados em ganhar dinheiro, não prestam atenção nos filhos e os filhos caem pras drogas. Relações de amizade são muito importantes, eu tenho amigos que eu não esqueço até hoje. Eu tenho um amigo meu lá que chama Jurinha, o nome dele é Juraci. O cara é espetacular, ele tá até agora pra ser operado, quando eu ligo pra casa eu pergunto dos meu amigos. Agora ele caiu e quebrou o fêmur e vai ser operado, mas ele é uma pessoa hilária, muito gozador, brincalhão a gente era muito ligado, onde um tava o outro tava junto, tinha namorada parecida, então a gente tinha uma coisa muito boa, um dos melhores amigos que eu tinha era ele. A gente tomava nossa cerveja, mas sabia sempre o limite, que a gente não podia extrapolar certas coisas, que o bicho em casa pegava! Então a gente teve sempre essa criação assim. E rolava droga, não vou dizer que não, rolava, principalmente maconha, não vou falar que não, mas eu levava a coisa não por uma coisa de vício, ah vou acordar e fumar uma, não, hoje eu to a fim de rir, relaxar mais: oh, não tem um fininho não? Na minha época era fininho! Então era uma coisa de farra, então a gente participava de tudo isso, mas era uma coisa muito sadia e eu era muito amigo desse cara. E a gente tentava sempre se manter num nível aceitável, porque lá a gente vivia num certo setor que as meninas eram tudo de família e se a gente sáisse muito da regra as meninas não tavam dando muita bola pra gente não, então a gente tinha que se manter numa certa regra que era pra gente ficar bem visto por elas, se bebesse enchesse a cara: ah foi muito feio! Então a gente brincava, dançava, tudo isso, mas tentando não sair daquele ritmo, por causa das amizades que eu tinha. Deus me ajudou também, porque eu tive essa oportunidade de ter essas amizades, essas meninas todas, tem amiga lá hoje que é engenheira, tem amigo meu que estudou pra caramba, a gente fez ginásio junto. Eu me lembro na escola Polivalente, na época da ditadura que abriu muitas escolas, era escola de ginásio muito importante, tinha aula de francês, inglês, hoje escola de ginásio não tem, na minha época tinha: educação para o lar, sabe, comer de garfinho, tinha isso! Ciências técnicas, bater a máquina, aprendi tudo isso na escola, saber obedecer, bom comportamento, então essas escolas foram pra mim importantes. Uma coisa também, aula de sexualidade e na hora tava lá na cabeça, espinha, os hormônios naquela guerra danada! Eu me lembro até hoje o professor que dava aula de sexualidade, pra nós era o professor Jonas, pras mulheres era professora. Então ele falava pra tomar cuidado com relacionamento, pra não ter filhos, naquela época não tinha AIDS, então era o problema de ter filhos, você engravida com essa idade que você tem quatorze anos, então tudo isso eu tive, então eu fui um grande felizardo, mostrou uma certa estrutura. Então isso, hoje, me dá suporte pra me manter numa certa linha, não vou dizer que eu sou santo que eu não sou, tem vezes que o bicho pega pro meu lado, mas pra eu me manter numa certa linha, as amizades são super importantes e as amizades que você tem também no círculo familiar. Você vê que lá em casa eu sou o caçula, a última pancada era minha, o caçula é o ultimo que apanha, mas também é o mais defendido pela mãe, tem essas coisas. Então, era assim, aquela coisa super bonita! As amizades muitas vezes te levam pro caminho certo e as vezes pro caminho errado, muitos amigos meus não gostavam de estudar mas começou a andar com pessoas que estudavam começou a se dedicar aos estudos.

Movimentação geográfica dentro do Estado de São Paulo e fora: olha essa movimentação tem um fato que me deixou, tava até falando com a Cleisa. Hoje aqui em São Paulo, não vou falar que não tem muito nordestino, mas tem muita imigração do interior de São Paulo pra cá. Sabia? Então hoje tem muita diferença, a instrução que você tem aqui em São Paulo, geralmente as pessoas que vieram aqui do interior pra São Paulo tiveram boas escolas do que o cara que veio lá do interior do nordeste e estudou só até o primário, então quando ele chega pra debater aqui pra disputar uma vaga de trabalho ele vai sair na desvantagem. Ele vai ser o último a ser chamado, nem o básico ele tem, ele tem o primário, sabe mal escrever. E esse aqui do interior de São Paulo já tem uma instrução melhor, chegou até o ginásio, acho que até o segundo grau, e aí tá a grande diferença, aqueles com menos instrução são os que mais sofrem, pode ter certeza disso. Você tenta conversar com alguém que tá com problema de álcool, que está na rua com problema de álcool, com problema de droga, você pode acreditar que o intelecto dele é muito fraco, ou tem uns que são mais e tem uns que ficam a margem. Como que eu vejo isso? Pelo seguinte: a gente só se policia a nós mesmos quando a gente tem uma certa capacidade de aprendizado e essa capacidade de aprendizado só dá quando a gente estuda, não tem outro jeito. Quando eu pego um assunto que me interessa, por exemplo, civilizações. Eu começo a ler e me sinto bem, e começo a me posicionar de uma maneira diferente a partir desses relatos, isso vai formando a personalidade da pessoa, aquela pessoa que não lê, aquela pessoa que não tem o interesse em se aproximar disso, a tendência é ela se afundar cada

vez mais naquele alcoolismo, porque ele não procura, ele mesmo, ajuda. Eu posso te ajudar eu não posso fazer a coisa por você, você que tem que se tirar, eu posso te ajudar, então só vence isso aí através de uma coisa, ele tem que começar de alguma coisa e é exatamente através do estudo, da leitura. Vou falar uma coisa pra você, aquelas pessoas ali que estão sentadas no banco lendo pelo menos esse jornal aqui, jornal do metro, eu passo ali eu acho importante. Porque eu acho importante? Porque ele não tá desativado do mundo, não desligou todos os botões, não quer saber da sociedade, aquela pessoa que esta lendo ainda tem chance, porque ele tá tentando, ao modo dele, sem ele saber, o subconsciente dele tá tentando alguma coisa, esse ainda tem chance.

Eu passo ali na Praça da Sé, de vez em quando vejo aqueles caras pedindo dinheiro e tem uns dois ou três ali que tá lendo: ah, me dá cinqüenta centavos pra tomar uma cachaça? Pra interar uma pinga? Eu dou, sei lá! Não sei por que eu dou, mas eu dou, eu passo eu vejo o cara lendo o jornal, porque ele tá se interessando por um assunto, nem que seja por economia, por horóscopo, nem que seja pra ler o horóscopo dele. Como vai ser hoje? Será que vai dar pra tomar cachaça dele? De repente o cara se anima e pensa talvez hoje vai procurar um emprego, quem sabe ele sai dali, né! Então eu acho que tudo isso é válido, quando as pessoas se interessam pela leitura, esse é um ponto com certeza de grande ajuda, a pessoa tem que estar sempre procurando ler alguma coisa, pra que a mente fique ocupada, mesmo que ele beba, isso já vai ajudando ele. Essa grande divisão do estudo tem a ver com a população de rua, e você pode ver quem circula mais no nosso Fórum de Debates? É a pessoa que é mais politizada, que se interessa mais, quer saber mais, mesmo que é pra falar da assistente social ele vai, isso pra mim é super importante, seria bom a gente poder votar aquilo ali, cada um com as suas idéias já pensou que coisa bonita seria, todos os moradores de rua ter sua faixa ali. Já teve seus momentos, claro, mas a gente vai voltar com isso, só a gente fazer mais divulgação e colocar, nesse movimento a gente vai divulgar mais o Fórum.

Bom, lazer e cultura, religiosidade, interesses pessoais, isso aqui tudo tem a ver, interesses pessoais, eu colocaria até uma outra coisa aqui, sobrevivência. Porque sobrevivência? Porque tem lazer, cultura, religiosidade, interesses pessoais e eu colocaria sobrevivência, ou talvez um outro termo, aquele que vai apenas pra se alimentar e aquilo é lazer, é cultura, é tudo pra ele, aquelas pessoas que tão penduradas no tempo, que vem só pra se alimentar, pra dormir, eu chamaria isso de sobrevivência.

A gente fica castrado pra certo tipo de coisa, eu falo porque eu tava entrando nisso, eu tenho um sapato aqui que tá arreventado, eu tava fazendo e faço muitas vezes isso: vou a pé daqui até o Ibirapuera pra não entrar nesse ramo, eu tenho direito a ver sinfonia, participo de tudo isso, mas as pessoas acham que não tem direito a isso mais, porque não trabalham, porque tá pendurado no tempo aí só vivendo de comida, as pessoas acham que tem viver só pra aquilo ali, escondidos, tem pessoas que se escondem, quero comer as coisas não tenho dinheiro, como é que eu vou? Eu já fiz o seguinte, quantos domingos eu não fui lá pra Minha Rua Minha Casa, que aos domingos tem o café do coreano, pegava aqueles dois pães botava dentro do saquinho, tomava só o café e ia lá pro Ibirapuera a pé. Chegava lá via alguma coisa, uma orquestra, vi uma orquestra filarmônica da Alemanha! Tem cara que paga uma nota pra ver e eu fui de graça lá, com o meu pãozinho, então é o seguinte a gente nunca pode perder isso, isso é importante! Se a gente perder isso a gente tá perdendo tudo, a gente tem que chamar as pessoas pra isso, pra que ela realmente sinta vontade de ver isso. Esses dias eu também tive aqui na Caixa Econômica de São Paulo, até o pessoal convidou a gente pra ir lá e foi ensinar um balé, como é que a gente movimentava o corpo, um negócio engraçado eu mesmo ria das pessoas e ria de mim mesmo e depois nos fomos ver um filme do Zezé Camargo e Luciano, aquele Dois Filhos de Francisco, muito bom, eu não tinha tido oportunidade de ver e vi lá. Pra mim foi um dia ótimo! Passamos um dia maravilhoso, mas pra gente colocar as pessoas no ônibus foi uma dificuldade, você vai o seu dia já tá ganho é pela bolsa, você tem que ir: ah eu não gosto disso! Para de ser bobo cara! Quer dizer, as pessoas se castram de todas essas coisas, já acham que não tem direito.

Olha eu vou dizer pra você o seguinte a gente tem sempre os dois lados, o ser humano tem esses dois lados, a gente tem que manter esse lado sempre no equilíbrio, você pode ver tem pessoas que são muito equilibradas, eu vejo você assim super equilibrada, é uma pessoa sempre colocando as coisas de um certo modo que a gente possa entender com mais facilidade isso é importante, as pessoas que sempre se avançam mais pra um lado é prejudicial. E esse estigma de mendigo, é terrível isso! Principalmente na situação de rua que vêm sobrevivendo e passa por tudo isso, ele tem que esquecer aquele lado, ele acha que passou por isso acabou, morreu o assunto, ele tem que continuar mesmo ele estando naquela condição, como eu falei pra você, e isso aconteceu comigo, você tem que lembrar que é um ser humano e que aquilo ali não tem nada a ver com você. Só que as pessoas esquecem, agora eu sou um mendigo mesmo e acabou e aquilo vai acompanhar ele realmente. E, principalmente, dentro dos albergues tem muitas pessoas assim hoje, tem muitas pessoas que não gostam de tomar banho. Ele já carrega com ele, ele vem da rua, aquele vício da rua. E, então, eles já não se interessam por nada. Só existe como a gente ter esperança que a pessoa melhora é dele mesmo, não tem outra pessoa, é só através dele mesmo. Sabe o

que me mostra muito isso? O Sebastião me mostra demais esse tipo de coisa. Até esses dias tava falando: oh meu irmão! Se cuida um pouco, você é legal cara, não é porque eu tenho que parecer mendigo, eu não vejo porque, se a minha roupa tá limpinha, pelo menos aparentada, né! Eu acho que isso é importante pra gente, não é porque a gente é morador de rua que a gente tem que ser mendigo, então tem que esquecer esse lado e as pessoas não conseguem, carregam o estigma pro resto da vida dele. É que eu sou simples! Ser simples não é ser burro, é diferente. Burro é outra coisa, sou simples, mas burro não, é outra história.

Participação social, movimento social e associação de bairros, etc, isso aqui tem tudo a ver com as pessoas que estão no Fórum de Debates: Sebastião, eu, Anderson. Isso aqui é uma pressão muito grande, olha eu comecei, vou até te contar uma história, eu comecei a minha participação quando eu tava fazendo minha primeira comunhão, tava na igreja católica. Olha pra você ver como é que são as coisas, a igreja católica tá sempre envolvida na minha vida! Então eles tavam fundando uma comunidade de base lá, comunidade Jesus Menino, primeira comunidade de Vitória. Comecei cavando terra lá, agora tem até sala de informática lá, coisa que eu bato no peito e falo essa foi uma das coisas que fiz e vou deixar aí. Isso não foi pra mim, não foi pra ninguém, é uma coisa pra todo mundo, uma coisa coletiva muito importante. E aí, quando eu comecei, o que que a gente fazia? A gente se reunia em cima de uma laje e a gente fazia nossos cultos ali da igreja católica, naquela época que a igreja católica abriu pras comunidades bases, então nós formamos comunidade base e se reunia, aqui não dá mais a gente ia pro outro, até que um dia lá um cara ofereceu um carro velho, nós fizemos uma rifa e compramos um terreno e começamos a fazer, e pedia e batia nas portas, ah dá pra dar lajota, um saco de cimento, não sei o que, então a gente foi construindo essa comunidade assim e nós fazíamos as nossas celebrações assim, nessa época era época da ditadura não podíamos falar aberto contra o governo, e nós éramos espertos. Eu comecei a conhecer o PT nessa época, a gente começou a criar um grupo muito forte, então nas reflexões do evangelho a gente colocava a vida real nossa e jogava o que a poderia fazer pra melhorar a situação que nós estávamos, contra essa ditadura. A gente não pode aceitar isso, Cristo nunca foi um ditador, entendeu como é o negócio? Introduzindo uma coisa de vagarzinho, não com essas palavras que eu to dizendo, mas introduzindo uma coisa pra que as pessoas pudessem se politizar mais e ficar esperto com que o governo tava fazendo, contra essa idéia de autoritarismo, então a gente fazia muito isso, era muito bom, me ajudou muito, demais mesmo! Abriu a minha mente! Depois dali eu fui pro sindicato do comercio, foi onde eu arrebentei, cheguei lá, minha filha, entrei logo pra chapa e fomos eleitos e briguei contra policia, apanhei pra caramba, mas foi uma coisa legal, mobilizamos a categoria toda, nunca vi alguém fazer isso em Vitória lá, foi um marco. Depois foi contado até pelo jornal. O sindicato do comércio conseguiu fechar as lojas ao meio dia num dia de movimento, nós conseguimos fechar as lojas, o pessoal na rua gritando, na época da ditadura! Em 78 eu me casei, minha filha tava pequenininha, foi em 1983. O pau tava comendo e nós brigando! Eu me lembro que eu fui preso na policia federal, quando eu liguei eu pedi pro advogado do sindicato avisar a minha esposa, minha ex-mulher, olha liga pra ela que eu to na policia federal, ela ficou maluca! Pensou que a polícia que tinha me prendido que eu tinha feito alguma coisa errada. Fui lá pra casa, aquele estardalhaço todo! Depois que eu cheguei que o advogado do sindicato conseguiu soltar a gente, fomos pra casa, fui pra rua brigar de novo! Vou apanhar de novo! Agora que nós vamos brigar, greve geral! Última greve geral que teve, me lembro como se fosse hoje, foi dia 21 de outubro de 1983. A última greve geral, contra o governo Figueiredo. Olha, vou te contar, eu apanhei, me lembro como se fosse hoje, às vezes eu sonho com isso, aqueles cassetetes, tenho dor nas costas até hoje! A gente caia pra cima deles entrava dentro dos ônibus pra tirar as pessoas, tiramos muita gente do ônibus. Depois do meio dia não funcionou nada, principalmente o comércio. Foi uma vitória que nós tivemos lá, através de muita luta muita guerra, de querer mesmo! Isso era um sindicato, isso era um povo unido mesmo, um povo que ia pra luta, ia pra guerra mesmo. Eu vejo umas coisinhas ai hoje isso é porcaria, já tive coisas melhores que essa, então isso é muito importante, é você se sentir útil, que você não tá fazendo pra você, olhando pro seu umbigo, eu detesto isso, fazer uma coisa querendo olhar para mim mesmo. Que beneficio eu vou ter? Tudo pra minha família, pra família do meu vizinho nada, acho isso horrível, é uma ignorância tamanha isso, olhar pro seu próprio umbigo e saber que os outros são iguais a você que tem os mesmos direitos que você e tem que ter as mesmas possibilidades que você tem de ter as coisas. Eu nunca aceitei isso, desde novo eu sempre fui assim. Minha mãe já dizia: não sei não, você é meio complicado. Desde novo eu era assim, porque eu não vejo essa diferença social que existe hoje, essas classes sociais, essas coisas todas. Eu vivo brigando contra isso, e eu to me envolvendo com uma pessoa que é da classe média alta e já começou me colocando contra a parede e eu falei: pega leve se não você vai ficar no meio do caminho comigo! A coisa não é por aí, a gente tem que olhar as pessoas realmente do jeito que elas são, como ser humanos, mais nada, esquece o resto, como ser humano que eu tenho o mesmo direito que você tem a mesma quantidade, tá numa condição de pobre, sem dinheiro, talvez sem moradia, mas é igual a você não existe outra diferença que não seja essa, diferença social não é nada. Então é super importante que as pessoas quanto mais lotar o Fórum de Debates, trazer essas pessoas mais pra gente, mais a gente vai modificando essa situação, mais a gente e vai colocando nas cabeças das pessoas que vale a pena você

se politizar, você lutar por uma coisa melhor.

Quando eu fui lá pro Fórum de Debates, logo no início, até o Sebastião falou: oh, você toma cuidado lá porque tem um pessoal, um monte de universitários, tem muitos que você vai divergir demais. Eu falei: assim é aí que eu quero, é aí que é a coisa serve, porque as pessoas que falar tudo a mesma coisa, não tem graça, eu não vou lá, eles já sabem o que eu vou falar, então lá eu não vou, eu quero isso mesmo, pra gente chegar a um consenso as idéias tem que divergir, senão a gente só vai ver um lado do partido. Então eu fui pra lá e isso é importante, durante um certo tempo, vocês foram uma família lá, de 15 em 15 dias eu tinha que ir lá e ia com o maior carinho. Eu fiquei uns dois domingos sem ir porque teve aquele racha, me decepcionei muito, fiquei afastado, faz uns dois meses quando o Paulo*, aquela briga com o Wanderley**, que eu achava que não sei por que querer se matar, matar um ao outro, dois companheiros, tudo começou ali. Porque o seguinte, tudo tem racha, também no Fórum do Debate vocês tiveram lá, a divisão de idéias sempre vai ter e vai ser super importante, não adianta a gente impor uma coisa. Posição pra mim é outra coisa, sempre lutei por isso e vou lutar o resto da minha vida, não adianta impor uma coisa pra mim pode ter certeza que não vai conseguir nada, no grito ninguém ganha nada! Tem que discutir idéias. Me lembro uma vez que a Cleisa chegou lá na Casa de Oração, ela até ficou assustada comigo, nós estávamos tendo uma reunião lá, até que vocês foram lá pra analisar sobre a eleição que tinha tido. Chegou a Cleisa e a Regina*** e se reuniram entre nós. Aí eu divergi com o Paulo e a gente se pegou nas idéias. Foi o seguinte: a gente estava se reunindo lá e de repente chegou a Cleisa e não tinham avisado que as pessoas iam lá, a Regina também, e queriam se sentar na mesa, eu falei: não, negativo, não é assim o caminho, vai sentar porque? Você perguntou se pessoa rica pode sentar aqui? Nós estamos discutindo aqui sobre a população de rua, daí o que que foi? A Regina, esperta pra caramba, eu acho a Regina um homem de saia, então ela soube mediar, ela é uma boa mediadora: oh gente, vamos reunir todo mundo aqui, fazer um círculo aqui, vamos analisar, vamos esquecer essas picuinhas e depois vocês voltam lá se vocês quiserem, aí quebrou todo mundo, aí no fim realmente, mas quer dizer o seguinte: nós chegamos num bom senso e é importante. Não adianta que eu não aceito negócio de enfiar goela abaixo eu nunca aceitei, não vou aceitar de maneira nenhuma! Acho que as pessoas politizadas e qualquer tipo de pessoa eu acho que tem que ser por aí o caminho, outro dia eu tava lá no albergue e eles me botaram lá, eu levantei as sete horas da manhã e me deixaram de oito até cinco horas da tarde pra me registrar, pra me arranjar uma vaga lá. Quando chegou na hora do almoço eu perguntei: olha, que horas que vai começar? Só depois do almoço. Eu falei: então porque vocês me deixaram até a hora do almoço aqui? Você sabia que nesse tempo eu podia tentar arrumar alguma coisa? Ah, não sei o que tal, se você quiser sair, pode sair. Eu falei: agora? Você espera na hora do almoço pra me falar isso. Agora não tem jeito, eu falei: o negócio é o seguinte, vocês têm que procurar, e depois ele viu que o negócio pegou e eu era um dos últimos. Se eu não falo com ele, ele ia me deixar lá. Não to querendo me sobressair sobre as pessoas, mas é você brigar pelos seus direitos, pra uma coisa que é sua. Então ele me botou em segundo pra falar com a assistente social, porque se eu não falo nada eu ia ficar lá, esperando a boa vontade deles! Então, quer dizer, tem hora que você tem que impor, não tem jeito e se você aceitar as coisas desse jeito você vai ficar sempre assim, não tem jeito, e a população é polida de aceitar essas coisas. Ah é assim mesmo! Esse negócio de é assim mesmo que me mata! Tem que falar pra uma pessoa que não é assim mesmo! É assim mesmo porque ele quer, então vai ser assim mesmo, até agora eu não abri o bico sobre a barata lá no albergue porque eles estão de olho em mim, sabem que eu já tive no movimento da população de rua, então pra eles me chutarem ali é dois palito! Eu não to em lugar nenhum então eu também não posso ficar me expondo muito também lá porque, sabe como é que é, são terríveis, mas qualquer hora dessa eu já vou chegar lá e falar não pode continuar desse jeito, vocês têm que dar um jeito nisso. A hora que tiver mais articulado eu vou falar que não pode continuar desse jeito, a condição aqui tá horrível, porque isso aí é um bem comum, esse “é assim mesmo” eu não aceito, não vou aceitar mesmo, é por aí o caminho. O Sebastião também é bom pra isso, por causa de que o Sebastião tá em moradia provisória? Ele paga uns R\$ 30,00 lá. Não adianta, eu brigo direto com os cara. Pra mim é mais cômodo estar num albergue bom, não ter que pagar nada, pra você que não ganha nada, uma merreca por mês! Mas aí você cai naquela coisa que você tá: poxa eu to aqui, o que que eu vou fazer com R\$ 250,00 não tem jeito. A moradia provisória pra mim, pagar R\$ 50,00 não sei o que, pra mim é bom, mas eu tive colhendo opiniões, não sei se você sabe mas, sobre moradias provisórias e por incrível que pareça 80% das pessoas, que já tiveram experiência por lá, não me aconselharam a ir, sabe porque? Porque eu nunca entro de cabeça numa coisa porque o negócio é o seguinte: a única coisa boa que você tem lá é a sua liberdade. Você pode sair, entrar a hora que quiser, dormir a hora que quiser, em contraponto você tem que comprar as suas

* Participante do Fórum de Debates e liderança do Fórum da População de Rua.

** Participante do Fórum de Debates e suplente do Conselho de Monitoramento das Políticas para pessoas em situação de rua.

*** Coordenadora da Pastoral do Povo de Rua.

coisas, fazer a sua comida, não sei o que, você vai conviver com as mesmas pessoas, às vezes até com pessoas piores, a pessoa vai chegar bêbada, vai ser uma coisa comum mesmo que vai chegar pessoas do mesmo jeito, tem pessoas lá mais velhas que acham que é dona daquele negócio tudo e você vai ter que aceitar, você vai bater de frente com aquelas pessoas, então isso é que eles me falaram, eu não sei de moradia provisória que eu nunca tive lá dentro, e todos eles me falaram a mesma coisa, não é porque um me falou, não.

Eu lembro que eu fui visitar o Anderson na moradia provisória porque parece que ele tava com problema lá, um cara lá queria brigar com ele lá, nós fomos lá pra dar uma força pra ele, pra saber que ele não tava sozinho na parada, até isso a gente é solidário, nós fomos lá e aí tudo bem, eu tava perguntando e disseram: ah a moradia é legal aqui, só isso mesmo. Eu digo pra você o seguinte: eu não tenho uma opinião formada, eu to tentando, eu to falando que 80 % das pessoas, que moradores de rua por si só também é meio pessimista, não sei se você já notou isso. Porque é difícil ele falar que uma coisa vai dar certo, eu procurei um consenso, por exemplo: o Anderson me falou bem da moradia, o Sebastião já não me falou, o Paulo já não me falou bem da moradia, ainda estão na desvantagem, não sei por que isso aí e outros amigos meus aí que eu troco umas idéias, tem um cara do lado da minha cama mesmo, um cara super politizado, parece que até já se filiou em partido aí, ele entende, já teve na moradia provisória também, ele tava me falando o seguinte que ele chegava lá e ele tinha que esconder as coisas dele senão nego pegava, comida esse negócio todo, mexia na comida dele, voltou pro albergue exatamente por causa disso, ele não tinha privacidade, de ter as coisas dele, se ele quisesse comer um peixe e tal. É uma coisa que eles tão passando isso pra mim, no final eu vou ter que me decidir que eu não vou ficar naquele albergue maluco, eu vou bater de frente com o pessoal e eles vão me tocar de lá, não é porque é metodista, não tenho nada contra nenhuma religião, mas eu sei que os métodos deles são metodistas mesmo, é falar e todo mundo ficar calado e não gostam de pessoas que batam com eles de frente, que querem debater com as idéias deles, aqui é assim e acabou, morreu o assunto.

Eu estou agora, depois de muito tempo, esse é o lado sentimental meu, vou falar pra você que eu to passando por uma fase agora que é o seguinte, conheci uma pessoa agora, Maria, que é especial, ela tá até pra me dar uma força, me ajudar. Não sei até que ponto eu posso aceitar isso, como eu falei pra você, ela é uma pessoa classe média alta, psicóloga, tem consultório lá na Vila Madalena, inclusive eu falei que hoje eu estaria aqui com você, ela sabe meus passos todos, eu sou italiano falo logo! Minha mãe tem esse lado, puxei o lado dela. Então eu estou com essa pessoa e aí, inclusive eu convidei ela pra ir no Fórum de Debates, ela tem um livro lançado, e a gente está tendo meio que um relacionamento, e eu estou com esse pé atrás, eu até falei com ela, mandei uns e-mails. A diferença social entre eu e ela é muito grande. Ela é uma pessoa com casarão, não sei o que, separada do marido, super carente, por incrível que parece! tá vendendo como a religião ajuda? Eu a conheci dentro da Igreja São Francisco, eu te contei a história? A Maria é uma pessoa especial, psicóloga, inteligente como ninguém! Viajou o mundo todo, sabe muito, inclusive ela ia dar uma ajuda lá, fazer umas palestras lá no Fórum, eu ia levar dia onze, mas a mãe dela está com problema, a mãe dela é velhinha já tá com 99 anos! Então eu estou com esse pé atrás e ela falou: vou te dar um trocado, te ajudar, você tem que continuar também com a sua escultura. Eu falei: olha, trocar de profissão eu não vou, voltar pra dentro de loja só pra fazer o ego dela, me tornar uma pessoa alinhada, bonito, não quero isso pra mim, eu vou andar do jeito que eu gosto. Inclusive até agora ela ficou de ver um tratamento de dente pra mim, eu aceito, não vou falar que não, eu não vou ser egoísta comigo mesmo, posso pagar pra você? Falei: pode, to precisando, não tenho dinheiro, se eu vou não tem jeito, são R\$ 1.200,00, semana que vem a gente tá vendendo isso aí. Agora vem com outra coisa. Quer me dar um celular, não quero, porque isso aí já é uma outra coisa, é uma coisa que não tem que comprar, sem um celular eu me viro, depois eu compro, quando é pra me ajudar, ajuda mesmo, porque isso pra mim não é ajuda, eu aceito, meus dentes eu vou acabar perdendo tudo, é uma coisa completamente diferente. Saúde é uma coisa e eu não tenho condição mesmo, tratamento de dente hoje é uma grana preta, e eu esse ano tenho que fazer isso, senão eu to ferrado. Ela tá querendo me apresentar os filhos dela, aquela coisa toda, é o seguinte: ela é sagitariana igual eu, a gente se entende, são livres, a gente sai de fusca, ela tem uns dois caros, tem hora que ela quer se manter humilde também porque eu pego no pé dela. Ela fala que foi até bom eu aparecer na vida dela que eu to botando ela no caminho certo. Ela tem um fusquinha bem conservado que é uma coisa de maluco, saímos nós dois, a gente se perde, aqui em São Paulo! Nunca andei de carro, sempre andei a pé, e a gente acaba se entendendo. Graças a Deus tá dando tudo bem e a gente tá se gostando, mas tem essa grande diferença social. Isso me incomoda um pouco, porque, querendo ou não, ela fica me pressionando: ah, você tem que trabalhar pra gente sair dessa! É uma coisa que ... Me colocar contra parede, eu não vou produzir nada, eu dependo da minha arte, hoje eu tenho que sobreviver da minha arte, eu já botei isso na minha cabeça e não adianta, eu to melhorando os meus trabalhos, eu quero melhorar cada vez mais e eu vou sobreviver da minha arte e essa vai ser a minha meta, isso que eu planejei pra mim.

Com essa bolsa agora eu vou economizar o que eu puder pra guardar e quando eu chegar no final

desses nove meses eu ter um dinheirinho lá pra eu pensar em fazer alguma coisa com esse dinheiro. Então toda a ajuda que ela me der nesse ponto é uma ajuda legal e dela também de um fazer companhia pro outro, ela é muito sozinha, ela vem de um relacionamento de trinta anos, então eu tenho que ter uma paciência com ela também danada! Eu entendo, eu tive só cinco anos casado, eu acho que eu vivi muito, tenho três filhos em cinco anos. Esses dias falei com o meu caçula lá, Pedro Henrique, briga comigo pra caramba! Larga São Paulo, vem pra casa de praia fica, sossegado, ele falou. Evou viver do que? Vou comer areia?

Eu sei onde ele quer que eu vá, ele quer que eu vá lá pra Anchieta na casa da minha irmã, que a minha irmã tem uma casa de praia lá, já fui lá uma vez, não deu nada certo. É um lugar muito isolado, eu gosto pra passar férias, mas depois é mesmo São Paulo, não adianta! Eu sou, eu me considero um cidadão paulistano, dizem o seguinte, quem cheira essa poluição aqui não adianta, tá contaminado, tem que vir pra cá mesmo, eu vou sentir saudade e vou voltar correndo, então não adianta ir pra lá, então ele fica brigando comigo: pai larga isso aí, a gente dá uma força pra você aqui. Não, não quero, deixa eu ficar por aqui mesmo, na hora que eu achar que devo ir pra aí eu vou. Minha irmã gosta muito de mim, gosta de mim, claro, eu aqui, ela lá. Se eu chegar lá sabe como é que é visita é bom durante uns quatro, cinco dias, depois fica chata, tchau, tchau. Longe é gostoso, tem tudo isso, e todas as famílias são iguais, não adianta, não é só a minha que é assim, de todo mundo, até na minha casa eu era assim também, os parentes ficavam muito tempo ali, eu já pensava: esse pessoal não vai embora não? Não tem jeito, então tudo bem, nós temos que procurar o nosso canto e tentar cada vez mais, eu falo sempre pra Maria isso: você é o meu sapato torto pro meu pé torto, que a gente se dá muito bem por incrível que pareça! Ela é maluquete, é uma pessoa maravilhosa, você vai conhecê-la. Eu falo pra ela: eu vou carregar você pra onde eu vou, eu posso levar você pro Fórum de Debates, pra Casa de Oração, discutir política social, e você sabe, ela foi ex-moradora de rua. Já pensou? Eu que achei que ia morrer sozinho mesmo, porque pra me agüentar, essa mulher não é brincadeira.

Porque você pensa, eu freqüentar esse negócio de barzinho que não freqüento, pras minhas pinguinhas eu vou num boteco aí, eu gosto desses lugares pé sujos mesmo, tem uns caras contam uma história, toma uma cerveja e alegre vou embora pra casa, como uma costela lá. Eu e Sebastião fizemos uma farra dessas esses dias aí, Sebastião tava lá não tinha almoçado, passei lá no Poupatempo: você já almoçou? Não. Então vamos fazer uma farra aí, cê tá com dinheiro? Eu falei: claro, vamo aí! Nós fomos pra lá, comemos uma costela, tomamos cerveja, conversamos, saímos todo mundo alegre e feliz, então quer dizer eu freqüento esses lugares. E a Maria eu encontrei na Igreja São Francisco! Eu tava lá sentado, ela passou por mim, me olhou, ela passou de novo me olhou, aí dei uma piscada pra ela assim; foi sentou atrás de mim assim, ficou um tempo ali. Tá me olhando, vai dar rock esse negócio! Aí eu saí ela estava encostada lá, começamos a conversar e pronto, aí já saímos, já me levou lá pra um lugar pra comer, não sei comer essas comidas caras não, não gosto muito desse negócio não, eu gosto de um lugarzinho simples, tem mais a minha cara, comida boa, dá pra ficar tranqüilo. Ela tá se acostumando, ela fala que eu to ajudando ela e ela também tá me ajudando, é uma troca que a gente tá fazendo e isso é muito importante. É bonita essa história. Eu que já tinha desistido, vou morrer sozinho mesmo, tô falando sério, quem vai querer um morador de rua, com essa filosofia de política que eu tenho, tudo isso aí? Se eu fosse mulher, eu não ia me querer ... Solidão é terrível, você vê as pessoas com namorado, companhia feminina, isso é super importante, passou esse tempo já era. E por incrível que parece encontrei meu pé torto pro meu sapato torto e esses dias ela me falou um negócio por telefone que eu fiquei até voando: ah, eu te amo! Pô! Por telefone, que isso faz tempo que eu não ouço isso, não é isso não, quer me matar do coração, é complicado ouvir isso por telefone! Aí ela falou: não vou te falar isso pessoalmente! É legal a gente bateu de frente e deu certo.

Eu queria te contar uma história, essa história eu sempre conto, acho importante de você colocar também, essa história tem tudo a ver com morador de rua, eu juntei essa história sobre o Império romano, então eu fiz essa história. Ela é minha, não vi em livro não. Com a queda do Império romano você sabe que se formaram os grandes feudos, o que eram os feudos? Eram uns senhores de , chamados os senhores feudais, grandes donos de terra. Com a queda do Império é que se formaram os grandes países da Europa. Então, essas pessoas eram aquelas que tinham mais soldados, que conseguiam mais terras, o valor dele é dado sobre os que tinham os melhores soldados, que eram os que tinham os melhores exércitos, maior detentor do dinheiro e da terra. Existia no Leste europeu um grande detentor de terras. Ele tinha um filho só. Então ele deu pra esse filho tudo que ele podia saber pra ser um grande general: mandou chamar espadachim da China, deu espada de ouro, pra ele se tornar um dos melhores. A melhor espada era dele. O melhor armamento, tudo que tinha no mundo de melhor o pai deu pra ele. Aí, quando alcançou a maioridade, o pai mandou que fosse numa guerra dessas, guerra de fronteiras, pra ganhar terra. Ele levou uma grande legião de soldados. Ele foi pra essa guerra e batalhou, batalhou, só que perdeu. Ele não conseguiu ganhar essa guerra, essa batalha pra conseguir mais terras pro pai. O que ele fez? Ele batalhando e perdendo, recuou, chegou pro general dele falou: vai e fala pro meu pai que eu morri. Não,

eu não posso fazer isso com o seu pai, ele tá te esperando, não faça isso! Você vai ter que jurar pra mim agora que você tem que voltar e falar pro meu pai que eu morri, estou te ordenando. Ele seguiu com o cavalo dele, pra que os outros não o pegassem; saiu fugido e os outros retornaram pro reino dele. O general chegou lá e falou: olha, perdemos a batalha e seu filho morreu. Aquele senhor ficou arrasado: meu melhor filho! Tudo o que eu tinha, este terreno é dele e agora está morto. Ficou muito triste. Foram passando os anos, e aquele general se sentiu — não eu tenho que contar a verdade — e foi e contou a verdade pro rei, vou te contar a verdade. Qual verdade? O seu filho não morreu. O quê? Meu filho está vivo? Tá, nós só não sabemos onde está. Não, eu vou achar ele! Aí mandou gente pra tudo que é lado, e acharam ele perto de uma taberna, bêbado igual morador de rua. Naquela época, não tinha albergue, não tinha assistente social, não tinha T.O. [terapeuta ocupacional], não tinha nada. Então, aquele tempo era complicado mesmo. Então, o que aconteceu? Ele se tornou uma pessoa alcoólatra, de vinho, suas mãos tremiam, já não era aquele soldado vigoroso que era, ele era um miserável, um homem de rua. Aí avisaram o pai dele, que veio correndo com aquela carruagem toda, aqueles cavalos árabes pra buscar ele. Chegando lá encontrou ele: meu filho! Abraçou: meu filho, volta! Não pai, eu não posso voltar. Mas tudo lá é seu! Pai, eu sou um perdedor! Mas você tem que voltar! Convince daqui, convence dali ... Tá bom, eu vou voltar! Só colocaram ele na carruagem, e, quando chegou no meio do caminho ele falou: pai, eu quero ir no mato, porque não tinha banheiro. Tudo bem, você quer que um soldado acompanhe? Não, me empresta só a sua adaga no caso de chegar algum animal. Aí ele desceu no mato e se matou! O pai dele tá esperando ele, dali a pouco foi lá ver, tava morto. Daí o pai dele levou, fez o enterro. O que isso tem a ver com a gente? O morador de rua é exatamente esse soldado que veio pra lutar, só que ele veio aqui pra ganhar, ele não veio aqui pra perder! Você pergunta pra algum desses aí se eles querem voltar do jeito que eles estão pra casa deles: eles preferem morrer na Praça da Sé, bebendo cachaça, do que voltar do jeito que eles estão, esses são os verdadeiros heróis. Eles não voltam, eles podem até pegar uma passagem, mas, chega lá, eles não ficam um mês, eles saem de novo, a família vê ele diferente. Primeiro lugar, a família vê ele como perdedor, família nenhuma gosta de pessoas perdedoras, quando ele saiu de lá ele saiu pra ser um vencedor e ele volta pra lá como perdedor ou pior do que ele voltou, ele saiu de um jeito e volta pior, a família não aceita ele, nenhuma família aceita, por melhor que ela seja. A mãe aceita ele, mas a família não é só a mãe. Você foi lá e chegou desse jeito, então, ele prefere morrer na merda, largado dentro de albergue, ser enterrado como indigente como muitos são, do que voltar. Esse mesmo caso do rei, ele preferiu morrer do que voltar como perdedor.

É! Isso é do ser humano, não porque o cara é egoísta, é vontade de vencer que o cara tem e aí faz isso. Eu do jeito que eu to eu não volto, eu mesmo do jeito que eu to, voltar pra casa, chegar pros meus filhos, pras minhas filhas, voltei como perdedor ... eu morro aqui! Não volto nunca, prefiro aqui, ser enterrado como indigente qualquer coisa que me aconteça, Deus me livre e me guarde pra que eu possa ter uma condição melhor, mas eu prefiro isso do que voltar nessa situação. Então eu me espelhei, assim como eu converso com as pessoas e elas falam o que sentem. Por causa disso uma vez tava falando um negócio de passagem eu falei não faz isso não, você tá fazendo o contrário de tudo que eles querem, eles não querem uma passagem, dá uma passagem, um lanche, chegar lá com um pão debaixo do braço? Eles vieram aqui pra vencer, pra conquistar, chegar lá às pessoas bem vestidas, com dinheiro no bolso. Meu filho foi pra lá mas venceu, até pessoa do interior, quando quer o bem e a pessoa fracassa, acha que é um fracassado, eles sabem disso, que a família dele espera que ele seja um vencedor, espera dele o melhor e não o pior, que toda mãe quer ver o filho bem, a família, os irmãos. Por pior que seja o irmão, quando chega bem eles ficam satisfeitos, quando chega mal é complicado.

Qualquer dia desses eu escrevo e mando pro jornal. Você é a primeira pessoa a saber, eu tava lendo sobre a história de Roma então eu coloquei uma coisa com a outra, história das civilizações. Eu manjo muito disso, eu gosto muito disso, então fiz essa história aí, eu mesmo remoendo minhas idéias.

Pois é, tudo que eu já tive na minha vida, não foi pouco, na vida a gente não sabe o que vai acontecer com a gente, eu nunca pensei em tá passando por uma situação dessas, eu tive em escolas boas, graças a Deus, tive uma família boa, tive uma educação. Acontece que a vida tem essas coisas. O que a gente vai fazer? A gente aceita, né, até de um certo modo, mas a gente aceita sem aceitar, a gente tem que lutar pra sair, se a gente aceitar por aceitar, eu sou brigão comigo mesmo, eu gosto de ficar brigando comigo mesmo. Não quero aceitar de maneira nenhuma e isso é uma chuva que vai passar e vou conseguir sair disso, com ajuda, que sozinho ninguém é ninguém, ninguém se faz sozinho, duvido.

As pessoas precisam de ajuda, ajuda pra sair de seus problemas, ter alguém, graças a Deus essa Maria que botou no meu caminho, uma pessoa super interessante pra mim, eu to falando que esse ano de 2006 é o meu ano, tudo vem: veio a bolsa, veio a Maria, meu trabalho eu to melhorando, o ano de 2006 vai ser o meu ano! Em 2007 eu vou entrar bem melhor!

ANEXO H: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DISPONIBILIZADO PELO FÓRUM DE DEBATES SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

BIBLIOGRAFIA EM LÍNGUA PORTUGUESA SOBRE POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA

LIVROS, TESES, DISSERTAÇÕES, INICIAÇÕES CIENTÍFICAS E TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza. *A Resiliência e o Morar na Rua: Estudo com Moradores de Rua - crianças e adultos - na Cidade de São Paulo*. Mestrado, Faculdade de Saúde Pública, USP, 1998. (Biblioteca SAS)

_____. *Resiliência e Encontro Transformador em Moradores de Rua na Cidade de São Paulo*. Doutorado, Faculdade de Saúde Pública, USP, 2003. (Biblioteca SAS)

ALVES, Maria Magdalena. *Viagem ao Mundo dos Homens de rua*. Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP, 1994. (Biblioteca SAS)

ALVES, Darci Rodrigues. *Cooperativismo em Vitória da Conquista - organização e participação nos anos 90*. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 1999. (Biblioteca SAS)

ASSIS, Carlos Donbosco de. *A Reforma Agrária no Vale do Paraíba*. São Paulo: CPV, 2000.

ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. *A miséria e os dias: história da mendicância no Ceará*. São Paulo: Hucitec, 2000. (Biblioteca SAS)

BARBOSA, Jorge Cordeiro & PAULINO, Simone. *Identidade Perdida - memórias de um morador de rua*. São Paulo: Legnar Informática & Editora, 2003. (Biblioteca SAS)

BARROS, Joana da Silva. *Moradores de rua - Pobreza e Trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira*. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2004.

BASTOS, Carlita Moraes & outros. *Vida e Missão - Pastoral do Povo da Rua*. São Paulo: Loyola, 2003. (Biblioteca SAS)

BELO HORIZONTE. *A População de Rua - Seminário sobre Políticas Públicas*. Belo Horizonte: Fórum da População de Rua, 1998. (Biblioteca SAS)

BORIN, Marisa do Espírito Santo. *Desigualdades e Rupturas Sociais na Metrópole: moradores de rua em São Paulo*. Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 2003.

BROGNOLI, Felipe Faria. *Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos*. Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. (Biblioteca SAS)

BROIDE, Jorge. *A rua enquanto instituição das populações marginalizadas: uma abordagem psicanalítica através de grupo operativo*. Mestrado, Psicologia Clínica, PUC-SP, 1993.

BURSZTYN, Marcel. (org.) No meio da rua: Nômades excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. & ARAÚJO, Carlos Henrique. Da Utopia à Exclusão: vivendo nas ruas em Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

CASTELVECCHI, G. (org.). Somos um povo que quer viver. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

_____. Quantas vidas eu tivesse, tantas vidas eu daria! São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

COSTA, Alderon Pereira da & MAGALHÃES, Pierre Sodré. Com a palavra, a imagem: moradores em situação de rua e Movimento dos Sem-Terra. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2002. (Biblioteca SAS)

COSTA, Daniel De Lucca Reis. Reflexos e Contra-Reflexos da Cidade: por uma interpretação política do povo da rua. Trabalho de Conclusão de Curso, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2003. (Biblioteca SAS)

COSTA, Idalina Farias. De lixo também se vive. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana, 1986.

COUTO, Ana Magna Silva. Trabalho, cotidiano e sobrevivência - catadores de papel e seus modos de vida na cidade - Uberlândia - 1970-1999. Mestrado, Programa de História, PUC-SP, 2000.

DI FLORA, Marilene Cabello. Mendigos: por que surgem, por onde circulam, como são tratados. Petrópolis: Vozes, 1987.

DOMINGUES JR., Paulo Lourenço. Cooperativa e construção da cidadania da população de rua. São Paulo: Edições Loyola/Editora Universitária Leopoldianum, 2003. (Biblioteca SAS)

DOZZI, Carla Carusi. Uma análise do significado que moradores de rua atribuem às diferentes formas de atendimento destinadas a essa população. Pesquisa de Iniciação Científica, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia Social, PUC-SP, 1999.

_____. Cooperativas de catadores de papel - uma alternativa para moradores de rua. Trabalho de Conclusão de Curso, Psicologia, PUC-SP, 1999.

_____. Paradoxos e Ambigüidades de uma Cooperativa Popular de Produção: um estudo psicossocial. Mestrado, Departamento de Psicologia Social, PUC-SP, 2003.

_____. K. Celidonio & BELIZZIA, A P. O (re) significado do Cooperativismo no MST: um estudo na perspectiva da Psicologia Social. Monografia, Núcleo de Psicologia Social: Cotidiano, Práticas Sociais e Trabalho, PUC-SP, 1999.

ENDRIGUE, Taisa da Costa. Repensando o Projeto Boracea - Proposta de Abrigo para moradores de rua da Cidade de São Paulo. Trabalho Final de Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2002. (Biblioteca SAS)

SCOREL, Sarah. Vidas ao Léu - Trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ESCURRA, Maria Fernanda. Sobrevivendo do lixo: população excedente, trabalho e pobreza. Mestrado, Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

FERRAZ, Flávio Carvalho. Andarilhos da Imaginação - um estudo sobre os loucos de rua. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FÓRUM DE ESTUDOS SOBRE POPULAÇÃO DE RUA - TEXTOS EM DEBATE 3. Fórum de Estudos sobre População de Rua - avanços e desafios. Rio de Janeiro: Nova - Pesquisa e Assessoria em Educação/Fórum de Estudos sobre População de Rua, 1998. (Biblioteca SAS)

FRAGA, Walter Filho. Mendigos, moleques e vadios. São Paulo: Hucitec/Edufba, 1995. (Biblioteca SAS)

FRANGELLA, Simone Miziara. Corpos errantes urbanos - uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo. Doutorado, Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2004.

FREITAS, Silvia Antunes. Famílias catadoras de papel - uma trajetória entre luzes e sombras - favela Parolim - Curitiba - Paraná. Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP. São Paulo: 2001.

FRÚGOLI, Heitor Jr. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo: Sesc/Marco Zero, 1995.

GIORGETTI, Camila. Entre o Higienismo e a Cidadania - Análise comparativa das representações sociais sobre os moradores de rua em São Paulo e Paris. Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP/Institut d'Études Politiques de Paris, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Os sem-terra, ONGs e Cidadania. São Paulo: Editora Cortez Editora, 1997.

GOMES, José Agnaldo. Itinerários de sentidos na marcha para uma comuna da terra: pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo em busca de sua participação social. Mestrado, Psicologia Social, PUC-SP, 2004.

HAYASHIDA, Érika Haruno. Economia Solidária, como alternativa à situação de rua. Relatório Final de Iniciação Científica, Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 2003. (Biblioteca SAS)

HERCKERT, Uriel. Psiquiatria e população de rua - Epidemiologia, aspectos clínicos e propostas terapêuticas. Doutorado, Psiquiatria, Faculdade de Medicina, USP, 1998. (Biblioteca SAS)

JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura. Mais que sobras e sobrantes: vida e trabalho no lixo. Doutorado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2001.

LAVARELLO, Fernanda Bastos & LOMAR, Teresa Paletta. O sentido de morar em hotéis e em moradias definitivas para ex-ocupantes de baixos de pontes e viadutos de São Paulo - uma análise psicossocial do Plano de Reabilitação Urbanística e de Atenção aos moradores dos vãos existentes nos baixos de pontes e viadutos do município de São Paulo. Relatório Final de Iniciação Científica, Faculdade de Psicologia, PUC-SP, 2003. (Biblioteca SAS)

MACHADO, Luciana M. Os sentidos da rua: reflexões de uma terapeuta ocupacional social nas ruas do Rio de Janeiro. Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

MAGNI, Claudia Turra. Nomadismo urbano: uma etnografia sobre os moradores de rua em Porto Alegre. Mestrado, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994. (Biblioteca SAS)

MARTINS, Maria de Fátima Almeida. A caminho da rua: o encontro com as redes de assistência e a formação de laços sociais entre moradores de rua em Belo Horizonte. Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2001. (Biblioteca da USP)

MATTOS, Ricardo Mendes. Teoria Psicossocial dos processos de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da rualização à sedentarização. Relatório Final de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2003. (Biblioteca SAS)

MATTOS, Ricardo Mendes. Processo de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da rualização a sedentarização. Relatório final de Iniciação Científica apresentado à Fapesp, Psicologia, Universidade São Marcos; 2003.

_____. & CAMPOS, Geraldo Mendes de. Projeto LAR - Livre do Álcool e das Ruas: proposta psicossocial de intervenção com o alcoolista em situação de rua. Trabalho de Conclusão de Curso, Psicologia Social, Curso de Psicologia, Universidade São Marcos, 2004.

MESQUITA, Mateus Pires Moreira. População de Rua Provocada. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. (Biblioteca SAS)

MOTA, Maria Elisabete Lima. Ave Vagueira. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

_____. Declaro que estou em tormento. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

MOURA, Leonel. Os homens lixo. Lisboa: LXXL Edições, 2000. (Biblioteca SAS)

MUÑOZ, Jorge Vicente. Porque a vida... Viver é um compromisso. Cadernos de Educação Popular, nº 19. Petrópolis: Vozes, 1991. (Biblioteca SAS)

_____. Textos em debate: sobre a população de rua e alguns de seus valores. Rio de Janeiro: Nova - Pesquisa e Assessoria em Educação, 1994. (Biblioteca SAS)

_____. População adulta de rua: uma proposta de metodologia socioeducativa. Rio de Janeiro: Nova - Pesquisa e Assessoria em Educação, 1997. (Biblioteca SAS)

_____. & MOTA, Adriana (org.). População de Rua: Que Cidadania? Cadernos de Educação Popular, nº 27, Rio de Janeiro: Nova - Pesquisa e Assessoria em Educação, 2003. (Biblioteca SAS)

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. Errâncias e errantes: um estudo sobre a mobilidade do sujeito e o uso de bebidas alcoólicas na contemporaneidade. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Paulista, Campus Assis, 2004. (Biblioteca SAS)

NASSER, Ana Cristina Arantes. Sair para o mundo - Trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos. São Paulo: FAPESP/Editora Hucitec, 2001. (Biblioteca SAS)

NICOLAU, Sheila Maris. Trabalho e processos de exclusão/inclusão social: um estudo com assistidos-trabalhadores de um centro de triagem de materiais recicláveis implantado por

uma instituição assistencial na cidade de São Paulo. Mestrado, Psicologia Social, Instituto de Psicologia, USP, 2003.

OAF - Organização do Auxílio Fraternal. Anotações sobre o Encontro: Missão do Povo da Rua no contexto atual. Belo Horizonte, 21 a 23 de abril de 1994.

OLIVEIRA, Jairo da Luz. A vida cotidiana do idoso morador de rua: as estratégias de sobrevivência da infância a velhice - um círculo de pobreza a ser rompido. Mestrado, Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. (Biblioteca SAS)

OLIVEIRA, Maria de Fátima Silva & PIMENTA, Marilda & SOUZA, Mirtes Martins & ALMEIDA, Regina Maria - Trabalho e População de Rua - Monografia, Disciplina Psico-Sociologia das Organizações, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Maria Vany. Entre ruas, lembranças e palavras: a trajetória dos catadores de papel em Belo Horizonte. Mestrado, Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

PEREIRA, Márcia Aparecida Accorsi. A População de rua, as políticas assistenciais públicas e os direitos de cidadania: uma equação possível? Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP, 1997.

QUINTÃO, Paula Rochlitz. Centros de referência: espaços de moradia transitória e reinserção para a população de rua da cidade de São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2000. (Biblioteca da USP)

RANGEL, Rosângela Faria. Vidas à Deriva: População de Rua no Rio de Janeiro. Mestrado, Programa de Pós Graduação da Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996. (Biblioteca SAS)

REIS, Daniela Santos e IYAMA, Mário Shozo. Saúde Mental na População de Rua - Reflexões. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 1999. (Biblioteca SAS)

ROMANO, Patrícia. Moradores de Rua - Uma trajetória de lutas, desafios, e ruptura de seus vínculos sociais com o mundo do trabalho e o da esfera familiar. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, UniFMU, São Paulo, 2001. (Biblioteca SAS)

ROSA, Cleisa Moreno Maffei (org.). População de rua: Brasil e Canadá. São Paulo: Hucitec, 1995. (Biblioteca SAS)

_____. Vidas de rua - destino de muitos. Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP, 1999.

_____. Vidas de rua: destino de muitos. CD-ROM, Pesquisa documental - um conjunto de reportagens jornalísticas publicadas sobre população de rua na cidade de São Paulo de 1970 a 1998. São Paulo: Instituto de Estudos Especiais (IEE), PUC-SP, 1999. (Biblioteca SAS)

SANTOS, André Luiz Teixeira dos. Passagem e Permanência nas ruas da cidade de São Paulo - vivência dos moradores da Fábrica da Pompéia e os espaços institucionais. Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2004.

SANTOS, João Bosco Feitosa dos (coord.) & outros. As condições de Trabalho e as Repercussões na vida e na saúde dos catadores de lixo do Aterro Sanitário do Jangurussu. Fortaleza: Sistema Nacional de Emprego do Ceará, 1991. (Biblioteca SAS)

SANTOS, Marcelo Messias dos & NASCIMENTO, Telma Aparecida do. "Da Rua para a Terra" - O MST como conquista da cidadania. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 2000. (Biblioteca SAS)

SANTOS, Tereza Luiza Ferreira dos. Coletores de lixo - A ambigüidade do trabalho na rua. Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, PUC-SP, 1996.

SATO, Miki Takao. Levantamento de refugiados africanos na Casa do Migrante. Monografia de Conclusão de Curso, Terapia Ocupacional, USP, 2004.

SEIDENBERG, Márcio. Rua Com Saída - dois projetos de comunicação, que aliam prática jornalística e inclusão social, estão transformando a condição de vida de quem convive nas ruas. Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Jornalismo, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2003.

SERRANO, César Eduardo Gamboa. Eu mendigo - alguns discursos da mendicância na cidade de São Paulo. Mestrado, Instituto de Psicologia, USP, 2004. (Biblioteca SAS)

SHIMABUKURO, Patrícia. A cooperação como alternativa à situação de rua: análise da experiência do MST. Relatório Final de Iniciação Científica, Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 2003. (Biblioteca SAS)

SILVA, Letícia Andrade da. Cartografia da atenção à saúde da população de rua na cidade de São Paulo: um estudo exploratório. Mestrado, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, PUC-SP, 2000.

SILVA, José Roberval Freire da. A Igreja dos Excluídos: vida e morte do povo que mora na rua. São Paulo: FTD, 1988.

SIMÕES JR. José Geraldo. Moradores de Rua. São Paulo: Pólis, 1992. (Biblioteca SAS)

SNOW, David A. & ANDERSON, Leon. Desafortunados - um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, Adriana Oliveira & SILVA, Rosemeire Barbosa da. A. Uma história em 5 atos: A subjetividade e a Rua. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2003. (Biblioteca SAS)

STOFELLS, Marie-Ghislaine. Os mendigos na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TAVEIRA, José Carlos & ALMEIDA, Regina Stela Andreolli. O morador de rua de Campo Grande: condições de vida. Campo Grande: UCDB, 2002.

TIENE, Isalene. Mulher moradora na rua: entre vivências e políticas públicas. Campinas: Editora Alínea, 2004.

VARANDA, Walter. Do Direito a Vida à Vida como Direito. Mestrado, Departamento de Saúde Materno-Infantil, Faculdade de Saúde Pública, USP, 2003. (Biblioteca SAS)

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa, BEZERRA, Eneida Maria Ramos & ROSA, Cleisa Moreno Maffei. População de rua: quem é, como vive e como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992. (Biblioteca SAS)

VOGEL, Arno & Outros. Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981. (Biblioteca USP)

YAMAMORA, Carla Yoshiko, BOULHOSA, Ligia Maria, MARTINS, Maria Célia & CARVALHO, Maria de Fátima Rocha. Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis (Coopamare), uma análise da viabilidade de proposta da Economia Solidária. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Serviço Social, PUC-SP, 2002. (Biblioteca SAS)

YÁZIGI, Eduardo. O mundo das calçadas. São Paulo: Humanitas - USP/Imprensa Oficial, 2000.

ARTIGOS EM LIVROS E REVISTAS

ALVES, Maria Magdalena. Homens de rua: aqueles que não moram. Tempo e Presença: Moradia e Cidadania, São Paulo: CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Ano, V. 15, nº 267, p.14-16,, jan./fev., 1993.

ARANHA, Valmir. Os albergues dos migrantes no interior do Estado de São Paulo: programas de ação social ou políticas de circulação de população? Travessia - Revista do Migrante, nº 25, mai./ago., pp.25-29, São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1996. (Biblioteca SAS)

BROGNOLI, Felipe Faria. Trecheiros e pardais: trajetórias nômades. Travessia - Revista do Migrante, nº 27, jan./abr., pp. 29-33. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1997.

CARNEIRO JR. Nivaldo & outros. Serviços de Saúde e População de Rua: Contribuição para um debate. Saúde e Sociedade 7(2), pp 47-62. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, USP, 1998. (Biblioteca SAS)

CATADORES DE VIDA - Publicação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e Fórum Nacional de Estudos Sobre População de Rua. Edição nº 01. Distrito Federal, 2002.

CHNAIDERMAN, Miriam. Loucura de Rua. O Nome da Rua. Entrevista realizada por Déborah Sereno e Mauricio Porto, nº 0, abr. São Paulo: Estação Cooperativa de Acompanhamento Terapêutico, 1994.

DORNELAS, Sidnei Marco. O peixe e a rede - O Migrante e o Albergue no Discurso dos Responsáveis e Funcionários da AVIM. Travessia - Revista do Migrante, Ano X, nº 29, set./dez., pp. 30-45. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1997. (Biblioteca SAS)

ESCOREL, Sarah. Vivendo de Teimosos - moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro. In: BURSZTYN, Marcel (org.). No Meio da Rua: nômades excluídos e viradores. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. (Biblioteca SAS)

FERRAZ, Flávio Carvalho. O louco de Rua visto através da Literatura. Psicologia USP, v. 11, nº 2, São Paulo: IPUSP, 2000. Extraído de: www.scielo.br . (Biblioteca SAS)

FRENETE, Marco. As histórias de quem vive do lixo. Revista dos Bancários. São Paulo, nº 71, pp 24-27, out., 2001.

HECKERT, Uriel. O Louco na cidade: clínica de rua. Trabalho apresentado no X Congresso de Psiquiatria. Belo Horizonte: Mimeo, 14 a 17 de agosto de 2002. (Biblioteca SAS)

_____. No extremo da exclusão: moradores de rua e enfermos mentais. Juiz de Fora: Mimeo, 2003. (Biblioteca SAS)

_____. & outros. Programa de Saúde Mental para a População de Rua - Prorua. HU Revista, v. 27, (nº 1, 2, 3), pp. 305-308, jan./dez.. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001. (Biblioteca SAS)

JUSTO, José Sterza. Saúde Mental em Trânsito: Loucura e a condição de itinerância na sociedade contemporânea. In: BOARINI, Maria Lúcia (org.). Desafios na atenção à saúde mental. Maringá: Eduem, 2000. (Biblioteca SAS)

_____. Errâncias e Errantes: um estudo sobre os andarilhos de estrada. In: Sagawa, Roberto Yutaka & Justo, José Sterza (orgs.). Rumos do Saber Psicológico. São Paulo: Arte & Ciências, 1998. (Biblioteca SAS)

LANCETTI, Antonio. A Casa de inverno: notas para desinstitucionalização da Assistência Social. Revista Saúde e Loucura. São Paulo: Editora Hucitec, nº 4, pp. 71-84, 1993.

LAVARELLO, Fernanda Bastos & LOMAR, Teresa Paletta. O sentido de morar - análise psicossocial do "Plano de Reabilitação Urbanística e de Atenção aos Moradores dos Vãos Existentes nos Baixos de Pontes e Viadutos do Município de São Paulo". Revés do Avesso, Ano 13, nº 8, pp. 25-28, ago., 2004.

MATTOS, Ricardo Mendes & CASTANHO, Marisa Irene Siqueira, FERREIRA, Ricardo Franklin. Contribuição de Vygotsky ao conceito de identidade: uma leitura da autobiografia de Esmeralda. Estudos e Pesquisas em Psicologia, Ano3, nº 1, pp.119-138. Rio de Janeiro: NAPE/DEPEXT/SR-3/UERJ, 2004. (Biblioteca SAS)

_____. & FERREIRA, Ivan Bruno. Da negação do humano no sistema capitalista à negação humana do sistema capitalista: a reciclagem do lixo, da natureza e da sociedade pelo homem. Revés do Avesso, Ano 13, nº 8, pp. 17-24, ago., 2004.

_____. & FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? - representações sobre as pessoas em situação de rua. Psicologia e Sociedade, v. 2, nº 16, pp. 47-58, maio/ago., Porto Alegre: Abrapso, 2004.

MAUTNER, Anna Veronica. A sombra das cidades ou vivendo dos excessos. In: MAGALHÃES, Maria Cristina (org.). Na sombra da cidade, pp. 45-62. São Paulo: Escuta, 1995.

MAGNI, Claudia Turra. Habitantes de rua: um caso de nomadismo urbano. Travessia - Revista do Migrante, Ano X, nº 27, jan/abr., pp.34-37. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1997.

MINGARDI, Guaracy & GOULART, Sandra. As Drogas Ilícitas em São Paulo - o caso da Cracolândia. Revista do ILANUD nº 15. São Paulo: ILANUD - Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente, 2001. (Biblioteca SAS)

MUÑOZ, Jorge Vicente. Sobre a População Adulta de Rua (ou uma insistente esperança). Tempo e Presença. Revista bimestral de Koinonia, nº 285, jan./fev., pp. 30-33. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1996. (Biblioteca SAS)

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do & JUSTO, José Sterza. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 13, nº 3, pp. 529-538. Porto Alegre: 2000. (Biblioteca SAS)

NASSER, Ana Cristina Arantes. A vida dos homens da noite na cidade grande. Travessia - Revista do Migrante, Tema: Albergues, nº 29, set./dez., pp.5-11. São Paulo: CEM - Centro de Estudos Migratórios, 1997.

NEVES, Delma Pessanha. Mendigo: o trabalhador que não deu certo. *Ciência Hoje*, nº4, jan./fev., pp. 28-36. São Paulo: 1983. (Biblioteca SAS)

_____. Neste terreiro, galo não canta - Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. *Anuário Antropológico* 83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

_____. A miséria em espetáculo. *Serviço Social e Sociedade*, nº 47, abr., pp. 79-98. São Paulo: Cortez Editora, 1995. (Biblioteca SAS)

RODRIGUES, José Augusto & SILVA FILHO, Dario de Souza. População de Rua. In: *Agenda Pública - Drama Social*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2ª edição, pp. 67-150, 2002. (Biblioteca SAS)

RABINOVICH, Elaine Pedreira. A Casa dos Sem Casa. In: *Psicologia - Ciência e Profissão - Tema: Excluídos*, Ano12, nº 3 e 4, pp.16-23. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 1992.

RODRIGUES, José Augusto & SILVA FILHO, Dario de Souza. População de Rua. In: *Agenda Pública - Drama Social*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2ª edição, pp. 67-150, 2002. (Biblioteca SAS)

SAWAIA, Bader Burihan. A temporalidade do "agora cotidiano" na análise da identidade territorial. *Revista Margem - Temporalidade*, dez. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, 1996. (Biblioteca SAS)

SCHOR, Sílvia. M. & ARTES, Rinaldo. Primeiro censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo: procedimentos metodológicos e resultados. *Revista Economia Aplicada*, 5 (4), pp. 861-883, São Paulo, 2001.

TACHNER, Suzana Pasternak & RABINOVICH, Elaine Pedreira. Modos de Morar na Rua. *Revista de Estudos sobre Urbanismo, Arquitetura e Preservação. Cadernos de Pesquisa do LAP nº 26*, jul./ago. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 1996.

TRAVESSIA - Revista do Migrante. Tema Albergue, Ano X, nº 29, set./dez. São Paulo: Cem - Centro de Estudos Migratórios, 1997.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. Trecheiros e Pardais. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional sobre Migração: Nação, Lugar e Dinâmicas Territoriais, 1999. (Biblioteca SAS)

YASBEK, Maria Carmelita & WANDERLEY, Mariângela Belfiore. A luta pela sobrevivência na cidade: os homeless ou "população de rua". In: BÓGUS, Lucia Maria M. e WANDERLEY, Luiz Eduardo (orgs.). *A luta pela cidade em São Paulo*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

DOCUMENTOS E LEGISLAÇÕES

ABREU, Paulo Belmonte & PRATES Jane Cruz (org.). Relatório de Resultados: Pesquisa Condições Sociais e de Saúde Mental de Moradores de Rua da Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: NESPRUA - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a População de Rua, 1999. (Biblioteca SAS)

ARAPOGLOU, Vassilis P. A governança das condições de vida da população em situação de rua 'homelessness' na Grécia: discurso e poder no estudo das redes filantrópicas. Texto: The governance of homelessness in Greece: discourse and power in the study of philanthropic networks. London School of Economics. traduzido por Maria Ruth S. Alves. Mimeo. Sem data. (Biblioteca SAS)

BELO HORIZONTE. PASTORAL DE RUA DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. Da reciclagem eu faço a vida, da vida eu faço a reciclagem. Diagnóstico Participativo Urbano (DPU). Viaduto João Pinheiro. Belo Horizonte: 2003. (Biblioteca SAS)

_____. Diagnóstico Participativo Urbano - A construção da realidade a partir de quem a vivencia. Sem data. (Biblioteca SAS)

BRASÍLIA. Carta de Brasília. 1º Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, 2001. (Biblioteca SAS)

CARNEIRO JR., Nivaldo & outros. População de Rua: necessidade de saúde e organização de serviços. Relatório final de pesquisa apresentado à Coordenação Nacional da Rede de Investigação em Sistemas e Serviços de Saúde no Cone Sul, Centro de Saúde-Escola da Barra Funda, São Paulo, 1996. (Anexada síntese) (Biblioteca SAS)

CAXIAS DO SUL. Carta de Caxias do Sul. I Congresso Latino-Americano de Catadores, 2003. (Biblioteca SAS)

GRESS SP - Gestão 2002-2205. Legislação Brasileira para o Serviço Social. Coletânea de leis, decretos e regulamentos para instrumentação da (o) assistente social. São Paulo, 2004.

FÓRUM DAS ORGANIZAÇÕES QUE ATRABALHAM COM POPULAÇÃO DE RUA. Documentos do Dia de Luta do Povo da Rua. Dia 26 de maio de 2004. (Biblioteca SAS)

MINISTÉRIO DE BEM-ESTAR SOCIAL. Lei Orgânica da Assistência Social. Lei nº 8.742 de 7 de dezembro de 1993. (Biblioteca SAS)

PARRA, Deolinda & BRITO, Valquíria O. C. Moradores de Rua e Risco para Infecção pelo HIV, Sífilis, HBV, HCV na Região Central da Cidade de São Paulo. Trabalho apresentado ao Curso de Metodologia de Pesquisa em AIDS, Faculdade de Saúde Pública, USP, 2001. (Biblioteca SAS)

PEREIRA, Álvaro, BARRETO Pedro & FERNANDES Gisela. Análise longitudinal dos Sem-Abrigo em Lisboa - a situação em 2000. Relatório Final. Estudo realizado pelo Gabinete de Ecologia Social do Departamento de Edifícios do Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa, ago. 2000. (Biblioteca SAS)

PORTO ALEGRE. A rua invisível. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1993. (Biblioteca SAS)

RODRIGUES, José Augusto & SILVA FILHO, Dario de Souza. Perfis e Mapeamento de Populações de Rua do Rio de Janeiro: padrões de sociabilidade e funções sócio-espaciais de usos da rua. Relatório Final. Departamento de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Faperj/UERJ, 1999. (Biblioteca SAS)

SALVADOR. Carta dos Catadores e Catadoras do estado da Bahia, 2004. (Biblioteca SAS)

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Prefeitura de São Paulo. Dossiê sobre a população moradora de rua na cidade de São Paulo. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, abr.1990. (Biblioteca SAS)

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Prefeitura de São Paulo. Legislação do Município de São Paulo: Lei nº 12.316 de 16 de abril de 1997. (Biblioteca SAS)

_____. Legislação do Município de São Paulo: Decreto nº 40.232 de 02 de janeiro de 2001. (Biblioteca SAS)

SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Prefeitura de São Paulo. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social Dossier sobre a população moradora de rua na cidade de São Paulo. São Paulo: abril, 1990. (Biblioteca de SAS).

_____. Estudo sobre a população sem residência fixa que recorre ao Plantão de atendimento. São Paulo: outubro, 1991.

_____. Política de atendimento à população de rua, Mimeo, 1992. (Biblioteca SAS)

_____. Proposta de criação de dotação orçamentária. São Paulo: abr., 1992.

_____. Trabalho junto à população moradora de rua - morar na rua: uma manifestação da questão social. Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, out, 1992. (Biblioteca SAS)

_____. Acolher - Reconstruindo Vidas. São Paulo, 2001. (Biblioteca SAS)

_____. Projeto Boracea - Central de Atenção à População em Situação de Rua / Reconstruindo Vidas. São Paulo, 29 de maio de 2002. (Biblioteca SAS)

REVISTAS E JORNAIS

REVISTA OCAS" - saindo das ruas. Organização Civil de Ação Social. ocas@ocas.org.br

JORNAL O TRECHEIRO: notícias do povo da rua. redesua@uol.com.br

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 2005

FÓRUM DE DEBATES SOBRE A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA
<forumsituacaoderua@grupos.com.br>

REFERÊNCIAS

1. Castel R. Da indignação à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. In: Lancetti A, organizador. Grupos e coletivos. São Paulo: Hucitec; 1994 (Saúde e Loucura; 4). p. 21-48.
2. Castel R. Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1998.
3. Oliveira SN. Cátia, Simone e outras marvadas. São Paulo: Edições Dulcinéia Catadora; 2007. p. 13.
4. Snow D, Anderson L. Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua. Petrópolis: Vozes; 1998.
5. Brognoli FF. Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos [dissertação]. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina; 1996. p. 125.
6. Brognoli FF. Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos [dissertação]. Florianópolis: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina; 1996.
7. Varanda W. Do direito a vida à vida como direito [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2003. p. 5.
8. Vieira MAC, Bezerra EMR, Rosa CMM. População de rua: quem é, como vive e como é vista. 3a ed. São Paulo: Hucitec; 2004. p. 141.
9. Rosa CMM. Vidas de rua. São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua; 2005. p. 66.
10. Galvani D, Barros DD, Sato MT, Almeida MC, Reis TAM. Perfil dos freqüentadores da casa de convivência e centro de serviços Associação Minha Rua Minha Casa entre 2002 e 2003. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2006; 17(2):48-56.
11. Galvani D, Barros DD, Sato MT, Almeida MC, Reis TAM. Perfil dos freqüentadores da casa de convivência e centro de serviços Associação Minha Rua Minha Casa entre 2002 e 2003. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2006; 17(2):48-56. p. 55.
12. Paugam S. O debate em torno de um conceito. In: Verás MPB, editor. Por uma sociologia da exclusão social: o debate com Serge Paugam. São Paulo: Educ; 1999. p. 115-142.
13. Martins PH. As redes sociais, o sistema da dádiva e o paradoxo sociológico. In: Martins PH, Fontes B. Redes sociais e saúde: novas possibilidades teóricas. Recife: Editora Universitária da UFPE; 2004. p. 21-47.
14. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. II). p. 18.
15. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II). p. 17.
16. Magnani JGC. A Rua e a evolução da sociabilidade. Os Urbanitas — Revista Digital de Antropologia Urbana [periódico on line]. Out 2003 [citado mar 2005]; 1(0):[cerca de 10 telas]. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>.

17. Magnani JGC. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani JGC, Torres L, organizadores. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/Fapesp; 1996. p. 15-53.
18. Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS [internet]. 2002 [citado fev 2005]; 17(49):11-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>.
19. Magnani JGC. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. RBCS [internet]. 2002 [citado fev 2005]; 17(49):11-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>. p. 18.
20. Barros JS. Moradores de rua — pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004. p. 96.
21. Elias N. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1994. p. 35.
22. Rosa CMM. Vidas de rua. São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua; 2005.
23. Varanda W. Do direito a vida à vida como direito [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo; 2003.
24. São Paulo (município). Secretaria de Assistência Social (SAS); Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) Primeiro Censo dos Moradores de rua da cidade de São Paulo. São Paulo: PMSP/SAS; 2000.
25. São Paulo (município). Secretaria de Assistência Social (SAS). Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe). Relatório final — Estimativa do número de moradores de rua e estudo dos resultados obtidos com o SIS rua. São Paulo: SAS; 2003.
26. Oliven GR. A antropologia dos grupos urbanos. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1995.
27. Vieira MAC, Bezerra EMR, Rosa CMM. População de rua: quem é, como vive e como é vista. 3a ed. São Paulo: Hucitec; 2004. p. 48.
28. Vieira MAC, Bezerra EMR, Rosa CMM. População de rua: quem é, como vive e como é vista. 3a ed. São Paulo: Hucitec; 2004.
29. Silva MLL. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil (1995-2005) [tese]. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília; 2006.
30. Martins MFA. A caminho da rua: o encontro com as redes de assistência e a formação de laços sociais entre moradores de rua em Belo Horizonte [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2001. p. 192.
31. Rosa CMM. Vidas de rua. São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua; 2005. p. 177.
32. Rosa CMM. Vidas de rua. São Paulo: Hucitec/Associação Rede Rua; 2005. p. 188.
33. Gomes JA. Itinerários de sentidos na marcha para uma comuna da terra: pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo em busca de sua participação social [dissertação]. São Paulo: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004.

34. Mattos RM. Situação de rua e modernidade: a saída das ruas como processo de criação de novas formas de vida na atualidade [dissertação]. São Paulo: Universidade São Marcos, 2006.
35. Haguette TMF. Metodologias qualitativas na sociologia. Petrópolis: Vozes; 2005.
36. Queiroz MIP. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: Von-Simson OM, organizador. Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice; 1988. p. 15-43.
37. VÍctora CG, Knauth DR, Hassen MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2000.
38. Magnani JGC. A Rua e a evolução da sociabilidade. Os Urbanitas — Revista Digital de Antropologia Urbana [periódico on line]. Out 2003 [citado mar 2005]; 1(0):[cerca de 10 telas]. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>.
39. Clifford J. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; 1998.
40. Atkinson P. Understanding Ethnographic Texts. London: Sage Publications; 1992.
41. Oliveira RC. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: Oliveira RC. O trabalho do antropólogo. 2a ed. São Paulo: Edunesp; 2000. p. 17-35.
42. Meihy JCSB. Manual de história oral. 2a ed. São Paulo: Edições Loyola; 2005.
43. Tiene I. Mulher moradora na rua: entre vivências e política sociais. Campinas: Editora Alínea; 2004.
44. Elias N. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1994.
45. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II).
46. Magnani JGC. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani JGC, Torres L, organizadores. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/Fapesp; 1996. p. 45.
47. Magnani JGC. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani JGC, Torres L, organizadores. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp/Fapesp; 1996. p. 40.
48. Castelvechi G, organizador. Somos um povo que quer viver. São Paulo: Edições Paulinas; 1982.
49. Castelvechi G, organizador. Quantas vidas eu tivesse, tantas vidas eu daria!. São Paulo: Edições Paulinas; 1985.
50. Barros JS. Moradores de rua — pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004. p. 25.
51. Castel R. Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1998. p. 50.
52. Fórum de Debates Sobre a População em Situação de Rua. E a saída das ruas? O Trecheiro. São Paulo: Rede Rua de Comunicação, out 2006.
53. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II). p. 95.
54. Nepomuceno R. Música caipira: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34; 1999.

55. Couto AMS. Trabalho, cotidiano e sobrevivência: catadores de papel e seus modos de vida na cidade — Uberlândia — 1970-1999 [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.
56. Caldas W. O que é música sertaneja. São Paulo: Brasiliense; 1999.
57. Nepomuceno R. Música caipira: da roça ao rodeio. São Paulo: Editora 34; 1999. p. 23.
58. Castro ED. Arte, corpo e terapia ocupacional: aproximações, intersecções e desdobramentos. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2000; 11(1):7-12. p. 11.
59. Sanchez ZVDM, Nappo SA. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. Rev. psiquiatr. clín. [internet]. 2007 [citado fev 2008]; 34(1):73-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a10v34s1.pdf>. p. 79-80.
60. Castel R. Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1998. p. 15.
61. Castel R. Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1998. p. 424.
62. Castel R. Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. 5a ed. Petrópolis: Vozes; 1998. p. 478.
63. Capellari MA. Sob o olhar da razão: as religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil (1900-2000) [dissertação] São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2001. p. 45.
64. Oliveira Filho JJ. Formação histórica do movimento adventista. Estud. av. [internet]. Dez 2004 [citado jun 2006]; 18(52):157-179. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a12v1852.pdf>.
65. Bhabha H. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG; 2001.
66. Lévi-Straus C. O feiticeiro e sua magia. In: Lévi-Straus C. Antropologia estrutural I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1975. p. 193-213.
67. Vieira MAC, Bezerra EMR, Rosa CMM. População de rua: quem é, como vive e como é vista. 3a ed. São Paulo: Hucitec; 2004. p. 76.
68. Fausto A, Cervini R, organizadores. O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. 2a ed. São Paulo: Cortez; 1996.
69. São Paulo (município). Secretaria Municipal do Trabalho (SMT). Resumo do Boletim do Observatório do Trabalho [internet]. São Paulo: SMT; 2008 [citado jan 2008]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/210108.htm>.
70. Neves CEB, Raizer L, Fachinetto RF. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. Sociologias [internet]. Jan/jun 2007 [citado mar 2008]; 17:124-157. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a06n17.pdf>.
71. Neves CEB, Raizer L, Fachinetto RF. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. Sociologias [internet]. Jan/jun 2007 [citado mar 2008]; 17:124-157. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a06n17.pdf>. p. 157.
72. Gohn MG. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Edições Loyola; 1995.
73. Souza LAG. As várias faces da igreja católica. Estud. av. [internet]. Dez 2004 [citado jun 2006]; 18(52):77-95. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a07v1852.pdf>. p. 81

74. Azevedo D. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estud. av.* [internet]. Dez 2004 [citado jun 2006]; 18(52):109-120. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a09v1852.pdf>.
75. Silva CN. Igreja Católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. *Sociologias* [internet]. Jan/jun 2006 [citado jun 2008]; 15:326-351. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n15/a12v8n15.pdf>.
76. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II). p. 20.
77. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II). p. 79.
78. O Trecheiro. São Paulo: Rede Rua de Comunicação, abr/maio 2006.
79. Oliveira SN. Direto da Rua. O Trecheiro. São Paulo: Rede Rua de Comunicação, fev 2006.
80. CMI. Moradores de rua em greve de fome. Centro de Mídia Independente [online]. 18 fev 2005 [citado 2 dez 2006]:[1 tela]. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/308203.shtml>.
81. São Paulo (município). Lei nº 13.741, de 15 de janeiro de 2004 (Introduz o inciso IV no "caput" do artigo 10, o inciso IX no parágrafo 3º do artigo 10 e dá nova redação ao inciso III do parágrafo 1º do artigo 10, da Lei nº 11.632, de 22 de julho de 1994) [citado nov 2005]. Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=16012004L%20137410000.
82. O Trecheiro. São Paulo: Rede Rua de Comunicação, jan 2006.
83. Castells M. O poder da identidade. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. II). p. 24.
84. Brasil. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993 (Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências) [citado em jun 2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/L8742.htm.
85. Brasil. Ministério do Desenvolvimento social e Combate a Fome (MDS). Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). Política Nacional de Assistência Social. Brasília: MDS/SNAS; 2004. p. 33.
86. São Paulo (município). Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social (Smads). Plano da Assistência Social (Plas). São Paulo: Smads; 2006a. p. 52.
87. São Paulo (município). Lei nº 12.316, de 16 de abril de 1997 (Dispõe sobre a obrigatoriedade do poder público municipal a prestar atendimento à população de rua na cidade de São Paulo) [citado em nov 2005]. Disponível em: http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=26041997L%20123160000.
88. São Paulo (município). Decreto nº 40.232, de 2 de janeiro de 2001 (Regulamenta a Lei nº 12.316, de 16 de abril de 1997) [citado em nov 2005]. Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br//arquivos/secretarias/assistencia_social/monitoramento%20rua/Decreto_40.232_02.01.01.doc.
89. Barros JS. Moradores de rua — pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004. p. 51.

90. São Paulo (município). Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social (Smads). Plano da Assistência Social (Plas). São Paulo: Smads; 2006a. p. 74.
91. Oliveira SN. Cátia, Simone e outras marvadas. São Paulo: Dulcinéia Catadora; 2007. p. 8.
92. São Paulo (município). Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social (Smads). Plano da Assistência Social (Plas). São Paulo: Smads; 2006a. p. 56.
93. São Paulo (município). Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social (Smads). Relatório de gestão 2006. São Paulo: Smads; 2006b. [citado julho 2007] Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br//arquivos/secretarias/assistencia_social/publicacoes/RELATORIO_DE_GESTAO_2006.pdf.
94. São Paulo (município). Secretaria Municipal Assistência e Desenvolvimento Social (Smads). Relatório de gestão 2006. São Paulo: Smads; 2006b. [citado julho 2007] Disponível em: http://ww2.prefeitura.sp.gov.br//arquivos/secretarias/assistencia_social/publicacoes/RELATORIO_DE_GESTAO_2006.pdf. p. 28.
95. Barros JS. Moradores de rua — pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004.
96. Brandão CR. O que é educação. São Paulo: Brasiliense; 2007. p. 13.
97. Brandão CR. O que é educação. São Paulo: Brasiliense; 2007. p. 14.
98. Santos BS, Meneses MPG, Nunes JA. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: Santos BS, organizador. Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2005. p. 54.
99. Gohn MG. História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Edições Loyola; 1995. p. 175.
100. Freire P, Faundez A. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1985. p. 45.
101. Santos BS, Meneses MPG, Nunes JA. Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: Santos BS, organizador. Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2005. p. 21-97.
102. Barros JS. Moradores de rua — pobreza e trabalho: interrogações sobre a exceção e a experiência política brasileira [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2004. p. 23.
103. Correia CJ. Religiões e compaixão. Cadernos do Instituto São Tomas de Aquino [periódico on line]. 1998 [citado mar 2008]; 3(5):79-97. Disponível em: http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_05/correia_01.htm.
104. Barros DD. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2004; 15(3):90-97. p. 93.
- Barros DD. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2004; 15(3):90-97.106. Barros DD. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2004; 15(3):90-97. p. 96.

107. Machado NJ. Educação: projetos e valores. 6a ed. São Paulo: Escrituras; 2006.
108. Machado NJ. Educação: projetos e valores. 6a ed. São Paulo: Escrituras; 2006. p. 7.
109. Época. São Paulo: Editora Globo. N. 437, 2 out 2006. p. 92.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)